



Barbara Pagliari Levy

**Compartilhamento como prática de consumo em famílias
urbanas de classe média baixa:**

Um estudo interpretativo

Tese de Doutorado

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração de Empresas da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Administração de Empresas.

Orientadora: Prof^a. Angela Maria Cavalcanti da Rocha

Volume I

Rio de Janeiro
Agosto de 2015



Barbara Pagliari Levy

Compartilhamento como prática de consumo em famílias urbanas de classe média baixa: Um estudo interpretativo

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-graduação em Administração de Empresas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof^ª. Angela Maria Cavalcanti da Rocha
Orientadora
Departamento de Administração – PUC-Rio

Prof. Luis Fernando Hor-Meyll Alvares
Departamento de Administração - PUC-Rio

Prof^ª. Letícia Moreira Casotti
UFRJ

Prof^ª. Roberta Dias Campos
UFRJ

Prof^ª. Denise Franca Barros
Universidade do Grande Rio

Profa. Mônica Herz
Vice-Decana de Pós-Graduação do CCS

Rio de Janeiro, 13 de agosto de 2015

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e da orientadora.

Barbara Pagliari Levy

Professora Visitante pela Fundação Dom Cabral e Professora Colaboradora no Instituto COPPEAD de Administração. Profissional de Marketing com 12 anos de experiência em empresas multinacionais em diferentes áreas de negócios: Marketing, Inteligência de Mercado, *Consumer Insights*, Fusões e Aquisições e Manufatura. Graduada em Engenharia de Produção (POLI/USP) e Mestre em Administração com ênfase em Marketing (COPPEAD/UFRJ), com extensão pela Kellogg Business School, Northwestern University, EUA.

Ficha Catalográfica

Levy, Barbara Pagliari

Compartilhamento como prática de consumo em famílias urbanas de classe média baixa: um estudo interpretativo / Barbara Pagliari Levy ; orientadora: Angela Maria Cavalcanti da Rocha. – 2015.

2 v. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Administração, 2015.

Inclui bibliografia

1. Administração – Teses. 2. Compartilhamento. 3. Consumo. 4. Comportamento do consumidor. 5. Classe média baixa. 6. Baixa renda. 7. Família estendida. 8. Significação do consumo. I. Rocha, Angela Maria Cavalcanti da. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Administração. III. Título.

CDD: 658

Ao meu marido, Claudio, e a nossos filhos, Eduardo e Rodrigo.
Devo a vocês as alegrias mais profundas, as risadas mais soltas,
as emoções mais significativas. Vocês são a minha vida!

Agradecimentos

À Profa. Angela da Rocha, querida orientadora que tanto admiro e a quem tanto devo pelo aprendizado e oportunidades nos últimos anos. Obrigada pelo constante apoio e por me acompanhar nessa trajetória.

Aos demais membros da banca examinadora: Profs. Luis Fernando Hor-Meyll, Letícia Casotti, Roberta Campos e Denise Barros, meus sinceros agradecimentos por suas contribuições a esse trabalho. Em particular, à Profa. Leticia Casotti, pelo incentivo desde os primeiros anos na carreira acadêmica e pela sabedoria de vida.

Ao meu marido, Claudio, meu companheiro de vida. Não há palavras para expressar o quanto eu lhe amo e o quanto você significa para mim.

Aos meus filhos, Eduardo e Rodrigo, desejados por tantos anos e nascidos em março de 2014, a tempo de fazer valer cada minuto dedicado à elaboração dessa tese.

Aos meus pais, a quem devo muito de quem sou e por seu apoio infinito em todos os momentos da vida.

Aos meus sogros que, juntamente com meus pais, são um presente de vida para mim e para os netinhos, que tanto aproveitam seu carinho, cuidados e atenção.

Aos meus queridos irmãos, cunhadas e sobrinhos que, mesmo longe, estão sempre presentes no meu coração e pensamento.

À Rose Barros, que sempre cuida dos meus bebês com um carinho enorme.

Às minhas amigas do Doutorado: Ana Carla Bon, Lara Vaccari e Sylvia Moraes, compartilhando juntas essa trajetória e criando laços que vão muito além do curso.

Aos amigos queridos com quem juntos partilhamos os dramas e alegrias que dão cores à vida.

Aos entrevistados, que generosamente compartilharam comigo seus relatos.

À Maribel Suarez por debater o tema comigo no início da elaboração da tese.

Aos professores do IAG, por suas contribuições e ensinamentos durante e fora do programa de Doutorado, à Teresa Campos e Fabio Etienne, por seu suporte e à PUC-Rio e CNPq, por seu auxílio enquanto aluna de pós-graduação.

Resumo

Levy, Barbara Pagliari; Rocha, Angela Maria Cavalcanti da. **Compartilhamento como prática de consumo em famílias urbanas de classe média baixa: Um estudo interpretativo.** Rio de Janeiro, 2015. 372p. Tese de Doutorado – Departamento de Administração, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O presente estudo investiga o fenômeno do compartilhamento como prática de consumo em famílias brasileiras urbanas de classe média baixa. Para tal, utiliza-se da perspectiva da *Consumer Consumption Theory* (CCT), de caráter interpretativo e adotando-se a família estendida residente em um mesmo domicílio como unidade de análise. O compartilhamento é uma prática cotidiana, presente na vida dos indivíduos tanto na esfera pública, quanto privada. Nos lares, compartilha-se desde a geladeira e seu conteúdo até os móveis, os utensílios e os espaços da casa. Compartilham-se a refeição, o entretenimento e as atividades domésticas. Fora dos lares, compartilham-se os espaços públicos, espaços comerciais como restaurantes e cinemas, os transportes, as paisagens, o mundo. O compartilhamento realizado pelas famílias é um fenômeno social que, apesar de sempre ter existido como prática de consumo cotidiana, esteve praticamente ausente dos estudos em Comportamento do Consumidor e de áreas correlatas. O arcabouço teórico está baseado na *Consumer Culture Theory*, especificamente sobre o processo de significação do consumo e no compartilhamento como prática de consumo. Foi utilizada abordagem interpretativa, com base em entrevistas em profundidade com diferentes membros das famílias estendidas. Seguiu-se o método abduutivo de combinação sistemática, em um processo de idas e vindas entre teoria e campo. Este estudo contribui para a ampliação do conhecimento sobre práticas de consumo de três formas principais: i) expandindo o entendimento da temática do compartilhamento, delineando melhor fronteiras conceituais e temáticas; ii) estudando o fenômeno no contexto da família estendida brasileira, em contraposição à família nuclear norte-americana; e iii) identificando as especificidades do fenômeno entre famílias urbanas de classe média baixa. Do estudo emergiram novas categorias para descrever o compartilhamento, assim como foram obtidas evidências de o emprestar ser um modo de consumo distinto de compartilhamento.

Palavras-chave

Compartilhamento; consumo; comportamento do consumidor; classe média baixa; baixa renda; família estendida; significação do consumo.

Abstract

Levy, Barbara Pagliari; Rocha, Angela Maria Cavalcanti da (Advisor). **Sharing as a consumption practice in low-middle class urban families: An interpretative study.** Rio de Janeiro, 2015. 372p. Doctoral Thesis – Departamento de Administração, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This research investigates sharing as a consumption practice in Brazilian low-middle class urban families. Given this purpose, the study adopts the Consumption Culture Theory (CCT) interpretative perspective, using the extended family residing in the same household as the unit of analysis. Sharing is an everyday practice in the individuals' lives in both public and private spheres. Within the households, artifacts such as the refrigerator and its contents are shared, as well as furniture, utensils, and physical spaces. Individuals share meals, entertainment, and domestic chores. Outside the home, public spaces, commercial spaces such as restaurants and cinemas, transportation, landscapes, and other aspects of the physical world are all shared. Sharing within families is a social phenomenon that, although it has always been a daily consumption practice, it has practically been absent from studies on Consumer Behavior and related areas. The theoretical framework is based on the Consumer Culture Theory, specifically on the process of extracting meaning from consumption. The study used an interpretative approach, based on in-depth interviews with different members of the extended families. It followed the abductive method of systematic combining, which is characterized by continuous comings and goings between the theory and the field. This study contributes to increase the knowledge on consumption practices in three main ways: i) by expanding the understanding of the phenomenon of sharing, better outlining its conceptual and thematic borders; ii) by studying the phenomenon in the context of the Brazilian extended family, as opposed to the American nuclear family; and iii) by identifying specificities of how the phenomenon manifests among low middle class urban families. New categories emerged from the study to describe sharing, as well as comparative elements between sharing and lending as consumption practices. The study proposes a conceptual framework for the different types of sharing.

Keywords

Sharing; consumption; consumer behavior; low-middle class; low income; extended family; consumption meaning.

Sumário

1	Introdução.....	18
1.1.	Formulação do Problema	18
1.2.	O Lócus da Pesquisa.....	20
1.3.	Pergunta de Pesquisa	23
1.4.	Definição de Termos.....	24
1.5.	Relevância do Estudo.....	25
1.6.	Delimitações	26
1.7.	Organização do Estudo	26
2	Revisão de Literatura.....	28
2.1.	<i>Consumer Culture Theory</i> (CCT).....	29
2.2.	Significação do Consumo	36
2.2.1.	Modelo de Transferência do Significado de Bens de McCracken (1986)..	37
2.2.2.	Significados dos Bens Segundo Richins (1994).....	41
2.2.3.	Metáforas do Consumo de Holt (1995).....	44
2.3.	Consumo, Identidade e <i>Self</i> Estendido	46
2.4.	Modos de Consumo.....	49
2.4.1.	Compartilhamento	61
2.4.1.1.	Compartilhamento Aberto e Compartilhamento Demandado.....	70
2.4.1.2.	Compartilhamento para Dentro e Compartilhamento para Fora	70
2.4.1.3.	Dimensões Conceituais do Compartilhamento.....	70
2.5.	Esquema Teórico de Partida	70
3	Metodologia	72
3.1.	Perspectiva: Interpretativa e Qualitativa	72
3.1.1.	Abordagem Abdutiva	73
3.1.2.	O Papel da Revisão Teórica no Estudo.....	76
3.1.3.	O Uso de Entrevistas em Profundidade	79
3.2.	Desenho da Pesquisa.....	79
3.2.1.	A Família como Unidade de Análise.....	80
3.2.2.	Critérios de Seleção dos Informantes.....	81
3.2.3.	Acesso aos Informantes	82
3.2.4.	Perfil dos Informantes.....	83
3.2.5.	Roteiro de Entrevista	86
3.2.6.	Realização das Entrevistas	88
3.2.7.	Análise dos Dados.....	91
3.2.8.	Saturação Teórica	92
3.2.9.	Limitações do Método.....	92

4 Descrição dos Resultados	94
4.1. Família Silva	94
4.2. Família Santos.....	106
4.3. Família Pereira	113
4.4. Família Souza.....	125
4.5. Família Oliveira.....	131
4.6. Família Almeida.....	139
4.7. Família Lima	146
4.8. Família Carvalho.....	157
4.9. Família Barros	172
4.10. Família Rocha.....	184
4.11. Família Ribeiro.....	202
4.12. Família Dias.....	212
4.13. Família Campos.....	234
4.14. Família Cardoso	243
4.15. Família Monteiro.....	256
5 Análise dos Resultados	276
5.1. Natureza do Compartilhamento.....	277
5.1.1. Características do Compartilhamento	284
5.1.2. Compartilhar e Emprestar.....	286
5.1.3. Modos de Consumo.....	291
5.1.4. Dividir.....	292
5.2. Formas de Compartilhamento	293
5.2.1. Formas de Compartilhamento Previstas na Literatura	293
5.2.2. Formas Emergentes de Compartilhamento.....	297
5.2.2.1. Compartilhamento Forçado	297
5.2.2.2. Compartilhamento de Fora	297
5.2.2.3. Compartilhamento Não Intencional	300
5.3. Significados de Compartilhamento	303
5.3.1. Significados de Família.....	303
5.3.2. Significados Financeiros.....	308
5.3.3. Significados de Ajuda	311
5.3.4. Significados de Privações.....	312
5.3.5. Outros Significados.....	316
5.3.6. Processo de Transferência de Significados	317
6 Conclusão.....	320
6.1. Síntese do Estudo	320
6.2. Conclusões.....	322
6.3. Considerações Finais	325
7 Referências Bibliográficas	328

8 Apêndices	336
8.1. Roteiros de Entrevista	336
8.1.1. Roteiro de Entrevista – Versão Inicial.....	336
8.1.2. Roteiro de Entrevista – Versão Final	337
8.2. Fotografias das Casas das Famílias Pesquisadas.....	338
8.2.1. Família Silva	339
8.2.2. Família Santos.....	341
8.2.3. Família Pereira	342
8.2.4. Família Souza.....	342
8.2.5. Família Oliveira.....	344
8.2.6. Família Almeida	345
8.2.7. Família Lima	347
8.2.8. Família Carvalho.....	349
8.2.9. Família Barros	352
8.2.10. Família Rocha.....	354
8.2.11. Família Ribeiro.....	356
8.2.12. Família Dias.....	359
8.2.13. Família Campos.....	361
8.2.14. Família Cardoso	364
8.2.15. Família Monteiro	367
8.3. Locais Mencionados pelos Informantes	369
8.3.1. Descrição dos Agrupamentos Urbanos	370
8.3.2. Mapas	370

Lista de figuras

Figura 2.1 – Grupos de aportes teóricos em relação aos campos temáticos da CCT	34
Figura 2.2 – Um modelo de Comportamento do Consumidor como um subcampo multidisciplinar de Marketing	35
Figura 2.3 – Movimento do significado	38
Figura 2.4 – Metáforas para o consumo	44
Figura 2.5 – Esquema teórico inicial dos modos de consumo	70
Figura 2.6 – Esquema teórico inicial de formas de compartilhamento	71
Figura 3.1 – Combinação Sistemática	74
Figura 3.2 – Localização aproximada das residências participantes do estudo ..	86
Figura 5.1 – Compartilhar e emprestar	289
Figura 5.2 – Esquema teórico resultante para os modos de consumo	292
Figura 5.3 – Esquema conceitual resultante de formas de compartilhamento ..	301
Figura 5.4 – Significados de compartilhamento	303
Figura 6.1 – Contínuo de compartilhamento e laços relacionais	323
Figura 8.1 – Fachada da casa (Família Silva)	339
Figura 8.2 – Sala (Família Silva)	339
Figura 8.3 – Cozinha (Família Silva)	339
Figura 8.4 – Banheiro (Família Silva)	339
Figura 8.5 – Quarto do Casal (Família Silva)	339
Figura 8.6 – Escritório (Família Silva)	339
Figura 8.7 – Quarto dos filhos – segundo andar (Família Silva)	340
Figura 8.8 – Quarto dos filhos – segundo andar (Família Silva)	340
Figura 8.9 – Escadas e cachorro da família (Família Silva)	340
Figura 8.10 – Terraço: parte em construção (Família Silva)	340
Figura 8.11 – Terraço (Família Silva)	340
Figura 8.12 – Terraço (Família Silva)	340
Figura 8.13 – Terraço: Churrasqueira (Família Silva)	340
Figura 8.14 – Fachada da casa e entrada da rua (Família Santos)	341
Figura 8.15 – Sala: Escada em demolição (Família Santos)	341
Figura 8.16 – Cozinha (Família Santos)	341
Figura 8.17 – Banheiro (Família Santos)	341
Figura 8.18 – Quarto (Família Santos)	341
Figura 8.19 – Fachada da casa e vizinhança (Família Pereira)	342
Figura 8.20 – Fachada da casa (Família Pereira)	342
Figura 8.21 – Fachada da casa (Família Souza)	342
Figura 8.22 – Piso da área comum do terreno coletivo e um dos gatos que ali vivem (Família Souza)	342
Figura 8.23 – Sala (Família Souza)	343
Figura 8.24 – Sala (Família Souza)	343
Figura 8.25 – Cozinha (Família Souza)	343
Figura 8.26 – Quarto (Família Souza)	343
Figura 8.27 – Quarto (Família Souza)	343
Figura 8.28 – Quarto (Família Souza)	343

Figura 8.29 – Fachada do edifício (Família Oliveira).....	344
Figura 8.30 – Sala (Família Oliveira).....	344
Figura 8.31 – Vista da sala para o corredor do conjunto residencial (Família Oliveira)	344
Figura 8.32 – Cozinha (Família Oliveira).....	344
Figura 8.33 – Banheiro (Família Oliveira).....	344
Figura 8.34 – Quarto do casal (Família Oliveira).....	344
Figura 8.35 – Quarto de Simone e seus netos (Família Oliveira).....	345
Figura 8.36 – Vizinhança da casa (Família Almeida)	345
Figura 8.37 – Terreno coletivo da casa (Família Almeida)	345
Figura 8.38 – Fachada da casa (Família Almeida).....	345
Figura 8.39 – Fachada da casa (Família Almeida).....	345
Figura 8.40 – Vista da casa (Família Almeida).....	346
Figura 8.41 – Sala (Família Almeida)	346
Figura 8.42 – Cozinha (Família Almeida)	346
Figura 8.43 – Cozinha (Família Almeida)	346
Figura 8.44 – Banheiro (Família Almeida).....	346
Figura 8.45 – Quarto do casal (Família Almeida).....	346
Figura 8.46 – Quarto dos filhos (Família Almeida)	346
Figura 8.47 – Quarto dos filhos (Família Almeida)	347
Figura 8.48 – Entrada do edifício (Família Lima).....	347
Figura 8.49 – Sala (Família Lima)	347
Figura 8.50 – Sala (Família Lima)	347
Figura 8.51 – Sala (Família Lima)	347
Figura 8.52 – Cozinha (Família Lima)	348
Figura 8.53 – Cozinha (Família Lima)	348
Figura 8.54 – Área de serviço (Família Lima).....	348
Figura 8.55 – Quartinho da área de serviço (Família Lima)	348
Figura 8.56 – Banheiro (Família Lima)	348
Figura 8.57 – Banheiro (Família Lima)	348
Figura 8.58 – Quarto do casal (Família Lima)	349
Figura 8.59 – Quarto da criança (Família Lima)	349
Figura 8.60 – Quarto da criança (Família Lima)	349
Figura 8.61 – Fachada da casa (Família Carvalho)	349
Figura 8.62 – Entrada da casa (Família Carvalho).....	349
Figura 8.63 – Sala (Família Carvalho).....	350
Figura 8.64 – Sala (Família Carvalho).....	350
Figura 8.65 – Sala (Família Carvalho).....	350
Figura 8.66 – Cozinha (Família Carvalho).....	350
Figura 8.67 – Cozinha (Família Carvalho).....	350
Figura 8.68 – Cozinha (Família Carvalho).....	350
Figura 8.69 – Banheiro (Família Carvalho).....	351
Figura 8.70 – Banheiro (Família Carvalho).....	351
Figura 8.71 – Banheiro (Família Carvalho).....	351
Figura 8.72 – Quarto (Família Carvalho).....	351
Figura 8.73 – Quarto (Família Carvalho).....	351
Figura 8.74 – Quarto (Família Carvalho).....	351
Figura 8.75 – Fachada da casa (Família Barros).....	352

Figura 8.76 – Escada de entrada da casa (Família Barros)	352
Figura 8.77 – Escada de acesso ao terraço (Família Barros)	352
Figura 8.78 – Sala (Família Barros).....	352
Figura 8.79 – Sala (Família Barros).....	352
Figura 8.80 – Sala (Família Barros).....	352
Figura 8.81 – Cozinha (Família Barros).....	353
Figura 8.82 – Cozinha (Família Barros).....	353
Figura 8.83 – Cozinha (Família Barros).....	353
Figura 8.84 – Banheiro (Família Barros)	353
Figura 8.85 – Quarto do casal (Família Barros)	353
Figura 8.86 – Quarto do casal (Família Barros)	353
Figura 8.87 – Quarto do casal (Família Barros)	354
Figura 8.88 – Quarto do casal (Família Barros)	354
Figura 8.89 – Quarto da filha (Família Barros)	354
Figura 8.90 – Quarto da filha (Família Barros)	354
Figura 8.91 – Primeira casa do terreno coletivo; a casa da família fica aos fundos (Família Rocha)	354
Figura 8.92 – Sala (Família Rocha).....	354
Figura 8.93 – Sala (Família Rocha).....	355
Figura 8.94 – Cozinha (Família Rocha).....	355
Figura 8.95 – Cozinha (Família Rocha).....	355
Figura 8.96 – Área de serviço (Família Rocha)	355
Figura 8.97 – Área de serviço (Família Rocha)	355
Figura 8.98 – Banheiro (Família Rocha).....	355
Figura 8.99 – Quarto do casal (Família Rocha).....	356
Figura 8.100 – Quarto do casal (Família Rocha).....	356
Figura 8.101 – Quarto das filhas – lado das filhas de Genilson (Família Rocha)	356
Figura 8.102 – Quarto das filhas – lado da Bruna (Família Rocha)	356
Figura 8.103 – Fachada do edifício (Família Ribeiro).....	356
Figura 8.104 – Sala (Família Ribeiro).....	356
Figura 8.105 – Sala (Família Ribeiro).....	357
Figura 8.106 – Sala (Família Ribeiro).....	357
Figura 8.107 – Cozinha (Família Ribeiro).....	357
Figura 8.108 – Área de serviço (Família Ribeiro)	357
Figura 8.109 – Banheiro (Família Ribeiro).....	357
Figura 8.110 – Banheiro (Família Ribeiro).....	357
Figura 8.111 – Corredor (Família Ribeiro).....	358
Figura 8.112 – Quarto de Romilda (Família Ribeiro).....	358
Figura 8.113 – Quarto de Romilda (Família Ribeiro).....	358
Figura 8.114 – Quarto de Diana e Nívea (Família Ribeiro)	358
Figura 8.115 – Quarto de Diana e Nívea (Família Ribeiro)	358
Figura 8.116 – Quarto de Denise e Evandro (Família Ribeiro)	358
Figura 8.117 – Quarto de Denise e Evandro (Família Ribeiro)	359
Figura 8.118 – Fachada do edifício (Família Dias).....	359
Figura 8.119 – Portão do edifício (Família Dias)	359
Figura 8.120 – Sala (Família Dias).....	359
Figura 8.121 – Sala (Família Dias).....	359

Figura 8.122 – Sala e entrada para o quartinho (Família Dias).....	360
Figura 8.123 – Cozinha (Família Dias)	360
Figura 8.124 – Quartinho junto à sala (Família Dias)	360
Figura 8.125 – Quartinho junto à sala (Família Dias)	360
Figura 8.126 – Quartinho junto à sala (Família Dias)	360
Figura 8.127 – Banheiro (Família Dias).....	360
Figura 8.128 – Quarto de Francisca (Família Dias).....	361
Figura 8.129 – Quarto de Francisca (Família Dias).....	361
Figura 8.130 – Quarto de William (Família Dias).....	361
Figura 8.131 – Quarto de William (Família Dias).....	361
Figura 8.132 – Entrada do Edifício (Família Campos).....	361
Figura 8.133 – Entrada do Edifício (Família Campos).....	361
Figura 8.134 – Sala (Família Campos).....	362
Figura 8.135 – Sala (Família Campos).....	362
Figura 8.136 – Cozinha (Família Campos).....	362
Figura 8.137 – Corredor (Família Campos).....	362
Figura 8.138 – Banheiro social (Família Campos)	362
Figura 8.139 – Banheiro da suíte (Família Campos).....	362
Figura 8.140 – Banheiro da suíte (Família Campos).....	363
Figura 8.141 – Quarto do casal (Família Campos).....	363
Figura 8.142 – Quarto do casal (Família Campos).....	363
Figura 8.143 – Quarto da filha (Família Campos)	363
Figura 8.144 – Quarto da filha (Família Campos)	363
Figura 8.145 – Quarto de música (Família Campos).....	363
Figura 8.146 – Quarto de música (Família Campos).....	364
Figura 8.147 – Fachada do edifício (Família Cardoso)	364
Figura 8.148 – Corredor interno ao edifício (Família Cardoso)	364
Figura 8.149 – Sala (Família Cardoso).....	364
Figura 8.150 – Sala (Família Cardoso).....	364
Figura 8.151 – Sala (Família Cardoso).....	365
Figura 8.152 – Cozinha (Família Cardoso).....	365
Figura 8.153 – Cozinha (Família Cardoso).....	365
Figura 8.154 – Área de serviço (Família Cardoso).....	365
Figura 8.155 – Banheiro principal (Família Cardoso).....	365
Figura 8.156 – Banheiro principal (Família Cardoso).....	365
Figura 8.157 – Banheiro de empregada (Família Cardoso)	365
Figura 8.158 – Quarto de lone (Família Cardoso).....	366
Figura 8.159 – Quarto de lone (Família Cardoso).....	366
Figura 8.160 – Quarto de Carla (Família Cardoso)	366
Figura 8.161 – Quarto de Carla (Família Cardoso)	366
Figura 8.162 – Quarto de Carla (Família Cardoso)	366
Figura 8.163 – Quarto de Mário (Família Cardoso).....	366
Figura 8.164 – Quarto de Mário (Família Cardoso).....	366
Figura 8.165 – Vizinhança da casa – terreno coletivo, tipo “vila” (Família Monteiro).....	367
Figura 8.166 – Fachada da casa (Família Monteiro).....	367
Figura 8.167 – Sala (Família Monteiro)	367
Figura 8.168 – Sala (Família Monteiro)	367

Figura 8.169 – Sala (Família Monteiro)	367
Figura 8.170 – Cozinha (Família Monteiro)	367
Figura 8.171 – Cozinha (Família Monteiro)	368
Figura 8.172 – Banheiro (Família Monteiro)	368
Figura 8.173 – Quarto (Família Monteiro)	368
Figura 8.174 – Quarto (Família Monteiro)	368
Figura 8.175 – Quarto dos filhos (Família Monteiro)	368
Figura 8.176 – Escada de acesso ao terraço (Família Monteiro)	368
Figura 8.177 – Terraço: área coberta (Família Monteiro)	369
Figura 8.178 – Terraço: piscina (Família Monteiro)	369
Figura 8.179 – Terraço: banheiro (Família Monteiro)	369
Figura 8.180 – Terraço: área de serviço (Família Monteiro)	369
Figura 8.181 – Localização dos bairros da Cidade do Rio de Janeiro mencionados pelos informantes	371
Figura 8.182 – Localização das cidades do Estado do Rio de Janeiro mencionadas pelos informantes	371
Figura 8.183 – Localização de outras cidades e estados mencionados pelos informantes	372

Lista de quadros

Quadro 2.1 – Programas de pesquisa em CCT	32
Quadro 2.2 – Grupos de aporte teóricos utilizados na CCT.....	33
Quadro 2.3 – Categorias de origens de significados.....	43
Quadro 2.4 – Protótipos e características	53
Quadro 2.5 – Modos de consumo resultantes da literatura.....	61
Quadro 3.1 – Perfil dos entrevistados	85
Quadro 4.1 – Perfil dos membros da família Silva	95
Quadro 4.2 – Perfil dos membros da família Santos	106
Quadro 4.3 – Perfil dos membros da família Pereira.....	113
Quadro 4.4 – Perfil dos membros da família Souza.....	126
Quadro 4.5 – Perfil dos membros da família Oliveira.....	132
Quadro 4.6 – Perfil dos membros da família Almeida	139
Quadro 4.7 – Perfil dos membros da família Lima	146
Quadro 4.8 – Perfil dos membros da família Carvalho.....	157
Quadro 4.9 – Perfil dos membros da família Barros.....	172
Quadro 4.10 – Perfil dos membros da família Rocha.....	184
Quadro 4.11 – Perfil dos membros da família Ribeiro.....	202
Quadro 4.12 – Perfil dos membros da família Dias	212
Quadro 4.13 – Perfil dos membros da família Campos.....	234
Quadro 4.14 – Perfil dos membros da família Cardoso.....	243
Quadro 4.15 – Perfil dos membros da família Monteiro	257
Quadro 5.1 – Termos empregados no sentido de compartilhamento	277
Quadro 5.2 – Termos empregados contrapondo compartilhamento	278
Quadro 5.3 – Exemplos dados pelos informantes sobre o que compartilham ..	279
Quadro 5.4 – Compartilhar e emprestar segundo os relatos.....	287
Quadro 5.5 – Características de compartilhar e emprestar.....	290
Quadro 5.6 – Compartilhamento aberto e demandado relatados pelos informantes	294

Lista de siglas

CBO	<i>Consumer Behavior Odyssey</i>
CCT	<i>Consumer Culture Theory</i>
EBSCO	<i>EBSCO Information Services</i>
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
POF	Pesquisa de Orçamentos Familiares
PUC-Rio	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

1 Introdução

O presente estudo investiga o fenômeno do compartilhamento como prática de consumo em famílias brasileiras urbanas de classe média baixa. Para tal, utiliza-se da perspectiva da *Consumer Consumption Theory*, de caráter interpretativo e adotando-se a família estendida residente em um mesmo domicílio como unidade de análise.

1.1. Formulação do problema

O compartilhamento é uma prática cotidiana, presente na vida dos indivíduos tanto na esfera pública, quanto privada. Nos lares, compartilham-se bens que incluem desde a geladeira e seu conteúdo até os móveis, utensílios e espaços da casa. Compartilham-se atividades como refeições, entretenimento e atividades domésticas. Fora dos lares, compartilham-se espaços públicos, espaços comerciais como restaurantes e cinemas, transportes, paisagens e outros aspectos do mundo físico.

O compartilhamento é um fenômeno social que, apesar de sempre ter existido como prática de consumo, esteve praticamente ausente dos estudos em Comportamento do Consumidor e de áreas correlatas. Em vista desta lacuna, Belk (2010) chama a atenção para o tema e propõe ser um modo de consumo diferente do presentear ou da compra de mercadorias, amplamente tratados na literatura. Passa também geralmente despercebido pelos consumidores, em parte devido a ser prática cotidiana, realizada no âmbito doméstico e inculcida nos hábitos familiares.

Mesmo não tendo sido muito tratado na literatura, relatos de novas formas de compartilhamento de bens surgem periodicamente em jornais de grande circulação. Uma dessas formas é chamada de *cohousing*, consistindo de casas que são partilhadas voluntariamente por diferentes indivíduos ou famílias, em que cada grupo tem seu espaço privativo de habitação e compartilham espaços em comum, como a cozinha, a área de serviços e outras facilidades do imóvel. Esta opção de moradia parece estar crescendo na Europa e começando a ser adotada no Brasil (TAVARES, 2013). Na mão contrária está a coabitação

involuntária. Indicadores elaborados pela Fundação Getúlio Vargas e pelo Sindicato da Construção de São Paulo (SindusCon) indicam que a coabitação involuntária foi reduzida em 26% no Brasil de 2009 a 2011. Mesmo assim, nos estados do Rio de Janeiro, Piauí e Roraima, esse movimento ainda é crescente, apesar dos programas governamentais de incentivo à aquisição de moradia como Minha Casa, Minha Vida e maior acesso a crédito habitacional (RESENDE, 2013).

Fora dos lares, o compartilhamento também permeia a vida dos indivíduos e pode dar diferentes formas a estruturas tradicionais de negócios. O modelo de escritórios compartilhados está bastante difundido nos grandes centros comerciais brasileiros, propondo economia nos gastos comuns como estrutura física e informática, além de em alguns casos promover uma rede de colaboração entre as empresas ocupantes do mesmo escritório – benefício visto por alguns como sendo o mais significativo no momento de optar pelo modelo comparativo (VETTORAZZO, 2013).

Até mesmo o turismo está sendo compartilhado. Em duas modalidades – compartilhamento de férias ou de propriedade – o modelo é geralmente gerenciado por uma empresa, que media o compartilhamento dos benefícios entre os associados. No compartilhamento de férias, os usuários adquirem direito de uso de um empreendimento turístico por um número de anos. Já no compartilhamento de propriedade, eles adquirem uma parcela de um imóvel, passando a ter direito a usar esse imóvel por um período do ano proporcional à sua participação (OLIVEIRA, 2013).

Outro modo de compartilhamento destacado por notícias cotidianas é o sistema de caronas, inclusive intermunicipal, por exemplo entre São Paulo e São Carlos. Geralmente são organizados por meio de redes sociais. Alunos da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro criaram uma rede social e um aplicativo para celulares para organizar caronas entre colegas no trajeto para a universidade e no retorno dela (MARTINS, 2012).

“O novo negócio é compartilhar tudo” (FOWLER; RUSLI, 2013, p. B6), como indica a manchete de outra notícia. Os autores mencionam o compartilhamento de informações em sites e aplicativos, de jantares com estranhos na casa de um deles (porém mediante compra do ingresso para a degustação), além de “cuidados com os animais de estimação, vestidos de casamento, criação de filhos e muito mais”. Os exemplos seguem ainda para compartilhamento de comidas que foram feitas recentemente e sobram e ao já

conhecido modelo de compartilhamento de carros, como o feito pela empresa Zipcar.

O fenômeno do compartilhamento ocorre no cotidiano, mas ainda não foi compreendido, segundo Belk (2010, p. 730) por o que chama de uma “omissão” dos pesquisadores. Em vista disso, o presente estudo se propõe a estudar o tema do compartilhamento como modo de consumo.

1.2.

O lócus da pesquisa

O presente estudo se debruça sobre o processo de compartilhamento de famílias brasileiras de classe média baixa. Ao fazê-lo, trata de duas questões que o distinguem da literatura de Marketing, principalmente norte-americana: a natureza da família no Brasil e o consumo da classe média baixa.

A natureza da família é um dos elementos cruciais para o entendimento de como ocorre o consumo e, no caso específico deste estudo, o compartilhamento. As escassas contribuições sobre o tema em Marketing ocorrem no contexto de famílias nucleares, próprias da sociedade norte-americana, em que se origina a maior parte da literatura da área. No entanto, a realidade brasileira difere, principalmente entre os estratos de renda mais baixa população, em algumas regiões do país mais do que em outras, já que neles predomina a família estendida.

Apesar de se acreditar no mundo ocidental que a família teve sua estrutura e papel modificados de modo significativo nos tempos recentes, a “família como unidade social tem-se mantido historicamente estável, mesmo em sociedades que passaram por profundos traumas, tais como guerras, urbanização e industrialização” (ROCHA, 2000, p. 44). A família é “uma referência simbólica fundamental que permite pensar, organizar e dar sentido ao mundo social, dentro e fora do âmbito familiar” (SARTI, 2003, p. 9).

Em especial em referência às famílias de baixa renda, as relações de parentesco transpassam a noção de núcleo familiar, “configurando uma trama de obrigações morais que enreda seus membros, num duplo sentido, ao dificultar sua individualização e, ao mesmo tempo, viabilizar sua existência como apoio e sustentação básicos” (SARTI, 2003, p. 70). A família é, portanto, um ponto de referência relevante para estudos sobre o comportamento dos indivíduos.

A segunda questão que distingue o presente estudo da literatura em Marketing é o consumo da classe média baixa. Observa-se grande disparidade de renda das famílias norte-americanas em relação às brasileiras. Nos Estados Unidos, a mediana da renda anual familiar é de US\$ 51.939 (DeNAVAS-WALT; PROCTOR, 2014), equivalente a cerca de R\$ 159.718¹. Já no Brasil, a mediana da renda familiar mensal é de R\$ 375 (IBGE, 2011), ou R\$ 4.500 por ano. Em outras palavras, uma família classificada como pertencendo ao meio da pirâmide socioeconômica americana tem renda 35 vezes superior à de uma família brasileira na mesma posição relativa na pirâmide socioeconômica de seu país. Essa discrepância corrobora diferentes autores se referirem à classe média baixa como sendo de baixa renda (por exemplo, HEMAIS *et al.*, 2010; VELOSO *et al.*, 2009; BARROS, 2006).

O estudo do consumo pela baixa renda é tema recente na área de Comportamento do Consumidor (ROCHA, 2009). Internacionalmente, são investigados tanto o fenômeno do consumo pelos mercados mais pobres – os países subdesenvolvidos e os países em desenvolvimento, como o Brasil – quanto o fenômeno do consumo realizado pelas pessoas que compõem as camadas pobres nos diferentes países. No caso do Brasil, levando-se em consideração as disparidades sociais e as diferentes realidades dentro do país, acadêmicos vêm estudando o consumo nas classes de baixa renda de um país que, também ele, é considerado pobre em relação aos países desenvolvidos, como Estados Unidos e os países da União Europeia. Porém, em termos relativos, poucos são os estudos realizados com base no caso do consumidor brasileiro de baixa renda e assim considerando o contexto em que se inserem (MATTOSO; ROCHA, 2009).

O compartilhamento pode ser também uma estratégia para a sobrevivência da população de baixa renda. Ao compartilhar bens e serviços, sua aquisição ou uso pode ser justificada e viabilizada. O alto valor de alguns produtos é um dos fatores encontrados por Tinson e Nuttall (2007) para a definição de quais bens são compartilhados nos lares pesquisados, pois, na impossibilidade ou na indisposição de se adquirir bens similares, o acesso é proporcionado pelo compartilhamento do mesmo. A antropóloga Hiline Yaccoub estudou as redes de compartilhamento formadas pelos moradores da favela da Barreira do Vasco, em São Cristóvão, bairro da cidade do Rio de Janeiro. Seguindo o mesmo princípio de “se o seu vizinho já tem uma bateadeira, para que comprar uma?”, a

¹Taxa de conversão: R\$3,0751. Fonte: Banco Central. Disponível em: <http://www4.bcb.gov.br/pec/taxas/batch/taxas.asp?id=txdolar>. Acesso em: 22 jun. 2015.

antropóloga observou compartilhamento de água, televisão a cabo, internet, comidas, panelas, vestidos de festa e serviços, como educação dos filhos. “Para ser da favela, precisa compartilhar” (LIMA, 2014, p. 28).

Na literatura nacional e internacional, não há consenso sobre os critérios de corte para se considerar um consumidor como pertencente à baixa renda. Alguns autores internacionais utilizam diferentes limites de renda – por exemplo, Prahalad (2010) assume como renda de até dois dólares por dia, designando essa camada como base da pirâmide socioeconômica, enquanto que Chickweche e Fletcher (2008) adotam menos de um dólar por dia. Autores brasileiros, por sua vez, utilizam diferentes critérios, baseados por vezes em renda (por exemplo, ASSAD; ARRUDA, 2006; BARBOSA *et al.*, 2009), geografia (VELOSO *et al.*, 2008; GARCIA *et al.*, 2010), classes socioeconômicas definidas pelo Critério Brasil (BARROS, 2006), entre outros critérios de classificação.

Não apenas o critério para definição de consumidores de baixa renda é heterogêneo; a nomenclatura utilizada também o é. Na literatura, são utilizados termos diversos, comumente com o mesmo sentido, como “baixa renda” (por exemplo, SANTOS, 2009; BARBOSA *et al.*, 2009, VELOSO *et al.*, 2008; BARROS, 2006), “pobres” (HEMAIS *et al.*, 2010, ROCHA, 2009), “base da pirâmide” (PRAHALAD, 2010) e “mercado emergente” (BARROS, 2006; ROCHA; SILVA, 2009). De uma forma ou de outra, ser “pobre” é uma designação social, vistos pela sociedade como indivíduos que “vivem em bairros periféricos, exercem ocupações com baixa qualificação profissional, estão entre os que têm mais baixa escolaridade, recebem as mais baixas remunerações” (SARTI, 2003, p. 12).

Sem se deter a alguma nomenclatura ou critério de corte específicos, encontra-se na literatura estudos sobre a população brasileira de baixa renda e sua relação com o consumo. Castilhos e Rossi (2009, p. 66) realizaram um estudo etnográfico sobre o papel do consumo na formação da identidade destes indivíduos, identificando uma categorização socioeconômica adicional percebida pelos informantes, dividindo a comunidade em “pobres-pobres”, “pobres” e “elite do morro”, cada uma com características diferenciadas de consumo e identidade.

O tema de consumo pelas classes de baixa renda deixa espaço para futuras pesquisas e traz implicações para as empresas que possam atuar junto a este público consumidor. Desafios na realização dessas pesquisas são apontados por Casotti *et al.* (2009), como o acesso aos informantes e as realidades diversas das experimentadas e pesquisadas *a priori* pelos estudiosos, incluindo o vocabulário empregado pelas partes envolvidas. Rocha e Silva (2009) acrescentam à relação de dificuldades diferentes itens associados a questões metodológicas, pois, conforme indicam, as metodologias tradicionais costumemente não preveem o baixo grau de instrução encontrado nas classes populares.

O presente estudo visa investigar o compartilhamento pelas famílias de baixa renda. Dada a heterogeneidade no critério definidor de baixa renda, foi escolhido estudar famílias de classe média, correspondendo à classe socioeconômica C1 pelo Critério Brasil. A escolha por essa classe se deu por diferentes motivos. Primeiramente, ela é considerada como sendo de baixa renda por diferentes autores (por exemplo, HEMAIS *et al.*, 2010; VELOSO *et al.*, 2009; BARROS, 2006). Outro motivo é que, apesar das restrições ao consumo enfrentadas de modo rotineiro, ela dispõe de algum acesso a bens, enquanto que classes inferiores (como D ou E pelo mesmo Critério Brasil) muitas vezes lutam por sua sobrevivência, com renda parcamente cobrindo gastos com alimentação básica e moradia. O acesso ao consumo pela classe média possivelmente provê maior diversidade no consumo e nas práticas relacionadas a ele pelas famílias pertencentes a esse estrato social. Um terceiro motivo para a escolha de se investigar a classe média é buscar alguma homogeneização entre os informantes do estudo. Com esse intuito, foi escolhido um sub-estrato específico dentro da classe C, correspondendo à classificação socioeconômica C1.

1.3.

Pergunta de pesquisa

Pouco se sabe sobre como o compartilhamento é exercido dentro das práticas de consumo pelos indivíduos ou por seus grupos. Mesmo ocorrendo tanto na esfera pública, quanto na privada, o compartilhamento é mais característico do mundo doméstico (BELK, 2010). Diante dessa questão, a pergunta central de pesquisa do presente estudo é:

- Qual a natureza e os significados do compartilhamento como prática de consumo em famílias brasileiras urbanas de classe média baixa?

Para que a pergunta central de pesquisa possa ser investigada, são propostas as seguintes perguntas intermediárias:

- Quais são as práticas de compartilhamento nas famílias?
- Qual é a natureza dos objetos e atividades que são compartilhados e dos que não são compartilhados?
- O que é compartilhar e o que é emprestar, na concepção dos informantes?

1.4.

Definição de termos

Alguns termos são usados ao longo do presente trabalho. Em vista de serem utilizados na literatura de diferentes formas, suas definições, tal como empregadas nesse estudo, são apresentadas a seguir.

Compartilhar: “Ter ou tomar parte em; participar de; compartilhar, partilhar.” (FERREIRA, 2004, p. 249)

Família estendida residente: grupo de indivíduos com laços familiares (parentes consanguíneos) ou relacionais (agregados) que moram na mesma residência.

Família estendida ampliada: grupo de indivíduos com laços familiares, relacionais (agregados) ou de amizade estreita, não necessariamente morando na mesma residência. A família estendida ampliada inclui, portanto, a família estendida residente, além de possíveis outros membros não residentes.

Ofertar para compartilhamento: colocar um bem disponível para que outros compartilhem dele.

Usufruir do compartilhamento: participar do compartilhamento de um bem colocado disponível para ser compartilhado.

Compartilhamento interno: compartilhamento que ocorre na residência e praticado exclusivamente entre os membros da família estendida residente (tanto ofertar, quanto usufruir do compartilhamento).

Compartilhamento externo: compartilhamento que ocorre na residência, praticado entre os membros da família estendida residente e usufruído por ao menos um membro não residente da família estendida ampliada.

Compartilhamento para dentro (*sharing in*) (WIDLÖK, 2004; BELK, 2010): compartilhamento praticado exclusivamente entre os membros da família estendida ampliada (tanto ofertar, quanto usufruir do compartilhamento). Inclui, portanto, os conceitos de compartilhamento interno e externo.

Compartilhamento para fora (*sharing out*) (INGOLD, 1986, apud BELK, 2010): compartilhamento praticado em conjunto por membros da família estendida ampla e indivíduos externos a ela.

1.5. Relevância do estudo

Este estudo contribui, portanto, para a ampliação do conhecimento sobre práticas de consumo de três formas principais:

1. Expandindo o entendimento da temática do compartilhamento, delineando melhor fronteiras conceituais e temáticas;
2. Estudando o fenômeno no contexto da família estendida brasileira, em contraposição à família nuclear norte-americana;
3. Identificando as especificidades do fenômeno entre famílias urbanas de classe média baixa.

O estudo proposto pretende contribuir para o conhecimento sobre o comportamento do consumidor por meio de um fenômeno cotidiano: o compartilhamento de bens. Como apontou Belk (2010, p. 730), a área de pesquisa do consumidor é omissa em relação a este tema tão presente na vida dos indivíduos: “A negligência dos pesquisadores de consumo sobre o compartilhamento é uma omissão fundamental na busca por entender o consumo. Não apenas o compartilhamento é crítico para os fenômenos mais recentes, como a internet, como também é provavelmente o mais antigo tipo de consumo”.

Este estudo também visa contribuir para o mundo empresarial, ao colocar luz sobre os hábitos que ocorrem no “mundo interior” dos domicílios familiares (BELK, 2007, p. 716), “atrás de portas fechadas” (MONEY, 2007, p. 357) e, portanto, com pouca visibilidade aos executivos das empresas que precisam conhecer seus consumidores para posicionar os seus negócios e atender o seu público de forma adequada.

Especificamente em relação às empresas que visam atender os consumidores de baixa renda, são numerosos os casos de insucesso reportados na literatura (por exemplo, WEIDNER *et al.*, 2010). Supõe-se que possa ser ainda mais numeroso o grupo de empresas que nem mesmo tenta atender a estes segmentos, por desconhecimento dos desejos, atitudes e comportamentos dos consumidores que os compõem. Desta forma, o presente estudo espera poder alcançar relevância prática ao servir ao entendimento do comportamento

de consumo de indivíduos de baixa renda, de forma a auxiliar a elaboração das estratégias de empresas que visem ofertar produtos e serviços para estes consumidores.

1.6. Delimitações

O presente estudo visa investigar o compartilhamento como prática de consumo entre os membros de famílias estendidas residentes no mesmo domicílio e pertencentes à classe média baixa, residentes no subúrbio da cidade do Rio de Janeiro. Apesar de não se delimitar a composição das famílias participantes do estudo, ele se restringe a famílias compostas por pelo menos dois adultos residentes, para que haja ao menos dois informantes no mesmo domicílio, dado que crianças e jovens menores de idade não foram considerados para as entrevistas do presente estudo.

Não é foco deste estudo os modos de consumo mediados pelo mercado, como os modelos de negócios de aluguel de carros (exemplo: Zipcar, nos Estados Unidos) ou de apartamentos (no conceito de *time sharing*). Também não será tratado o compartilhamento de bens, informações e espaços públicos e privados que não correspondam aos lares, como arquivos ou blogs via internet, transportes e espaços comerciais, mesmo quando não forem mediados pelo mercado.

1.7. Organização do estudo

O segundo capítulo contempla o referencial teórico utilizado antes da ida a campo. O estudo é contextualizado dentro da *Consumer Culture Theory* e então são apresentados o processo de significação do consumo e conceitos sobre consumo, identidade e *self* estendido. A revisão de literatura então se detém nos diferentes modos de consumo e, em particular, no compartilhamento. O capítulo se encerra com a apresentação do esquema teórico de partida do estudo.

O terceiro capítulo expõe a metodologia adotada para o estudo e o caminho de pesquisa percorrido para a realização da investigação. São descritos os critérios de escolha dos informantes, os métodos de coleta de dados e os recursos utilizados para análise, além de algumas limitações dos métodos utilizados.

O quarto capítulo apresenta a descrição dos resultados de pesquisa em cada uma das famílias estendidas entrevistadas separadamente, incluindo as evidências empíricas do estudo, por meio de trechos de depoimentos dos informantes.

O quinto capítulo consiste da análise dos resultados. São discutidos os resultados considerando-se o conjunto de famílias entrevistadas, destacando-se as contribuições à teoria.

O sexto capítulo encerra o trabalho com conclusões, considerações finais e sugestões de futuras pesquisas.

2

Revisão de literatura

O presente capítulo descreve o referencial teórico utilizado para o embasamento deste estudo. Dada a abordagem abductiva pela combinação sistemática (DUBOIS; GADDE, 2002) escolhida para o desenvolvimento do estudo, a revisão de literatura apresentada a seguir refere-se ao ponto de partida para o início da investigação empírica. Conforme advoga a abordagem em questão, a ida a campo para coleta de informações leva a uma nova busca de literatura em termos do que se encontra nos casos estudados e que, por sua vez, funciona como um novo estágio do embasamento teórico, como pano de fundo para a continuidade da investigação empírica, e assim sucessivamente. Ao final do estudo, é construído o arcabouço teórico referente ao processo como um todo.

A revisão de literatura deste projeto está organizada em tópicos, de forma a auxiliar a abordagem aos temas. Primeiramente, é feita uma contextualização histórica do tema, partindo da contextualização da área de Comportamento do Consumidor e, mais especificamente, tratando do surgimento e desenvolvimento da *Consumption Culture Theory* – CCT.

A segunda seção descreve o processo de significação do consumo, ou seja, como o consumo é revestido de significado segundo a visão de três autores. Primeiramente é apresentado o modelo de transferência de significado de bens proposto por McCracken (1986). Em seguida, trata-se da distinção entre significados públicos e privados de bens e de origens mais comuns de significados conforme Richins (1994). Por fim, expõem-se as metáforas para o consumo propostas por Holt (1995).

A seção seguinte expõe conceitos sobre consumo, identidade e *self* estendido. Esses conceitos ajudam a entender como os modos de consumo, em especial o compartilhamento, ocorrem no contexto da família estendida.

A quarta seção apresenta uma revisão de literatura sobre os diferentes modos de consumo e, em particular, o compartilhamento. Um dos autores principais utilizados é Belk (2010), colocado em discurso com outros trabalhos publicados sobre o tema de compartilhamento e dos demais modos de consumo. A contextualização feita sobre os diversos modos de consumo auxilia no entendimento do fenômeno principal de interesse.

O capítulo se conclui com a apresentação do esquema teórico de partida para a investigação empírica do presente estudo.

2.1. Consumer Culture Theory (CCT)

Em janeiro de 1985, Russell Belk fez um convite, por carta, a nove outros pesquisadores para participarem de uma viagem em um trailer de costa a costa dos Estados Unidos, realizando pesquisas qualitativas ao longo da viagem. Os convidados foram renomados pesquisadores de comportamento do consumidor: Harold Kassarian, Beth Hirschman, Morris Holbrook, Sidney Levy, Jerry Olson, Dennis Rook, John Sherry, Melanie Wallendorf e Bill Wells. Essa iniciativa levou o nome de *Consumer Behavior Odyssey* (CBO) e foi motivada pela insatisfação de diversos pesquisadores com a predominância do paradigma positivista na investigação do comportamento do consumidor. Um dos objetivos principais da CBO era buscar métodos alternativos de coleta de dados no campo (SHERRY, 1987).

Os pesquisadores participantes viajaram de Los Angeles a Boston, no verão de 1986, realizando pesquisa com os mais variados perfis de interlocutores e usando diferentes métodos para o registro – entrevistas gravadas em áudio e em vídeo, fotografias, notas de campo e diários. Não apenas os entrevistados tinham os mais diferentes perfis, como também em ambientes não planejados – onde quer que os consumidores se encontrassem, como em mercados de rua, em apresentações de ópera, em lojas, atrações turísticas e assim por diante.

Um dos desdobramentos da CBO foi o desenvolvimento de uma corrente teórica atualmente conhecida por *Consumer Culture Theory* (CCT), em que se insere o presente estudo. A CCT parte da ampliação da visão dos acadêmicos sobre o comportamento do consumidor, entendendo o consumo como um fenômeno cultural e, conseqüentemente, utilizando-se de uma gama de métodos qualitativos e interpretativos para dar conta do contexto de consumo e de vida dos informantes. A etnografia, por exemplo, passou a ter papel de importância aumentada pelo olhar ao valor simbólico dos bens e ao estilo de vida dos indivíduos e grupos sociais, inclusive passando esses últimos a serem considerados temas de relevância gerencial nos estudos acadêmicos (ARNOULD; THOMPSON, 2005).

Apesar de haverem proposto o termo CCT, Arnould e Thompson (2005) ressaltaram que não se trata de uma teoria unificada, e sim de um conjunto de perspectivas teóricas que aborda as relações entre os consumidores, o mercado e os significados culturais e busca entender, em sua essência, como os consumidores consomem. Sob a perspectiva da CCT, os significados culturalmente construídos do consumo são múltiplos e heterogêneos, próprios de cada grupo social, entendendo-se também que os indivíduos participam de diferentes grupos culturais simultaneamente, ocorrendo uma sobreposição de significados provenientes de cada agrupamento. Arnould e Thompson (2005) lembram que a visão de culturas heterogêneas não foi criada pela CCT. Porém, sendo um dos seus principais pontos de partida, os pesquisadores que trabalham nessa linha conseguiram expandir essa perspectiva em seus esforços de prover pesquisas empíricas abordando o tema de cultura de consumo nas práticas cotidianas.

Os primeiros estudiosos de CCT buscaram uma melhor compreensão de cada etapa do ciclo de consumo – aquisição, consumo, posse e descarte – sob uma ótica simbólica e contextualizada dos fenômenos. Dentro da etapa de aquisição, foi desenvolvido todo um bloco de estudos sobre o presentear, como nos trabalhos de Sherry (1983). E, mesmo tendo-se realizado mais estudos sobre as práticas de consumo e posse, a etapa de descarte não foi esquecida, vista, por exemplo, em relação ao seu papel na formação e modificação da identidade dos indivíduos (ARNOULD; THOMPSON, 2005).

A CCT vê o consumidor como tendo um papel de produtor de significados simbólicos atribuídos aos bens e às marcas. Ele tem, portanto, no mercado uma rica fonte de recursos para a formação de sua identidade individual e de grupo. Um dos exemplos dessa perspectiva é o estudo feito por Schouten e McAlexander (1995) sobre as comunidades de motociclistas da marca Harley-Davidson. Cova e Dalli (2009), diferentemente de outros autores da CCT, questionam o consumidor ser considerado produtor e propõem que seja considerado como trabalhador, pois muito do trabalho imaterial e valor cultural e afetivo que o consumidor adiciona ao produto foge ao controle do produtor do bem.

Em sua revisão sobre a trajetória e abordagens da CCT, Arnould e Thompson (2005) organizam os estudos feitos na área em quatro programas de pesquisa, mostrados resumidamente no Quadro 2.1. O primeiro programa inclui os estudos relativos a identidade do consumidor. Eles buscam compreender a dinâmica do consumidor-produtor de significados simbólicos, que afetam mutuamente o conteúdo de consumo e a formação da identidade do indivíduo. Faz parte dessa linha de trabalho os estudos sobre o *self* estendido (por exemplo, BELK, 1988).

O segundo programa de pesquisa refere-se aos estudos que tratam de culturas de mercado, em que os consumidores são vistos como criadores de cultura por meio das suas interpretações e ações. O artigo de Schouten e McAlexander (1995) sobre motociclistas é um dos exemplos desse programa.

O terceiro bloco de pesquisas trata de padrões sócio-históricos de consumo, relativo a como a estrutura da sociedade – por exemplo, em questões de gênero, classes socioeconômicas, étnicas e etárias – influencia o consumo, e vice-versa. Um exemplo é o trabalho de Holt (1998), em que discute a aplicabilidade dos conceitos de capital cultural de Bourdieu à sociedade americana contemporânea.

O quarto programa de pesquisa inclui as ideologias de mercado massivamente mediadas e estratégias interpretativas dos consumidores. Lidam com a relação entre consumidores e comunicação midiática, em que novamente os consumidores assumem papel ativo na criação de significados. O trabalho de McCracken (2003) é um dos exemplos desse grupo de pesquisas, em que inclui a publicidade e o sistema de moda como uma das formas de transferência de significado do mundo culturalmente constituído para os bens de consumo.

Quadro 2.1 – Programas de pesquisa em CCT

Programa de Pesquisa	Descrição
Projetos de identidade do consumidor	Formação da identidade via atribuição de significado ao consumo Consumidor como coprodutor de sua identidade e do valor simbólico dos bens
Culturas de mercado	Consumidores como criadores de cultura por meio de suas interpretações e ações. Identificações coletivas e, por vezes, temporárias
Padrões sócio-históricos de consumo	Como a estrutura da sociedade (gênero, classes socioeconômicas, étnicas, etárias, entre outras) influencia o consumo, e vice-versa
Ideologias de mercado mediadas pelas massas e estratégias interpretativas dos consumidores	Relação entre consumidores e a comunicação de massas, em que os consumidores têm papel ativo na criação de significados

Fonte: Elaborado pela autora, baseado em Arnould e Thompson (2005)

Com base nas referências citadas por Arnould e Thompson (2007) como sendo estudos representativos em CCT nos seus vinte primeiros anos de existência, Gaião, Souza e Leão (2012) fazem sua própria proposta de agrupamento desses trabalhos a partir de seus aportes teóricos. Os autores propõem cinco grupos no critério de finalidades similares. Os cinco grupos de aportes teóricos propostos são mostrados no Quadro 2.2, juntamente com a descrição de cada um dos agrupamentos.

Quadro 2.2 – Grupos de aporte teóricos utilizados na CCT

Grupo teórico	Descrição
Representações do “eu”	Abordagens teóricas que dão suporte ao entendimento da expressão de subjetividades e construção de identidades por meio de práticas de consumo. Exemplos incluem teorias do <i>self</i> (e.g, transformação do “eu”, “eu” estendido, posse) e identidade (e.g, reconstrução da identidade pessoal, identidade social, identidades culturais).
Sistemas de produção cultural	Esta dimensão teórica considera o poder da globalização cultural e econômica na transformação de ideais culturais em realidades materiais. Abordagens deste grupo incluem: mercantilização da cultura, comunicação de massa, sistema de publicidade, mitologização do consumo, experiência extraordinária, consumo em ambientes espetaculares, entre outras.
Distinções e estruturas sociais	Diz respeito às forças estruturais que atuam sobre as atividades de consumo e sua repercussão na sociedade e nos indivíduos. Neste grupo, ganham relevo abordagens como: consumo conspícuo, manutenção de fronteiras e estruturas hierárquicas, gift-giving, consumo sagrado versus profano, capital cultural.
Comunidades de consumo	Considera comunidades formadas em torno da prática de consumo, com ênfase nas comunidades de marca e de estilos de vida específicos, sobretudo aqueles que se opõem aos padrões ditados pelas práticas sociais vigentes. É tratado em abordagens sobre ethos compartilhado, sentimento de pertença, cosmopolitismo, ritos de passagem, subculturas, neotribalismo, entre outras.
Ideologias e discursos de mercado	Esta abordagem encara o mercado como uma ideologia do sistema de produção e mediador das relações sociais em suas variadas esferas, bem como um lócus de resistência de minorias. Agência do consumidor, emancipação do consumidor, consumo global, feminismo, etnicidade, estudos culturais, ideologias de consumo, são exemplos de abordagens deste grupo.

Fonte: Gaião, Souza e Leão (2012, p. 337)

Gaião, Souza e Leão (2012) comparam sua classificação com a de Arnould e Thompson (2007). Dois dos grupos correspondem a programas de pesquisa pela visão desses autores: o grupo de representações do “eu” estaria contido no programa de projetos de identidade do consumidor, e o grupo de comunidades de consumo estaria contido no programa de culturas de mercado. Os demais grupos de aporte teóricos de Gaião, Souza e Leão (2012) seguem algum direcional comum aos de Arnould e Thompson (2007), porém a sobreposição não se dá de forma perfeita, pois os grupos propostos pelos autores brasileiros tangem mais de um programa, mesmo que em menor proporção. Segundo eles, o grupo de distinções e estruturas sociais está presente principalmente no programa padrões sócio-históricos de consumo, mas tem contribuições que dizem respeito também aos projetos de identidade do consumidor. De forma análoga, os grupos de ideologias e discursos de mercado e de sistemas de produção cultural têm maior presença no programa relativo a ideologias de mercado, mas tangenciam também outros programas, conforme ilustrado na Figura 2.1.

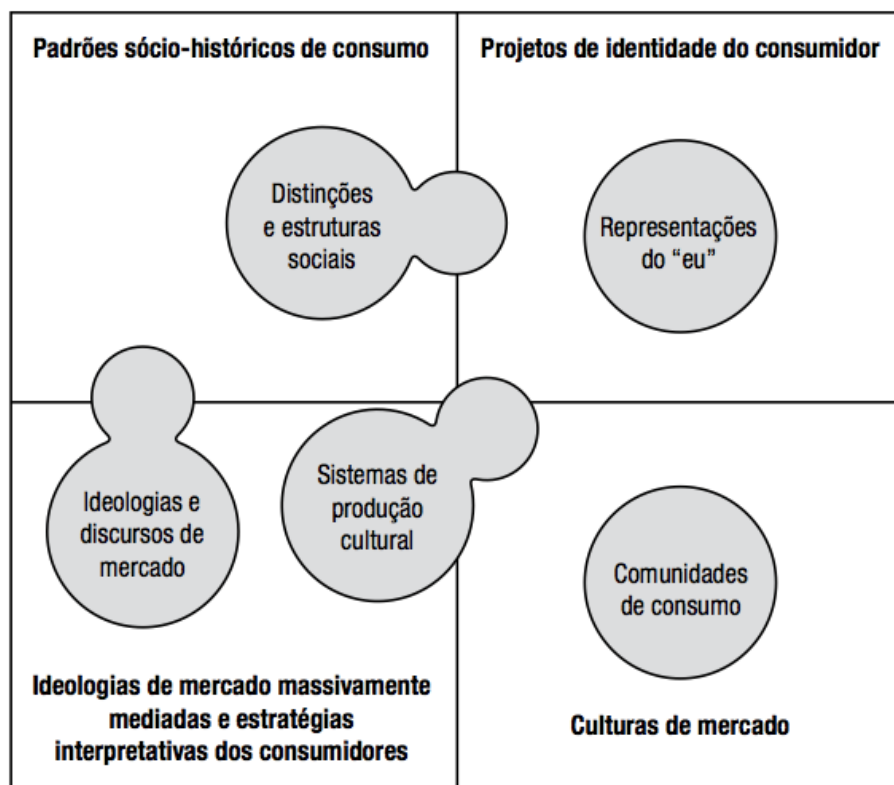


Figura 2.1 – Grupos de aportes teóricos em relação aos campos temáticos da CCT
 Fonte: Gaião, Souza e Leão (2012, p. 338)

Arnould e Thompson (2007) observam que a CCT já era considerado um terceiro pilar dos estudos de marketing em comportamento do consumidor, ao lado dos pilares da Teoria de Decisão Comportamental e da modelagem econométrica. Essa visão é compartilhada por MacInnis e Folkes (2010), que situam esses três pilares sustentando a subdisciplina de Comportamento do Consumidor e esta, juntamente com Modelos de Marketing e Estratégia de Marketing, compondo o que estabelecem como a disciplina de Marketing, conforme mostrado na Figura 2.2, a seguir. Gaião, Souza e Leão (2012) concordam que CCT possa ser considerada atualmente uma área autônoma dentro do campo de pesquisa do consumidor, baseados em (i) um levantamento sobre o reconhecimento acadêmico com base nas publicações em periódicos de renome internacional; (ii) o corpo de conhecimento formado desde sua criação, visto por meio do lançamento de publicações acadêmicas direcionados especificamente para CCT; e (iii) as contribuições à área feita por pesquisadores de renome internacional.



Figura 2.2 – Um modelo de Comportamento do Consumidor como um subcampo multidisciplinar de Marketing

Fonte: MacInnis e Folkes (2010, p. 910)

Askegaard e Linnet (2011) lembram que os estudos na área de CCT vêm tendo uma abordagem tanto no nível microssocial, quando de comunidades e subculturas. No entanto, consideram que mesmo o segundo nível citado, mais agregado, ainda seria semelhante ao nível individual, no sentido de se estudar casos particulares de subculturas ou de comunidades. Os autores propõem que a pesquisa de CCT não se limite a uma abordagem individualizada como foco de estudo, e sim que se considere um contexto mais amplo, levando em consideração questões sociais, culturais, políticas e institucionais. Essa abordagem requer que se busquem caminhos metodológicos complementares às entrevistas em profundidade, dominantes na CCT.

O presente estudo segue a perspectiva da CCT, em que os significados do consumo são culturalmente construídos e são múltiplos e heterogêneos, próprios de cada grupo social. Conforme a classificação da CCT em programas de pesquisa de Arnould e Thompson (2005), o presente estudo pode ser classificado como parte do programa de padrões sócio-históricos de consumo, por buscar compreender o fenômeno do compartilhamento sob a ótica de famílias de classe socioeconômica média baixa e embasando-se em hábitos individuais e coletivos no ambiente familiar em suas relações de consumo. Há, ainda, algum transbordamento do tema para o programa de projetos de identidade dos consumidores, uma vez que as relações familiares e a dinâmica

de consumo dentro das famílias remete ao processo de formação de identidade individual e coletivo da família, além de envolver questões experienciais de consumo previstas no programa em questão.

Tendo-se em vista a localização do presente estudo nos dois programas citados, o agrupamento temático proposto por Gaião, Souza e Leão (2012) parece fornecer uma localização mais direta a um único grupo: o de distinções e estruturas sociais, que já pressupõe algum componente de formação de identidade em sua descrição. Os autores, inclusive, dão como exemplo de abordagens incluídas nesse grupo de aportes teóricos o presentear.

2.2. Significação do consumo

O consumo como sistema simbólico já vinha sendo tratado em outras disciplinas, particularmente na Antropologia Social. Autores como Campbell (1987), Douglas e Isherwood (1996), Miller (2013) e Rocha (2005) olharam para o consumo como sistema simbólico dominante nas sociedades contemporâneas. Na prática etnográfica, o pressuposto fundamental é de que todos os bens se constituem em meios de significação e base para a análise cultural (DOUGLAS; ISHERWOOD, 1996).

A dimensão simbólica do consumo foi tratada em marketing muito antes das iniciativas da *Consumer Behavior Odyssey* ou mesmo da perspectiva experiencial do consumo de Holbrook e Hirschman (1982). Sidney Levy foi um dos precursores da perspectiva simbólica nos fenômenos de consumo na disciplina de marketing. Por exemplo, em um artigo publicado na *Harvard Business Review* voltado para os praticantes de marketing, Levy (1959) afirma que o indivíduo não consome produtos por seu valor funcional, e sim pelo que ele representa simbolicamente. Um exemplo disso, trazida pelo autor, é a constatação de ser comum os consumidores se perguntarem se “querem” o item, ao invés de se “precisam” do item, indicando uma dimensão de busca por prazer na compra. Esse e outros exemplos dados pelo autor servem de embasamento para a defesa de sua recomendação aos executivos de marketing em mudarem sua visão acerca de seus produtos e empresas, vendo-se como vendedores de símbolos e não de produtos (LEVY, 1959). A partir de então, toda uma linha de estudos em marketing passou a considerar o consumo como envolto de significados e aspectos simbólicos, “sendo o lócus em que se reafirmam, entre outras questões, identidade, pertencimento, hierarquia, *status* e poder” (ROCHA; ROCHA, 2007, p. 72).

Rocha e Rocha (2007) selecionam dois trabalhos na área como tendo promovido novos desdobramentos nos estudos relativos à significação do consumo. O primeiro é o artigo de Rook (1985), originado de sua tese de doutorado, em que chama a atenção para os rituais urbanos de consumo, que não estariam sendo estudados pelo corpo acadêmico de marketing, apesar de exercerem papel central no processo de consumo. O segundo artigo é o de McCracken (1986), em que ele sugere que o estudo sobre o consumo vai muito além do utilitarismo e do valor comercial dos bens, pois devem ser considerados os significados culturais envolvidos no consumo. McCracken (1986) propõe, nesse artigo, um modelo de transferência de significado de bens do mundo material para os bens e desses para os consumidores, primeiramente via propaganda e o sistema de modas e então por quatro tipos de rituais de consumo. Esse modelo é posteriormente apresentado em um livro (McCRACKEN, 2003).

Dois outros trabalhos que ajudam a organizar a forma de ver a significação do consumo provêm de Richins (1994) e de Holt (1995). Richins (1994) discute o significado simbólico público e privado dos bens, assim como propõe categorias de origens dos valores simbólicos. Holt (1995), por sua vez, propõe uma classificação do consumo simbólico em quatro metáforas de consumo.

2.2.1. Modelo de Transferência do Significado de Bens de McCracken (1986)

McCracken (1986, 2003) vê o significado cultural como sendo móvel, sendo transferido do mundo culturalmente constituído para os bens de consumo e, destes, para os consumidores individuais. São ferramentas para realizar essa transferência de bens a propaganda² e o sistema da moda em um primeiro estágio, e rituais de consumo no segundo estágio. O modelo proposto por McCracken (1986, 2003) é exibido na Figura 2.3 e detalhado em seguida.

²O termo original empregado em Inglês por McCracken (1986) é *advertising*, correspondendo a propaganda em Português. Esse será o termo adotado nesse trabalho. Na Figura 2.3 foi mantido o termo publicidade, conforme utilizado em McCracken (2003) em sua edição brasileira.

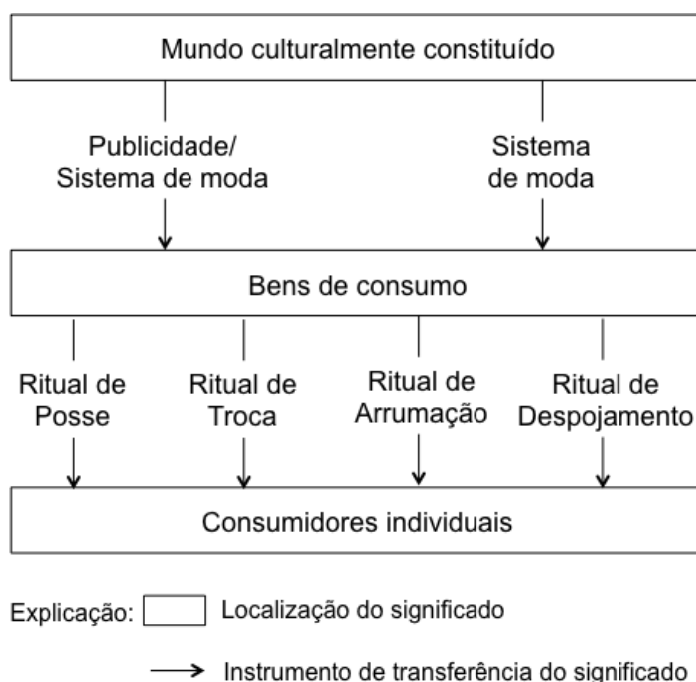


Figura 2.3 – Movimento do significado
 Fonte: McCracken (2003, p. 100)

McCracken (2003, p. 101) considera que há três localizações para o significado. O primeiro deles é o mundo culturalmente constituído. É ali a “localização original do significado que reside nos bens”. É a cultura que constitui o mundo e lhe dá significado. O mundo culturalmente constituído está representado nas experiências cotidianas dos indivíduos, formado pelas crenças e pressupostos da cultura em que eles se inserem. A cultura funciona como um conjunto de lentes, através das quais todos os fenômenos são observados, apreendidos e assimilados. Funciona também como um plano de ação, determinando como o mundo será formatado por meio da produção e da interação social.

Os significados produzidos são organizados segundo categorias culturais, que denotam as distinções básicas entre os fenômenos no mundo culturalmente constituído. Essas categorias são relativas ao tempo (tanto cronológico, como segundos, horas, séculos; quanto subjetivo ou pessoal: tempo de lazer, de trabalho e assim por diante); espaço (como a casa, a rua, o país); natureza (flora, fauna); e pessoa ou comunidade (classe, *status*, gênero, idade, ocupação).

No caso da cultura norte-americana, o autor avalia que a maior parte das categorias não são evidentes para quem observa os indivíduos e que são, em sua maioria, autodeclaráveis. Por exemplo, um jovem pode se considerar adulto, ou um indivíduo de baixa renda pode se considerar como sendo de classe média, e assim por diante. Como McCracken (2003, p. 102) coloca, “o pertencimento a uma categoria, que na maioria das culturas, é mais estritamente especificado e policiado, é, em nossa própria, muito mais um assunto de escolha individual.”.

As categorias culturais ficam invisíveis para os indivíduos que estão nesse mundo culturalmente construído. A tangibilização do significado cultural é feita por meio dos objetos materiais. Dessa forma, os bens materiais podem servir como forma de expressão das categorias culturais (McCRACKEN, 2003). Por exemplo, o estudo feito por Levy (1981) usa a comida como forma de se observar as categorias culturais de idade, gênero e *status* social.

Se as categorias culturais são a classificação propriamente dita do mundo culturalmente construído em segmentos, os princípios culturais são os conceitos que originam essa segmentação. O significado cultural dos bens materiais é formado, portanto, pela associação das categorias culturais e dos princípios culturais que as definem. Em um exemplo hipotético, seria possível se distinguir classes altas e baixas (categorias culturais) por meio das roupas usadas pelos indivíduos, via avaliação de valores como sofisticação das roupas associada a classes mais altas e da humildade das roupas associada a classes mais baixas (sofisticação e humildade aqui representando os princípios culturais). Tanto as categorias, quanto os princípios culturais organizam o mundo culturalmente constituído e são tangibilizados por meio dos bens de consumo (McCRACKEN, 2003).

Do mundo culturalmente constituído, o significado dos bens são transferidos para os bens propriamente ditos por meio da propaganda e do sistema de moda. A propaganda faz essa transferência ao associar ao bem de consumo a uma representação do mundo culturalmente constituído, tanto por meio das imagens que emprega na propaganda em questão, quanto nas mensagens textuais que a compõem. Cabe ao indivíduo perceber as associações. Se isso ocorrer, determinadas propriedades desse mundo passam a fazer parte do bem de consumo, realizando-se assim a transferência de significado (McCRACKEN, 2003).

Se no caso da propaganda o principal agente envolvido nos esforços de transferência de significados do mundo culturalmente constituído para os bens são as agências de propaganda, no sistema de moda isso ocorre de forma um pouco mais complexa. Envolve mais fontes de significado e mais agentes de transferência, fazendo com que sejam fontes menos controláveis do que no caso da propaganda. Os agentes de moda incluem designers, arquitetos, jornalistas de moda e observadores sociais (McCRACKEN, 2003).

Uma vez feita a transferência de significado do mundo culturalmente constituído para os bens de consumo, esses passam a ser um lócus de significado, mesmo se os consumidores não se derem conta do significado incutido nos bens. Nas últimas décadas, foram inúmeros os estudos acadêmicos publicados sobre o significado cultural dos bens de consumo (McCRACKEN, 2003) – entre eles, diversos dos trabalhos apresentados sob a ótica da CCT.

O mecanismo de transferência do significado dos bens de consumo para os indivíduos consiste de ações simbólicas, chamadas de rituais. McCracken (2003, p. 114) define como ritual “um tipo de ação social dedicada à manipulação do significado cultural, para propósitos de comunicação e categorização coletiva e individual”. Os rituais são uma ferramenta para se modificar o significado cultural de um bem. O autor destaca quatro tipos de rituais: de troca, de posse, de arrumação e de despojamento.

Os rituais de troca são realizados por meio de presentes, que carregam consigo propriedades de significado. Por conta da escolha do presente, aquele que presenteia funciona como agente de transferência de significado simbólico do bem de consumo para o consumidor final, ou seja, o presenteado. O ritual de troca envolve também influência interpessoal, pois ao escolher um presente, também está escolhendo as propriedades culturais que quer que o recebedor do presente tenha. O contexto em que se dá o presente também é carregado de significados, assim como sua possível embalagem.

Os rituais de posse são ações simbólicas que permitem ao indivíduo “reivindicar a posse do que é seu” (McCRACKEN, 2003, p. 116). Esses rituais acontecem por exemplo pela personalização de bens, pelos cuidados em sua manutenção e pelas fotos deles postadas em redes sociais. É “uma tentativa de extrair do objeto as qualidades que lhe foram conferidas” quando os bens de consumo receberam significado por meio da propaganda e do sistema da moda.

Os rituais de arrumação, por sua vez, assume que os significados obtidos dos bens são perecíveis e que, portanto, o indivíduo tem que continuamente fazer um esforço para extrair novamente os significados desses bens. Um exemplo está no ritual de arrumação para ir a um evento especial – esse ritual costumeiramente demanda tempo e dedicação para que se consiga resgatar as propriedades simbólicas dos bens de consumo envolvidos no figurino final desejado. Outro exemplo é o do tempo e paciência dedicados à limpeza e polimento de um automóvel.

O quarto tipo de ritual é o de despojamento. Esses rituais têm o intuito de desassociar bens de significados pessoais, seja por alguém que queira eliminar as propriedades significativas associadas ao dono anterior do bem, seja porque o indivíduo está transferindo o bem para alguém mais e não quer que junto vão as suas próprias propriedades significativas incutidas no bem. O bem material “precisa ser esvaziado do significado antes de ser passado adiante, bem como precisa ser novamente limpo quando for incorporado pelo novo dono” (McCRACKEN, 2003, p. 118).

A última etapa final do modelo de transferência de significados de McCracken consiste do lócus final de significado: os consumidores individuais. Se, em culturas como a norte-americana, os indivíduos têm liberdade para se autodeclararem como pertencentes a determinadas categorias culturais, a sua escolha sistemática de bens de consumo como veículos para significados culturais é uma forma de poderem buscar essas categorias culturais. McCracken (2003, p. 120) ressalta, no entanto, que essa busca “não é fácil, tampouco é sempre bem-sucedida”.

2.2.2. Significados dos bens segundo Richins (1994)

Richins (1994) defende a ideia que os consumidores buscam objetos pelo valor que lhes proporcionam, indo além do valor econômico e dizendo respeito também ao valor simbólico, que ela chama de significados do bem. Nos estudos que conduziu, encontrou situações em que participantes se recusavam a dar um valor monetário a bens pessoais que possuíam. Fotografias, por exemplo, potencialmente representam mais do que o bem material, remetendo a momentos vividos e memórias que não estão sujeitos a uma precificação objetiva. Essa colocação está em linha com o que Belk (1987b) fala sobre o valor emocional adicionado ao valor econômico de um bem não ser geralmente transferível, nem plenamente substituível por outro bem de valor econômico

equivalente ou até superior. Por exemplo, não é comum que os indivíduos substituam animais de estimação ou alianças de casamento por outro de maior valor.

Estudando o valor proporcionado pelos objetos, Richins (1994) aprofunda a discussão sobre dois temas a ele relacionados. Primeiramente, ela faz uma distinção entre os significados públicos e privados dos bens. Em seguida, ela organiza as origens dos significados em oito categorias não excludentes.

Richins (1994) propõe que duas fontes principais de significado coexistem e se sobrepõem: o significado público e o privado. O significado público é atribuído pela sociedade em geral, que age como observadora externa por não ser a proprietária do objeto propriamente dito. É por meio do significado público que surgem os símbolos culturais. O significado público está associado à escolha de bens que os indivíduos fazem para comunicarem sua identidade. Em alguns casos, quando um indivíduo não tem uma experiência pessoal prévia com o bem, o significado público pode ser a sua única referência de significado.

Já o significado privado é atribuído pelo proprietário do bem e representa o conjunto de significados que esse bem tem para o indivíduo. Mesmo podendo apresentar elementos provenientes do significado público, o significado privado depende da experiência pessoal do indivíduo e de sua trajetória de vida. O significado privado geralmente só passa a ser conhecido por outros se o indivíduo o tornar público, por exemplo, por meio de depoimentos e relatos. O significado privado diz respeito a como os indivíduos se sentem sobre as coisas que elas já possuem.

Os significados público e privado compõem, juntos, o valor simbólico do bem para o indivíduo. Eles derivam de múltiplas origens. Com base em uma revisão da literatura existente sobre os significados dos bens, Richins (1994) organiza as origens dos significados em quatro categorias principais: o valor utilitário, o desfrute, as representações de laços interpessoais e a identidade e auto-expressão, cuja descrição resumida é mostrada no Quadro 2.3. Após estudos conduzidos pela autora, quatro novas categorias de origens de valor foram incluídas: aspectos financeiros, aparência, *status* e espiritual, também mostrados no Quadro 2.3.

Quadro 2.3 – Categorias de origens de significados

Categoria	Descrição
Valor utilitário	Utilidade do produto, em linha com a teoria econômica clássica
Desfrute	Capacidade de um bem de dar prazer ou contentamento em tê-lo ou usá-lo
Representações de laços interpessoais	Formação e simbolismo de relações sociais
Identidade e auto-expressão	Reforço do sentido do <i>self</i>
Aspectos financeiros	Relacionado ao valor econômico do item
Aparência	Valor estético do bem ou características aparentes de interesse
<i>Status</i>	Prestígio aferido pela posse ou uso do bem
Espiritual	Meio de conexão espiritual ou divina

Fonte: Elaborado pela autora, com base em Richins (1994)

O valor utilitário diz respeito à utilidade do bem, em linha com a teoria econômica clássica. Como exemplos, seria o automóvel como um veículo, os óculos como forma de se melhorar a visão, ou ainda um computador pelos recursos utilitários que ele têm. O desfrute (*enjoyment*) refere-se à capacidade que o bem tem de prover prazer e aproveitamento. Por exemplo, um equipamento de som permite que se tenha prazer sensorial em ouvir música, ou uma viagem pode proporcionar um desfrute para quem dela usufrui. As representações de laços interpessoais, por sua vez, dizem respeito a bens que promovem alguma forma de socialização ou associação interpessoal. Por exemplo, presentes dados ou recebidos, objetos que antes pertenceram a alguém querido ou feitos por uma pessoa amada, ou mesmo fotos que lembrem momentos importantes podem ser fontes de valor simbólico e representar laços interpessoais. Já a categoria de origem de valor em relação à identidade e auto-expressão abarca significados que ajudam a reforçar e a expressar a identidade do indivíduo. Exemplos são as vestimentas, modelo de automóvel, itens étnicos e assim por diante

Uma das categorias de origem de significado acrescentadas por Richins (1994) às encontradas na literatura foi a dos aspectos financeiros. Ela equivale ao valor econômico do bem, seja em termos do custo financeiro de obtenção, quanto ao valor financeiro que representa. Uma segunda categoria inserida foi a da aparência, indo além do aspecto estético do bem. Inclui, por exemplo, o valor atribuído ao indivíduo pela posse ou uso do bem, fazendo com que ele sinta que sua própria aparência foi valorizada, indo além da aparência do bem em si. A categoria de status como origem de significado representa o prestígio dado ao indivíduo pela posse ou propriedade de um bem. E, finalmente, a categoria espiritual representa o significado atribuído ao bem por ele servir de conexão espiritual ou divina.

Cada uma das categorias pode influenciar tanto o significado público, quanto o privado dos bens, apesar de algumas estarem majoritariamente associadas a uma ou outra dessas duas dimensões. Por exemplo, a categoria de status está mais associada ao valor público, uma vez que o status é geralmente atribuído pela sociedade como um todo e não pelo indivíduo isoladamente. Além disso, o valor do bem pode ser originado de mais de uma categoria simultaneamente, situação essa que foi vista nos estudos de Richins (1994) como sendo mais comum do que apenas uma origem de significados.

2.2.3. Metáforas do consumo de Holt (1995)

Holt (1995) parte da análise das práticas de consumo e seu significado simbólico para propor uma tipologia para representar os motivos pelos quais os indivíduos consomem. Na revisão que o autor faz sobre a literatura de comportamento de consumidor sobre os modos de consumo, Holt (1995) observa três metáforas de consumo: consumo como experiência, consumo como integração e consumo como classificação. Ele adiciona uma quarta metáfora, a que dá o nome de consumo como teatralização.

As metáforas para o consumo de Holt (1995) são organizadas em dois eixos. O primeiro eixo corresponde à estrutura da ação: podem ser ações objetivas, em que os consumidores formam uma relação direta com o objeto de consumo, ou ações interpessoais, em que o objeto de consumo é um meio pelo qual os consumidores interagem uns com os outros. O segundo eixo é o do propósito da ação. Podem ser ações autotélicas, com um fim em si mesmas, ou instrumentais, em que são meios para outros fins. Os quatro quadrantes formados pelos dois eixos correspondem aos quatro tipos de consumo propostos pelo autor, conforme mostrado na Figura 2.4.

		Propósito da Ação	
		Ações Autotélicas	Ações Instrumentais
Estrutura da Ação	Ações Objetivas	Consumo como Experiência	Consumo como Integração
	Ações Interpessoais	Consumo como Teatralização	Consumo como Classificação

Figura 2.4 – Metáforas para o consumo
Fonte: Holt (1995, p. 3)

A metáfora do consumo como experiência tem como ponto focal as reações emocionais e subjetivas dos indivíduos durante o consumo. Ela se refere a estudos iniciados pela proposta do modelo experiencial de Holbrook e Hirschman (1982), linha essa adotada e desenvolvida também por outros autores. A metáfora do consumo como experiência tem como estrutura as ações objetivas, voltadas para o objeto de consumo, com propósito de ação autotélico, ou seja, como fim em si mesmo. Essa metáfora aborda tanto a visão psicológica das emoções produzidas durante o consumo, quanto a visão sociológica a respeito das práticas de consumo associadas (HOLT, 1995).

A metáfora do consumo como integração se refere a como os consumidores adquirem e manipulam significados associados a objetos. Assim, tem estrutura de ação objetiva, voltada para o objeto, mas o propósito da ação é instrumental, pois o consumo é meio para outros fins (HOLT, 1995). São exemplos de trabalhos nessa linha o de rituais de consumo de Rook (1985), os processos de formação do eu estendido (por exemplo, BELK, 1988) e os rituais de troca de McCracken (1986).

O consumo como classificação também tem ação instrumental, mas sua estrutura é de ações interpessoais, onde os objetos de consumo são um meio para a interação dos indivíduos. De acordo com essa metáfora, o consumo é visto como ferramenta para classificação dos consumidores, via os significados incutidos nos bens de consumo em questão. Um dos pioneiros nessa linha de estudos foi Levy (1959) ao tratar do valor simbólico dos bens de consumo. No entanto, os estudos desenvolvidos com essa ótica geralmente se restringiram a tratar de como os significados são construídos e no entendimento desses significados, sem que se tenha buscado entender a classificação cultural decorrente desse consumo (Holt, 1995).

A quarta e última metáfora de consumo é a do consumo como teatralização, em que os consumidores assumem papéis em uma interação de consumo que tem um fim em si mesmo – ou seja, é uma ação autotélica e interpessoal. Essa metáfora foi proposta por Holt (1995) em complementação às outras três já presentes na literatura. A partir das observações de espectadores em jogos de baseball profissional, Holt (1995) destacou dois tipos de teatralização: a comunhão, em que os consumidores participam juntos do consumo, e a socialização, em que interagem partilhando comentários e demonstrando emoções.

2.3. Consumo, identidade e *Self* estendido

Para entender de que forma os modos de consumo, em especial o compartilhamento, atuam no contexto da família estendida, é preciso recorrer à literatura sobre consumo, identidade e *self* estendido.

Jenkins (2008) aponta para a temática da identidade como central aos indivíduos. A identidade é o processo básico de distinção entre os indivíduos, tanto no nível individual, quanto no coletivo. Identidade é o que responde à pergunta “Quem sou eu?” (BAUMAN, 2005, p. 75) e não é pré-determinada, sendo formada ao longo do tempo (BAUMAN, 2005; JENKINS, 2008), em um processo contínuo de identificação, de “estar” e de “se tornar” (JENKINS, 2008, p. 5). A formação da identidade se dá dentro do contexto social, determinada por fatores ambientais e também do indivíduo, por sua personalidade e características psicológicas (RANSOME, 2005), em um processo de diferenciação para com os demais indivíduos (JENKINS, 2008). Cada indivíduo tem o seu *self*, a sua identidade, não sendo possível chegar a uma definição universal, aplicável a uma determinada cultura ou à sociedade como um todo (BELK, 1988, 1990).

Há uma distinção entre as identidades escolhidas e as identidades impostas. Muitas vezes conflitantes e simultâneas, elas podem criar algum desconforto. É possível aprender a suavizar estes conflitos, de forma a proteger as identidades escolhidas. No entanto, a identidade escolhida deve ser conquistada, por meio de esforço e luta (BAUMAN, 2005).

Outro conceito relevante é o de identidade coletiva, que pode estar relacionado a qualquer grupo social a que o indivíduo pertença e com o qual tenha estabelecido fortes vínculos, como a família, o clã, a comunidade, ou a nação. As identidades coletivas podem ser heterogêneas dentro dos grupos e podem se modificar ao longo do tempo e em contextos diferentes (JENKINS, 2008). Cohen (2002) atribui um valor especial para a “construção simbólica” da comunidade, configurando seu elemento de união. Os símbolos e os rituais contribuem para gerar o sentimento de pertencimento à comunidade.

Na pós-modernidade ocorreu uma fragmentação da identidade, ocasionada por mudanças profundas e estruturais na sociedade. Se, antes, o indivíduo era unificado e tinha uma identidade fixa, ele então passou a ter uma identidade fragmentada e sujeita à formação de novas identidades multifacetadas, muitas vezes até mesmo antagônicas (HALL, 2005). O processo de renovação e troca das identidades é então parte da vida dos indivíduos, em um processo sem fim. A sociedade da pós-modernidade deixa de ser uma “sociedade de produtores” para se tornar uma “sociedade de consumidores”, em torno de sua capacidade de consumir (BAUMAN, 2005). A palavra de ordem passa a ser “flexibilidade” e os “interesses comuns” perdem espaço (BAUMAN, 2001). Neste processo de mudança dos elementos formadores da identidade, Ransome (2005) discute a ideia de que, em grande parte do mundo ocidental industrializado, a identidade dos indivíduos tem se mostrado mais relacionada ao consumo do que ao trabalho.

Belk (1987a) ressalta que a relação entre identidade e consumo muda ao longo dos diferentes momentos de interação do consumidor com o objeto de consumo. Os objetos são originalmente fabricados de modo desassociado à identidade dos consumidores individuais – o que encontra seu paralelo no modelo de transferência de significado de McCracken (2003). A aquisição ou uso do objeto cria significados que podem ser únicos para quem os usa. Assim, a identidade afeta o consumo – tanto as escolhas de consumo, como os significados decorrentes. Mesmo que não ocorra a propriedade efetiva do bem, pode ocorrer o mesmo processo, bastando que haja uma apropriação mental do objeto.

Para Bauman (2005), o indivíduo pode adquirir os objetos que caracterizem a identidade escolhida, como roupas e acessórios, ainda que limitado pela sua renda disponível. Os bens servem como “uma das maneiras através das quais os indivíduos satisfazem a liberdade e a responsabilidade de sua autodefinição (...) pela sistemática apropriação das propriedades significativas dos bens” (McCRACKEN, 2003, p. 119). Estas identidades podem ser “vestidas” por quanto tempo se queira e então trocando por outras, como quem escolhe roupas de um guarda-roupas (BAUMAN, 2005).

Um conceito fundamental para o entendimento do consumo compartilhado nas famílias é o do “*self* estendido” (“*extended self*”) de Belk (1988) a partir da ideia de que os objetos e posses – portanto, o consumo – são parte do processo de construção da identidade. O autor define o *self* estendido como os bens, pessoas, lugares ou mesmo partes do corpo e órgãos vitais que ajudam a criar a identidade de um indivíduo e que são, também, uma manifestação exterior de sua identidade. Os indivíduos são também, portanto, aquilo que possuem. O processo de extensão do *self* pode ocorrer de forma consciente ou inconsciente, e de forma intencional ou não. A extensão pode ocorrer no nível individual e também no coletivo, como no âmbito familiar, de comunidades, grupos, ou até mesmo nações.

Para Mittal (2006), os processos de extensão do *self* podem ser agrupados em seis categorias. A primeira categoria é a livre escolha do que se está adquirindo, por exemplo a escolha da marca de uma roupa. A segunda é o investimento de recursos na aquisição de bens. Ao se investir dinheiro, tempo ou energia na aquisição de um bem, ele tende a se ligar mais à identidade do indivíduo que o comprou. Estas duas primeiras categorias ocorrem antes da posse propriamente dita do bem. A terceira forma ocorre pelo investimento de recursos no uso do bem, como no caso da sua customização. A quarta categoria é a ligação formada pelo uso ou convívio com o produto, como no caso dos animais de estimação. A quinta é a categoria das coleções, que demandam grande investimento de tempo, dinheiro, energia e, em muitos casos, dinheiro para sua compilação. A última categoria é a das memórias, composta por objetos que remetem à biografia do indivíduo, fazendo parte da sua história.

Belk (1988) considera a família imediata como sendo a camada de *self* estendido que vem logo após a do próprio indivíduo, ao que denomina nível familiar da extensão do *self*. É nessa camada que geralmente ocorre a maior parte do compartilhamento (Belk, 2010). Logo após, vem a família estendida ampliada, onde também ocorre compartilhamento, mas possivelmente em um menor grau (BELK, 2010).

2.4. Modos de consumo

Diversas são as definições de consumo encontradas na literatura e respaldadas por diferentes áreas de estudos, como economia, sociologia, antropologia e assim por diante. A definição proposta por Warde (2005) serve de ponto de partida para a discussão tratada no presente tópico:

Consumo é um processo em que agentes se engajam em apropriação e apreciação, seja por propósitos utilitários, expressivos ou contemplativos, de bens, serviços, desempenhos, informações ou ambientes, sejam eles comprados ou não, sobre os quais o agente tem algum grau de discricção. (Warde, 2005, p. 137)

Quatro pontos se destacam na definição de Warde (2005). O primeiro é o foco na apropriação e na apreciação de bens. Ou seja, o consumo refere-se ao acesso e ao uso dos bens. O segundo ponto diz respeito à forma de apropriação: para se considerar consumo, os bens não precisam necessariamente ter sido comprados. O terceiro destaque está no envolvimento de agentes que se engajam no processo de consumo, agentes esses que têm algum poder de decisão sobre a apropriação e/ou a apreciação do bem. Finalmente, o quarto ponto trata das características dos bens de consumo: podem ser de diferentes naturezas, como bens materiais, serviços, ambientes, experiências e assim por diante.

Seguindo essa definição, há diferentes possibilidades de modalidades de consumo. Os termos “modos de consumo” e “modalidades de consumo” não estão cunhados de forma clara na literatura de Comportamento de Consumidor, mas são empregados no presente estudo de forma intercambiável e com o sentido de descrever processos alternativos de consumo, a saber, de apropriação e apreciação de bens. Exemplos de modalidades de consumo que são amplamente tratados na literatura são o presentear – cuja teoria ganhou forte impulso nos estudos da CCT – e as compras de mercadorias – muito presentes na literatura derivada da Economia, mas não se restringindo a ela. Belk (2010) utiliza diferentes termos para os modos de consumo. Além desse termo, refere-se também a “mecanismos de aquisição e troca” e “formas de distribuição econômica”.

Marcel Mauss (1974) foi um dos precursores do estudo da dádiva, que inspirou parte da literatura de marketing sobre o presentear. O antropólogo estudou a dádiva nas sociedades tribais. Em suas observações, verificou que o ato de presentear refletia uma relação de expectativas sociais quanto aos indivíduos presentear, receberem presentes e retribuírem presente recebidos. Desta forma, a dádiva não deveria ser olhada como um ato isolado de transferência da posse de um bem dado a outro indivíduo, e sim como um intrincado processo social, podendo estar ligado a questões hierárquicas, de *status* e até mesmo religiosas. A dádiva foi vista também como um dos meios de se manter a paz entre diferentes tribos ou dentro delas. Desta forma, também o presentear pode ser considerado uma experiência que não se restringe ao valor econômico dos bens utilizados na troca, sendo também um fenômeno social e cultural.

A partir destas observações, pode ser feita uma distinção entre trocas econômicas (como a compra de um bem sem que haja uma relação social entre os participantes da transação) e trocas simbólicas, em que estão incluídas as dádivas ou os presentes. Nas trocas simbólicas, o valor do bem transcende o valor econômico, sendo provido de significação geralmente intangível e, portanto, de difícil determinação monetária. A distinção entre troca de presentes e troca econômica está bem trabalhada na literatura. No entanto, o mesmo não pode ser dito de outro modo de consumo, o compartilhamento (BELK, 2010).

Belk (2010) chama a atenção para o compartilhamento como uma forma distinta de transferência de bens – diferente das trocas econômicas ou dos bens transferidos pelo presentear ou ser presenteado. Apesar de lembrar que o compartilhamento é uma prática comum em qualquer sociedade, o autor destaca que o tema foi praticamente ignorado pela literatura, tendo sido tratado apenas marginalmente em estudos sobre práticas de consumo. Ele indica algumas possíveis razões para tal “omissão”, por parte do corpo acadêmico, em estudar o compartilhamento. Uma das razões seria a literatura ver o compartilhamento como sendo uma das manifestações de outras formas de transferência de bens, a saber: o presentear e a troca de bens comuns. Outra razão é que o compartilhamento é menos visível por ser mais característico do mundo privado, ocorrendo mais dentro dos lares e círculos familiares, do que do mundo exterior. Uma terceira razão seria pelo fato de o compartilhamento acontecer nos movimentos rotineiros dos indivíduos, sendo menos demarcado, por exemplo, do que o presentear, que ocorre em ocasiões especiais e envolve demarcações

mais visíveis como o embrulho do presente e o ritual de entrega e recebimento do bem.

Com o intuito de ilustrar o compartilhamento como destacado dos demais modos de consumo, Belk (2010) usa protótipos para descrever o compartilhamento, o presentear e a compra de mercadorias. O autor então lista características encontradas na literatura para descrever o que ele acredita que sejam associadas a cada um dos protótipos propostos. Ele alerta que as características listadas não são classificatórias *per se*, mas que, assim como as características familiares não são marcadas por um único ponto de similaridade, deve-se olhar o conjunto de características e julgar se aquele indivíduo parece pertencer a uma determinada família – ou, no caso dos modos de consumo, se aquela modalidade é mais parecida com o que propõe para um protótipo ou para outro.

Para o compartilhamento, o autor propõe dois protótipos: a maternidade e o uso comum de recursos pela família. Na maternidade, o compartilhamento é exemplificado pelo próprio corpo da mãe desde a gestação, até a amamentação e os cuidados gerais após o filho nascer. A mãe compartilha com o filho o seu corpo e os seus cuidados. Já o uso comum dos recursos da família refere-se ao livre acesso que os membros de uma mesma família têm aos recursos comuns, como alimentos, móveis e espaços da casa.

O protótipo usado por Belk (2010) para a troca econômica ou para a compra de mercadorias é a compra de pão em uma loja, utilizando-se dinheiro como forma de pagamento. Para funcionar como protótipo para este modo de consumo, deve-se supor que não haja outros interesses na realização da compra e venda além da simples troca de dinheiro por pão, constituindo uma transação puramente comercial. Não há uma relação pessoal envolvida, e o evento se encerra em si mesmo, sem provocar novos direitos ou obrigações.

Finalmente, para a atividade de presentear, o protótipo usado pelo autor é o do “presente perfeito”, um item hipotético com as características de ser “imaterial (o pensamento conta mais do que a manifestação material), sem preço (removido das considerações monetárias de uma troca de mercadorias) e não impõe obrigação de um presente em retorno” (BELK, 2010, p. 718). Diversos autores, incluído o próprio Belk (2010), defendem, no entanto, que não existe um presente perfeito, e que socialmente o ato de presentear gera uma obrigação futura de reciprocidade (por exemplo: SHERRY, 1983). No entanto, para efeitos da proposta de protótipos para caracterizar os modos de consumo, o presente perfeito, mesmo hipotético, cumpriria adequadamente esse papel.

Para cada um dos três modos de consumo e seus protótipos correspondentes, Belk (2010) exhibe uma lista de características que servem para diferenciar os três modos de consumo. As características listadas não são classificatórias per se, mas devem ser consideradas em conjunto, de forma similar a quando se avalia se um indivíduo parece pertencer a uma determinada família. As contraindicações listadas para cada modo ajudam nesse processo de classificação, indicando o que não seria típico daquele modo de consumo. Por fim, lista casos excepcionais que, apesar de não apresentarem as características típicas do modo de consumo em questão, ainda assim poderiam ser classificadas como pertencentes a ele (Quadro 2.4).

Quadro 2.4 – Protótipos e características

	Compartilhamento	Presentear	Compra de mercadorias
Protótipo	1. Maternidade 2. Alocação de recursos da casa	Presente perfeito (Della e Jim em “ <i>The Gift of the Magi</i> ”)	Comprar pão em uma loja com dinheiro
Características	Não recíproco Ligações sociais com outros Posse compartilhada ou direito de uso ³ <i>de facto</i> ou <i>de jure</i> Dinheiro é irrelevante Objetos singulares Dentro da rede (<i>networked</i>) Intransferível ⁴ Pessoal Dependente Contexto de compartilhamento Reprodução social Não cerimonial Amor, carinho	Não recíproco em aparência; troca recíproca na prática Não obrigatório na aparência; obrigatório na prática Transferência de propriedade O pensamento conta Sacrifício, luxo Agradar o recipiente Não fungível Singulariza objetos Embrulhos; cerimônia Desequilíbrio duradouro Dentro da rede (<i>networked</i>) Intransferível ⁵ Pessoal; dependente Contexto de presentear/formação de aliança Relações qualitativas entre pessoas Agradecimentos	Recíproco Troca equilibrada Sem obrigações duradouras Transferência de propriedade Monetário Não singular Mercadorias divisíveis Cálculo Inspeção Transferível ⁶ Impessoal Independente Contexto de troca/permuta Relações quantitativas entre objetos
Contraindicações	Expectativas de reciprocidade Débito monetário formal Cumprimento forçado Troca Agradecimentos	Aparição de preocupação com reciprocidade Presente retornado rapidamente Presente demasiadamente generoso Escrutínio ou inspeção do presente Pedido de presente	Amor, carinho Relacionamentos incorporados Dinheiro com significado social (ex.: herança) Agradecimentos
Exceções	Emprestar e pegar emprestado Alguns cuidados remunerados Caridade anônima voluntária	Exceções de idade e riqueza Presentes em dinheiro; vales-presentes Caridade mandatária (ex.: Zakat)	Bens de segunda mão Marketing de relacionamento Proibições de usura; banco Shariah

Fonte: Belk (2010, p. 721)

³ Optou-se por traduzir “*usufruct*” por “uso”, pois não se refere ao sentido jurídico do termo.

⁴ Idem em relação à tradução de “*inalienable*” por “intransferível”.

⁵ Idem.

⁶ Idem em relação à tradução de “*alienable*” por “transferível”.

A primeira característica utilizada por Belk (2010) na discussão da diferenciação entre os modos de consumo é a reciprocidade. Sahlins (1972) descreve a reciprocidade como sendo um contínuo de formas. Em um extremo, considerado moralmente positiva e solidária, está a reciprocidade generalizada. Ela ocorre quando o bem é fornecido altruística e voluntariamente e não se espera receber nada em retorno. Pode até gerar uma obrigação por parte de quem recebe, mas “não fica estipulada no tempo, quantidade ou qualidade: a expectativa de reciprocidade é indefinida” (p. 194), pois vai depender das necessidades futuras e se quem antes recebeu pode então lhe dar. No outro extremo, fica a reciprocidade negativa, de cunho moralmente negativo, pois refere-se ao aproveitamento em interesse próprio, mesmo que em detrimento de outros. Entre esses dois extremos do contínuo, fica a reciprocidade equilibrada, em que se espera retorno de igual valor pelo que se entrega, como ao se concordar comprar um produto pagando-se o valor estipulado. Sahlins (1972) salienta que o contínuo onde pousa a reciprocidade não é apenas em relação ao equilíbrio material da troca, mas também reflete a distância social entre os atores da troca: a reciprocidade generalizada tende a ocorrer em grupos coesos onde há forte sentimento de confiança, enquanto que a reciprocidade negativa tende a acontecer em situações de maior distanciamento social.

Avaliando-se a questão da reciprocidade e os modos de consumo propostos por Belk (2010), a compra de mercadorias implica em reciprocidade pela sua natureza: uma parte entrega os recursos (dinheiro) em troca do bem que está sendo adquirido (no exemplo do protótipo proposto, o pão). Em relação ao presentear, foi amplamente discutido pela literatura se essa prática incorre em reciprocidade. A linha assumida por Belk (2010) é que o presentear na aparência não seria recíproco, pois é um movimento de se entregar um bem de um indivíduo a outro, mas que há uma reciprocidade na prática, pois o recebedor do presente fica com uma dívida moral com quem o presenteia e é geralmente esperado que retribua futuramente o gesto.

Já do compartilhamento não se esperaria reciprocidade, sendo respaldado por Benkler (2004, p. 275), que se refere a compartilhamento como um “comportamento pró-social não recíproco”. Para Belk (2010), os protótipos escolhidos para compartilhamento refletem a falta de expectativa de reciprocidade – a mãe compartilhar seu corpo e seus cuidados com o filho, assim como os bens da casa, de forma natural e sem esperar que ele faça o mesmo naquele momento por ela.

Há, no entanto, algumas discussões por outros autores vinculando os cuidados dos pais com os filhos a um interesse futuro de que os filhos passem a cuidar deles quando estiverem mais velhos. Belk (2010), referindo-se à sociedade norte-americana, não concorda que esse seja o caso mais comum, exemplificando que geralmente o retorno financeiro dados pelos filhos aos pais é menor do que o que foi investido neles, além de cada vez menos os pais morarem com os filhos quando envelhecem. A ausência de expectativa de reciprocidade é o que Widlok (2004, p. 60) se refere por compartilhamento ser uma “virtude que se realiza por si mesma, para prover pessoas com uma parte [share]”. Widlok (2004, p. 61) acrescenta que “compartilhamento não é apenas uma transferência desbalanceada, é completamente unilateral e portanto não recíproca de forma alguma”.

Em termos de ligações sociais, compartilhamento e compra de mercadorias se diferenciam por o primeiro ser um ato que gera ligações entre indivíduos e praticado dentro de grupos ou comunidades, podendo criar sentimentos de solidariedade e de ligação emocional entre aqueles que participam do compartilhamento. Já a compra de mercadorias geralmente não cria laços, limitando-se a ser um relacionamento transacional, restrito ao momento de compra do bem, sem gerar obrigações duradouras. Não há uma expectativa de relacionamento posterior entre os atores participantes da compra de mercadorias. É uma troca equilibrada em que se paga o valor acordado pela mercadoria e essa é entregue pelo montante pedido. O presentear, por sua vez, de forma análoga à questão da reciprocidade, na aparência não gera uma obrigação social, pois o ato é referente a um presente específico, mas gera uma obrigação social na prática, pois coloca o recebedor em dívida junto a quem lhe deu o presente, nutrindo algum grau de relação social entre eles por meio de um desequilíbrio duradouro sobre as dívidas incorridas no recebimento de presentes por outros (BELK, 2010).

Tanto no presentear, quanto na compra de mercadorias, há uma transferência de propriedade do bem. No presentear, o bem presenteado deixa de ser de quem o deu para ser de quem o recebeu. Na compra de mercadorias, deixa de ser do vendedor e passa a ser do comprador. No compartilhamento, no entanto, Belk (2010) indica uma posse compartilhada entre aqueles que participam do compartilhamento. Ocorre o direito de usufruto de direito ou de fato e os bens são posses comuns, podendo inclusive gerar responsabilidades por quem compartilha o bem, como cuidar dele e retorná-lo à disposição dos demais membros do grupo em estado adequado para um novo uso.

As características do bem também diferem entre os três modos de consumo. No presentear, busca-se um bem que possa transmitir um conjunto de significados. Não é o valor monetário que conta, e sim o pensamento colocado na busca do presente e o que o bem representa – muitas vezes, indicando sacrifício na busca pelo presente perfeito. O valor monetário do bem é inclusive escondido, costumando-se retirar etiquetas de preço e até mesmo em alguns casos as referências a onde o presente foi comprado. Como é escolhido para indivíduo e ocasião específicos, o bem é não fungível, ou seja, não é substituível por outro similar, inculdo do significado a ele atribuído durante o ritual de presentear. O presente é geralmente envolto em um embrulho e entregue em uma cerimônia, mesmo que informal, fazendo com que o bem sendo dado fique ainda mais singularizado. Já na compra de mercadorias, o aspecto monetário tem maior relevância e o valor de mercado do bem não seria teoricamente alterado se comprado de um ou de outro vendedor. Ao contrário do presente, em que não é geralmente adequado que se inspecione o bem ao recebê-lo (no dito popular, “de cavalo dado, não se olha os dentes”), na compra de mercadorias esse ato pode inclusive fazer parte do processo da aquisição do bem. Já o compartilhamento envolve objetos singulares e, portanto, não facilmente substituíveis por outros genéricos. Outra forma de caracterizar essa relação é dizer que o valor simbólico dos bens compartilhados ou presenteados são dependentes dos indivíduos envolvidos, enquanto que na compra de mercadorias o valor do bem é independente de quem participa do processo (BELK, 2010).

O compartilhamento ocorre dentro da rede de relacionamentos, assim como o presentear, visto que ambos os modos de consumo estão pautados em relacionamentos sociais. Associada a essa característica está a inalienabilidade dos bens envolvidos. Por a transferência de bens ocorrer dentro de relações sociais, não é comum que sejam vistos como mercadorias que possam ser alienadas ou passadas adiante para terceiros. Em oposição, está a compra de mercadorias. Por ser uma relação impessoal entre o comprador e o vendedor e o item ser uma *commodity*, ele é alienável. Pode-se imaginar, por exemplo, o comprador revendendo o item a um outro indivíduo (BELK, 2010).

O compartilhamento geralmente é um comportamento ensinado dentro da família e é aprendido por um processo de reprodução social. Nas culturas ocidentais, o compartilhamento não costuma acontecer naturalmente e, para ser incorporado, deve ser ensinado às crianças (BELK, 2007). Diferentemente do presentear, não há cerimonial envolvido, nem são comuns os agradecimentos por alguém compartilhar algo com outrem. O presentear acontece por relações “qualitativas” entre indivíduos, gerando a reciprocidade na prática. Já a compra de mercadorias ocorre em um contexto de relações “quantitativas” entre objetos, em que são avaliados por seu valor de mercado e é feita uma troca ou uma permuta entre bens e valores monetários, não havendo o estreitamento de laços sociais (BELK, 2010).

Como características que sinalizam contraindicações para cada um dos modos de consumo, estão aquelas típicas dos demais modos de consumo. Por exemplo, se há uma expectativa de reciprocidade, a prática não deveria ser caracterizada como compartilhamento. Da mesma forma, se ocorre um cumprimento forçado ou mesmo um agradecimento. Não seria um presentear se houvesse o pedido de um presente ou um presente desproporcional, que colocasse em risco o processo de retribuição do presente em uma situação futura. Também não seria uma compra de mercadorias, caso envolvesse amor ou carinho no ato da compra do bem (BELK, 2010).

Belk (2010) destaca ainda situações de exceção para cada um dos modos de consumo, por fugirem em algum grau da caracterização típica que fez, mas ainda assim sendo classificados como um ou outro modo de consumo. O autor considera como uma forma de presentear as caridades mandatárias, os presentes em dinheiro ou em vales-presente que, apesar do valor monetário explícito e de eventualmente não denotarem um esforço na busca do presente perfeito, são uma forma de presentear. Também coloca como exceção as situações em que se presenteia sem que se incorra em obrigação futura de reciprocidade, como no caso de recebimento de presentes por crianças, ou dados por alguém de situação financeira bem superior a quem recebe. No caso da compra de mercadorias, um exemplo de exceção seria a compra de bens de segunda mão, apesar de deixarem de ser totalmente impessoais por conta da “contaminação” pela identidade de quem antes possuiu o bem, é, ainda assim, considerada uma compra de mercadorias.

Especificamente sobre o compartilhamento, são citadas três exceções. Alguns cuidados remunerados, como no caso de cuidadores (babás, enfermeiros) que passem a fazer parte do círculo familiar, podem ser considerados compartilhamento, assim como a caridade anônima voluntária, geralmente feita em dinheiro, mesmo que com valor aparente e que seja feita de forma mais pessoal. A terceira exceção que o autor coloca como um caso de compartilhamento é o emprestar e o pegar emprestado, classificação essa tratada de forma diferente por alguns autores, como Tinson e Nuttall (2007) e Jenkins, Molesworth e Scullion (2004). Esses autores consideram o emprestar (e tomar emprestado) como sendo um modo de consumo distinto do compartilhamento. Belk (2010) justifica sua posição pelo fato de não envolver reciprocidade, mesmo tendo características do ato de presentear, por gerar um agradecimento. Em relação a estes pontos, Tinson e Nuttall (2007) concluíram, com base em seu estudo, que há alguma expectativa de reciprocidade em empréstimos entre irmãs, o que contribui para diferenciarem o modo de empréstimo daquele de compartilhamento.

Jenkins, Molesworth e Scullion (2014, p. 131) propõem que o emprestar é um modo de consumo separado dos demais, inclusive do compartilhamento. Definem o emprestar como “uma forma de acesso não mediada pelo mercado, baseada em dois princípios: a natureza temporária da posse (tempo limitado com/acesso ao objeto para quem pega emprestado) e a ausência de posse (posse sem propriedade para quem pega emprestado)”. Com o emprestar, a propriedade e a posse ficam destacadas uma da outra: quem empresta permanece com a propriedade, mas fica sem a posse do bem enquanto emprestado, e quem pega emprestado não tem a propriedade mas tem a sua posse temporária. O empréstimo atua na formação e manutenção de relacionamentos, portanto afetando o *self* estendido em forma análoga à proposta por Belk (2010), mas diferenciando o emprestar do “consumo baseado no acesso”, tratado por Bardhi e Eckhardt (2012) e, detalhado mais adiante.

Em seu estudo sobre as trocas de roupas entre adolescentes de um mesmo grupo social, Gentina (2014) usa distintamente os termos compartilhar e emprestar (ou tomar emprestado), mas não esclarece o conceito que utiliza por trás de cada um dos termos. A autora analisa as práticas de trocas de roupa entre amigas de acordo com seus papéis no grupo, verificando que em algumas situações as roupas são compartilhadas e, em outras, emprestadas. Por exemplo, as adolescentes que fazem parte de grupos pequenos e fechados compartilhavam roupas entre si livremente como parte de sua socialização.

Outras, chamadas de isoladas pela autora por não serem ponto focal no grupo ou terem laços menos fortes com as demais, usavam de recursos como pedir roupas emprestadas às demais como forma de lidarem com sentimentos de solidão. Um terceiro papel observado pela autora foi de representantes de grupo, pertencentes a grupos menos coesos e fechados que o do primeiro caso, que, muitas vezes, limitavam-se a emprestar roupas e não a compartilhá-las, de modo a enfatizar seu papel de liderança no grupo e preservar sua característica de exclusividade.

A diferenciação entre compartilhar e emprestar parece não ser tão conclusiva mesmo para Belk (2010). O autor classifica o emprestar como forma limite de compartilhamento. No entanto, ele não apenas cita como um caso de exceção de compartilhamento, como comenta que, “apesar de ser um uso temporário de bens duráveis de mão única (isto é, não recíproco), tem alguns elementos de presentear. Desde que não seja um ‘empréstimo velado’, provavelmente geraria um agradecimento” (p. 717). Belk (2010, p. 728-729) ainda sugere como tema a ser melhor investigado “como os consumidores contemporâneos distinguem compartilhamento, pegar emprestado/emprestar, presentear e troca de mercadorias”, citando portanto o emprestar e pegar emprestado como um modo de consumo destacado dos três com que trabalha – compartilhar, presentear e comprar.

Em trabalho posterior, Belk (2014) mantém sua posição sobre considerar o empréstimo como um caso limite de compartilhamento. Acrescenta que, no caso do empréstimo, há uma expectativa de devolução do bem. No entanto, ressalta situações em que o termo emprestar é empregado como um eufemismo para o compartilhar. No exemplo que dá, quando um aluno pede a outro uma página de caderno emprestada, nenhuma das partes na prática espera que ela seja devolvida.

Outros autores usam o termo compartilhar de forma intercambiável com presentear. Giesler (2006), por exemplo, trata de sistemas de trocas de presentes entre consumidores, dando como exemplo o compartilhamento de músicas pela internet via Napster. Há ainda o emprego do termo compartilhar como equivalente a outros conceitos, como o de aluguel de imóveis (por exemplo, WEBER, 2014).

Bardhi e Eckhardt (2012, p. 881) propõem um modo de consumo adicional: o “consumo baseado no acesso”, definido como “transações que podem ser mediadas pelo mercado, nas quais não ocorre a transferência de propriedade”. É similar aos programas de compartilhamento comercial trabalhados por Lamberton e Rose (2012, p. 109), definidos por “sistemas gerenciados pelo mercado que dão aos clientes a oportunidade de aproveitar benefícios de produtos sem a sua propriedade”. Um exemplo desse tipo de consumo é o chamado de compartilhamento de carros como forma de negócio, como o já mencionado Zipcar, em que os consumidores têm acesso temporário aos carros da empresa mediante o pagamento de uma taxa de adesão. Outros exemplos são o AirBnB, que reúne anúncios de imóveis para locação (relação entre consumidores intermediada por uma empresa) e sistemas de armazenagem de dados na rede, como o Dropbox. Os consumidores podem assim ter acesso a bens que não podem comprar ou que não se interessam em ter a propriedade.

Nesse modo de consumo, os consumidores não são donos do bem, nem se sentem como tais, diferentemente do compartilhamento, quando é comum haver um sentimento de posse comunitária. A motivação para o consumo baseado no acesso é pautada no interesse próprio e nos benefícios utilitários promovidos pelo uso do bem, novamente divergindo do compartilhamento, que tem características pró-sociais e altruístas. Além disso, há um sentimento de reciprocidade negativa, ou seja, os consumidores agem em benefício próprio e assumem que os demais fazem o mesmo, sem se sentir em dívida com eles, com a empresa, ou com o bem ao qual têm acesso. Reunindo essas características, os autores defendem que o consumo baseado no acesso seria diferente do compartilhamento, se aproximando mais do modo de consumo de compras de mercadorias, porém distinto também desse por não haver transferência da propriedade do bem acessado (BARDHI; ECKHARDT, 2012).

Estudos posteriores à publicação do artigo de Belk (2010) abordam a distinção entre os três modos de consumo propostos pelo autor. Um dos trabalhos é o de Arsel e Dobscha (2011), em que analisam o Freecycle, uma organização que facilita a troca de bens dentro de comunidades locais com o intuito de reduzir o descarte de bens e sem haja remuneração financeira por passar adiante um bem que possuíam. Em sua análise, veem no Freecycle características de cada um dos três modos de consumo, reforçando o que Belk (2010) destacou como os limites entre os três modos de consumo poderem ser confundidos em determinadas situações.

Assumindo-se o presentear e o consumo baseado no acesso como dois modos de consumo adicionais aos três propostos por Belk (2010), chega-se a cinco modos de consumo, a saber: compartilhamento, presentear, compra de mercadorias, emprestar e consumo baseado no acesso. Um resumo das principais características consideradas como determinantes na diferenciação entre os modos de consumo são apresentadas no Quadro 2.5. Essas características são: a propriedade, a posse, a mediação pelo mercado e a reciprocidade geralmente envolvida.

Quadro 2.5 – Modos de consumo resultantes da literatura

Modos de Consumo	Compartilhamento	Presentear	Compra de mercadorias	Consumo baseado no acesso	Emprestar
Referências principais	Belk (2010)	Belk (2010)	Belk (2010)	Bardhi e Eckhardt (2012)	Tinson e Nuttal (2007); Jenkins, <i>et al.</i> (2014)
Propriedade	Conjunta	De quem recebe (transferida)	De quem recebe (transferida)	De quem cede (não é transferida)	De quem cede (não é transferida)
Posse	Conjunta	De quem recebe (definitiva)	De quem recebe (definitiva)	De quem recebe (temporária)	De quem recebe (temporária)
Mediação pelo mercado	Não	Não	Sim	Sim	Não
Reciprocidade	Não recíproco (reciprocidade generalizada)	Recíproco na prática (reciprocidade equilibrada no tempo)	Recíproco (reciprocidade equilibrada)	Recíproco (reciprocidade negativa)	Recíproco na prática (reciprocidade equilibrada no tempo)

Fonte: Elaborado pela autora

O compartilhamento é o foco central do presente estudo. Apresenta-se a seguir uma revisão da literatura sobre compartilhamento, tema ainda pouco tratado pela academia.

2.4.1. Compartilhamento

Pouco foi publicado, na literatura de marketing, sobre compartilhamento entre consumidores, quer por ser incluído nos modos de comprar ou presentear, quer por ocorrer predominantemente na esfera doméstica, privada, ou, ainda, por ser uma atividade rotineira.

O compartilhamento é “o ato e processo de distribuir o que é nosso para outros para o seu uso, assim como o ato e processo de receber algo de outros para o nosso uso” (BELK, 2007, p. 127), uma virtude com fim em si mesma (WIDLÖK, 2004). Compartilha-se o que é privado e também o que é público, como os espaços urbanos (BELK, 2007; VISCONTI *et al.*, 2010). O compartilhamento pode ter durações variadas (BELK, 2007).

Compartilhar é um comportamento aprendido socialmente (BELK, 2007), varia culturalmente e muda conforme o estágio de vida em que o indivíduo se encontra (FURBY, 1980; BELK, 1985). Durante o processo de aprendizado social, os pais comumente impõem o compartilhamento aos filhos e servem como juízes para as eventuais disputas (TINSON; NUTTALL, 2007).

John (2013) propõe separar o estudo do compartilhamento em três contextos interrelacionados: a internet 2.0, as economias de compartilhamento de produção e consumo e as relações interpessoais íntimas. A internet 2.0 constitui-se de serviços baseados no conteúdo gerado por usuários, como Facebook, Wikipedia, YouTube, Twitter e blogs em geral. O compartilhamento do conteúdo pelos usuários é uma atividade central na internet 2.0. As economias de compartilhamento são aquelas em que não se visa ganhar dinheiro pela participação, como no caso do sistema operacional Linux, disponível gratuitamente para quem quiser utilizá-lo ou construir programas com base em seu código, ou em práticas ligadas ao consumo colaborativo, em que são promovidos compartilhamentos, trocas e outras formas de aquisição entre consumidores. O terceiro contexto é o das relações interpessoais íntimas, em que emoções são compartilhadas com outros indivíduos do círculo pessoal e ajudam na solução de problemas. Aqui se incluem não só as relações pessoais, como também os grupos de ajuda. Os três contextos são relacionados entre si. Por exemplo, as emoções podem ser compartilhadas se servindo de redes sociais presentes na internet 2.0; o consumo colaborativo que integra as economias de compartilhamento pode ser viabilizado pela internet ou mesmo estar relacionado a relações interpessoais íntimas.

Um aspecto que permeia os três contextos de compartilhamento propostos por John (2013) é a distinção entre o compartilhamento público e o privado. O advento da internet 2.0 veio associado a uma mudança nas fronteiras do que se compartilha e o que não se compartilha com indivíduos de fora do círculo mais íntimo. Não apenas em relação a emoções, mas também em relação a bens, como no consumo colaborativo, como na locação da casa própria a um desconhecido ou, de forma ainda mais extrema, no *couch surfing*, cujos adeptos aceitam estranhos para dormirem no sofá de sua casa.

Entre as motivações para se compartilhar, está a compensação por benefícios recebidos anteriormente, o “altruísmo verdadeiro” (BELK, 2007, p. 132), ou o “altruísmo barato” (p. 135) – quando não se perde enquanto se divide com outros, relativo a recursos percebidos como ilimitados, como informações ou conchas do mar –, para evitar o desperdício (como ingressos de teatro que não serão usados pelo indivíduo), ou mesmo para se sentir parte de um grupo ou comunidade.

Podem também ser apontados alguns fatores que reduzem ou impedem o compartilhamento. Um primeiro fator a ser destacado é a possessividade ou a ligação com o bem (TINSON; NUTTALL, 2007; BELK, 2007). Outro fator é o materialismo, por meio da sua componente de não-generosidade – indivíduos materialistas estariam menos dispostas a compartilhar (BELK, 1985; RICHINS; DAWNSON, 1992; McKEAGE *et al.*, 1993). Um fator adicional a se considerar é a percepção de escassez do bem, limitando o desejo de compartilhá-lo e funcionando como caso oposto ao altruísmo barato, que incentivaria o compartilhamento (BELK, 2007).

O compartilhamento tem a propriedade de criar uma base comum, contribuindo para a formação da identidade de grupos (WIDLÖK, 2004; BELK, 2007, 2010) e permitindo a economia de recursos (WIDLÖK, 2004; BELK, 2007). O compartilhamento pode ocorrer tanto em situações de fartura, quanto de escassez (BELK, 2007). Gastar dinheiro em experiências compartilhadas socialmente pode resultar em maior valor percebido do que quando gasto em experiências solitárias ou em bens materiais (CAPRARIELLO; REIS, 2013).

Com o uso cada vez mais intensivo e extensivo da internet, as práticas de compartilhamento se tornaram mais comuns e diversificadas. Compartilham-se músicas, filmes, fotografias e fatos da vida privada via redes de relacionamento. Compartilham-se informações sobre turismo, avaliações de produtos e dicas de cuidados da casa e de plantas. Belk (2014) chama a atenção para algumas formas de consumo que seriam falsos compartilhamentos. Mais especificamente, ele cita exemplos de plataformas como BitTorrent e de trocas de fotos pornográficas como tendo características mais de trocas de mercado do que de compartilhamento, pois em ambos os casos é contabilizado o saldo dos usuários entre o que ele fornece e o que obtém por meio dessas redes. No entanto, considera como um compartilhamento facilitado pela internet a transferência ou uso de bens materiais entre consumidores feita, por exemplo, por sites como eBay ou, no similar brasileiro, Mercado Livre.

Belk (2014, p. 1597) distingue “consumo colaborativo” de “compartilhamento facilitado pela internet”. Para o autor, consumo colaborativo consiste de indivíduos “coordenando a aquisição e distribuição de um recurso por uma taxa ou outra compensação”. A diferenciação para compartilhamento está na segunda parte da definição proposta, pois o compartilhamento não envolve algum tipo de compensação monetária ou não monetária. De forma análoga, o autor denomina “falso compartilhamento” empresas que se apropriam do termo compartilhamento mas que, na realidade, são negócios de mercado. Um exemplo seria o modelo de “compartilhamento” de carros Zipcar, considerado por Belk (2014) como um aluguel de carro por um curto prazo, diferentemente do que consideram outros autores (por exemplo, BARDHI; ECKHARDT, 2012) e por ele mesmo, anteriormente, quando classificava como um caso de compartilhamento para fora (BELK, 2010).

2.4.1.1.

Compartilhamento aberto e compartilhamento demandado

A iniciativa de se compartilhar algo pode partir tanto de quem disponibiliza o bem, quanto de quem dele usufrui. Quando solicitado por alguém, leva o nome de compartilhamento demandado (*demanded sharing*) (PETERSON, 1997, 2013; WIDLOK, 2004; BELK, 2010), como no caso de uma criança pedindo comida aos pais (BELK, 2010), ou de um indivíduo pedindo para lhe informarem a hora do dia (BELK, 2014). O compartilhamento demandado é “uma forma de reciprocidade cotidiana assimétrica que coloca uma pessoa nas mãos de outra, para quem a demanda está sendo feita, sem incorrer em dívida” (PETERSON, 2013, p. 167).

O termo compartilhamento demandado é atribuído a Nicolas Peterson (GREGORY, 2012), que teria usado o termo na descrição e análise dos hábitos aborígenes australianos. Para Peterson (1997), a demanda por compartilhamento não seria o oposto de generosidade, nem ocorreria apenas em interesse próprio. Ele mostra que as tribos que estudou se beneficiam inclusive economicamente pelo sistema de compartilhamento que inclui, mas não é exclusivamente composto por, compartilhamento demandado. A demanda pode ser feita de forma verbal ou não verbal. Por exemplo, a comida é compartilhada com quem se aproxime de um local onde ela está sendo preparada, sem que tenha que pedir por comida. Geralmente são as crianças dessa aldeia que se aproximam por comida, exceto em casos de excedentes trazidos à aldeia, em que adultos também praticam o compartilhamento demandado.

O compartilhamento demandado muitas vezes não pode ser negado a quem faz a solicitação. Peterson (1997) relata duas estratégias encontradas entre adultos para não ter que compartilhar algo que seria implicitamente demandado pelos integrantes daquela cultura. Um primeiro caso é o compartilhamento das armas. As armas são presenteadas a mulheres mais velhas por seus filhos ou maridos. Assim, se alguém pede para que as compartilhe, o filho ou o marido pode recusar compartilhá-la, por não lhe pertencer. Outra estratégia, adotada por homens, é gravar sinais sagrados em seus objetos – por exemplo, cachimbos – e cobri-los com tecidos ou papel, o que torna o objeto um tabu.

Diferentemente do compartilhamento demandado, o compartilhamento aberto (*open sharing*) ocorre sem que seja feita uma demanda, como no caso de um membro da família residente na casa que se serve de comida diretamente da geladeira ou da dispensa na sua casa, usa o telefone, senta-se no sofá, sem ter que pedir permissão para fazer essas coisas (BELK, 2010, p. 715), ou quando se diz para uma visita “se sentir em casa” (BELK, 2014). Peterson (1997, p. 175) usa o termo “dar espontaneamente”, no sentido de compartilhar algo sem que tenha sido demandado. O termo “compartilhamento aberto”, aqui adotado, foi empregado por Belk (2010), não tendo sido encontradas outras referências na literatura com esse significado, de contraposição ao compartilhamento demandado.

Nas tribos aborígenes estudadas por Peterson (1997), o compartilhamento aberto pode ser observado, porém é mais frequente que ocorra dentro da intimidade das casas. O autor explica que, para essas tribos, é considerado rude se oferecer algo que não se tenha sido demandado, mas é mais rude ainda recusar algo oferecido. Fora das casas, é mais difícil observar situações em que ocorra o compartilhamento aberto, espontâneo. Belk (2014) também destaca que o compartilhamento aberto ocorre quase que exclusivamente com pessoas conhecidas.

2.4.1.2.

Compartilhamento para dentro e compartilhamento para fora

Quando o compartilhamento é realizado dentro da família estendida ampliada, ou seja, com a família e outros membros do círculo familiar, é chamado de compartilhamento para dentro (*sharing in*) (WIDLÖK, 2004; BELK, 2010). Esse tipo de compartilhamento é o que mais se aproxima dos protótipos de compartilhamento propostos por Belk (2010) para fazer a distinção com os outros dois modos de consumo: o presentear e a compra de mercadorias. Para o autor, o compartilhamento para dentro ajuda a promover a expansão da identidade familiar dentro de seu próprio círculo, por meio do fortalecimento do significado das posses pertencentes ao grupo e pode ser considerada uma forma mais íntima de compartilhamento.

A maior parte do compartilhamento se dá dentro das famílias (BELK, 2007), dentro de suas residências (MONEY, 2007), com características de compartilhamento para dentro. Uma possível explicação é a família compor a camada mais próxima à do indivíduo na sua formação do *self* estendido (BELK, 1988, 2010).

Em um contexto diferente do doméstico, Debenedetti, Oppewal e Arsel (2014) analisam a ligação de consumidores a estabelecimentos comerciais, incluindo as relações com os proprietários e outros indivíduos da rede social do consumidor. Eles consideram ocorrer o compartilhamento para dentro envolvendo esses atores, por exemplo quando os consumidores e os funcionários do local compartilham experiências entre si, aumentando seu grau de familiaridade e conexão.

Quando o compartilhamento é feito com indivíduos que não fazem parte da família estendida ampliada, ele é chamado de compartilhamento para fora (*sharing out*) (INGOLD, 1986, *apud* BELK, 2010). Esse tipo de compartilhamento “envolve dividir algo entre indivíduos relativamente estranhos ou quando intenciona-se que seja um único ato como para trocar dinheiro, informar direções ou a hora do dia” (BELK, 2014, p. 1596). Exemplos de compartilhamento para fora apresentados na literatura são o uso de transportes coletivos e de bens públicos (por exemplo, BELK, 2010; VISCONTI *et al.*, 2010), os sistemas de caronas norte-americanos (BENKLER, 2004), compartilhamento de carros promovido por empresas como o Zipcar, o compartilhamento de músicas online (por exemplo, GIESLER, 2006) e informações e opiniões expressas em blogs de moda (McQUARRIE *et al.*, 2013).

Se o compartilhamento para dentro se aproxima do modo de consumo de compartilhamento mais puro de Belk (2010), o compartilhamento para fora remete a algumas características dos outros dois modos de consumo, o presentear e a compra de mercadorias, e é muitas vezes relacionado a interesses econômicos, sem atuar na expansão da identidade familiar para fora das suas fronteiras originais (BELK, 2010). No entanto, tanto no compartilhamento para dentro como para fora não ocorre a transferência da propriedade do bem compartilhado, nem a expectativa de reciprocidade, aspectos que ajudam a diferenciar o compartilhamento em geral do presentear e da compra de mercadorias (BELK, 2014).

O enfoque dado por Widlok (2004) e Belk (2010) para descrever o limite entre o compartilhamento para dentro e para fora apresenta uma diferença sutil. Enquanto Belk (2010) considera que o limite encontra-se em afetar ou não o *self* estendido do indivíduo ou do grupo familiar, Widlok (2004, p. 61) considera que o compartilhamento para dentro pode ser feito com “qualquer um que esteja por perto no momento”, desde que ocorra para desfrute de quem participa do ato. A questão de se isso afeta ou não o *self* estendido do grupo não é tratado por esse autor.

Compartilhar comida com vizinhos, parentes ou qualquer um que esteja por perto no momento é feito em prol do desfrute comum de qualquer que seja a coisa compartilhada. Compartilhamento, nessa perspectiva, não é primariamente um compartilhamento entre duplas de doador e receptor, mas um compartilhamento para dentro, estendendo o ciclo de pessoas que podem aproveitar os benefícios do recurso compartilhado. (WIDLK, 2004, p. 61)

Alguns autores encontraram situações em que ocorrem simultaneamente o compartilhamento para dentro e para fora. No estudo realizado por Ozanne e Ballentine (2010) sobre usuários de brinquedotecas, os autores encontraram indícios de compartilhamento para dentro, por exemplo pela expressão de comunidade formada pelo grupo de usuários da brinquedoteca, e de compartilhamento para fora, por exemplo na prática de economizar dinheiro com a compra de brinquedos. Um paralelo desses resultados foi encontrado por Ozanne e Ozanne (2011), também estudando o compartilhamento de brinquedos em brinquedotecas. Em seus resultados, eles não empregam os termos compartilhamento para dentro ou compartilhamento para fora, mas trazem indícios de que ambos ocorrem, por exemplo pelas relações promovidas entre usuários, com as crianças brincando ali com seus amigos (compartilhamento para dentro) e acesso a brinquedos ao invés de sua aquisição (compartilhamento para fora).

Albinsson, Wolf e Kopf (2010) também encontraram as duas situações de compartilhamento ocorrendo simultaneamente. Eles estudaram o anticonsumo na região que antes foi a Alemanha Oriental, já depois da unificação do país. Viram que nas práticas relatadas de preferência por bens de segunda mão havia tanto uma expressão de comunidade, que seria um compartilhamento para dentro, quanto refletiam uma forma de sobreviver, dando sentido econômico às práticas de consumo e refletindo um compartilhamento para fora. Em um outro trabalho, Albinsson e Pereira (2012) estudaram mercados alternativos de trocas e consumo colaborativo e também encontraram situações de compartilhamento para dentro e para fora no contexto estudado. O compartilhamento para fora foi observado em relação a novos participantes desses mercados, considerados como tendo seu *self* pouco afetado pelo grupo, enquanto que o compartilhamento para dentro ocorria entre membros participantes que se identificavam entre si e em relação às práticas de consumo propostas pelos mercados alternativos.

O compartilhamento dos recursos pelas famílias funciona como uma posse coletiva dos bens: “seu uso não requer convite, não gera débito e pode envolver responsabilidades, assim como direitos” (BELK, 2010, p. 717). Apesar disto, o uso dos recursos não se dá de forma homogênea nas residências (MARSHALL; WOOLLEY, 1993), nem é igual o poder que cada um exerce nas relações familiares e de uso de bens (TINSON; NUTTALL, 2003). A própria alocação do dinheiro entre marido e mulher pode variar desde um sistema independente, onde cada um tem acesso apenas aos seus próprios rendimentos, até um sistema integrado, com ambos tendo igual acesso à totalidade de recursos (PAHL, 1983). Além disso, as fronteiras do uso dos recursos financeiros podem ser difusas, havendo compartilhamento de dinheiro tanto dentro dos lares quanto para fora (MARSHALL; WOOLLEY, 1993).

2.4.1.3. Dimensões conceituais do compartilhamento

Belk (2010) propõe quatro dimensões conceituais do compartilhamento, de forma a auxiliar na descrição deste fenômeno comportamental. A primeira dimensão diz respeito à possessividade e à ligação que um indivíduo tem às suas posses. Conforme esta dimensão, quando há forte ligação emocional ou significativa possessividade, é esperado que se observe maior relutância em se compartilhar os recursos. No entanto, mesmo que haja forte sentimento de possessividade, algumas coisas só têm sentido se forem compartilhadas. Um exemplo deste caso seriam as experiências dos membros da comunidade de motociclistas da Harley-Davidson (SCHOUTEN; McALEXANDER, 1995).

A segunda dimensão é a questão da independência versus a interdependência. A independência estaria associada, por exemplo, ao materialismo e sua componente de não generosidade. O materialismo pode levar a um menor compartilhamento de coisas, ou a uma independência dos demais em termos de compartilhamento de bens. Também o medo de se sentir dependente de outros pode inibir o compartilhamento. Por outro lado, em culturas onde a interdependência é mais valorizada, como nas culturas orientais, observa-se um compartilhamento mais frequente de bens e rituais (BELK, 2010).

A dimensão seguinte proposta por Belk (2010, p. 278) fala da privacidade, do “*self* que se esvazia” e a pessoa estranha. Nesta categoria, trata-se da questão de os atos de compartilhamento muitas vezes terem características fluidas, como o leite da amamentação ou fluidos corporais por parceiros sexuais. Por meio deles, as identidades de quem compartilha fluem juntas e se fundem. Além disto, compartilhar é demonstrar cuidado com o outro, como os pais que provêm aos filhos.

Por fim, a quarta dimensão conceitual é a do utilitarismo: alguns casos de compartilhamento parecem ter característica mais utilitária, pragmática. Um exemplo dado por Belk (2010) é o de irmãos compartilhando roupas ou bens duráveis. No estudo realizado por Tinson e Nuttall (2007), entre as categorias de itens compartilhados por irmãs, estavam aqueles de maior valor econômico, como forma de não se gastar com mais de um item que poderia ser usado por ambas, como um computador ou o alisador de cabelos.

2.5. Esquema teórico de partida

O tema central do presente estudo é o compartilhamento. Nesse trabalho, é adotada a distinção feita por Belk (2010) entre três modos de consumo: compartilhamento, presentear e compra de mercadorias. No entanto, como Tinson e Nuttall (2007) e Jenkins, Molesworth e Scullion (2014) consideram a prática como sendo um modo de consumo distinta do compartilhamento, o emprestar também é investigado junto aos informantes.

O esquema teórico dos modos de consumo usado como partida para o presente estudo está representado na Figura 2.5. Nela, são exibidos os diferentes modos de consumo tratados na revisão de literatura, destacando-se o ponto focal de estudo (compartilhamento), assim como o emprestar como área de investigação secundária. O esquema teórico mostra o emprestar como um modo de consumo destacado do compartilhamento, como apregoam Tinson e Nuttall (2007) e Jenkins, Molesworth e Scullion (2014), mas separado do compartilhamento por uma linha tracejada no lugar de uma linha contínua, visto que Belk (2010) considera o emprestar como uma das manifestações possíveis de compartilhamento. Os demais modos de consumo tratados na literatura retratada nesse capítulo são mostradas em fundo cinza, por não fazerem parte diretamente do foco de investigação do presente estudo, servindo, no entanto, como contextualização dos modos de consumo e auxiliando na atividade de contra-exemplificação dos modos de interesse.

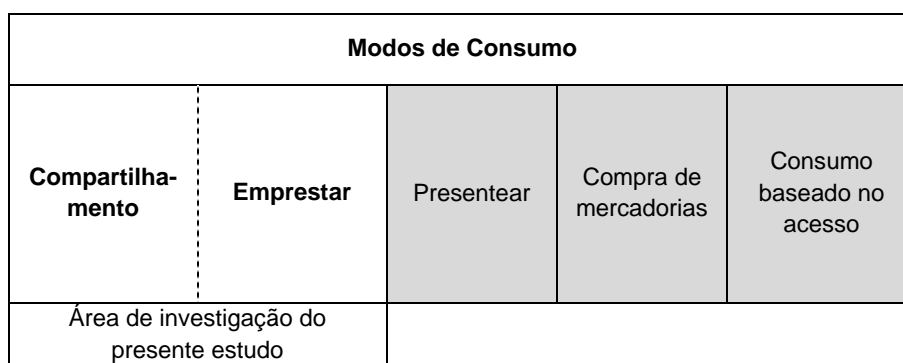


Figura 2.5 – Esquema teórico inicial dos modos de consumo
Fonte: Elaborado pela autora

Em relação às formas de compartilhamento, utilizou-se o esquema conceitual exibido na Figura 2.6. Foram tomados como ponto de partida as formas encontradas na literatura, indicadas nas setas de fundo verde: compartilhamento para dentro, para fora, demandado e aberto. A esse conjunto, foram acrescentadas das duas formas de compartilhamento descritas nas definições de termos no primeiro capítulo do presente trabalho e que tomam por base os limites da residência da família estendida na sua definição: compartilhamento interno e compartilhamento externo.

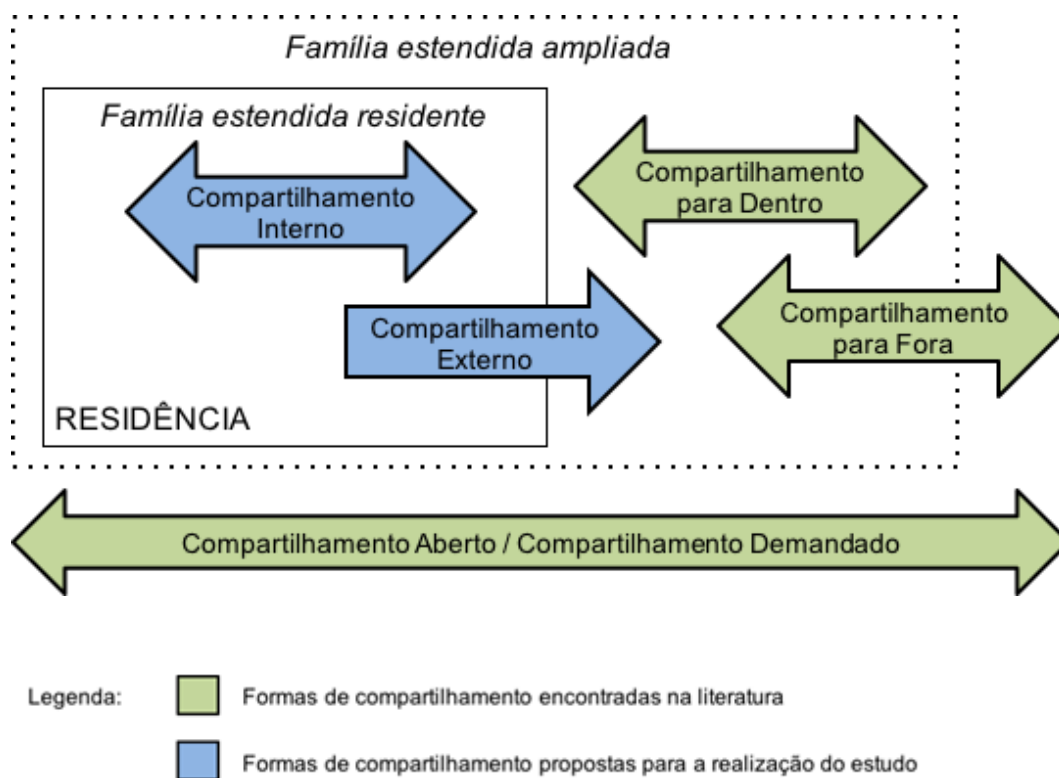


Figura 2.6 – Esquema teórico inicial de formas de compartilhamento

Fonte: Elaborado pela autora

3 Metodologia

Este capítulo apresenta o método adotado, de natureza interpretativa e qualitativa, identificando a filiação do estudo à *Consumer Culture Theory* (CCT). Apresenta-se a seguir a abordagem abdução adotada, que transita entre processos dedutivos e indutivos. A trajetória de pesquisa parte então de uma revisão preliminar da literatura, seguindo-se a imersão no campo, seguida por volta à literatura e confronto constante entre teoria e campo. Apresentam-se ainda os critérios de escolha de informantes, os métodos de coleta de dados e os recursos utilizados para análise. Por fim, são discutidas algumas limitações dos métodos.

3.1. Perspectiva: interpretativa e qualitativa

O estudo adota uma perspectiva interpretativa, em que se busca compreender os “múltiplos significados das experiências individuais, significados construídos socialmente e historicamente” (CRESWELL, 2003, p.18). Neste sentido, busca ir além de aspectos utilitários das práticas de consumo estudadas, desvendando os aspectos simbólicos que lhe são atribuídos por aqueles que delas participam.

Esta tese se insere na linha de estudos da *Consumer Culture Theory* (CCT), discutida no capítulo anterior. Esta linha de estudos em marketing, ainda muito jovem, se contrapõe à perspectiva positivista, dominante na área. Dentro da perspectiva da CCT, o foco está nas dimensões experienciais e socioculturais do consumo, sugerindo como geralmente mais adequada a utilização de métodos qualitativos de investigação. Para os teóricos da CCT, o comportamento do consumidor é um fenômeno cultural, o que leva à necessidade do uso de métodos mais próximos dos interpretativos, de modo a se levar em conta o contexto de consumo e de vida dos informantes (ARNOULD; THOMPSON, 2007).

A pesquisa qualitativa é o método mais comumente eleito pelo pesquisadores que adotam a perspectiva da CCT. No entanto, como observam Strauss e Corbin (2008), o termo “pesquisa qualitativa” pode ser entendido de diferentes formas. Os autores definem a pesquisa qualitativa como aquela que lida com a interpretação de informações brutas, diferentemente de tratamentos estatísticos puros. A pesquisa qualitativa é considerada particularmente apropriada para o entendimento de percepções, motivações, emoções e sentimentos dos indivíduos, assim como dos significados subjacentes a suas ações, porém não se restringindo a tais aspectos (STRAUSS; CORBIN, 2008; DENZIN; LINCOLN, 2000). A falta de disponibilidade de pesquisas que abordem a temática da pesquisa também reforça a opção por métodos qualitativos (CRESWELL 2003; CASOTTI, 2000).

3.1.1. Abordagem abdutiva

Este estudo será realizado de acordo com a abordagem da combinação sistemática proposta por Dubois e Gadde (2002, p. 556), descrita como “um processo não linear, dependente do caminho, de combinação de esforços com o objetivo final de corresponder teoria e realidade”, valendo-se tanto do raciocínio indutivo quanto do dedutivo. A abordagem abdutiva foi considerada particularmente útil ao presente estudo, já que a temática em questão – o consumo compartilhado – não dispõe de uma base teórica sólida, exigindo idas e vindas ao corpo teórico da disciplina, em busca de subsídios oriundos de diferentes temáticas que, ao longo do trabalho, se mostraram úteis como auxiliares à compreensão do fenômeno.

O método parte do pressuposto de que a teoria pode ser entendida a partir de observação empírica, sendo o inverso também verdadeiro, ou seja, a observação empírica deve ser entendida com base em teorias. O método da combinação sistemática segue a lógica da abordagem abdutiva, com a busca pelo entendimento entre a relação entre a teoria e a prática, aproximando-se, sob esse prisma, da abordagem indutiva. No entanto, diferentemente da abordagem indutiva, a combinação sistemática considera não apenas o mundo empírico como tendo características sistemáticas, mas também os modelos teóricos.

A combinação sistemática é formada por dois processos principais: a combinação e a direção e redireção. A combinação trata do trabalho contínuo em termos do quadro teórico (*framework*), das fontes de dados e da análise desses dados. É na combinação que ocorre a abdução, em que a construção de parte da teoria afeta a forma de se estudar os dados e vice-versa, promovendo um movimento contínuo entre o mundo da teoria e o mundo dos dados. Os caminhos possíveis entre teoria e dados empíricos são diversos, podendo gerar evoluções diferentes.

O processo de direção e redireção refere-se às possíveis descobertas de novas dimensões a serem consideradas no problema de pesquisa, com base nas investigações de campo conduzidas ao longo do estudo. Se incorporadas ao estudo, podem dar nova direção às coletas de dados subsequentes. Dubois e Gadde (2002) fazem a diferenciação entre dados ativos e passivos neste processo: os dados passivos são aqueles que vinham propositadamente sendo buscados na investigação, com base no direcionamento anterior do estudo; já os dados ativos são os que são descobertos ao longo da investigação e que podem ocasionar um redirecionamento das dimensões conceituais e das questões de pesquisa. Os dois processos fundamentais da combinação sistemática estão representados na Figura 3.1.

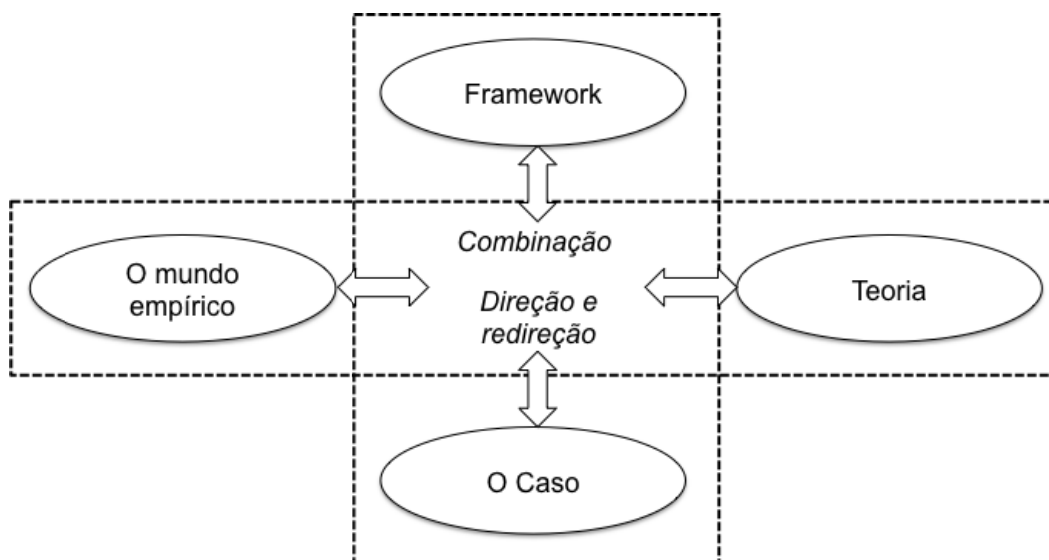


Figura 3.1 – Combinação Sistemática
Fonte: Dubois e Gadde (2002, p. 555)

Na Figura 3.1 apresentada, são mostrados quatro fatores que afetam e são afetados pelos dois processos descritos: o mundo empírico, o *framework*, a teoria e o caso. Em relação ao mundo empírico, Dubois e Gadde (2002) destacam a importância de se estabelecerem fronteiras de investigação, dado que não existem fronteiras naturais à realidade que se apresenta. Uma das formas de se estabelecer essas fronteiras é temporalmente, ou seja, definir o escopo dos processos sendo estudados em relação ao período de tempo que deverá ser considerado.

O *framework*, por sua vez, tem um papel central no método da combinação sistemática, funcionando como uma referência nas investidas ao mundo empírico. Na lógica abdutiva, o *framework* sofre sucessivas alterações ao longo da investigação, fazendo com que ele seja tanto *input* como *output* do estudo. Há que se ter clareza sobre as decisões feitas ao longo do processo nas sucessivas transformações no *framework*, lembrando-se que diferentes caminhos são possíveis e gerando resultados distintos.

Também os casos escolhidos para a investigação são entrada e saída do processo – ou, como colocam os autores, “ferramenta” e “produto” (DUBOIS; GADDE, 2002, p. 558). Os casos funcionam como ferramentas para que se possa elaborar o quadro teórico. Os autores usam a metáfora do quebra-cabeças para descrever como funciona a elaboração do caso: um quebra-cabeças onde vão sendo juntadas diferentes peças, porém misturadas a peças de outros quebra-cabeças, que devem ser separadas ao longo do processo de construção do caso de interesse. Ao final, o “produto” é um quebra-cabeças montado e distinto das peças de outros conjuntos que estavam antes ali misturadas.

O quarto fator mostrado na Figura 3.1 é a teoria. Parte-se de um referencial teórico prévio e ele vai sendo modificado durante o estudo. A busca por teoria é indicada pelo próprio desenvolvimento da investigação empírica. A combinação sistemática é mais indicada para o refinamento de teorias, partindo de ideias previamente propostas, do que para a criação de novas. Em se tratando de uma abordagem abdutiva, o *framework* é transformado com base em achados empíricos e também com base nas associações teóricas feitas ao longo do processo (DUBOIS; GADDE, 2002).

Dentro da linha de trabalho proposta pela abordagem abductiva, a trajetória da pesquisa consistiu, portanto, da partida de um referencial teórico preliminar, seguido pela imersão no campo, ao longo da qual prosseguiram os esforços de busca de indicações teóricas complementares, possibilitando aprofundar aspectos específicos. A análise se produziu em etapas. As primeiras entrevistas foram analisadas, revertendo-se então ao referencial teórico e complementando-o, e assim se prosseguiu, com idas e vindas da teoria às evidências empíricas, até a finalização da análise.

3.1.2.

O papel da revisão teórica no estudo

Para compor o *framework* inicial do estudo como ponto de partida para a aplicação do método da combinação sistemática (DUBOIS; GADDE, 2002), foi realizada uma revisão da literatura em torno do fenômeno de consumo central a ser estudado, o de compartilhamento, e de temas que no primeiro instante pareciam diretamente relacionados ao fenômeno de interesse. Um dos temas estudado foi o da contextualização do estudo sobre fenômenos de consumo dentro da área de Marketing – mais especificamente, dentro da linha da *Consumer Culture Theory* (CCT). Outro tema foi o estudo mais detalhado da literatura sobre os modos de consumo, que incluem o compartilhamento, ao lado do presentear e da compra de mercadorias. O terceiro tema pesquisado nesse momento inicial foi o processo de formação e expressão da identidade por meio do consumo e afetando, por sua vez, o consumo. Esse terceiro bloco de revisão de literatura foi incluído por ter sido sugerida por Belk (2010) sua relação com o tema de compartilhamento. Ele ajuda a entender de que forma os modos de consumo – em especial, o compartilhamento – atuam no contexto da família estendida.

Para esse levantamento inicial da literatura referente ao tema de compartilhamento, foram tomadas três frentes de pesquisa. Primeiramente, foi realizada uma busca exploratória utilizando-se a base de dados disponibilizada pela PUC-Rio, contemplando os periódicos relevantes para a área de Administração e áreas afins, como Sociologia e Antropologia, entre outras. Nesta busca, restrita aos textos completos disponíveis *online*, foram utilizadas palavras-chave de pesquisa os seguintes termos: “*sharing*” conjugado com “*marketing*”, “*consumption*” ou “*consumer*”. Cada um dos artigos resultantes da busca foi avaliado a partir de seu título. Havendo alguma possibilidade de se tratar de tema correlato ao de interesse, foram avaliados seus resumos e, permanecendo o interesse, foram acessados seus textos completos.

A segunda frente de busca por referências bibliográficas se deu a partir do artigo de Belk (2010). Foram avaliadas as fontes por ele utilizadas que dissessem respeito especificamente às diferentes formas de consumo e, em especial, ao compartilhamento. Os trabalhos encontrados foram avaliados e também serviram para um novo meta-referenciamento, tendo-se buscado as principais fontes por eles utilizadas.

Adicionalmente, foram buscados estudos posteriores ao de Belk (2010) que fizessem referência àquele trabalho. Com base no banco de dados Business Source Premier, da EBSCO, em setembro de 2013 foram encontrados seis trabalhos que faziam referência a Belk (2010). Um deles já havia sido considerado, tratando de compartilhamento de espaços públicos (VISCONTI *et al.*, 2010). Dois outros artigos tratavam de assuntos marginalmente ligados ao tema desta tese: um modelo de propensão à adesão ao compartilhamento comercial de Lamberton e Rose (2012) e co-criação de valor no compartilhamento de experiências, de Chen *et al.* (2012). Os outros três artigos encontrados não diziam respeito a comportamento do consumidor e não tinham relação com o tema em estudo.

No todo, esta primeira etapa de construção de um referencial teórico que serviu como ponto de partida parece confirmar a alegação de Belk (2010) sobre o tema de compartilhamento como forma de consumo ainda ser pouco explorado. Já os demais tópicos inseridos na revisão de literatura original – contextualização na área de pesquisa e identidade – são temas mais largamente discutidos, tendo-se então incluído os artigos considerados relevantes.

Durante as etapas empíricas do estudo, em que emergiram novos temas relacionados ao compartilhamento como forma de consumo nas famílias, foram realizadas novas buscas por literatura que permitisse o aprofundamento teórico sobre os temas em estudo. Os temas então pesquisados foram: compartilhamento forçado, compartilhamento involuntário e compartilhamento de fora.

Ao longo desse novo levantamento de literatura, foram tomadas duas frentes de trabalho. Para a primeira frente, foi feita nova busca por trabalhos que fizessem referência a Belk (2010), novamente utilizando-se a ferramenta disponível pela EBSCO com a base de dados Business Source Premier. O número de publicações referenciando o artigo do autor passaram, de seis artigos em setembro de 2013 para 77 artigos em maio de 2015. Apesar do aumento expressivo no número de trabalhos publicados com alguma referência a Belk (2010), ao se analisar qualitativamente o seu conteúdo, apenas três artigos tratavam de compartilhamento como forma de consumo privado pelas famílias e que, mesmo não sendo o tema central de investigação, contribuíam para a discussão do tema sendo tratado no presente estudo. O primeiro deles é o trabalho de Jenkins, Molesworth e Scullion (2014) que defende o empréstimo entre indivíduos como uma forma distinta de consumo. O segundo é o artigo de Belk (2014) mais recente sobre compartilhamento, com enfoque sobre o ambiente online. O terceiro artigo é o trabalho de John (2013), que trata de três esferas de compartilhamento, sendo a esfera de relacionamentos interpessoais relativa a compartilhamento de emoção, e dos aspectos públicos e privados de cada esfera.

No restante da literatura que referencia Belk (2010), diversos artigos se restringiam a citar o trabalho em questão e outra grande parte tratava de práticas de consumo mediadas pelo mercado ou em organizações (por exemplo, MUELLER, 2015) estando, portanto, fora do escopo do presente estudo. Outros, como McQuarrie *et al.* (2013), discutiam formas de compartilhamento sem mediação do mercado, mas em contextos fora do âmbito familiar, como, no caso, os blogs de moda. Além disso, três dos trabalhos eram *call for papers* e quatro outros não foram publicados integralmente, estando disponíveis apenas o seu resumo para consulta.

A segunda frente de trabalho para a busca da literatura está relacionada aos temas emergentes do estudo. Uma dificuldade adicional foi revelada nessa etapa: a escolha de palavras-chave para as buscas de artigos referenciando esses temas, dado que não estavam conceituados na literatura buscada anteriormente e, portanto, não havia termos previamente conhecidos para serem utilizados nas buscas. Por exemplo, a busca por artigos que fizessem referência a um “compartilhamento forçado” (*forced sharing*, na busca em inglês) não resultou em referências que tratassem da questão no contexto estudado, mesmo resultado obtido ao se utilizar outros termos possíveis com sentido semelhante, como “compartilhamento imposto” (*imposed sharing; enforced sharing*),

“compartilhamento obrigado” (*oblinded sharing*), “compartilhamento compulsório” (*compulsory sharing*), “compartilhamento mandatário” (*mandatory sharing*) e “compartilhamento requerido” (*required sharing*). Essa dificuldade em se encontrar literatura que trata dos temas emergentes do campo pode ser originada pela escassez de literatura sobre o tema de compartilhamento como um todo, visto a limitada quantidade de artigos encontrados e ao que Belk (2010) se refere como uma omissão dos pesquisadores, permanecendo como um tema pouco explorado.

3.1.3. O uso de entrevistas em profundidade

O presente estudo se baseia em entrevistas em profundidade para investigar como ocorre o compartilhamento de bens no consumo familiar, com base na visão dos entrevistados acerca do cotidiano de compartilhamento em seus lares.

Como “a maioria do compartilhamento diário de comida, dinheiro e posses passa despercebido e é invisível à maior parte das pessoas que têm isto como rotina” (BELK, 2010, p. 717), realizar as entrevistas nos ambientes familiares das residências era fundamental para a exploração dos significados do ato cotidiano de compartilhar. Assim sendo, as entrevistas foram realizadas pessoalmente pela pesquisadora nas residências dos entrevistados.

Foram usados relatos e observações nas entrevistas em profundidade. A abordagem foi feita de forma retrospectiva (OTNES *et al.*, 2006), em que o contato com os entrevistados é feito em um único momento de suas vidas, sendo-lhes solicitado que relatem fatos passados e estórias de consumo e convívio familiar. Os entrevistados trouxeram diferentes tipos de estórias em seus relatos, como mitos familiares, estórias de edificação e até mesmo estórias de fundamentação religiosa, em linha com o previsto por Levy (2006).

3.2. Desenho da pesquisa

O desenho da pesquisa consistiu na escolha da família estendida residente como unidade de análise, na definição do perfil dos entrevistados, na determinação da forma pela qual se daria o acesso aos informantes e na elaboração do roteiro de entrevistas. Esses temas são descritos nos itens a seguir.

3.2.1. A família como unidade de análise

Desjeux (1996) defende que não é possível observar todos os níveis de agregação da realidade social simultaneamente, devendo-se escolher o nível adequado aos objetivos propostos pelo estudo que se pretende realizar. O autor propõe que o nível de observação da realidade é um contínuo que vai desde a informação menos agregada (por exemplo de uma molécula), até um nível mais amplo, macrossociológico. Para tipificar alguns recortes de interesse no estudo social dentro desse contínuo, Desjeux (1996) escolhe três escalas: macrossocial, microssocial e individual. Segundo Cova e Cova (2002), esses são os três níveis de observação mais utilizados nos estudos sobre o Comportamento do Consumidor. Na escala macrossocial, Desjeux (1996) engloba os estudos relacionados às culturas, gerações, gênero, classes sociais e questões ligadas a estilos de vida. Nesse nível, é observado o grupo como o ator das relações sociais. A escala microssocial visa a observação de grupos de indivíduos, assim como suas inter-relações e práticas, envolvendo por exemplo o estudo de subculturas. O ator social é visto como uma interação. Já a escala micro-individual refere-se à observação de fatores cognitivos e motivacionais dos indivíduos, assim como o seu inconsciente. O ator é visto como um indivíduo. Segundo a escala de observação de Desjeux (1996), o presente estudo se enquadra na realização de observações pela escala microssocial, baseando-se nos relatos de informantes individuais.

Belk (2010, p. 176) posiciona o compartilhamento como “uma atividade que é mais característica do mundo interior das casas, mais do que dos mundos exteriores do trabalho e do mercado” e, portanto, tendo ficado menos visível aos acadêmicos e às empresas. Desta forma, a unidade de análise para este estudo é a família estendida residente, conceituada como os indivíduos com laços familiares (parentes consanguíneos) ou relacionais (agregados) que moram na mesma residência, em linha com a definição de família adotada pelo IBGE nas Pesquisas de Orçamentos Familiares – POF:

Para efeito de divulgação da POF, o termo “família” é considerado equivalente à unidade de consumo. A unidade de consumo compreende um único morador ou conjunto de moradores que compartilham da mesma fonte de alimentação, isto é, utilizam um mesmo estoque de alimentos e/ou realizam um conjunto de despesas alimentares comuns. Nos casos onde não existia estoque de alimentos nem despesas alimentares comuns, a identificação ocorreu através das despesas com moradia. [IBGE, 2010, p. 22]

3.2.2. Critérios de seleção dos informantes

Os informantes foram definidos como adultos pertencentes à classe C1, segundo o Critério Brasil de classificação socioeconômica. A escolha pela classe C1 se deu por ainda serem considerados por diferentes autores brasileiros como sendo uma classe de baixa renda (por exemplo, HEMAIS *et al.*, 2010; VELOSO *et al.*, 2009; BARROS, 2006), que tem dificuldade para equacionar as despesas, porém já tendo conquistado diversos bens domésticos duráveis, como geladeira, fogão e máquina de lavar roupas, inclusive como efeito das políticas governamentais de acesso ao consumo da população pobre via distribuição de renda e isenção de impostos. Estas políticas contribuíram para a elevação de parte da população brasileira às classes C1 e C2 e que, apesar de considerados como “classe média”, ainda sofrem para conseguir conciliar seus orçamentos domésticos com a renda disponível. O próprio Critério Brasil de classificação socioeconômica não ajuda a discriminar, portanto, a crescente classe C da chamada base da pirâmide (MATTOSO, 2010). É uma classe que tem seus gastos mais voltados para a manutenção da casa do que para uso em entretenimento, viagens ou idas a restaurantes (BOUMPHREY; BEVIS, 2013).

Sabendo-se da grande diversidade cultural dentro de uma mesma classe socioeconômica, para a seleção dos entrevistados foi acrescido um critério geográfico, com o intuito de obter algum grau de homogeneização dos contextos das residências pesquisadas. Foram buscados lares do “subúrbio da Central do Brasil” e “subúrbio da Leopoldina” do Rio de Janeiro, referente à região atendida pelos trens metropolitanos que têm como estação principal, respectivamente, a Central do Brasil ou a estação Leopoldina, na cidade do Rio de Janeiro. Exemplos de bairros que estão incluídos na região em questão são: Madureira, Cascadura, Irajá, Marechal Hermes, Olaria, Rocha Miranda, Cavalcante, Anchieta, Ricardo de Albuquerque, entre outros. A adoção do subúrbio carioca como critério de seleção dos informantes está sugerida na literatura. Sarti (2003, p. 12) faz referência aos pobres como uma designação social, vistos pela sociedade como indivíduos que “vivem em bairros periféricos, exercem ocupações com baixa qualificação profissional, estão entre os que têm mais baixa escolaridade, recebem as mais baixas remunerações”. Além disso, se o critério geográfico foi considerado diretamente, a escolaridade está também considerada ao se adotar o Critério Brasil de classificação socioeconômica.

3.2.3. Acesso aos informantes

Para se realizar entrevistas em profundidade, é necessário obter acesso aos informantes (MACDONALD; HELLGREN, 2004). Um desafio na realização dessas pesquisas é apontado por Casotti *et al.* (2009), como o acesso aos informantes e as realidades diversas das experimentadas e pesquisadas *a priori* pelos estudiosos, incluindo o vocabulário empregado pelas partes envolvidas. Rocha e Silva (2009) acrescentam à relação de dificuldades diferentes itens associados a questões metodológicas, pois as metodologias tradicionais costumeiramente não preveem o baixo grau de instrução encontrado nas classes populares.

No caso específico do estudo, o acesso às famílias de baixa renda era dificultado pelo fato de a pesquisadora não fazer parte deste grupo social. Além disso, a delimitação geográfica do estudo a bairros específicos tornava ainda mais difícil o acesso. A busca pelos entrevistados se deu, em função disso, com auxílio de recrutamento profissional, de forma a garantir o acesso a informantes que apresentassem o perfil desejado. Cada informante recebeu uma quantia como compensação ao tempo que dedicou às entrevistas, de forma a se buscar minimizar unidades de análise incompletas, ou seja, lares em que os adultos selecionados desistissem de fornecer entrevistas depois de já terem sido feitas algumas entrevistas naquele domicílio.

O valor a ser entregue para cada informante foi combinado durante o recrutamento e foi igual para todos os participantes do estudo, independentemente de quantos membros da família se objetivava entrevistar naquele domicílio. A remuneração foi feita como pagamento direto, em dinheiro, logo ao início da entrevista, como meio de se buscar reduzir o possível viés dos entrevistados em dar respostas que acreditem serem as desejadas pelo entrevistador para que mereçam a remuneração combinada (CASOTTI *et al.*, 2009). O valor era entregue dentro de um envelope com o nome do entrevistado e explicado pela pesquisadora que aquele valor era já dele, como forma de agradecimento pelo seu tempo e também como demonstração de que não havia respostas certas ou erradas para o que seria conversado, tendo-se interesse apenas em conhecer um pouco mais sobre sua vida. Praticamente como regra geral, os informantes receberam o envelope com naturalidade, colocaram-no em algum lugar próximos a si, sem abri-lo para verificar o conteúdo e sem se levantar para guardá-lo em algum outro lugar durante a entrevista.

A pesquisadora buscou, da forma que lhe foi possível, dissociar sua aparência da de uma classe social mais alta, usando roupas simples (calça jeans e camiseta) e, sempre que não lhe fosse perguntado a respeito, ocultando o fato de ter ido em seu próprio carro à residência da família. Por outro lado, as diferenças que não podiam ser escondidas foram usadas como pretexto para se aprofundar respostas. Um exemplo disso é a origem da pesquisadora, de fora do Estado do Rio de Janeiro, tendo sotaque diferente daquele dos informantes. Assim, lançou-se mão de perguntas como: “Você já viu que eu não sou daqui, não é? Pode me explicar melhor como é que funciona isso?”.

Para o estudo foram realizadas entrevistas com 15 famílias, em um total de 48 entrevistas individuais. Outras duas entrevistas agendadas não puderam ser realizadas, pois os entrevistados não compareceram na data combinada. O campo ocorreu de novembro de 2013 a fevereiro de 2014.

3.2.4. Perfil dos informantes

Os lares buscados deveriam ter ao menos dois adultos (indivíduos com 18 anos ou mais) residindo. Nos lares em que até três adultos residissem, buscou-se entrevistar todos os três, individualmente, no local de sua residência. Já nos lares em que quatro ou mais adultos residissem, foram entrevistados um mínimo de três e um máximo de quatro adultos. As entrevistas com mais de um adulto feitas no mesmo lar intencionavam prover elementos para complementar, confrontar e concordar diferentes pontos de vista sobre os mesmos fenômenos, ou seja, sobre o compartilhamento como forma de consumo dentro do lar onde estes indivíduos convivem. Além disso, partiu-se da premissa de que famílias com apenas um adulto poderiam fornecer informações pobres sobre compartilhamento, seja pela menor convivência entre adultos no lar, seja por se ter acesso a apenas um informante adulto. O critério de se ter um máximo de quatro entrevistados no mesmo domicílio foi baseado na premissa de que possivelmente um quinto indivíduo agregaria marginalmente menos aos estudos sobre a dinâmica daquele lar, sendo mais produtivo que novas entrevistas fossem feitas em outras residências.

O perfil dos entrevistados encontra-se no Quadro 3.3. Com o intuito de se manter o sigilo sobre a identidade dos informantes, todos os nomes foram substituídos por nomes fictícios, buscando-se utilizar nomes próprios comuns à classe socioeconômica em questão, obtidos por meio de referências em outras entrevistas com a mesma classe socioeconômica e em listas informais de nomes brasileiros comuns, obtidas na internet. Cada família foi designada por um sobrenome, também obtidos na internet por listas de sobrenomes mais comuns. Para facilitar a identificação dos informantes às famílias correspondentes, todos receberam o sobrenome de suas famílias, mesmo que algumas relações familiares tradicionalmente não transmitam sobrenome, como a genros, cunhados e namorados. O Quadro 3.1 exibe também o bairro onde o domicílio está localizado, a pontuação obtida pelo Critério Brasil (a classe socioeconômica C1 é designada pela faixa de 18 a 22 pontos, em um máximo de 46 pontos), assim como a idade, a escolaridade e a profissão dos entrevistados.

Família	Bairro	Pontos	Nome	Idade	Escola-ridade	Profissão
Silva	Osvaldo Cruz	22	Rosa	54	MC	Vendedora
			César	55	MC	Funcionário Correios
			Valter	19	SI	Estudante
			Guilherme	23	SI	Estudante
Santos	Madureira	19	Juliana	32	MC	Micro Empresária
			Éden	39	MC	Micro Empresário
Pereira	Marechal Hermes	22	Elaine	50	SI	Pensionista; assessora política
			Mariana	26	SI	Dona de casa
			Diogo	27	MI	Motoboy
Souza	Rocha Miranda	19	Isadora	20	MC	Estudante
			Antônia	54	FC	Doméstica
			Sandro (*)	58	FC	Pedreiro
Oliveira	Marechal Hermes	18	Sueli	27	MC	Gerente de loja
			Simone	51	FC	Aposentada
			Wallace (*)	31	MI	Gerente de loja
Almeida	Cavalcante	20	Sônia	42	MC	Auxiliar de creche
			Júlia	18	MC	Estudante
			Márcio	46	MC	Taxista
Lima	Vista Alegre	21	Denis	40	SI	Cabo PM
			Isabele	38	SC	Estagiária Hospital
			Elisete	42	SC	Enfermeira
Carvalho	Anchieta	18	Geisy	41	MC	Supervisora de vendas
			Douglas	25	SI	Digitador
			Raísa	23	SI	Analista de crédito
Barros	Ricardo de Albuquerque	19	Kelly	19	SI	Estagiária
			Nádia	51	MI	Proprietária sorveteria
			José	65	FI	Proprietário pizzaria
			Alan	21	MC	Técnico de informática
Rocha	Irajá	19	Bruna	23	SI	Estagiária
			Genilson	51	FI	Fiscal de ônibus
			Madalena	50	FC	Secretária em imobiliária
Ribeiro	Irajá	19	Romilda	62	FC	Dona de casa
			Diana	40	MC	(procurando)
			Denise	37	MC	Assistente administrativa
			Evandro	34	MC	Técnico de informática
Dias	Olaria	18	Francisca	46	FC	Cozinheira creche
			Maria	21	MI	Operadora de telemarketing
			Joyce	20	FC	Cabeleireira
			William	19	FI	Gerente de pagode
Campos	Meier	21	Núbia	61	SC	Professora de teclado
			Augusto	66	MC	Taxista
			Mayara	27	SI	Assistente jurídico
Cardoso	Riachuelo	18	Carla	22	MI	Promotora de eventos; acompanhante de idosos
			Mário	21	MI	Estudante (Ensino Médio)
			Ione	57	FC	Cozinheira
Monteiro	Engenho de Dentro	22	Marcos	38	FC	Supervisor técnico
			Andressa	39	SC	Operadora de telemarketing
			Anderson	19	SI	Operador de telemarketing

Quadro 3.1 – Perfil dos entrevistados

(*) Não compareceram à entrevista.

Legenda: FI / FC: Ensino Fundamental Incompleto / Completo; MI: Ensino Médio Incompleto / Completo; SI / SC: Ensino Superior Incompleto / Completo

A localização aproximada das residências participante do estudo pode ser visualizada na Figura 3.2. A numeração dos marcadores corresponde à sequência adotada para as famílias no capítulo de Descrição de Resultados, também conforme ordenamento exibido anteriormente no Quadro 3.1. O mapa permite visualizar a localização do subúrbio carioca, alcançando os limites da cidade, conforme escolha feita como delimitação geográfica para o presente estudo.

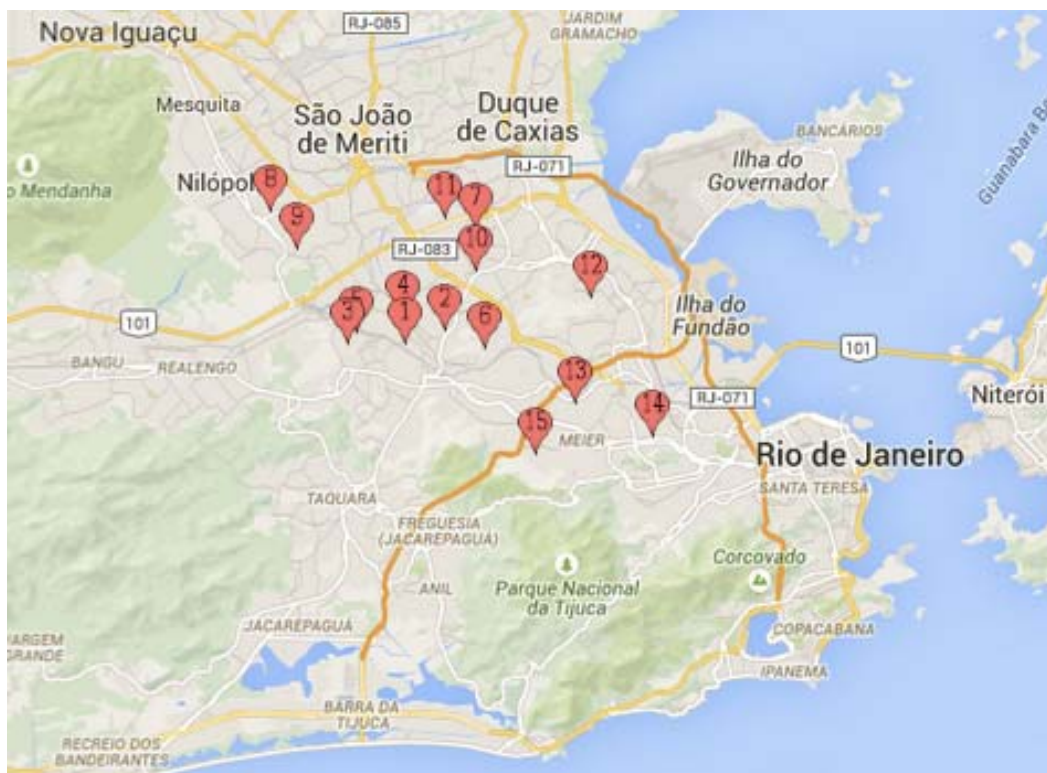


Figura 3.2 – Localização aproximada das residências participantes do estudo
Fonte: MapCustomizer (2015)

3.2.5. Roteiro de entrevista

No método de pesquisa de campo, o pesquisador parte de uma lista de assuntos que objetiva tratar, porém com flexibilidade para a adoção de sequências diferentes da originalmente planejada, dependendo de como transcorre a entrevista. O entrevistador pode, também, incluir ou retirar perguntas ao longo das entrevistas, conforme elas se mostrem relevantes e eficientes para a exploração que se intenciona fazer (GASKELL, 2002). Além disso, segundo a abordagem abductiva, as próprias perguntas podem ir se modificando à medida que o pesquisador evolui no processo de pesquisa e novos insumos teóricos ou empíricos chamam sua atenção para temas que ainda não haviam sido anteriormente tratados.

Meses antes da realização das entrevistas utilizadas como informações de campo para esse estudo, foi realizada uma entrevista informal com um informante pertencente ao perfil investigado e conhecido da pesquisadora. A informalidade foi proposital: buscava-se obter subsídios para a elaboração do roteiro de entrevistas em uma conversa sobre aspectos diversos da dinâmica familiar em relação ao compartilhamento e sem qualquer intimidação possível por parte de gravadores, dada a relação prévia estabelecida entre a informante e a pesquisadora.

Essa conversa foi produtiva em diferentes aspectos. Acima de tudo, percebeu-se a dificuldade em se perguntar sobre o compartilhamento sem que fosse a pesquisadora a inserir o termo compartilhar na conversa, pois não se podia partir do princípio que o termo fizesse parte do vocabulário da informante, nem que ele teria o mesmo significado daquele apontado na literatura. A solução tomada para a construção do roteiro de entrevistas utilizado no estudo foi se perguntar o que era de quem, o que era apenas do entrevistado e quem usava o que na casa. Outro aspecto observado nessa entrevista preliminar foi a possível riqueza de informações sobre a prática de compartilhamento surgidas na infância da entrevistada e na educação dos filhos dela, apesar de ter sido definitivamente incorporada ao roteiro de entrevistas apenas a partir de sua primeira revisão, ou seja, após a primeira família entrevistada.

Um roteiro prévio foi elaborado para as primeiras entrevistas e é apresentado nos Apêndices desse trabalho. Com base nos aprendizados obtidos nas entrevistas iniciais, o roteiro sofreu algumas modificações, incorporando-se temas e práticas sugeridos pelos membros da banca avaliadora do projeto de tese desse estudo e por outras modificações que emergiram do estudo, em linha com o método da combinação sistemática (DUBOIS; GADDE, 2002) e com as práticas de entrevistas em profundidade (p. ex., GASKELL, 2002).

Entre as modificações mais importantes incorporadas ao roteiro de entrevistas original destacam-se a tomada de fotografias no lar sendo visitado, a divisão do roteiro em blocos temáticos e a inclusão da pergunta final aos entrevistados sobre o que para eles era emprestar e o que era compartilhar, questionando também se para eles eram a mesma coisa ou coisa diferente, e explorando-se como isso se dava na casa deles e fora dela. Essa pergunta final revelou-se fonte preciosa para captura de informações para ajudar a endereçar as perguntas de pesquisa que norteiam o presente estudo.

Houve, ainda, uma modificação sugerida à pesquisadora pelos membros da banca de defesa de projeto que foi inicialmente incorporada ao roteiro, mas depois retirada. Trata-se da construção de um quadro, em conjunto com o entrevistado, em que os bens citados anteriormente em sua entrevista eram listados e então marcado quem na casa usava o quê, quem era dono de o quê, e em caso de disputa, quem decidia. Como acabou por não trazer novos insights para a discussão e constituiu uma repetição do que já havia sido dito, seu uso foi descontinuado. O roteiro resultante dessas modificações também é apresentado nos Apêndices desse trabalho.

Uma pergunta que foi mantida no roteiro até a última entrevista foi sobre como eram as práticas de compartilhamento (ou de não compartilhamento) que o informante relatava nas outras famílias (“e como é isso nas outras famílias?”). No entanto, poucos foram os respondentes que conseguiram elaborar sobre ela. A maior parte respondeu que não sabia. A pergunta foi mantida porque viu-se que, em alguns casos, a resposta era mais elaborada e trazia informações interessantes para o entendimento das práticas de consumo da família sendo entrevistada.

Outra questão associada ao roteiro de entrevista é a seleção de categorias de consumo a serem estudadas. Dentro da proposta do método da combinação sistemática de evolução constante entre *framework* e o campo, as primeiras entrevistas partiram do *framework* inicial, genérico, apresentado no capítulo de Revisão de Literatura. Nestas primeiras idas ao campo, não se partiu com uma predefinição de conjunto de categorias de consumo a serem investigadas. No entanto, ao decorrer dos trabalhos de campo, algumas categorias mais comumente citadas emergiram das entrevistas iniciais, sendo posteriormente utilizadas como estímulo ao aprofundamento das entrevistas em casos em que essas categorias não apareciam espontaneamente. As principais categorias de consumo utilizadas foram: banheiro, televisão, celular e computador (e/ou *tablet*).

3.2.6. Realização das entrevistas

Durante o período de realização de entrevistas, o recrutamento profissional contratado passava as informações à pesquisadora sobre o perfil básico dos informantes – nome, idade, ocupação – assim como seu endereço e data e horário em que ficaram agendadas as entrevistas. A pesquisadora recebia essas informações de agendamento com dois a quatro dias de antecedência. Os horários eram escolhidos pelos informantes, de forma a estabelecerem um

compromisso de estarem disponíveis no horário escolhido, mas combinados um informante em seguida do outro, de modo que a pesquisadora tivesse mais frescas em sua mente questões mencionadas por um entrevistado e que poderia explorar também pela visão dos demais entrevistados da mesma família. Por outro lado, essa escolha teve a desvantagem de se descobrir, no momento da análise das gravações e transcrições, temas que teriam sido interessantes de se investigar mais a fundo, apesar de as entrevistas como um todo terem cumprido o propósito do estudo. Esses temas foram levados em conta nas sugestões de pesquisas futuras apresentadas no capítulo final desse trabalho.

A pesquisadora foi em carro próprio a todas as entrevistas. Utilizou o aplicativo Waze para celular, que funciona como um GPS, sugerindo as rotas que naquele momento resultassem em menor tempo de deslocamento. Tipicamente, a pesquisadora levava cerca de uma hora até o destino ou no retorno dele, chegando a levar quase três horas na volta da casa da família Almeida, pega por chuvas de verão que alagaram a região. Sempre saindo para as entrevistas com antecedência, costumava chegar antes do horário marcado. Com isso, tinha algum tempo para buscar um local para estacionar – de preferência não logo em frente à residência em questão, e para observar as redondezas com calma.

O acesso ao interior das residências foi, via de regra, sem dificuldades. Muitas não dispõem de campainhas, mas sempre que não ouvissem o chamado da pesquisadora, a questão era rapidamente resolvida com uma ligação pelo celular aos entrevistados – também amplamente dispendo de celulares, como relatado no capítulo de Descrição dos Resultados. Em alguns casos, o entrevistado não estava na residência. A pesquisadora aproveitava, então, para tomar mais algum tempo observando a região enquanto ele não chegava.

Já dentro das residências, as entrevistas foram sempre realizadas na sala ou na varanda, em uma escolha não verbalizada feita pelas famílias e considerada natural pela pesquisadora, por ser um dos locais mais “públicos” da residência privada e onde geralmente se recebe as visitas não íntimas da família. No entanto, por a sala ser um local de livre circulação dos residentes, isso também ocasionou um desafio – e uma limitação – ao estudo, pois muitas vezes as entrevistas eram participadas por outros membros da família que por ali passavam. Em alguns casos, eles até mesmo se sentavam na sala enquanto ocorria outra entrevista, apesar de o recrutamento ter sido orientado a avisar que a entrevistadora iria conversar com um de cada vez e sem a presença dos demais. Isso pode ter ocorrido por diferentes motivos, por exemplo por falta de

entendimento dos entrevistados sobre essa instrução ou mesmo por hábito dos indivíduos de ficarem na sala de suas casas, ainda mais face à restrição espacial das residências visitadas, na maioria bastante pequenas. Um desses casos foi o ocorrido na família Oliveira, quando Simone, que tem problemas nos joelhos e mora em um apartamento pequeno com a família, ficou sentada ao lado da nora, Sueli, durante parte significativa da entrevista.

As entrevistas foram realizadas buscando o estabelecimento da confiança entre entrevistado e entrevistador para que estes pudessem se sentir à vontade para relatar significados, sentimentos e ideias. Criar esta confiança é essencial para os objetivos do estudo. Buscou-se seguir as recomendações na literatura quanto aos cuidados que se deve ter ao longo da entrevista, como saber ouvir, aprofundar o que o entrevistado está dizendo e, dependendo do caso, usar técnicas projetivas, entre outras recomendações (SEIDMAN, 1998). Como ponto de partida, a pesquisadora se apresentava como alguém que estava conversando com diversas famílias para entender como era o dia-a-dia delas, pois cada família era diferente. E que, para lhe auxiliar a lembrar “quem disse o quê”, seria necessário gravar a conversa, como informado no recrutamento. Era dada então garantia de anonimato. Com pouco tempo de conversa, os informantes pareciam se esquecer da presença do gravador.

No final da última entrevista, solicitava-se tirar fotos da casa, sem que aparecessem as pessoas nas imagens, novamente para preservar sua identidade. Como estavam avisados pelo recrutamento em relação às fotografias, os informantes não se mostraram constrangidos, nem resistentes, ao registro das imagens. Sempre que necessário, as fotos obtidas e apresentadas nos Apêndices desse trabalho foram alteradas digitalmente para encobrir pontos que pudessem identificar os informantes, como porta-retratos, banners com fotografias e numerações de casas ou edifícios.

Foi comum o oferecimento de água, café e lanche à pesquisadora, seja durante as entrevistas, seja ao seu término. Em alguns casos, a família insistiu para que a pesquisadora compartilhasse seu lanche. Em apenas dois casos ela partilhou do lanche: na família Souza, o café lhe foi trazido por Isadora durante a conversa com sua mãe, Antônia, sem perguntar antes se queria a bebida. O segundo caso foi junto à família Almeida, pois as chuvas de verão que caíram durante as entrevistas alagaram a região e Márcio, taxista, orientou a pesquisadora a esperar antes de tentar sair, pois conhecia bem a região e sabia estarem ilhados.

Um desafio adicional à pesquisadora na realização das entrevistas foi o calor do alto verão carioca na região da cidade que costuma registrar as temperaturas máximas do dia, em casas que raramente têm aparelhos de ar condicionado ou mesmo ventiladores suficientes para amenizar o calor. Não é por acaso que ventiladores foram eleitos por diversos dos informantes como um bem compartilhado porém disputado pela família residente.

3.2.7. Análise dos dados

A análise dos dados foi feita de forma intercalada com o retorno à literatura, conforme indica o método da combinação sistemática (DUBOIS; GADDE, 2002). Primeiramente, foi analisada cada entrevista de uma mesma família, fazendo-se anotações sobre itens que pudessem auxiliar no entendimento do fenômeno em estudo para cada indivíduo e selecionando-se as citações relevantes para embasarem a análise, servindo de fonte de evidências dos resultados. As informações foram organizadas em uma grande tabela, cujas colunas representavam categorias de análise, como “compartilhamento para dentro”, “compartilhamento para fora”, “compartilhamento demandado”, “compartilhamento aberto”, “compartilhamento na infância” e assim por diante. Conforme se fez necessário, novas colunas / categorias de análise foram sendo inseridas. As anotações de cada família ocuparam uma ou mais linhas da tabela, sempre fazendo-se referência a quem disse o quê.

Ao final da análise de cada entrevista da mesma família, procedeu-se à redação da descrição de resultados englobando a família como um todo. O ciclo de análise se repetiu para cada uma das 15 famílias. Ao término dessa fase, estava completa a tabela com as principais informações obtidas em campo e refletidas na redação do capítulo de Descrição de Resultados. Os temas que emergiram da investigação empírica e que não estavam contemplados na revisão de literatura até aquele momento foram buscados em novos retornos à busca por nova literatura relacionada e incorporada ao estudo.

A etapa seguinte de análise de resultados consistiu da comparação entre casos (famílias). A heterogeneidade de configurações familiares e práticas de consumo permitiu que fossem gerados achados de pesquisa diversos na comparação entre casos, encontrando-se também similaridades importantes. O capítulo de Discussão dos Resultados organiza esses achados de pesquisa, assim como os temas emergentes das idas a campo para coleta de dados, em complementação ao referencial teórico inicial do presente trabalho.

3.2.8. Saturação teórica

Guest *et al.* (2006, p. 76) sugerem que se o objetivo de um estudo for “a descrição de uma percepção, crença ou comportamento compartilhados por um grupo relativamente homogêneo, então uma amostra de doze [entrevistados] provavelmente será suficiente”. A homogeneidade do grupo de participantes poderia ser obtida já pela aplicação dos critérios de seleção de participantes. Quanto mais homogêneo o grupo escolhido e sua relação com o domínio de pesquisa, mais rápida seria atingida a saturação teórica, deixando de prover códigos adicionais significativos para o estudo. No caso do estudo realizado pelos autores, a saturação ocorreu com 12 entrevistas das 60 realizadas, sendo que as seis primeiras analisadas geraram 80% dos códigos finais. Gaskell (2002), por sua vez, recomenda que se trabalhe com um máximo de 15 a 25 entrevistas, para que elas possam ser revividas no momento da análise.

No presente estudo, foram entrevistadas 15 famílias, em um total de 48 entrevistas individuais. Foi observada a saturação teórica do tema, em que os relatos se repetem, trazendo poucos novos elementos para a análise (BAUER; AARTS, 2002; GASKELL, 2002) ou que deixem de gerar novos elementos na codificação (GUEST *et al.*, 2006). Uma das principais evidências da saturação teórica obtida foi a ausência de novas categorias teóricas a serem investigadas, a partir do décimo-primeiro conjunto de entrevistas (família) analisado. Além disso, também os discursos pareciam se repetir ao longo das entrevistas finais.

3.2.9. Limitações do método

Este estudo adota uma perspectiva interpretativa em uma escala microsocial. Como tal, investiga fenômenos de consumo no contexto em que ocorrem e na perspectiva de quem dele participa, não sendo objetivada a generalização dos resultados para a população. Os relatos podem conter algum viés de aprovação social, fazendo parte do processo utilizado pelos indivíduos na significação de bens. A escolha por trabalhar com informantes de uma classe socioeconômica específica segue a mesma lógica, permitindo que se busque um aprofundamento nas questões de pesquisa junto a um grupo menos heterogêneo em relação ao acesso ao consumo.

Outro aspecto intrínseco à perspectiva adotada é considerar como parte da pesquisa a subjetividade do pesquisador, tanto no processo de coleta das informações, quanto na sua análise. Além disso, o interesse de pesquisa está no discurso dos entrevistados sobre os fenômenos estudados, conforme sua própria visão de mundo.

Como todo método de análise de dados interpretativo, a análise dos dados obtidos nas entrevistas não se dá de forma exaustiva e, quando feita por outros pesquisadores, poderia gerar visões e interpretações diferentes daquelas desenvolvidas no presente estudo. O mesmo pode ser dito sobre esse estudo ser realizado em outros momentos de vida da própria autora ou dos informantes.

Uma limitação decorrente da aplicação do método da combinação sistemática e do tempo disponível pelos entrevistados foi que todos os temas que surgiram do campo, adicionais aos encontrados previamente na literatura, se relacionavam a formas de compartilhamento e não ligando o fenômeno de compartilhamento de forma incisiva a outro grande tema dentro da área de comportamento do consumidor.

Em decorrência de as entrevistas terem acontecido nas residências das famílias entrevistadas, uma limitação está na interferência algumas vezes ocorrida pela presença de outros familiares residentes durante as entrevistas, podendo, por um lado, interferir na fala dos informantes por ter alguém mais presente, e por outro, afetar o discurso dos informantes seguintes.

4 Descrição dos resultados

Os resultados são apresentados em dois capítulos. O presente capítulo trata dos achados de pesquisa referentes a cada uma das famílias pesquisadas. Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, esse capítulo apresenta as evidências empíricas do estudo, contendo a descrição de cada família com trechos de seus depoimentos, assim como uma análise preliminar dos achados de pesquisa em cada família.

A descrição dos resultados seguiu o método da combinação sistemática (DUBOIS e GADDE, 2002), tendo-se partido do referencial teórico inicial apresentado no capítulo de Revisão de Literatura, seguido da avaliação dos dados referentes às famílias, intercalando-se retornos à teoria e modificando-se o referencial teórico anterior de acordo com os achados da investigação empírica.

Escolheu-se como ponto de partida a análise das entrevistas obtidas em duas famílias que relataram um compartilhamento intensivo entre os membros da família. Após esses dois casos, os demais dados foram sendo analisados em uma sequência arbitrária, em ordem cronológica da realização das entrevistas.

4.1. Família Silva

A família Silva é formada por cinco adultos: a mãe Rosa, o pai César e três filhos homens, incluindo os entrevistados Valter e Guilherme, conforme mostrado no Quadro 4.1. A casa, localizada no bairro de Osvaldo Cruz, tem três pavimentos, com três cômodos, uma sala e um banheiro. No primeiro andar (no nível da rua), ficam a sala de estar, o quarto do casal, o banheiro, um escritório (que funcionava como quarto de visitas e hoje abriga o filho caçula, Valter), a cozinha e a garagem para um carro. No segundo andar está o quarto dos três filhos, com uma cama triplex (beliche com cama auxiliar embaixo) e área para secagem de roupas. O terceiro andar tem um varandão coberto e com churrasqueira e uma área em obras para futura expansão da casa. Exceto pela área em obras, todo o restante é coberto por revestimentos. Há ventiladores de piso e de teto nos principais ambientes da casa, mas nenhum ar condicionado. A

casa foi herdada de uma tia de César e eles vêm fazendo ampliações e melhorias nela ao longo dos 23 anos em que ali residem.

Quadro 4.1 – Perfil dos membros da família Silva

Papel	Nome	Idade	Descrição	Profissão
Pais	César	55	Pai, casado com Rosa	Funcionário dos Correios
	Rosa	54	Mãe, casada com César	Vendedora autônoma
Filhos	Roger (*)	27	Filho #1 do casal	Professor
	Guilherme	23	Filho #2 do casal	Estudante
	Valter	19	Filho #3 do casal	Estudante

(*) Não entrevistado

Os pais, César e Rosa, foram professores de reforço escolar, apesar de terem encerrado os estudos formais ao final do ensino médio. Pararam recentemente de dar aulas devido à sua carga de trabalho e saúde – ele trabalha à noite nos Correios e ela tem sofrido de pressão alta. Rosa já vendia produtos de catálogos e passou a reforçar o orçamento da casa com bazares realizados na garagem da casa.

Os três filhos cursaram faculdade – o mais velho, Roger, é formado em Geografia e é professor em duas escolas públicas e quatro escolas particulares. O filho do meio, Guilherme, cursa Economia em uma faculdade federal, estudos temporariamente interrompidos por ter ingressado na Escola de Sargentos das Armas (ESA – Exército Brasileiro) até que seja alocado a alguma cidade em que possa retomar as aulas da faculdade. O mais novo, Valter, cursa Direito em uma faculdade particular.

Em alguns aspectos, a família Silva pode representar o limite superior do que é considerado como classe C, tendo obtido 22 pontos em sua avaliação segundo o Critério Brasil – pontuação esta correspondente ao topo da faixa em questão. Os pontos foram provenientes principalmente da posse de bens, apesar de a casa contar com apenas um banheiro, tendo pesado na classificação o nível de escolaridade do chefe de família, pois César parou os estudos no nível médio.

Os três filhos dividiam, até recentemente, o mesmo quarto. Valter ficou grande demais para a cama auxiliar que ocupava e passou a dormir na cama que ocupa parte do escritório, doada por uma amiga da mãe, mantendo seus pertences no quarto com os irmãos. Guilherme passou os últimos meses em curso em Fortaleza. Já de férias, estava de volta à casa da família e ao seu quarto.

Além de os filhos compartilharem o quarto, todos os entrevistados declaram compartilhar tudo na casa. Os relatos são consistentes nos discursos dos quatro entrevistados, que usam espontaneamente a mesma expressão para explicar o compartilhamento dos bens por todos na casa: “tudo é de todo mundo”.

Não tem isso de egoísmo, de “é meu, é meu”, não tem. Olha, aqui a gente não tem isso não, aqui tudo é de todo mundo. (Rosa Silva, mãe, 54)

O quê que é de quem aqui é difícil. Aqui tudo é de todos. A gente planta isso. Tudo é de todos. Até roupa, sapato. Aqui sempre foi assim. Um empresta para o outro. Não tem “isso é meu, não, é meu”. (César Silva, pai, 55)

Todo mundo usa tudo de todo mundo. Não precisa nem pedir. (Guilherme Silva, filho #2, 23)

Aqui em casa, a gente é bem coletivo. Aqui em casa, tudo é de todo mundo. Todo mundo aqui usa tudo de todo mundo. Tênis, tudo, tudo. Não tem isso de “ah, isso é meu, isso é meu”. (Valter Silva, filho #3, 19)

Conforme contam, o uso das roupas é inteiramente compartilhado, exceto quando há alguma restrição de tamanho ou de gênero. Mesmo as cuecas são compartilhadas pelos três irmãos – e passaram a ficar em uma única gaveta no quarto deles, por sugestão de um dos filhos. O mesmo vale para calçados pois, exceto pelo pai, os homens da casa calçam o mesmo número.

Eles vestem, os três, o mesmo tamanho. A calça dele [Roger] dá no Valter, e a camisa dá nos três. O único que veste calça diferente é o do meio, que é mais magro. Então o manequim dele de calça é só dele, mas cuecas os três usam, meias os três usam, e os tênis são iguais, então quem compra muita coisa é o mais velho, então tudo dele todo mundo usa. Menos o pai, porque nada dá nele, o pai é grandão. Mas a roupa dos três, eles são assim, tudo o que um tem o outro usa. (Rosa Silva, mãe, 54)

Até a roupa do meu pai a gente usa. Quando eu tomo banho, mas fico com preguiça de ir lá em cima [no meu quarto], venho aqui na gaveta, pego roupa do meu pai. (Valter Silva, filho #3, 19)

As roupa de andar em casa, eu procuro, eu chego do trabalho, vou tomar um banho, vou lá na minha gaveta, e cadê? O mais novo usa direto as minhas roupas. (César Silva, pai, 55)

Também é compartilhado o uso do computador de mesa da casa, dos *netbooks* e dos *tablets*, assim como das duas televisões – a principal localizada na sala de estar e outra, menor, no quarto dos meninos. No caso dos eletrônicos, o uso é feito em turnos, pois a natureza do uso é mais individual. Dois dos irmãos jogam o mesmo jogo online, porém em momentos diferentes por o jogo exigir que se use o computador de mesa e por admitir apenas um jogador de cada vez. Já os celulares, cada um na família tem o seu, mas se necessário usam os dos demais, sem precisar pedir emprestado.

Cada um tem o seu celular. Minha mãe liga do celular de todo mundo. Ela é a que mais fala de todo mundo. Pega o de todo mundo para ligar. Meu pai bota crédito no meu, eu pego o do meu pai para ligar... Não tem nada de não deixar o outro usar não. Bem livre. Até o Júnior [filho da vizinha] e o meu sobrinho mexem no nosso celular. Quando um tem crédito e o outro não tem, um pega o celular do outro. Pega o que está mais perto. (Valter Silva, filho #3, 19)

A gente tem esse costume. De pegar [o celular de outro da família] para usar quando não se tem crédito. (Rosa Silva, mãe, 54)

Os entrevistados relatam compartilhar também momentos de entretenimento. Corriqueiramente assistem televisão juntos – todos param para ver novela, e os homens assistem juntos futebol (de seu time ou de outros) e mesa redonda. A família tem ainda o hábito de passar férias em conjunto.

Novela é unanimidade aqui em casa. Quando começa a novela, todo mundo senta e fica vendo a novela. Só a minha mãe que não gosta de jogo. Quando ela está vendo televisão e tem jogo, a gente expulsa ela, bota para assistir na outra televisão e fica aqui vendo na sala juntos. (Valter Silva, filho #3, 19)

Por serem homens eles gostam até da mesma programação. Futebol, os filmes, eles tem gosto parecido. Eu é que sou mais enjoada que eu não gosto muito da programação deles. Mas nós temos uma televisão aqui na sala e tem uma no quarto deles. Eles têm a opção de estarem [divididos] em cômodos, mas eles estão sempre juntos, os quatro. (Rosa Silva, mãe, 54)

A gente alugou uma casa em Arraial do Cabo. Natal a gente vai ficar em casa, mas Ano Novo a gente vai para lá passar todo mundo junto. Carnaval a mesma coisa. A gente está sempre junto, graças a Deus. (César Silva, pai, 55)

Também são compartilhados os cuidados com o cão, um labrador marrom. A opção pela compra do cachorro foi tomada por todos, e cada um ficou responsável por parte dos cuidados. Há uma divisão de tarefas, mas podem ser assumidas por outro membro da família em casos de alguém estar ausente ou mais ocupado, e são divididas conforme a possibilidade de cada um ajudar.

Eu que cuidava dele antes de viajar, agora quem está cuidando é o meu irmão mais novo. A atribuição já passou para ele. Eu que cuidava. Dava banho nele, botava comida, levava para passear. Minha mãe também às vezes ajudava. Alguém tem que me ajudar a cuidar dele, que ele é grande para dar banho. Acabou ficando para ele. Meu outro irmão trabalha, tem menos tempo. Ele [Valter] é o que tem mais tempo mesmo para fazer essas coisas. Então ele ficou de cuidar do cachorro. [A decisão de ter o cachorro] foi conjunta. Todo mundo queria ter um cachorro. Mas eu acho que quem mais quis fui eu e meu irmão mais velho. (Guilherme Silva, filho #2, 23)

Aqui em casa, todo mundo ama cachorro. Todo mundo conhecia, meu irmão foi e comprou. A parte pior do trabalho, que é limpar fezes, é minha mãe [que faz]. Meu irmão Roger, como trabalha muito, a gente não cobra nada dele. Ele só compra ração. Cuidar, dar banho nele todo final de semana, botar comida, água, sou eu que boto. Desde que meu irmão viajou, sou eu que boto. Subir ele à noite, prender ele, sempre sou eu. (Valter Silva, filho #3, 19)

Se os bens são de uso comum e considerados como “tudo é de todos”, não é esquecido quem comprou ou trouxe o item para a casa, ou para quem foi comprado inicialmente. Por exemplo, o computador:

Quando a gente comprou foi para o Roger, porque ele começou a estudar. Não era dele, foi para ele. Os outros ainda não usavam, eram menores. Mas não é dele, é de todos. Até porque foi o pai que comprou. Não foi ele. Todos podem usar. (Rosa Silva, mãe, 54)

O mesmo vale para os demais itens. As camisas dos meninos ficam penduradas na arara do quarto e as roupas para uso cotidiano ou para práticas esportivas ficam em uma cômoda. Se, por um lado, não precisam pedir emprestado aos irmãos as camisas que querem usar, por outro lado a referência ao dono original não se perde: “O Valter desce e diz ‘hoje eu estou de Roger,’ ou ‘hoje eu estou de Guilherme’, eles até brincam assim” (Rosa Silva, mãe, 54). Ao ser perguntado se os objetos têm dono, Guilherme responde:

Tem dono. Só que a gente não liga para isso, não. Todo mundo usa tudo de todo mundo. Roupas a gente usa o que todo mundo usa. O meu irmão tem o iPad dele e sempre deixa aí para a gente usar. Não tem problema nenhum. Não precisa nem pedir. (Guilherme Silva, filho #2, 23)

Sabem, cada um sabe [de quem é o quê]. No lugar de pendurar as roupas ele sabe o que é dele. Tanto que, quando o Guilherme for agora para Três Corações, ele sabe que ele pode levar o que é dele. (Rosa Silva, mãe, 54)

Além de ser mantida a identificação de a quem o item pertence originalmente, Valter fala também em conseguirem manter a “privacidade” de cada um, no sentido de cada um poder usar suas próprias coisas, mesmo que compartilhadas. Em seguida, menciona que não são individualistas, contrapondo esse conceito com o compartilhamento praticado pela família:

Aqui é bem coletivo. Ao mesmo tempo existe a privacidade de cada um e a coletividade não afeta essa privacidade. Cada um é bem receptivo. Todo mundo que vem aqui fica à vontade e tal... Ninguém aqui é individualista. (Valter Silva, filho #3, 19)

A aquisição de bens para a casa é compartilhada. Cada um contribui conforme suas possibilidades, principalmente após ingressarem no mercado de trabalho. Antes de o filho mais velho começar a trabalhar, os pais arcavam com todas as despesas. No momento das entrevistas, o filho mais velho já contribuía de forma significativa com a aquisição de bens necessários à casa e aos irmãos.

Eu sempre falei para eles: o que foi mais difícil foi o primeiro, que não tinha como os outros ajudarem. O primeiro era só o pai. Era só eu, só eu. Depois que ele começa a ganhar o dinheirinho dele, aí já somos dois. Já tem eu e já tem ele. Então a gente pode ajudar os outros e assim vai. É uma bola de neve. (César Silva, pai, 55)

Meu irmão mais velho trabalha, tem mais condição. Meu irmão mais velho, ele compra roupa e não compra para ele: ele compra para ele, para mim, para o meu outro irmão... Todo mundo aqui usa tudo de todo mundo. Cheguei a fazer estágio por seis meses. Eu ganhava meio salário mínimo, ganhava um pouquinho só. E eu ajudava aqui em casa, comprava coisas na rua. Aqui em casa é bem coletivo. Todo mundo se ajuda. E então tudo fica mais fácil. (Valter Silva, filho #3, 19)

Dois formas de compartilhamento propostas na literatura aparecem nos relatos. Primeiramente, o compartilhamento aberto, sem que seja demandado, surge em duas situações distintas. A primeira situação é Rosa relatando como encara o papel das mães em geral no cuidado dos filhos, sem nada esperar em troca. Os cuidados, que incluem cuidar das roupas dos filhos e cortar suas unhas e seus cabelos, têm relação com o que Belk (2010) utilizou por protótipo de compartilhamento no seu exemplo de maternidade.

Eu faço tudo. Eu corto unha deles até hoje. Do pé, da mão. Do marido eu que cuido, corto o cabelinho do Valter, corto o cabelo dele, cuido de todo mundo. [...] Eles nunca vão poder cobrar de mim. O que eu tentei e tento até hoje, enquanto Deus me der saúde, é cuidar dos meus filhos. Às vezes, a gente até pensa: “aaah às vezes a pessoa fez tanto e os filhos não dão valor à mãe”, mas eu não estou esperando que eles me deem valor. Eu não estou esperando, eu não faço nada cobrando. Se um dia eu precisar de vocês e vocês me atenderem, ótimo, mas eu faço porque eu acho que mãe tem que fazer. Ou então, não seja mãe. (Rosa Silva, mãe, 54).

Uma segunda situação de compartilhamento aberto que aparece nas entrevistas é a contribuição espontânea de dinheiro e bens que os filhos fazem, principalmente o mais velho, que já trabalha há algum tempo.

Durante o ano, o Roger compra, ele vai na rua, gosta do negócio e compra. Mas, se chega aqui ele usa, todo mundo usa. Mas assim, às vezes, ele vai na rua, olha e fala “isso aqui o Valter vai gostar”. Então compra para mim. Mas acaba ele comprando para mim, mas ele usa também. (Valter Silva, filho #3, 19)

Outra forma de compartilhamento que aparece nos relatos é o compartilhamento demandado, aquele que ocorre porque é solicitado por alguém:

Eu não gosto de ficar pedindo dinheiro para a minha mãe para sair, porque ela não gosta que eu saia. Então, ela não vai me dar. Geralmente quando eu quero sair, eu peço para o meu irmão. Para o meu irmão, eu não me importo de pedir e ele não se importa de dar. (Valter Silva, filho #3, 19).

O mesmo ocorreu quando Guilherme resolveu se inscrever para a seleção para o curso de formação de sargentos. Não tendo dinheiro para a inscrição, pediu ao pai, que por sua vez pediu a Roger, pois estava também ele sem dinheiro.

O compartilhamento dos bens foi incentivado pelos pais desde a infância de seus filhos. Rosa explica:

Aqui era tudo junto, também os brinquedos. Acho que é porque foi desde pequeno, eu acho que veio já de berço essa situação. Eu sempre comprei um brinquedo para cada um. Nunca teve aquela divisão, aquela prateleira... A prateleira tinha lá os carros, os brinquedinhos, as coisas, todo mundo podia pegar tudo, não tinha “ah, esse é meu”. Eu criei eles assim: “é dos três”. (Rosa Silva, mãe, 54)

As coisas já são compradas pensando no uso por todos, mesmo que inicialmente direcionadas a atender alguma necessidade específica de um dos membros da família. Ao falar dessa situação, o pai conta que tiveram que ensinar a compartilhar:

Aqui tudo é de todos. Mesmo quando eles eram pequenininhos. Entre eles, se desse em um ou no outro, sempre houve isso de sair um com a roupa do outro. Aqui a gente compra as coisas, mas não é para a gente, é para todos. Sempre foi assim. O mais velho começou a ter ciúmes dele e começou a ter, assim, algum problema. O mais novo pegava, quando não tinha esse terceiro filho, pegava um brinquedo, qualquer coisa, e então o mais velho dizia “é meu, me dá”. A gente foi contornando. A gente conversava com o mais velho. Ele pegou, deixa ele brincar. “Mas é meu o brinquedo”. “Não, deixa ele brincar”. Ele ficava meio assim... O outro brincava e tal, até que largava, mas a gente tinha que estar de olho que se desse mole o mais velho queria bater. Só que o menorzinho era danado. Era encrenqueiro. Mas isso quando era pequenininho. Depois começaram a se entender melhor. Rapazinhos, adolescentes nunca tive problema de briga entre eles. Nunca, nunca. Sempre se entenderam bem. (César Silva, pai, 55)

O relato do pai, já se referindo à fase adulta do filho, deixa entender que em alguns momentos o filho mais velho chega a relutar em compartilhar alguns itens especiais, mas cedendo em seguida. O discurso é corroborado pela fala do filho do meio.

O mais velho é que era mais “essas coisas aqui são minhas”. Eu andei conversando: isso aí, negócio de “é meu, é meu”, isso é a maior palhaçada que existe. Quando ele começou a trabalhar, queria ter as coisas dele, essas coisas. Então ele percebeu também que não adianta. Ele tem uma namorada que deu uma camisa, eu não sei se foi a namorada, ou se foi a sogra, deu uma camisa bonita para ele. Ele guardou. Um belo dia, nós fomos sair, o mais novo olhou, viu a camisa, botou no corpo. Ele ainda nem tinha usado. Ele chegou do trabalho e perguntou, “ué, minha camisa?”. Isso há poucos dias. Eu não falei nada, só olhei para a cara dele. Eu falei “essa camisa de quem era? Foi a que a sua sogra lhe deu?”. “É, oh o Valter usando”. Eu falei “ah, esquentada não”. “Tudo bem, tudo bem”. Está entendendo? Se fosse em outras épocas, ele ia reclamar. (César Silva, pai, 55)

Só tem uma ou outra coisa que você tem um pouco mais de ciúme, mas que... Mas aí deixa, acaba liberando. Para mim não tem muito, não. Meu irmão mais velho às vezes acaba ficando com ciúme de uma roupa ou outra, mas também deixa. Não tem problema não. A gente usa com cuidado. (Guilherme Silva, filho #2, 23)

O cuidado exigido pelos donos no uso das peças compartilhadas está englobado no que Belk (2010) cita como responsabilidades da posse compartilhada: cuidar, não usar exageradamente e deixar disponível pronto para uso pelo próximo. Apesar do relato dado por Guilherme de que todos usam com cuidado os objetos dos outros, o pai deixa entender que parte do receio que o filho mais velho tem de compartilhar determinadas roupas possa vir justamente de um possível mau uso pelo irmão mais novo:

Até hoje ele reclama é quando ele empresta e, geralmente o mais novo, usa e rasga. Então ele reclama. “Poxa, eu lhe emprestei, você usa, mas você não tem cuidado, se arrasta em qualquer lugar e está tudo sujo, está assim, está manchado”. Aí ele reclama. Eu não falo nada, porque eu acho que está até certo. Porque tem que ter um cuidado com as coisas para durar. (César Silva, pai, 55)

Mas, ao mesmo tempo que Roger parece ter relutado em alguns momentos a compartilhar seus bens com os demais membros da família, ele também parece ter assumido os valores passados pelos pais não apenas para si, quanto para seus eventuais filhos:

O Roger até diz assim para essa namorada atual: “eu quero criar meus filhos como a mãe e o pai me criaram”. Então ele pensa em fazer igual, porque ele viu que deu certo. (César Silva, pai, 55)

O mais velho, na época que ele namorou uma menina, começou a ter um clima desse, mas ele cortou. Ela tinha dado uma camisa a ele de aniversário, e ele emprestou para o irmão, aí ela viu. Então ele falou assim: “olha só, a partir do momento que você deu a camisa, a camisa é minha. Eu posso emprestar para o meu irmão”. Ela também nunca mais falou nada, porque ele cortou. Tudo que se corta no início, não tem isso. (Rosa Silva, mãe, 54)

Os entrevistados afirmam que não há disputa no uso de nenhum bem compartilhado, nem mesmo pelo único banheiro da casa. Como relata Valter:

Todo mundo tem que tomar banho nesse banheiro aqui. Tem que ter o bom senso de tomar banho rápido. Às vezes, um está tomando banho e outro já está escovando os dentes. Não tem esse negócio de querer o banheiro exclusivo. Aí, agiliza. (Valter Silva, filho #3, 19).

Mesmo a televisão da sala, preferida por todos, não é disputada, pois a programação escolhida ou é de interesse geral, ou ocorre em momentos diferentes do dia de acordo com os interesses de cada um ou, ainda, a mãe utiliza a televisão do quarto dos meninos quando os homens da casa querem assistir futebol ou programas de mesa redonda. O único bem que parece ser mais disputado é o computador de mesa, promovendo um revezamento para seu uso entre familiares e amigos que se encontrem na casa:

Quando eles estão no colégio, eu tenho oportunidade de usar o computador, acabo meu almoço, então fico lá meia hora me distraíndo. Mas com eles em casa eu tenho pouca oportunidade de usar. Então meu sonho de consumo é um computador de mesa. Para mim, não. Eu não vou dizer “é meu”. Mas meu para eu usar a hora que eu quiser. Claro que se um ali disser: “mãe eu vou usar um pouquinho”, eu não vou dizer não, mas a prioridade seria minha. O meu sonho de consumo agora é um computador. E eu estou tentando comprar. Porque às vezes o computador está livre mas eu estou ocupada. Eu fico “poxa, o computador lá sorrindo para mim e eu agora não posso”. E então eu fico na espera. (Rosa Silva, mãe, 54)

Olha, eu gostaria de ter um computadorzinho meu. Assim, que fosse meu, que eu pudesse usar sempre. Mas eu não me importaria que os outros usassem. Eu queria que fosse um computador que, sempre que eu precisasse de alguma coisa, eu tivesse ele à minha disposição. Porque, aqui em casa, o computador é disputado. (Valter Silva, filho #3, 19)

Os genitores contam que criaram os filhos com os mesmos valores passados por seus respectivos pais, promovendo a união entre os filhos e o compartilhamento de seus bens. César relata que os pais “sempre plantaram esse negócio de a gente se dar muito bem” e que era “sempre um ajudando o outro”. Já Rosa conta como foi acostumada a compartilhar com os irmãos:

Não tinha “esse é meu, esse é seu”... Até porque eu acho que a situação do meu pai era bem precária também, então ele não podia dar muitos presentes. Ele dizia assim: “olha, o pai só pode dar essa bola. Os três vão brincar juntos”. Era igual com boneca. Tinha ano que ele não podia comprar uma boneca para cada uma, então ele comprava uma boneca e dizia para as três brincarem. Dava certo. Porque a gente aprendeu que tinha que ser assim. (Rosa Silva, mãe, 54)

O casal conta ter passado os mesmos valores e criação para seus filhos, mas não veem como sendo a realidade de outras famílias, as quais criticam:

Eu acho que no tempo mais antigo, o pessoal tinha mais dificuldade de ter as coisas e os irmãos se entendiam melhor. Hoje, como eles podem ter tudo, as famílias andam brigando. Antigamente dormia todo mundo no mesmo quarto, porque só tinha um ventilador, as casas não tinham várias televisões. Era uma televisão para a família. Agora não. Tem televisão no quarto do filho, pode-se ter uma televisão na cozinha... (Rosa Silva, mãe, 54)

Os entrevistados usam diferentes termos para descrever a dinâmica de uso conjunto dos bens. Em seus relatos, usam os termos “compartilhar” e “emprestar” de forma intercambiável quando se trata do uso dos bens na casa. Valter é o único que emprega os termos com significados distintos, esclarecendo que dentro da casa raramente algo é emprestado: “Negócio de emprestar aqui em casa é difícil, é tudo compartilhado”.

Aparece também o termo “dividir”, mas na maior parte das vezes associado a bens consumíveis, como iogurtes, biscoitos ou pizzas. “Dividir”, aqui, aparece no sentido de compartilhar.

Emprestar é compartilhar. É o mesmo sentido. Se eu estou emprestando eu estou compartilhando. Emprestar e compartilhar é diferente de dividir. Dividir é eu pensar assim “isso é meu, eu vou dividir com você, mas a metade é minha”. Agora, emprestar e compartilhar têm o mesmo sentido, estou lhe emprestando, estou compartilhando. Aqui a gente divide tudo. Tudo é de todo mundo. (Rosa Silva, mãe, 54)

Aqui em casa, a gente divide. Por exemplo, a gente compra uma pizza hoje, e o Guilherme não está em casa, Então a gente sempre deixa um pedaço para ele comer no dia seguinte. A gente é bem coletivo, bem unido nesse sentido de roupa, bens materiais, no geral. (Valter Silva, filho #3, 19)

Se dentro da casa os bens são compartilhados e não se precisa pedir algo para usar, o mesmo não parece valer para fora da família residente no mesmo domicílio (compartilhamento externo). Aqui, o “emprestar” toma sentido diferente daquele empregado dentro da casa, pois requer autorização do dono original e não está garantido que vá ser permitido.

Falei “Valter, você não pode emprestar o que não é seu”. Então ele disse “ah, mas é meu colega”. Então eu disse “liga para ele”. Eu me meto só nessa parte. “Liga para seu irmão e só comunica, porque não é você que está usando. Você está emprestando para um amigo”. Ele ligou e o irmão disse “está bem, tudo bem, empresto”. O irmão tem um coração muito bom, mas ele gosta que comunique. Como é que eu vou emprestar uma coisa que não é minha? (Rosa Silva, mãe, 54)

A fronteira esboçada nos relatos é que o compartilhamento ocorre na casa, dentro da família nela residente, e apenas o empréstimo de bens seria vislumbrado quando se refere aos “de fora”:

Eu acho que na família, aqui dentro de casa, eu acho que não tem diferença: emprestar ou compartilhar eu acho que são a mesma coisa. Agora, já com pessoas de fora, aí já é diferente. Com pessoas de fora você pega, por exemplo, um dinheiro emprestado, você vai ter que pagar. Para uma pessoa lá fora há uma grande diferença. Agora, para a gente aqui, em família, eu acho que não tem diferença. (César Silva, pai, 55)

Às vezes, a ideia de compartilhar vem associado a “dar”, que também aparece em contraposição a “emprestar”, como no caso do dinheiro, que é dado, mas não emprestado:

Ah, acho que tem diferença. Aqui em casa, por exemplo, eu não empresto nada para ninguém, eu só compartilho. É o que eu lhe falei, meu irmão não me empresta dinheiro, ele me dá. Se, um dia, eu tiver dinheiro e ele estiver precisando, eu vou dar para ele. emprestar, eu diria que uma coisa que alguém precisa usar muito, e eu deixo emprestado com esse alguém. Aqui em casa, nem acontece muito. Acontece mais com amigo, pessoa de fora. Quando a gente empresta, tem que pedir. Poxa, me empresta? Quando é compartilhado, o cara sabe que ele pode pegar, pode usar a qualquer momento. Aqui em casa não tem nada que eu precise pedir. (Valter Silva, filho #3, 19)

O contraste entre o mundo da rua e o da casa se dá também pela experiência recente de Guilherme no curso preparatório para sargento. Se na sua casa tudo é compartilhado, no quartel “é tudo separado”, mesmo que os estudantes convivam em um mesmo espaço em sistema integral durante toda a semana. Cada um tem “as suas coisas”.

Em casa, alguns amigos têm livre acesso aos bens da casa, sem terem que pedir para usá-los, em uma forma de compartilhamento externo e aberto: “Tem amigo meu que entra, deita aqui no sofá, abre a geladeira, bebe água... Aqui em casa fica todo mundo muito à vontade” (Valter Silva, filho #3, 19). No entanto, o acesso de terceiros à casa tem que ser permitido por um dos membros da família e com a anuência dos demais. Como estão acostumados a receber visitas com frequência, tanto de familiares como de amigos, o acesso de terceiros faz parte da rotina da casa. Nota-se, no entanto, diferenças entre a liberdade assumida por algumas visitas face a outras. Se alguns amigos de Valter têm o livre acesso aos bens, outras visitas frequentes pedem permissão para seu uso, como no caso do filho da vizinha que frequenta a casa da família Silva.

Os empréstimos envolvendo pessoas “de fora” implicam obrigação de devolução. Isso seria verdade tanto para bens que se tomam emprestado, quando para bens que são emprestados a outros:

Objetos, para fora, a gente empresta. Por exemplo, esse menininho mesmo que está aqui, a mãe dele pega coisas emprestadas aqui, leva, mas devolve. E eu também às vezes pego, preciso de alguma coisa, então tem um vizinho aqui que, às vezes, empresta, mas eu tenho a preocupação de devolver. Todo mundo quando pega alguma coisa tem que devolver. (César Silva, pai, 55)

A expectativa de que o item seja devolvido implica uma relação de confiança entre quem empresta e quem toma emprestado. Dentro dessa confiança está também uma expectativa de reciprocidade quando (e se) os papéis se inverterem:

Tem que confiar mesmo na pessoa. Se um dia eu estiver sem, ele vai me emprestar. Tem que dar para receber. Tem que ser recíproco também. (Valter Silva, filho #3, 19)

A propriedade dos bens compartilhados é descrita como sendo diferente dos bens emprestados para fora. No compartilhamento, a figura do dono deixa de ser relevante. O mesmo não ocorre no empréstimo, em que apenas a posse é temporariamente transferida.

Quando eu vou emprestar uma coisa eu espero que devolva. O que foi compartilhado tinha dono, mas depois que você compartilha já é seu e de outra pessoa. Da pessoa que você compartilhou. (Guilherme Silva, filho #2, 23)

No entanto, apesar das distinções feitas nas definições dadas pelos entrevistados, é possível notar nos discursos que o compartilhamento tem algumas características similares ao empréstimo para pessoas fora da casa. Assim como eles comentaram que um empréstimo requer devolução, no compartilhamento é esperado que depois do uso o item seja colocado novamente à disposição do uso comum e em bom estado.

Como é compartilhado, é porque não é só seu. Se não é só seu, você tem que voltar a colocar no lugar, para outras pessoas poderem usar. Então, não pode ficar para você. (Valter Silva, filho #3, 19)

Além disso, da mesma forma que na modalidade do empréstimo é esperada alguma reciprocidade, para Valter também no compartilhamento é esperado que cada um participe da disposição de bens para uso comum. Já para Guilherme, não se espera nada em troca, ou seja, não há expectativa de reciprocidade.

Se é compartilhado, tem que ser um negócio recíproco. Se ele compartilhou comigo, eu tenho que compartilhar com ele. (Valter Silva, filho #3, 19)

Compartilhar, você dá sem querer nada em troca. (Guilherme Silva, filho #2, 23)

Outra característica comum entre o compartilhamento dentro de casa e o empréstimo para fora de casa é a expectativa do bom uso do item. Assim como é esperado que o bem emprestado seja devolvido nas condições em que foi entregue, no compartilhamento é esperado que quem pega o item de outra pessoa para usar cuide bem dele.

4.2. Família Santos

A família Santos vive na penúltima casa em um terreno coletivo no bairro de Madureira. A família é composta por um casal de micro empresários – Juliana e Éden, conforme mostrado no Quadro 4.2. Estão casados há um ano e dois meses, ele com um filho de 10 anos de seu casamento anterior, que os visita com frequência. O micro empreendimento é originariamente da mãe de Juliana, e logo passou a ser auxiliada pela filha e então pelo marido desta, após terem começado seu relacionamento.

Quadro 4.2 – Perfil dos membros da família Santos

Papel	Nome	Idade	Descrição	Profissão
Casal	Éden	39	Marido de Juliana	Micro empresário
	Juliana	32	Esposa de Éden	Micro empresária

Apesar de ambos pertencerem à mesma faixa socioeconômica, a família Santos e a família Silva poderiam representar, respectivamente, o limite inferior e o limite superior do que é considerado classe C. Se a casa da família Santos era grande e com diferentes pavimentos, churrasqueira e varandão, a casa da família Souza é pequena, simples, construída em um terreno coletivo e originalmente parte de uma casa maior. E, assim como ocorre na família Silva, a escolaridade do chefe de família (nível médio) pesa para não obterem maior pontuação na classificação socioeconômica pelo Critério Brasil.

A casa é composta por quarto, sala, cozinha e banheiro. Na última casa do terreno, localizada no andar superior ao domicílio em questão, moram a mãe e o irmão de Juliana. Essas duas casas antes eram uma única, com os andares ligados por uma escada interna e que está sendo retirada por Éden. O terreno pertencia à avó da entrevistada e a família foi construindo diferentes casas conforme crescia. Quando Juliana nasceu, sua mãe já morava no local. Todas as casas no terreno são ocupadas por parentes, com graus diferentes de convívio familiar com os entrevistados.

O casal declara colocar todos os seus bens à disposição para compartilhamento com o cônjuge. Quando respondem à pergunta de “o que é de quem”, ambos dizem compartilhar tudo e imediatamente citam o exemplo da gestão do dinheiro do casal.

Tudo é nosso. O dinheiro, tudo. Não tem esse negócio que é dele, que é meu. Ele tem meu cartão do banco, eu tenho a senha do porquinho dele. É tudo nosso. (Juliana Santos, esposa, 32)

Aqui é tudo meu e [ênfase no “e”] da minha esposa. O meu dinheiro aqui é dela, e o dela é meu. Se eu precisar eu pego com ela; e se ela precisar ela pega comigo. Não interessa para quê. Ela vai saber o que que foi, e eu também vou saber o que que foi. Tudo que é meu é dela. (Éden Santos, marido, 39)

Apenas itens que não geram interesse de uso da outra parte é que não são compartilhados, como certas roupas, a toalha de banho dela, o videogame dele e a sua coleção de carrinhos.

Só roupa íntima mesmo. Mas não tem “esse aqui é meu”. Ele faz coleção de carrinhos. Isso aí é dele. Porque eu também não faço a mínima questão. Mas a gente não tem esse egoísmo não, “é meu, é dele”, não tem isso. (Juliana Santos, esposa, 32)

Ela usa minha toalha, e eu só não uso a dela porque é rosa, e eu não uso rosa nem a pau. (Éden Santos, marido, 39)

Para ambos, o conceito de casamento está estreitamente ligado ao de compartilhamento irrestrito de bens e recursos. O casal que se casa, torna-se para eles uma única entidade, com laços estreitos inclusive pelo uso de bens. Ao mesmo tempo que assumiram esses valores para suas vidas, Éden e Juliana criticam casais que não compartilham seus bens, em atitudes que Éden vê como “individualidade” e Juliana chama de “psicoses”:

Minha irmã já tem uma certa individualidade com o esposo dela. O dinheiro dele é dele, ela nem sabe quanto que ele ganha, nem ele sabe quanto que ela ganha. Mas o carro é dos dois. Essa parte financeira mesmo que eu acho que é errado no casal. De divisórias. Isso não existe, poxa. Se estão casados, os dois são um só. Se os dois são um só, o que é dela é meu, e o que é meu é dela. Não tem esse negócio de divisória. (Éden Santos, marido, 39)

Tem gente que tem umas psicoses assim... Porque, quando a gente casa, casa para dividir. Não tem porque, não tem jeito. Ou você entra, ou você não casa. Eu vejo cada história de casamento, que eu fico assim “gente, para que que casa?”. Cada um vive do jeito que achar melhor, mas questão de dinheiro, esse dinheiro é meu, eu pago isso, eu pago aquilo, isso aqui é dele, não pode mexer, esse perfume ele comprou, não posso mexer... Não concordo. (Juliana Santos, esposa, 32)

O entretenimento é parcialmente compartilhado, por conta de interesses por vezes divergentes. Se ela gosta de assistir diversos programas na televisão, ele usa a mesma televisão para jogar videogame. Mas não há disputa pelo uso, pois ambos declaram que ele sempre cede a vez quando ela quer assistir algo.

Apesar de dizer não gostar dos programas, ele às vezes faz companhia, principalmente no momento da novela. Por outro lado, procuram sair juntos:

Às vezes eu vejo novela com ela, essa novela que está tendo aí, o tal do Felix aí, o gato Felix, eu vejo até com ela, e até gosto. Mas quando eu posso, quando eu estou fisicamente descansado, eu gosto de sair com a minha esposa. A gente sai, vai comer uma pizza, para não ficar muito rotineiro. (Éden Santos, marido, 39)

A gente gosta de sair, passear. Agora mesmo cheguei mais cedo, então a gente vai ao shopping. A gente procura também dar uma distraída, comer na rua, passear. Quando não dá para fazer muita coisa, por causa das finanças, a gente tenta fazer um passeio a sós, nem que seja ir ali comer um cachorro quente. A gente tenta se distrair assim. Eu adoro qualquer coisa. Qualquer coisa que seja na rua. Besteira, pizza, batata frita, cachorro quente, churrasquinho... (Juliana Santos, esposa, 32)

Como trabalham na mesma empresa, pertencente à mãe de Juliana, o casal compartilha também suas atividades profissionais e parte do tempo dedicado ao trabalho, tanto no trajeto ao trabalho, quanto na fabricação das mercadorias, como ainda nas eventuais viagens para diferentes estados brasileiros para entrega de encomendas. Como forma de compartilhamento externo, aparece o café da manhã comprado diariamente pelos proprietários para ser compartilhado com os funcionários da empresa logo antes do expediente começar:

A gente compra pão, cafezinho, leitinho. Eu, minha esposa e minha sogra nos reunimos dentro da empresa. Tomamos o café com os funcionários, que eu acho isso legal, o funcionário participar com você ali. (Éden Santos, marido, 39)

Se no momento da entrevista o compartilhamento interno à família era feito pelo casal, antes da obra que separou as casas de Juliana e da sua mãe a situação era um pouco diferente. Como no andar superior – que ficou com a mãe – não havia cozinha nem banheiro, essa área era de uso compartilhado. Da mesma forma, no andar de baixo – a casa dos entrevistados – não tinha área para lavagem e secagem de roupas, fazendo com que usassem a área na casa da mãe. Além dos três adultos citados, mora com a mãe o irmão de Juliana, praticamente sem ter sido citado, no entanto, nas entrevistas. Juliana apenas se limitou a dizer que não tem uma relação próxima com ele. A família estendida, residente no domicílio no momento anterior à obra, era então composta por Juliana, Éden, a mãe e o irmão desta.

Naquela configuração familiar e de espaços, o compartilhamento se restringia basicamente à cozinha e ao banheiro localizados no andar de baixo. As refeições eram preparadas naquela cozinha. Em alguns momentos, a mãe cozinhava também para o casal comer com ela, mas não como ritual costumeiro da casa. Esse hábito permanecia, já com casas separadas e uma cozinha em cada uma. No restante, a família estendida formada pelos quatro adultos tinha hábitos semelhantes aos posteriores à separação das casas: o casal compartilhando os mais diversos itens e a mãe participando apenas de alguns dos eventos de compartilhamento, principalmente comida.

Essa situação de compartilhamento parcial com a sogra foi o suficiente para Édén se sentir incomodado, explicando que ele é “territorial” e que não fica confortável em ter outras pessoas na casa dele. Ele foi criado em apartamento, com fronteiras mais claramente limitadas do que em uma casa localizada em um terreno ocupado por diferentes casas de uma mesma família.

Eu sou muito territorial. Meu cantinho é aqui, se entrar outra pessoa estranha vai ficar complicado. Eu já fico meio na retaguarda. Já fico com dois pés atrás. Mas aí não deu. A gente ficou todo mundo junto. Lá em cima ela [a mãe de Juliana] tinha a sala e dois quartos. O banheiro e a cozinha ela não tinha. Então ela cozinhava aqui e levava para lá. A mãe dela usava o banheiro aqui e dormia lá. A gente só usava lá em cima para poder botar a roupa para estender, porque a máquina de lavar é lá no terraço. Quando teve oportunidade agora, pintou um dinheirinho, um pouquinho a mais, falei “opa, vamos logo fazer a obra da sua mãe lá em cima”. Aí começamos, chamamos pedreiro e fiz para ela lá em cima. Ainda não está terminado. Já está com banheiro, já está com cozinha, está com tudo direitinho. Peguei minha geladeira novinha e dei para ela, comprei outra. Só falta mesmo cortar essa escada aí. (Éden Santos, marido, 39)

Durante a infância, entrou em acordo com a irmã para a divisão dos espaços entre eles e preservar sua privacidade. Eles inicialmente dormiam no mesmo quarto e, conforme cresceram, ele passou a dormir na sala. Além disso, fizeram uma separação igualitária do espaço do guarda-roupas. Segundo o entrevistado, sua família tinha uma situação financeira confortável, o pai marinheiro e a mãe dona de uma loja de artigos de cama, mesa e banho, localizada em Campos de Goytacazes, no Norte Fluminense.

Entreí num acordo com ela: “Vamos fazer o seguinte. Você vai ficar com três portas e eu com três. Você não mexe nas minhas coisas, e eu não mexo nas suas coisas. Não me interessa o que tem nas suas coisas, e não lhe interessa o que tem nas minhas coisas”. Fechou o pacote, ela sempre respeitou o meu espaço, e eu sempre respeitei o espaço dela. E então veio o outro problema: dormir no mesmo quarto. Eu gostava de dormir de cueca, ela já dormia com roupa mais curtinha. Eu furrava atrás do sofá da sala ali escondidinho, se chegasse visita nem iria me ver. (Éden Santos, marido, 39)

A divisão entre irmãos não foi apenas na organização de seus pertences no armário ou no local de dormir. Eles também dividiam as tarefas domésticas, principalmente nos momentos de ausência dos pais – o pai, sendo marinho, viajava com frequência; a mãe se ausentava para cuidar da loja. Dessa forma, os irmãos “se uniam” para realizar as atividades necessárias na casa.

Quando minha mãe estava em Campos, meu pai estava viajando, ficava só eu e minha irmã em casa. E a gente se unia em casa. “Você vai lavar a louça, você seca, eu vou descascar os legumes, você coloca para cozinhar, eu vou lavar o arroz, você coloca para cozinhar...” e assim ia. A gente fazia um revezamento. (Éden Santos, marido, 39)

Se o guarda-roupas de Éden com sua irmã era claramente dividido entre os dois, o guarda-roupas de Éden com Juliana é também separado, mas com alguma mistura de roupas entre eles. “No guarda-roupas, tem a parte minha, tem a parte dele. Mas, de vez em quando, minhas coisas vão parar na parte dele” (Juliana Santos, esposa, 32).

Juliana, por outro lado, foi acostumada a compartilhar tudo com o irmão e a mãe por falta de recursos financeiros. A casa só foi expandida posteriormente. Durante sua infância, havia apenas um quarto e os irmãos revezavam quem dormia na cama com a mãe. O outro dormia no corredor. Até que o irmão cresceu a ponto de não caber mais na cama da mãe, deixando de compartilhá-la.

Vivíamos nós três, e minha mãe tinha uma condição bem precária. Então, a gente era obrigado a dividir tudo. Gostando ou não gostando. Querendo ou não. Era obrigado. Era assim: uma noite, eu dormia no corredor. Outra noite, era ele. Meu irmão tem quase 1,83, por aí. Então, ele teve que dormir no chão, porque ele não cabia na cama com a minha mãe. Com 12 anos, ele já dormia no chão. Mas a gente entendia, porque era a vida que minha mãe podia dar. (Juliana Santos, esposa, 32)

Tanto no caso de Juliana durante a infância, como no caso de Éden durante o período em que as casas não estavam separadas, parece ter havido um compartilhamento forçado, contra a vontade, por uma questão de necessidade e por falta de alternativa. Diferentemente do compartilhamento demandado, que na literatura aparece indicando mais a “obrigação” de se compartilhar algo que se possui, nesses casos não é apenas a obrigação em ceder, mas também em aceitar compartilhar o que é dos outros. Em ambos os relatos, os entrevistados fazem entender que sua opção seria de não compartilhar espaços e bens, caso isso fosse possível naquele momento. Esta forma de compartilhamento forçado não foi encontrada na literatura pesquisada.

Outro caso de compartilhamento forçado aparece quando Éden comenta que gostaria que a garagem fosse individual.

Gostaria que a garagem fosse individual. Olha, o tio João não me atrapalha em nada. Eu fiz o acordo com ele. Desde que eu conheço a família, ele sempre teve duas motos e um carro. Então ele coloca as duas motos, o carro dele e o nosso na frente. Só que às vezes acontece de eu sair com a Juliana cedo do trabalho, ele também não está ali com o carro, saiu, então eu chego e ele não está em casa. Aí eu fico na dependência dele. Porque como eu saio primeiro que ele... Então o que eu faço? Eu deixo o meu na rua. (Éden Santos, marido, 39)

O compartilhamento do uso do dinheiro – e das decisões de compra – aparece também como forma de controle financeiro. Ao falar da ex-esposa, Éden se arrepende de não ter participado das decisões envolvendo dinheiro. Nesse aspecto, o compartilhamento surge formado por dois componentes: o “entregar” (fornecer recursos financeiros) e o “receber” (controle sobre as decisões de uso do dinheiro).

Eu sempre dei carta branca para ela. Isso foi um erro. Porque se eu tivesse dado as oportunidades e controlasse, a história não ia mudar, o casamento ia acabar porque a gente já estava se desentendendo, mas não iria chegar ao ponto que cheguei de ficar endividado, com o nome no SPC, por conta dela. Por não ter conhecimento do que estava acontecendo financeiramente. (Éden Santos, marido, 39)

A coleção de carrinhos de Éden se apresenta como um caso à parte aos demais bens do casal. Se em um primeiro instante ambos os entrevistados dizem que os carrinhos são apenas do marido porque a esposa não teria interesse neles, ao comentar sobre os planos de onde exibir a coleção na casa e pensando em um dia terem um filho juntos, Éden comenta que a coleção de carrinhos não seria compartilhada com um filho, pelo menos não em um primeiro instante. Sendo a coleção um bem com associações afetivas, a possibilidade de um mau uso dos carrinhos e sua possível quebra inviabilizaria que ela fosse compartilhada com um filho.

O casal vê como sendo coisas diferentes o emprestar e o compartilhar. O empréstimo envolve a devolução do bem a quem o emprestou. Já no compartilhamento, não há expectativa de devolução, o item passando a pertencer a todos que dele compartilham. Éden parece seguir uma definição de compartilhamento como sendo uma divisão igualitária, e acrescenta espontaneamente uma definição para “doar” ou presentear, de forma a contrapor as definições que deu para compartilhar e emprestar.

Emprestar, eu lhe empresto e você me devolve. Se você me pedir para eu lhe emprestar meu celular, eu vou lhe emprestar e você vai me devolver, assim que você acabar de usar. E compartilhar, não. Você vai abrir, sem esperar devolver. Sem esperar que você me retorne. Se você compartilhou, é de todos. (Juliana Santos, esposa, 32)

Emprestar é... O nome está dizendo, eu vou lhe emprestar e você vai devolver. Compartilhar... Nós moramos juntos e vamos dividir aquilo. São dez seus, dez meus, 20 seus, 20 meus, e assim sucessivamente, independente do que que seja. Dinheiro, comida, seja lá o que for. E vou além do que você me perguntou: doar é você que deu. Deus, está dado. Não interessa o que a pessoa vai fazer, vai usar aquilo do jeito e da melhor forma que achar. (Éden Santos, marido, 39)

A definição que Éden faz de doar associa o ato a uma transferência não apenas da propriedade e da posse do bem, como também à isenção da prestação de contas do destino dado ao bem. Assim sendo, é possível se supor que, para o entrevistado, as modalidades de compartilhamento e empréstimo envolvam um comprometimento na decisão da forma de uso do bem, o que, por sua vez, remete novamente à questão do controle.

Um item que é emprestado é o celular. Apesar de ter seu próprio aparelho, Éden não o mantém ligado. Sempre que precisa de um celular, pede o da esposa emprestado. Na indisponibilidade desse, pede o da sogra ou até mesmo de outras pessoas, como o da funcionária da microempresa da família. Devolve assim que termina seu uso.

Ele tem o celular não sei para quê. Só vive desligado. E então, quando tem que ir na rua – e às vezes a gente tem que ter uma comunicação – ele tem que levar o meu. Porque o dele está sempre descarregado. Às vezes, ele pega o da minha mãe, quando precisa ir na rua e eu vou precisar do meu. É emprestado. Cada um tem o seu. Até o da menina que trabalha com a gente. Se ele tem que ir na rua e se eu falar “o meu não posso emprestar, que estou recebendo uma ligação”, ele diz para a funcionária “então me empresta o seu aí”. (Juliana Santos, esposa, 32)

Para fora de casa, foi dado o exemplo do empréstimo do carro para a mãe de Éden, que precisava transportar mercadorias de sua loja, e da ajuda dada a um vizinho, que estava fechando sua lanchonete e precisava recolher os eletrodomésticos que ali ficavam. Em ambos os casos de empréstimo, o pedido de ajuda incluía o carro e o motorista (o próprio entrevistado), sendo emprestado o serviço completo para o transporte dos bens. Éden também declara ter pego emprestado diversas vezes o carro da irmã, “um carrão”, para pegar o filho ou para passear.

Assim como o carro do casal pode ser emprestado para terceiros, Juliana também usa o termo emprestar para se referir à transferência temporária de bens a pessoas fora do casal, mesmo que seja tão próximo quanto a sua mãe. Segundo Juliana, “cada uma tem a sua vida”, e “a gente empresta, se precisar” ou também pega emprestado. “Mas compartilhar, não. Compartilhar é alguém que cede e divide” (Juliana Santos, esposa, 32).

Assim, o fato de os empréstimos serem recíprocos e entre duas pessoas próximas (mãe e filha), não é condição suficiente para que Juliana considere como compartilhamento. O compartilhamento, portanto, envolve mais do que o empréstimo; envolve um “ceder e dividir”, ou, como disse na definição que deu para compartilhamento, “você vai abrir [para o uso], sem esperar devolver”.

4.3. Família Pereira

A família Pereira mora em uma casa localizada no bairro de Marechal Hermes. É uma família polinuclear, formada por Elaine, chefe de família, um filho e duas filhas e as famílias nucleares das duas filhas. Uma dessas famílias nucleares é a de Mariana, que ali vive com o marido Diogo e a filha Micaela; a outra família nuclear é formada por Manuela e seu filho Gabriel. A família Pereira é portanto formada por cinco adultos e duas crianças, de três gerações diferentes, conforme mostrado no Quadro 4.3. Para o presente estudo, foram entrevistados Elaine, Mariana e Diogo.

Quadro 4.3 – Perfil dos membros da família Pereira

Papel	Nome	Idade	Descrição	Profissão
Pais	Elaine	50	Chefe do lar, mãe de Mariana, Manuela e Fabiano	Pensionista; assessora política
Filhos	Mariana	26	Filha #1 de Elaine	Dona de casa; manicure eventual
	Manuela (*)	24	Filha #2 de Elaine	Auxiliar administrativo
	Fabiano (*)	21	Filho #3 de Elaine	Auxiliar administrativo
Netos	Micaela (*)	2	Filha de Mariana	-
	Gabriel (*)	4	Filho de Manuela	-
Outros	Diogo	27	Marido de Mariana	Motoboy

(*) Não entrevistados

A casa é grande: tem originalmente três quartos, cozinha, banheiro e área de serviço, além de um jardim na frente da casa, isolado da rua por um portão bastante alto, que impossibilita que a casa seja vista por quem passa em frente. Um quarto adicional foi construído utilizando-se a maior parte da área de serviços e abriga a família de Mariana: ela, seu marido Diogo e sua filha Micaela, de dois anos. Na entrada do quarto, foi montada uma pequena cozinha, com uma geladeira pequena, um fogão e um armário que pertenciam ao casal antes de se mudarem para lá. O quarto da frente da casa é ocupado por Manuela e seu filho, Gabriel; o quarto do meio é o de Fabiano; e o quarto mais para dentro da casa, próximo ao banheiro e à cozinha principal, é ocupado pela dona da casa, Elaine. Todos os quartos têm guarda-roupas e cama e a casa é toda de piso frio. Observa-se poucos objetos aparentes, fora de armários, parecendo bastante organizada. Apenas a entrada do quarto de Mariana se apresenta mais improvisado, coberto com placas de compensado no chão e onde foi montada a cozinha com seus pertences, sendo que o armário funciona também como divisória para a área reservada à sua família.

O jardim foi elevado para ajudar a conter a água das chuvas, após diversos eventos de inundação da casa e da consequente perda de muitos bens da família. Foram também construídas muretas baixas de tijolos, resultando na ausência de novos eventos de inundação da casa, mas gerando alguns pequenos acidentes, com crianças e adultos tropeçando nas muretas.

As entrevistas terminaram antes da chegada dos dois filhos que trabalham fora, Fabiano e Manuela, e do retorno de Gabriel da escola. Insistiram que a pesquisadora partilhasse do lanche da família a ser feito naquele horário, mas aceitaram a recusa do convite.

A família mudou para a casa quando Elaine se separou de seu ex-marido onze anos antes. A casa é do ex-marido, mas o financiamento de vinte anos vem sendo pago desde então por ela, assim como boa parte da manutenção da casa. Elaine parece temer que a casa volte a ser motivo de disputa entre ela e o ex-marido, ressaltando que ela tem direito sobre a casa com seus filhos, mesmo se tiverem que partilhar com os outros filhos dele e com a segunda esposa.

Eu acho até injusto da parte dele se ele um dia, futuramente, vier pedir para fazer a partilha. “Vende a casa e me dá a minha parte”. Por quê? Ele não morou, ele não conservou, ele não utilizou. Ele simplesmente abandonou a parte dele. Ele não quis a parte dele. Eu lutei para que ele ficasse com a parte dele. (Elaine Pereira, mãe, 50)

Todos na família foram atletas de judô. O ex-marido de Elaine é militar da Marinha, faixa preta no esporte e dono de uma escola de judô. Elaine também foi judoca. Os filhos foram incentivados desde criança a praticarem o esporte, tornando-se todos faixa preta. Mariana foi inclusive professora de judô para crianças durante sua adolescência. A escola de judô mantinha um convênio com uma faculdade privada que fornecia bolsas de isenção de mensalidade a atletas. Elaine cursava Psicologia, Mariana e Manuela cursavam Educação Física. Com a separação de Elaine, ela perdeu a bolsa e teve que buscar trabalho para poder sustentar sua nova situação na nova casa, parando de vez a faculdade. Mariana foi morar sozinha e parou de lutar judô, perdendo sua bolsa de estudos. Finalmente, Manuela teve sua bolsa cortada já no final do curso, ao que Mariana atribui ao pai.

Esse negócio que na lei dizem que na Marinha, se a pessoa, se o filho estiver estudando, até 24 anos, ele é obrigado a dar, arcar com as coisas, então ele esperou dar a idade para cancelar a faculdade da Manuela. Por isso que ela não terminou. Eu achei muita sacanagem isso. Ela estava próxima de acabar. Está vendo o desespero que é aqui nessa casa, e é assim. (Mariana Pereira, filha #1, 26)

O judô esteve presente na vida dos três irmãos inclusive na casa em que foram criados, em Osvaldo Cruz. A casa era “bem pequenininha: quarto, sala, uma cozinha e um banheiro” (Elaine Pereira, mãe, 50). Os três irmãos dormiam na sala. Ao invés de camas, o pai instalou um tatame de judô para servir de leito.

Mariana conheceu seu marido, Diogo, também no judô. Quando ela engravidou, parou de trabalhar. Com a renda reduzida e despesas maiores pelo nascimento da filha, a solução foi aceitar o convite de Elaine para que se mudassem para a casa dela, em uma manifestação de compartilhamento aberto. Pelo relato de Mariana, pode ter sido uma situação de compartilhamento demandado, visto que ela conta ter pedido para a mãe para morarem com ela.

Mariana conheceu o Diogo, começou a namorar, trabalhava naquela época, aí, foram pagar aluguel e ela saiu. Mas eu sempre falei “A casa da mãe vai estar sempre aqui”. Mãe não fecha as portas para os seus filhos. Nunca. Eu sempre falo isso. (Elaine Pereira, mãe, 50)

Eu trabalhava, sempre trabalhei. Então eu mesma pagava, sem ninguém me ajudar. Depois eu fiquei grávida da minha filha. Eu não trabalhava, ele trabalhava sozinho, aluguel, compra, criança pequena, falei assim: “Não dá. Agora não dá porque eu não estou trabalhando”. Então o que eu fiz: eu voltei. Eu falei: “mãe, tem como eu vir para cá com o Diogo? A gente reforma aqui atrás” Porque não tinha muita condição. Então quem reformou lá atrás foi ele. Ele que pintou com a mão dele, ele que botou o piso do jeito dele lá. (Mariana Pereira, filha #1, 26)

Elaine já havia abrigado o filho de Manuela, que morava com ela quando Gabriel nasceu. “Todos comem comigo. A gente que é mãe, não é? Igual galinha, quer os pintinhos todos debaixo das asas”. Mas o compartilhamento da casa não é irrestrito, nem acontece sem confrontos. Elaine abre espaço para os filhos morarem com ela, mas estabelece limites “para não criar mal costume” (Elaine Pereira, mãe, 50):

Eu procuro ser essa mãezona. Mas assim, na boa, não me meto. Se pedir ajuda, eu ajudo. Se não pedir também, eu não falo nada. Porque se você também ficar se oferecendo muito, daqui a pouco aquilo começa a criar um mal costume. “Mãe, está faltando isso. Você tem aí?”. “Não tenho”. (Elaine Pereira, mãe, 50)

Ao ser perguntada sobre o que na casa é só dela, Elaine primeiramente responde “A minha vida, só. Porque nada é nosso. A minha casa, eu sempre quis ter”, explicando depois que a casa ainda estava sendo paga e estava no nome do ex-marido. Apesar de responder “minha vida, só”, como sendo dela, ao longo de seu discurso ela se refere a objetos e espaços que são seus, diferenciando-os dos que pertencem aos filhos e netos, com uso recorrente de pronomes possessivos. Por exemplo, enquanto mostrava a casa à entrevistadora:

Esse aqui era o meu quarto. Agora, puxa, é da Manuela e do Gabriel. Então eu comprei o guarda roupa. Tudo da Manuela e do Gabriel. Eu procuro falar: “não traz nada para o meu quarto!” Os seus travesseiros ali, as suas coisas aqui”. Agora vou comprar meu sofá para a minha sala, vou mandar o cara consertar aqui. Esse é o do Fabiano. Tudo do Fabiano. Cama do Fabiano, guarda roupa do Fabiano, computador do Fabiano. Eu tenho meus armários, meu computador, minhas roupas de cama, minhas coisas, tudo eu procuro organizar. (Elaine Pereira, mãe, 50)

Mariana reforça a separação dos bens entre os moradores – ou ao menos entre os núcleos familiares que compõem a família Pereira: a sua irmã com o filho Gabriel; e a própria Mariana com Diogo e a filha Micaela. Cada um tem a maior parte de suas coisas em seus próprios territórios: seus quartos. O que fica na área comum da casa é que é usado por todos. Mariana também usa pronomes possessivos para indicar essa separação.

A cafeteira da minha mãe na época quando eu vim para cá, ela não tinha. Então é a minha. A cafeteira, o liquidificador, prato, copo, porque eu tinha. A minha cozinha era toda preta e branca quando eu morava lá, então tudo que tem preto e branco aqui era meu. Aí está tudo misturado. São as únicas coisas que tem aqui e que são minhas e que todo mundo usa. Só isso. Porque o restante, as minhas coisas ficam lá atrás, não deixo ninguém mexer, só quando alguém pede, mas o que é meu, deixo os utensílios de cozinha. Que foi o que eu trouxe de lá, aí todo mundo acabou usando. (Mariana Pereira, filha #1, 26)

Se os quartos são território privado de cada núcleo familiar, a cozinha principal e o único banheiro da casa são utilizados por todos. Na cozinha, a comida é preparada principalmente por Mariana para todos na casa. Além de não trabalhar fora de casa, Mariana diz adorar cozinhar. Elaine costuma preparar o básico, como arroz e feijão.

Adoro cozinhar. Adoro fazer uma coisa diferente. Estou sempre inventando. Minha mãe é uma perdição na cozinha. Não sabe fazer nada. Arroz, feijão e só. E fala: “Mariana, faz uma coisa diferente aí”. Só quem faz coisa diferente aqui em casa sou eu. (Mariana Pereira, filha #1, 26)

Aqui é a cozinha, que a gente divide. Aqui eu faço almoço. Quando é alguma coisa de fritura, eu vou para lá [para a cozinha da Mariana]. (Elaine Pereira, mãe, 50)

Já o banheiro é ponto focal de discussões familiares. Os conflitos ocorrem, por exemplo, pelo uso por tempos prolongados por alguém da família (Mariana reclama do irmão, Fabiano) e pelo uso tarde da noite (Elaine falando sobre Mariana e Diogo). Sendo o banheiro o único à disposição de todos os sete moradores, eles contam que às vezes têm que apelar para soluções menos apropriadas ou pensar na construção de outros banheiros apesar das restrições financeiras da família.

O banheiro. Eu não dividiria o banheiro. Eu queria ter um só meu, mesmo. Às vezes eu fico para morrer: meu irmão quando entra no banheiro e parece que ele vai morar lá dentro. Ele liga o rádio do telefone e esquece que tem vida aqui fora. Aí a gente fica: tatatatá [batendo na porta], “Abra a porta, eu quero ir ao banheiro!” (Mariana Pereira, filha #1, 26)

O problema aqui é o banheiro, porque ele é pequeno para tanta gente. E é um único. E então eu estou aqui em um dilema. Eu falei: “Manuela, você vai fazer um banheiro para cá e a Mariana vai fazer um banheiro lá”. Porque então a Manuela usa o dela, a Mariana usa o dela e eu e Fabiano usamos o que está dentro da casa. A Manuela respondeu: “Mas mãe, não tenho dinheiro!”. “Mas você vai dar um jeitinho, você vai comprando. Quando tiver tudo compradinho, a gente chama o cara para fazer”. Então, tem hora que a gente tem que se impor, porque eles, se deixar... Eles querem donos de tudo, querem ser o centro das atenções. (Elaine Pereira, mãe, 50)

Ao falar das coisas e espaços de uso comum, um termo que frequentemente aparece no discurso de Elaine é “dividir”. Assim como dividem o único banheiro da casa e a cozinha principal, também dividem as despesas da casa. Os sentidos são diferentes, no entanto. Ao dividir a cozinha e o banheiro, há algum revezamento no uso. Já as contas são divididas no sentido de se atribuir um valor para cada um pagar. O valor a ser dado por cada um dos filhos é estipulado por Elaine e cobre os alimentos que são para todos e as despesas com utilidades e com telefone, televisão a cabo e internet. Há oscilações de quanto cada um contribui cada mês, e a divisão comumente gera discussão.

Isso é para todo mundo que está na casa. Eu estipulei um valorzinho para cada um. Porque no começo tinha aquelas briguinhas: “Você dá mais para um, não dá mais para outro. Você ajuda fulano, você não ajuda não sei o quê...”. Eu falei: Ah é? Então está bom. Vamos dividir. Então, tudo eu divido. Conta de luz, R\$100,00, é tanto para cada um. Aí começa: “Mas lá são dois, aqui é um”. Aí começa... A conta de luz é tanto, o gás é tanto...” A gente tem que partilhar. Eu sozinha, não pago tudo, não. “Mãe, eu não posso dar esse valor aí não porque fica pesado para mim”. Porque uns ganham mais... Geralmente, sobra mais para mim. O maior montante é o meu. E o restante a gente divide quanto dá. (Elaine Pereira, mãe, 50)

É até dividido, mas é meio sofrido para poder dividir. A Elaine tem que chorar muito para poder arrancar alguma coisa. Mas divide. A minha parte, eu dou lá atrás com a Mariana. A Manuela e o Fabiano também, às vezes, dão para ela para dividir as contas. Só que a questão é que aquele sofrimento para arrancar. Porque o Fabiano pega o dinheiro e gasta tudo com balada, na pista. (Diogo Pereira, genro, 27)

As compras de alimentos são feitas por Elaine com o dinheiro arrecadado de todos os filhos. Ela explica que compra o “grosso”, depois compra os complementos que couberem no orçamento. Há duas exceções para as compras compartilhadas: os alimentos que os pais comprem especificamente para as crianças e comidas especiais (lasanha, pizza) que não sejam parte da compra comunitária. Nos momentos em que decidem comprar alguma comida extra, como pedir pizza, dá discussão sobre o pagamento. Diogo ressalta que faz questão de colocar em sua geladeira esses alimentos pelos quais paga diretamente, para que não façam parte da partilha com os cunhados que, segundo ele, contribuem pouco para as despesas da casa.

Quando está todo mundo em casa aí a gente faz comida. Ou então se vamos pedir uma pizza, aí todo mundo briga, “ah, me dá R\$5 aí”; “ah, não tenho”; “ah, então não vou comprar, não” Aí fica essa briga de um vai dar, outro vai dar, um tem, outro não tem, “então você não vai comer!”. (Mariana Pereira, filha #1, 26)

Eu coloquei uma geladeira lá atrás, com as coisas da minha filha e com as coisas que eu quero comer e eu deixo lá. Se eu tiver que fazer essas comidas, eu faço separado, porque foi o que eu falei para a Mariana, não adianta eu pegar e ajudar a sua mãe enquanto os seus irmãos ficarem só sugando ela. Que então eu vou é colocar também para eles comerem. Se os caras trabalham e eles não querem ajudar, então eu vou botar minhas coisas aqui e quando eu quiser comer, eu vou comer e acabou. Eu ajudo a mãe dela, eu dou uma quantia para ajudar a pagar a conta de luz, a conta da internet que a gente usa e tudo mais, porque eu estou usufruindo também. Agora, questão de comida, de luxo, alguma coisa assim, aí só penso na minha parte, da minha filha e da Mariana lá atrás. (Diogo Pereira, genro, 27)

Assim como Elaine é responsável pelas compras principais de alimentos da casa, uma divisão de tarefas domésticas acabou por se estabelecer na rotina da casa: Elaine e Manuela lavam o banheiro; Mariana cuida da área que ocupa com a sua família; parte da organização da cozinha também é por conta da Mariana.

Minha mãe e minha irmã são as que mais lavam o banheiro no final de semana. Porque tem a minha parte lá no meu quarto, então eu faço a faxina lá e venho arrumando até onde eu fico. Na cozinha, se tiver louça, se tiver usando alguma coisa, eu lavo. Então se eu não tiver fazendo nada, se não tiver ninguém em casa e se o banheiro tiver insuportável, eu vou lá, pego e lavo. Porque eu uso, minha filha usa, meu marido usa, então tem que limpar. (Mariana Pereira, filha #1, 26)

Fabiano cuida da limpeza de seu próprio quarto. Elaine lava as roupas de todos, menos as da família da Mariana, que é ela mesma quem cuida.

O quarto do Fabiano é impecável. Ele que dá a faxina no quarto. Minha mãe não arruma não. É ele que limpa. Ventilador de teto, tira teia de aranha, ele que troca roupa de cama, ele que faz tudo. A minha mãe lava a roupa de todo mundo. Menos as minhas, da minha filha, do meu marido, sou eu que lavo separado. Mas dela, do meu irmão e da minha irmã, é minha mãe que lava. Quando eu vou pendurar, penduro reclamando. Está passando dos limites. Que absurdo! Já lavo as minhas, vou ter que ficar pendurando a dos outro? Eu reclamo. (Mariana Pereira, filha #1, 26)

Com gostos diferentes, o entretenimento não costuma ser compartilhado pelos membros da família Pereira. Duas exceções aparecem: Manuela e Fabiano às vezes se encontram depois de seus trabalhos em algum boteco e, em casa, Mariana e Diogo costumam assistir novela juntos.

No restante dos bens e de entretenimento, as entrevistas indicam uma ausência de compartilhamento. Os espaços de cada um são bem definidos e Elaine faz questão de que os bens de cada um estejam guardados em seus quartos, desde que mudaram para a casa atual.

Mariana é a mais impecável de todas na parte de arrumação. Muito organizada. Muito. E isso a gente adquiriu assim, vindo para cá. Porque a outra casa era muito pequenininha, tudo muito embolado. Mas, quando chegamos aqui, eu falei: “Bom, é o espaço que eu queria. Cada um tem o seu espaço. Pronto” (Elaine Pereira, mãe, 50)

Cada um tem suas roupas. Elas não são compartilhadas entre os membros da família, mas podem em alguns casos ser pedidas emprestadas. A troca de roupas entre eles fica reduzida não apenas por diferenças de tamanhos (Elaine explica que Diogo é “magrelo”, Fabiano é “malhado”; Manuela e Mariana são “mais gordinhas” do que Elaine), como também de estilos. No caso de sapatos, as três mulheres calçam o mesmo número, havendo algum empréstimo entre elas, mas novamente limitado aos estilos diferentes, principalmente entre Elaine e Manuela.

Essa blusa é dela. “Manuela, me empresta uma blusa aí”. E então ela me empresta. “Ah, me empresta aquela blusa”. Que nem eu no shopping, acho que foi antes de ontem, aí eu queria a blusa dela do Mickey. Eu falei: “Manuela, empresta essa blusa aí para mim?”. “Que blusa? Do Mickey?”. “Aquela cinza”. “Você vai lavar depois?”. “Está bem, vou lavar”. Então peguei a blusa cinza dela e fui. Todo mundo aqui em casa calça 36. Eu, minha mãe e minha irmã. A minha irmã não gosta muito de usar salto alto, ela é mais tênis, sandalhinha rasteira. Então quem troca mais sou eu e minha mãe. Manuela só assim, tênis, sapatilha, rasteirinha. Nem vestido, nem sapato alto, nem saia. Parece um molequinho. Só usa calça jeans, short, legging. (Mariana Pereira, filha #1, 26)

O empréstimo de roupas entre irmãs pode virar uma doação, caso a dona original não use mais a peça. Uma das situações que origina essa troca é a peça não servir mais pelo fato de a dona original ter engordado ou emagrecido.

O empréstimo de roupas e sapatos não é feito incondicionalmente. Primeiramente, é preciso pedir emprestado. Em segundo lugar, o empréstimo geralmente vem com exigências sobre o estado do item quando devolvido. Por exemplo, Mariana faz questão que quem use seus sapatos os devolvam lavados, já que ela tem o hábito de sempre lavar os seus sapatos antes de guardá-los. Mariana conta ainda que empresta suas coisas porque também quer pegar outras emprestadas da irmã.

Pede, pede emprestado. Porque sapato, a minha irmã... Eu digo: “ah, não, vai usar o sapato tem que lavar”. Porque meus sapatos são todos guardado dentro daquelas bolsinhas. Eu uso, lavo e guardo. Fui na rua, usei o sapato, saí, cheguei da festa, no dia seguinte lavo, seco, boto dentro da bolsinha e guardo. Minha mãe também. Os sapatos da minha mãe estão todos em caixinhas. Agora ela não. Os dela ficam todos jogados por aí. E então quando ela quer usar, ela lava antes de sair. Aí passa a escovinha assim, usa, e vai. Eu não. Eu lavo, deixo guardado, aí quando eu quero eu digo: “poxa, Manuela, me empresta aí o seu tênis”. “Ah, pega lá” Está imundo. Então você tem que pegar o tênis, lavá-lo... Ela só empresta porque sabe que você vai lavar. Quando eu volto eu deixo do mesmo jeito chegou. “Pô, você nem lavou?”. “Eu lavei antes de ir. Está melhor do que quando eu

peguei. Às vezes eu sou muito chata com as minhas roupas também, de não querer emprestar. Mas acabo emprestando porque eu pego as dela também emprestadas. (Mariana Pereira, filha #1, 26)

O empréstimo pode vir acompanhado de diversas recomendações de uso e de cuidados na devolução, ou até mesmo ser recusado. Diogo não gosta de emprestar a máquina de cortar cabelo; Fabiano não gosta que usem seu quarto (e que, principalmente, deixem rastros que passaram por ali, como farelos de comida ou copo deixado em cima do seu computador).

Mariana conta que não empresta as suas maquiagens compradas mais recentemente. Em comum com a máquina de cabelo de Diogo e o quarto de Fabiano está a preocupação de os itens não serem devolvidos exatamente como se encontravam antes do empréstimo, por falta de cuidados de quem usa.

Quase todos os adultos da família têm computadores. Os donos são claramente identificados nos discursos dos entrevistados, podendo alguns dos itens serem emprestados para outro morador da casa. Em relação a celulares, cada um tem o seu e não são compartilhados.

Meu computador, minha televisão, meu tablet que eu ganhei de presente de aniversário. Não mexe! Se mexer vai tomar um soco. Nem meu marido porque é só meu. Só podem usar meu computador que está lá atrás, e a televisão que foi minha mãe que me deu que era aqui de casa, que eu não tinha, então ela me deu. Está até sem um botão. [...] Cada um tem o seu computador. Cada um, não: meu irmão tem o dele, eu tenho o meu. Minha mãe tem um notebook que esse namorado deu para ela, só que está todo quebrado, todo enrolado com fita durex. Minha irmã usa o do meu irmão, eu uso o meu. De vez em quando, o Fabiano está em casa e não quer emprestar, então a Manuela pede para ver rapidinho, ela vai lá e usa o meu computador. (Mariana Pereira, filha #1, 26)

Cada um tem o seu celular. Celular, o próprio computador, não que cada um tem o seu, mas o nosso, só a gente que usa, ninguém mexe. Cada um tem o seu celular. (Diogo Pereira, genro, 27)

Se um aparelho de celular não estiver funcionando, pode-se pedir emprestado o celular do outro. Nesse caso, o chip do celular é substituído, para que os gastos decorrentes do uso do aparelho permaneçam com quem o está usando. Apenas o aparelho é usado pelo outro, não a linha de celular. A exceção ocorre no uso dos bônus oferecidos pela operadora de celular, que são ganhos em quantidade maior do que geralmente se consegue gastar antes de expirarem. Por conta disso, há um acordo implícito feito entre as duas irmãs para uma usar os bônus excedentes da outra, quando necessário.

Outro dia ela veio e pegou o meu, e gastou R\$100 dos meus bônus. Está bem, mas quando eu quero eu uso o dela. Tem que usar mesmo, senão acaba, passa a data, expira o bônus e não usa. É assim. Não tem negócio de “ah, eu lhe emprestei, você vai ter que me emprestar. (Mariana Pereira, filha #1, 26)

Se há poucos bens compartilhados entre todos os membros da família, esse hábito pode ser mais observado dentro do núcleo familiar formado por Mariana, Diogo e Micaela. Eles contam que usufruem de seus bens em conjunto.

Só minhas roupas que sou só eu que uso. Acho que fora isso, tudo que eu uso, ela usufrui também, que é computador, a televisão, a cama. É o chão que a gente pisa, a porta. Porque nem videogame eu tenho mais, só tenho computador e o computador ela usa. Quer dizer, na minha moto ninguém mexe. Pode deixar a moto ali que ninguém mexe. (Diogo Pereira, genro, 27)

Elaine compartilha sua casa com seus filhos e agregados, mas revela que se sente incomodada pela sua perda de privacidade e liberdade em alguns momentos:

No último quarto, eu tenho meu guarda-roupas, eu tenho a minha cama, Cada um tem seus guarda-roupas, tem suas camas. Não sei que eles têm, que eles têm que ir lá, abrir aquela porta, olhar, abrir aquele guarda-roupas e sair. Então eu falo que nem aquele espaço é meu. Acaba não sendo, porque... A porta está fechada? “Mãe!” Aí, eu respondo: “O que você quer?”. “Abre aqui um instantinho...”. Você abre e não é para nada. Entra, olha, mexe em alguma coisa e sai. Então eu sempre falo que eu precisava de um outro espaço. Às vezes eu acho que não estou no meu espaço ainda. Porque em uma casa que mora muita gente e que todos transitam por ela, às vezes você fica com pouco espaço. Aqui em casa é só um banheiro. Então, eu não posso fechar a porta da cozinha. E eu adoro ela encostada. Eu acho que eles se esquecem do horário e às vezes vêm tomar banho meia noite, uma hora... E isso me incomoda. Porque às vezes eles vão ao banheiro e não fecham a porta. Ou então, conversam alto. E você quer dormir. Eu acordo cedo. Isso me incomoda. (Elaine Pereira, mãe, 50)

Elaine faz questão de mostrar que é a dona da casa e que há limites que devem ser seguidos pelos demais. Ela chama a atenção dos familiares e, se necessário, lembra que estão morando ali sob as regras dela.

Quando a situação [discussão entre Mariana e Diogo] está um pouco mais acalorada, eu bato na parede. Porque a parede do meu quarto corta a área. Eu faço assim, ó... Para eles saberem que eu estou ouvindo. Eu não sou obrigada a aguentar. [...] [Sobre o uso do banheiro tarde da noite:] Eu já dei a ordem. Eu já falei. Eu sou assim também. Se demorar, e aquilo começar a me perturbar, eu desço do salto e eu desço o barraco também. Não está satisfeito, pode ir embora. (Elaine Pereira, mãe, 50)

Não é só Elaine que se sente invadida pelo compartilhamento da casa. Mariana relata que a solução encontrada para o aperto financeiro de sua família não é definitiva, mostra algum arrependimento e sonha em se mudar para longe:

Voltar para morar com a mãe, meu Deus do céu! Quase que eu me mato. Meu Deus, para que que eu fui fazer isso, gente. Quando eu morava sozinha, eu tinha minha liberdade, de fazer o que queria, a casa estava sempre arrumada, o banheiro estava sempre limpo, não tinha ninguém perturbando. Quero ir para bem longe. Ninguém vai lá visitar. (Mariana Pereira, filha #1, 26)

Diogo não é exceção entre os que se sentem incomodados com o compartilhamento da casa. Porém, no caso dele, por se considerar como não sendo da família, prefere não opinar. O seu maior incômodo parece ser a forma que as responsabilidades de manter a casa são distribuídas entre os moradores. Ele critica a atitude dos dois irmãos de sua esposa pois, segundo ele, relutam em contribuir com o pagamento das despesas da casa apesar de trabalharem e terem salário.

Às vezes eu vejo alguma coisa aqui que não está certa, mas como a casa não é minha, estou aqui só porque sou marido dela, então deixo quieto, fico quieto. Mas dá aquela angústia. Às vezes, tem umas coisas que dá vontade de falar. A mãe dela rala para caramba para conseguir as paradas dentro de casa. Os dois [irmãos da Mariana] trabalham e os caras não ajudam, quer dizer, não ajudam nada dentro de casa. Se eu tivesse condição de mudar, de poder botar autoridade, falaria “ó, agora é assim, assim, assado”. Mas como não é minha família e eu não sou o dono da casa, então se a Elaine aceita isso, o problema é dela. (Diogo Pereira, genro, 27)

Apesar dos desconfortos, Elaine pratica um certo compartilhamento aberto ao cuidar do neto Gabriel enquanto a mãe dele está fora, trabalhando. Elaine fica com o menino enquanto está em casa e leva e trás da escola. Mas esse compartilhamento nos cuidados dele se encerra no momento que a mãe chega em casa. A partir de então, ela não responde mais as demandas do neto, dizendo a ele que procure a sua mãe, para que “não vire um mal costume” e eles não “se acomodem”. Seguindo a mesma lógica, que é a de cuidar apenas enquanto a mãe não está presente, ela se nega a cuidar da neta, Micaela, em qualquer momento do dia, já que a mãe da menina não trabalha fora. É, portanto, um compartilhamento aberto mas com limites claramente estabelecidos.

A Manuela botou o pé no portão, acabou meu compromisso com Gabriel. “Vó, quero água”. “Pede para a sua mãe”. “Vó, quero fazer xixi”. “Chama a sua mãe”. Eu posso estar do lado dele, que naquele momento acabou, eu não vou fazer. Ela estando presente, eu não quero saber. Então, é com ela. É o que eu faço com a Mariana. Porque se não, vira um mal costume. E então vão se acomodar. E tem aquela ciúmeira: “Você só faz pelo Gabriel...”. Porque no caso do Gabriel, a Manuela trabalha fora. Então, ele precisa que eu o acompanhe ele durante o dia. Pego na escola e fico até ela chegar. Porque senão eu também vou ficar sobrecarregada. (Elaine Pereira, mãe, 50)

As limitações impostas aos moradores da casa são semelhantes às colocadas aos visitantes que ali se hospedem, amigos de uma das filhas, consideradas por Elaine como sendo já parte da família. Ela dá toda a liberdade para que compartilhem da casa – dos espaços, da comida – mas com a condição que não a perturbem. Ocorre, portanto um compartilhamento aberto e para dentro (já que considerados “da família”), com normas de conduta ditadas pela dona da casa:

Quer chamar os amigos para dormirem aqui, beleza. Podem dormir, sou zen. Contando que não me perturbem, está tudo certo. Todo ano vem um mundo de gente para cá, lá de São Paulo. Já é o quarto ano que eles vêm. São amigos da minha filha. Se conheceram na Internet, virou uma família. Todo ano eles vêm. Passam o Ano Novo aqui comigo, às vezes, por causa dos fogos, e voltam no Carnaval e passam os quatro dias aqui. Eu dou uma chave para eles. Mas, se eu tiver deitada, não me perturbem. Não batam no meu quarto. Façam café, comam pão, frite ovos, mas me deixem quieta. Pronto. (Elaine Pereira, mãe, 50)

Em compensação, a casa não está aberta para o namorado de Elaine. Ela não permite que ele conviva com a família dentro da casa. Segundo ela, a família se entende e ele, vindo de fora, pode se tornar espaçoso e gerar conflitos por ser visto como alguém que tem privilégios de usufruto da casa que os demais não têm.

A única coisa que eu não permiti foi isso: que o namorado viesse para dentro da minha casa. Porque aqui a gente se entende. Mas uma pessoa de fora, vindo, vai ter conflito. Porque, se sentar no sofá, se esparramar, vão dizer: “olha lá, só porque é namorado, ela deixa”. (Elaine Pereira, mãe, 50)

Em um caso de compartilhamento para fora, Elaine conta que anualmente promove uma festa pelo Dia das Crianças na sua rua para celebrar a data e também o seu aniversário. É também um compartilhamento para fora, envolvendo indivíduos não pertencentes à família estendida ampliada.

A minha mãe organizava uma festa na nossa rua, que sempre era no dia 12 de outubro, para ninguém perceber que era pelo dia do meu aniversário. A festa se tornou grandiosa. Essa festa completou em Osvaldo Cruz 30 anos. E depois que eu vim para cá, completou 11 anos eu fazendo essa festa aqui. (Elaine Pereira, mãe, 50)

Outra forma de compartilhamento para fora – ou, nesse caso, de fora – aparece nas entrevistas: o compartilhamento do nome. Em linha com o estudo de Mattoso (2005), quem tem “nome sujo” (endividado) por vezes “pega emprestado o nome” de alguém que tenha o “nome limpo” (sem dívidas). A moto de Diogo está financiada no nome do pai dele e o computador do casal está sendo pago no nome da mãe do rapaz. Situação parecida foi na compra das camas do quarto que hoje é ocupado por Manuela e o filho, assim como os móveis do quarto do irmão, Fabrício. Na época, Mariana tinha o “nome limpo” e conseguiu comprar os itens a prazo. O mesmo faz Elaine, que tira itens com o crédito de outra pessoa.

Ele sempre trabalhou de moto porque ele é motoboy. Ele tinha uma motinho muito cacareca, tadinho. Então o pai dele ajudou a financiar a moto que ele tem, que é zero [quilômetros]. Ele paga as parcelas da moto. Ajudou porque ele pôde comprar uma moto nova, zero, para ele continuar trabalhando, porque é com esse dinheiro aí que ele sustenta nós três, porque eu não trabalho, e ele ainda ajuda aqui dentro de casa. A mãe dele ajudou a gente a tirar esse computador que a gente tem, e a gente está pagando. Mas tudo isso porque meu nome é sujo, o dele também é. Eu até limpei uma parte do meu nome, e ele também. Só que como é muita coisa, não deu para limpar tudo. (Mariana Pereira, filha #1, 26)

4.4. Família Souza

A família Souza mora em uma casa pequena, em terreno coletivo ocupado por quatro casas, no bairro de Rocha Miranda. Originalmente o terreno abrigava três casas. Uma delas foi posteriormente dividida em duas, e é em uma dessas que está a família Souza. O casal, Sandro e Antônia, estão no endereço há 25 anos. Isadora, a filha do casal, nasceu quando a família já morava ali.

O terreno é separado da rua por um portão fechado à chave. A área comum entre as casas serve de passagem para as três casas internas ao terreno, não havendo muito espaço disponível. Não há pavimentação e o chão é coberto por pedaços de pedras, restos de tijolos e de pisos cerâmicos e um pouco de mato. Já a casa da família tem piso em quase todos os ambientes, exceto banheiro. É uma casa pequena, formada por quarto, sala, cozinha e banheiro.

Sandro é pedreiro. Muitas vezes trabalha não apenas durante a semana, como também no final de semana. Em alguns casos, faz um turno dobrado – um serviço durante o dia, outro no período da noite. Ele somente não trabalha quando está no limite do seu cansaço, ou então quando chove e o tipo do serviço agendado não pode ser realizado naquelas condições.

Antônia é empregada doméstica. Ela trabalha em duas residências diferentes, em cada uma vai duas vezes por semana. Às quartas-feiras e finais de semana cuida da sua própria casa. Ela tem um problema de coluna que a faz realizar sessões de fisioterapia três vezes por semana. Está pensando em o que fazer em seguida, pois recebeu recomendações médicas para mudar de profissão. Ela diz que gosta mesmo é de cuidar de casa e é o que sabe fazer, mas que está pensando na alternativa de cozinhar para fora, fazendo bolinhos e outras comidas.

Isadora é estudante. A semana em que ocorreu a entrevista coincidiu com a conclusão do curso de técnico de enfermagem e encerramento de seu estágio profissional na área de saúde. Estava então prestando vestibular. No primeiro semestre do ano chegou a fazer curso pré-vestibular, mas sentiu estar pesado demais, juntamente com a escola e o estágio, passando a estudar por conta própria para o vestibular.

Isadora e Antônia concederam entrevista para o estudo. Sandro também estava agendado para ser entrevistado, porém quando a conversa com Isadora estava no fim, ele chegou à casa para tomar banho e trocar de roupa e seguir para um outro trabalho que surgiu para aquela noite, avisando que não poderia ficar para a entrevista. Os três membros da família são mostrados no

Quadro 4.4.

Quadro 4.4 – Perfil dos membros da família Souza

Papel	Nome	Idade	Descrição	Profissão
Pais	Sandro (*)	58	Pai, casado com Antônia	Pedreiro
	Antônia	54	Mãe, casada com Sandro	Empregada Doméstica
Filha	Isadora	20	Filha única do casal	Estudante

(*) Não entrevistado – cancelou a entrevista agendada

Antônia chegou em casa quando já havia sido encerrada a conversa com Isadora e Sandro não estava mais presente. A limitação do espaço promoveu então um desafio, que se repetiu novamente na família Oliveira: um entrevistado presente na entrevista com outro. Nesse caso, Isadora já havia concedido entrevista, mas permaneceu presente durante o início e na última questão feita a Antônia.

Ao serem perguntadas sobre o que era de quem na casa, mãe e filha indicaram compartilhar “tudo” na casa. Isadora diz que “tudo é de todo mundo”, e que eles “sempre dividem”. O termo “compartilhar” foi trazido imediatamente por Isadora, sem ter sido usado antes pela pesquisadora na conversa. Apesar disso, no discurso de ambas aparecem alguns pronomes possessivos – “meu computador”, “o desodorante de Isadora”, “o meu (desodorante)” e assim por diante – mas logo explicam que os geralmente os objetos de cada um podem ser usados livremente pelos outros.

Tudo aqui é de todo mundo. A gente compartilha tudo. Televisão, computador, cozinha, banheiro. Todo mundo compartilha. Quarto... Às vezes, quando eu estou aqui na sala, eles estão lá no quarto, ou vice versa. Aqui é muito assim, tudo de todo mundo. A gente é assim, muito aberto com essas coisas. Não tem muito de “é meu!” Sempre divide [...] Minha mãe usa o computador às vezes. Pode usar, ela usa. Geralmente ela não pede não. [O computador é de quem?] É meu. (Isadora Souza, filha, 20)

Eu uso o desodorante da Isadora. Ela não usa o meu. O meu, eu não sei se eu me acostumei com o dela, passei a nem usar mais o que eu gostava, esse sprayzinho. Eu uso o dela que é mais prático. Ela não liga, não. Só quando o namorado dá um negócio é que ela não quer que eu use. Mas fora isso... Mas depois eu uso também. Não tem problema, não. Andou usando as minhas roupas. (Antônia Souza, mãe, 54)

A exceção apontada por Antônia ao compartilhamento dos bens são itens que o namorado tenha dado à filha e que esta não quer que sejam usados pelos pais (um possível apego sentimental ao item) – e que ainda assim depois passa a ser liberado para uso como os demais itens. O critério de gênero é usado para definir o que é compartilhado por quem. Antônia comenta que ela usa o desodorante da filha e que a filha já usou algumas de suas roupas. Isadora confirma que elas não têm usado roupas uma da outra, pelos gostos serem diferentes. Em contrapartida, usam os respectivos tênis. Não precisam pedir emprestado, mas costumam antes perguntar se a dona do tênis pretende usá-lo naquele dia. Ou seja, parece haver uma hierarquia de prioridade no uso do bem compartilhado: a preferência está com o proprietário do bem.

Da minha mãe eu só pego tênis. Mas roupa, não. E vice-e-versa. Ela só usa meus tênis, mas roupa não. Os gostos são diferentes. E do meu pai, geralmente eu não pego nada, porque não tem muito o que pegar. Não preciso pedir. Às vezes eu só pergunto assim, quando está chovendo: “Vai usar?”, “Não”, “Qualquer coisa, usa o meu”. Porque eu estava fazendo estágio e meu tênis ficou ruim. Eu peguei o dela, que era branco, para não ter que comprar outro. (Isadora Souza, filha, 20)

O motivo dado por Isadora para pegar o tênis branco da mãe para ir ao seu estágio na área de saúde parece estar em linha com Tinson e Nuttall (2007) quando trata do compartilhamento de bens como uma estratégia por vezes empregada por pessoas com renda restrita para ter acesso a bens. Pegar o tênis da mãe evitaria um gasto com um novo par.

Na casa, cada um tem a sua coberta. Para Antônia, o compartilhamento das cobertas parece simbolizar os laços familiares:

Cada um tem a sua coberta, mas pega a coberta da mãe, se cobre, pega um travesseiro do pai, deita, não tem estresse, não. É tudo bem tranquilo. Cada um tem a sua coberta. Eu canso de chegar, ela está dormindo com a minha mantinha. Eu falo assim: “você não tem o seu edredom, as suas coisas, garota?”. E ela dorme com a minha. Eu acho legal isso, porque eu sempre pensei assim “ah, meu Deus, eu não queria que a Isadora perdesse, assim, aquele cheirinho, aquele contato com a mãe”. Sei lá, eu acho que é triste quando a pessoa perde aquilo. Não tem pessoas que até quando adultos deitam junto ali, cai um para lá, um para cá dormindo? Não tem esse negócio assim, “isso aqui é meu, não vou deitar ali, não, porque aquele ali...”. (Antônia Souza, mãe, 54)

Se a mãe tenta manter a filha por perto, a filha sonha em ter um quarto apenas para ela:

[Desejaria] Um quarto. Seria só meu. É o que eu não tenho, porque de resto eu divido tudo mesmo, nunca pensei de não dividir. Eu já sei como que é, então é tudo nosso. Eu não penso em não dividir. Eu dormia no quarto com os meus pais, mas aí depois de uma certa idade, eu falei “não, não quero mais” Então vim para a sala. (Isadora Souza, filha, 20)

Ela já nem fala mais, não. Já falou muito desse quarto, que não foi feito. Estava nos planos, mas acabou não sendo feito. Ela fala muito sobre que uma hora ela vai casar, e não vai ter o gostinho de dormir sozinha, porque de novo ela vai estar dormindo junto, sempre junto de alguém. (Antônia Souza, mãe, 54)

Antônia também se ressentida da falta de liberdade, de “ficar mais à vontade”, por causa do compartilhamento dos espaços por todos. Como Isadora reclama do conforto do sofá onde dorme, usufrui da cama dos pais quando eles não estão em casa.

Ela dormiu muito tempo, muitos anos junto comigo. Ela tinha o berço, mas ela era enfiada entre a gente. Até grande mesmo ela ficava na minha cama. De uns anos para cá que ela parou. Depois que ela começou a namorar, ela parou de dormir na minha cama. Mas era terrível. Não é mais nem assim de liberdade, é mais, assim, de a gente querer relaxar, querer ficar mais à vontade. Quando eu não estou em casa ela dorme na minha cama. Até a hora de eu deitar ela fica lá. (Antônia Souza, mãe, 54)

A questão de se ter um quarto apenas para uso do casal (“da gente querer ficar mais à vontade”) ou privativo para a filha (“um quarto só meu”) pode ser vista como um compartilhamento forçado. Mãe e filha dizem que, se pudessem, não compartilhariam o quarto – mas essa não parece ser uma opção naquele momento.

Antônia e Sandro têm gostos mais parecidos entre si do que com Isadora. Com isso, o casal compartilha mais coisas entre eles do que com a filha:

Eu e o Sandro, nós comemos quase de tudo. Mas a Isadora é meio enjoada. Toda enjoada. Ela não come as coisas, só come coisa diferentes. Então tudo tem que ter separadinho, as coisinhas para ela assim. Até os perfumes. Tudo dela é diferente. Totalmente diferente. (Antônia Souza, mãe, 54)

Um dos bens compartilhados por todos dá disputa no uso: a televisão na sala. Há uma segunda televisão no quarto, mais antiga e com menos canais disponíveis, que é utilizada quando alguém perde a vez na televisão principal:

Tem disputa! Por essa televisão. Tem outra no quarto. Só que todo mundo quer essa. Meu pai chega, quer essa. Minha mãe quer ver novela, quer ver nessa. A outra fica meio jogada. Geralmente é meu pai que fica com essa televisão. Minha mãe desiste, e eu geralmente não toco no assunto. (Isadora Souza, filha, 20)

A televisão foi comprada por Sandro para Antônia. A propriedade – e a prioridade no uso – é questionada quando há discussão sobre qual programação escolher: é de Sandro, porque a comprou, ou é de Antônia, porque foi comprada para ela?

Meu pai comprou a televisão da sala para minha mãe. Só que, sabe como que é... “Comprei para você, para você ficar feliz”. Mas geralmente é assim, é de todo mundo. Meu pai fala: “Eu que comprei a televisão. A televisão é minha. Eu que comprei” Ela fala: “Ué, mas você não comprou a televisão para mim?”. (Isadora Souza, filha, 20)

Novamente, assim como no exemplo do compartilhamento dos tênis das duas mulheres da casa, também parece haver uma hierarquia na priorização pelo uso da televisão compartilhada. Não foram encontradas referências na literatura à hierarquização na prioridade de uso de bens compartilhados.

Se o compartilhamento da televisão dá discussão, não parece ser problema a divisão dos cuidados com a casa. Mãe e filha cozinham, se revezando.

Eu e minha mãe cozinhamos. Meu pai só come. Cada vez é uma que cozinha. Geralmente quando ela está cozinhando, ela me pede ajuda: “pega não sei o quê, corta não sei o quê”. É mais assim. Mas quando eu estou na cozinha, geralmente eu não peço a ajuda dela, não. Ela está descansando, fazendo alguma coisa com meu pai aqui, e eu estou na cozinha. Almoço no fim de semana quem faz é ela. Às vezes que eu ajudo. Mas como eu quase nunca estou em casa nos finais de semana, é ela que cozinha mesmo. Meu pai só cozinha se não tem nada, não tem biscoito, aí ele vai lá e frita com ovo com arroz, faz uma coisa assim. (Isadora Souza, filha, 20)

Não ligo de cozinhar. Meu negócio é só casa. Eu faço comida porque tenho que fazer. Minha filha também cozinha, faz as coisas muito bem. Ela é muito dedicada. Quando ela pega para fazer um negócio, ela faz direitinho. A comida fica gostosa. (Antônia Souza, mãe, 54)

Antônia e Isadora gostam de arrumar a casa. Isadora conta que prefere fazer isso na ausência da mãe, do seu jeito. Outra tarefa – as compras para a casa – é feita por Isadora com seu pai. Cada um fica responsável por uma parte da lista de compras: ela pelos produtos de higiene e limpeza, ele pelos alimentos. A mãe não costuma participar dessa tarefa. Conta que não gosta de fazer as compras e que perdeu a prática, levando muito tempo no processo, e que também não gosta de colocar o lixo para fora de casa, nem de ir à padaria.

Meu pai faz as compras e eu também. Nós vamos ao mercado juntos. Mas ele que financia as compras. Ele gosta de fazer compras. A gente divide. Ele vai passar na parte de arroz, macarrão, aí vira e vai para a parte de carne. E eu compro xampu, sabonete, pasta de dente, sabão em pó. (Isadora Souza, filha, 20)

Já os celulares não são compartilhados: “cada celular é de cada um”, “celular cada um tem o seu”. O aparelho de Isadora é mais sofisticado que os dos pais. Mesmo os aparelhos deles sendo simples, é Isadora que faz os ajustes necessários, como correção do horário de verão, ou verifica mensagens de texto para eles. Um não usa o do outro, porque “não há necessidade”.

Mesmo com barreiras físicas entre a casa e a rua – as paredes da casa isolando-a das demais no mesmo terreno e o portão que isola o terreno da rua – ocorre algum compartilhamento forçado com o ambiente “da rua”:

A gente vive assim, dentro da nossa casa, e mesmo assim eu estava meio aborrecida. Ó, povo, meu Deus do céu! A gente não vai à rua, mas a rua vem até a gente. Porque é uma fofoquinha, são umas coisinhas que o outro chega para você para falar. Eu não tenho coragem de dar um passa fora, um “chega para lá”, e então eu ouço aquilo. Mas eu estou lutando para não ouvir essas coisas. Porque de uma certa forma parece que eu estou contribuindo (para a fofoca). E ficam naquela fofoquinha, não fazem uma coisa diferente, não mudam o pensamento. É só aquilo de ficar falando da vida dos outros, sabe? Isso me irrita. (Antônia Souza, mãe, 54)

Isadora comenta também do compartilhamento de espaços com as outras casas do terreno. O tanque de lavar roupas é compartilhado com a casa dos fundos, ocupada pelo seu tio, e o corredor que dá acesso às quatro casas é usado por todos. “Com meu tio nós compartilhamos o tanque de lá de trás, de lavar roupa. Mas com essa vizinha aqui e com a da frente, só compartilhamos o corredor. Acho que um não invade o espaço do outro” (Isadora Souza, filha, 20). Esse compartilhamento externo parece não lhe causar desconforto.

Outra forma de compartilhamento é o compartilhamento não intencional, diferente do compartilhamento forçado. Se o compartilhamento forçado ele acontece intencionalmente, apesar de indesejado a alguém que dele participa, no compartilhamento não intencional ele acontece involuntariamente por quem compartilha. Um exemplo é a escuta que Antônia acaba fazendo, sem intenção, das conversas da filha ao telefone quando estão em casa, inclusive pelas restrições de espaço da casa.

As amigas ligavam para pedir conselho a Isadora. Eu ficava boba: tem que ver ela aconselhando. Minha nora, acho que foi no final do ano, que falou que não estava tomando remédio, aí ela falou assim “por quê? Você quer engravidar? Pelo amor de Deus, tantos métodos para você evitar uma gravidez e você vai ficar sem tomar nada?”. Eu já escutei umas conversas, então, de repente, finge que não, mas fazer o quê, não é? (Antônia Souza, mãe, 54)

Antônia teve dificuldade em fornecer alguma definição ou estabelecer diferenças e semelhanças entre compartilhar e emprestar. Já Isadora forneceu a sua definição. Para ela, emprestar é o uso por outro de um bem seu por um tempo determinado, sendo necessário pedir para usar. Compartilha-se um bem coletivo, que pode ter um dono, mas que todos usam, sem ter que pedir para usar.

Emprestar é quando uma coisa é minha, e eu deixo de usar por um determinado tempo. E compartilhar é uma coisa que já é nossa, tipo isso. Não tem aquela... pode ser de alguém, mas todos usam. No emprestar precisa pedir para usar, no compartilhar não. (Isadora Souza, filha, 20)

4.5. Família Oliveira

A família Oliveira é formada por três adultos e duas crianças. São eles: Simone, a dona da casa; Wallace, filho de Simone; Sueli, esposa de Wallace; e os dois filhos do casal, conforme mostrado no

Quadro 4.5. Eles vivem em um apartamento em um conjunto habitacional em Marechal Hermes.

Quadro 4.5 – Perfil dos membros da família Oliveira

Papel	Nome	Idade	Descrição	Profissão
Pais	Simone	51	Chefe do lar, mãe de Wallace	Aposentada
Filho	Wallace (*)	31	Filho de Simone	Gerente de loja
Netos	Luís (**)	6	Filho de Wallace e Sueli	-
	Estela (**)	2 meses	Filha de Wallace e Sueli	-
Outros	Sueli	27	Esposa de Wallace	Gerente de loja

(*) Não entrevistado – cancelou a entrevista agendada

(**) Não entrevistado

O apartamento em que vive a família tem dois quartos, sala, cozinha e banheiro. Não há área de serviço – a roupa é pendurada no corredor comum aos apartamentos do conjunto. Todos os cômodos têm piso frio. A sala é separada do corredor por uma grade, uma janela de cima a baixo, mantida aberta para o apartamento ventilar, além de cortinas, também mantidas abertas a maior parte do tempo. Adultos e, especialmente, crianças, passam o tempo todo pelo corredor, interagindo com os moradores do apartamento.

O conjunto habitacional é formado por diversos blocos, todos similares entre si. O acesso é feito por um portão chaveado e sem interfone, mas que comumente é encontrado destrancado.

O apartamento pertence a Simone. Simone mudou para esse apartamento com o filho e o irmão alguns anos após o falecimento da mãe, tendo já completado 13 anos no atual endereço. Antes, moravam em um apartamento maior do que o atual, em que a mãe dela dividia um quarto com o irmão de Simone e Simone tinha outro quarto com o filho, Wallace.

Sueli passou a morar com Wallace e Simone quando eles se juntaram, sete anos antes. Ela então morava com a mãe em um apartamento “bem maior do que isso aqui” mas, após a separação de sua mãe e de seu padrasto, venderam o apartamento. Com o valor que ficou para a mãe de Sueli compraram outro, também maior do que o atual.

Novamente a dificuldade encontrada nas entrevistas realizadas na véspera, com a família Souza, se repetiu nesse lar: a presença de um entrevistado durante a conversa com outro. Além disso, um dos entrevistados agendados (Wallace) não compareceu.

Wallace e Sueli ocupam o quarto mais próximo à sala. Além de cama e alguns móveis, vê-se suportes para bicicleta em uma das paredes e uma televisão de tubo. O quarto mais próximo à cozinha é compartilhado por Simone e os dois netos. Estela, de dois meses, dorme em seu berço; Luís dorme em uma cama baixa ao lado da cama da avó, mais alta. Sueli pintou as paredes da metade do quarto em que está o berço de Estela de rosa e as paredes da outra metade de azul, onde estão a cama da sogra e do filho Luís, promovendo uma divisão visual do quarto em duas partes.

Ao serem perguntadas sobre o que é de quem na casa, ambas as entrevistadas precisaram de um tempo para responder. Sueli começou pensando por quem comprou o quê, mas conclui que “não tem o que é de quem”:

Não tem o que é meu o que é dele não, porque tudo assim. Na sala, a estante e a televisão eu comprei. O sofá foi ele. No quarto, a cama o meu pai me deu com a cômoda. Mas o guarda-roupas eu e o Wallace pagamos. O quarto da Estela, o berço, a madrinha deu, e assim vai. Não tem o que é de quem. Na época que eu me separei, nem o bercinho eu levei. Que foi uma das coisas que eu me arrependi. Meu filho dormia na cama, no chão. Eu não levaria nada assim, não. A gente nunca teve essa conversa o que que é meu o que que é seu! Mas eu sei lhe falar o que que eu ganhei, de quem eu ganhei, o que que eu comprei, o que ele comprou. Isso eu sei. Se um dia eu tiver que sair vai ficar tudo aí. Até a televisão que, caramba, eu paguei com muito esforço, fica. Mas a gente sabe o que que é de quem aqui. Quem comprou, sabe assim. E o que a gente rotula é isso. Coisas assim, principalmente de higiene pessoal a gente rotula. (Sueli Oliveira, nora, 27)

A única coisa que eu dou prioridade assim é a minha cama. Não tem separação não. (Simone Oliveira, mãe, 51)

Quando Sueli comenta sobre os itens de higiene pessoal, ela faz a distinção entre o que é compartilhado e o que não é. Há um xampu compartilhado entre os adultos e um outro, infantil, compartilhado entre as crianças – os dois filhos de Sueli e qualquer outra criança que esteja sob seus cuidados e que tome banho na casa dela, em um compartilhamento externo. Em compensação, cada um tem o seu sabonete – os sabonetes, assim como as escovas de dentes, as toalhas e os desodorantes são separados, cada um tem o seu. A separação obedece principalmente à lógica da higiene pessoal.

Outro item que não é compartilhado é o celular. Cada um dos adultos tem o seu. Um não usa o do outro, mas Simone às vezes pede para o filho fazer alguma ligação por ela. Ela não usa o aparelho celular dele, até por achá-lo muito complicado. Com alguma dificuldade em lembrar de exemplos, Sueli acrescenta à lista de coisas que não são compartilhadas e que são só dela as suas roupas e o quarto do casal (este sendo de ambos, mas não dos outros moradores).

Não, um não pega o celular do outro. A não ser que eu peça assim: “Wallace, liga para mim”, se tiver algum problema com o meu celular. Farmácia, por exemplo. Ele liga. Porque eu quase não entendo o dele. Ele liga e diz “mãe, fala aqui, oh”. (Simone Oliveira, mãe, 51)

Só meu? O meu quarto. Não, o meu quarto é meu e do meu esposo. Só meu... Meu Deus, o que que é só meu? Eu não sei. Não pode ser nosso assim, eu e meu marido? Meu celular. É só meu realmente. Meu celular. Ai gente, eu não sei! Minhas roupas! São só minhas. (Sueli Oliveira, nora, 27)

Os membros da família costumam assistir televisão juntos, principalmente depois de Estela dormir ou em dias chuvosos. Se a opção de entretenimento é compartilhada entre eles, não se pode dizer o mesmo da programação escolhida. Sueli abre mão de assistir os filmes de que gosta para fazer companhia ao marido.

Estelinha dorme, a gente deita no sofá para ver uma televisão também. Se eu tiver em casa e estiver chovendo eu gosto de sentar todo mundo na sala, botar um filmezinho para a gente. Mas eu sempre me ferro, sempre o Wallace que escolhe, nunca é o filme que eu gosto. Porque ele é um chato. Puxou a mãe. Ele é mandão! Então ele sempre escolhe. E a esposa, para agradar... Uma vez no mês ele fala: é sua vez de escolher. Eu gosto de comédia. Meu negócio é comédia. Ou então filme de romance, ou de lições de vida. Ele não, ele gosta de filme medieval, de guerra. Essas coisas que eu não gosto, não vejo graça. Ele fica tão pouco tempo dentro de casa, que o tempo que ele está em casa eu deixo ele escolher para ele se interessar e ver e eu poder ficar perto dele. (Sueli Oliveira, nora, 27)

A televisão é ponto central de disputas na casa. É uma televisão grande, tela plana, que fica na sala. Há outra televisão no quarto do casal, mais antiga e relegada a segunda opção a ser usada por quem perde a disputa no uso da televisão principal. Entre o casal, a disputa é pelo tema a ser assistido. Mas a principal disputa é entre pai e filho – principalmente para poderem jogar *videogame*, que é ligado àquela televisão. Mesmo o *videogame* não é usado pelos dois ao mesmo tempo, pois, pelo que Sueli explica, o jogador vai passando de fase (“vira o jogo”), sem poder revezar com outro jogador. Antes de conseguirem um segundo computador, também era item de disputa. Simone conta também sobre a questão da televisão ser concorrida. Cede sua vez de

assistir seus programas para o neto poder jogar *videogame*, mas que seu filho não dá essa opção a ela ou ao filho dele: Wallace logo reclama a televisão para si. A televisão e o *videogame* são, portanto, compartilhados, mas requerem um revezamento no uso – e são motivos de discussões frequentes na casa.

A televisão foi comprada por Sueli e dada a Wallace como presente de aniversário. No entanto, as duas entrevistadas não consideram a televisão como sendo de uma pessoa ou de outra – nem de quem comprou, nem de quem recebeu de presente – sendo ela de todos, compartilhada: “Eu dei até essa televisão de presente de aniversário para o meu esposo na época. Mas eu não rotulo ‘a televisão é sua, aquilo ali é seu’”. Como diz Simone, “É de todos!”.

Outro elemento compartilhado pela família é o único banheiro da casa. A principal reclamação de Sueli refere-se ao tempo em que Simone ocupa o banheiro. Várias estratégias são utilizadas para reduzir a disputa pelo banheiro:

Às vezes o banheiro dá discussão. Se minha sogra está no banheiro, acabou! Acabou. Todo mundo briga por causa do banheiro. Geral. Casa, com um banheiro só, minha filha... Não dá. Na hora de sair é que é o problema. Todo mundo tem que tomar banho junto, então sempre deixamos minha sogra por último. Ou ela tem que ser a primeira, ou ela tem que ser a última. Porque se ela for a primeira, vamos fazendo outras coisas. Quem invadir o banheiro primeiro define a ordem. (Sueli Oliveira, nora, 27)

É assim: “vai, Luís primeiro! Vai tomando banho, Luís. Vai tomando banho que eu quero tomar o meu banho”. “Vai, Wallace. Quer ir, Wallace? Vai logo!”. Eles sempre me deixam por último. Ou primeira. Ou tem que ser primeira mesmo. (Simone Oliveira, mãe, 51)

Sueli imagina que essa disputa por banheiro ocorra em qualquer família que tenha apenas um banheiro à sua disposição, não considerando que a dela seja um caso isolado. Chega a pensar nas respostas de outras famílias entrevistadas para o estudo.

Casa com um banheiro só... Pode ser a casa gigante que for, mas se tiver um banheiro só não dá. É motivo de briga. Suponha que todo mundo fica com diarreia junto. O que que você faz? Eu não sei (risos). (Sueli Oliveira, nora, 27)

A televisão, o *videogame* e o banheiro são exemplos de compartilhamento forçado nesta família. Quem participa do compartilhamento não tem opção senão compartilhar, e possivelmente gostaria de ter um desses bens só para si. Não é o caso do quarto de Simone que, mesmo sendo proprietária do apartamento em que mora a família e de compartilhar o quarto com os dois netos, julga que está bom assim e que não precisaria de um espaço só para ela – desde que a sua cama seja dela, e só dela: “Quarto aqui não é problema. Sou

eu e o Luís ali. A única coisa que eu dou prioridade é a minha cama” (Simone Oliveira, mãe, 51).

Já Sueli gostaria de ter um quarto só para si. Uma cama também. Admitiria o marido no quarto, mas mais ninguém, de forma a ter o seu próprio “cantinho”. Para ela, o quarto estaria funcionando como uma extensão da sala, não permitindo que tenha privacidade mesmo ali, também constituindo uma forma de compartilhamento forçado.

Se eu pudesse, eu botava uma tranca, só eu entrava no meu quarto. Só, máximo, estourando, o Wallace poderia entrar. O meu quarto parece que tem uma coisa que chama o povo. Todo mundo quer ficar no meu quarto. Eu queria que a minha casa tivesse um cantinho que fosse só para mim. Meu para meditar, meu para orar, meu para dormir. O meu quarto seria aquele cantinho sagrado só meu. E eu queria minha cama. Quando eu tiver uma casa maior talvez faça esse cantinho para mim. Meu. Privacidade total. Mas aqui eu não consigo. Não dá. Se você fala no quarto alguém lhe escuta. Acho que até “pensar” alguém escuta, porque aqui é tão pequeno! A gente também escuta um vizinho ou outro. (Sueli Oliveira, nora, 27)

Essa escuta pode ser considerada como um compartilhamento não intencional: quem da família escuta o que Sueli diz não o faz, a princípio, por opção, similar ao caso relatado por Antônia Souza sobre ouvir involuntariamente as conversas da filha ao telefone por a casa ser tão pequena. No caso de Sueli, ela perde privacidade não apenas pelo tamanho do apartamento, mas também por ter a sala devassada para o corredor. A separação entre sala e corredor do conjunto residencial é feita por uma porta de vidro, grades e cortinas. Tanto a porta quanto as cortinas são mantidas abertas para que tenham alguma ventilação no apartamento. Como a situação desagrada Sueli, pode também ser considerada como um compartilhamento forçado.

Todo mundo passa, todo mundo olha. Aqui na sala você não pode ficar à vontade. Não pode. A minha vizinha dá aula, é explicadora. Mas toda hora tem gente passando. Aqui é ruim por causa disso: todo mundo passa. Isso me incomoda. Na minha mãe, se eu tiver que ficar na sala de calcinha, sutiã ou com um baby-doll, camisola, eu fico. Aqui não dá! Aqui é impossível. Às vezes eu teimo mesmo, eu fecho a cortina e fico. (Sueli Oliveira, nora, 27)

O compartilhamento de sua intimidade com as pessoas que passam pelo corredor incomoda a entrevistada. O incômodo também vem de fora para dentro do apartamento, quando Sueli comenta que ocasionalmente ouve vizinhos falando. Esse seria um compartilhamento forçado, e também de fora, pois vem de fora dos limites de sua casa. Há novamente um paralelo para o relato de Antônia Souza, quando contou que às vezes tinha que ouvir as “fofoquinhas” feitas pela vizinha sem que quisesse participar da conversa.

Por outro lado, a presença de vizinhos à sua volta traz alguma sensação de segurança para Simone. Ela diz que não teria coragem de morar em uma casa ali perto, mas que pode até mesmo ficar sozinha no apartamento em que vive, sem se preocupar. O compartilhamento de parte de seu cotidiano com seus vizinhos pode representar, portanto, uma forma de prover sensação de segurança, não visto na literatura examinada para este estudo.

Gosto de morar aqui. Aqui, se eu quiser dormir sozinha, eu durmo. Já em outro lugar... Vamos supor: uma casa ali embaixo. Não teria assim muita coragem, não. Teve época que eles dois foram viajar e eu fiquei aqui tranquila, tranquila. Não tinha medo, não tinha nada. Mas se fosse uma casa lá embaixo, sozinha... (Simone Oliveira, mãe, 51)

Os cuidados com a casa são divididos entre os três adultos. No caso das compras de mercado, a divisão não é feita necessariamente por afinidade pessoal com a atividade. Wallace faz as compras grandes, independentemente de gostar ou não. Ele paga pela maior parte do que é comprado na casa. Sueli diz odiar mercado, se restringindo a comprar os ingredientes de algo específico que queira cozinhar.

Tanto Sueli quanto Simone cozinham. Os cuidados com parte da alimentação de Luís são compartilhados pelas duas mulheres. Sueli também faz a arrumação da casa.

Eu já chegava no pique de querer fazer as coisas, fazer comida. Quando eu não estou afim, a Simone é que vai para a cozinha. Nesse lado é bom ter sogra morando junto. Porque ela é que cuida do Luís. O Luís parece filho dela. Mingau é só com a avó. Comida é comigo, mas o mingau de cada dia: “eu quero minha vovó”. Quando ela pode fazer a janta, ela faz. Quando eu estou trabalhando, é ela que faz mais. Ainda mais se eu estiver trabalhando à noite. Arrumação de casa é comigo. Ela não arruma, não. Eu que arrumo, passo pano. (Sueli Oliveira, nora, 27)

O empréstimo de objetos para pessoas fora da casa apareceu no discurso de Sueli quando comentava sobre objetos na casa com as quais tinha que conviver. Ela conta que foi tirando da casa as coisas que mais lhe incomodavam por meio de um empréstimo prolongado desses itens a amigos. Deu dois exemplos: um lustre e a bicicleta do marido, que ficava pendurada no quarto do casal.

Tudo que eu não gosto eu consegui ir tirando aos poucos. Um lustre horrível que tinha aqui. Não está aqui agora no momento porque o meu marido emprestou e eu estou fazendo minha colega fingir e não devolver tão cedo. Essa minha amiga pediu a bicicleta emprestada. O Wallace emprestou, porque ela é muito boa para a gente. Não consegui dizer não. Então eu falei: “Cris, deixa por aí até eu conseguir fazer ele esquecer. Quando ele esquecer, eu trago de volta e deixo lá fora”. Eu falei para ele: pendura esse treco lá fora, isso aí não é um quadro. (Sueli Oliveira, nora, 27)

Se o casal emprestou o lustre e a bicicleta, também recebem coisas emprestadas. Por causa do problema de locomoção de Simone, a família usa o carro da pastora da igreja deles para ir aos encontros religiosos: “Quando tem que ir para a igreja, a pastora empresta o carro” (Simone Oliveira, mãe, 51).

Durante toda a conversa com as duas entrevistadas não surgiu o termo “compartilhar”. No entanto, em diferentes momentos as duas usaram o termo “dividir” com significado semelhante ao compartilhar. Já quando foram solicitadas que definissem o que para elas era dividir e o que era emprestar, Simone pensou por um tempo e acabou por dizer que são a mesma coisa. Sueli, por sua vez, fez uma distinção entre o emprestar e o dividir – algumas coisas se emprestam, como dinheiro e perfume, e outras são divididas entre as pessoas, como comida. Para ela, emprestar requer pedir acesso e incorrer em obrigação de devolução, enquanto que o “dividido”, não, já que deixa de ter um dono.

Emprestar e dividir... Emprestar e dividir... Não é a mesma coisa? Eu acho que é a mesma coisa. Deixa eu ver, pegar emprestado e dividir... Ah, sei lá! Acho que se torna, se torna a mesma coisa. Por exemplo, um dia desses eu fui ali atrás pedir para a Maria um cremezinho para botar depois de lavar o cabelo. Ela disse: “você tem um vidro?”. Aí eu falei assim, poxa, Maria, nem trouxe o vidro. “Está bem, vou arrumar um vidro e vou botar para você”. No caso, ela dividiu comigo o creme. (Simone Oliveira, mãe, 51)

A gente divide comida, divide o espaço. Emprestar, eu empresto dinheiro, eu empresto perfume... Estou lhe emprestando no momento; daqui a pouco você está me dando de volta. O dividir uma pizza a gente divide, comida a gente divide. Quando empresto você tem que devolver. O dividido, não. É dividido! O que você divide ninguém é dono. O perfume e o dinheiro são meus, depois você me devolve, por favor. Não se apossa, não! Uma das coisas que eu mais pego emprestado da Simone é o perfume. Porque eu não uso toda hora. E quando eu tenho que pegar eu tenho que pedir acesso. Dividido, não. O dividido é dividido. A televisão é dividida. A gente pede: poxa, agora é minha vez, dá licença, está na minha hora de assistir. (Sueli Oliveira, nora, 27)

Em outros momentos da entrevista, quando Simone falava de sua infância, usou o termo “dividir” com o significado de cada um ter o seu, como as toalhas e as roupas, que não eram compartilhadas entre irmãos. Já o sabonete e o creme dental em sua infância eram compartilhados (“de todo mundo”). As irmãs emprestavam roupas entre si, pedindo antes permissão de uso.

Na minha casa o sabonete era de todo mundo. A toalha era dividida, cada um tinha a sua. Porque a minha mãe era assim: “essa toalha é a sua e essa é a sua”. Ela comprava para cada um. Agora, o sabonete não. O sabonete já não dava muita atenção para isso. Pasta de dentes, sabonete eram para todo mundo. A toalha é que era separada. Cada um tinha a sua. Roupas... Eram dois irmãos homens, cada um tinha a sua roupa. Porque tinha um mais baixinho e um bem alto. O caçula era bem alto. E entre eu e a minha irmã era assim... Às vezes a minha irmã queria uma blusa emprestada, eu não fazia questão. A minha irmã me emprestava a dela, ela não fazia questão. Era assim: “Cllice, me empresta essa

roupa?” ‘Está bem, tudo bem’. ‘Me empresta essa blusa?’ “Está bem, tudo bem”.
(Simone Oliveira, mãe, 51)

Uma das contribuições feitas por Simone à entrevista feitas após os gravadores terem sido desligados (e então religados) foi a respeito de algo que ela não compartilharia com ninguém – nem cedendo, nem recebendo – mesmo de pessoa íntima: calcinhas. “Não consigo, nem da minha própria irmã, usar calcinha de ninguém. Isso aí eu acho que é uma coisa muito íntima minha” (Simone Oliveira, mãe, 51).

Finalmente, em relação ao compartilhamento externo, Sueli destaca que gosta de ter a casa cheia de crianças e cuida delas enquanto estão lá. Não apenas olha por elas, como lhes dá banho se ficam até o final do dia e as alimenta.

Quero a casa cheia de crianças. Eu sou louca por crianças. Chamo todo mundo e todo mundo vem para cá e brinca. Hoje tem pouca criança: ontem tinha umas sete! Domingo tinha dez. Boto uma mesinha ali nas férias para as crianças brincarem.
(Sueli Oliveira, nora, 27)

4.6. Família Almeida

A família Almeida mora no bairro de Cavalcante. É formada pelo casal Márcio e Sônia e seus dois filhos: Júlia e Jonas, conforme mostrado no Quadro 4.6. Eles têm três animais de estimação: uma tartaruga, um papagaio e um periquito.

Quadro 4.6 – Perfil dos membros da família Almeida

Papel	Nome	Idade	Descrição	Profissão
Pais	Márcio	46	Pai, casado com Sônia	Taxista
	Sônia	42	Mãe, casada com Márcio	Auxiliar de creche
Filhos	Júlia	18	Filha #1 do casal	Estudante
	Jonas (*)	8	Filho #2 do casal	-

(*) Não entrevistado

A casa da família está localizada no alto de um terreno coletivo. É a última construção do terreno. No andar de baixo é a casa da família; no andar de cima fica a casa da irmã de Márcio, madrinha de Júlia, que mantém um relacionamento estreito com a família entrevistada. Nos arredores do terreno há uma grande área verde, habitada por diversos animais silvestres.

A família vive na casa há quase 18 anos. Márcio adquiriu o terreno e o pai de Sônia fez a construção, com dois quartos, sala, cozinha e banheiro. Há também uma varanda, que foi parcialmente coberta. É uma casa de tamanho mediano comparada a outras visitadas para o estudo, mas com ambientes relativamente amplos, inteiramente de piso frio. A configuração da casa é praticamente a mesma do momento da construção, tendo-se apenas ampliado a cozinha e o banheiro e feito melhorias ao longo dos anos.

O casal está junto há 25 anos. Antes da construção da casa, Márcio e Sônia moraram com a mãe dele em uma casa alugada quase em frente de onde estão agora. Quando a construção ficou pronta, mudaram para lá levando também a mãe de Márcio, de forma a deixarem de pagar aluguel. Ela ajudava a cuidar de Júlia e depois também de Jonas, até falecer um ano antes.

Márcio é taxista há quatro anos. Grande parte de sua vida profissional aconteceu em bancos, onde prestava serviços como terceirizado em informática. No entanto, as atividades que exercia foram sendo automatizadas e, ao perder o emprego, foi convidado a ser auxiliar de motorista de táxi. Trabalha todos os dias da semana, mas optando por um horário reduzido no fim de semana para poder ficar algum tempo com a família.

Sônia é auxiliar de creche. Fez um acordo para ser dispensada do emprego no retorno do recesso de fim de ano e férias escolares para ficar em casa cuidando do filho Jonas. Antes, quem cuidava dele era a sogra e, desde seu falecimento, a cunhada, mas ela recentemente começou a trabalhar fora de casa. Em função disso, Sonia pensa em deixar o emprego para cuidar do filho.

Júlia terminou o ensino médio e passou o ano anterior à entrevista estudando para entrar na faculdade. Raramente sai de casa sem que o primo, que mora na casa de cima, a acompanhe, como exige o pai.

Ao serem perguntados sobre o que na casa era de cada um, Márcio e Sônia responderam que “tudo é de todos”, “tudo é de todo mundo”. Júlia teve dificuldades em pensar em algo que considerasse só dela:

Meu e só meu? Não tem assim... Eu falaria meu celular, porque é o que eu uso mesmo. Só eu uso. Mas minha mãe pede emprestado, eu deixo ela usar. Se o Jonas quer jogar, eu deixo ele usar. Então, não tem essa coisa de ser só meu e de mais ninguém. (Júlia Almeida, filha #1, 18)

O celular é um item reconhecido pelos entrevistados como sendo de uso e propriedade mais individual, cada um dos adultos tendo o seu, emprestado a outros apenas em situações de bateria descarregada. Como diz Sônia: “Acho que o que é mais pessoal é celular. Cada um tem o seu. Mas, compartilhar, não. Cada um tem o seu, mexe no seu” (Sônia Almeida, mãe, 42). Márcio confirma: “Celular. Cada um tem o seu. Só usa o do outro quando quer falar, está descarregado e então pede emprestado e usa. Mas geralmente cada um tem o seu” (Márcio Almeida, pai, 46).

Sônia comenta, porém, que os filhos às vezes se referem a itens como sendo seus. Ela logo trata de corrigi-los, dizendo que não são coisas de apenas um deles, e sim de ambos ou de toda a família. Essa correção parece ser parte de um processo para educar os filhos conforme os valores que ela e seu marido acreditam, como na família Silva. Alguns itens, no entanto, têm donos designados, como o *tablet* que o filho ganhou no final do ano anterior por ter passado de ano e o joguinho de computador dele, chamado PS. Ambos os itens Júlia reconhece como sendo do irmão.

Às vezes o Jonas fica “isso é meu”. “Não é seu; é seu e da sua irmã”. A Júlia também: “Mãe, meu irmão está mexendo nas minhas coisas”. “Não são suas, são suas e do seu irmão”. Computador: “é seu e do seu irmão”. O tablet é do Jonas. O tablet é dele, o PS é dele. Mas o computador é de todo mundo. Seu pai usa, a Júlia usa, eu uso. Mas não tem isso “é meu, é meu”, não. Se tiver que usar, todos usam. (Sônia Almeida, mãe, 42)

O videogame é do Jonas. Eu uso o dele. Não dá briga, não. É dele, mas eu uso também. Não tenho que pedir, não. Eu saio usando. Mas não dá briga, não. (Júlia Almeida, filha #1, 18)

A ressalva de Sônia sobre o que é de cada um vai para as roupas e sapatos. Mesmo assim, Júlia vê algumas das roupas como sendo compartilhadas, comunicando à mãe quando pega alguma blusa para usar. As duas têm estruturas corporais diferentes, o que restringe a quantidade de roupas que uma consegue usar da outra – o mesmo valendo para as questões implícitas de gênero e de idades diferentes entre pai e filho.

Só coisas pessoais mesmo. Roupa, sapato, essas coisas assim, que é individual. Cada um tem o seu. Mas o restante, não. (Sônia Almeida, mãe, 42)

Como eu e minha mãe temos corpo diferente, não é toda roupa que dá em nós duas. Mas, às vezes, alguma blusa dá em mim e dá nela, então eu uso e ela usa. Se ela tem uma blusa que eu gosto e dá em mim, eu pego e uso. Se eu tenho uma blusa que dá nela, ela também usa. Tipo, se a blusa já tem intenção de ser de nós duas, então a gente não pede. Eu falo: “Mãe, vou usar”. É mais “Mãe, já estou usando”. (Júlia Almeida, filha #1, 18)

Márcio tem também duas coisas que são destacadas pelos entrevistados como sendo apenas dele. A primeira é um cantinho da casa onde Márcio guarda documentos: “Tem, tipo, o cantinho do meu pai, que ele gosta de botar as contas dele, as coisas dele. É dele e ninguém bota nada ali” (Júlia Almeida, filha #1, 18). A outra é o carro, dirigido apenas por ele e usado como táxi: “O carro, que ele dirige e tal. O carro é ciúmes dele. Só ele mesmo que mexe” (Sônia Almeida, mãe, 42). “Só eu uso o carro. Só eu sei dirigir. Fica comigo direto” (Márcio Almeida, pai, 46).

Se alguns itens são reconhecidos pela família como não sendo compartilhados, como os celulares, a maior parte das roupas, o cantinho e o carro de Márcio, ao longo das entrevistas surgiram alguns itens que, sem ter um dono ou um usuário pré-determinado, também não são compartilhados. É o caso das televisões. Com exceção feita ao casal, que assiste televisão juntos, cada um tem interesses diversos no que tange a programação de televisão e, havendo três aparelhos disponíveis – uma televisão tela plana na sala e uma televisão de tubo em cada quarto – esse momento de entretenimento não é compartilhado pela família. Não há disputa no uso: geralmente os pais ficam na sala e cada um dos filhos assiste seus programas em um dos quartos. Quando eram duas televisões, havia alguma discussão.

Antigamente tinha bastante discussão, porque estávamos só com duas televisões. Hoje em dia, como tem três, é difícil, porque assistem meus pais na sala, Jonas num quarto e eu no outro, se quiser ver coisa diferente. Então, hoje em dia não tem mais isso. Antigamente é que tinha. Geralmente, a disputa era entre eu e Jonas. Um queria assistir uma coisa, outro queria assistir outra. Ele ganhava, porque se não ele chorava. Mas, hoje em dia não. Hoje em dia, o que pode acontecer é eu querer assistir num quarto e ele também querer assistir no mesmo quarto. E então a gente dá um jeito, ou ele vai para o outro quarto, ou eu vou. Mas, antigamente, só tinha uma televisão para nós dois. Então a gente tinha que resolver. (Júlia Almeida, filha #1, 18)

O computador também já foi motivo de disputa. Sônia e Márcio usam pouco o computador, mas é ali que Júlia passa a maior parte do seu tempo livre. O pai comprou o computador para a Júlia, mas tanto ela quanto a mãe dizem que o computador é de todos.

Computador é de todo mundo. Na realidade, eu não sou muito de usar computador não. Assim, eu só utilizo mais para pesquisa, quando eu quero saber alguma coisa, ou procurar saber alguma coisa. E entro um pouquinho no Facebook. Mais nada. Agora, a Júlia, se deixar, minha filha, é a noite toda. Computador, Facebook, Whatsapp, é tudo. Eu não sou, não. O Márcio é o básico também. Se tiver que pesquisar alguma coisa, só. Também não é vidrado em computador, não. O Jonas é nos programinhas dele e nos jogos. [...] Quem decide sou eu. Ou eu ou Márcio. Mas não tem esse problema, não. Quando a Júlia está no computador, e se eu tiver que entrar para mexer em alguma coisa, faço sem problema algum. Ela me dá, que

ela sabe que eu não vou ficar o tempo todo mesmo e nem Márcio. O Jonas agora com esse tablet, fica jogando o jogo dele. Ele queria jogar no computador e a Júlia queria entrar na internet, no Facebook, essas coisas aí. E o Jonas queria jogar. E então ele pediu um tablet de presente, porque ele passou de ano, e eu comprei o tablet para ele. Quando dava disputa nenhum dos dois ganhava, que eu não deixava nenhum dos dois. Desligava e não jogavam. (Sônia Almeida, mãe, 42)

Às vezes eu estou usando o computador e a minha filha quer usar rápido e fica pedindo. Às vezes o meu filho quer usar para poder jogar e então acontece essa guerrinha. Quem resolve é quem estiver usando primeiro, e depois passa para o outro. Não pode ser na hora que a pessoa quer. A não ser que seja uma emergência. Se a minha filha estiver em casa muito tempo usando e o Jonas quiser usar, eu peço para ela deixar ele usar um pouco. Porque são dois computadores, mas um está quebrado. Então todos estão usando aquele ali. Ela ganhou de presente. Eu comprei, mas é dela. (Márcio Almeida, pai, 46)

O computador é de todos. Eu não me importo não de estar usando o computador e ter que dar para alguém usar. Mas, se fosse só para mim, seria melhor. Geralmente dá briga entre eu e Jonas, quando ele está jogando e eu quero usar. Agora nem tanto, porque ele tem o tablet dele. Agora é mais para mim, mesmo. Meus pais usam, mas bem pouco. Não são de ficar muito tempo. (Júlia Almeida, filha #1, 18)

Se Júlia comenta que gostaria de ter um computador só para si, apesar de não se incomodar em compartilhá-lo com os demais, ela também revela que gostaria de ter um quarto apenas para ela. Apesar de dormir sozinha no quarto desde o falecimento de sua avó, as coisas de Jonas ocupam parte do quarto, fazendo com que seu espaço seja um modo de compartilhamento forçado. A escrivaninha, que seria dada pela tia aos dois, Júlia queria para ela, mas acabou ficando para o irmão, após ele apelar para o choro dizendo que queria ficar com o móvel.

As atividades domésticas não são geralmente compartilhadas. A maioria das atividades são feitas por Sônia. Ela cozinha para todos diariamente, apesar de preferir cozinhar coisas diferentes ao básico do dia a dia. Apenas em algum caso de necessidade, Júlia prepara alguma coisa básica para ela ou para o irmão.

Eu cozinho. A Júlia, se tiver que fazer um arroz, até faz. Faz alguma coisa para ela comer ou para o Jonas. Fritar um nuggets, um ovinho, ela faz. Eu gosto de cozinhar. Gosto de fazer coisas diferentes. Coisas do dia a dia você já fica de saco cheio. Todo dia a mesma coisa. Todo dia você tem que fazer o almoço, e então “o que vou fazer para a janta?” Mas eu gosto de fazer coisas diferentes. (Sônia Almeida, mãe, 42)

O termo “compartilhar” surgiu na fala de Sônia logo no início da entrevista, quando explicava que os celulares não eram compartilhados. Não foi um termo empregado por Júlia ou por Márcio, tendo sido utilizado apenas no final das suas entrevistas, ao serem perguntados sobre o que para eles era compartilhar e emprestar. Ao buscarem dar definições para esses termos, Sônia inicialmente disse que eram coisas diferentes mas, ao tentar explicar como era cada uma, acaba por concluir que são a mesma coisa. Para Márcio, em alguns casos compartilhar e emprestar são a mesma coisa pois, ao emprestar, a pessoa estaria compartilhando o bem com alguém mais. Para Júlia, não. Para ela, há uma diferença clara: o empréstimo envolve um pedido de empréstimo e a posterior devolução do item, enquanto que o compartilhamento envolve uma liberdade de uso a qualquer momento e sem esperar devolução. Sônia também fala em empréstimo envolver uma expectativa de devolução, mas essa expectativa não é inexistente no compartilhamento, exceto se quem compartilhou não tiver interesse sobre o item.

Compartilhar é: o que eu tenho, eu vou compartilhar com você. Empréstimo, o que eu tenho, eu vou emprestar para você, mas você tem que me devolver. E o compartilhar é o que a gente vai compartilhar agora. [No compartilhar tem que devolver?] Depende. Sei lá... Por exemplo o computador. Eu estou com o computador, vou compartilhar com você. Você vai usar comigo, mas o computador é meu. Empréstimo vai ser a mesma coisa. Vou lhe emprestar, mas depois você vai me devolver. [Qual a diferença entre os dois?] Nenhuma, né? Ah, dependendo, porque se for compartilhar e eu não tiver interesse naquilo, eu vou compartilhar, mas pode ficar para você. E se eu emprestar, eu quero que me devolva. (Sônia Almeida, mãe, 42)

Eu acho que se você está emprestando ao mesmo tempo está compartilhando. Então eu acho que praticamente é a mesma coisa. Se eu empresto o meu celular para a minha esposa, automaticamente eu estou compartilhando o meu celular com ela. Não diretamente, não 100%, mas em alguns casos sim. Em alguns casos, para mim, emprestar e compartilhar são a mesma coisa. Aqui pensando, qualquer coisa que você empresta você está compartilhando o que você tem com outra pessoa. Eu não espero que devolva quando compartilho ou empresto, não. Porque assim, eu faço o bem sem olhar a quem. Se eu empresto aquilo ali para aquela pessoa e um dia eu precisar que ela me empreste, eu não faço pensando nisso, não. Que um dia ela vai me emprestar. Seja lá o que eu estiver emprestando, eu empresto de coração. Para ajudar a pessoa. Eu não espero que a pessoa vá fazer o mesmo por mim. Infelizmente as pessoas são diferentes. Algumas fazem, outras não. (Márcio Almeida, pai, 46)

Empréstimo, você empresta esperando que a pessoa lhe devolva. Compartilhar, você deixa ela usar a hora que ela quiser, quando ela quiser, sem esperar devolver. Você dá liberdade para ela usar na hora que ela quiser. Se minha mãe quer ligar para alguém do meu celular, eu empresto para ela. Mas ela me pede. Agora, as outras coisas são mais compartilhadas. Quem quiser, usa, não me importo. Pega e usa a hora que quiser. (Júlia Almeida, filha #1, 18)

Quando Márcio fala sobre a expectativa de devolução do item compartilhado ou emprestado, ele se refere à devolução do ato (emprestar ou compartilhar), e não da devolução do objeto em si. Nesse contexto, ele diz que empresta e compartilha sem esperar que a outra pessoa lhe empreste ou compartilhe algo com ele.

A família Almeida mantém laços estreitos com outros familiares. A família original de Sônia se reúne aos domingos na casa da mãe dela, almoçando todos juntos. Acabam se reunindo também em outras ocasiões na casa da mãe ou na de um dos irmãos. São manifestações de compartilhamento externo, envolvendo a família Almeida e parentes que não moram com eles.

Eu gosto da casa cheia. Meus irmãos vêm para casa para lancha aqui. Ou então minha irmã vai para a casa da minha mãe e a gente vai para casa dela. Eu, a Simone e a Solange, minhas irmãs, nós estamos sempre juntas. Onde uma está, a outra está sempre junto. E sempre aparece meu outro irmão, que mora aqui próximo. Sempre liga “Está fazendo o quê?”. “Estou aqui na minha mãe, vem lancha aqui”. Aí vai todo mundo para lá, aquele monte de gente lá dando trabalho para a minha mãe. Fim de semana, domingo, é certo de eu estar na casa dela. Sempre almoço na casa dela. (Sônia Almeida, mãe, 42)

Também pelo lado da família de Márcio há uma convivência frequente com os entrevistados. É principalmente o caso de sua irmã, que mora na casa acima da deles. Ela tem livre acesso à casa da família Almeida, assim como eles também acessam a casa dela. O compartilhamento com ela é externo, pois mora em uma casa diferente da família entrevistada. No entanto, como ela tem livre acesso à casa da família, “como se fosse só uma casa” (Júlia Almeida, filha #1, 18), o compartilhamento é também aberto.

A minha madrinha mora lá em cima. A irmã do meu pai é minha madrinha. Ela tem as coisas dela lá e a gente tem aqui. Mas, a gente é bem junto, então é como se fosse só uma casa. Ela está sempre aqui e a gente está sempre lá. Já vai entrando na casa um do outro. É como se fosse só uma casa. (Júlia Almeida, filha #1, 18)

O compartilhamento entre irmãos aparece na infância de ambos, Márcio e Sônia:

Quando eu era criança era tudo compartilhado. A minha mãe nunca restringiu a gente dizendo isso é seu e isso é do seu irmão. Até mesmo por nós, por sermos muitos filhos, a situação era difícil. Ninguém tinha o seu. Tudo era compartilhado. Então, por isso que eu e meus irmãos nunca tivemos esse problema de não dividir as coisas e de “cada um tem o seu”. Minha mãe passou muita necessidade econômica mesmo. Então, por sermos sete filhos, era muita despesa. E era muita dificuldade. Brinquedos a gente não tinha. Quando tinha, era porque ganhava de alguém. Roupa também, era se ganhava de alguém, ou Natal, final do ano, que meu pai pegava o 13º dele. (Sônia Almeida, mãe, 42)

A gente dormia no quarto junto com a minha mãe. Os três e minha mãe. Porque meu pai trabalhava à noite. Só quando o meu pai estava em casa que a gente ficava na sala. [...] Vou dar um exemplo: bicicleta. Eu não tinha. Minhas irmãs tinham. Eu era o mais novo. Minhas irmãs tinham, cada uma tinha uma. Mas só que elas eram dos três. Eu usava. Então era assim. Tudo... não tinha um negócio que era só... O único negócio que era só da pessoa era a boneca delas. Mas, assim, tudo era dividido. O que era delas, o que era meu também. A gente sempre foi unido, sempre foi um pelo outro. Eu tinha os meus brinquedos. Mas naquela época brinquedo eram poucos. Brinquedo era carrinho, você brincava de bola de gude. A minha irmã jogava bola de gude comigo, pião... A minha irmã do meio ela brincava de tudo isso. (Márcio Almeida, pai, 46)

Nota-se que o termo “dividir” aparece em ambos os discursos e com o significado de compartilhar. Sônia e Márcio empregam o termo para designar o uso comum dos bens entre os irmãos.

4.7. Família Lima

No bairro de Vista Alegre foi entrevistada a família Lima, formada pelo casal Denis e Isabele, pelo filho do casal Bernardo e pela irmã de Isabele, Elisete, conforme mostra o Quadro 4.7. Eles habitam um apartamento amplo, todo de piso frio, com sala, cozinha, dois quartos, um banheiro, área de serviço e suíte de empregada, transformada em depósito de objetos, principalmente de brinquedos do Bernardo. O edifício conta com portaria 24 horas e garagem.

Quadro 4.7 – Perfil dos membros da família Lima

Papel	Nome	Idade	Descrição	Profissão
Pais	Denis	40	Chefe do lar, marido de Isabele	Cabo da Polícia Militar
	Isabele	38	Esposa de Denis	Estagiária de enfermagem
Filho	Bernardo (*)	7	Filho de Denis e Isabele	-
Outros	Elisete	42	Cunhada de Denis (irmã de Isabele)	Enfermeira

(*) Não entrevistado

Denis e Isabele estão casados há quase nove anos e há três moram no local. É o segundo casamento de Denis. Do primeiro, tem dois filhos adolescentes, um morando com a mãe e o outro com a avó paterna. Ambos os filhos o visitam com frequência, passando eventualmente alguns finais de semana com o pai. Já Elisete passou a morar com a família há pouco mais de um ano para ficar mais perto de seus dois empregos, visto que seus pais moram longe.

Denis é policial militar há quase nove anos. Alterna períodos em que serve durante o dia com períodos durante a noite. Além disso, ele geralmente faz extras em suas folgas, como policiamento em escolas públicas. Fez faculdade de Matemática (incompleta) e trabalhou como instrutor de informática em uma empresa.

Isabele é formada em Enfermagem e faz estágio não remunerado na área, com o intuito de obter mais experiência e visando futura contratação. Em casa, realiza diferentes atividades manuais, como bolos confeitados juntamente com a sua mãe, trufas de chocolate, faz o desenho de lembrancinhas de festas infantis, realiza bordados, pinta caixinhas de madeira e outros objetos. A maior parte do que produz é sob encomenda para amigos e parentes, muitas vezes recebendo o dinheiro apenas do material utilizado.

Elisete também é formada em Enfermagem e é aluna especial de Mestrado na área: ela já assiste as aulas, mas falta fazer a prova de admissão para formalizar sua situação. Trabalha em dois locais diferentes. Um dos empregos é em um posto de saúde municipal a cerca de dez minutos do apartamento de Denis e Isabele, comparecendo dois dias por semana, além de plantões em determinados finais de semana. O outro emprego dista cerca de 20 a 30 minutos de seu apartamento atual. Além disso, Elisete estuda inglês e dá aulas no curso de pós-graduação sobre Terapia Intensiva, além de palestras sobre saúde da mulher na sua igreja.

Elisete dorme no quarto do Bernardo em um colchão inflável. O computador da família fica também naquele quarto, todo decorado com motivos infantis, principalmente dos personagens Angry Birds. O casal dorme no outro quarto. Apesar de Bernardo ter o seu quarto, ele acaba dormindo com os pais a maior parte das noites.

O quarto é do meu sobrinho, na verdade. Eu fico lá com o Bernardo. Ele tem uma cama e tem um colchonete inflável embaixo. Tem dias que ele dorme em cima e eu durmo embaixo. E então a gente troca. Tem dias que dormem os dois embaixo. Mas o Bernardo dorme muito com a mãe. Por que para ele dormir no quarto comigo, tem que ter a fadinha, tem que ter o dinheirinho da fadinha. E como eu, às vezes, estou de plantão à noite, tipo hoje à noite... Aí ele vai dormir com os pais. Então depende muito do dia. Ele dorme mais no quarto dos pais do que dorme comigo. (Elisete Lima, cunhada, 42)

Não é só Bernardo que compartilha o quarto dos pais. O quarto do casal é compartilhado também por Elisete em noites quentes em que Denis esteja trabalhando. É o único ambiente da casa que tem ar condicionado.

Depende, assim, do calor também, porque no quarto dela tem ar. Quando o Denis está trabalhando à noite, durmo com ar. Porque, no quarto do Bernardo, o ventilador é ótimo, abre a janela, fica ótimo, mas quando não, durmo lá com eles. E então dormem os três na cama. Eu, minha irmã e o Bernardo. (Elisete Lima, cunhada, 42)

Ao serem perguntados sobre o que é de quem na casa, parece haver um entendimento geral de que as coisas de uso comum pertencem ao casal, tendo Elisete as suas próprias coisas, mesmo que o uso dos objetos em geral sejam compartilhados por todos.

É tudo mais meu e da Isabele. A Elisete só trabalha, chega aqui no fim do dia, nos finais de semana não. Ela tem as coisas dela. Mas não tem nada de “o que é de quem” aqui. Não tem muito isso aqui, não. A gente se dá bem, se dá muito bem. Os pais dela moram longe. Acho que as coisas dela estão lá. A maioria das coisas. (Denis Lima, marido, 40)

Só meu? Eu acho que tudo aqui é compartilhado, até a máquina de lavar, porque a máquina de lavar poderia falar que só eu mexo nela, mas não. O meu celular, nem o meu celular eu posso dizer que só eu mexo, porque o Bernardo também gosta de ver coisas no meu celular. (Isabele Lima, esposa, 38)

Uma coisa eu lhe garanto, nada é meu. Isso eu te garanto. Assim, por exemplo, minha irmã é casada, então a televisão eu não posso dizer que é da minha irmã ou é do meu cunhado. Eu acho que a televisão é deles. Eu penso assim do sofá. O sofá não é do meu cunhado ou da minha irmã. (Elisete Lima, cunhada, 42)

Se Elisete primeiro identifica os itens da casa como sendo de sua irmã e de seu cunhado, ela em seguida declara que os itens são também seus, pois tem acesso irrestrito a eles.

Aquela geladeira, de quem é a geladeira? É dos dois. E minha também, porque eu tenho que beber água, tenho que pegar as coisas. Assim, eu não sei lhe explicar exatamente o que é de quem. Aquela mesa é de quem? De todo mundo. Eu acho que é de todo mundo. Essa mesa aqui é de todo mundo, vive cheia de papel aqui em cima, cheia de bagunça. Agora, o quarto da minha irmã eu entendo que é dela. Eu não entro lá assim. Eu não fico lá o tempo inteiro. Eu vejo como o canto deles. (Elisete Lima, cunhada, 42)

Para Elisete, os “itens grandes” acabam sendo de todo mundo, enquanto que os itens de cunho mais pessoal são de cada um, como xampu e perfume. Já o creme dental é compartilhado, com exceção feita ao utilizado pelo menino Bernardo, por usar produtos próprios para a sua idade.

Para Isabele, as coisas já são compradas se pensando no uso compartilhado pela família. Ela cita como exemplos o computador e um *tablet* que não está mais funcionando, ambos comprados por Denis e utilizados por todos na família. Isabele diferencia esses itens dos que sua irmã compra para uso dela – também usufruídos eventualmente por Isabele ou Bernardo, mas fazendo uma distinção sobre a compra não ser feita visando o uso comum da família.

O computador é nosso, é de todo mundo. O Denis comprou o computador para a gente. Ele comprou para todo mundo. Eu acho que ele comprou até numa época de dezembro, foi o nosso presente. Como o tablet, aquele que eu tinha e que estragou, também comprou para a gente. Sempre compra assim, compra para a gente. A minha irmã, não. Ela comprou o dela porque ela faz mestrado, então ela precisa de uma coisa específica só para ela mesma. Mas o tablet que tinha, o computador, ele comprou para a gente. Eu até uso o tablet dela, o Bernardo também usa para jogar, mas, assim, é mais ela que usa mesmo. (Isabele Lima, esposa, 38)

O computador é, portanto, compartilhado pela família. No entanto, antes havia uma separação por perfis – um para cada usuário – representando uma partição do bem por diferentes pessoas. Por problemas de desempenho do computador, agora há dois perfis: o de Denis, como administrador, e o de Isabele, compartilhado por todos os demais e organizado por pastas de arquivos.

Eu acho que a única coisa que tem dono aqui é o jogo, que agora nem é mais só dele, o jogo do Bernardo. O pai dele comprou para ele. Mas, assim, computador, tudo é nosso. E o jogo agora, como ele comprou um para eu dançar, para eu jogar também, que eu já falei que o jogo agora é meu também. Então não tem nada assim só de uma pessoa. (Isabele Lima, esposa, 38)

O referido jogo de dança é compartilhado com as pessoas que estiverem na casa, sejam eles os próprios moradores da família Lima ou visitas eventuais, como afilhados e primos. Como é feito na família estendida ampliada, é um compartilhamento para dentro. Como explica Isabele: “O (jogo) de dança é meu, mas eu permito que outras pessoas usem. O meu filho, a minha afilhada, minha irmã, eu deixo a minha prima quando vem para cá, eu deixo, mas é meu” (Isabele Lima, esposa, 38). Porém, como se nota pelo discurso de Isabele, o jogo é dela, mesmo que utilizado por outras pessoas, em confronto com sua declaração anterior, de que “aqui não tem nada assim só de uma pessoa”.

Os adultos da família contam que nenhum dos itens compartilhados gera disputa pelo uso: computador, televisão, banheiro e assim por diante. A única exceção parece ser em relação ao Bernardo, que ficaria jogando seu *videogame* por muito mais tempo não fosse os adultos colocarem limite, dado que outros querem assistir a televisão que fica ligada ao jogo do menino. No restante, os membros da família Lima estão acostumados a fazer um certo revezamento no uso dos bens, facilitado pelos horários de trabalho tanto de Denis, quanto de Elisete.

Às vezes, a Elisete chega de noite, tem o mesmo gosto que a Isabele, elas veem novela, veem o Big Brother delas, então acaba a minha hora na sala e eu vou para o quarto. Tem televisão no quarto, eu assisto televisão no quarto. Elas veem a mesma coisa, novela. As duas tem os mesmos gostos. Eu vou para o quarto. Eu não gosto de ver novela. Eu vejo muito filme, internet. Eu vivo no YouTube. Fico baixando filme. Eu acordo cedo, então eu vejo meus filmes na parte da manhã. À tarde eu não tenho muita coisa para ver, então eu vou para o computador. A Isabele fica vendo a novela dela. Se ela não tem nada para fazer, ela vê a novela dela. Quando ela tem, ela fica fazendo as coisas dela. Não tem briga. Acho que encaixou os nossos horários. E só o Bernardo mesmo que perturba. Quer jogar videogame na hora que está todo mundo vendo alguma coisa. Só o Bernardo mesmo que atrapalha. Mas de resto, acho que tudo se encaixou. Então, quando eu estou na televisão, a Isabele está no computador. Quando ela vem para a televisão, eu vou para o computador, ou vou para a televisão do quarto. (Denis Lima, marido, 40)

Só o Bernardo com essa bendita dessa televisão. Porque a gente quer ver algum programa, eu e a minha irmã, e ele quer jogar o Playstation. Então começa na hora da novela, na hora do jornal, na hora de um programa que a gente quer ver. E ele fica perturbando, ele não tem limite quanto a usar a televisão. A gente tem que frear. Porque a televisão lá de dentro – tem uma televisão no quarto deles – não tem o jogo, e ele quer porque quer ficar aqui. Assim, é chato, mas a gente bota para correr e ele vai brincar de outra coisa. Ele tem uns Legos, então ele vai para o quarto, bota tudo no chão e brinca de Lego. Aí quando acaba a novela ele corre, “agora pode, né?”. É assim. (Elisete Lima, cunhada, 42)

Por mais que Isabele tenha dito que não havia disputa pelo computador, ela ainda assim mostra o desejo de ter um *laptop* “para ser só meu”. Sabe, no entanto, que mesmo se comprasse esse *laptop*, não seria seu uso exclusivo. Sua motivação não é que fosse a única usuária, e sim para poder guardar seus arquivos e fazer uma separação da “sua bagunça” da dos demais, lembrando que o seu perfil no computador da casa é usado por todos. Isabele conta que também o marido se incomoda com a “bagunça” feita com os arquivos. Nesse sentido, o uso do computador pode ser considerado um compartilhamento forçado, tanto pelo ponto de vista de Denis, quanto do de Isabele.

Cada um tem o seu celular e, apesar de haver algum uso comum, é citado sempre acompanhado de um pronome possessivo, indicando o dono de cada aparelho. Isabele às vezes usa o celular do marido, pois o dela é pré-pago e nem sempre tem créditos disponíveis para uso.

Só o celular que cada um tem o seu. Eu uso mais o do meu marido porque o meu é pré-pago, às vezes, eu não tenho crédito, aí eu uso o dele, mas... Ele tem um pré-pago e um pós-pago. E eu só tenho um pré-pago. Aí, às vezes, eu uso o dele por isso, mas, assim, cada um tem a sua privacidade. (Isabele Lima, esposa, 38)

Cada um tem o seu celular. Cada um usa o seu. (Denis Lima, marido, 40)

E tenho um tablet, o tablet é meu. O meu celular é meu. (Elisete Lima, cunhada, 42)

O detalhamento que Isabele faz do uso da internet reforça os pronomes possessivos utilizados nas referências aos celulares e na separação dos bens de Elisete do restante dos bens da casa, em particular o seu *tablet*. Já o computador é citado genericamente como “o computador”, sem um acompanhamento de indicação de propriedade. Em seu relato, Isabele explica que os diferentes meios para acesso à internet – computador, celulares e *tablet* – e a rede de internet sem fio promovem uma convivência sem disputas pelo uso da internet, facilitado pelos diferentes horários dos adultos na casa.

A minha irmã tem o tablet dela e eu uso mais hoje em dia a internet no celular. O Bernardo usa o computador. O Denis também, quando ele está em casa. Não tem nem briga. O computador é de todo mundo. Não dá discussão, não, porque eu fico muito no meu celular, minha irmã também fica no dela. O Denis também tem um, o pré-pago dele também e tem wifi aqui, então cada um fica no seu celular. Então não tem briga. O Bernardo é que gosta de ver coisinhas do Lego, do joguinho dele no YouTube. O Denis gosta de ver filme, então ele também fica muito no computador, mas eu e a minha irmã não ficamos muito, não. Eu fico no computador quando eles não estão em casa, por exemplo à tarde. Ou então de madrugada, quando ela está no trabalho, ou até mesmo quando ela está dormindo, eu fico mexendo lá. (Isabele Lima, esposa, 38)

Denis confirma que seu uso principal para o computador é assistir filmes, declarando-se cinéfilo. Seu interesse por esse tipo de entretenimento não é compartilhado na maior parte das vezes pela família, exceto quando convence a esposa e a cunhada a assistirem algo com ele na televisão da sala. As duas, em compensação, tem “gostos parecidos” e compartilham mais de momentos de entretenimento em casa, assistindo à televisão, do que com Denis. Além da novela, assistem filmes nacionais inclusive no cinema, programa recusado por Denis.

Eu gosto de ficar em casa. A Isabele gosta muito de sair. Ela fica dizendo: “ah, não aguento mais ficar dentro de casa”. Eu gosto de ficar em casa. Eu sou cinéfilo. Então eu estou vendo sempre filme. É filme, é filme, é filme, é televisão. Eu adoro ficar em casa por causa disso. Elas gostam de cinema nacional. Eu não gosto. Eu vejo qualquer filme, mas eu não pago no cinema para ver filme nacional. Eu espero chegar na televisão. Elas vão no cinema. Meu negócio é superprodução. Eu falo para elas que o negócio é superprodução, esse negócio de filme nacional é a mesma coisa que estar vendo qualquer coisa da Globo. Quando eu falo “esse filme é bom, senta aqui para ver”, aí elas sentam e veem. (Denis Lima, marido, 40)

Se assistir filmes é uma das atividades favoritas de Denis na casa, o mesmo não pode ser dito de cozinhar. No dia a dia, é principalmente Isabele que prepara almoço e jantar, contando com a ajuda da irmã sempre que está presente em casa. Já Denis cozinha apenas eventualmente, quando tem vontade. Os gostos das duas irmãs para comida é parecido, o mesmo não ocorrendo com Denis e com Bernardo, sendo comum Isabele fazer três comidas diferentes para a mesma refeição para agradar a todos.

Meu marido Denis até me ajuda também, mas não é aquela obrigação. Quando ele está em casa, quando ele quer; não é uma coisa assim que ele faça sempre. Gosto de cozinhar coisas diferentes, que não são as mesmas coisas que ele gosta de comer. Eu e a minha irmã sempre fazemos alguma coisinha diferente, receitas novas, mas ele não come as nossas coisas, não. Agora nós descobrimos um pastel que vai ao forno. Ele come o frito, a gente come o assado. E o meu filho é muito chato para comer. Às vezes, eu faço até três comidas diferentes. Faço uma para mim e para a minha irmã, outra para o Bernardo, outra para o Denis. É difícil fazer uma para todo mundo. (Isabele Lima, esposa, 38)

Mesmo com comidas diferentes, os quatro compartilham as refeições, exceção feita a Denis e Elisete quando estão ausentes pelo trabalho. Não se sentam à mesa; comem em frente à televisão.

As compras da casa são feitas principalmente por Isabele. Nem Elisete, nem Denis, gostam de fazer as compras, mas contribuem sempre que necessário: Denis acompanhando Isabele e Elisete complementando com compras pequenas feitas no supermercado localizado ao lado do edifício onde moram.

A minha irmã faz as compras da casa. Às vezes, eu vou buscar. Quando eu estou disponível, eu vou buscar. Quando eu estou em casa, pego o carro e busco, mas eu não gosto muito, não. Ir aqui embaixo, comprar meia dúzia de itens é uma coisa; agora, ir ao mercado fazer compras, eu não gosto muito, não. Dou uma fugida. Às vezes, eu até vou, mas não é uma coisa, assim, que sempre faça. (Elisete Lima, cunhada, 42)

Se Isabele fica mais responsável pelas compras do que Denis e Elisete, esses dois é que cuidam das despesas da casa. Isabele está atualmente sem renda. Denis fica responsável pelas contas relativas à televisão a cabo, telefone e internet, até mesmo por Elisete ficar pouco tempo na casa e, portanto, usufruir menos desses recursos. O aluguel também é pago por Denis. O restante das despesas são divididas entre os dois. Elisete ajuda não apenas na casa da família Lima, como também ajuda seus pais nas despesas da casa deles – o que pode ser considerado um compartilhamento externo – além de dar mesada ao sobrinho Bernardo.

Eu fico com as despesas da televisão. A Elisete ajuda nas compras, na luz, no gás. Televisão, telefone, computador, aquele negócio de combo, ficam para mim, mesmo. Como a Elisete fica pouco tempo em casa, eu assumi essas dívidas. O resto é tudo dividido. Despesas de compras. Quando ela quer comprar as coisas dela, ela compra. Hoje foi R\$ 100 o valor da conta de luz, eu pago metade, ela paga metade. O aluguel fica mais ao meu critério, para a gente aqui. No caso, para mim. (Denis Lima, marido, 40)

Eu ajudo em uma parte. Mas não ajudo em tudo. Dou um pouco, porque eu também ajudo lá na outra casa. Aí fica complicado. Tenho que ajudar na casa dos meus pais também. Eu ajudo aqui com compras, com luz, alguma coisa, mas não é aquela coisa certinha: “Você tem que dar esse valor por mês, porque senão...”. Acabou alguma coisa, eu vou ali e compro. Então, temos uma harmonia boa. Mas eu dou um valor por mês, isso é fato. Dou mesada para o Bernardo. Dou a mesada dele, porque ele me cobra. “Tia, ainda não recebeu, não? Cadê a mesada?”. Ele cobra. (Elisete Lima, cunhada, 42)

A mesada de Bernardo, inicialmente voluntária, como uma forma de compartilhamento aberto, se tornou um compartilhamento demandado no momento em que o sobrinho passou a cobrar o recebimento do valor à tia. O mesmo ocorreu com o “dinheiro da fadinha” anteriormente mencionado, dado originalmente pelos pais para Bernardo como forma de incentivá-lo a dormir no quarto dele e não junto aos pais, depois foi por ele incorporado ao solicitar que a tia deixasse esse dinheirinho sempre que dormisse em seu quarto.

Se o dinheiro dado a Bernardo passou de um compartilhamento aberto para um demandado, o compartilhamento aberto é prática comum na casa em relação a diversos bens. Elisete ilustra bem essa prática, relatando a liberdade que tem em usufruir dos bens que já foram destacados como pertencendo a Denis e a Isabele.

Aqui é tão minha casa que eu deito no sofá, o meu cunhado deita aqui, minha irmã deita no chão, a gente puxa aqui... Pedir licença para usar? Não, uso tudo. Tudo normal, não tem “ah, posso mexer?”, “posso comer?”. Não tem. Todo mundo come, todo mundo pega, não tem isso. Todo mundo compra, o que eu compro também eles comem. (Elisete Lima, cunhada, 42)

Ainda assim, se Elisete pudesse, ela diz que teria um canto apenas dela, indicando ser forçado o compartilhamento de quarto e banheiro.

A gente se dá bem, só é ruim que não tem o meu cantinho. Apesar de que eu não fico muito dentro de casa. Eu estou mais na rua do que aqui dentro. Mas não é como a nossa casa. Mas é claro tudo mundo quer um quarto, todo mundo quer um banheiro só para si. Isso, realmente, é bom. Um quartinho e um banheiro. Lá atrás tem um quartinho e um banheiro. Esse apartamento é bem grande. Só que os brinquedos do Bernardo, milhares e milhares e milhares de brinquedos, estão lá. E o banheiro está com problema, tem que consertar tudo e tirar as coisas dele. Eu penso então: “Ah, relaxa”. E então eu nunca vou para lá, continuo aqui mesmo. (Elisete Lima, cunhada, 42)

O “cantinho” de Elisete acaba sendo seu carro. Ela usa para se locomover para os seus dois empregos e também para visitar os pais quando consegue. O carro de Elisete serve não apenas para os deslocamentos para suas diferentes atividades, como também de guarda-roupas temporário de suas coisas. Ela mantém um mínimo de itens na casa da irmã, ficando diversas coisas no seu carro e a grande parte das coisas na casa dos seus pais.

Elisete e Isabele têm um histórico de uma “pegar” roupas da outra – mais Isabele “pegando” roupas da irmã do que o contrário, e principalmente sem o consentimento de Elisete, gerando muita briga. Foi assim durante sua juventude e também durante a vida adulta, principalmente quando Elisete, que é quatro anos mais velha do que Isabele, começou a trabalhar e a comprar suas próprias coisas. Tanto Isabele quanto Elisete empregam o termo “emprestar” ao falar da cessão dos bens entre as duas. Se não era autorizado, elas se referem a “pegar” as coisas da outra, sem permissão. Trancar a sua parte do guarda-roupas não foi o suficiente para Elisete impedir que Isabele pegasse suas coisas, como mostram os relatos a seguir.

Era uma briga por causa disso, porque ela pegava as minhas coisas emprestadas. Às vezes, pedia. Às vezes, pegava. Depende. Ela pegava minha roupas, era uma briga, Eu reclamava. Então as minhas roupas davam nela, porque ela era bem mais magra. Agora que ela engordou um pouquinho. Mas ela pegava muito emprestado, muito, muito. Até por causa de trabalho, eu tinha salário melhor, comprava roupa melhor. Mas eu não ligo de emprestar, não. Mas a gente tinha uns arranca rabos por causa disso. (Elisete Lima, cunhada, 42)

O hábito parece ter sido descontinuado ao menos parcialmente pelo ganho de peso de Isabele, fazendo com que as roupas da irmã deixassem de lhe servir. Também os sapatos deixaram de servir a ambas, pois aumentou o número que Isabele calça e diminuiu o de Elisete. Mesmo nessas circunstâncias, Denis revela que ainda há alguma discussão entre as duas sobre uma “pegar” coisas da outra para usar.

Elas, às vezes, estão brigando de vez em quando por causa de uma blusinha, de uma maquiagem. Sempre elas duas. Eu não vou usar as roupas delas, nem elas vão usar uma minha, certo? (Denis Lima, marido, 40)

Quando jovens, as duas irmãs moraram em diferentes casas ao longo dos anos. Em algumas, compartilhavam o quarto ou a sala para dormir. Em uma das casas, tiveram cada uma o seu próprio quarto. Os guarda-roupas foram compartilhados e, geralmente, com portas separadas para cada uma.

Em algumas casas dormimos no mesmo quarto, eram duas camas, um guarda-roupas, dividíamos o guarda-roupas. E então teve uma casa que não tinha dois quartos. A gente dormia no chão da sala. Teve uma outra casa que tinham três quartos, um dos meus pais, um da minha irmã e um meu. Então, assim, cada um tinha o seu espaço. A gente parecia assim meio cigano. Ficava um tempo num lugar, no outro... Quando dormíamos na sala, guardava as roupas no guarda-roupas da minha mãe, então era meio confuso. Não era bagunçado, porque a minha mãe é hiperorganizada, mas era mais confuso. Quando cada uma tinha o seu guarda-roupas, eu procurava as coisas no meu guarda-roupas, não estavam, estavam no dela. E o dela era todo bagunçado! Pegava e largava. Era um cinto, um brinco. Era qualquer coisa, uma roupa, uma peça. Uma bagunça. Agora que ela melhorou muito, depois que casou. Se ela ouvir eu falando isso, ela me mata. Eu guardando as roupas e eu arrumava, tudo organizado por cor, eu que organizo o meu guarda-roupas. Então, olha a diferença. Era chato, porque eu tinha que ficar catando as minhas coisas no guarda-roupas dela. E quando nós dividíamos o guarda-roupas, que eram duas portas dela e duas portas minhas, estava mais fácil. Ela ia lá e pegava e tacava no dela. Assim, ela pegava muita coisa. (Elisete Lima, cunhada, 42)

A casa em que a gente morou mais tempo tinha um quartinho bem pequenininho que a gente não usava como quarto da gente, porque a gente dormia na sala. Depois a gente morou em uma casa, antes de eu casar, em uma casa que era um quarto para nós duas. Nessa época, ela trabalhava bastante, eu ficava mais sozinha. No quartinho ficava a cômoda e o guarda-roupas ficava no quarto da minha mãe. Assim, era dividido o guarda-roupas, um pouco para cada, metade para cada. Depois moramos em uma que cada uma tinha um quarto. Cada uma tinha um guarda-roupas. Porque ela sempre comprava um monte de coisas e minha mãe que me dava as minhas coisas, então eu sempre ficava com pouco. Eu pegava dela, ela brigava, era uma briga. Mas acabava tudo bem. (Isabele Lima, esposa, 38)

Denis, por outro lado, não trocava roupas com seus irmãos. Ele tem um irmão alguns anos mais velho, fazendo com que quando crianças usassem coisas diferentes e de tamanhos diferentes. A casa em que cresceu tinha dois quartos. Os pais ficavam em um e os três filhos compartilhavam o outro. Para Elisete, o “modelo de família” do cunhado é de “cada um na sua”, diferentemente da sua própria, em que foram criados “muito unidos”.

A nossa família, de uma forma geral, tanto a minha mãe, meu pai, as tias, nós somos muito unidos. O problema de um é o problema de todo mundo. Se a minha tia passa mal, a minha irmã leva no médico, e então eu vou pegar. Nós somos muito assim. Está faltando alguma coisa para alguém, quebrou o nebulizador do primo, a gente se junta para comprar. É bom isso assim. Nós fomos criados assim. Já a família do meu cunhado não. Eles já são cada um na sua. Não é individualista, é uma forma da família. Não sei explicar muito bem. Modelo de família. (Elisete Lima, cunhada, 42)

Ao ser perguntado sobre o que, para eles, era compartilhar e emprestar, Denis descreve as duas coisas como sendo diferentes. No compartilhar, todos usam e não é preciso devolver após o uso, mesmo que continue existindo a figura dos donos. Dá como exemplo a televisão. Ele e a esposa são os donos – e ressalta que é apesar de ele ter sido quem comprou – mas é compartilhada com Elisete enquanto ela mora com eles. Se ela deixasse de morar com eles, não levaria a televisão com ela. Mas se o casal se separasse, ele imagina que teriam que colocar a televisão na partilha de bens. Já no emprestar o bem tem que ser devolvido. Não há transferência da posse, apenas do usufruto por um determinado momento. Caso não exigisse a devolução, seria uma dádiva (“estou dando” o objeto para você).

Emprestar é eu ter uma coisa e você me pedir e eu lhe emprestar. Agora, compartilhar é: nós termos, dividirmos a mesma coisa. Emprestar é minha a coisa, você me pedindo e eu lhe dando. Se é emprestado, tem que devolver. Se não for para ter de volta, eu estou dando: toma para você. Mas se eu digo: “eu estou lhe emprestando, hein?”. Estou emprestando para você, eu espero que eu tenha o retorno. Compartilhar é uma coisa comum dos dois. Em compartilhar, o dono são os dois. Se é uma coisa para os dois, se eu estou compartilhando, não tem esse negócio de devolver. Se não eu estaria emprestando. No caso, a televisão nós estamos compartilhando, enquanto a Elisete estiver aqui. Se a Elisete não morasse aqui, a televisão seria minha e da minha esposa. Nós estamos compartilhando a televisão. Nós seríamos os donos, apesar de eu ter comprado. Quando ela for embora, a televisão vai ficar aqui, ela não vai levar. Se eu e a Isabele nos separarmos, mas isso não vai acontecer, a gente vai ter que dividir a televisão. A não ser que ela não queira. (Denis Lima, marido, 40)

Para Isabele também há diferença entre emprestar e compartilhar. Ao invés de falar de devolução no emprestar, ela diz que “a pessoa vai ter que me respeitar”, usando o bem “quando eu quiser, a hora que eu quiser” (Isabele Lima, esposa, 38). Já no compartilhar há uma liberdade quanto ao momento de uso, sem que uma determinada pessoa possa impor regras de uso.

Eu acho diferente, porque emprestar eu sei que aquilo ali é meu e eu vou emprestar quando eu quiser, a hora que eu quiser e a pessoa vai ter que me respeitar. Compartilhar, não. Tipo, computador: se o computador fosse meu, eu iria falar “não, agora eu não quero que ninguém mexa”, então é meu e é meu. Agora, compartilhar, não, cada um tem o seu momento, cada um pode chegar lá e mexer a hora que quiser. Eu acho que tem bastante diferença. (Isabele Lima, esposa, 38)

Elisete também indica alguma diferença entre emprestar e compartilhar, mas define os modos de consumo de forma diferente do cunhado e da irmã. Para ela, o compartilhar está mais associado ao trabalho, onde “tem que compartilhar” objetos com outras pessoas, como a mesa e o armário. Ela usa o termo compartilhar inclusive quando é necessário que se peça acesso ao uso, como no caso do *tablet* dela em casa com o sobrinho e o cunhado, quando lhe pedem para usá-lo. Elisete diz que compartilha o *tablet*, mas não empresta, porque “quando eu saio, ele vai comigo”, indicando que emprestar implicaria em ela não poder usar.

Emprestar é eu ter um objeto e eu emprestei para você, durante um tempo, pode ser um mês, dois meses, depois você vai me devolver. Compartilhar, eu acho que está mais voltado para o trabalho. Por exemplo, eu tenho um objeto no trabalho que eu tenho que compartilhar com outras pessoas. Eu tenho que compartilhar a mesa com um grupo, ou o armário. Não sei, eu acho que é isso. Compartilhar, eu vou compartilhar com todo mundo. Aqui eu compartilho o meu tablet, mas eu não empresto, porque quando eu saio, ele vai comigo. Então, no momento em que eu estou aqui, eu não estou emprestando, eu estou... Não sei. Eu compartilho no momento em que eu estou aqui, com o meu sobrinho, para ele brincar, com o cunhado, quando pede para ver alguma coisa, eu acho que é isso. (Elisete Lima, cunhada, 42)

Em relação ao compartilhamento externo, de forma similar à entrevistada Sueli Oliveira, o casal recebe em sua casa não apenas os filhos de Denis, como também sobrinhos e afilhados de Isabele para passarem temporadas hospedados com eles. Como relata Denis: “Isso aqui vira uma creche”.

4.8. Família Carvalho

A família Carvalho mora no bairro de Anchieta, na primeira casa de um terreno coletivo. A chefe de família é Geisy. Moram com ela a filha Raísa e o namorado dessa, Douglas, além do filho de Raísa de três anos, fruto de um relacionamento anterior. A família Carvalho é mostrada no Quadro 4.8.

Quadro 4.8 – Perfil dos membros da família Carvalho

Papel	Nome	Idade	Descrição	Profissão
Pais	Geisy	41	Chefe do lar, mãe de Raísa	Supervisora de vendas
Filhos	Raísa	23	Filha de Geisy	Promotora de banco de crédito
Netos	Ruan (*)	3	Filho de Raísa	-
Outros	Douglas	25	Namorado de Raísa	Digitador

(*) Não entrevistado

É uma casa pequena – uma das menores visitadas para o presente estudo – e também uma das mais quentes. O ventilador de chão utilizado na sala não dava conta do alto verão carioca. A casa está dividida em quarto, sala, cozinha e banheiro. Há um corredor de entrada na casa, onde ficam itens que não estão mais em uso ou quebrados, como a máquina de lavar roupas da família.

A classificação socioeconômica pelo Critério Brasil coloca a família Carvalho no limite inferior da classe C, tendo obtido 18 pontos no total. Estão refletidos nessa pontuação tanto o nível educacional da chefe de família, Geisy, que tem ensino médio completo, como a restrição de bens que a família possui.

Praticamente não há móveis na casa, exceto por três mesinhas na sala – duas para apoiar os dois computadores e uma onde ficam a bolsa de Geisy, um *tablet* e um *laptop*. Além desses itens, há no quarto uma cômoda onde fica apoiada a televisão e um guarda-roupas. Ao invés de cama, a família utiliza um colchão de casal que fica recolhido à parede do quarto quando não está em uso, juntamente com dois colchonetes. Não há sofás, apenas uma cadeira de escritório em frente a cada um dos computadores. O chão é recoberto por piso frio e as paredes apresentam pintura antiga e gasta.

O piso da área externa da casa, que serve de passagem para as demais e de quintal para cada uma delas, é de concreto, rachado e entrecortado por trechos de mato nascendo pelas rachaduras. Um muro alto envolve o terreno e separa a casa da família Carvalho do restante da casa original, que posteriormente foi dividida em três casas distintas.

As duas outras casas resultantes pertencem ao tio de Geisy e ficam no terreno ao lado, com o muro fazendo a divisão para a casa da família Carvalho. Ele mora em uma das casas e aluga a terceira. Ele também é dono das quatro casas do terreno coletivo onde mora a família.

Geisy nasceu e foi criada naquela casa. Quando se casou, aos 17 anos, ficou com parte da construção para morar com seu marido, tendo sido mantida uma passagem para a parte em que a avó morava. Depois de separada do marido, foi feita nova mudança na divisão dos cômodos, passando um dos dois quartos para a casa que foi alugada e levantando-se uma parede para fazer a nova divisão.

Eu solteira, isso aqui era uma casa só. Eram quatro quartos, duas cozinhas, dois banheiros, três salas, era imenso. A minha avó começou a ficar doente, doente, faleceu. Então dividiu a casa, meu tio foi para aquela casa do lado, e alugou essa parte aqui. Só que quem vinha para alugar dizia: “Ah, eu queria dois quartos”. Depois de separada eu disse: “Olha só, quer? Pode ficar com um dos quartos daqui!”. E ali era uma outra sala, porém não me pertencia, só fechou porque a gente deixava aberta para eu poder olhar a minha avó. Mas era assim: lá era outra casa, com uma decoração totalmente diferente da decoração daqui. Por exemplo, aqui na minha casa é tudo piso. Lá, na minha avó, é tudo taco, sinteco, papel de parede. Aquela coisa bem rústica, decoração de antigo. Então, quando abria a porta para lá, era um mundo; quando abria para cá, era outro. Quando ela faleceu, a gente fechou a porta. E depois demos o quarto. “Não preciso dele”. (Geisy Carvalho, mãe, 41)

Geisy tem duas filhas. A mais velha, Raísa, mora com ela. A mais nova é brigada com a irmã e com a mãe. Elas mostram claro desconforto em falar sobre ela ou até mesmo em citar seu nome. A separação de Geisy veio quando o marido não concordou que ela começasse a trabalhar. Geisy insistiu querer ter contato com outras pessoas, com as meninas já frequentando colégio. Ela tem segundo grau completo, tendo feito curso técnico em Enfermagem, mas começou a trabalhar no comércio e hoje é supervisora de vendas de um distribuidor de bens de consumo, gerenciando uma equipe de 22 vendedores. Trabalha principalmente de casa usando o *tablet* e um rádio pertencentes à empresa. Visita clientes sempre que necessário e faz levantamentos de preços constantemente em supermercados e farmácias.

Raísa estudou Turismo, mas interrompeu a faculdade quando nasceu o filho Ruan, agora com três anos. Ela achou que não valia a pena retomar, pois não era exigido diploma para atuar na área, o salário é baixo e os horários de trabalho são extensos. Atualmente trabalha como promotora de um banco especializado em concessão de empréstimos. O que mais lhe atrai no emprego é a pouca carga de trabalho e não trabalhar nos finais de semana.

O namorado de Raísa, Douglas, mora com a família há dois anos. Ele e Raísa se conhecem há seis anos e namoram há três anos. Douglas foi criado pela avó até os 12 anos. Depois morou com a mãe em uma casa grande, com sala, dois quartos, cozinha, área de serviço e garagem. Mudou-se para a casa da namorada, Raísa, quando brigou com a mãe. Ele é considerado parte da família Carvalho:

Tem pouco tempo que ele veio morar aqui com a gente. Ele brigou com a mãe dele. Ele já ficava a maior parte do tempo aqui, mesmo. Poxa, vou lhe falar, a minha mãe acha que ele é mais filho dela do que eu, porque os dois se dão melhor entre si. A minha mãe é muito apegada com o Douglas. Eles se dão muito bem, graças a Deus. (Raísa Carvalho, filha, 23)

Douglas é digitador, trabalhando em casa e usando a internet para receber e enviar os serviços contratados. Faz também eventuais serviços de design gráfico para gráficas. Interrompeu a faculdade de Tecnologia de Informação quando percebeu que não era o que queria para si. É Douglas que cuida de Ruan enquanto Raísa está no trabalho, mesmo não sendo filho dele.

Gosto dele para caramba, ele trata meu neto como filho dele. Cheguei do trabalho, eles estavam no banho, os dois. Eu falei: “Vou entrar no banho”. “Vovó, aqui é só menino, você não pode vir”. Embora ele não chame de pai, não. Chama não. É “Douglas”. Ele conhece o pai dele, tem consciência de quem é o pai dele, mas respeita e ama em excesso essa pessoa. Café da manhã dele quem faz é Douglas, porque eu não sei fazer Nescau, esses negócios eu não sei fazer. (Geisy Carvalho, mãe, 41)

O guarda-roupas é compartilhado por todos, porém com partes separadas para cada um. Douglas, tendo passado a ser membro da família, também tem sua parte no armário.

Cada um tem o seu espaço no guarda-roupas. É o mesmo guarda-roupas, cada um com a sua parte, inclusive o Douglas tem a dele. Tem a minha, tem a da Raísa, tem a do Douglas... e a do Ruanzinho, que são as gavetas. (Geisy Carvalho, mãe, 41)

O quarto e a sala também são compartilhados por todos. Não há lugares designados para cada um dormir. Geralmente, quem vai dormir primeiro escolhe o colchão. Os demais pegam os colchonetes. Ruan sempre escolhe onde dormir, seja sozinho, seja junto a um dos adultos. Por causa do calor, eles se espalham pelos dois cômodos, às vezes dormindo diretamente no piso, sem colchão. No frio eles buscam dormir mais próximos uns dos outros.

Depende do dia, do ânimo. Se eu estiver com Ruan vendo televisão, eu durmo ali mesmo. Boto só um colchonete aqui, boto um colchão. Tem dias que eu estou com muito calor e durmo aqui, na sala. Cada dia, a gente dorme num canto diferente. Não tem assim, um lugar reservado, “você vai dormir aqui, você aqui, você aqui”, não. O Ruan mesmo, se quiser, deita em cima de mim, daqui a pouco vai deitar aqui no meio, vai deitar com o Douglas, vai deitar aqui na sala, aí ele levanta, ele abre a geladeira, aí vem ver televisão... Ele dorme onde ele quiser e a gente também. Cada um cai num canto, como a minha mãe fala. A minha mãe é a primeira sempre, encosta aqui, ou então lá, no colchão. Não tem lugar específico. Antigamente, tinha cama, mas minha mãe se livrou da cama. Ela não gosta, ela odeia cama. Tinha uma cama, tinha um sofá-cama aqui, foram as primeiras coisas que ela deu. (Raísa Carvalho, filha, 23)

Se está muito calor a gente nem desce o colchão. Deita no chão. O normal, correto mesmo, é a gente deitar num colchão. Tem um colchonete, a gente monta ali a cama. Quem deita primeiro fica no colchão. O neném sempre, o neném, ele escolhe onde é que ele quer ficar. Aqui na sala, estando calor, se não estiver frio, que é só quando está frio que todo mundo se aglomera, quando não está frio, a gente deita por aqui. Ou cada um deita em um canto. (Geisy Carvalho, mãe, 41)

Ao descrever o que é de quem na casa, primeiramente Geisy diz que tudo ali é dela, porque foi ela que comprou as coisas. Em seguida, indica cada item como sendo de alguém, baseado em um critério de uso:

Aqui tudo é meu, porque quem comprou isso tudo aqui fui eu. Mas, vamos falar assim, numa divisão, o Douglas utiliza esse computador, sozinho, até porque é o melhor, tirando o notebook, e ele utiliza para fazer trabalho. Eu utilizo o meu para trabalho também, mas você viu, eu também uso um tablet. Então quer dizer, esse computador aí, vamos falar que é do Douglas. A impressora é mais do Douglas, porque ele tem que fazer muito mais impressões do que eu. Esse computador é meu. A televisão é do Ruan. Ventilador, não sei como classifica, é de todos. O som da cozinha é meu, aí de quem botar a mão. Geladeira, eu não classificaria como minha, porque eu tomo o meu vinho quente, quentinho, nesse calor, eu tomo o meu vinho quente. Não, não é minha, eu não sei de quem é a geladeira. Micro-ondas é do Douglas. O tablet, que é de trabalho, estava com o Ruan. O que é meu, na realidade, o que é classificado meu, tirando o meu aparelho de som... Até porque eles não gostam, porque, se eles gostassem, eu também iria liberar. O que é meu é de todos aqui. (Geisy Carvalho, mãe, 41)

Raísa e Douglas usam critério similar ao de Geisy para apontar o que é de quem na casa. Para Raísa (filha, 23), o critério é quem “controla” o item, como no exemplo dado em relação à televisão ser do Ruan, “porque é ele que controla”. No entanto, o *tablet* continua sendo de Geisy, mesmo Ruan tentando exigir que ela não o leve para o trabalho e deixe com ele. Como é Geisy que “domina” o *tablet*, apesar de que “geralmente é ele que ganha” (Douglas Carvalho, genro, 25), o eletrônico continua sendo considerado dela. Douglas finaliza sua descrição da mesma forma feita por Geisy, dizendo que “tudo é de todo mundo”.

A aparente diferença entre a indicação de quem seria a televisão – Geisy dizendo que é do neto e Douglas dizendo que é sua – pode ser explicada pelo critério adotado pelos entrevistados para designar o que é de quem. Ruan comanda a televisão durante o dia, ficando praticamente o tempo todo ligada no canal Discovery Kids. Mesmo se ele não estiver assistindo, não deixa que ninguém desligue ou mude de canal. No entanto, no final da tarde ele não tem interesse pela televisão, e é quando Douglas “domina” o aparelho. Como alternativa, Douglas também assiste seus programas no computador.

Apesar de Douglas ter comentado não haver conflito entre ele e Ruan para assistirem a televisão, ela foi apontada como sendo um ponto de disputa na casa. Raísa, descrita por sua mãe como sendo viciada em televisão, perde espaço para o filho durante o dia e entra também na disputa com Douglas no horário da noite. A prioridade do uso a favor de Ruan foi determinada por Geisy, que paga pelos canais e pelas demais despesas da casa. Para ela, a filha Raísa “perdeu a vez” quando teve o filho.

Eu não vejo televisão, não gosto. A televisão no quarto eu não vejo, porém ninguém mais pode ver, só o neném. É só Discovery Kids. Se quiser ver, eu sou assinante da Globo, tem que ver no computador, porque ele não deixar ver televisão, a televisão é dele, a antena é dele. Só se ele estiver dormindo, mesmo, ou se ele for passear, que alguém tem direito de ver a televisão. Então, para mim, a televisão não faz falta. Eu nunca gostei de televisão. Raísa, sim, Raísa é viciada. Raísa vivia vendo quando grávida. Ela é que tem vício de televisão. Mas o neném não deixa, porque eu grito que é dele. Porque, geralmente, a briga é entre os dois, porque ela quer ver a novela, ele quer ver essa droga desse Discovery Kids. Ficam os dois brigando. O meu controle está quebrado dos dois brigando. “Olha, a televisão é dele”. “Não é não, mãe, que não sei o quê”. Ele fala, ele grita assim: “Vovó, olha ela! Vovó, olha ela!”. “Não, é dele, Raísa. O seu tempo passou, eu lhe avisei. Não engravidou? O dinheiro que antes eu comprava o seu absorvente, agora, eu compro a fralda dele”. “Ah, mas a antena, você paga a antena para ficar vendo isso?”. “Pago para ele, então é dele”. É assim, a prioridade é dele, não adianta. Eu que tenho que bancar a casa. Então, é o que eu falo, eu sou a mais velha, eu sou a pirata daqui então, eles tem que ouvir. O Douglas nem tanto, o Douglas é tranquilo. (Geisy Carvalho, mãe, 41)

Douglas fala de outro item que gera disputa na casa: o ventilador de chão. Geisy havia comprado outro, mais potente, mas que deixou de funcionar na manhã do dia das entrevistas, restando apenas um ventilador de chão para dar conta do calor. O ventilador de teto no quarto não é considerado suficiente para refrescar a família, além de ser fixo ao quarto e portanto não servir à sala. O ventilador de chão fica geralmente onde está a maioria dos membros da família.

Ventilador é certo de dar discussão. E agora ainda mais, porque tinha aquele outro, mas parou hoje. Queria um ventilador só para mim. É muito quente! Preferia que tivesse um outro só para mim! É muito quente. Porque às vezes eu estou no quarto e elas estão aqui na sala, então aqui tem mais gente e ele fica aqui na sala. E eu fico lá só com o ventilador de teto. Mas um ventilador extra não seria ruim, não. Lá tem o ventilador de teto, mas comparado àquele ali, não venta muito. (Douglas Carvalho, genro, 25)

Também cria algum conflito o uso do computador mais potente, utilizado por Douglas para a realização de seus trabalhos, para jogos do tipo RPG e para baixar filmes e seriados. A situação normal é Douglas usar aquele computador, Geisy utilizar o computador ao lado, mais velho, e Raísa usar seu *notebook*. O conflito ocorre, porém, quando o *notebook* e o outro computador não estão funcionando bem, como explica Raísa:

O computador dá briga. Quando o notebook não quer conectar (à internet), que nem aconteceu agora e quando essa lata velha aqui da minha mãe não quer funcionar, todo mundo quer brigar aqui, e o Douglas quer jogar, o Douglas quer mexer, e a gente: “Sai, agora é a minha vez”. Como sempre, o computador dá briga. E então a gente vê a ordem de importância. Tipo assim, a minha mãe é trabalho, então, de qualquer forma, a gente vai ter que abrir mão. O Douglas é jogo. Então a gente vai vendo o que é mais importante, mas todo mundo acha que o seu é mais importante, não é, mãe? Ela sempre fala isso para a gente: “O meu é trabalho, o de vocês é brincadeira”. É sempre isso que ela fala, e acaba é sempre ela que vem e mexe no computador. (Raísa Carvalho, filha, 23)

O computador é meu, eu que uso mais. Já troquei bastante peça dele, tem o meu email... Quando os outros precisam, usam. Tipo, o da Geisy acho que está com um probleminha hoje com o negócio de email, então ela falou que ia usar aqui. Então eu levantei. Não tem problema de usar, não. (Douglas Carvalho, genro, 25)

Quando descreviam o que é de quem na casa, após discorrerem sobre quem usa mais o quê – mas ressaltando que as coisas são de todos – surgiram alguns itens tomados pelos informantes como sendo só seus, diferentemente dos itens compartilhados anteriormente citados. É o caso do aparelho de som de Geisy: “O som da cozinha é meu, ai de quem botar a mão” (Geisy Carvalho, mãe, 41). Já para Douglas, são seu perfume e suas roupas. Raísa tem seu próprio perfume, mas quando acaba ela pega o do namorado. Em sua entonação de voz, ele se mostrou ligeiramente contrariado por isso acontecer. Já suas roupas pode-se supor que não são compartilhadas por uma questão de gênero e de tamanho de corpo: ele é bem maior do que as mulheres da casa.

Para Raísa, é o seu celular. Ninguém está autorizado a mexer. Quando o filho pede para usar, ela encontra uma forma de desligar o aparelho e dizer para ele que acabou a bateria.

Em compensação, o celular de Geisy é usado por todos, principalmente por Raísa. É o celular que costuma ter mais créditos. Douglas diz não gostar de celular e, segundo Geisy conta, ele raramente usa, mesmo se precisar, e pede permissão para uso – diferentemente de Raísa, que pega o celular da mãe livremente.

Apesar da reclamação de Raísa ser “abusada”, Geisy diz que não se importa que usem seu celular, desde que seja devolvido onde estava e nas mesmas condições de uso. O mesmo vale para seu xampu, deixando a filha usá-lo, mas ficando aborrecida por ela não lhe avisar quando está acabando.

Eu tenho xampu específico para o meu cabelo. Mesmo o da minha filha sendo liso, não é igual ao meu, o dela já é mais ressecado. Ela usa o meu xampu. Se tiver acabando, me avisa. Se não me avisar, eu fico bolada, não por ter usado, e sim porque não me avisou que estava acabando. Só isso. Ou, digamos, vai usar o meu telefone, deixa onde eu coloquei. Não deixa em outro local, porque eu sei onde eu vou procurar, porque, todo dia, eu chego e é aqui eu coloco. Já sei certinho. No escuro, quando eu saio, eu já sei onde eu vou pegar. De madrugada, se eu tiver que levantar para pegar, eu já sei. Então, quer dizer, não me incomodo que use, mas quero que ponha no mesmo local. Se tiver acabando, se tiver estragado, se tiver quebrado, alguma coisa, me avise. Não faço questão que seja só meu, compartilho, desde que respeite, assim essa integridade. De funcionamento e de cuidados. (Geisy Carvalho, mãe, 41)

O mesmo comportamento de Raísa em pegar coisas da mãe sem pedir é observado em relação às roupas da mãe. Geisy diz não se incomodar em compartilhar as roupas com a filha:

Roupa também compartilho. Já aconteceu de eu pegar uma para usar, “Vou para tal lugar, vou botar aquela blusa...”, e aí me lembro: “Ih, mas eu usei, preciso lavar”. Corro lá, lavo a blusa, boto na corda. Depois: “Ué, cadê a blusa?” Raísa foi trabalhar com aquela minha blusa, ou foi para não sei onde. Ela não pede, pega. Pega, mas eu não me incomodo. Não tem esse problema. Pega qualquer coisa. Mexe. Mas eu que dei confiança também. (Geisy Carvalho, mãe, 41)

Raísa já tem uma percepção diferente em relação a compartilhar roupas com a mãe. Conforme ela destaca, as duas usam tamanhos diferentes, sendo Raísa maior do que a sua mãe. Ela conta que a mãe muitas vezes compra a mesma roupa em dois tamanhos e cores diferentes, uma para ela e uma para a filha, de modo a “não ter briga”.

Já em relação às bolsas, Raísa comenta que sempre usa as da mãe e que ela “não se importa”:

Só bolsa que, às vezes, eu uso as bolsas dela. Eu que uso as bolsas dela. Às vezes, eu pego e às vezes, eu peço. Isso depende do dia, depende do ânimo. Se ela estiver em casa, se eu estiver com pressa... Essa bolsa aqui é nova, mas ela já começou a descascar toda, porque eu deixei ela no sol. Então eu vou ter que pegar uma dela, em vez de comprar uma outra. E ela vive trocando de bolsa, nunca vi. Ela não se importa, desde que eu não pegue a que ela está usando. E é assim, ela está com aquela bolsa, ela vai usar até arrebentar. Quando essa arrebentar, ela vai lá no armário e pega outra. Ela usa até a bolsa chegar no fim. Eu não gosto. (Raísa Carvalho, filha, 23)

Os sapatos, em compensação, são motivo para discórdia. Geisy diz que não pega os sapatos da filha por ela calçar número bastante menor, mas a versão contada por Raísa é diferente. Segundo ela, a mãe insiste em tentar usar seus sapatos, “arrebentando” ou “afrouxando” suas sandálias. Como Raísa se incomoda em a mãe pegar seus sapatos, essa pode ser considerada uma forma de compartilhamento forçado.

Raísa gostaria inclusive de ter um closet e que servisse somente a ela, para “não ter ninguém mexendo nas minhas coisas” (Raísa Carvalho, filha, 23). Além de se incomodar quando a mãe pega seus sapatos, ela cita também a sua maquiagem, algumas vezes usada pelo filho para brincar e desenhar. Novamente, é um caso de compartilhamento forçado, em que Raísa preferiria não compartilhar sua maquiagem com outros.

Geisy explica que a educação original que deu às duas filhas não foi de compartilharem as roupas. Muito pelo contrário, ela fazia questão de comprar duas roupas iguais, mas de tamanhos e cores diferentes, uma para cada uma das filhas, da mesma forma que faz hoje com as compras para si e para Raísa. Geisy ainda marcava a inicial de cada uma em suas roupas, de modo a não haver confusão. Geisy conta que “tinha individualidade”, pois “era tudo muito separado”. Raísa vê essa separação dos pertences associada a terem sido criadas “muito independente(s)”.

A minha mãe sempre deixou a gente muito independente. Cada uma tinha as suas coisas. O que era meu, era meu; o que era da minha irmã, era da minha irmã. Até porque eu era magrinha e a minha irmã, gordinha, a nossa roupa nunca deu uma na outra. Então era assim: se a minha mãe comprava uma blusa para uma, ela também comprava para a outra, sendo que de cores diferentes, para não ter briga. Nunca teve muita briga por causa disso. (Raísa Carvalho, filha, 23)

A forma de lidar com essa “individualidade” mudou após a separação de Geisy e da briga da filha mais nova com a mãe e a irmã. Vendo a filha perder o pai e a irmã, Geisy passou a oferecer as suas coisas para a filha usar à vontade, acabando com a separação de “isso é meu, isso é seu”.

Mas aí, depois que aconteceu essa briga... Se bobear ela fala até que não tem irmã, ela não considera mesmo que tem irmã. Ela ficou tão arrasada com esse briga, que eu quis abraçar tudo, e todo o princípio que eu sempre mantive de “isso aí é seu”, eu mudei. Eu acho que foi daí que ocorreu. Ela ficou muito para baixo, assim... Sem pai, sem irmã. Eu acho que eu tentei suprir dessa forma: “Ah, quer usar? Pode, pode usar”. “Não, tudo bem, pode usar”. “Fica com você”. Eu acho que no meu inconsciente eu agi dessa forma. (Geisy Carvalho, mãe, 41)

As crianças parecem ter um lugar especial no acesso a bens na família. Assim como Ruan tem o que quiser, a avó de Geisy lhe dava tudo o que ela queria, mas então lhe ensinava que eram só dela, de mais ninguém. Geisy conta que levou esse “individualismo” para o seu casamento e na educação das suas filhas, com tudo “dividido” entre as pessoas – termo usado no sentido de “separado”.

A minha avó era como eu sou com meu neto. O que eu quisesse era meu. Era “isso é seu e só seu”. Aquele individualismo. Coisa que eu levei, assim que eu casei, eu trouxe: “isso é seu, isso é dela”, dividindo. Mas, depois, com a separação, com todo esse problema que ocorreu, eu esqueci isso para lá. (Geisy Carvalho, mãe, 41)

Na casa da avó, cada um tinha a sua televisão: ela tinha a do quarto compartilhado com a avó, comprada no nome de Geisy; o tio tinha uma no quarto dele; e a avó tinha outra na sala. Até mesmo os copos eram “divididos” (separados), da mesma forma que funcionou em sua própria família durante algum tempo. Mesmo não sabendo dizer qual forma seria melhor – separando ou não os bens para cada pessoa – ela atribui o termo “egoísmo” à separação dos bens na sua família.

Na casa da minha avó eu tinha uma televisão só minha. Ela tinha uma televisão na sala, que era onde a minha avó via televisão, tinha uma televisão no quarto do meu tio e, no meu quarto, onde eu dormia com a minha avó, tinha uma televisão comprada no meu nome. Então, com a minha avó, tudo era muito dividido. Era assim: “o que é seu, é seu, ninguém pode pegar e ponto final”. Até copo era dividido, coisa que aqui em casa também foi, depois é que deixou de ser. Eu não sei se era bom antigamente, ou se hoje é que é bom. Eu era feliz antigamente e sou feliz hoje em dia. Depois disso tudo que aconteceu na nossa família, eu não sei, eu perdi esse egoísmo. (Geisy Carvalho, mãe, 41)

Se Geisy tentou mudar a separação dos bens dentro da família promovendo algum compartilhamento e deixando livre o acesso de Raísa às suas roupas e bolsas, ela vê a filha como “egoísta”, mostrando alguma possessividade sobre alguns bens. Mas que, de repente, também as empresta. Essa dualidade de comportamento é explicado por Geisy como tendo origem nas diferentes educações que a filha teve – primeiramente separando-se tudo entre as pessoas, e depois, ainda durante seu crescimento, sendo incentivada a compartilhar as coisas.

A Raísa é egoísta. Mas da mesma forma que ela dá, ela toma tudo. “É meu”, ela diz assim, “É meu, é meu, é meu”. E do nada ela lhe empresta: “Pode usar!”. Eu acho que, na cabeça dela, ela ficou meia tan tan, porque ela viveu duas fases no período de crescimento. Eu não, eu já vivi criança e, depois, amadurecida. Então, eu agora estou resolvida. Nada é só para mim. (Geisy Carvalho, mãe, 41)

Para Geisy, o neto Ruan já nasceu “individualista”, separando o que é de quem. Ele, inclusive, controla e denuncia quem estiver usando os bens de alguém mais.

E, já o neném, ele já vem individualista, ele vem e separa. Ele fala: “Esse aqui, vovó, é o seu computador”. Aquele ali, se eu sentar aí, eu não mexo nesse aí, mas, se eu sentar aí, ele fala assim: “Esse aqui é do Douglas. Vovó, não mexe aí, sai daí”. Ele é assim, e ninguém ensina isso para ele. (Geisy Carvalho, mãe, 41)

Douglas, enquanto morava com a avó, também tinha tudo separado, como ocorria com Geisy e sua avó. Ele tinha seu próprio quarto, com sua cama, seu armário e sua televisão. Depois, ao morar com a mãe, continuou tendo seu quarto, mas a televisão era compartilhada. Seu computador era eventualmente usado pela mãe.

Na casa da minha avó tinha uma televisão para cada um. Era uma na sala, e uma no meu quarto. Eu morei lá desde os meus cinco anos até uns doze, mais ou menos. Armário era um para cada um também, cama, um para cada um... O resto era em comum. Na casa da minha mãe, a televisão era uma para todo mundo. Eu e minha mãe. E quartos separados. Um armário para cada um, cama para cada um. O computador era meu. Ela usava só quando eu não estava em casa. (Douglas Carvalho, genro, 25)

As atividades domésticas são compartilhadas pelos três adultos, algumas realizadas em conjunto, outras ficando sob responsabilidade de alguém específico. Douglas cuida não apenas de Ruan enquanto Raísa está trabalhando, como também cuida da casa – faz a limpeza, exceto a mais pesada, que é feita por Geisy, cozinha durante a semana, lava a louça e lava a roupa na mão, pois a máquina de lavar roupas da família está quebrada. Geisy cozinha nos finais de semana e cuida das calopsitas da filha – fazendo questão de ressaltar que são da filha, mas que ela é que cuida.

Raísa não se vê fazendo as atividades domésticas, inclusive lavar roupas, dizendo “sou uma negação, eu não sei fazer nada disso” (Raísa Carvalho, filha, 23). A mãe sempre cuidou da casa e das suas coisas. Mesmo quando nasceu seu filho, era a avó dela que lavava as roupas do bebê. Hoje ela passa as roupas antes de usar, quando necessário.

Os cuidados com Ruan são compartilhados entre os adultos. Na maior parte do tempo em que Raísa está trabalhando, é Douglas que cuida do menino. Ele o pega na creche e passa a tarde com ele em casa.

São também Douglas e Geisy que mais brincam com Ruan. Raísa não compartilha das brincadeiras, que a incomodam a ponto de colocar fone de ouvido e escutar música para não escutar o barulho de Ruan com Douglas e, por vezes, com Geisy. Ela diz odiar “essa bagunça”.

Parece que são duas crianças. São três crianças, quer dizer: a minha mãe, o Douglas e o Ruan. A minha mãe segura o Ruan para o Douglas chegar primeiro no portão. E então o Ruan fica: “Mas sou eu que tenho que chegar primeiro” e começa a chorar. E então o Douglas segura o Ruan para a minha mãe chegar primeiro. É sempre assim, ele sacaneando o garoto. E então joga de cabeça para baixo, faz cosquinha, quer morder, e fica essa bagunça, o tempo todo. Eu fico com dor de cabeça, eu não gosto, odeio. Eu já tenho o meu fone de ouvido, deito ali, boto o fone de ouvido, boto uma música e não escuto nada. Deixo eles se matarem, deixo eles brincarem, deixo eles fazerem o que eles quiserem, que eu não escuto. É assim o tempo todo, o tempo todo. Se eu for falar, eles dizem “Sai para lá, que você é chata, que não sei o quê, está enchendo o saco, deixa a gente, deixa o garoto, o garoto é criança, o garoto tem que brincar”. Eu que sou a chata, eu que estou errada. Eles estão certinhos de estarem brincando. Eu não me estresso mais, então deixo eles. Quando eles cansarem, eles param. (Raísa Carvalho, filha, 23)

As compras de mercado são feitas por Geisy e Douglas – Raísa diz que “não me meto com isso não”. É Raísa, no entanto, que faz as contas do que deve ser comprado, uma vez que a família faz grandes compras mensais. Geisy cuida das compras de reposição, quando falta alguma coisa durante o mês, levando na volta de seu trabalho.

Geisy paga as contas da casa. Raísa e Douglas contribuem com R\$ 200 cada um, deixando com Geisy para decidir o melhor destino a esses valores, sem terem conhecimento de quais contas são pagas ou mesmo se o dinheiro todo é suficiente para cobrir todas as despesas. Além disso, Raísa paga a escola do filho.

Raísa gosta mesmo é de comer “besteiras”. Nesse caso, ela é que paga pelo seu alimento, utilizando o vale refeição que recebe em seu emprego. Isso vale tanto para lanches em seu trabalho, como para pizza em casa ou hambúrguer no shopping juntamente com Douglas e Ruan.

Passear no shopping, inclusive, é um dos entretenimentos favoritos de Raísa, programa esse feito juntamente com Douglas e Ruan. Gostam de ir lá para comer. Quando o filho era menor, também frequentavam o cinema do estabelecimento, o que ficou mais complicado na medida que o menino cresceu um pouco e é barrado pela censura etária dos filmes. Outras atividades que Raísa gosta de fazer já não são compartilhadas com o namorado, como ir à praia – ela vai com as amigas, pois ele não gosta de sol. Ele gosta mesmo é de ficar em casa, assistindo seriados com ou sem Raísa, e jogando *videogame*. De vez em quando saem para alguma festa de amigos, Douglas sempre acompanhado de Raísa.

Eu gosto muito de Via Show, praia... O Douglas fica em casa, quando eu vou para a praia, que ele não gosta do sol. Então vou eu, Ruan e mais as minhas amigas para a praia. A gente vai muito também para o shopping, que é o que a gente mais gosta, que é para comer. “Ah, vamos para o shopping”. E a gente vai comer. É só isso que a gente faz. Ver cinema, a gente também gosta bastante, sendo que agora a gente está tendo um probleminha por causa do Ruan. Porque, antes, quando ele era menorzinho, deixavam ele entrar em qualquer filme. Agora, não deixam mais entrar, tem um determinado tipo de filme. Eu levo assim mesmo. (Raísa Carvalho, filha, 23)

Gosto de jogar videogame. Ver seriado eu também gosto muito. A gente gosta muito. Tem seriados que eu vejo sozinho e tem seriados que eu vejo com a Raísa. Eu fico acompanhando, assim que sai na internet, de madrugada, eu baixo o seriado e assisto. Quando eu era adolescente, quando tinha 17, 18 anos, saía mais à noite, mas agora estou nessa fase mais tranquila, mais família, shopping, cinema, uma festa de algum conhecido. Se saio, saio com a Raísa. É muito difícil eu sair sozinho. (Douglas Carvalho, genro, 25)

Já Geisy tem sua própria programação de lazer, que não é compartilhada com nenhum outro membro da família. Ela gosta muito de música, especificamente samba, pagode e funk. Na noite da entrevista ia para o samba na quadra da Portela, em Madureira. Gosta de ambientes em que as pessoas estejam dançando e tomando cerveja ou vinho.

Adoro ir para o samba. Samba, pagode, funk... Por exemplo, hoje eu tenho samba, dez horas da noite, lá na Portela, em Madureira. Vou para lá, vou sambar todas que eu puder. Samba, pagode... Eu gosto de show, tudo meu é música, é musica, eu gosto de dançar, eu gosto de, sei lá, estar em ambiente com pessoal todo mundo, dançando, sambando, tomando uma cerveja, ou um vinho, que eu prefiro muito mais o vinho do que a cerveja. É, isso é o que eu gosto. (Geisy Carvalho, mãe, 41)

Ao falar do seu apreço por música, surge na entrevista de Geisy um exemplo de compartilhamento forçado. Os demais membros da família reclamam com ela pelo som alto que coloca para ouvir. Como a casa é pequena, todos acabam ouvindo a música juntamente com ela e reclamam.

Até brigam comigo, porque às vezes eu quero, aqui é pequeno, eu quero botar o som um pouco mais alto, ainda mais que eu botei as caixinhas do home theater aí, um pouco mais alto, e atrapalha quem está aqui vendo televisão. (Geisy Carvalho, mãe, 41).

O espaço restrito da casa, compartilhado por todos da família Carvalho, gera outra forma de compartilhamento forçado: a fumaça dos cigarros de Geisy. Ela começou a fumar durante a juventude, antes de Raísa nascer. Raísa tem asma, assim como seu filho Ruan, mas conviver em um espaço pequeno e pouco ventilado não lhe impedem de fumar constantemente. Raísa diz que “não adianta”, “eu já me acostumei” e usa com frequência a bombinha de asma apesar de lhe causar dor de cabeça (Raísa Carvalho, filha, 23).

Ela fuma desde que ela tinha dezessete anos, dezesseis anos. Eu tenho asma desde que eu nasci. O meu filho também tem, ele faz tratamento de asma. Mas, com ela, mas não adianta, ela, acho que ela fica até doente se a não tiver o cigarro dela. Então, eu já me acostumei, eu ando sempre com a minha bombinha na bolsa. Qualquer coisa, eu já faço a minha bombinha que aí eu já melhora logo. O ruim é que me dar dor cabeça. [...] Meu Deus do céu, estou tendo um ataque... Eu vou pegar a minha bombinha. Poxa, é horrível! Ih, não! Eu esqueci no trabalho! Eu sabia que eu tinha esquecido. O refil está aqui, mas a bombinha ficou lá. (Raísa Carvalho, filha, 23)

Nas entrevistas também surgiu um exemplo de compartilhamento externo. Raísa, por ser a neta mais velha em ambos os lados da família, compartilha sua função de cuidadora do filho com demais sobrinhos e primos pequenos. Tios e primos com filhos pequenos que precisem de alguém para olhar por eles por algum tempo pedem para ela ficar com as crianças, seja na sua casa, seja na da avó.

Na família, eu sou a mais velha, neta, sobrinha, eu a mais velha, o resto é tudo pirralhinho, é tudo menor. Então todo mundo fica: “É, que você é a mais velha, não sei o quê” e vem todo mundo em cima de mim para cuidar deles. A responsabilidade fica toda minha. O pessoal quer sair, então deixa as crianças comigo. Fica tudo comigo. Eu vou lá para a casa da minha avó, até porque a minha avó está operada, e às vezes eu ajudo a olhar. Dá trabalho. Tem uns primos também por parte da minha mãe. (Raísa Carvalho, filha, 23)

Como a casa da família Carvalho fica na entrada de um terreno coletivo, apenas a área de terreno junto à casa poderia ser considerada como compartilhada. A família Carvalho considera essa área como seu quintal, servindo também às demais casas, mas com características mais de um compartilhamento externo forçado, pois as entrevistas realizadas indicam alguma rejeição de qualquer convívio com os vizinhos. A família inclusive evita contato, ilustrado pela narração de Geisy sobre como o neto Ruan chega a ter medo de ir mais além no terreno da casa onde mora, como sendo “um outro mundo para ele”. Mesmo uma área da casa que originalmente era parte de seu banheiro e que foi virada para o quintal atrás dela, não é usada pela família.

Quando falam sobre compartilhar e emprestar, para Geisy os dois são a mesma coisa quando se estiver referindo à própria casa. Compartilhar, para ela, é “todos usarmos juntos” e só inclui as pessoas da casa, não os de fora, como vizinhos. Se for um empréstimo para fora da casa, ela espera devolução e na mesma forma que foi entregue.

Eu acho que compartilhar e emprestar são a mesma coisa, porque, se eu lhe empresto, você está compartilhando do que eu estou lhe emprestando. Então é mais ou menos por aí, mas se for em uma casa. Dentro da casa. Digamos assim, a minha vizinha de trás chega assim: “Me empresta o seu copo?”. Eu estou emprestando, ela tem que me devolver intacto, da forma que eu emprestei. Compartilhar é todos usarmos juntos, coisa que eu não vou fazer com o meu vizinho. Compartilhar eu só vou fazer com o pessoal da minha casa. (Geisy Carvalho, mãe, 41)

Para Raísa já são coisas diferentes. Compartilhar refere-se a todos fazerem uso e serem donos e responsáveis pelo item. No emprestar, continua existindo um dono específico e quem pegar emprestado tem que devolver depois de algum prazo definido. Faz, no entanto, uma ressalva ao dar exemplo de compartilhamento: para ela, o computador do Douglas seria compartilhado se não fosse dele antes mesmo de ir morar com a família Carvalho, além de ele ter continuado a investir na construção e atualização do bem. Ela o classifica, então, como emprestado ao restante da família.

É diferente. Compartilhar é tipo assim, o computador vai estar aqui, a gente vai compartilhar: todo mundo vai fazer uso, mas todo mundo é responsável. Emprestar, não, emprestar é meu, você vai usar, e você tem que me devolver, que a dona sou eu, não é: “Vou ficar o tempo que eu quiser”. Tem um dono específico. Compartilhar não tem um dono específico, todo mundo é dono. No compartilhar, todo mundo é dono. Quando é emprestado, não. Tem um dono, e você tem que devolver para aquela pessoa. Esse computador é do Douglas, mas todo mundo usa. Eu acho mais que ele é emprestado, porque, esse é o do Douglas, ele trouxe da casa dele, ele montou tudo com coisas especificações que ele gosta, então esse computador é dele. (Raísa Carvalho, filha, 23)

O conceito que Douglas dá para compartilhar e emprestar é similar à definição dada por Raísa. Ao emprestar um item, ele tem que ser devolvido no momento solicitado e nas condições em que foi emprestado. Já no compartilhar, não pode ser exigida a devolução, dando espaço para um uso mais livre do bem. O exemplo que dá é o seu computador e que, diferentemente de Raísa, que diz que ele é do Douglas e está emprestado para a família, ele considera como compartilhado com todos, mesmo em outros momentos da entrevista ter considerado como sendo seu.

Emprestar é você deixar, vamos dizer, vou dar um exemplo. Vou emprestar o computador. E então a Raísa vem aqui e senta para usar. Mas vamos dizer, “ah, agora Raísa, já deu. Eu vou mexer agora”. Eu emprestei para ela naquele momento. Compartilhar é como a gente faz aqui. Ela usa quando ela quer, e eu não digo “ah, para de usar”. A mesma coisa é emprestar dinheiro. Vou querer ele de volta em algum momento. Se você compartilhar o dinheiro, é sem volta. Se emprestar, a coisa vai e tem que voltar. Vamos supor que eu empreste um celular. Ele tem que voltar igual. Voltar quebrado, não dá! (Douglas Carvalho, genro, 25)

Em comum, os três entrevistados associam o empréstimo à uma obrigação de devolução e no estado em que foi emprestado. Também têm uma percepção similar sobre as coisas da casa serem compartilhadas entre eles, sem gerar essa obrigação de devolução, nem um prazo para uso.

4.9. Família Barros

Em Ricardo de Albuquerque foi entrevistada a família Barros. Ela é formada pelo chefe de família José, sua esposa Nádia, a filha do casal Kelly e o namorado desta, Alan, conforme mostra o Quadro 4.9.

Quadro 4.9 – Perfil dos membros da família Barros

Papel	Nome	Idade	Descrição	Profissão
Pais	José	65	Pai, casado com Nádia	Proprietário de Pizzaria
	Nádia	51	Mãe, casada com José	Proprietária de Sorveteria
Filhos	Kelly	19	Filha do casal	Estagiária
Outros	Alan	21	Namorado de Kelly	Técnico de Informática

Apesar de ter obtido somente um ponto a mais na classificação socioeconômica pelo Critério Brasil em relação à família Carvalho, entrevistada na véspera, a casa da família Barros é grande e ampla. A construção tem três andares. Moravam no andar de baixo e se mudaram para o segundo andar, onde têm dois quartos, sala, cozinha e dois banheiros. Exceto pelo sofá, as duas camas e o aparelho de som, todos os demais itens da casa são novos, comprados na mudança para o outro andar.

Quando a gente subiu, todo mundo comprou as coisas juntos. O que subiu de lá de baixo acho que foi o sofá, e só o sofá. O sofá e o som. A cozinha toda é nova, a televisão, o rack é novo... Tudo. Só o sofá e o som que não são novos. É tudo novo. Não tem nada da outra casa. O quarto da minha mãe também é todo novo. Só a cama. No meu também é tudo novo. Não tem nada lá de baixo. (Kelly Barros, filha, 19)

Se na casa da família Carvalho havia apenas uma televisão e era de tubo, a família Barros tem três televisões tela plana, ficando uma em cada quarto e outra, grande, na sala. No restante, a família possui o mesmo número de itens que a família Carvalho, porém novos e modernos, o que não é levado em consideração pelo critério de classificação socioeconômico adotado. Pesou na pontuação das duas famílias o grau de instrução do chefe de família – nesse caso, o de José, que tem ensino médio completo.

A primeira entrevistada foi Kelly. Ela e Alan namoram há quatro anos. Estuda Direito e está fazendo estágio em um escritório particular no centro da cidade. Teve que mudar algumas vezes de faculdade, pois duas das instituições em que estudou fecharam. Está no quinto período, restando ainda três anos para se formar.

A mãe de Kelly, Nádia, é natural do Rio Grande do Norte. Sua mãe mora em uma praia a cerca de uma hora de Natal mas, como não há escolas na região, morou por muitos anos com os tios em Natal, juntamente com a irmã e um primo. Nádia tem também seis meias-irmãs por parte de pai, mais velhas do que ela e com quem não teve contato. Anos depois, vindo ao Rio de Janeiro visitar a cidade, conheceu José e resolveu ficar. Primeiramente moraram em uma casa alugada, depois compraram o terreno atual e, após construir o primeiro piso, mudaram para lá com a filha recém-nascida. Nádia tem uma sorveteria há cinco anos. Na época de verão trabalha até tarde, sendo a única sorveteria da região.

José vem de uma família grande, originalmente de Fortaleza. Mudou-se para o Rio de Janeiro para conseguir emprego há quase cinquenta anos. Apesar de ser o caçula de nove irmãos pelo primeiro casamento da mãe – tem mais dois meios-irmãos do segundo casamento dela – foi o primeiro a sair de casa. Depois de se mudar para o Rio de Janeiro, acabou por trazer a mãe para a cidade, e com ela vieram quase todos os demais. Ele é proprietário de uma pizzaria, ao lado da sorveteria da esposa. É funcionário aposentado de uma empresa de energia e, após se aposentar, trabalhou por muitos anos como instalador de ventiladores, até passar a se dedicar exclusivamente à pizzaria.

Alan vive na casa da família há cerca de um ano. A casa de sua mãe fica em uma região em conflito dominada por traficantes de drogas. Passou então a morar com a avó, mas o mesmo problema ocorreu – ficou perigoso transitar por ali. Um ano antes, passou a dormir na casa da família Souza, sendo “mais tranquilo” ali, além de ficar mais perto do seu trabalho. Ele trabalha no setor de informática em uma distribuidora. Antes desse emprego, trabalhou no comércio de produtos de informática e fazendo manutenção de equipamentos em residências. Chegou também a trabalhar na pizzaria do José.

Ele só vem dormir. Não faz mais nada, porque ele trabalha, ele faz as coisas dele na rua, come, bebe, tudo na rua, só vem para dormir. (Kelly Barros, filha, 19)

O Alan já tem bem quase um ano que está aqui. Veio porque a casa dele ficava longe do trabalho, então ele veio para cá. Agora, ele praticamente mora aqui. Ele dorme aqui, ele vive aqui, ele come aqui. Ele mora aqui. Já é da casa. Mora aqui. (Nádia Barros, mãe, 51)

Apesar de Kelly e seus pais considerarem que Alan mora com eles, Alan diz que a sua casa mesmo é a dos pais, em Camboatá. Suas coisas permaneceram lá, mas dorme na casa da namorada. Excluindo o tempo que está no trabalho ou na rua, passa mais tempo na casa da namorada do que na dos pais. Como a família Barros considera que Alan é membro da família, ele assim está sendo considerado para efeitos do presente estudo.

Assim, eu não moro aqui. É lá na Estrada do Camboatá. Mas aí eu prefiro ficar com eles aqui. Eles gostam também que eu venha para cá, então eu fico aqui. Eu faço companhia para ela, ela gosta. Eu fico aqui com ela, fazendo companhia. Eu deixo as minhas coisas lá. Eu só venho mais para cá à noite mesmo. Eu passo o dia trabalhando, então passo em casa, faço o que eu tenho que fazer, falo com a minha mãe, os meus irmãos... Às vezes eu vou para casa, durmo em casa, às vezes durmo aqui. Não é sempre que eu vou para casa. A maior parte das vezes eu fico aqui mesmo. Eu vou ficando... Eu não sei quanto tempo. Deve ter mais de dois anos que eu já estou com eles. (Alan Barros, genro, 21)

Ao serem perguntados sobre o que é de quem na casa, as respostas dadas por Kelly e Nádia parecem apontar para o mesmo entendimento: tudo ali na casa seria dos três – pais e filha – sem que a maior parte das coisas seja de alguém específico.

Aqui a gente bota as coisas... a gente compra junto, eu e ele, e é de todo mundo. Tudo que tem aqui em casa é de todo mundo. É meu, dele, da minha filha... Tudo o que tem na minha casa. (Nádia Barros, mãe, 51)

Não tem nada só meu. Não, porque aqui somos só, aqui éramos só nós três. Então, não, não tem nada só meu. (Kelly Barros, filha, 19)

Alan já vê as coisas da casa como sendo de Nádia e José, justificando que foram eles que compraram e pagaram por elas. Nesse conceito, nada ali é dele ou de Kelly. Mas que todos podem usar os bens da casa, sem problema algum.

Cada um tem as suas coisas. A Kelly trabalha, então o que ela compra ela usa para ela. Ela não precisa ficar “mãe, pai me empresta isso?”. Ela não precisa fazer isso. E eu também não preciso. Ainda mais porque eu não uso quase nada. Igual ao José também. O José tem o dinheiro dele, ele compra o dele. A Nádia tem o dinheiro dela, ela compra o dela. Ninguém fica compartilhando as coisas. (Alan Barros, genro, 21)

Já José tem outra visão de o que é de quem na casa. Para ele, tudo que é comprado por eles é para todos, não aceitando que se diga que alguma coisa é de alguém específico. O conceito de tudo ser de todos se aproxima, para ele, do conceito de família: “o que é de um, tem que ser de todos”. A exceção que faz é para itens que sejam ligados a gêneros específicos, como roupas e sapatos. No restante, “o que eu comprar ou ela comprar, tem que distribuir para todo mundo”:

Não, não considero nada só meu, não. Porque tudo aqui... A minha mulher tem mania de comprar as coisas e dizer “isso é da Kelly”. Isso eu condeno. “Isso não é da Kelly, isso é nosso” “Ah, essa toalha é da Kelly, isso é da Kelly, isso ali é da Kelly...”. Não, eu não concordo com isso. É uma família? É uma família. O que é de um, tem que ser de todos. Não tem que ter nada separado dentro de uma casa. O que é de uma família, é de uma família e acabou-se. A não ser as roupas que eu dou para ela, que eu compro para ela, que eu não vou vestir as roupas dela, são dela. O sapato dela, é dela. Mas dentro de uma casa, os móveis que tiver dentro de uma casa, eu acho que é de todo mundo. Porque eu não tenho esse tal de “isso é meu, isso aqui é seu”, não. O que eu comprar ou ela comprar, tem que distribuir para todo mundo. Porque eu também fui criado assim. (José Barros, pai, 65)

Apesar de José dizer que Nádia classifica coisas como sendo da filha e não de todos na família, ela mesma diz que, exceto pelos itens pessoais de higiene, “as outras coisas todas são de todo mundo”:

Tem assim, toalha, sabonete, xampu, assim, cada um tem o seu. Só assim, parte de higiene. Mas as outras coisas não. As outras coisas todas são de todo mundo. Cada um tem o seu xampu, sabonete... toalha... Roupa também, cada um tem a sua. (Nádia Barros, mãe, 51)

Roupas parecem mesmo ser de uso mais exclusivo de cada um. Alan comenta que mãe e filha não pegam as roupas uma da outra. Kelly explica que ela e sua mãe vestem tamanhos diferentes de roupa, mas que, quando precisa de alguma peça específica, avisa a mãe antes de pegar. Na casa da mãe de Alan, também não se costuma pegar roupas uns dos outros.

Nádia confirma que é difícil a filha pegar alguma roupa sua. No entanto, às vezes pega emprestado e “não devolve mais”, principalmente quando compra alguma coisa nova. O item passa então a ser da filha. Nádia diz não se importar e que tem o hábito de levar presentes para ela sempre que sai.

Às vezes até pega alguma coisa minha, mas é muito difícil ela pegar. Muito difícil. Às vezes diz “ah, mãe, me empresta essa roupa assim?”. E então já pega e também não devolve mais. Às vezes nem usei ainda. Trago da loja e ela vê. Se ela gostar, ela pega para ela. Não me importo, não. Eu sempre trago para ela também. Às vezes eu trago mais para ela do que para mim. Toda vez que eu vou para a rua, eu trago alguma coisa para ela. Ela já sabe... “Trouxe o quê? Trouxe o quê?”. Toda vez que eu vou para a rua eu trago alguma coisa para ela. Ou comida, ou roupa, alguma coisa eu trago para ela. Se eu não trouxer ela já fica de birra, porque ela já sabe que eu trago. Eu sempre trouxe para ela. Então ela fica de bico. “Você foi a Madureira e trouxe o quê? Ah, você não trouxe nada?” Nem que seja biscoito, eu trago alguma coisa para ela. Ela é filha única, então é mimada, desde pequenininha é mimada. Sempre trouxe tudo para ela, para ela, para ela. Ele também. Se ela pedir alguma coisa, se ele tiver de carro, ele vai, compra, dá para ela... Se ver na rua e ela pedir, ele traz para ela. (Nádia Barros, mãe, 51)

Nádia, por outro lado, pega o xampu de Kelly. Quem compra é Kelly. Qualquer que seja o xampu que ela escolha, a mãe usa também. E compra creme de pentear apenas para ela.

Xampu, como só eu e a minha mãe usamos, a gente usa o mesmo. Geralmente eu compro na Natura, que eu gosto. Dos da Natura. Eu compro e ela usa. O que eu comprar, ela usa. O que eu comprar, dá no cabelo dela, ela usa. Só o que eu compro a mais é o creme de pentear, que ela usa e eu não. Meu cabelo fica feio, sei lá. Fica pesado. Então eu não uso, mas minha mãe usa. (Kelly Barros, filha, 19)

José conta sobre comidas especiais que a filha compra e que ele vê na geladeira. Nádia controla para que ele não pegue, alertando que é da filha, comprado por ela para consumo próprio. Sabendo que é da filha, ele não pega.

As demais coisas compradas por José e Nádia para a casa e para o uso de todos na família, acabam tendo uso compartilhado por todos. Isso inclui os móveis e os eletroeletrônicos da casa. Dentre eles, apesar de o *notebook* ser de todos, quem usa é Kelly, às vezes emprestando também a Alan, quando esse pede. Não há conflito no uso, pois os pais não mexem no computador e Alan e Kelly se revezam entre o *notebook* e a televisão no quarto dela. Kelly usa internet também em seu *tablet* ou em seu celular.

Só eu e o Alan usamos o notebook. Tablet só eu. Esse computador é de todo mundo. Minha mãe não mexe, porque minha mãe não tem paciência, nem tempo. E meu pai também não mexe. Meu pai não mexe porque ele não sabe. Mas se soubesse, acho que mexeria. O Alan pede quando quer usar. Ele fala: “Vou usar o notebook”. E eu: “Está bom”. Se eu tiver que fazer alguma coisa na internet, eu uso o tablet ou o celular. Quando ele usa, eu estou vendo televisão, quando ele está vendo televisão, eu estou usando. Eu só entro, vejo email, Facebook, e saio. (Kelly Barros, filha, 19)

Se o único computador da casa não dá disputa no uso, o mesmo não se pode falar da televisão da sala, de 47 polegadas, apesar de terem outras duas televisões de 42 polegadas, uma em cada quarto. A televisão da sala é disputada por José e Nádia. Eles gostam de programações diferentes: ela assiste novelas e ele telejornais e futebol. Kelly acha que Nádia é que cede, indo assistir sua programação no quarto; Alan acha que é José que cede, indo assistir no quarto ou desistindo e indo para a varanda. A televisão da sala é, portanto, objeto de um compartilhamento forçado.

É uma briga. Dia de futebol que meu pai quer ver aqui. Mas minha mãe quer ver umas novelas velhas do Viva aqui. Então ficam os dois disputando. A minha mãe vai lá e desliga a televisão a cabo. O Alan, que via o futebol lá no meu quarto, fica sem ver também. Ah, é um saco. Minha mãe tem uma televisão no quarto dela. A dela é 32 (polegadas). Não é pequena. Mas meu pai quer ver nessa. E tem uma 32 no meu quarto. Meu pai não gosta, meu pai quer ver aqui! É, aí acaba que minha mãe sempre cede. Minha mãe fala: “ah, então fica aí no calor que eu vou para o ar condicionado!”. Ele: “ah, não, então troca! Então eu quero ir!”. É sempre assim. Então minha mãe fala: “ah, não, agora vai ficar aí!”. E minha mãe vai para o quarto, fica lá no ar condicionado, vendo novela. Vai lá, fecha a porta e assiste a novela lá. Isso toda vez que tem jogo. Ou então quando meu pai quer ver jornal. Passa o jornal de manhã, à tarde e à noite. Meu pai vê todos eles. Quando chega aquele de madrugada, ele quer ver também. Mas vai repetir todas as notícias do dia inteiro. E então a minha mãe fala: “para que que você vai ver o jornal de novo? Está repetindo tudo!”. Ele: “ah, quero ver jornal!”. Minha mãe: “ah, então está bom”. Dez minutos depois, ele está dormindo e a minha mãe troca de canal. É sempre assim. Porque já está cansado também. Troca de canal e ele nem aí. Ele vê que trocou de canal, pensa que acabou, vai para o quarto e dorme. (Kelly Barros, filha, 19)

Eles gostam muito de ver televisão. Eles ficam disputando quem é que vai ficar aqui na sala para ver. Porque aqui fica sentado. Melhor do que ficar deitado vendo televisão no quarto. Então eles preferem disputar. Ela é que ganha. É. Ela grita. Aí ele sai, vai para o quarto, fica na varanda sentado olhando para a rua. E ela fica aqui vendo novela. (Alan Barros, genro, 21)

Se Kelly e Alan relatam o conflito, ao ouvir José e Nádia, percebe-se que eles não contam a mesma situação de disputa. Para Nádia, o número de televisões na casa é suficiente para atender a todos, cada um com suas programações favoritas. José também menciona terem três televisões, mas aponta alguma disputa entre os dois em relação a quem vai assistir sua programação na sala. Ele deixa a entender que é ele que cede e que, às vezes, até mesmo prefere ir para o quarto por causa do ar condicionado que há lá.

Se quiser assistir televisão, tem a da sala, tem a do meu quarto, ela tem a dela. Então não tem disputa, não. Ele gosta de assistir no quarto. Eu assisto às vezes aqui, ele não... Eu gosto de assistir muita novela, ele já não gosta, só gosta de assistir jornal, esses negócios assim. A Kelly assiste muito pouco televisão. Ela gosta mais de estar no computador. Então não tem disputa, não. (Nádia Barros, mãe, 51)

Se eu estou na sala eu assisto aqui, se não eu assisto lá no meu quarto. Mas eu gosto de assistir mais é só repórter. Qualquer canal que tiver repórter eu conheço. Tem três televisões. A minha mulher que às vezes tira onda. Ela assiste aí novela que já foi passada não sei quantos anos atrás. Ela bota na Viva. “Ah não, vou assistir a Viva” aí eu tenho que ir lá para o quarto assistir outra coisa. Quando ela termina ela vai lá. Às vezes eu acho até melhor, que o ar condicionado fica lá no quarto, mas às vezes mais eu gosto de assistir aqui. Assisto aqui, a mãe dela chega, “Ah, tenho que assistir minha novela!”. (José Barros, pai, 65)

O que José deixa mais claro haver alguma disputa é em relação ao banheiro social, que serve principalmente à filha, estando ao lado do quarto dela. Ele tem um banheiro no quarto, formando uma suíte. Ele usa qualquer um dos dois, dependendo de onde esteja na casa antes de se dirigir ao banheiro. Pelo que relata, a filha não gosta que ele use o banheiro “dela”, indicando um compartilhamento forçado. A filha, por sua vez, está temporariamente usando o banheiro dos pais para tomar banho. Seu chuveiro não está funcionando e o conserto está demorando a ser realizado.

Além de compartilhar os banheiros – gostando Kelly ou não – os membros da família Barros também compartilham o jantar. Comem todos juntos quando Nádia e José chegam em casa. Os dois voltam juntos para casa depois de seu trabalho respectivamente na sorveteria e na pizzaria. Na época de verão, em que ocorreram as entrevistas, ela costuma comprar comida em um restaurante para levar para casa e servir a todos, dado que chega muito tarde em casa para cozinhar.

À noite comemos juntos, sim. Porque eu espero minha mãe chegar. A gente espera a minha mãe e o meu pai. Até para não esquentar a comida e requeimar de novo, então a gente espera a minha mãe. E também tem que esperar porque ela vai trazer da rua. Então, a gente sempre espera. Ficou meio que hábito esperar. (Kelly Barros, filha, 19)

Janta todo mundo mesmo horário. Todo mundo junto. O pessoal dorme tarde, eu durmo tarde, a Kelly dorme tarde. Por mais que eu não queira. Eu acabo dormindo tarde por causa dela. Ela gosta de ficar conversando, falando, falando, falando. Então eu acabo dormindo tarde. Uma, duas horas da manhã. (Alan Barros, genro, 21)

É Nádia que cozinha, quando possível. Mesmo quando não o faz, ela é que compra comida em um restaurante perto da sua sorveteria para levar para a família. Kelly só cozinha se não tiver alternativa, pois não gosta de cozinhar.

Nádia fica responsável não apenas por prover a comida, como também cuida de servi-la ao marido. Segundo ela, se ela não colocar a comida para ele, ele não janta, mesmo que o prato já venha servido do restaurante.

Além da comida, Nádia cuida da faxina da casa, mesmo sem gostar de fazer, mas prefere realizar essa atividade a ter algum empregado na casa. É também ela que cuida da roupa da família e dos animais de estimação – José tem passarinhos e Kelly tem um papagaio e um coelho. É também Nádia quem escolhe e quem faz as compras da casa, eventualmente revezando com Kelly. José não participa dessas atividades. Em suma, as atividades domésticas são centradas mais em Nádia, sendo pouco compartilhadas com os demais

membros da família. Sobre Kelly, Nádia comenta: “Aqui ela não lava a roupa, ela não passa, ela não cozinha... Ela não faz nada de casa”.

As atividades de entretenimento também não são compartilhadas, exceto pelo casal de namorados, que gosta de andar de moto. Alan tem uma motocicleta, que é sempre usada para saírem para passear e para Alan encontrar os amigos. Quando não é possível saírem por falta de dinheiro, eles promovem churrasco com os amigos na casa da família. Em último caso, assistem filme em casa e comem pipoca. Alan também gosta muito de jogar futebol. Já José gosta de sair para encontrar os amigos para tomar uma cerveja ou assistir noticiários na televisão. E, finalmente, Nádia aproveita algumas das folgas na sorveteria para ir ao shopping ou para conversar com as amigas, mas prefere ficar em casa.

Mesmo o programa de assistir futebol na televisão, gosto compartilhado por José e Alan, não acontece de forma conjunta. Quando há algum jogo, José busca assistir na sala – ou no quarto, caso perca a disputa da televisão para Nádia – e Alan prefere assistir no quarto de Kelly, sozinho:

O Alan, ele gosta de ver jogo sozinho. Adora! Meu pai poderia ver jogo aqui e ele veria junto, mas ele é flamenguista e o meu pai é botafoguense. O Alan vê lá no quarto. O Alan xinga muito. Então ele fica no quarto e meu pai aqui. É sempre assim. Não tem jeito. Quando acaba o jogo, os dois vêm e brigam. (Kelly Barros, filha, 19)

Quando perguntados sobre coisas que seriam só suas, Nádia e Kelly comentaram sobre seus celulares. Nádia não usa muito seu celular, prefere o telefone fixo. Kelly está sempre com celular e, se precisar, pega o da mãe para usar. Seu namorado também já pegou o seu para usar até comprar um novo para repor o que quebrou.

Celular, a minha mãe tem o dela, meu pai o dele e eu o meu. Só usa um do outro se for por necessidade. Ninguém tem interesse de usar o do outro. Se precisar, um usa o do outro. Porque o meu, eu tenho um rádio Nextel. Se bem que Nextel é muito ruim, dá muito problema. É um saco. Eu fiquei um tempo parada e eu precisava sair para trabalhar, então aposentei o meu celular e fiquei andando com o da minha mãe. Fiquei andando com o dela e então o meu namorado me deu esse. Agora estou com esse e devolvi o dela. Então o dele quebrou e ele andou com o meu, mas agora ele comprou um novo. Eu preciso ter o celular. Até mesmo para eu falar com o escritório se acontecer alguma coisa. Eu preciso de celular. (Kelly Barros, filha, 19)

Já José não falou de celular, mas contou sobre uma mala de mão que guarda atrás da porta de seu quarto com documentos diversos. Alan não citou nenhum objeto que fosse só dele na casa.

Realmente, eu não gosto que as pessoas mexam nas minhas coisas. As minhas coisas que eu digo, são o seguinte: eu tenho ali, tenho uma bolsa que é lotada de documentos. Tem documento desde quando eu nasci. Então eu não gosto que ninguém mexa ali. Aquilo ali é um negócio que só quando eu morrer vão mexer. E dentro do meu guarda-roupas ninguém mexe, porque já sabe que eu não gosto. (José Barros, pai, 65)

Na entrevista de Alan surge um exemplo de compartilhamento aberto. Após deixar claro que considera que tudo na casa pertencem a Nádia e José, ele comenta que as coisas estão disponíveis para uso por todos, compartilhadas sem que seja preciso pedir para usá-las.

Alan conta que se sente à vontade na casa, mesmo que menos do que na sua própria casa. No entanto, sente que incomoda a família em morar com eles, como se fosse uma “pessoa estranha” na casa, o que seria um compartilhamento forçado, apesar de os demais informantes não terem confirmado se sentem incomodados pela presença dele. Alan pensa em um dia se mudar juntamente com a Kelly e ter seu próprio espaço.

Se, por um lado, Nádia e os demais na casa acolheram Alan como integrante da família, por outro Nádia não gosta de ter estranhos na casa. Ela já havia comentado que preferia fazer ela mesma a faxina pesada, apesar de não gostar, para não ter que ter alguém dentro de casa.

Nádia não gosta de muito que transitem dentro da casa dela. Então, já fiz aquele terraço porque a mulher gosta de reclamar quando dá uma festa. Fiz para não transitarem dentro da casa dela e fazerem tudo lá em cima. Botei pia, botei tudo. E depois, se ela quiser subir, pode subir. Tem um lugarzinho para botar um fogão. Se quiser, se precisar de fazer alguma coisa, não precisa entrar na casa dela. E então ela vai para o terraço e faz tudo o que ela quiser lá. (José Barros, pai, 65)

Não gosto de ficar conversando com vizinhos. Não gosto. Você não me vê muito conversando com vizinhos. Cumprimento todo mundo, bom dia, boa tarde, boa noite. Agora, ficar na porta conversando com alguém, não gosto. Viver em casa de alguém, também não gosto. Não gosto. (Nádia Barros, mãe, 51)

Como o terraço que fica no terceiro piso da casa não está pronto ainda, a filha realiza os churrascos com amigos na própria casa, no segundo andar. Dado que a mãe não gosta de ter gente de fora em sua casa, essa situação acaba se configurando como um compartilhamento forçado.

Outra forma de compartilhamento forçado que surgiu nas entrevistas é a parede vermelha texturizada da sala, atrás do sofá, cor essa escolhida por José à revelia do restante da família. Kelly conta que “odeia” a parede pintada dessa forma e que lhe incomoda cada vez que entra em casa. Acha curioso que o pai tenha escolhido a cor, sem consultar aos demais, ainda mais que ele não gosta de vermelho. Sua mãe também não queria que a parede recebesse textura, mas foi assim que José decidiu fazer.

Antes da construção do segundo piso, quando a família morava no primeiro andar da casa, Kelly compartilhava do quarto de seus pais, dormindo todos juntos. A casa tinha um quarto, sala, cozinha e banheiro. Quando se mudaram para o segundo piso, Kelly tinha aproximadamente 16 anos e passou a ter o próprio quarto, como ansiava por acontecer.

Primeiro a gente construiu lá embaixo. Depois a gente construiu aqui, porque embaixo era menor. Só tinha quarto, sala, cozinha, banheiro. Então a gente construiu aqui. Agora a gente está reformando lá embaixo que a gente pretende alugar. Lá é menor. Lá tinha quarto, sala, cozinha, banheiro e a garagem. A gente dormia no quarto e a Kelly dormia também, que ainda nessa época era pequenininha. Todo mundo dormia lá. A gente subiu faz dois, três anos. Ela sempre dormiu com a gente. Sempre dormiu. Agora a gente veio para cá e ela fez o quarto dela. Já botou dois quartos. Ela estava ansiosa para ter o quarto dela. (Nádia Barros, mãe, 51)

Nádia mesmo compartilhava o quarto com a irmã quando criança, quando moravam com os tios em Natal. No entanto, uma não usava as coisas da outra, até por terem corpos diferentes – ela mais magra e a irmã “mais forte”. A irmã também calçava número maior do que o de Nádia.

José também compartilhava do mesmo cômodo com os irmãos quando criança, em Fortaleza, dormindo em redes. Havia um guarda-roupas para todo mundo, mas cada um tinha um armário pequeno onde mantinham suas coisas. Cada um tinha suas roupas e um não usava as coisas dos outros, exceto quando um irmão de idade próxima precisava de uma roupa para sair.

A gente dormia tudo na rede. Botava em um quarto assim, e a gente tudo. Tinha uma cama que era da minha mãe, o resto era tudo rede. Era um guarda-roupas para todo mundo. Cada um tinha suas roupinhas... Era que cada um tinha um armariozinho onde guardava as coisas. Não era muita coisa, na época não era muita roupa, as roupinhas eram tudo muito mixuruca, e a gente guardava ali. Nós não costumamos usar do outro, não. Cada um tinha suas coisas. Ninguém usava a roupa de ninguém, não. Eu só tenho um irmão que usou uma roupa minha, que usava roupa minha. Esse quase da minha idade. Às vezes ele saía, não tinha roupa, ia lá e usava a minha roupa. Mas era muito, muito difícil. Até hoje ninguém usa roupa um do outro. (José Barros, pai, 65)

José conta que a educação que ele e seus irmãos receberam da mãe foi de cada um ter as suas coisas, mas que colocassem à disposição de outro irmão que precisasse. Ou seja, que as coisas não eram compartilhadas, mas que deveriam ser emprestadas caso algum irmão precisasse.

A minha mãe quando comprava alguma coisa para um, já dizia “ó, esse é seu, mas se seu irmão...” Eles não pediam, mas ela dizia “ó, esse é seu, mas se seu irmão precisar, você dá para ele”. Mas não precisava. Mas eu fui criado assim. (José Barros, pai, 65)

Fazendo referência a essa educação que recebeu da mãe, José critica novamente a forma que a esposa nomeia alguns itens com sendo da Kelly. Critica também o fato de a filha não gostar que ele use o banheiro que serve a ela ou hipoteticamente use a cama dela. Seu conceito de família é de todos poderem compartilhar dos bens, nada sendo só de uma pessoa:

Ah, tudo é da Kelly. Não, eu não gosto. É de todo mundo. Se ela chegar e quiser deitar na minha cama ela deita. Se eu quiser deitar na cama dela eu também deito. Ela pode não gostar, mas é meu ponto de vista. E como se faz em uma família unida é desse jeito. É assim que eu acho que funciona uma família. (José Barros, pai, 65)

Já Alan conta que na casa da mãe as coisas ficam todas juntas e misturadas, mas que ninguém usa as coisas uns dos outros, pois o irmão é muito mais novo do que ele. Os três filhos – ele, o irmão e uma irmã – compartilhavam o mesmo quarto dormindo em um traliche.

Quando foram perguntados sobre sua ideia de o que é compartilhar e o que é emprestar, Kelly diz não ver diferença, pois “vai estar usando do mesmo jeito”. Ela diz que na sua casa ninguém diz “não” – que seu namorado é muito prestativo, seu pai cede seus bens “numa boa”, e que a mãe não se importa de emprestar ou de usar junto as coisas.

São a mesma coisa. Porque quando empresta vai estar usando do mesmo jeito. Pedir emprestado e compartilhar, vai usar do mesmo jeito. Se tiver alguma coisa que queira, a gente pega e usa. “Não” é coisa muito difícil aqui. Então, se tiver que emprestar, usar junto, tanto faz. Ninguém liga aqui, não. (Kelly Barros, filha, 19)

Nádia, por sua vez, discorre sobre compartilhar e emprestar sem dizer diretamente se são a mesma coisa para ela, mas esclarecendo que dentro da casa dela ela não se importa de emprestar e compartilhar as suas coisas, mas que para fora de casa não gosta de emprestar ou pegar emprestado, mesmo que seja um ovo junto a “um vizinho muito amigo” para fazer um bolo. “Compartilhar, só se for com pessoas de casa mesmo” (Nádia Barros, mãe, 51), ou seja, admite apenas o compartilhamento interno, não o externo. Quando se refere a fora de casa, ela emprega apenas o termo emprestar.

Acho que você compartilha quando você está com vontade de compartilhar. Agora emprestar, eu não sou muito de emprestar nada não. Não gosto de emprestar. Eu acho que é diferente. Assim, quando uma pessoa estranha vem e me pede uma coisa emprestado, eu não gosto de emprestar. Se quiser até dou, agora emprestar, não gosto. Assim, compartilhar, só se for com as pessoas de casa mesmo. Eu desisto de fazer o bolo mas não pego emprestado um ovo. Não gosto. E compartilhar são as coisa aqui de casa mesmo, dentro de casa, as coisas dentro de casa mesmo. Só para as pessoas dentro de casa mesmo. Agora, da rua, não. (Nádia Barros, mãe, 51)

Para Alan, emprestar e compartilhar são duas coisas diferentes. Ele explica que compartilhar é uma forma de “dar”, pois o bem compartilhado fica à disposição da outra pessoa, que pode querer a toda hora usar, sem consultar o dono. Já o emprestar é mais delimitado no tempo: é feito o empréstimo, o bem depois é devolvido e está encerrada a transação:

Não são a mesma coisa, não. Compartilhar seria eu também dar para a pessoa. Por exemplo, tem as minhas roupas e daria para o meu irmão também usar – supondo que ele fosse da mesma idade que eu – ele fosse usar aquilo e ele ia querer sempre. Eu estou compartilhando com ele, então ele vai querer toda hora sem me consultar. E, no caso de emprestar, eu não gosto muito de fazer isso, mas eu empresto e quero de volta e depois eu não dou de novo. Porque se não vira um costume. Se empresta hoje, empresta amanhã, empresta sempre, daqui a pouco a pessoa já tomou posse daquilo. Não gosto, não. Só às vezes eu compartilho com ela meu celular. Ou às vezes o computador dela está ruim, ela quer o meu emprestado, então eu empresto para ela. Mas coisas pessoais, não. Cada um tem o seu. Se você não tem, você vai continuar sem ter. Ou você compra outro ou você fica sem. É assim. Emprestar é uma vez só e acabou. (Alan Barros, genro, 21)

José traz a sua explicação para emprestar e compartilhar. Para ele, são duas coisas diferentes. No emprestar, “empresta e depois volta”. No compartilhar, “é como se fosse um sócio” e que o bem não é devolvido após o uso:

Emprestar, a gente empresta e depois volta. Compartilhar, não. Compartilhar é como se fosse um sócio. Quando eu fui morar no outro lugar, eu tinha uma linha compartilhada. Eles não me comunicaram nada, não falaram nada, só disseram que era compartilhada, que tinha outra pessoa aqui em Anchieta com a mesma linha. Eu nem conhecia a pessoa. Aqui na casa, nada é compartilhado. E nem eu admito, aqui não tem nada compartilhado, aqui é tudo é meu, é dela, é da minha filha. Não tem disso não. É de todo mundo, o que for aqui é de todo mundo. Eu acho que não é assim. No emprestar, você devolve. Compartilhado, não. E compartilhado, é como se fosse sócio. (José Barros, pai, 65)

4.10. Família Rocha

A família Rocha mora em Irajá, em uma casa aos fundos de um terreno coletivo. Da rua, avista-se apenas a segunda casa do terreno: grande, de três andares, com um pátio na frente. Para se chegar à casa da família Rocha é necessário fazer um zigue-zague pelo terreno, passando por um corredor formado pelas demais casas. A casa destino é de tamanho mediano e tem dois quartos, uma sala, um banheiro, uma cozinha ampla e área de serviço descoberta.

A família Rocha é formada por Genilson, Madalena e três filhas. A mais velha, Bruna, é filha de Madalena. As mais novas, Laís e Lara, são filhas de Genilson. Foram entrevistados os três adultos da casa: Genilson, Madalena e Bruna. A família é mostrada no Quadro 4.10.

Quadro 4.10 – Perfil dos membros da família Rocha

Papel	Nome	Idade	Descrição	Profissão
Pais	Genilson	51	Pai, casado com Madalena	Fiscal de ônibus
	Madalena	50	Mãe, casada com Genilson	Secretária em imobiliária
Filhos	Bruna	23	Filha de Madalena	Estagiária
	Laís (*)	17	Filha #1 de Genilson	-
	Lara (*)	13	Filha #2 de Genilson	-

(*) Não entrevistada

A casa é toda de piso frio. A pintura das paredes parece ser recente. A sala está dividida pelos móveis em dois ambientes: a sala de jantar, com uma mesa quadrada e quatro cadeiras, e a sala de estar, com um sofá “em L” para cinco pessoas. A televisão tela plana fica em frente ao sofá, apoiada em um rack.

O banheiro da casa tem entrada pela sala. Também da sala é o acesso aos dois quartos. Em um deles, dormem Genilson e Madalena. O quarto tem uma cama de casal e um guarda-roupas, além de uma televisão tela plana sobre uma cômoda. As três meninas dormem no outro quarto. Para que Bruna tivesse alguma privacidade em relação às duas mais novas, quando se mudaram para a casa dela e de sua mãe, fizeram uma divisória em compensado no meio do quarto, dividindo-o em duas partes. Mais próximo da porta fica a cama e as coisas de Bruna, incluindo uma televisão de tubo apoiada em um criado mudo. Na outra parte fica o beliche das duas outras meninas, juntamente com uma escrivaninha e o computador.

A cozinha é ampla, com alguns armários baixos e outros suspensos. Já a área de serviços é de tamanho reduzido, mas comportando também alguns armários suspensos e a máquina de lavar roupas da família. A área é descoberta, estando nos planos da família cobri-la, quando possível.

Genilson é considerado o chefe da família. Nascido em Salvador, Bahia, mudou-se para o Rio de Janeiro com a mãe quando era uma criança pequena. Ele é viúvo do primeiro casamento, tendo tido três filhos com aquela esposa. O mais velho é casado e tem um filho. As duas meninas, bem mais novas que o irmão, moram com Genilson. Os filhos chegaram a ficar sob cuidados da avó durante o primeiro ano do falecimento da mãe, até que Genilson se sentisse apto novamente para assumir os cuidados dos três filhos. Durante um tempo, o mais velho olhava as meninas enquanto o pai saía para trabalhar. Depois, ao conhecer e engatar um relacionamento com Madalena, acabou por se mudar para a casa dela e de sua filha, Bruna, levando as duas meninas. Estão todos morando juntos há três anos.

Genilson é fiscal de ônibus. Trabalha na mesma empresa há 24 anos. Os primeiros cinco anos tinha a função de cobrador de ônibus, mas, após sofrer dois assaltos em um período de menos de um ano – e mesmo fazendo boletim de ocorrência o valor levado pelos assaltantes era descontado de seu salário – ele pediu transferência de função, passando a ser fiscal. Na prática, trabalha também como despachante, sem porém receber o salário correspondente. Está aguardando a aposentadoria, que deve acontecer em menos de dois anos.

Madalena é a proprietária da casa. Teve um único filho – a Bruna – e é separada do pai dela há cinco anos. Considera ter mais duas filhas, que são as filhas de seu atual marido, Genilson. Ela é secretária em uma imobiliária há 25 anos, tendo um relacionamento estreito com o patrão, que lhe ajudou a construir a casa em que mora e lhe deu presentes como a cama de casal que tem atualmente. Moram na casa há sete anos. A casa é própria e foi construída em boa parte por ela e pela filha.

Bruna faz faculdade de Jornalismo em uma universidade federal, morando parte da semana em uma casa alugada no campus universitário, dividindo com mais dois colegas. Diz, portanto, ter duas casas, mas que considera como sua casa principal a da mãe, no Rio de Janeiro, por preferir ficar nela.

Acho mais confortável ficar aqui. Eu tenho o meu quarto, tenho as minhas coisas, eu prefiro ficar aqui. Quando dá, eu venho. Quando não dá, eu fico por lá. Eu falo “em casa” para lá e para a casa aqui. Mas quando eu falar com você “em casa” vai ser aqui. (Bruna Rocha, filha, 23)

Bruna passou para o quinto período da faculdade, restando dois anos para se formar. No dia da entrevista iniciou estágio em uma empresa no centro da cidade do Rio de Janeiro. Com a volta das aulas no dia seguinte, ainda estava por descobrir como conciliar as duas atividades em locais tão distantes. Antes da faculdade de Jornalismo, ela fez curso técnico em Enfermagem, o qual não terminou por não se identificar com a profissão.

Os pais de Bruna se separaram quando ela tinha dezesseis anos. Ela mantém relacionamento próximo com o pai, que também tem boa relação com Madalena e até mesmo com Genilson. O pai custeia parte das despesas da filha.

A mudança de Genilson com as filhas para a casa de Madalena ocorreu com alguns ajustes para acomodar os três novos moradores. Originalmente, Madalena ocupava o quarto maior. Era premissa de Genilson não “desalojar” Bruna por causa da mudança. As duas filhas dele foram instaladas no quarto do casal. No entanto, depois de algum tempo, decidiram colocar Bruna e as meninas compartilhando o quarto maior e o casal passou a ocupar o quarto menor.

Bruna conta que não estava acostumada a compartilhar seu espaço, por ser filha única, mas que todas estão se ajustando. Ela vislumbra um dia construir no terraço da casa para ter seu espaço e as meninas terem o espaço delas sozinhas no quarto.

Dividimos com o guarda-roupas, a intenção era fazer uma divisória. Agora, a gente conseguiu botar uma divisória, não está terminada, mas já conseguimos. Para a Bruna ter o espacinho dela. A gente vai arrumando devagar. Botamos um guarda-roupas para elas aqui. Vamos trocar. Devagar, a gente vai ajeitando. Ela fica com o espaço dela, até porque, ela tem 23 anos. Uma das meninas vai fazer 18 mês que vem. Mas a outra tem 14. É aquela coisa, muito diferente. Outra criação. Com o tempo, elas tão se adaptando a esse jeito, mas é outra criação. Muito diferente. (Madalena Rocha, mãe, 50)

Olha, no início foi bem complicado, porque eu estava acostumada... Eu sou filha única. Então eu estava acostumada com as minhas coisas, sempre só para mim. Foi uma adaptação. Eu me senti um pouco desconfortável, porque como eu falei, eu estava acostumada a ter meu espaço, a ter minhas coisas. Mas a gente se adapta à necessidade. Não cabia eu criar maiores problemas por causa de um quarto. Está acontecendo, mas é tranquilo, sem nenhum problema. Agora a gente dividiu, ou seja, eu tenho o meu espaço, elas duas têm o delas. A gente colocou uma divisória para eu ter meu espaço. E elas duas terem o delas. Elas já estão crescendo, elas já... Pessoa adulta... Eu acho que agora cabe à gente ter o espaço isolado, separado. (Bruna Rocha, filha, 23)

O armário da Bruna passou a ser compartilhado com as duas meninas. Agora recebendo salário do estágio, ela pretende comprar um guarda-roupas só para ela, deixando para Laís e Lara o seu móvel atual. Na divisão do guarda-roupas, Bruna ficou com uma parte maior, já que “o armário era meu”.

Eu divido o armário ainda com elas, porque a gente ainda não comprou o armário que coubesse no espaço delas, que é bem pequeno. Então ainda não me desfiz do meu. Como eu falei, a gente estava com a grana um pouco reduzida. Agora já vou comprar um armário para mim. Vou dar o meu para elas. Elas tinham um espaço delas menorzinho lá no armário, e como o armário era meu, naturalmente, eu fiquei com a maior parte. Então, eu acho que de divisão mesmo só isso... A parte delas do armário e a minha parte. E a minha cama e a cama delas sem estar à vista uma da outra. São duas portas minhas. Duas portas e três gavetas para mim e uma porta com três gavetas para elas. (Bruna Rocha, filha, 23)

Quando perguntados o que era de quem na casa, os três entrevistados se referiram às coisas na área comum da casa como sendo de todos, “da família” (Genilson Rocha, pai, 51). Mesmo quando uma coisa é comprada pensada em alguém específico na família, ela é de todos, dando acesso a qualquer um para usá-la, como no caso dos ventiladores. A casa já estava montada quando Genilson mudou para lá com as filhas, com objetos comprados por Madalena. Mesmo fazendo essa distinção, ela diz que considera tudo como “nosso” e critica o marido por às vezes denominar algo como sendo de alguém.

Na área comum da casa não tem nada de ninguém, não tem alguma coisa que seja só minha ou só da minha mãe. A gente não tem... Não costuma fazer esse tipo de divisão. Não tem nada que seja só de alguém. A não ser as coisas que estejam dentro do cômodo de cada um. (Bruna Rocha, filha, 23)

É da gente. É da família. No caso, é da família. Por exemplo, a gente compra um ventilador para a gente, tem um ventilador para uma menina, tem um ventilador para a outra menina. Então o do casal é esse; aquele ali é das meninas; os outros dois ventiladorezinhos são da Bruna. A gente usa, mas qualquer um pode pegar e usar. Quem quiser, pode pegar, pode usar. As coisas são todas da gente mesmo, tudo é da gente. A gente compartilha televisão, computador, a gente compartilha. (Genilson Rocha, pai, 51)

Poucas coisas a gente comprou junto depois que ele veio para cá. Acho que tudo já tinha, eu já tinha. Eu considero nosso. Ele que tem essa “sua”. Meu filho, não é meu, é nosso. A partir do momento que a gente é uma família, não tem nada meu, nem seu. É nosso, tudo aqui é nosso. Mas ele fala. Ele tem muito isso “sua coisa, seu...” (Madalena Rocha, mãe, 50)

Os itens de higiene pessoal são referidos como sendo de alguma pessoa específica, não compartilhados. Bruna cita por exemplo as toalhas, que são utilizadas por apenas uma pessoa de cada vez, sendo que ela tem também uma toalha que é colocada apenas para o seu uso. Sua escova e seu pente ficam com ela na sua bolsa para que estejam “sempre à mão”, juntamente com sua maquiagem. Hidratante cada uma tem o seu, comprados por Madalena para elas, e apenas “dividem” quando acaba o de uma delas.

Que não seja assim, lógico, de higiene, que cada um, obrigatoriamente, tem que ter o seu. Eu tenho uma toalha que é só minha. Tem muitas que a gente coloca para o uso, cada uma com a sua, mas na vez, mas tem uma toalha que é só minha, que ninguém usa nunca. Fora o que é normal mesmo: escova de dente, pente... Pente e escova que tenho só meus, que eu não gosto de dividir. Normalmente eu carrego comigo, ficam dentro da minha nécessaire, então levo para onde eu vou. Não é porque não quero que ninguém use, até porque eu acho que se eu falasse ninguém ia usar, mas é costume mesmo de levar. Às vezes, eu quero me maquiar, eu quero ajeitar o cabelo em algum lugar, eu que gosto de ter isso sempre à mão. Maquiagem, todas elas... Ficam na bolsa. (Bruna Rocha, filha, 23)

Da mesma forma que Bruna tem seus próprios itens de higiene, os demais membros da família também têm os seus. Bruna ressalta que a mãe não gosta que mexam nas suas coisas:

As coisas da minha mãe são coisas da minha mãe. Roupa, ela não gosta muito que mexa. Ela tem o hidratante dela, ela não gosta muito que mexa. As coisas do meu padrasto, que aí são dele mesmo. Nem cabe a gente ficar mexendo. Perfume cada um tem o seu, então perfume da minha mãe é da minha mãe, ela não gosta que mexa. O que é do quarto dela, é dela! O resto é da casa... (Bruna Rocha, filha, 23)

Em relação a xampus e condicionadores, Bruna diz que ela e as duas meninas têm tipos de cabelos diferentes, requerendo produtos diferentes, fazendo com que não compartilhem os mesmos produtos. No entanto, ela “divide” o mesmo xampu com a sua mãe, já que elas têm cabelos parecidos. Já Madalena comenta que não gosta de compartilhar seu xampu e que o deixa escondido. Ela aceita emprestá-lo, desde que devolvido em seguida, mas não o deixa à disposição porque “elas não têm noção, não controlam a quantidade”. Madalena complementa dizendo que o xampu é “a única coisa que eu tenho de privacidade aqui”.

Genilson também tem seu item de higiene pessoal que prefere manter guardado para não ser usado pelas meninas: seu aparelho de barbear. Elas têm os delas, ele tem o dele, e não gosta que usem o seu. Ele também comenta que as toalhas são separadas no uso: “Eu acho melhor elas terem o delas para elas poderem usar. Não gosto de misturar essas coisas. A gente compartilha o resto, muitas coisas” (Genilson Rocha, pai, 51).

Se os bens da casa são compartilhados voluntariamente e os itens de higiene pessoal são mais de uso individual, as roupas de Madalena acabam sendo compartilhadas de forma forçada com a filha, que pega as peças que quer sem consultar a mãe. O que a mãe escolhe para a filha como presente, Bruna não gosta; o que a mãe compra para si é prontamente desejado pela filha, que pega para si.

O resto é tudo em comum. Tudo elas pegam. A Bruna então, ela é a pior. Ela é a pior. Olha, às vezes eu vou trabalhar com uma roupa, cadê? Ela leva para Seropédica as minhas blusas. Não gosta de nada que eu compro para ela. Mas pega tudo que eu compro para mim. Se eu comprar essa aqui para ela, ela diz “Ah, mãe, eu não gostei”. Mas se eu comprar para mim... Ele que fala: “compra e diz que é para você, que ela vai gostar”. Ela pega, e como ela pega minhas coisas. (Madalena Rocha, mãe, 50)

Madalena reclama também quando pegam seus chinelos, pois andam descalças pela casa e depois sujam seu chinelo. Esse é outro item da mãe que Bruna usa sem pedir antes, fazendo com que Madalena tenha decidido escondê-lo da filha.

Madalena fica aborrecida com o mau uso dos seus pertences. O mau uso pode ser o uso exagerado, como relatado no caso de seu xampu; de sujeira, como descrito em relação a seus chinelos; ou ainda na desorganização deixada ao se pegar algum item seu, como relatam Genilson e Madalena em seus depoimentos:

A Bruna pega umas coisinhas da mãe dela para usar. Ela também pega as coisas, vai lá e mexe. A mãe não mexe nas dela, ela que mexe nas da mãe. A menina também mexe também nos esmaltes dela. Ela vai e mexe e bagunça tudo, deixa tudo bagunçado. Quando a mãe vê, ela fica chateada. Porque não arruma as coisas, usa e não arruma, deixa jogado, porta escancarada. Isso que a aborrece. (Genilson Rocha, pai, 51)

Madalena fica incomoda também com o fato de Bruna pegar suas coisas sem pedir, pois pode estar planejando usá-las e não estão disponíveis. Ou, ainda, que pegue e não devolva ao lugar onde estava e a dona não encontre o que precisa.

Madalena diz que coloca limites. Quando se trata de algum item seu pelo qual ela tenha especial apreço, ela não permite que peguem emprestado livremente. Ela relaciona seu papel de mãe a dar acesso aos seus bens, mas com limites: “eu sou mãe, mas tenho uma vida”.

Bruna dá a sua versão. Ela comenta que “não gosta de pegar nada sem permissão”, assim como espera que peçam emprestadas as suas coisas antes de pegar, e que quando quer pegar algo de uma das meninas ou da mãe, ela pede, a não ser que a pessoa não esteja em casa. Nesse caso, ela diz que pega e que então avisa, devolvendo depois ao dono original.

Quando precisam, pegam emprestado. E quando eu preciso usar alguma coisa delas, elas me emprestam também. Faço questão que peça. Bom, eu também não gosto de pegar nada sem permissão. A menos que eu não esteja aqui. E, também quando elas não estão, porque eu preciso pegar. Quando a minha mãe não está, eu pego e depois aviso que eu peguei e devolvo. Mas quando a minha mãe está, eu pergunto se posso pegar. Normalmente, eu deixo elas pegarem e elas deixam também. (Bruna Rocha, filha, 23)

Madalena, que reclama que a filha pega suas coisas sem lhe pedir e sem devolver no lugar de origem, conta que Bruna não gostou quando os papéis se inverteram e Madalena não pediu algo emprestado e não colocou de volta onde estava. Como conta Madalena:

Outro dia, eu peguei um negócio dela e guardei. Ela disse “Puxa, mãe, você sabe que eu não gosto que pegue minha maquiagem”. Eu falei: “Faço suas as minhas palavras, está bom?” Ela: “Ah, sem graça” Foi um negócio de maquiagem. Ela tem um ciúme da maquiagem dela... (Madalena Rocha, mãe, 50)

Bruna faz, no entanto, uma ressalva. Ela não gosta de emprestar coisas que não sejam dela. Mais especificamente, não empresta as coisas de amigas, eventualmente esquecidas na casa dela quando ali estiveram. Seu medo é que a roupa estrague.

Genilson conta que às vezes uma das meninas “pega escondido” as coisas da outra. Laís é “mais forte” – ou seja, mais corpulenta – do que Bruna, fazendo com que muitas das roupas dessa não sirvam nela. Madalena confirma que as filhas de Genilson ainda não usam muito as suas coisas, mas que pegam, sim, as coisas umas das outras. Para ela, a dificuldade maior está com Lara, a caçula, porque toma para si coisas que Bruna lhe emprestou. Madalena tenta lhe explicar que Bruna emprestou “naquele dia” e que “ela não lhe deu”.

Por outro lado, Madalena também conta que Bruna pega os chinelos das irmãs sem pedir:

A Bruna pega o chinelo delas. Eu falo: “Mas você pega, como é que você vai reclamar?” Pega, vai embora. “Você, para cobrar, você tem que dar o exemplo. Você é mais velha. Então, você pode até pegar, não é nada demais” Dizer: posso usar, você me empresta? Que então a pessoa vai dizer “não, não vou emprestar, que eu vou usar dia tal e você não vai estar aqui”, ou “pode levar, que eu não vou usar”. Tem que pedir. Ela agora está educada. Mas eu ensino, não é fácil, é complicado. (Madalena Rocha, mãe, 50)

Bruna faz alguma restrição para emprestar alguns itens seus. Ela tem receio que o mau uso ou o uso exagerado tirem a integridade do bem. No caso do seu *notebook*, ela diz ter receio que um mau uso a faça perder algum arquivo importante da faculdade ou mesmo que fique sem *notebook* por algum tempo. As irmãs têm seu próprio computador, um *desktop*. Bruna já emprestou seu *notebook* a elas, até por já ter precisado também usar o computador delas quando o seu estava com problemas na bateria.

O meu computador, um notebook, é meu e eu não gosto que ninguém mexa nele, porque ele contém as minhas coisas da faculdade. Eu faço questão que o meu notebook seja meu. Tenho medo de acontecer alguma coisa, tem muito arquivo importante da faculdade que eu não posso perder. E se eu perder esse, provavelmente vou ficar um tempinho sem. Não posso. Não posso e não quero também. Então o computador delas é delas, e o meu é meu. Elas têm um de mesa. E eu tenho o meu notebook. Já pediram para usar, mas não mais. Mas já deixei, também, porque quando eu precisei... Quando o meu notebook ficou com um probleminha na bateria, eu usei o computador delas. Então não é nada assim, que não seja flexível, mas eu prefiro que cada uma tenha o seu. (Bruna Rocha, filha, 23)

Bruna também não gosta de emprestar suas maquiagens. Ela as carrega consigo, na sua bolsa, mesmo quando vai trabalhar. Ela não gosta que outros usem, com receio que algum item acabe rapidamente. Mas ela empresta a amigas, justificando que também elas lhe emprestam as suas quando precisa.

Maquiagem eu também não gosto muito de emprestar, mas se uma amiga precisar, eu empresto. Porque é o que eu falei: se eu precisar, eu sei que não vão me negar. Então, se precisar, eu empresto. Mas eu prefiro que seja como é agora: cada uma tem a sua. Como eu não saio sem maquiagem, eu tenho esse problema... Então a minha maquiagem acaba muito rápido. Se ficarem usando, vai mais rápido ainda. Então eu prefiro que isso também seja só meu. (Bruna Rocha, filha, 23)

Cada um tem o seu celular, exceto a filha mais nova, Lara. Um não usa o do outro. Lara, sim, pede emprestado o celular do pai ou de Laís. Bruna conta que as duas brigam um pouco por causa disso, já que Lara acha que a irmã deve lhe emprestar o celular sempre que ela peça.

Cada um tem o seu celular, menos a mais nova, que não tem. Eu acho que só a mais nova. Ela usa o da irmã para jogar. Mas é cada um com a sua privacidade. Dá um pouco de briga, porque a mais nova acha que tem que emprestar quando ela quer que empreste, e não é assim. (Bruna Rocha, filha, 23)

Às vezes eu deixo a minha filha brincar, jogar um pouquinho. Porque ela ainda não tem o dela. Eu ainda vou comprar o dessa caçula, que ela é muito terrível. Ela já teve um celular, mas então eu tirei. Agora eu vou comprar outro para ela, que agora ela está merecendo. (Genilson Rocha, pai, 51)

Como todos acessam a internet pelo celular, uma disputa anterior que existia pelo computador da casa deixou de acontecer. Nas palavras de Bruna: “O computador já deu mais dor de cabeça, hoje em dia não tanto, por causa do celular”. Madalena conta que todos na casa ficam vidrados em seus celulares e que as meninas “entram em pânico” se estão sem internet em casa. A demanda pelo acesso à internet, oferecido a todos por Madalena, que cuida das despesas relacionadas ao provedor de acesso, é um compartilhamento demandado pelas meninas, que não admitem ficar sem o wifi.

Internet não pode faltar. Se cai a Internet, logo vem: “Tia, você não pagou, não? Está atrasado?” “Paguei”. Não pode cair a internet que elas entram em pânico. Quando começarem as aulas, eu desligo o wifi. Pronto, acabou. Quem manda aqui sou eu. Eu que decido. A tia falou, está falado. Porque se não, não estudam, menina! O dia inteiro, elas já acordam assim, no celular. Não, gente. Ficam direto. É um vício! Um vício. Todas as três. Se deixar, todas as três. Até o Genilson. Até ele. Direto. (Madalena Rocha, mãe, 50)

Desde a vinda de Genilson com as filhas para morarem com Madalena e Bruna, Madalena conta lutar para manter a casa organizada. A bagunça dos outros moradores é uma forma de compartilhamento forçado para Madalena, que conta sonhar em conseguir por ordem na casa ou até mesmo em ter um espaço só para ela, perto da casa.

Eu sempre fui muito organizada. Bruna não é muito, mas é aquele negócio: só eu e ela. É muito mais fácil você administrar uma pessoa, do que você administrar três pessoas a mais. É muito mais fácil. Então, isso tudo é muito louco. Um dia eu consigo essa casa organizada. Eu vou conseguir. Vou vencê-los pelo cansaço. Vou alugar uma quitinete para mim, aqui do lado. E então venho para cá, faço a comida deles. Pelo menos a minha casa vai ficar arrumada. Não gosto de bagunça. (Madalena Rocha, mãe, 50)

Madalena desejaria não deixar ninguém entrar em seu quarto. Em especial, não gosta que sentem na sua cama. Ela foi criada pelos tios durante parte da sua infância e acredita que tenha “herdado” isso do tio.

Se eu pudesse, ninguém entrava no meu quarto. Minha cama, não senta na minha cama, que eu odeio. Não gosto. Não gosto. Bota uma cadeirinha. Quer conversar, bater papo, bota uma cadeira. Mas não senta na minha cama que eu não gosto. Herdei isso do meu tio. Ele botava bilhete no quarto “Esta cama não é cadeira”. A minha cama tem que estar ali, arrumadinha, quando eu vou tomar meu banho, deitar minha cabecinha, meu lençol, meu travesseiro, as coisinhas. (Madalena Rocha, mãe, 50)

Madalena também se vê em um compartilhamento forçado quando se trata do computador. Ela deseja ter um *notebook* só para ela, sem ninguém mais poder mexer, para ela usar nas ocasiões que leve trabalho para casa ou para usos como pagar contas, acessar receitas de cozinha e ler notícias:

O que eu queria ter... Não, que eu vou ter, que vou comprar! Eu queria um notebook para mim. Mas eu queria para mim. Eu não quero que ninguém mexa. Isso eu já falei. Ou um tablet. Não é porque eu gosto de ficar na internet. Mas, às vezes, eu quero trazer alguma coisa para fazer em casa do trabalho. Agora eu tenho que tirar segunda via do meu IPTU. Eu peço para elas, eu não sei mexer muito bem em algumas coisas. Então, eu tendo o meu... Se você fala assim “Deixa eu sentar aí”, “Ah, espera aí”. Nunca podem emprestar. Eu quero o meu, só isso. Ver minhas coisas úteis, ler meu jornal, quando eu não comprar. Ler com calma, sem ninguém me perturbando. Minhas receitas, que agora eu não copio mais receita, que agora eu aprendi a ver na internet. (Madalena Rocha, mãe, 50)

Bruna também expressa desejo de um dia ter algumas coisas só para si:

Queria ter um banheiro só meu. Agora tem bastante gente aqui. São planos que eu tenho de fazer, mesmo que eu não vá lá para cima (para o terraço), de puxar uma suíte para o meu quarto para eu ter o meu banheiro, mesmo que seja bem pequeno. (Bruna Rocha, filha, 23)

Por hoje compartilhar a casa com os demais membros da família, Bruna tem que conviver com alguns itens de decoração que lhe incomodam. Em especial, cita um quadro com uma imagem holográfica de Jesus Cristo, que lhe assusta, e uma grande quantidade de porta-retratos que sua mãe coloca pela casa.

Um item na casa que é disputado entre as mulheres é espelho. São dois os espelhos da casa: um no banheiro e outro, maior, no quarto de Bruna. Ela conta que as duas meninas brigam pelo espelho, algumas vezes também disputado por ela e pela mãe. É Madalena que tem a voz final de quem vai usar.

Televisão é outro ponto de disputa na casa, segundo Genilson e Madalena. São três televisões: uma tela plana de tamanho mediano na sala; outra tela plana, menor, no quarto do casal; e uma televisão de tubo no quarto da Bruna, que a considera como sendo sua. É especificamente a televisão da sala que é a preferida pela família. Laís não costuma assistir televisão e, portanto, não participa da disputa. Bruna não vê briga pela televisão, dizendo que ela a sua, sua mãe e padrasto têm a deles e a irmã mais nova tem a da sala para ela. No entanto, os relatos de Madalena e de Genilson divergem desse ponto de vista e apontam para disputas cotidianas sobre a programação a ser assistida na televisão da sala. Genilson gosta de assistir futebol; Madalena considera a novela “sagrada” e gosta também de assistir noticiários; Lara quer assistir desenho animado e, além de disputar a televisão da sala, é criticada por Madalena por não se inteirar sobre as notícias do que acontece pelo mundo.

Na hora do jogo, às vezes a mulher quer ver novela e eu quero ver o jogo. É assim. E então a menina quer ver desenho. A mulher que vence. A gente fica sem ver. Ela que vence. Ela quer ver novela, a gente tem que deixar. E eu então só vejo depois, se der para ver, depois. Ou então, só se eu for na casa do vizinho ali. Televisão, eu tenho uma pequenininha ali, no quarto. Ela presta, mas às vezes tem alguém vendo aqui, então o outro vai ver lá. Tem um vendo novela lá, e tem outro vendo um negócio aqui. Às vezes, está até no Facebook, mexendo e tal, mas quer ver televisão aqui. Então sobra uma só em casa para ver. A da sala dá briga. (Genilson Rocha, pai, 51)

Dadas essas disputas, Genilson faz planos para comprar mais uma televisão e, assim, cada um poder escolher a sua programação. Fala até em comprar mais duas e “ia ficar todo mundo ligado”, cada um em uma televisão.

Madalena conta que também os ventiladores da casa são disputados. São vários os ventiladores da casa, mas alguns são mais eficazes que outros. O melhor deles fica no quarto das meninas, na parte do quarto onde as filhas de Genilson dormem. Elas não têm janela, que na divisão ficou na parte que coube a Bruna. Madalena conta que Genilson estava querendo trocar o dele com o delas, mas que Madalena não permitiu.

Ventilador. Nossa, tem esse, tem outro. Tem mais dois, e ainda ficam na disputa. O Genilson é assim: tinha esse e ninguém podia mexer. Eu também não gosto que mexa, porque elas quebram tudo. Então compramos um melhor para as meninas. Eu falei: “Genilson, não dá. Enquanto a gente não fizer aquela janela do quarto...”. Botou a divisória, a parte da janela ficou para a Bruna, tem que abrir uma janela aqui para elas. Tem que ser um ventilador bom, enquanto não bota um ar, porque se não elas não vão aguentar. Agora, ele fica querendo pegar o das meninas. “Vamos trocar com elas?” Eu falei “Não. O ventilador é delas, não vou trocar”. “Mas o delas é melhor”. Eu falei: “E daí? O ventilador é delas. Não, porque quando o delas era o pior, você não deu o seu para elas. Não vou trocar”. Fica essa guerra. Hoje, quando eu cheguei aqui, ele estava deitado aqui com o delas no pé e o nosso na cabeça. É muito calor também, não é? (Madalena Rocha, mãe, 50)

A família não costuma compartilhar o momento da refeição, visto que cada um tem um horário diferente. Quando menor, Bruna e seus pais comiam “juntos separados”, como dizia sua mãe, pois os três comiam ao mesmo tempo mas cada um sentado em um lugar diferente. Hoje, cada um come no horário que lhe convém.

Também o entretenimento raramente é compartilhado pelos membros da família. A exceção se dá quando decidem assistir algum filme ou quando sentam todos juntos para conversar com alguém da família que os esteja visitando.

De fato, os três entrevistados indicam atividades diferentes como suas preferidas para entretenimento, não sendo muito compartilhadas entre si. Bianca gosta de ficar em casa e, em algumas ocasiões, gosta também de sair para ver os amigos ou encontrar com o seu pai. Madalena gosta de sair nos finais de semana e vai com frequência a festas da família, programa esse que ela destaca que o marido não compartilha seu entusiasmo, apesar de acompanhá-la para agradá-la. Genilson gosta mesmo é de futebol e novela – e esse último, sim, parece ser uma atividade compartilhada entre os membros da família, sentando muitas vezes todos juntos para assistirem novela. Madalena diz ainda que não gosta de ir à praia, mas que compartilha do programa com as meninas por elas gostarem. Os três compartilham do gosto de ficar em casa, mesmo cada um fazendo uma coisa diferente, e o casal costuma tomar cerveja junto nos finais de semana, sentados em frente à casa.

A única coisa que eu gosto de ver assim, no máximo, só futebol, futebol mesmo. E novela também, eu assisto novela também. Às vezes eu assisto novela das nove, que, agora, não é mais das oito, agora é das nove, assisto. Senta todo mundo na sala, todo mundo fica vendo novela, quando todo mundo está de acordo. (Genilson Rocha, pai, 51)

Madalena e Genilson fazem as compras da casa. Pagam com o tíquete alimentação que ele recebe em seu emprego.

Ele faz as compras. Ele tem o cartão alimentação do trabalho dele. Vem aos meados do mês, aí já compra mais umas coisas. Ele dá na minha mão e eu já vou comprando uma coisinha ou outra que estiver precisando. Normalmente, eu vou para o mercado, vou fazendo as compras, depois ele vai, me encontra. Eu espero ele lá. Eu compro por mês. (Madalena Rocha, mãe, 50)

As despesas da casa são divididas entre Madalena e Genilson. Ele fica responsável pelas compras de supermercado e ela paga as contas de luz, gás, telefone, internet e água. Ele eventualmente paga também pelo gás.

A gente divide as contas. Eu fico com as compras, e ela fica com as contas. Com a luz, gás, com telefone, de água. De vez enquanto, eu também compro gás. Mas, assim, a parte da compra fica por minha conta. Compra para a casa inteira, para todo mundo. (Genilson Rocha, pai, 51)

Quando precisam comprar alguma coisa fora dos gastos cotidianos de manutenção da casa, Genilson e Madalena se revezam no desembolso. Cada um compra uma coisa, ou então dividem entre eles as parcelas a pagar.

As despesas de Bruna aumentaram desde que iniciou a faculdade em Seropédica. Passou a pagar aluguel e a ter custos diversos para se manter em outra cidade e também no traslado de volta para casa no Rio de Janeiro. Suas despesas são custeadas de forma compartilhada entre o pai e a mãe. Quando necessário, ela também recorre ao padrasto, Genilson. Bruna explica que suas despesas são custeadas principalmente pelos pais, enquanto que as despesas das duas meninas são custeadas principalmente pelo pai delas, havendo despesas em comum para toda a família, como as compras de alimentos para a casa.

Eu divido o aluguel lá em Seropédica com o pai dela. Tem luz que ela tem que pagar. Tem água, que lá não dá para beber, mesmo filtrando. Ela tem medo de beber aquela água. Ela compra água lá. Tudo isso é na ponta do lápis. Passagem dela, aquelas coisas todas. Vai melhorar agora, porque ela trabalhando. Já vai melhorar bastante. Tem o curso de inglês que ela quer. Quer, não! Precisa fazer, ela tem que fazer. Jornalista tem que ter pelo menos mais duas línguas. Não tem jeito. Ela já tem uma noção, ela fez um inglês quando era mais nova. Mas vai fazer agora, é despesa. A gente vai dividindo. A gente vai dividindo. (Madalena Rocha, mãe, 50)

Os alimentos são comprados para todos igualmente. Por exemplo, os biscoitos são “divididos para todo mundo”. A exceção é feita para casos especiais de pedidos de compra, como um pote de Nutella, quando Genilson sugere que Bruna peça ao pai.

Biscoito é dividido para todo mundo. Uma tem dois, três, quatro pacotes de biscoito, mas o meu padrasto não faz distinção “como não é para as minhas filhas, eu não vou comprar”, não. A compra é com ele. A não ser que seja alguma coisa, assim, excepcional: “quero um pote de Nutella”, por exemplo. Ele pode então dizer: “Eu não tenho dinheiro para comprar isso agora. Pede para o seu pai”. Então eu vou e peço para o meu pai. Mas eu não tenho muito problema assim, em relação a isso. (Bruna Rocha, filha, 23)

Quem cuida da casa é principalmente Madalena, que trata de colocar os demais para ajudá-la também, compartilhando da limpeza e organização da casa. Bruna comenta que “ela tenta dividir as tarefas, para não deixar pesado para ninguém”, mas que “normalmente é ela que faz, mesmo” (Bruna Rocha, filha, 23). Até porque Madalena reclama que as meninas não tomam a iniciativa de arrumar a casa e, mesmo pedindo que cada uma faça uma tarefa, não fazem com dedicação.

Genilson, na sua casa anterior, antes de se mudar para a casa de Madalena, cuidava de todos os afazeres domésticos. Na casa atual, essas tarefas ficam geralmente sob cuidados da esposa e das três meninas. Como ele conta sobre seu passado: “Na minha outra casa eu lavava, eu passava, eu cozinhava, eu fazia tudo, já estava acostumado a fazer tudo” (Genilson Rocha, pai, 51).

Apesar de quase todos saberem cozinhar, quem fica responsável pela atividade é Madalena. Ela diz adorar cozinhar, mas pede para que deixem a cozinha já organizada para quando ela chegar do trabalho poder preparar a comida. Ela faz uma comida para si e outra para os demais, já que faz uma dieta específica para a diabetes.

Madalena reclama que não tem ajuda, mas também reclama quando cozinham sem ela participar. Ela admite que não quer abrir mão de decidir o que preparar e de ter controle sobre a cozinha, apesar de querer compartilhar de parte do trabalho da preparação do básico e da organização.

Eu gosto de cozinhar, eu adoro cozinhar. Eu reclamo que ninguém me ajuda, ninguém adianta uma comida. Mas, quando eles fazem, às vezes eu chego e digo: “Vocês não sabe esperar, não?”. “Estou morrendo de fome! Se decide, droga. Você nunca quer que ajude”. Mas é maluquice da minha cabeça. Eu quero dominar, eu quero saber o que está cozinhando. Eu que tenho que determinar o que tem que fazer de comer. Eu tenho essas coisas, essas paranoias, é isso. (Madalena Rocha, mãe, 50)

Além dos cuidados da casa, Madalena também assumiu para si o acompanhamento dos estudos das filhas do marido. Se Bruna sempre foi muito estudiosa e já está encaminhada, cursando faculdade, as meninas mais novas requerem o olhar atento da madrastra para seus estudos. Como esse acompanhamento vem por decisão de Madalena e não por um pedido das meninas, essa forma de ajuda pode ser considerada como um compartilhamento aberto, mesmo que ao final as meninas reconheçam a diferença que faz o esforço de Madalena nos resultados de seu aprendizado escolar.

Para os cuidados com as meninas enquanto está no trabalho, Madalena conta com a ajuda de vizinhos, que ficam alertas em relação a estranhos na casa e verificando periodicamente como estão as meninas. É um compartilhamento de fora, vindo de pessoas que não são membros da família residente. Em contrapartida, Madalena se detém de reclamar do barulho das festas promovidas pelo vizinho, um compartilhamento de fora e forçado, contra a sua vontade.

Entre vizinhos, a gente se ajuda. Quando acontece alguma coisa, um recorre ao outro. A minha mãe já era amiga do vizinho aqui do lado muito antes da gente se tornar vizinhos. Então é sem maiores problemas. Muito pelo contrário. Eu acho até vantajosa. Até porque é como eu falei: a gente se ajuda. Às vezes, as meninas ficam em casa sozinhas, então minha mãe pede para o vizinho do lado passar um olho, para ver o que estão fazendo, se entra alguém estranho. Então eu acho até benéfico. Eu não tenho nada para reclamar, muito pelo contrário. (Bruna Rocha, filha, 23)

Meu vizinho é ótimo, uma pessoa assim... Eu não tenho o que falar dele, é muito educado. Mas quando ele cisma de fazer as festas dele... Jesus! “Ah, fala com ele”. Eu não vou falar, eu não vou arrumar confusão. As meninas ficam sozinhas aqui em casa durante o dia. Eu dependo que meus vizinhos me ajudem. Eu não vou arrumar problema com vizinho por causa de um barulho. Não vou, mesmo. (Madalena Rocha, mãe, 50)

Madalena cresceu junto com os três irmãos e três primos. Moravam em um terreno grande, que continha as diversas casas da família que foram sendo construídas para cada novo núcleo familiar que se formava. A maior casa era a dos avós de Madalena, onde ela viveu juntamente com os irmãos e os pais. Havia ali três quartos: o dos avós, o do pai com os filhos e o do tio, solteiro, que ainda vive lá. Após algum tempo, Madalena mudou-se para a casa dos tios, que moravam nos fundos no mesmo terreno. Ela ali dividia o quarto com a prima e só saiu da casa quando casou. Os dois primos, meninos, dividiam outro quarto e os tios, um terceiro. Seus pertences pessoais não eram compartilhados entre si, “sempre foi tudo muito separadinho” (Madalena Rocha, mãe, 50).

Genilson também tinha suas coisas separadas das dos irmãos quando criança. Eram três meninos, sendo ele o do meio. Um não pegava do outro, conforme relata: “Cada um tinha as suas roupas. A gente não pegava não. Não costumava pegar a roupa do outro, não. Difícil. Eu não me lembro de pegar assim. Cada um vestia a sua roupinha”. A casa onde moravam era pequena, de apenas um cômodo. Mais tarde, quando já trabalhava, Genilson construiu um segundo cômodo para ele dormir, “para eu não ficar lá, deitando no meio da sala”. Colocou também seu irmão caçula para dentro do quarto.

Antes de casar, o irmão mais velho de Genilson costumava levar os dois irmãos mais novos para comprar roupas com o dinheiro que ele recebia de seu trabalho. Pelos relatos de Genilson, parece ter sido uma forma de compartilhamento aberto, similar ao encontrado na família Silva.

Já Bruna, em seu histórico mais recente, passou a morar também em no campus da universidade. Bruna dividia inicialmente uma casa com duas outras estudantes. Ela compartilhava o quarto com uma e a outra dormia na sala. Uma estava saindo e seu lugar seria ocupado por um amigo. Eles planejam fazer uma divisão na sala para criar um espaço mais reservado e mais confortável para ele, como se fosse um segundo quarto, mudando a forma de compartilhamento do espaço social da casa.

Bruna e a amiga que divide a casa com ela compartilham roupas, sem que tenham que pedir uma a outra para usarem:

A gente tem uma coisa que muita gente não concorda, mas é que não tem “meu” e “dela”. A gente usa uma roupa da outra. Se ela precisar da minha roupa, usa. Pode pegar sem pedir. A única coisa que a gente faz questão é se eu quiser usa a roupa eu aviso. “Joana, não pega essa que eu vou querer usar”. “Bruna, não pega essa minha roupa que hoje eu vou querer usar”. Mas não tem “meu” e “dela”. Muita gente acha que está errado. Todo mundo fala: “Quando vocês enjoarem de uma da cara da outra, resolverem não morar mais juntas, ninguém mais sabe o que que é de quem”. Sabemos, sim. Sabemos e a gente não se importa de dividir, a gente não se importa mesmo. (Bruna Rocha, filha, 23)

Já com a outra menina que morava com elas, o relacionamento era outro. Ela não gostava de compartilhar suas roupas como fazem Bruna e Joana. Mas podiam pedir alguma coisa emprestada a ela, assim como ela também tinha essa possibilidade em relação às duas colegas de casa.

E a outra era um pouco mais fechada em relação a isso. Ela não gostava. A maioria das coisas dela ficavam dentro da mala dela, e o que precisava colocar no armário ou na cômoda ela colocava. Mas também, isso é com muito respeito, se ela não gosta, a gente não pega. Ou, quando precisa pegar, pede: “Gisele, posso pegar a sua blusa tal?”. Se ela falar que não, não pega e se deixar... A mesma coisa com as minhas coisas. Já que ela não gosta que pegue as coisas dela sem pedir, então ela também não pegava as minhas coisas sem pedir. E o armário era das três. (Bruna Rocha, filha, 23)

Bruna, inclusive, no momento de falar sobre sua visão de o que é compartilhar e o que é emprestar, dá como exemplo de compartilhamento o acordo implícito que tem com a colega de casa, a Joana. Quando se trata de empréstimo, ela destaca que tem que ter um pedido prévio para poder pegar o item. O compartilhar, para ela, “não cria atrito” e “você divide deliberadamente sem precisar pedir”.

Para mim, emprestado é quando você tem um aviso prévio, “vou pegar essa toalha rosa, pode?”. Isso é emprestar. Agora, compartilhar, é como acontece comigo e com a minha amiga de casa. A gente compartilha mesmo as coisas. Compartilhar é quando não cria atrito, quando você divide deliberadamente sem precisar pedir. E não cria atrito. Eu não me incomodo que você pegue, você não se incomoda que eu pegue. Para mim, isso é compartilhar. É você usar sem aviso prévio e sem problemas. Eu acho que, quando cria problemas, eu acho que já é invasão de espaço, quando incomoda... Emprestar, como eu disse, tem aviso prévio. Se você concorda com uma coisa, você não pode reclamar de nada. Se eu concordo que pegue a minha toalha rosa, eu não posso chegar depois e reclamar, “olha, ele pegou a minha toalha rosa”. (Bruna Rocha, filha, 23)

Tanto no “emprestar”, quanto no “compartilhar”, permanece para Bruna a noção de dono do item. A diferença reside principalmente em se ter que pedir ou não permissão para pegar o item.

Nos dois casos tem dono, só que a diferença é que em um... Mesmo sendo meu, você pode pegar, que eu não ligo, e no outro “é meu, então, por favor, me pede”, que se eu não quiser emprestar, eu tenho o direito. Nos dois casos, o objeto de quem quer que seja tem dono. (Bruna Rocha, filha, 23)

Para Genilson, emprestar e compartilhar também são duas coisas diferentes. No emprestar, é esperado que o bem seja devolvido. O compartilhar refere-se a pessoas “que convivem com você” “fazendo uso, dependendo da necessidade”. No entanto, para Genilson, se no modo de empréstimo o item tem um dono, no compartilhamento o item é “de todo mundo na casa”, “não tem dono”:

É diferente. Empréstimo, você empresta alguma coisa e a pessoa lhe devolve. Compartilhar é você compartilhar com o pessoal que convive com você. Todo mundo compartilhando ali, tudo que tem, todo mundo fazendo uso, dependendo da necessidade. Vai compartilhando. Vai emprestar? Empréstimo, devolve. Se você emprestou, você é o dono. Por exemplo, “Me empresta o celular para eu fazer uma ligação”. Eu lhe emprestei. Quando terminou de ligar, pego de volta. Devolve. No compartilhar, não. Compartilhar não tem dono, é de todo mundo. É de todo mundo da casa. Está compartilhando, todo mundo está vivendo ali, todo mundo é dono. A minha família aqui, todo mundo é dono. Todo mundo pode usar, está compartilhando com todo mundo. (Genilson Rocha, pai, 51)

Madalena tem uma visão similar a dos demais no que se refere a serem coisas diferentes e a o empréstimo envolver devolução do bem. “Todo mundo vai usar” o bem compartilhado, como nos exemplos da casa dados por ela: o sabonete, a pasta de dente, a televisão. O empréstimo ocorreria para as “coisas pessoais”.

Se eu lhe emprestei, você vai usar, vai me devolver em tal momento. Então, você tem que me devolver. Tem que me devolver se eu lhe emprestar. Agora, compartilhar, eu vou deixar aquilo ali, e todo mundo vai usar. É como um sabonete que está ali, para todo mundo. É como a pasta de dente, que nós temos em comum. A gente compartilha televisão. Empréstimo são minhas coisas pessoais. Empréstimo, tem que me devolver. E eu sou chata. Empréstimo. Às vezes, eu até me arrependo. Eu não sei dizer não, eu sou assim. Sou chatinha, mas eu não sei dizer não. Escuto muito não. Mas eu não sei. Tem pessoas assim, uma câmera, não empresta. Eu acho até certo, é uma coisa cara. Mas, se me pedir a minha, eu empresto. (Madalena Rocha, mãe, 50)

Ela vê como sendo “muito difícil” ocorrer o compartilhamento de bens com pessoas fora da casa, exceto quando pensa na irmã dela. Ela conta que uma pega coisas da outra e chama essa relação de “compartilhar”, no que se aproxima de um compartilhamento para dentro, na família estendida ampliada.

Compartilhar com alguém fora da casa é muito difícil de acontecer. Eu acho muito difícil. A não ser assim, com a minha irmã. Porque a minha irmã chega aqui, o que ela quiser usar, eu também chego na casa dela... Ela diz que a gente usurpa tudo que é dela. Traz e não devolve a ela, não. Tudo que eu não gosto que faça comigo, eu faço com ela. E ela guarda tudo! Minha irmã usa uma toalha velha furada, mas tem um monte de toalha nova, mas não usa. Com ela, é compartilhar. (Madalena Rocha, mãe, 50)

4.11. Família Ribeiro

A família Ribeiro também se encontra em Irajá, em uma região do bairro diferente da família Rocha. A parte da família Ribeiro que mora no local é composta por Romilda, a chefe de família e viúva há 20 anos, com suas duas filhas mais novas, uma neta e um genro. Uma das filhas é Diana, que é mãe de Nívea, de 17 anos. A outra filha é Denise, casada com Evandro. São, portanto, quatro adultos na família no apartamento, além de Nívea, conforme mostrado no Quadro 4.11.

Quadro 4.11 – Perfil dos membros da família Ribeiro

Papel	Nome	Idade	Descrição	Profissão
Pais	Romilda	62	Chefe do lar, mãe de Diana e Denise	Dona de casa e Pensionista
Filhos	Diana	40	Filha #3 de Romilda	(Procurando emprego)
	Denise	37	Filha #4 de Romilda	Assistente administrativa
Netos	Nívea (*)	17	Filha de Diana	Estudante
Outros	Evandro	34	Marido de Denise	Técnico de informática

(*) Não entrevistado

O apartamento tem três quartos, um banheiro, sala, cozinha e uma pequena área de serviço, todos os ambientes contendo piso frio. Não há aparelhos de ar condicionado, mas há ventiladores espalhados pela casa para compensar o sol da tarde que bate nos cômodos e castiga a família durante o alto verão carioca. A sala, espaçosa, tem dois ambientes: o de estar, com televisão tela plana e dois sofás, e o de jantar, com mesa e cadeiras para seis pessoas. Também na sala está o computador da família, no momento sem funcionar, a espera da compra de peças.

Romilda tem 62 anos e é viúva há 22 anos. Ela tem quatro filhas: Daiana, Dirce, Diana e Denise. Daiana e Dirce são casadas e moram em suas próprias casas, tendo já morado com seus maridos no apartamento da mãe em algum momento de suas vidas. Cada uma tem dois filhos.

Romilda sempre foi dona de casa e sua renda se resume à pensão de um salário mínimo que recebe. Ela mora no mesmo local há 40 anos, tendo as duas filhas caçulas nascido quando a família já estava naquele endereço. O apartamento é próprio: “foi a única que ele conseguiu deixar para a gente”, conforme conta (Romilda Ribeiro, mãe, 62). Antes, moraram em Realengo, onde foi criada com seus sete irmãos. Todos eles nasceram no Rio de Janeiro, filhos de pai sergipano e mãe baiana.

Diana é solteira e sempre morou com a mãe. Seu relacionamento com o pai de Nívea se mantinha até o momento das entrevistas, mas não chegaram a morar juntos. Porém, destaca: “Eu trato ele como marido, viu?”. Ele mora em Realengo, onde ela passou boa parte dos finais de semana durante sua infância e juventude, em visita à família de Romilda. A vinda de Nívea foi uma surpresa para todos, pois Diana tomava anticoncepcional e, mesmo se sentindo diferente, todos os exames de gravidez que fez deram negativo. A médica decidiu então fazer um ultrassom para descobrir que Diana estava grávida de sete meses. Apenas um mês depois, aos oito meses de gestação, já nascia Nívea. Hoje, com 17 anos, a filha está no último ano do Ensino Médio e quer fazer carreira militar com especialização em Odontologia.

Denise voltou a morar com a mãe há pouco mais de um ano. Ela é casada com Evandro há cinco anos, apesar de estarem juntos há 11 anos. Quando os dois se encontraram desempregados e sem conseguir dar conta do aluguel da casa onde moravam, a mãe se ofereceu para lhes acolher. Pouco depois da mudança, os dois conseguiram emprego. Decidiram permanecer na casa de Romilda à espera de receberem moradia própria por meio de um programas governamental de habitação.

Denise trabalha em uma corretora de veículos como auxiliar administrativa. Evandro é técnico de informática e faz manutenção de computadores. Eles desejam muito ter filhos, mas na impossibilidade de arcarem com tratamentos de fertilização para contornarem a perda das duas trompas de Denise, eles dizem ainda contar com um milagre para o sonho da paternidade se realizar.

Ao ser perguntada sobre o que era de quem na casa, Romilda diz “não ter pretensão” de dizer que as coisas sejam dela, pois “é tudo dividido” com as demais pessoas. Ela emprega o termo “dividido” com significado de uso comum por todos na casa, ou seja, de uso compartilhado. Reforça a ideia dizendo que “tudo é nosso”.

Eu acho que eu não tenho assim, essa pretensão de dizer que é meu. Não é meu, é tudo dividido. Não é meu o ventilador, não é minha mesa. É tudo dividido. Não tem nada que é só meu. É meu, das minhas filhas, dos meus netos. Aqui não tem nada que é meu. É nosso. Tudo é nosso. (Romilda Ribeiro, mãe, 62)

Para ela, dizer que algo é dela seria o mesmo que “querer ficar acima da (outra) pessoa”, como se fosse “isso aqui é meu, quem manda sou eu”. Romilda faz questão de compartilhar inclusive as decisões sobre a casa, até mesmo com as filhas que não moram mais com ela.

Eu não falo assim "minha casa", eu falo: "Vamos lá em casa". Não é minha casa, porque esse negócio de "é meu", eu acho que você está querendo ficar acima da pessoa, "Não, isso aqui é meu, quem manda sou eu". É comum acordo. "Ah, vou fazer isso, o que é que vocês acham?". Eu não faço nada sem comunicar as minhas filhas, até as que não moram aqui. Foi todo mundo que escolheu as coisas. Todo mundo: "Ah compra esse aqui, olha, vai ficar legal". Assim que a gente vai comprando as coisas. É tudo de comum acordo. (Romilda Ribeiro, mãe, 62)

A única distinção que Romilda faz de objetos na casa são os que Denise e Evandro levaram consigo em sua mudança: o fogão de Denise, que está guardado na área de serviço, e as coisas do casal, que ficam em seu quarto. O restante, "tudo é da casa", inclusive a televisão da sala, que Romilda ganhou das filhas ela considera como sendo "nossa".

Só o fogão da Denise, que está lá na área, que é dela, que ela teve que trazer para cá. Está só guardado. E tem umas coisinhas lá no quarto dela. Só isso, porque o resto... Tem essa televisão que eu ganhei no ano retrasado, de Natal, que as filhas juntaram e deram, mas não é minha, não. É nossa. É da casa. Tudo é da casa. Mas lá no quarto deles, as coisinhas lá são deles. (Romilda Ribeiro, mãe, 62)

A televisão da sala, inclusive, é motivo de brincadeira entre os membros da família. Diana conta que os demais dizem que a televisão da sala é dela, por ela "monopolizar" o seu uso. Há outras televisões menores nos quartos, mais antigas, de tubo. A da sala é a única com canais a cabo. Contando sobre essa brincadeira, Diana faz questão que reforçar que "tudo é de todo mundo, mesmo". E usa o termo "dividido" com o sentido de separado, ao dizer "a gente não tem nada dividido. Todo mundo é dono de tudo" (Diana Ribeiro, filha #3, 40).

Não tem nada meu. Minhas irmãs falam que a televisão é minha porque eu a monopolizo. Que eu que vejo os canais, eu troco para ver. É uma briga. Porque quem fica mais na sala vendo televisão é minha mãe, o dia inteiro. Não trabalha. Então a gente vê os programas, a maioria iguais. Às vezes eles falam "vou para o quarto, que a Diana está vendo televisão, monopoliza a televisão". Mas só de brincadeira, mesmo. Implicância. Mas não quer dizer que é minha, não. A gente não tem nada dividido. Todo mundo é dono de tudo. Aqui a gente não tem "ah, esse é seu, esse é meu", não. Tudo é de todo mundo, mesmo. (Diana Ribeiro, filha #3, 40)

A mesma distinção que Romilda faz de algumas coisas serem da Denise e do marido, a própria Denise também faz. Ela diz que as coisas na casa são da sua mãe, exceto as que trouxe na mudança e que estão no seu quarto. O computador foi levado por Evandro da casa anterior. Mas, assim como as demais coisas na casa, "é de todo mundo", para "todo mundo usar", pois "a gente mora aqui" (Denise Ribeiro, filha #4, 37).

Tudo que tem aqui é meu e da minha mãe. Que a gente, quando a gente veio, a gente se desfez de tudo. Só as coisas que estão no quarto são minhas. Mas as coisas todas são da minha mãe. As coisas da minha mãe... Computador, era do meu marido mas, como a gente mora aqui, então é nosso. É de todo mundo. Para todo mundo usar. A gente foi acostumada a dividir tudo. Eu não tenho esse negócio de meu, seu. Aqui na casa da minha mãe, minhas irmã vêm aqui e mexem em tudo. É nosso. (Denise Ribeiro, filha #4, 37)

Evandro segue a mesma linha do restante da família. Para ele, “tudo é nosso”, sem haver “individualismo nem egoísmo”, em uma convivência tranquila mesmo vivendo com a família da esposa. Ele se refere aos bens da casa da mesma forma que Denise: os objetos são todos de Romilda, exceto aqueles que eles trouxeram da casa anterior e que estão no seu quarto, como a cama e a sua televisão.

Aqui é tudo nosso. E aqui não tem nem individualismo, nem egoísmo, não. A gente se dá super bem, por mais que seja a família dela e não a minha. Mas eu não tenho uma sogra: eu tenho uma mãe. A televisão é da minha sogra. E eu também sou um cara que fica mais no quarto. Mas praticamente tudo aqui é da minha sogra. Que é ela que com a pensãozinha dela, ela dá um jeitinho e tal... O que eu tenho é o que está no quarto. Porque o que está no quarto é meu. Minha cama, minha televisão, então é meu. Agora o resto... O resto é da minha sogra, da casa dela. (Evandro Ribeiro, genro, 34)

O quarto que o casal ocupa parece ser mais privativo deles. Era o quarto ocupado apenas por Diana, antes de Denise e Evandro se mudarem para lá. A partir de então, Diana passou a compartilhar o quarto da mãe, mas às vezes dorme com a filha, ou a filha dorme com a avó. Quando o marido de Diana fica com eles na casa, Nívea dorme com a avó. Como é o quarto mais fresco, Nívea costuma de qualquer forma passar boa parte do tempo no quarto da avó. Apenas o quarto de Denise e Evandro é que “fica mais reservado”, porém não impedido de alguém mais usar a sua cama. Falando sobre essa situação de quartos, Romilda novamente utiliza o termo “dividido” com o sentido de compartilhado e explica que, tendo muitos filhos, “não pode ter aquele egoísmo, ‘é meu’”.

Eu tinha meu quarto. Um quarto que era só meu. Mas então, a Denise precisou e eu abri mão do meu quarto para ela. Antes, eu ficava em um quarto, a Nívea em outro e minha mãe em outro. Agora eu fico com a minha mãe e a Nívea tem o quarto dela. Às vezes, eu fico com Nívea. Eu durmo, às vezes, com a minha mãe e a Nívea dorme no dela. Porque assim, e gente não tem um quarto que fala “Ah, esse quarto é meu”. Eu cedi para eles, porque casal... Quando eles vieram, eles disseram “Ah, eu durmo na sala”. Não tem necessidade, tendo o quarto. Minha filha dorme sozinha. Então, às vezes eu durmo no quarto dela. A Nívea dorme com a minha mãe. Meu marido vem para cá, a gente dorme no quarto e ela vai para o quarto da minha mãe. Todo mundo troca assim. Não tem essa de “ah, eu não durmo aqui”. O quarto da Denise é que fica mais reservado, a gente não entra. Mas, se tiver que dormir na cama dela, ninguém tem essa coisa de “ah, não posso”, “ah, eu não gosto” É mais pelo marido dela, porque é homem. Mas não que ele fale, não goste. À tarde, a gente não fica nos quartos que dão para lá, porque são muito quentes. Então a gente corre para o quarto da minha mãe. Fica no quarto da minha mãe. Nívea, então, fica o dia inteiro no quarto da minha mãe, não entra nem no dela, porque é muito quente. E então fica no quarto da minha mãe. (Diana Ribeiro, filha #3, 40)

Se eu tiver que dormir no quarto da Diana, eu durmo. Se ela tiver que dormir no meu quarto, ela dorme. É assim. Cada um dorme na sua cama, mas é tudo dividido. Eu acho que a pessoa, quando tem muitos filhos, não pode ter aquele egoísmo, “é meu”. Tenho o meu quarto e eu “não vou querer que não entrem no meu quarto”. É isso. (Romilda Ribeiro, mãe, 62)

Mesmo a grande parte das coisas sendo apontadas pelos informantes como sendo compartilhadas por todos, alguns itens são de uso individual. Evandro até brinca com o assunto quando explica que tudo na casa é de todos, dizendo que “escova de dente é praticamente uma para todo mundo”, e avisando se tratar de uma brincadeira naquele caso. Além da escova de dentes, outros itens que aparecem com uso individual são as toalhas, roupas de cama, sabonetes e desodorantes: cada um tem o seu, exceto pelo casal, que usa o mesmo. Outros itens que Evandro comenta que ele usa diferente do resto da família são explicados por preferência individual, não por não querer compartilhar com os demais, como o caso do seu desodorante e creme dental. Já xampu e hidratante são de uso comum para todos os que usam.

Denise diz que as roupas “cada um tem as suas” (Denise Ribeiro, filha #4, 37) e que é muito difícil pegar da outra. Já Romilda e Diana contam que uma usa roupas das outras, principalmente blusas. Ocorre também com frequência o empréstimo de roupas entre elas e a irmã mais velha, Daiana. Nesse caso, pedem antes de pegar uma da outra, por morarem em casas diferentes. Quando moravam na mesma casa, não era necessário pedir. Sempre devolvem o item emprestado. Sapatos e calças, no entanto, têm a restrição de serem de números diferentes entre elas, limitando o seu compartilhamento e o seu empréstimo.

As minhas roupas, elas pegam. Filho, já viu! Não tem problema, não. A gente divide. Aqui, como eu falo para você, é tudo dividido. A minha roupa é minha, mas minhas filhas também me ajudam a usar, eu também uso a delas. Ah, se eu não tiver em casa, e elas tiverem que sair, “Vou pegar uma blusa fresca da minha mãe”, e então pegam. A blusa, porque já viu o tamanho dela, as calças dela não dão em mim. Elas usam, não tem problema, não. Sapato não usa, porque é meu pé é 35, elas são 37, a Denise calça 34, então é pequenininho o pé dela. Então sapato já é cada um com o seu, mas roupa não tem essa coisa assim, não. (Romilda Ribeiro, mãe, 62)

Às vezes, a Daiana quer sair, tem uma festa, e está enjoada das roupas dela. Então ela me liga “Diana, tenho uma festa para ir. Você me empresta tal roupa?”. “Daiana, está no guarda-roupas, pode pegar”. Não tem essa. Até porque, eu e ela, a gente veste igual. A gente é mais gordinha. A Denise e a Dirce são também do mesmo padrão. A minha mãe é mais com as blusas, a gente pega blusa da minha mãe, todo mundo pega da minha mãe. A desvantagem é com os sapatos, que não dão mais para pegar, porque cada uma calça um número diferente. Mas roupa, a gente pega. A blusa de uma, a blusa da outra. A Daiana agora pede antes de pegar. Mas antes, não. Antes, pegava, que todos morávamos juntos. Mas agora pede. “Me empresta vestido tal? Me empresta saia tal?”. E então vem e pega. Às vezes, vou lá, pego: “Daiana, me empresta tal roupa?”, e então ela me empresta. Depois, devolve. É assim. Só para usar e depois devolve, mesmo. (Diana Ribeiro, filha #3, 40)

Cada um tem o seu celular. No entanto, sendo eles de operadoras de telefonia diferentes, quando querem ligar para um número que seja de outra operadora, muitas vezes pedem para usar o celular de outra pessoa e se beneficiar do custo reduzido decorrente. Como diz Diana, “Não teria problema nenhum de pegar, não. Tanto que os celulares ficam em cima da mesa” (Diana Ribeiro, filha #3, 40).

Celular, sim, cada um tem um. Um usa o do outro, quando não tem crédito. Se precisar ligar rápido, tudo bem. Então pede para usar. Também, tudo na vida um limite. “Olha, tudo bem eu pegar? Estou precisando dar uma ligadinha... Você me empresta?”. “Claro, pode usar!”. E vice-versa. (Evandro Ribeiro, genro, 34)

Celular cada um tem o seu. Só quando, tipo assim, a minha operadora é Oi, da minha irmã e da minha mãe é Claro. Quando eu quero ligar para alguém daquelas operadoras, eu peço o delas emprestado. (Denise Ribeiro, filha #4, 37)

Cada um tem o seu celular. Mais o aparelho, o único moderno, é o da Nívea, que ela ganhou da tia dela, que é madrinha dela. É o mais moderninho. O meu é um antigo, da minha mãe também é antigo. A maioria é antigo. O dela que é mais moderno. O meu tem joguinho. O único que acessa Internet é o dela, mesmo. Um não usa o do outro, não. Mas se precisar... É porque o meu é Claro. O da minha mãe também é Claro. O da Denise já é Oi. O do marido dela é Oi. O da Nívea é TIM. Se eu preciso falar com alguém de Oi, eu pego da Denise. E TIM, eu quase não tenho ninguém para falar. A Nívea tem, porque os amigos e os primos são todos TIM. Aí, ela fica com a TIM, porque diz que a Internet é melhor. O telefone que eu ligo mais é do pai dela mesmo, que é Claro. Das minhas irmãs são Oi e a gente liga do telefone fixo, de casa, que também é Oi. Então não tem tanto de pedir ou pegar. Mas não teria problema nenhum de pegar, não. Tanto que os celulares ficam em cima da mesa. (Diana Ribeiro, filha #3, 40)

A família Ribeiro compartilha seus momentos de lazer. Esses momentos envolvem, principalmente, encontros familiares ou assistir televisão juntos. Eles costumam se reunir na casa de um dos membros da família nos finais de semana, seja para um aniversário, para um churrasco, ou simplesmente para estarem juntos. Muitas vezes combinam de se encontrarem na casa da Dirce, que além de ficar perto do apartamento de Romilda, tem mais espaço para receber os diversos familiares.

As refeições também são compartilhadas. Para o almoço durante a semana, apenas Diana e Romilda estão em casa, então as duas almoçam juntas. Já no jantar, todos os adultos comem juntos, ficando uns sentados à mesa e outros no sofá, em volta da televisão no horário da novela. Apenas Nívea janta fora da sala, geralmente no quarto da avó, seu lugar favorito na casa.

Além dessa convivência em família no tempo livre, os informantes também comentaram sobre outros tipos de entretenimento que cada um gosta de fazer, não necessariamente compartilhados com os demais. Evandro gostava de jogar futebol e praticar jiu jitsu, mas atualmente tem mais é encontrado os familiares ou os amigos para uma cerveja e gosta de assistir esportes na televisão. Denise também diz que gosta mesmo é de ficar em casa vendo televisão, apesar de também ir ao teatro ou fazer outros passeios. Diana tem lido e gosta de joguinhos no celular, assumindo que seus hobbies preferidos sejam ver filmes e viajar; mas como está desempregada, prefere ficar mais em casa. E em complementação a gostar de visitar os irmãos, Romilda conta também que gosta de ir à praia fora do Rio de Janeiro e que antes, quando suas pernas permitiam, sempre ia a pagode e a samba.

As despesas da casa são compartilhadas entre os quatro adultos. A divisão é feita, a princípio, em valores iguais para cada um. Mas é comum eles acomodarem as restrições financeiras que alguém tenha momentaneamente, além de todos se voluntariarem para comprar o que for preciso a mais para a casa.

Aqui, até a despesa é dividida. A gente pega, "Quando é que deu, nesse mês, para a despesa?", "Ah, deu R\$ 300 para cada um, deu R\$ 400 para cada um". "Ah tem que comprar isso?". Tudo igual, por pessoa. Assim, é, vamos dizer, Denise e Evandro, eles dão R\$ 300 porque é um casal, a Diana está desempregada, então eu seguro a onda dela com a Nívea. A gente sempre divide assim. Mas a gente não tem esse negócio. Eu tenho dinheiro, vou, pego, compro, não estou nem aí. Se eles têm, eles também, eles trazem, "Mãe, está faltando o quê aí? Então vou levar". É tudo dividido, é como eu falei com você, a princípio, é tudo dividido. (Romilda Ribeiro, mãe, 62)

Quem faz o controle das despesas é Diana. Não apenas as da sua casa, como também das irmãs que não moram ali. É Diana também que faz as compras no mercado.

A Diana bota tudo num caderninho. Soma tudo, "Ó, mãe, deu tanto, vai ter tanto para as compras". "Vai ter que ter mais um dinheirinho para comprar isso". Então eu falo: "Então está bem, vamos ver". É sempre assim, ela que cuida das contas, das compras, ela que vai no mercado. " Diana, não tenho mais paciência, não". Ela que faz as compras. Faz sempre compra de mês. (Romilda Ribeiro, mãe, 62)

Compras sou eu que faço. E todas as contas, de todo mundo, sou eu que faço. Até das que não moram aqui. De todo mundo. Minhas irmãs, cada uma mora na sua casa, mas ligam: "Diana, qual é minha conta mesmo?" Porque assim, comprou uma máquina de lavar para a minha mãe de presente e a minha tia que tirou. Então, foi dividido. Elas: "Eu tenho cartão da Leader", e então compram. Eu vou anotando tudinho. De tantas vezes, de quem foi. Quando chega o início do mês, elas ligam: "Diana, quanto eu tenho que dar essa mês?" É tanto. Já tenho tudo específico. Está tudo separadinho de cada um. A conta de casa, telefone, luz. "Mãe, deu tanto". Junto todo mundo "Deu tanto esse mês" Deu tanto para cada um. Então eu vou, pago as contas. Dividimos por pessoa. Cada um dá sua despesa, menos a Nívea. Cada um dá sua parte. Eu vou, pago as contas, o que é prioridade: luz, telefone, gás. Pago, e depois o com o que sobra eu faço a lista de compras e vou fazer as compras. Faço as compras. (Diana Ribeiro, filha #3, 40)

A lista de compras de mercado é sempre praticamente a mesma. Algumas vezes, Diana recebe pedidos pontuais para compra de itens específicos. Tendo o dinheiro suficiente para incluí-lo, o faz sem problemas.

Diana conta eventualmente com a carona de Evandro, quando esse chega cedo do trabalho e ela está no mercado. Outras vezes, o marido Sílvio a acompanha com a filha Nívea e vão no carro dele. Na maior parte das vezes, Diana paga mesmo é o frete para levar as compras do mercado para casa.

A limpeza da casa é feita em conjunto por Romilda e Diana. Romilda faz tudo na casa, mas já sente as dores da idade atrapalhando. Diana, que está procurando emprego, participa ativamente da limpeza. Ela se considera a mais chata com limpeza e se irrita com a sujeira que vem pela proximidade do apartamento com a movimentada Avenida Brasil. Denise, como chega tarde do trabalho, tem participado menos dessas atividades.

Já a parte da preparação da comida é compartilhada por todos os adultos. Todos declararam gostar de cozinhar. Eles se revezam na cozinha e, muitas vezes, diferentes pessoas preparam a refeição. Quando Denise chega cansada do trabalho vai direto tomar um banho e deitar. Nívea é a única que não gosta de participar das atividades de casa, mas "faz porque a gente manda fazer" (Diana Ribeiro, filha #3, 40).

Todo mundo cozinha. Não tem uma pessoa específica, não. Ontem, eu fiz uma parte, e a Diana fez outra. É assim. "Ah, Diana, faz isso". "Está bem, mãe, eu faço". "Ah, faz isso". Quando a Denise chega do trabalho, quando ela não chega muito cansada, ela fala: "Ah, mãe vou fazer isso". "Então está bem, faz". Mas, ela sempre chega muito cansada, toma um banho e vai deitar. (Romilda Ribeiro, mãe, 62)

Tem dias que eu falo "mãe, faz o arroz? Faz a carne?". Tem dias que eu faço tudo. Tem dias que ela faz tudo. Mas tem dias que a gente divide também. Ontem foi um dia que a gente dividiu. Ela falou "Diana, eu tempero e faço o arroz, você faz o feijão?". Eu falei: "Pode deixar. Eu tempero o feijão". Aqui em casa, todo mundo gosta de cozinhar. Denise também. Denise cozinha bem. Final de semana, a gente empurra um pouquinho para ela. A Nívea faz, mas não gosta. Não gosta de nada. Faz porque a gente manda fazer. Mas gostar, não gosta. (Diana Ribeiro, filha #3, 40)

Se as atividades domésticas são compartilhadas sem problemas, o computador já é alvo de disputa. No momento das entrevistas, o computador estava sem funcionar, esperando sobrar dinheiro para comprar peças para o conserto. Mas, funcionando, seu uso é disputado. A família lida com a demanda concorrida de forma pacífica, um pedindo ao outro a vez e "fazendo rodízio" (Romilda Ribeiro, mãe, 62). Com rotinas diferentes, Romilda acaba usando o computador mais durante a tarde, enquanto Nívea está na escola, mas assim que a neta chega, pede à avó a vez no computador. Denise e Evandro, que passam o dia fora, usam o computador mais à noite.

O computador, quando estava bom. Minha mãe, minha filha... Muito difícil eu entrar, é mais para mandar email e mandar algum currículo. Quando estava bom. Mas a minha filha às vezes quer ficar no telefone dela e então a minha mãe joga. Ela fica à tarde, porque minha filha estuda. Então, ela fica a tarde toda. Quando ela chega da escola "Ah, vó, deixa eu entrar no Facebook?". Está com o telefone, mas é porque abre várias páginas no computador. A minha mãe deixa. Mas tem horário para sair, por causa da escola no dia seguinte. (Diana Ribeiro, filha #3, 40)

Ah, o computador. Um está usando e espera o outro sair. Ou às vezes a gente pede: "deixa eu ver uma coisa aí nele!" e o outro sai e a gente vê. Mas não tem estresse, não. Porque no trabalho todo mundo usa. Eu uso no trabalho. Então, chego em casa, nem uso. Nem tenho necessidade de usar. (Denise Ribeiro, filha #4, 37)

Já televisão não dá disputa na família Ribeiro. Apesar de apenas o aparelho da sala ter os canais a cabo, cada quarto tem uma televisão. Em alguns casos, chega até a ter mais de uma televisão ligada na mesma programação, quando alguém quer assistir deitado, no quarto.

Televisão, não. Porque cada um tem uma televisão no quarto. Se eu cansei de ver aqui, eu vou lá para o meu quarto, deito, durmo, e quem quiser ver, fica aí vendo. Não tem esse negócio de cada um quer... Tem vez que tem gente vendo televisão aqui, e tem outro deitado no quarto, vendo o mesmo canal. (Romilda Ribeiro, mãe, 62)

O único banheiro da casa não provoca disputas. Os horários de cada um são diferentes para se arrumarem de manhã e ao chegarem ao final do dia. Além disso, todos estão acostumados a “dividir” (Diana Ribeiro, filha #3, 40) e a usar o banheiro de forma “corrida” (Romilda Ribeiro, mãe, 62). Romilda chega a dizer que se fossem dois banheiros, haveria confusão, pois as pessoas iam querer passar mais tempo usando.

O relato de Denise, falando que “é uma vida toda a gente sabendo” administrar os horários para uma boa convivência entre as quatro irmãs, é uma experiência que também seus pais tiveram em suas famílias, antes de casarem. Romilda cresceu em uma casa na favela em uma família grande: os pais e seus oito filhos. Mesmo sendo uma casa de três quartos, cada cômodo era pequeno. Cada quarto era compartilhado por três irmãos, e outros dois compartilhavam o quarto dos pais.

Era em uma favela, que o pessoal que vem do Norte, vai sempre para a favela. Tinha três quartos. E tinha uma salinha, assim, pequenininha, que só dava o sofá, não tinha televisão, tinha, nem era um sofá, era um negócio que eu nem sei como eu vou explicar, era uma madeira com as almofadas em cima. Era tudo muito simples. Era assim, tudo dividido. A Dora, que é a mais velha, dormia ela e a Neusinha com o José, que era também pequeno. Dormíamos eu, Marília e Jota em outro quarto. Mara e Zequinha dormiam no quarto da minha mãe, no berço. (Romilda Ribeiro, mãe, 62)

Romilda conta que as coisas eram “divididas” com as irmãs. Uma pegava as coisas da outra. Além disso, os mais velhos passavam as suas roupas para os mais novos.

Era assim, cada um tinha a sua roupinha de pobre. Antigamente, não tinha esse negócio de maquiagem, essas coisas. Cada um pegava um pouquinho da outra. Se você tinha alguma coisa a mais, dividia com a outra irmã. Sempre a mais velha tem mais do que o mais novo. Quando ficava pequeno na Marília, dava para mim, quando não dava na Neusinha, passava para Marília, e foi passando de um para o outro. E fomos vivendo assim. (Romilda Ribeiro, mãe, 62)

A criação que teve quando criança, de “dividir” tudo com seus irmãos, Romilda fez questão de passar também para suas filhas. “Fomos criados assim”; “a criação que você recebe, você passa”.

Pelo menos na minha família, nas casas das minhas irmãs, é assim também. Nós fomos criados assim. Então, eu acho que é isso que funciona. A criação que você recebe, você passa. Então, aqui também é assim, divido. (Romilda Ribeiro, mãe, 62)

As filhas de Romilda fazem eco ao discurso da mãe. Denise conta que a sua mãe “sempre ensinou a gente a dividir”. Mas ressalta que cada uma tinha as suas coisas, que era comprado um item para cada uma, e não para “dividir” entre elas. Elas podiam, no entanto, pegar as coisas umas das outras, sempre pedindo antes.

Diana confirma o que Denise relatou sobre não compartilharem as suas roupas, mas que podiam pegar uma das outras se quisessem. Cada uma tinha uma porta do guarda-roupas. Em seu relato, Diana emprega o termo “dividir” com dois sentidos diferentes: o de compartilhar e o de separar. Ela e as irmãs “dividiam” – no sentido de compartilhar – o mesmo quarto e as coisas da casa; e “nunca dividimos, era tudo de cada um” – no sentido de ter roupas e sapatos próprios, de cada uma, separadamente.

As quatro irmãs dormiam no mesmo quarto, equipado com dois beliches. Assim ficaram até o nascimento do primeiro neto, quando o marido de Romilda transformou a copa novamente em um quarto, como era a planta original do apartamento.

Aqui o meu marido tinha feito uma copa. E onde era o quarto dos fundos, tinha beliche. Elas dormiam em beliche. As quatro. Dois beliches. Quando o Diogo nasceu, eu fechei para a Dirce ter o quartinho dela, porque a Dirce dormia no quarto com o filho dela, com as meninas. Dormia no beliche de baixo. Tinha vezes que ele dormia comigo e com o avô, era muito agarrado ao avô. (Romilda Ribeiro, mãe, 62)

A mesma criação que Romilda recebeu de seus pais, de compartilharem seus bens, mesmo tendo suas próprias roupas, ela deu às suas filhas e essas parecem ter adotado também para seus próprios filhos. O mesmo parece acontecer com os primos delas, todos “se tratam como irmãos”.

Evandro também foi criado compartilhando seus bens com seus seis irmãos. Eles cresceram em uma casa de um quarto em Realengo, onde ainda mora seu pai. Evandro dormia no quarto com os pais e o restante dos irmãos dormiam na sala, em colchonetes.

Um quarto, uma sala, uma cozinha e um banheiro. Todo mundo ali. Eu sou o mais novo da família. Eu lembro que eu tinha uma cama ao lado da cama da minha mãe e do meu pai. Meus irmãos dormiam na sala. Fazia a cama no chão mesmo, com o colchonete. Mas no chão, na sala. (Evandro Ribeiro, genro, 34)

Evandro conta que nunca tiveram “individualismo” e que um podia usar as coisas do outro, até por falta de condições financeiras de terem as coisas segregadas. Para ele, “todo mundo consumir” junto é reflexo de “todo mundo ser irmão”; uma forma de “nos ajudar”.

Individualismo a gente nunca teve, não. Se eu tenho alguma coisa, você pode usar e tudo mais. A pasta de dente é aquela ali para todo mundo. A gente tinha muito uma coisa assim, uma blusa nova que eu queria botar. O Reinaldo é um cara muito social. Meu irmão, Reinaldo. Então, se eu ia a um casamento, eu: “Cadê aquele blusão? Você não tem nenhum blusão aí, não?”. “Tenho!”. E isso mesmo depois de eles terem saído de casa. A gente sempre foi assim. Não tinha essa coisa de “ah, isso aqui é meu, só eu uso”. Isso a gente nunca teve, não. Condição você não tinha para isso. Era aquilo ali, vamos todo mundo consumir, vamos todo mundo ser irmãos, mesmo. E vamos nos ajudar. (Evandro Ribeiro, genro, 34)

Diana usa o mesmo termo utilizado por Evandro, “individualismo”, para contrapor o compartilhamento que fazem em suas casas. Ela descreve a situação de uma amiga que, quando viaja ao Rio de Janeiro, ao invés de ficar na casa da irmã dela, fica na casa de Romilda, onde têm mais “liberdade”. Da mesma forma, Diana reflete sobre outras famílias que não compartilham, “não dividem”, “é cada um com o seu”.

Posso dizer dos amigos. Além de a família não ser tão unida, é um para lá e outro para cá. Tem muito individualismo. Essa minha amiga não vem para casa da irmã dela. Ela tem muito mais liberdade na minha casa do que na casa da irmã dela. E eu, a mesma coisa. Eu tenho mais liberdade na casa dela, do que a própria irmã dela. As outras famílias não dividem, não. É, cada um com o seu. É o que eu estou falando, não tem essa coisa do compartilhar, não. É cada um com o seu. “Esse é meu”, “esse é seu”, “esse é da minha mãe”. Não dividem, não. (Diana Ribeiro, filha #3, 40)

Também Denise usa o termo “individualismo” para descrever outras pessoas e outras famílias. Denise vê sua família como sendo atípica, sendo mais comum as famílias criarem territórios individuais em casa, “tem pais que nem entram no quarto dos filhos”.

As pessoas criaram muito individualismo. A gente é bem atípico, mesmo. Em outras famílias é muito “é meu”, “é meu”, “é meu”. Tem pais que nem entram no quarto dos filhos. Aqui não. Aqui a gente tem liberdade de um entrar no quarto do outro, de ir lá, mexer, pegar. Em outros lugares, não. A gente não vê dessa forma. (Denise Ribeiro, filha #4, 37)

Além das quatro filhas, Romilda também criou uma das irmãs desde que essa tinha oito anos. Compartilhava o quarto das quatro meninas. Enquanto ainda era possível, Diana e Denise dormiam na mesma cama, liberando espaço para a tia. Depois, trocaram de quarto com a mãe, por esse ser maior:

E minha mãe ainda tinha uma irmã. A minha mãe criava uma irmã dela. A minha tia, com oito anos, pediu para a minha mãe para vir morar com ela. Falou com meu pai e minha mãe trouxe. No quarto eram dois beliches e tinha uma cama auxiliar. Dividia. Mas quando a gente era pequena, eu e a Diana, que é mais velha do que eu, dormíamos as duas na mesma cama. Quando começamos a crescer, a minha mãe pegou, saiu do quarto dela, que era o maior, que é o que eu fico, e foi para aquele quarto menor, dos fundos. E lá a gente se dividiu melhor. (Denise Ribeiro, filha #4, 37)

A acolhida feita por Romilda à irmã, criando como uma filha, é uma forma de compartilhamento aberto. Foi inicialmente também um compartilhamento externo, por envolver alguém que não morava com a família. A partir de então, a irmã foi integrada à família estendida residente e os cuidados com ela passaram a ser uma forma de compartilhamento interno.

Romilda continuou praticando compartilhamento aberto e externo ao longo de sua vida. As filhas que casaram e saíram de casa voltaram a morar com ela em algum estágio de suas vidas, como conta Denise: “Todo mundo já morou aqui. Todas as minhas irmãs já moraram aqui, com os maridos”. Romilda mantém as portas abertas para qualquer uma delas que precisar: “Eu falo para elas: o apartamento é nosso. Quem precisar, está à disposição”.

Se Romilda oferece para acolher as filhas com suas famílias, em uma forma de compartilhamento aberto, há também os momentos que o compartilhamento vem de modo demandado. Foi o caso da ida de Denise e Evandro para o apartamento de Romilda. Denise pediu para irem para lá, e Romilda prontamente os acolheu. Na versão de Evandro, a oferta foi feita por Romilda, em uma forma de compartilhamento aberto.

A Denise morava de aluguel, mas ficou apertada. Ficou desempregada e teve que vir para cá. Casa de mãe sempre tem um cantinho para acolher. A gente fica nessa: acolhe um, acolhe outro... Mãe é para essas coisas. Então a Denise voltou, porque não deu para pagar aluguel, porque ficaram os dois desempregados, ela e o marido. Então pediu: "Mãe, tem um lugar?". "Tem, vamos embora". (Romilda Ribeiro, mãe, 62)

A gente veio numa dificuldade. Uma dificuldade. Difíceis as coisas para a gente, não estava conseguindo segurar as pontas. A gente olhou para um lado e para o outro e ela falou: “Por que esse desespero se vocês podem ficar comigo? Venham. Meus braços estão abertos! Estou igual Cristo esperando vocês!”. Então a gente pegou e falou: “É melhor, não é?”. (Evandro Ribeiro, genro, 34)

Uma vez instalados na casa, Evandro conta como mesmo sendo “agregado”, ele tem acesso aos diversos bens de consumo, sem precisar pedir. Ele dá o exemplo do acesso livre aos alimentos que estão na geladeira, também em uma forma de compartilhamento aberto.

Ah, coisas de consumo, não preciso pedir. Por exemplo, na geladeira. O que tem lá, eu posso pegar. Não tem essa coisa assim. Você vê um bolo, você vê uma coisa diferente, você: “De quem é esse bolo que está aí?”. “Ah, não é de ninguém”. “Ah, então eu vou pegar”. Normal. Por mais eu ser agregado, não tem problema, não. (Evandro Ribeiro, genro, 34)

Situação parecida de retorno à casa da mãe aconteceu com Daiana. Quando se separou, pediu para voltar. Romilda conta como sendo “a minha luta, soltar e receber” os filhos, compartilhando sua casa com eles sempre que precisem.

A Daiana foi a primeira ter filho. Depois que o pai dela morreu, ela se separou e ela veio para cá. Essa é a minha luta, soltar e receber. É assim que faz: "Ah, mãe, estou precisando...". "Pode vir". Vai ser sempre assim. Até quando Deus quiser. (Romilda Ribeiro, mãe, 62)

Mesmo não morando mais no apartamento, as duas filhas mais velhas de Romilda têm acesso livre ao apartamento. Elas têm a chave e não precisam avisar quando vão para lá. Podem mexer em tudo do apartamento, inclusive nas coisas das irmãs. Esse acesso irrestrito é uma forma de compartilhamento externo, dado que elas não moram no local, e aberto, pois não é solicitado.

Esse compartilhamento com todas as filhas e agregados não vem sem inconvenientes. Romilda, que sofre de labirintite, relata se refugiar ao seu quarto quando a discussão está mais animada na sala. E Evandro relata que se sente incomodando os demais por estar morando na casa da sogra, sonhando em ter sua própria casa para morar. Denise faz eco quanto ao sonho do marido de ter seu próprio canto, mesmo sabendo que a mãe não se importa em tê-los consigo. O refúgio eventual da mãe a seu quarto em momentos de discussão na sala e o incômodo sentido por Evandro em morar na casa da sogra e de assim tirar a privacidade dela remetem a um compartilhamento forçado.

Quando eles ficam falando muito, sabe o que eu faço? Pego, vou lá para o meu quarto, fecho a porta, fico lá, quietinha. Quando acaba a discussão, eu volto. "Já pararam de falar alto?". Que falam alto. É isso. O meu tempinho é assim, quando está todo mundo junto, então dá aquela... Porque eu tenho labirintite. Então, quando falam muito, o ouvido começa a chacoalhar. (Romilda Ribeiro, mãe, 62)

A gente acha assim, que a gente, querendo ou não, não é que eu não tenha privacidade, é que eu tiro a privacidade. Isso é pior ainda. Mas isso aqui nunca, nunca teve problema. Mas eu, por mim mesmo, me cobro. Acho que já tinha que ter uma casa própria, já tenho 34 anos. (Evandro Ribeiro, genro, 34)

A gente tinha ficado desempregado e não tem casa própria. A minha mãe sempre abre as portas para a gente. Então a gente veio morar aqui. Graças a Deus, ele arrumou um emprego em julho e eu arrumei em agosto. Estamos procurando nos estabilizar de novo, ver as nossas coisas, para a gente poder... Mas a gente também está querendo ver pela Caixa se consegue alguma coisa, para sair para o que é nosso. Para não ter que ficar indo e voltando sempre da casa da minha mãe. Sendo que minha mãe não liga. Ela fala: "Isso aqui é de vocês". Mas a gente também tem que ter nosso próprio canto. (Denise Ribeiro, filha #4, 37)

O compartilhamento aberto e externo praticado pela família Ribeiro não se restringe a outros familiares. Recebe também amigos que, quando visitam, têm a opção de dormirem por ali. Isso acontecia com mais frequência quando eram mais jovens – atualmente reduzido por muitos terem carro e, portanto, a facilidade de retornarem para suas casas ao final dos eventos.

Minha mãe sempre deu essa liberdade para os amigos. Que são amigos, mesmo. Não são colegas, são amigos que frequentam a nossa casa, que têm liberdade para dormir, para sair, para virem a hora que quiserem. Aniversário, sabem que é aniversário e vêm. Se tiverem que dormir, dorme todo mundo, não tem problema. “Vou dormir aqui”. Vem, chegou, dormiu. Apesar de que hoje não é mais assim, porque todo mundo tem seu carro, vai e volta. “Ah, não, tem muita gente na casa, eu vou para casa”. Mas, se tiver que ficar, pode ficar, não tem problema nenhum. Não tem. Minha mãe não tem isso e a gente também não. “Vou dormir, vou ficar para dormir”. A gente já vai, ajeita... Dorme aqui, dorme aqui... É assim. Com todo mundo. (Diana Ribeiro, filha #3, 40)

Quem opta por dormir na casa da família, caso precise de alguma roupa extra, recebe emprestada de alguém da casa. Diana comenta que nem precisam pedir de volta, pois as pessoas mesmo tratam de devolver o que pegaram emprestado.

Outra forma de compartilhamento aberto é a ajuda financeira que uns dão aos outros. Sílvio, marido de Diana, ajuda com as despesas da filha. Mas como Diana está desempregada, as suas irmãs e mãe logo se oferecem para ajudar também com as despesas de Nívea, como uniforme, material escolar, roupas e assim por diante. O mesmo ocorre se uma das irmãs precisar de ajuda financeira – as demais e sua mãe correm em seu socorro, oferecendo ajuda. Algumas vezes, Romilda organiza os esforços, avisando a alguma delas que outra precisa de dinheiro para alguma despesa.

Ao falar sobre as suas visões de o que é compartilhar e o que é emprestar – se são a mesma coisa ou coisas diferentes – Romilda diz vê-los como coisas diferentes. Para ela, emprestar requer que o bem seja devolvido. Já compartilhar, você não cobra uma devolução e o item permanece disponível. Dando o exemplo de dinheiro, você pode tanto pedi-lo emprestado – e deverá depois devolver o valor – como pode pedir para ser dado, que Romilda encara como uma forma de compartilhamento.

Eu acho que emprestar é: você empresta uma coisa que você quer que devolva. Compartilhar é: você está ali, com aquela pessoa sempre, vai compartilhar alguma coisa sem cobrar nada. Empréstado, você cobra. Compartilhar, não. É a mesma coisa que você ir num bar, vai dividir a despesa, está compartilhando aquilo ali. Empréstado não. "Ah, hoje, eu estou sem dinheiro, você me empresta?". Empréstado, você tem que devolver. Essa é a minha concepção de emprestar e compartilhar. Eu acho que é assim. A única coisa que é emprestado aqui é o dinheiro. Se me pediu, "Mãe, me empresta R\$ 50?", vai ter que me devolver. Mas, se fala: "Mãe, você tem tanto para me dar?", eu dou, então é compartilhado. Empréstado é emprestado. É assim. (Romilda Ribeiro, mãe, 62)

Já para Diana, compartilhar, emprestar – e dividir – são a mesma coisa. Ela explica que em sua casa todo mundo sempre pode pegar as coisas uns dos outros, mesmo que os pais comprassem coisas específicas para cada um. Mesmo algo sendo dela, todos podiam usar. Tudo é “dividido” entre todos. Caso não fosse, seria “egoísmo”.

Para mim, o compartilhar, emprestar, dividir, é a mesma coisa. Porque a gente cresceu assim, aqui em casa a gente cresceu assim. A gente nunca teve, apesar do meu pai e da minha mãe sempre comprarem coisas específicas para cada um, mas não que aquele meu “Esse telefone é seu, esse é seu, esse é seu...”. Não que aquilo fizesse eu falar para as minhas irmãs “Você não pode usar”. Nunca teve isso. Era meu, mas todos podiam usar. Então, para mim, compartilhar e dividir são a mesma coisa. Empréstado também. São a mesma coisa. Todo mundo pode usar o que é meu, sem problema algum. Não tem essa coisa. Eu acho que quando você se priva, dizendo “é meu”, eu acho que se torna egoísmo. E a gente nunca teve isso, dentro de casa e fora. Porque meu pai sempre foi de dividir tudo. Minha mãe sempre... Porque se fosse só entre eu e minhas irmãs, seria porque são filhas. Não, a minha mãe sempre ensinou a gente a dividir com todo mundo. Com meus primos, com os amigos, com todo mundo. (Diana Ribeiro, filha #3, 40)

Denise segue a mesma linha de Diana. Para ela, emprestar e compartilhar são a mesma coisa, conforme ensinado por sua mãe. Também se remete ao termo “egoísmo” para ilustrar o que seria uma situação diferente da vivida por sua família, em que um não deixaria os outros usarem suas coisas.

É igual. Porque depende de como cada um aprendeu a lidar com isso. Como eu lhe falei, a gente tem uma criação que a minha mãe deu para a gente, em que emprestar e compartilhar são a mesma coisa. A gente sempre respeitou o espaço do outro. Por exemplo, desde pequeno, “esse brinquedo é meu, mas pode usar!”. A gente sempre compartilhou tudo. Então a gente não tem aquele egoísmo: “Não, é meu!”, “Não, não mexe nisso que é meu!”. Não, não existe “meu”, não existe “seu”. Existe que “é nosso”. Aqui na minha família são a mesma coisa. (Denise Ribeiro, filha #4, 37)

Já quando se trata de compartilhar ou emprestar fora de casa, Denise vê diferença, já que “o ser humano é complicado”. A elaboração que faz sobre emprestar e compartilhar no ambiente do trabalho ajuda a entender seu ponto de vista sobre em casa as duas modalidades serem a mesma coisa: depende das pessoas com quem se está tratando, das relações de confiança e de responsabilidade individual no uso dos recursos. Exemplificando com situações de trabalho, Denise diz que o telefone é compartilhado, pois todos usam e não fica com ninguém específico e, se quebrar, todos serão responsáveis. Já os materiais de trabalho e o computador não são compartilhados, esse último sendo inclusive bloqueado com senha, de modo que cada um é responsável individualmente pelo uso do computador sob uso de uma determinada senha. Como ela explica, “porque a gente não está no coração de ninguém”, diferentemente do que ocorre no ambiente de sua casa. Em casa, “não tem ‘meu’ e ‘seu’”, fazendo com que empréstimo e compartilhamento se aproximem (Denise Ribeiro, filha #4, 37).

Fora da casa as pessoas já são mais... O ser humano é mais complicado. A gente sempre tem que manter os limites. Porque quando a gente não dá limite... Fora de casa é diferente de em casa. No trabalho tem dois telefones celulares dentro do operacional. Todo mundo compartilha aquele telefone e aquele telefone não fica com ninguém. Mas o meu material de uso é meu. Eu empresto, depois me devolve, porque é responsabilidade minha, eu não posso compartilhar. Porque se avariar ou sumir, vai ser responsabilidade minha. Então, eu empresto. Telefone não, é compartilhado. Se o telefone escangalhar, todo mundo vai responder por aquilo. Computador cada uma tem o seu. Eu não me importo de se sentarem na minha mesa, mas eu fecho todos os programas que tão abertos para ninguém mexer, usar minha senha e falar fui eu. Então quando eu saio, fecho. Porque a gente não está no coração de ninguém. Se a pessoa está sentada no meu computador, eu não mando sair. Eu espero acabar e sento. É muito difícil, mas acontece. Alguém quer alguma coisa? Eu vou lá e mexo. Porque é a minha senha que está ali. Fora de casa, eu entendo dessa forma. Mas dentro de casa, não. Dentro de casa não tem “meu” e “seu”. (Denise Ribeiro, filha #4, 37)

Evandro, por sua vez, vê o compartilhar como sendo diferente do emprestar. A forma que ele exemplifica para explicar sua visão segue um caminho diferente do adotado por Romilda. Para Evandro, emprestar e compartilhar diferem no sentido de emprestar haver uma transferência temporária da posse do bem. Uma ideia, por exemplo, não pode ser emprestada porque não há como se fazer a transferência – quem deu a ideia e quem recebeu ficam, ambos, com ela na cabeça. Já um celular pode ser emprestado, pois “nem que seja por três segundos”, ele é transferido de uma pessoa para outra (Evandro Ribeiro, genro, 34).

O compartilhar é diferente do emprestar. Porque tem coisa que eu não lhe empresto, mas eu compartilho com você. Por exemplo, a sua ideia. Se a gente compartilhar da mesma ideia. Você está compartilhando. Não é um empréstimo porque ela é sua, ela está com você, e eu só compartilhei. O emprestar é desde o momento que eu falei: “Você me empresta esse celular aqui?”. Eu fico com ele, na minha visão. Nem que seja por três segundos, cinco segundos. Ele está comigo. Eu acho que o emprestar é desde o momento em que você fica com aquilo algum tempo. E o compartilhar nem sempre você precisa ficar com aquilo. (Evandro Ribeiro, genro, 34)

Com pessoas de fora da casa, Evandro diz que vai decidir emprestar ou compartilhar algo dependendo da relação que essa pessoa tenha com eles, “se for uma pessoa que a gente conheça, que seja do nosso convívio”. Caso contrário, “eu já vou me frear” antes de emprestar ou compartilhar algo (Evandro Ribeiro, genro, 34).

Depende. Porque nem sempre quem mora fora da casa é uma pessoa bem-vinda. E nem sempre não é bem-vinda. Se for uma pessoa que a gente conheça, que seja do nosso convívio, e a pessoa de repente precisa de uma camiseta porque ela veio resolver um problema... Um amigo lá de Realengo: “Preciso no INSS resolver um problema, só pode ir de calça”. Então eu falei: “Cara, mas minha perna é pequenininha!”. “Ah, vai, me empresta aí, vamos ver como é que vai ficar”. Para mim, é isso. Ele foi, ficou um tempo [com a calça], e voltou. Agora, eu não vou compartilhar ou emprestar para uma pessoa com quem não tenha um convívio. Eu então já vou me frear. (Evandro Ribeiro, genro, 34)

Evandro traz outros exemplos de compartilhamento, aproximando-o de uma experiência conjunta, uma “vivência” comum. Seria o caso do compartilhamento de um bolo ou uma pizza. Ele usa esse último exemplo para diferenciar o compartilhamento do empréstimo: “eu não estou lhe emprestando um pedaço de pizza; eu estou compartilhando uma pizza com você”, “estamos dividindo” (Evandro Ribeiro, genro, 34). Em contraposição, no empréstimo cada um usa o bem separadamente, como no empréstimo de uma chave – fica momentaneamente com a outra pessoa, e depois é devolvida.

No emprestar, você vai levar consigo. E no compartilhar, você vai vivenciar. O bolo: o bolo a gente não compartilha? A pizza: a gente está compartilhando, não está? Agora, eu não estou lhe emprestando um pedaço de pizza. Eu estou compartilhando uma pizza com você. Estamos dividindo. O emprestar é aquilo: olha, vou lhe emprestar minha chave. Você desce lá no portão, você vai para a sua casa, amanhã quando passar por aqui você me devolve. Isso eu estou lhe emprestando. (Evandro Ribeiro, genro, 34)

Finalmente, surge ainda pelos exemplos dados por Evandro a noção de dádiva como “emprestando sem volta”. Ele conta de uma situação que passou no Centro da cidade. Uma pessoa precisava de ajuda para pagar o seu bilhete de ônibus. Ele lhe deu R\$ 5, dizendo “estou dividindo com você o que eu tenho” e então explicando à pesquisadora: “estou compartilhando com ele e lhe emprestando, sem volta”, ou seja, sem devolução do bem emprestado. Complementa dizendo “eu compartilhei dinheiro, eu emprestei, eu sei que não vai ter volta”. Para Evandro, nesse evento ele tanto dividiu, como compartilhou, e emprestou sem volta o dinheiro da passagem.

4.12. Família Dias

A família Dias é numerosa, contando com nove pessoas habitando o apartamento de dois quartos em Olaria. A chefe de família é Francisca, viúva, mãe de cinco filhos. Apenas o mais velho não mora mais com ela. Vivem na casa também uma nora, um genro e dois netos. Os membros da família Dias são mostrados no Quadro 4.12. Foram entrevistados quatro adultos: a própria Francisca; seus filhos Maria e William; e sua nora Joyce. As entrevistas contaram ainda com alguma participação dos netos, que demandavam atenção dos entrevistados e, em especial, se mostravam especialmente interessados e curiosos com a visita. Também estava presente no lar a filha Roseli.

Quadro 4.12 – Perfil dos membros da família Dias

Papel	Nome	Idade	Descrição	Profissão
Pais	Francisca	46	Chefe do lar	Dona de casa e Pensionista
Filhos	Maria	21	Filha #2 de Francisca	Operadora de telemarketing
	William	19	Filho #3 de Francisca	Gerente de pagode
	Walter (*)	18	Filho #4 de Francisca	(Não informado)
	Roseli (*)	16	Filha #5 de Francisca	Estudante
Netos	Michel (*)	5	Filho de Maria	-
	Yara (*)	1,5	Filha de Maria	-
Outros	Ivan (*)	N/I	Namorado de Roseli	Militar
	Joyce	20	Namorada de William	Cabeleireira

(*) Não entrevistados; N/I: Não Informado

Francisca tem 46 anos e foi criada desde os quatro anos no Rio de Janeiro, tendo nascido no Rio Grande do Norte. Cresceu no Complexo da Maré, onde sua mãe vive. Seus três irmãos moram em Bonsucesso, assim como o pai. Mudou-se da casa onde cresceu para casar aos 16 anos. Ficou casada por 22 anos, e é viúva há 8 anos. Seu marido, bem mais velho do que ela, era militar reformado e trabalhava como segurança privado. Do casamento anterior, ele tinha dez filhos. Três deles – um menino e um casal de gêmeos – foram criados por Francisca e seu marido, juntamente com os cinco filhos que ela veio a ter com ele. Os três filhos do marido estão casados e não moram mais com ela.

Francisca trabalhava em uma creche infantil até semanas antes da entrevista. Ela diz amar crianças e seu trabalho lhe permitia esse deleite diário. Trabalhava inicialmente na cozinha da creche e então na faxina, quando passou a ter uma forte tendinite que a fez pedir para sair do emprego. Sente falta do contato com as crianças e planeja voltar a trabalhar em algum momento, “porque eu amo criança”.

Maria foi a segunda entrevistada, depois de Francisca. Ela é separada e tem dois filhos, Michel e Yara. Está morando novamente na casa da mãe há cerca de um ano enquanto aguarda seu apartamento fornecido por um programa governamental de moradia. Antes morava no Complexo do Alemão. Recentemente conseguiu emprego como operadora de telemarketing buscando obter doações para uma instituição, ganhando um salário fixo e uma parte variável dependendo do volume de doações que ela consiga obter em seus contatos telefônicos. Antes, trabalhava principalmente como promotora de eventos e degustações de alimentos. Apesar de não manter contato com o ex-marido, seus filhos frequentemente passam tempo com ele nos finais de semana.

A nora de Francisca, Joyce, foi a terceira entrevistada. Joyce é cabeleireira e trabalha com a mãe no salão que essa mantém nos fundos de sua casa, localizada também no bairro de Olaria. Namora com William há cerca de dois anos, tendo se mudado para a casa de Francisca há oito meses. Ela tem um irmão mais velho, casado e com uma filha, e uma irmã por parte de mãe, de dez anos. A irmã mora com a mãe, assim como a avó e o atual marido da mãe. Joyce mantém contato com o pai, que mora em Rio das Ostras juntamente com a filha dele de quatro anos.

William foi o último entrevistado. Menos conversador que os demais, é gerente de pagode, responsável pela organização logística da roda de samba, incluindo o suprimento de bebidas para revenda, a iluminação e a limpeza do local. Com 19 anos, parou de estudar na sétima série, pretendendo voltar a estudar em um curso supletivo para poder fazer prova para a Polícia Militar. Assim como seu pai, diversos outros parentes foram militares.

O apartamento em que moram pertence à família há 23 anos. Todos os filhos nasceram lá, assim como os dois netos. Ele fica localizado em um edifício em frente a um conjunto habitacional popular, com fachada de pintura recente e bem arrumada. Há um portão com interfone para os apartamentos, um corredor de entrada, hall e escadas. O apartamento da família é no andar térreo, tendo vista para o estacionamento do prédio, aos fundos da construção.

O apartamento tem tamanho mediano. São dois quartos, sala, cozinha e banheiro, além de um tipo de varanda coberta ligada à sala, atualmente utilizada como área de serviço e depósito de objetos. Na sala há um sofá com cinco lugares e um pufe, além de uma televisão tela plana pequena posicionada em um *rack*. Não há mesa de jantar ou cadeiras, apesar de ser relativamente espaçosa. Todos os ambientes têm piso frio, colocado sobre o piso de taco de madeira original dos cômodos, havendo cerâmicas diferentes colocadas pela casa. As paredes estavam parcialmente pintadas e, em muitos locais, rabiscadas pelas crianças.

O quarto dos fundos é de William, que ali dorme com Joyce, eventualmente compartilhado também com Yara, em busca do ar condicionado. O quarto da frente é ocupado por Francisca e, via de regra, pelos netos. Os demais compartilham a sala para dormir: Roseli, seu namorado Ivan, e Maria. Walter fica parte do tempo na casa da namorada, mas quando está na casa da mãe, dorme com a mãe, provocando ciúmeira do neto, Michel, que não gosta de compartilhar a avó com o tio.

“Vovó, tira ele daqui, vovó. Manda ele para a casa dele, vovó”. E briga. “Manda ele para a casa dele, vovó”. (Francisca Dias, mãe, 46)

No momento eu durmo na sala. As crianças dormem com a minha mãe porque já são um grude, eu fico aqui pela sala mesmo. Tem o outro quarto, do meu irmão. E a minha irmã também dorme aqui. O meu irmão dorme lá dentro com a mulher dele. Como a família é grande, sempre foi grande, muito irmão, não tem esse negócio de quarto, essas coisas, não. Então eu também nunca liguei, não. (Maria Dias, filha #2, 21)

Ao serem perguntados o que era de quem na casa, a maior parte das respostas acabaram convergindo para “tudo é de todos”, apesar de terem partido de pontos diferentes. Francisca primeiramente descreveu praticamente tudo sendo seu, fazendo exceção ao computador do filho William, que fica no quarto dele, e à televisão em seu quarto, que Michel ganhou de presente.

O que tem aqui é tudo é meu. Tudo é meu. A única coisa que é dele lá é o computador. É do William. Mas as coisas aqui são tudo minhas. Tudo meu. E tem a televisão do Michel. Ele fala assim, “vovó, essa televisão é minha, não é, vovó?”. “É, é sua”. É dele, porque a menina deu para ele. Foi dada para ele, ele sabe que é dele. Às vezes o tio vai lá, muda o canal. “Vovó, essa televisão não é minha? Por que é que o tio está trocando o canal?”. Eu falo, “não, filho, deixa ele trocar o canal também”. “Está bom. Mas é minha, não é?”. Eu falo: “é”. (Francisca Dias, mãe, 46)

No entanto, conforme descreve o uso das coisas na casa, ela afirma que as coisas são “de todo mundo”. Ela cita como exemplos o telefone residencial, a geladeira e a televisão da sala. Todos podem usar.

O telefone residencial é de todo mundo. A geladeira também, porque todo mundo usa. É de todo mundo. A televisão também. É, todo mundo. Não tem nada disso de “isso aqui é meu, só meu e ninguém pega”. É de todo mundo. (Francisca Dias, mãe, 46)

William logo comenta que “tudo é de todo mundo”, independentemente de quem comprou. Cita o exemplo da televisão da sala, comprada por ele, mas “é de todo mundo”. O computador ele destaca que é dele – assim como o *notebook* é da irmã – mas que quem quiser usar, pode usar.

Eu acho que não tem isso, de o que é de quem, não. Tudo é de todo mundo. Por mais que a televisão tenha sido eu que comprei, mas é de todo mundo. Assim como tem coisas que eles compraram e são de todo mundo. Não tem isso, esse negócio de dizer “É meu porque fui eu que comprei”. Todo mundo pode usar tudo. Sem problemas. O computador é meu também, mas se eles quiserem mexer, eles mexem. Tem o notebook da minha irmã e quem quiser mexer, mexe. Sem problema nenhum. A minha irmã pede para usar meu computador. Se eu não tiver fazendo alguma coisa de interessante, eu deixo. (William Dias, filho #3, 19)

Joyce faz coro. Ela comenta que “é tudo de todo mundo”, dando os exemplos da sala, da cozinha e do guarda-roupas, que é compartilhado por todos. Faz uma diferenciação, no entanto, para o quarto dos fundos, que é de seu namorado, onde ele tem as coisas dele, inclusive o computador. De resto, “tudo é de todo mundo”.

Chega a ser engraçado. É tudo de todo mundo. Aqui, a sala, é tudo de todo mundo. A cozinha, é tudo de todo mundo. Tem o quarto aqui e tem o quarto dos fundos. O quarto dos fundos, no caso, é do meu namorado. Tem lá o computador, as coisas lá que são do uso dele. Aqui tem o guarda-roupas. O guarda-roupas todo mundo bota roupa. Cada um tem a sua parte, as roupas de cama tem um lugar, as toalhas tem um lugar. Mas é aquilo, é tudo de todo mundo. (Joyce Dias, nora, 20)

A exceção nas respostas convergindo para “tudo é de todos” na casa está no discurso de Maria, que apenas diz que o seu celular e as suas roupas são suas, e o restante é todo de sua mãe.

O meu celular é meu. E as minhas roupas. Só. Só isso que é meu. A maioria das coisas aqui são da minha mãe. Eu dei a geladeira para a minha mãe. O resto é da minha mãe, tudo é da minha mãe. Minha mãe sempre comprou tudo. Como eu falei, ela é a cabeça da casa. (Maria Dias, filha #2, 21)

Alguns itens de higiene pessoal são compartilhados por todos. É o caso de xampu e de sabonete. William descreve o xampu como sendo de uso “dividual” (*sic*), indicando ser dividido e não de uso individual: “Xampu já é “dividual” (*sic*). Individual não, “dividual”. Todo mundo usa o mesmo. Sabonete também”. A exceção para o xampu ocorre com Joyce, que lava seus cabelos no salão da mãe: “Xampu eu uso lá no salão. Eu tenho o costume de lavar a cabeça lá, que aí lava o cabelo e faz lá. Eles têm um que eles todos usam, todo mundo. Um para todo mundo”.

Já quanto a toalhas e lençóis, William conta que não são compartilhados com os demais, mesmo após lavados. “Toalha, não. Toalha é separado. Cada um tem a sua. Pelo menos as minhas são assim. Porque as minhas toalhas eu comprei separado. É que nem roupa. Lençol também. Lençóis, os meus são os meus”. William diz que “é que nem roupa” porque ele também não compartilha suas roupas:

Nunca gostei de pegar roupa de ninguém. Eles pegavam muito as minhas. E então eu tinha que jogar fora, ou dar para eles. Nunca pediram, nunca pedem para pegar. Eu nunca gostei que saíssem com a minhas roupas para a rua, porque depois vão me ver e vão falar “olha lá com a roupa do irmão!”. Porque se eles pegavam minha roupa, e se eu então pegasse para usar, os outro iam falar que eu estava usando a roupa deles, sendo que era minha. (William Dias, filho #3, 19)

Já as mulheres da casa costumam trocar roupas, principalmente entre Maria e Roseli e, mais recentemente, também Joyce:

Roupa elas gostam de pegar emprestado entre elas. Elas gostam. Eu estou gordinha, e a mais gordinha é a Roseli, mais fortinha do que a outra que já é magrinha. Então tem coisas que não dão nela. Falei “sorte sua”, mas a minha filha que é mais gordinha, pode usar as minhas coisas. Eu não pego, não gosto. Os meninos são tranquilos, não gostam de usar do outro, cada um tem o seu. Mas, também, se precisarem pegar alguma coisa, eles não esquentam. Empréstam também, mas cada um gosta do que é seu. (Francisca Dias, mãe, 46)

A Roseli pega minhas roupas, pego as dela também. Até a minha cunhada agora está nesse rolo. É legal, sei lá, às vezes a gente quer trocar alguma coisa. Acaba trocando. “Toma, você fica com isso e eu fico com isso”. Hoje a gente pede emprestado, não pega. A Roseli se incomoda. Ela é chata. Eu peço, não pego, e ela empresta. Não querendo, mas empresta. Só quando eu pego sem falar com ela. Mas quando eu peço, ela não liga, não. Eu também sou assim. (Maria Dias, filha #2, 21)

É muito difícil, mas mesmo assim... Às vezes a gente vai sair, e então tem um vestido, elas comentam “ah, não vai vestir bem, não. Bota esse vestido aqui, vai ficar melhor”. E não tem essa coisa, não. A gente quer o melhor uma para a outra. “Não, bota essa saia com essa blusa que vai ficar melhor em você, esse vestido está feio”. Não tem essa coisa de individualismo. (Joyce Dias, nora, 20)

O mesmo ocorre com sapatos. Uma pega emprestado da outra. Francisca diz que deixa as filhas usarem, porque para filho “a gente nunca nega”, mesmo mostrando algum desconforto. Ela não gosta de pegar dos outros, que “gosto do que é meu”. Maria calça o mesmo número que ela. Quem fica mais de fora é Joyce, que calça número bem menor que as demais mulheres na casa.

Tanto Maria quanto Francisca fazem uma ressalva. Nenhuma das duas gosta de emprestar algo seu que seja ainda novo. Querem poder usar primeiro. Quando o item já está usado, dizem não se importar em emprestar.

Se deixar, pega antes do que eu. Mas eu não gosto. Eu gosto de usar primeiro. “Deixa eu usar primeiro”. “Não, mãe, deixa eu usar”, “deixa eu usar”. “Ah, Maria, eu nem usei ainda”. Tem a Roseli também. “Ah, Roseli, nem usei ainda”. “Mas é para eu ir ali”. “Então está bem, não é, fazer o quê?”. Então eu deixo. Mas eu gosto de usar primeiro. Não é egoísmo, não. É uma coisa que, quando a gente compra, tem vontade de usar primeiro. Mas quando tem duas filhas mulheres... Quando já é usado, não me incomoda, não. (Francisca Dias, mãe, 46)

Antes a gente não se incomodava de emprestar roupa. Agora, sim. Uma pega da outra, mas tem um pouquinho de “não, não vai pegar não, é meu, é novo”. Quando é coisa nova, não pode. Se não é novo, então pode. Se não é novo pode, quando é novo, não pode, não. (Maria Dias, filha #2, 21)

Joyce empresta suas roupas também para a irmã de dez anos que mora com a mãe das duas. Apesar da idade, a irmã veste já as roupas de Joyce, sendo “maior do que eu”. Ela pede emprestado vestidos, bermudas e camisetas. Sapato não pede, pois calçam números diferentes. Joyce diz que “não ligo, se tiver que dividir a gente divide”, referindo-se a uma usar as coisas da outra. Joyce, inclusive, pede também roupas da irmã emprestadas para usar. Como Joyce considera que sua casa hoje é a em que mora, com a família do namorado, essa troca com a irmã pode ser considerada como um empréstimo para fora, para a família estendida ampliada.

Minha irmã agora que cisma. “Ah, me empresta? Eu vi você com um vestido. Ah, me empresta?”. Então eu levo, empresto, eu não ligo. Ela é muito grande. Ela tem dez anos, ela é maior do que eu. Então as bermudinhas dela dão em mim, camiseta, “me empresta sua bermuda?”. Sapato não dá porque eu calço 35 e ela calça 38. Ela tem dez anos. Então eu não ligo, se tiver que dividir, a gente divide. A gente pede para usar. Eu tenho roupa minha lá também. “Ah, Joyce, vou pegar”. Se eu estou aqui, se eu estou na minha avó, se eu estou em qualquer lugar, ela liga: “irmã, tem uma bermudinha sua aqui, eu estou indo para tal lugar, posso pegar?”. “Pode”. Não ligo não. Eu pego dela também. Ela deixa pegar. A gente vai e divide. (Joyce Dias, nora, 20)

Cada um dos adultos tem o seu celular. Não são compartilhados, mas caso precisem, podem pegar emprestado uns dos outros, usando os bônus fornecidos pelas operadoras de telefonia. William tem rádio, que às vezes é usado pelo irmão. Há também a situação relatada por Joyce em que se pede um celular emprestado quando o da pessoa está sem bateria.

Se celular cada um tem o seu, o mesmo não ocorre com televisão, havendo duas na casa: a da sala e a do quarto de Francisca, pertencente a Michel. William também usa seu computador para assistir televisão quando deseja. Mesmo a família sendo numerosa, não são relatadas discussões costumeiras sobre o uso das televisões, exceto algum pedido eventual feito pelas crianças para assistirem seus programas na sala ao invés do quarto no horário da novela – pedido prontamente negado pelos adultos.

A televisão é minha, praticamente minha, para eu ver. Adoro televisão. Tem televisão aqui na sala e no meu quarto. E às vezes no computador. Agora é mais moderno, pode ver televisão no computador também. Então não tem disputa, não. Se fosse uma só, ia ser briga de foice. Porque eu gosto de ver televisão. É, amo, amo televisão. O Michel gosta de ver, fica o dia inteiro vendo Discovery Kids. Direto. (Francisca Dias, mãe, 46)

Se televisão não é foco de discussões, o mesmo não pode ser dito do único banheiro da casa, compartilhado por todos. É unanimidade entre os entrevistados como ponto de disputa:

Ah, minha filha, banheiro aqui é crítico. Sempre tem um que gosta de ficar mais tempo. “Fulano, quero ir ao banheiro!”. “Calma aí!”. Porque, por exemplo, quando está frio, eles gostam de fazer sauna no banheiro. Quando você abre a porta, vem o vapor. Mas graças a Deus a resistência está queimada e então não tem nem mais briga. Mas a questão é o banheiro. E eu tenho, se eu pensasse, eu tinha que fazer mais um banheiro aqui. Porque é muita gente. Às vezes as crianças querem ir ao banheiro, “vovó, quero ir no banheiro, vovó, quero ir no banheiro” e tem gente lá dentro. E então a gente tem que ficar brigando: “Fulano, anda logo!”. “Fulano tem que trabalhar”, “fulano tem que sair!”. “Está bom”, e então sai. Falo “Deixa todo mundo sair que você pode até morar dentro do banheiro. Deixa o pessoal que tem que sair, que tem que ir no banheiro”. O negócio crítico é o banheiro. É um banheiro só. (Francisca Dias, mãe, 46)

Computador já foi motivo de disputa. Francisca teve um computador que todos queriam usar ao mesmo tempo. Francisca chegou a fazer uma escala para organizar a vez de cada um. Era tal a briga, relata Francisca, que “a vontade era de jogar no lixo”. Com o computador de William, que o empresta para quem precisar, e principalmente pelo uso ter se transferido para os celulares – por exemplo, pela disponibilidade de jogos e opção de acesso à internet – a disputa não ocorre mais. Uma das filhas de Francisca tem também um *notebook*, atualmente sem o cabo de alimentação, mas em uso eventual quando consegue um cabo emprestado.

Agora não tem muito isso, mas antigamente a gente tinha um computador. Era até briga. Como agora todo mundo tem celular, tem essas coisas assim, então não tem mais essa briga. Quase não tem mais. E também já está todo mundo grande. Antigamente éramos tudo criança e brigávamos. Agora não tem mais, não. (Maria Dias, filha #2, 21)

Francisca conta ainda que desejaria ter um quarto só para si. Quando o marido era vivo, o quarto em que dormia era compartilhado com ele – e com a filha caçula, Roseli, a única que o marido deixava entrar no quarto. Depois que ele faleceu, continuou compartilhando seu quarto com os familiares, até a data presente. “Nunca dormi sozinha”.

O que eu queria mesmo, literalmente, eu queria ter meu quarto só para mim. Eu poder chegar, entrar dentro do meu quarto, tê-lo só para mim. Desde que meu marido morreu, eu nunca dormi sozinha. Quando meu marido era vivo ele não admitia que os filhos batessem na porta do quarto, porque o quarto era meu e dele. Ele não admitia que um dos meu filhos entrasse no meu quarto para dormir. A única pessoa que entrou no meu quarto, porque ele tinha o maior xodó, é a Roseli, a gordinha. É a caçulinha. Mas eu queria tanto ter o meu quarto de volta. Só para eu chegar e dormir. Deitar, fechar a porta. Mas o Michel não deixa. Ele falou “vovó, esse quarto é meu, não é, vovó?”. Ele fala que o quarto é dele. “Ah, vovó, essa cama é minha e sua, não é, vovó?”. Eu falei “é”. Desde pequeno que ele mora comigo. (Francisca Dias, mãe, 46)

Ela explica que as únicas coisas que só ela usa entre os bens da casa são a cozinha e seu fogão. Depois revela que outras pessoas também cozinham, mas é o seu domínio, pois ela gosta de cozinhar e é geralmente quem prepara a comida na casa. Quando ela não está em casa, Joyce e Maria cozinham alguma parte da refeição. Depois do jantar, às vezes é Francisca que lava toda a louça e às vezes cada um lava seus pratos e copos. Como explica Joyce, “a gente divide as coisas, divide as tarefas de vez em quando”.

Quem faz as compras da casa também é Francisca. No entanto, cada um dos adultos ajuda nas despesas conforme a disponibilidade no momento. Maria recebe alguma ajuda financeira do pai das crianças. Não há uma contribuição fixa para cada um arcar com parte das despesas da casa. Quando alguém tem alguma disponibilidade financeira, ajuda comprando alguma coisa, mas sempre para ser compartilhado com os demais.

Eu que faço as compras, mas eles me ajudam também. Eu tenho a minha pensão, então eu faço as compras. Tem o pai das crianças que dá ajuda também. Ajuda com o salário mínimo que ele recebe. Eu compro o básico. Quando falta, às vezes um vai “ah, mãe, toma aqui, vai lá compra mais alguma coisa para completar”. A gente paga condomínio aqui também, que é R\$ 100. Mas no condomínio estão incluídas a água e a luz do corredor. A luz de dentro, a gente que paga. (Francisca Dias, mãe, 46)

Joyce se mostra disposta a ajudar também com os cuidados da casa. "Se tiver que ajudar, eu ajudo dentro de casa. Eu sou uma pessoa prestativa. Se tiver que varrer, se tiver que limpar, eu não ligo. “Vamos, vamos limpar?” “Vamos”. “Vamos fazer?” “Vamos”. Eu faço. Às vezes sem pedir mesmo, eu vou lá, limpo”.

Até mesmo em um sentido mais amplo de ajuda mútua, Joyce comenta que “todo mundo tem que se ajudar um pouco”, porque sendo muitas pessoas morando junto, “ou a gente vive em paz, ou vive no inferno”, e que “é melhor viver em paz”.

Eles costumam compartilhar do momento do jantar, comendo sentados na sala assistindo televisão. A exceção se dá para William, que janta no quarto enquanto usa o computador. Já no almoço, algumas vezes comem juntos, outras vezes os horários não combinam. William, de fato, é descrito pela mãe como sendo muito caseiro e gostar muito de ficar no computador. A mãe comenta que “cada um tem o seu jeito”.

Francisca revela que gostaria de passear, se pudesse. Ir ao shopping, levar os netos para verem brinquedos, ou mesmo para ir à pracinha para eles brincarem. Mas se diz também caseira e que curte em especial os raros momentos em que fica sozinha em casa, quando todos saem. Mas acrescenta: “É muito raro, a casa nunca fica vazia”.

Uma atividade que é compartilhada entre irmãos é a ida a um centro espírita. Maria e William costumam ir juntos. “Às quartas-feiras eu saio para um barracão. Eu sou espírita. A gente acaba indo, eu e meu irmão” (Maria Dias, filha #2, 21). Outros programas, que são compartilhados pela família toda, é uma eventual ida à praia e as sessões de cinema que promovem em casa, no quarto dos fundos, com ar condicionado ligado e com pipoca para todos. Ou, ainda, quando levam as crianças para a praça e os adultos ficam ao lado tomando cerveja e comendo porções de comida. Joyce conta ainda que às vezes vão para a casa da mãe dela aproveitar a piscina e fazer churrasco.

Francisca sempre compartilhou quarto com outras pessoas. Saiu da casa dos pais para morar com o marido. Na casa dos pais –um barraco construído por eles no Complexo da Maré, quando ainda era uma região tranquila para se viver – ela dividia um dos três quartos com os três irmãos. Dormiam em um beliche, ela compartilhando a cama de baixo com a irmã e seus dois irmãos compartilhando a cama de cima. Um segundo quarto era ocupado pelos pais e o terceiro pela tia, que morava com eles.

Apesar de compartilharem o quarto e as camas, ela e seus irmãos tinham cada um as suas coisas:

É, a gente tinha as nossas coisas. Sempre fomos muito unidos. Ninguém brigava. O que era seu, era seu. Não tinha esse negócio. Minha mãe sempre fazia o possível por nós, não tenho o que reclamar, não. Cada um tinha as suas coisas. Porque assim, por exemplo, eu tinha dez anos, a minha irmã tinha dois anos de idade. Então era bastante diferença. Os meninos tinham as coisas deles, eu tinha as minhas. A gente não tinha esse negócio de pegar o que era do outro. (Francisca Dias, mãe, 46)

Na sua casa com seu marido e filhos, o quarto das crianças também era compartilhado por todos os filhos. No quarto dos fundos, que hoje é de William, ficavam dois triliches para acomodar todas as crianças. William contabiliza sete filhos dormindo no quarto, incluindo os três filhos por parte de pai que moravam com eles – possivelmente considerando a caçula, Roseli, dormindo no quarto dos pais. Já Maria conta que não eram só eles que dormiam ali, pois sempre havia algum primo ou outros filhos do pai indo visitar e ficando com eles no quarto.

Eles tinham um guarda-roupas no quarto dos pais e que servia a todos. William relata que cada um tinha a sua gaveta. Maria conta que as coisas ficavam todas juntas, misturadas. Ela e a irmã, Roseli, usavam uma as roupas da outra, sem ter que pedir. Esse compartilhamento também era possível por as duas então vestirem o mesmo tamanho de roupas.

Francisca conta que o pai das crianças não gostava que um pegasse coisas do outro, mesmo que emprestadas. Para ele, “o que é seu, é seu” Francisca não concordava com a posição do marido, dado que eram irmãos e que não deviam ser “egoístas”.

Cada um tinha suas coisas, porque o pai, ele sempre foi assim. Ele foi criado como “o que é seu, é seu”, e “você não tem que pegar dele, nem dele, nem de fulano”. Imagina a briga que era. Ah, porque “fulano pegou aquilo ali e eu pai falou que não é para emprestar”. Mas eu achava que era egoísmo. “É seu irmão, deixa ele brincar também”. O pai deles falava que não, que cada um tinha o seu. Eu falava não, isso não dá. São irmãos. (Francisca Dias, mãe, 46)

Joyce conta que sua mãe também tentou replicar a forma como foi criada, assim como Francisca fez com seus filhos. No caso de Joyce, a mãe procurava dar “tudo igual” para cada um dos filhos. Cada um tinha as suas coisas e cuidava delas. Ela e o irmão não pegavam roupas um do outro, dada a diferença de gênero.

Em questão de receber as coisas a gente sempre recebeu tudo igual. Se não podia dar para um, não dava. Minha mãe sempre teve essa coisa. Porque ela foi criada assim. A gente sempre teve cada um suas coisinhas. Cada um cuida. Um não pegava as coisas do outro, porque meu irmão é homem. (Joyce Dias, nora, 20)

Ao se mudar para a casa de William, Joyce passou a ter que conviver com algumas coisas que não são tanto de seu agrado. No entanto, compartilhando da casa com a família, ela se ajusta e convive sem maiores problemas, não deixando, no entanto, de ser uma forma de compartilhamento forçado. É o caso dos móveis da sala e da pintura das paredes – inacabadas e recobertas por rabiscos feitos pelas crianças. Joyce comenta que quer ter a sua casa e poder deixar as coisas do seu jeito.

Em uma casa onde vivem diversas pessoas, conseguir ficar sozinho passa a ser um pequeno desafio – ou tendo um sabor especial. Quando Joyce sente a necessidade de se isolar, ela vai para o quarto do namorado e fica mexendo em seu telefone: “Lógico que tem momentos que quero ficar sozinha. Então eu vou para dentro do quarto e fico mexendo no meu telefone. Eu me isolo e ‘fico para mim”’.

A acolhida de Joyce, assim como o retorno de Maria, levando seus dois filhos para morarem com Francisca, reflete o compartilhamento aberto da casa promovido por sua proprietária e chefe de família, Francisca, junto ao restante dos familiares.

Sempre teve um cantinho para todo mundo. Tem um cantinho para todo mundo. É assim mesmo. Antigamente morava todo mundo comigo. Cada um foi procurando seu rumo, cresceram, foram trabalhar, arranjaram uma pessoa... Foi diminuindo. Mas agora está tudo cheio de novo. (Francisca Dias, mãe, 46).

Maria já contava com a ajuda da mãe nos cuidados com seus filhos antes mesmo de se separar do pai deles. A ajuda da mãe, uma forma de compartilhamento demandado pela filha, ocorria durante o período de trabalho de Maria, que então retornava para dormir na sua casa no Complexo do Alemão, levando as crianças.

Eu também ficava aqui na minha mãe. Normal. Eu só ia para casa para dormir, mesmo. Ainda mais porque eu precisava da minha mãe para eu poder trabalhar, por causa das crianças. Eles tinham que ficar aqui com ela. (Maria Dias, filha #2, 21).

Francisca também ajuda uma amiga a fazer a comida de dieta para o marido. Além de assim praticar uma das atividades que adora – cozinhar – ela também compartilha ajuda para fora de casa. É um compartilhamento externo, partindo-se do pressuposto que a amiga faça parte da família estendida ampliada de Francisca.

Eu estou ajudando a menina na cozinha. O marido dela tem que fazer uma dieta, então eu estou lá, fazendo comida para ele. Ele tem que emagrecer. Eu vou, saio daqui umas dez horas, e meio dia já estou de volta. Até que é pertinho daqui. É para passar o tempo. Amo cozinhar. Adoro. (Francisca Dias, mãe, 46)

Joyce também faz compartilhamento externo, ajudando a mãe na limpeza e arrumação da casa dela. Ajuda também a fazer o almoço, de forma voluntária.

Eu passo o dia inteiro lá. Eu ajudo, faço as coisas lá para a minha mãe. Porque ela não tem empregada e é uma casa muito grande. E lá é só ela, meu padrasto e minha irmã de dez anos. Então dou uma ajudinha. Vou lá, faço almoço. Faço alguma coisa. Mas nada aquela coisa, compromisso de fazer tudo. (Joyce Dias, nora, 20)

Francisca também já recebeu ajuda com seus próprios filhos quando eles eram menores. Apesar de sua sogra morar perto, ela não ficava sozinha com as crianças. Ela contava, então, com a ajuda de terceiros, como a filha mais velha do marido, de onze anos, ou um dentista que ficava com as crianças em seu consultório para poder levar um dos filhos ao pediatra, ou ainda para fazer o pré-natal durante suas gestações. Foram formas de compartilhamento de fora.

Quando pedido aos informantes para que dissessem o que para eles era compartilhar e o que era emprestar, Francisca disse que para ela eram a mesma coisa. Disse “gosto de compartilhar” e “gostaria que a pessoa compartilhasse comigo também”. Não elabora uma definição para os termos, mas indica que a sua televisão é compartilhada com os demais e que seu quarto é mais ou menos compartilhado – mas que só esses itens seriam compartilhados. Ela já havia explicado que a televisão todos usavam e que o quarto era compartilhado com o neto Michel, a neta Yara e eventualmente com o filho Walter.

Compartilhar eu acho que, você compartilhar tudo que é seu com alguém. Eu acho que é isso. Eu acho que eu gosto de compartilhar. Gostaria que a pessoa compartilhasse comigo também. Qualquer coisa, independente do que seja. Eu não tenho preconceito. Não tenho. E emprestar é a mesma coisa. Aqui em casa, compartilhado só a minha televisão, só ela mesmo. O meu quarto é mais ou menos compartilhado. (Francisca Dias, mãe, 46)

Com pessoas de fora de casa, ela diz que compartilha ou empresta coisas dependendo da situação. Diz que se precisar de uma panela dela ou alguma outra coisa, ela empresta e, que se for o caso “eu até doo”, diferenciando o doar do emprestar e do compartilhar.

Depende. Assim, se precisar de uma panela minha, alguma coisa, eu empresto. Pode ser, por exemplo, se alguém chegar aqui e falar, eu estou precisando, eu empresto. Se for o caso, eu até doo. Não tem esse negócio comigo. Essa semana eu estava ali fora sentada e tinha uma pessoa andando para cima, para baixo, para cima, para baixo. Então essa pessoa sentou e eu falei “você quer um copinho de água?”. Ela falou “quero”. Eu acho que eu fiz uma coisa boa. Dei um copinho de água para ela. Ela nem me agradeceu nem nada, mas eu fiz, compartilhei aquilo ali. (Francisca Dias, mãe, 46)

Para Maria, emprestar e compartilhar também são a mesma coisa. Diz estarem acostumados a ser tudo “para todo mundo”, sem que as coisas fossem exclusivamente de um deles. Credita esse costume ao fato de ser uma família grande, sem espaço para “esse egoísmo”.

É a mesma coisa para mim, emprestar e compartilhar. Aqui nunca teve isso, por a gente ser uma família grande. Sempre foi uma família grande. Então tudo que foi comprado, sempre foi para todo mundo. Então nunca teve “ah, isso aqui é seu, isso aqui é de fulano, isso aqui é disso, disso”. Sempre foi para todo mundo. Por ser grande. Então eu não sei assim essas coisas, eu não tenho esse “ah, é meu”. Minha irmã também não tem, ninguém tem. Não tem esse egoísmo. (Maria Dias, filha #2, 21)

Já com gente de fora da casa não vê como possível compartilhar as coisas, exceto se for uma pessoa “muito próxima”:

Com gente de fora não, não dá para compartilhar nada. Só quando a pessoa é muito próxima, então dá. Dependendo também do que seja. Assim, internet, muita gente pega. Às vezes, como a gente tem wifi, muitos amigos ficam ali fora, pegando o wifi. Às vezes tem um DVD. O DVD mesmo não está aqui, está na casa de um amigo, de uns amigos nossos, e a gente fica em cima, eu e meu irmão. O DVD está lá. Depende da pessoa. (Maria Dias, filha #2, 21)

William diferencia emprestar de compartilhar. No compartilhar, o bem está disponível para uso dos demais e deixa de ter um dono, passando a ser “de todo mundo”. Já no emprestar, é esperada a devolução e no mesmo estado em que se encontrava no momento do empréstimo. Nessa situação, o bem continua tendo um dono. Se para usar o bem compartilhado não é necessário que se peça permissão e pode-se usar “na hora que quiser”, no empréstimo é esperado que se peça antes. William diz que tudo na casa é compartilhado, menos seu computador e seu rádio do celular, mas que ele os empresta aos demais se pedirem. Ele é o dono, pois arca com as despesas dos bens.

Compartilhar, para mim, é uma coisa tipo assim: A televisão. Eu comprei a televisão para compartilhar. E emprestar é uma coisa que eu vou lhe emprestar e vou querer a devolução. É, empresto meu computador e quero a devolução da forma que ele eu emprestei. A televisão é compartilhada. A televisão não tem dono. Eu comprei, mas comprei para a casa. Então é de todo mundo. Todo o resto da casa, fora o meu computador, é compartilhado. Usa sem pedir. Na hora que quiser. O computador eu empresto. Então tem que me pedir. Meu rádio também. Tem que pedir. Tem dono. Na hora de pagar, quem paga sou eu. Então tem dono. (William Dias, filho #3, 19)

Joyce, por sua vez, ressalta que acha importante que as crianças sejam ensinadas a compartilhar suas coisas e que “é uma coisa que faz parte da vida”. No seu discurso, Joyce emprega o termo compartilhar quando se refere à sua família e à sua casa, utilizando o termo “dividir” com o sentido de compartilhar.

Eu sou uma pessoa que, eu ensino, no caso a minha sobrinha e as crianças aqui, que tem que compartilhar. Eu acho que é uma coisa que faz parte da vida. Ontem o Michel estava brigando com a menininha, “a bola é minha, a bola é minha”. “Não, tem que brincar”. A mãe dele, a Maria mesmo, disse “não, joga a bolinha para ela, joga a bola para a Yara, vocês ficam brincando juntos”. É uma coisa de dividir. É uma coisa que tem que dividir. Mas tem certas coisas que são pessoais suas. É, não vou dividir calcinha e sutiã. É uma coisa pessoal, é uma coisa íntima. Mas um short, uma blusa... É uma coisa que faz parte da vida. Você dividir, você conquistar. (Joyce Dias, nora, 20)

Joyce vê compartilhar e emprestar como sendo a mesma coisa, como se compartilhamento englobasse tudo:

Ah, eu acho que, que emprestar e compartilhar, eu acho que são a mesma coisa. Porque compartilhar é tudo. Tipo assim, se tem dois pães, nós somos três, vamos dividir. Se tem uma maçã, nós somos duas, vamos dividir essa maçã ao meio. Eu acho que é tudo um conjunto das coisas. Por isso que eu estou querendo dizer, eu acho que, para mim, é a mesma coisa. Porque se eu tenho, eu vou dividir com você. Eu vou lhe emprestar. (Joyce Dias, nora, 20)

Já com pessoas de fora, Joyce utiliza mais o termo emprestar, ao invés de compartilhar ou dividir. Diz que para emprestar algo para alguém fora da família ela tem que avaliar antes se o item será devolvido. Dentro de casa, diz que as pessoas têm que ter “consciência” e devolver o item, colocá-lo de volta no lugar. Dessa forma, também Joyce acaba atrelando o emprestar com uma obrigação intrínseca de devolução do bem emprestado, de forma similar à colocação de William.

4.13. Família Campos

O apartamento onde vive a família Campos, no Meier, contrasta com o apartamento visitado na véspera, da família Dias. Enquanto o apartamento da família Dias era bastante simples, com móveis e objetos gastos, paredes com pintura antiga e cobertas por rabiscos feitos pelas crianças, o apartamento da família Campos é de mais alto padrão, com móveis e pintura aparentando serem recentes e em excelente estado.

Também contrasta o número de pessoas em cada família: se são oito pessoas no apartamento da família Dias, a família Campos é formada por três pessoas, todos adultos. Ambas as famílias são classificadas como classe C1 pelo critério socioeconômico utilizado, porém pontuadas nos extremos da escala para essa classe social. O nível de escolaridade do chefe de família dos Campos, Augusto – ele tem Ensino Médio Completo – pesou para que seu domicílio não fosse classificado como sendo de classe mais alta. Além de Augusto, formam com ele a família a sua esposa Núbia e a filha do casal, Mayara, conforme mostrado no Quadro 4.13.

Quadro 4.13 – Perfil dos membros da família Campos

Papel	Nome	Idade	Descrição	Profissão
Pais	Augusto	66	Chefe do lar, marido de Núbia	Taxista
	Núbia	61	Esposa de Augusto	Professora de teclado
Filhos	Mayara	27	Filha única do casal	Assistente jurídico

O apartamento tem três quartos, sendo uma suíte. Há um segundo banheiro, localizado ao lado de um dos quartos. A sala é comprida, ficando dividida em dois ambientes: a sala de estar, com uma televisão tela plana grande em frente ao sofá de quatro lugares, e a sala de jantar, com mesa retangular e seis cadeiras. Há aparelhos de ar condicionado na sala e em dois dos quartos. A cozinha é comprida, com armários e eletrodomésticos ao longo de uma das paredes, terminando na área de serviço contígua. A casa é toda recoberta por piso frio e paredes pintadas em cores diferentes, sendo apenas o quarto do casal pintado totalmente de branco. A decoração é feita por diversos objetos, com predominância de cores fortes, em particular o vermelho. A família mora no apartamento há dezoito anos.

Augusto é taxista há cerca de quinze anos. Antes, trabalhou como bancário e então teve um escritório de representação comercial, até mudar para a atividade atual. Trabalha todos os dias da semana. Nasceu na cidade do Rio de Janeiro, tendo crescido nos bairros do Estácio e da Tijuca.

Núbia e Augusto estão casados há 30 anos. Núbia é formada em Música, especificamente em piano. Trabalhou em um banco, depois no comércio de objetos de prata e ouro. Mais tarde, conheceu o teclado como alternativa ao piano e, desde então, sua atividade profissional gira em torno daquele instrumento. Há cerca de 20 anos ela fez a troca, buscando seu aperfeiçoamento e passando a ser tecladista profissional e professora de teclado. No final dos anos 1980 e início dos anos 1990, chegou a ter sua agenda lotada pelas aulas particulares que dava. Hoje, continua dando aulas em sua casa, utilizando o terceiro quarto da casa, transformado em quarto de música. Também toca em eventos, principalmente ligados a sua igreja. Também é nascida no Rio de Janeiro, de família de imigrantes.

Mayara é formada em Direito e atua como assistente jurídica. Não está ligada a escritórios de advocacia, atuando de modo autônomo, muitas vezes se associando a outros colegas que têm a mesma formação. Chegou a prestar um concurso público, mas apesar de aprovada, não foi chamada, o que a desanimou a prosseguir por esse caminho. Agora está novamente estudando para concurso. Namora há sete anos com um designer, planejando casar-se dentro de dois anos.

Ao serem perguntados sobre o que era de quem na casa, Núbia e Augusto responderam que tudo era dos três. Usaram expressões como “tudo é de todo mundo”, “é nosso” e “é de todo mundo. O que é comprado, é para todos.

Aqui tudo é de todo mundo, aqui é tudo de todo mundo. Meu, da minha filha e do meu marido. É nosso. Tudo nosso. Nunca é meu. Eu digo assim: “É nosso”. (Núbia Campos, mãe, 61)

Aqui é de todo mundo. Nada é meu e nada é delas também. Se elas tiverem que comprar alguma, compram também. Essa televisão não é minha, não fui eu que comprei, foi ela quem comprou, mas a despesa maior é comigo mesmo. Quando compra alguma coisa, eu não falo nada. Eu acho que é tudo em prol da família. Em prol da gente, mesmo. (Augusto Campos, pai, 66)

Mayara respondeu à questão indiretamente, explicando que ela e a mãe têm o mesmo gosto por roupas, sapatos e bijuterias e que uma pega da outra com frequência. É principalmente a filha que usa as coisas da mãe, o que Núbia descreve como uma sociedade – “Mayara é minha sócia”. Mayara diz que acaba havendo um pouco de briga:

Olha, isso de o que é de quem é um problema, porque eu e minha mãe, a gente tem mais ou menos o mesmo gosto. A gente veste mais ou menos a mesma coisa e calça a mesma coisa, então é um pouco de briga. Briga, assim, porque eu quero usar tudo dela. Minha mãe, muito perua, tem muitas bijuterias, tem muito não sei o que, e eu adoro também. Então, eu uso. Eu uso tudo dela. Eu uso as coisas dela, ela usa as minhas coisas também. Mas eu uso mais as coisas dela. E eu não tenho irmã. Imagina se eu tivesse uma irmã também, olha como é que ia ser. Ia ser um problema. (Mayara Campos, filha, 27)

A Mayara é que gosta de usar tudo meu. A Mayara é minha sócia. Olha, aqui cada uma tem a sua toalhinha de banho. Mas, às vezes, a Mayara esquece, vai e usa a minha. Mas aí eu não ligo, não. Agora o resto, assim de roupa, nós somos sócias. Ela usa as minhas, ela usa mais as minhas do que eu as dela. Ela gosta de pegar minhas bijuterias. Mas é minha filha querida que eu amo tanto. Não ligo muito para isso, não. Ah, ela vai usando. (Núbia Campos, mãe, 61)

Mayara usa as roupas da mãe sem precisar pedir emprestado. Núbia explica que a filha não pede antes porque sabe que pode pegar. Já a mãe diz que, às vezes, pede antes de pegar algo da filha. Mayara conta que Núbia também pega sem precisar pedir.

Núbia já se importou que usassem suas coisas. Explica que, não tendo tido irmãs, não tinha o hábito de “dividir”. No início, era “um pouco egoísta, sim” e se incomodava quando a filha pegava suas coisas. Agora, diz que já se acostumou e que “não ligo mais, não”. Ainda mais que sempre “enfeitou” muito a filha, então vê-la arrumada – mesmo que usando as suas roupas – lhe agrada.

No entanto, assim como acontece na família Dias, há uma situação em que aparece um desconforto em uma usar as coisas da outra. Ocorre quando o item é novo, ainda não foi usado pela dona. Núbia diz que acaba deixando a filha usar mesmo assim – o mesmo comentado por Mayara:

Às vezes eu do umas broncas: “Ainda nem usei, Mayara! Deixa pelo menos eu estrear!”. Ela diz: “Ah, mamãe...”. E eu acabo deixando ela usar. É, somos sócias. [...] Às vezes a Mayara quer usar coisa que eu estou usando, que eu quero usar. Outro dia falei “Mayara, eu vou usar!”. Falei: “Poxa, minha filha, mas vai usar logo essa roupa? Eu queria botar”. Ela queria botar a mesma roupa que eu queria botar. Às vezes, acontece. Como a gente é sócia... Então digo “Ah, filha, deixa eu usar. Poxa!”. E ela responde “Então está bem, mamãe”. Ou às vezes eu abro mão: “Ah, filha, vai, usa você”. A gente não tem isso, não. A gente se entende. Libera para a outra. (Núbia Campos, mãe, 61)

Às vezes, eu uso as coisas dela que ela nunca usou. Ela fica pau da vida. “Poxa, nunca usei, você já está usando, que não sei o quê”. É aquela coisa, eu falo “eu vou usar, que não sei o quê” e ela acaba deixando. “Mas está bom, pode usar”. Quando eu não usei um negócio e eu vejo que ela vai usar, eu digo “Poxa, mãe, nunca usei”. Só falamos assim na hora, mas a gente não fica brigando por causa disso, não. (Mayara Campos, filha, 27)

Mãe e filha são “sócias” em outros itens, além das roupas e bijuterias. Elas compartilham o mesmo banheiro – o que é localizado na suíte –, mesmo xampu e sabonete. Núbia conta que ali é “meu e dela” e que “não tem essa coisa de individualidade, não”. Já Augusto usa o banheiro social e “o dele é tudo separadinho” (Núbia Campos, mãe, 61).

Algo que fazem questão de compartilhar é alguma refeição ao dia. Como Augusto passa o dia todo na rua, trabalhando, e portanto não está presente para o almoço – muitas vezes inclusive chegando depois que as duas já jantaram – eles sempre tomam café da manhã juntos, na cozinha, como visto pela pesquisadora no momento que chegou ao apartamento para realizar as entrevistas. Sempre que possível, Núbia e Mayara almoçam juntas. À noite, o hábito é mais de lanchar ao invés de jantar. Núbia foi criada com o costume de se sentar à mesa com a família para comer, compartilhando a refeição e as conversas à mesa.

A refeição da manhã é sempre sagrada. A gente senta lá, os três. Eu me lembro que eu fui criada com almoço: eu, minha mãe e minhas tias vinham para conversar lá. Então eu almoçava com a minha mãe e com as minhas tias assim, batendo papo. Na janta, a gente ficava junto. Era com nós quatro juntos: meu pai, minha mãe, eu e meu irmão. Aqui o café da manhã é sagrado. Nós três juntos. Agora, no almoço fica difícil, porque ele trabalha, ele é taxista e eu dou aula, e a Mayara também está vendo a vida dela e estudando. Eu, com a Mayara em casa, a gente às vezes almoça junto. E na janta... Ele chega às vezes mais tarde, ou então às vezes não dá tempo de a gente se ver muito para a janta. Mas o café da manhã é muito importante nós três estarmos juntos. (Núbia Campos, mãe, 61)

A família Rocha tem uma funcionária que vai duas vezes na semana e faz a faxina e ajuda na cozinha. De resto, a função de cozinhar fica com Núbia, que diz adorar essa atividade, mas havendo certa disputa em quem será o responsável da vez em lavar a louça, um tentando deixar para o outro a vez. Núbia acaba lavando parte das vezes, apesar de não gostar.

As compras da casa são feitas tanto por Augusto, aproveitando que já está de carro na rua todos os dias, quanto por Núbia. Núbia faz as compras maiores, “porque o meu pai não tem muita noção”, como descreve Mayara. Augusto faz as reposições do que precisa, indo ao mercado geralmente a cada dois dias.

Já Mayara fica responsável por efetuar o pagamento de contas e resolver coisas da casa na rua. Ela também faz o controle financeiro. Todos ajudam a custear as contas. Como diz Augusto, se um não tem, o outro dá.

Sou eu que comando tudo, assim, pelo fato de ser filha única, e os meus pais já estarem um pouco mais velhos. Eu acabo assumindo a responsabilidade das coisas. Meio que fazer a monitoração das coisas, de tudo. Então eu divido com a minha mãe. Por exemplo, às vezes ela vai ao mercado e eu vou ao banco, pago alguma coisa, resolvo alguma coisa. Essas coisas, assim, de casa. Geralmente, essas tarefas até mesmo financeiras: ver quanto tem que pagar, isso e aquilo, sou eu que faço. Vejo o que tem para pagar. Eu meio que monitoro, meio que coordeno a casa com relação a isso. (Mayara Campos, filha, 27)

Isso aqui é de todo mundo. Se um não tiver dinheiro para pagar uma coisa, o outro paga. Às vezes, tem uma coisa qualquer que alguém diz “Ah, paguei por isso, paguei por aquilo”. Mas, no fundo, dá tudo certo e é assim mesmo. (Augusto Campos, pai, 66)

Nem tudo é compartilhado na casa. Núbia, que tem a filha por “sócia” nas suas roupas, exclui as roupas íntimas do compartilhamento. Ela comenta que há algumas roupas dela que também não são compartilhadas com a filha, mas por motivo diferente das roupas íntimas: são peças de que Mayara não gosta.

Além das peças íntimas e de determinadas roupas, também o teclado é citado como sendo só de Núbia, não sendo usado por outros na casa. Núbia conta que já até emprestou o teclado para amigas para socorrê-las quando seu teclado queimou no meio de uma apresentação que faziam em uma festa. O teclado foi devolvido no dia seguinte.

Mayara lembra de outro item que não é compartilhado: o celular. Logo após falar do teclado da mãe, ela acrescenta: “Celular cada um tem o seu. Um não usa o do outro, não. Cada um tem o seu”.

Também não são compartilhados os entretenimentos favoritos dos três entrevistados. Núbia gosta de “ficar quieta”, assistir televisão (novela e filmes, como declara depois) e trabalhar com música, pesquisando e fazendo arranjos. Augusto gosta de assistir futebol na televisão. Já Mayara gosta de passear, ir à praia, restaurantes, caminhar e ir à academia.

Diferentemente de parte das famílias entrevistadas, televisão não é motivo de disputa frequente entre os membros da família Campos. Há quatro aparelhos de televisão na casa: uma tela plana, grande, na sala; uma na cozinha e uma em cada um dos quartos. A de Mayara não está funcionando. Augusto adora assistir futebol e assiste principalmente na sala. Núbia adora novela e filmes, às vezes assistindo no seu quarto. Mayara é que reclama que às vezes está assistindo novela na sala e o pai quer mudar para futebol. Ela acaba cedendo e indo assistir com a mãe, no quarto, apesar de preferir a sala por ser mais fresca. Se for para assistir nos quartos, prefere a televisão da mãe por ser maior do que a sua.

O computador, que é de Mayara e fica no quarto dela, é principalmente para seu uso. A mãe pede eventualmente para usá-lo enquanto Mayara está fazendo as suas atividades nele. Como as duas não podem usá-lo ao mesmo tempo, Núbia então pede para usar quando fizer nova pausa mais tarde no dia. Núbia gosta de assistir novela pelo site da emissora, que lhe dá mais flexibilidade de horário, já que os capítulos ficam disponíveis para serem vistos em qualquer horário. Mayara usa ainda o recurso do *tablet* para a mãe ver seus programas e manter o computador liberado para ela continuar trabalhando.

O mesmo recurso do *tablet* Mayara usa com o pai. Ele não sabe mexer no computador, mas, fanático por futebol, adora assistir jogos antigos no Youtube e jogos disponibilizados pela assinatura de televisão do namorado de Mayara. Como ele pode assistir também no *tablet*, “é tranquilo, não tem briga pelo computador”, diz Mayara.

Às vezes, eu coloco no Youtube para ele poder assistir os jogos da época de 1950, 1960, que ele quer assistir. Meu namorado tem também um negócio de gravar, um tal de Première. Ele tem uma conta e o meu pai pode assistir os jogos. Ele fica assistindo pelo tablet também. Ele adorou, porque ele pode assistir todos esses jogos, que você teria que comprar um pacote. Ele fica todo feliz. Então é tranquilo, não tem briga pelo computador. (Mayara Campos, filha, 27)

O que Mayara diz que realmente gostaria de ter só para si, seria um banheiro. Mesmo dividindo apenas com a mãe, ela conta que gosta de se arrumar, de se maquiar, e que tem muitos produtos que gostaria de deixar do seu jeito no banheiro. Ela conta: “Queria um banheiro só para mim. É, gostaria. Para me arrumar, para me maquiar, eu gosto. Para ter um espaço”.

Durante a sua infância, Núbia cresceu em uma casa construída pelo avô e o tio, junto à casa dos avós e de outros tios. “Era muito humilde” (Núbia Campos, mãe, 61). Era uma casa de um quarto, banheiro, sala e cozinha. Os dois filhos dormiam no quarto dos pais até o pai construir um quarto para ela, durante sua adolescência. O irmão, mais velho do que ela, tinha passado a dormir na sala.

O meu avô que construiu, ele e meu tio. Depois construíram outras. Era casa da minha vó, a da minha mãe, a do meu tio e ainda tinha mais uma outra casa da minha tia e um outro. Éramos pobres, a casa era muito humilde. Eu hoje digo que eu moro num arranha-céu. Num apartamento muito bonito, porque eu fiz do jeito que eu gosto. Aos pouquinhos eu vou ajeitando da minha maneira. A minha casa era muito humilde, muito humilde, mesmo. Quando eu nasci, era um quarto, uma sala, uma cozinha e um banheirinho. Eu lembro que minha mãe botou, botava as caminhas: a dela e as caminhas do lado. Depois é que papai aumentou e fez um quarto para mim. Abriu um quarto para mim. Então meu irmão dormia na sala e eu dormia no quarto. (Núbia Campos, mãe, 61)

As coisas de Núbia e de seu irmão eram separadas – cada um tinha as suas e um não pegava um do outro, ou seja, não compartilhavam nem emprestavam suas coisas. Núbia explica que a diferença de gênero nem permitia que isso fosse possível: “porque ele era menino”.

Já Augusto cresceu em uma casa grande, com cinco quartos. Além dos cinco filhos, um tio de Augusto morava com a família, sem falar dos animais domésticos da casa: cachorro, gato, passarinho e papagaio. Os pais de Augusto ficavam em um quarto, as duas irmãs em dois outros quartos, e um quarto era compartilhado pelos três filhos homens, juntamente com o tio deles.

A casa era grande. Era grande! Casa de altos e baixos, cinco quartos... A minha mãe era doméstica. Não tinha empregada, não tinha nada, ela que fazia tudo. Tinha cachorro, gato, passarinho, papagaio... O irmão da minha mãe tinha problema e morava com a gente também. Ficavam minhas duas irmãs nos dois quartos e o outro quarto era para mim e para os meus dois irmãos. É, o outro quarto era dos homens: eu, meus dois irmãos e o meu tio também. Os quatro no mesmo quarto. (Augusto Campos, pai, 66)

As idades dos irmãos eram próximas, mas Augusto era maior do que os irmãos, então “não dava para um botar a roupa do outro”. De vez em quando acontecia de um pegar coisas do outro, alguma roupa mais larga, como um short, ou então um sapato. Augusto diz que às vezes se incomodava que pegassem suas coisas para usar, incômodo esse que passou com o tempo.

A situação era difícil. Apesar de o meu pai ser comerciante, ele lutava muito. Com cinco filhos é complicado. A gente tinha as coisas em casa, nunca faltou nada. Mas era aquela época que você só comia galinha final de semana. Cada um tinha suas coisas. Um não pegava do outro, não. Porque eu era um pouco maior, era maior do que eles. Sendo assim, não dava para um botar a roupa do outro. Até tinha vezes que um pegava as coisas do outro. “Eu vou pegar um short”, que era uma coisa mais larga. Agora, camisa, já era diferente, porque era mais corpulento, com mais costas largas, tinha uma estrutura maior do que a deles. Então eu não pegava. Podia pegar, como eu falei, um short, um sapato, uma coisa assim, mas o resto, não. Na época, às vezes, eu me incomodava, sim. Era diferente do que hoje. Na época eu me incomodava um pouco. “Ah! Está botando as minhas coisas, num sei o que, tal e aquilo...” Mas, depois, com o decorrer dos anos, você está com outra cabeça. É muito diferente, essa coisa. (Augusto Campos, pai, 66)

Ao longo das três entrevistas, surgiu uma situação de compartilhamento para fora, relacionada ao teclado de Núbia. Seus alunos têm aula na sua casa, no quarto de música. Durante a aula, ela compartilha com eles o teclado, apesar de exigir que cada um tenha o seu instrumento, até para que possam praticar fora de aula. Ela diz que não se incomoda com o uso conjunto, que pode ser classificado como sendo um compartilhamento para fora.

Os alunos tocam no meu teclado. Porque não tem como ser diferente. Bota teclado, tira teclado, não tem como. Eles tocam no meu, mas cada um tem que ter o seu, porque para estudar, tem que ter o instrumento. Não me incomoda, não. É o meu trabalho, tenho que dar um bom trabalho para eles. Então tem que ser um teclado bom e são todos maravilhosos, são todos cuidadosos. Nenhum estraga, não. (Núbia Campos, mãe, 61)

Ao responder o que para ela era emprestar e o que era compartilhar, Núbia discorreu sobre como sua mãe lhe criou incentivando que não emprestasse suas coisas, dizendo que cada um tem as suas coisas, e como hoje ela pensa diferente dos ensinamentos da mãe. Ela conta que empresta coisas para gente fora de casa – por exemplo, uma bolsa de festa a uma amiga. Diz que “no dia seguinte está do mesmo jeito”, ou seja, é devolvido no mesmo estado em que foi emprestado.

Não fui criada emprestando nada, não. Minha mãe sempre dizia: “Minha filha você tem as suas coisas. Sua mãe sempre se sacrifica para lhe dar”. Então eu fui criada muito assim: coisa pessoal, eu não gosto muito de emprestar. Mas hoje em dia eu já penso de um outro jeito. Se eu puder, eu empresto. A gente vai evoluindo com o tempo. Ainda mais espiritualmente. O que é que tem? Eu posso lhe emprestar! Numa boa. Agora, fui criada, minha mãe dizia “minha filha, cada um tem suas coisinhas”. Mas não estou muito focada nisso, não. Não vou ficar focada, que egoísmo “Ah, não posso emprestar isso”. (Núbia Campos, mãe, 61)

Núbia não deu uma definição de o que era para ela emprestar ou compartilhar. Mas, ao falar de compartilhamento, ela descreve dando exemplos de compartilhar um sorriso, ajudar outras pessoas (por meio de doações de dinheiro ou não), ter “um sorriso para dar, uma palavra de ânimo, incentivo, isso é compartilhar”. Para Núbia, “compartilhar é fazer o bem”. É “ajudar”.

Augusto, considera que emprestar e compartilhar são a mesma coisa. Se “você está emprestando alguma coisa a alguém, (...) você está compartilhando”. Geralmente, ao emprestar ou compartilhar algo, a pessoa “vai lhe devolver”, apesar de algumas vezes isso não acontecer. Augusto associa o emprestar e o compartilhar a uma ajuda que se dá a alguém que tem alguma necessidade, seja na família ou fora dela. Mas diz que na sua casa nada é emprestado ou compartilhado, que “tudo que tem aqui é nosso” – entendendo a questão como eles tendo recebido algo emprestado ou compartilhado por alguém de fora.

Mesma coisa, mesma coisa. Emprestar, compartilhar. A pessoa, às vezes, precisa e você compartilha, a pessoa precisa e você empresta e a pessoa vai lhe dar, vai lhe devolver. Às vezes, você empresta e não recebe, aquela coisa de família, mas não é o meu caso. Minha família não precisa disso. Mas, às vezes, um colega. Mas é bom, você às vezes ajudar. E também é bom você ajudar e saber que você vai receber. Emprestar e compartilhar em uma situação que a pessoa tem necessidade. No meu caso aqui, eu, por exemplo, eu não empresto, mas eu ajudo com uma quantia mínima à Aliança Brasileira dos Cegos. Todo mês, mixaria. Mas eu ajudo. Então, emprestar e compartilhar eu vejo dessa forma. Aqui em casa não tem nada aqui assim, não. Tudo que tem aqui é nosso. Ninguém nunca nos emprestou nada. É mais com as pessoas de fora. (Augusto Campos, pai, 66)

Mayara já faz uma distinção entre emprestar e compartilhar. No empréstimo, há uma transferência de posse temporária e tem expectativa de devolução do item emprestado após o uso. No compartilhar, usam juntos, ao mesmo tempo.

Compartilhar, você usa e a pessoa também, compartilha com a pessoa. Quando a pessoa empresta, ela está emprestando para aquela pessoa usar e quando ela acabar de usar, ela vai me devolver. Vamos supor: eu empresto o tablet, o tablet é meu. Eu empresto o tablet para a minha mãe, para a minha mãe poder ver a novela. Eu estou emprestando. Eu sei que, quando acabar, ela vai me devolver. Agora, compartilhar é uma coisa que eu e ela usamos ao mesmo tempo, juntas. O computador eu empresto para ela para ela poder ver. Talvez o que a gente possa compartilhar, é a televisão, novela, vendo a novela juntas. Vendo televisão juntas, compartilhando a mesma televisão juntas. (Mayara Campos, filha, 27)

Quando se trata de pessoas fora de sua família, Mayara vê o empréstimo da mesma forma anteriormente descrita. Ela empresta por exemplo bolsas ou acessórios de casamento a amigas e espera a devolução dos itens emprestados: “eu não estou dando, eu estou emprestando!”.

Em relação a compartilhamento externo à casa, ela diz que compartilha trabalho. Como ela está associada a um grupo de colegas que fazem a mesma função que ela em assessoria jurídica, ela vê a distribuição de atividades dentro de um mesmo projeto como compartilhamento. Não consegue pensar em nenhuma situação em que ocorra um compartilhamento de objetos.

Eu compartilho trabalho. Tenho uns amigos, cada um faz uma coisa, a gente vai compartilhando os trabalhos. Um vai, faz uma coisa, o outro faz outra, então vê se está certo, se não está. E então o outro corrige, um outro faz... A gente compartilha os trabalhos. Vai delegando funções. Mas assim, compartilhar alguma coisa assim de objeto, material, não estou lembrando. Não sei. (Mayara Campos, filha, 27)

4.14. Família Cardoso

A família Cardoso mora no bairro do Riachuelo. Ela é formada por três pessoas, todas adultas: a mãe, Ione, e seus dois filhos, Carla e Mário. Os membros da família Cardoso são mostrados no Quadro 4.14.

Quadro 4.14 – Perfil dos membros da família Cardoso

Papel	Nome	Idade	Descrição	Profissão
Pais	Ione	57	Chefe do lar	Cozinheira
Filhos	Carla	22	Filha #1 de Ione	Promotora de eventos e Acompanhante de idosos
	Mário	21	Filho #2 de Ione	Estudante (Ensino Médio)

O apartamento é próprio e a família Cardoso mora ali há 20 anos. Ele é surpreendentemente silencioso, face à sua localização junto a uma avenida de grande fluxo. É um apartamento espaçoso, de cômodos amplos e pé direito alto. São dois quartos e um banheiro, além de uma suíte de empregada. Há também uma sala, cozinha e área de serviço. Todos os cômodos têm piso frio e pintura de paredes parecendo relativamente recentes. Cada cômodo têm cores de paredes específicas, como um dos quartos, que tem uma das paredes pintada de roxo e as demais lilás, ou a sala, toda em cor pêssego.

A sala está dividida em dois ambientes. Junto à janela está a sala de estar e televisão. Há um sofá dois lugares e outro sofá três lugares alinhados junto a uma das paredes, e junto à parede em frente fica um móvel grande de madeira, onde está a televisão de tubo. Há também outros móveis menores. Na outra parte da sala, junto à entrada e à cozinha, fica a mesa de jantar, redonda, com quatro cadeiras. Mesmo sendo início de fevereiro, a toalha de mesa tinha motivos natalinos.

A cozinha é ampla e com diversos armários, além de duas geladeiras duplex (geladeira embaixo, congelador em cima). Ao lado, a área de serviço, com janelas para o prisma interno do prédio, dando acesso também à suíte de empregada. O quarto dessa suíte não tem janelas para fora do apartamento, mas foi aberta uma janela interna para ajudar na ventilação. O quarto é grande o suficiente para caber um guarda-roupas, além da cama de solteiro e de uma mesa de computador. Já cada um dos dois quartos principais têm uma cama de casal e um guarda-roupas de parede inteira, além e cômoda e estante (em um dos quartos) ou mesa (no outro quarto).

Apesar de o apartamento ser maior do que diversas outras casas visitadas para o presente estudo, a família está classificada no limite inferior da classe socioeconômica C1 pelo Critério Brasil. O tamanho do imóvel – ou se ele é próprio, como é o caso – não são considerados na pontuação. No entanto, o nível de instrução da chefe de família, Ione, impacta em uma pontuação reduzida: ela tem o Ensino Fundamental completo.

Ione é nascida em Minas Gerais e criada no Rio de Janeiro. É separada e mãe de dois filhos – Carla e Mário. Nenhum dos dois filhos mantém mais contato com o pai. Ione é dona de casa e há três anos vende comida caseira para terceiros. Ela vende de 12 a 15 refeições por dia, todos os dias da semana, sendo dez das refeições fixas, contratadas por mês. Seus principais clientes são senhoras de idade que moram perto dela, algumas no mesmo prédio. Ela conta que começou a cozinhar para fora há mais tempo, quando se separou do marido na primeira vez, cozinhando então para mais gente, o que se revelou impraticável. Antes de passar a fazer as refeições que hoje faz, ela ficou um tempo passando roupa e fazendo faxina na casa de outras pessoas. Além de cozinhar, ela também vende produtos via catálogo e é acompanhante de um menino de oito anos, desde seus quatro anos de idade. Ela é responsável por dar almoço, dar banho e acompanhá-lo na lição de casa, assim como levá-los para as atividades externas, como aula de esportes.

Carla é a filha mais velha. Ela começou a trabalhar com 16 anos, primeiramente como vendedora em loja de informática e, há um ano, mudou para dois outros trabalhos. Um deles é de promotora em eventos, cuidando de atividades relacionadas à realização do evento, como venda de ingressos, controle de entrada e recepção, tanto junto a um clube de futebol, quanto atuando em estádios de futebol em dias de jogo, ou ainda em teatros e outros eventos. Trabalha via agências onde seu currículo está cadastrado, sendo chamada para atividades de até dois meses de duração cada. Geralmente tem

de quatro a cinco eventos a cada semana para participar. A outra atividade é ser acompanhante de uma idosa, vizinha da família no prédio. Carla atende quando ela precisa, a leva para caminhar fora do prédio, compra os remédios, marca os compromissos com médicos e a acompanha até eles. Carla terminou o Ensino Médio e está juntando dinheiro para estudar Fotografia. Já escolheu o curso e, no momento que conseguir comprar uma boa máquina fotográfica, vai iniciá-lo. Pretende trabalhar como fotógrafa profissional.

Mário havia interrompido seus estudos, mas resolveu voltar a estudar para terminar o Ensino Médio e então fazer faculdade de Direito. Ele trabalhava como técnico de informática. Saiu após o dono falecer e o filho não se interessar em levar o negócio adiante. Desde então, vem trabalhando com o seu padrinho, um advogado, sempre que ele precisa de algum serviço de rua, como levar documentos ao fórum, ou para escrever uma petição mais simples.

Com idades muito próximas, Carla e Mário chegaram a compartilhar o mesmo quarto durante muitos anos. Mário, já adolescente, resolveu mudar para o quarto de empregada. A mãe e a irmã permaneceram cada uma no seu quarto, perto da sala. Como o quarto de Mário não tem muita ventilação, ele conta que muitas vezes dorme na sala, mais fresca.

Carla foi a primeira entrevistada, seguida de Mário. A terceira conversa, feita com Lone, foi interrompida algumas vezes, tanto pelo telefone da casa que tocava, quanto pela chegada de pessoas que iam almoçar lá.

Ao ser perguntada o que é de quem, Carla deixa claro que tudo que está no seu quarto é seu, pois foi ela quem comprou as coisas. Do restante, com exceção ao *notebook* do irmão e as coisas dentro do quarto dele, os demais itens seriam da sua mãe.

Tudo aqui do quarto é meu. Tudo aqui é meu. Da sala, a televisão também é minha, fui eu que comprei para a casa. O restante é tudo da minha mãe. Meu irmão tem o notebook dele, as coisas de dentro do quarto dele. O restante aqui do quarto é tudo meu. Tudo foi eu que comprei. Minha mãe só usa a televisão aqui do quarto. Mas tem uma na sala também. Tem na sala e tem no quarto dela, mas é porque só aqui no meu quarto tem Sky. Que sou eu que pago. Meu irmão não assiste aqui, não. (Carla Cardoso, filha #1, 22)

Mário faz as mesmas ressalvas – o que está nos quartos é de cada um – mas comenta que o que está nas áreas comuns, como banheiro e cozinha, é “nosso”. Dessas coisas, “praticamente tudo é de todo mundo”.

Praticamente tudo é de todo mundo. Tudo aqui é nosso. Tudo que está no banheiro é nosso, tudo que está na cozinha é nosso. Só o que está mesmo no quarto é que tem muita coisa que é mais dela. No meu quarto tem muita coisa que é minha, mas acho que a maioria das coisas tudo é nosso. Tudo é de todo mundo. (Mário Cardoso, filho #2, 21)

Ione responde, rindo, dizendo que o que é dela são as suas panelas. E complementa dizendo que cada um dos filhos têm o seu espaço, seu “pedacinho”, e que ela “respeita” as coisas deles. No entanto, ressalta que “no conjunto eu mando em tudo”, pois ela é que tem que cuidar das coisas da casa e que com isso acaba “tendo o maior espaço” (Ione Cardoso, mãe, 57).

Ione conta ainda que educou os filhos tentando mostrar os “direitos” de cada um, mas que antes as coisas dos dois acabavam se misturando e um pegava as coisas do outro, possivelmente quando ainda dividiam quarto. Mesmo no presente, quando já estão em quartos separados, ela diz que eles mexem um nas coisas do outro, querendo “invadir o território do outro” e que “brigam como todos os irmãos”.

Mário explica que “não tem muito o que é meu e o que é da minha irmã”, citando as exceções do que pertenceria a um ou a outro. Além das coisas que estão em seus próprios quartos, ele cita especificamente o computador de cada um, inclusive o da mãe que lhe foi dado por ele; e a televisão da sala, pertencente à irmã, pois foi quem comprou. “Tirando tudo isso, o resto é nosso”, acrescenta Mário, apesar de ressaltar que quem comprou foi a mãe deles. Ou seja, segundo seu ponto de vista, aparentemente o que os filhos compraram pertencem a eles, e o que a mãe comprou é “nosso”. Além disso, o dono parece ser quem comprou, a não ser quando transfere a propriedade via doação: “Quando lhe dão, é sua”.

Mário conta também que tem acesso livre para pegar as coisas da mãe quando quiser, que “ela não vai ligar de eu pegar”, dizendo que é mais “passiva nesse sentido”. Já com a irmã, faz uma separação mais clara: ‘o que é meu é meu, o que é dela é dela’. Carla confirma que o irmão não pega suas coisas, mas que sua mãe sim. Ione conta que mesmo sem precisar pedir, ela prefere pedir antes de pegar as coisas da filha:

Meu irmão não pega as minhas coisas. Só quem pega é a minha mãe. Roupa, por ela ter o mesmo corpo. É, ela pega as roupas, perfume, creme. Isso ela pega, meu irmão não. Normal, tudo cabe nela, mesmo. Sempre foi assim, sempre foi assim. Nem pede, já pega direto. Não precisa pedir, não. Não me incomoda, não. Não pego muito dela, ela é que pega mais as minhas. Porque ela gosta mais das minhas coisas. Como ela trabalha muito, então, geralmente, ela trabalha mais, ela é que sustenta a casa. Ela prefere que a gente tenha o nosso dinheiro para comprar as nossas coisas. Então, quando ela vai sair, porque é raro ela sair, ela pega as minhas coisas para poder sair. (Carla Cardoso, filha #1, 22)

Nós nos vestimos igual. Eu não vou pegar um shortinho curtinho dela, mas muita roupa dela dá em mim. Eu não compro roupa de festa. Ela tem muita roupa boa, muito mais, porque ela é jovem e sai. Quando eu preciso, pego no armário dela, e nem preciso pedir. Eu peço, mas não preciso pedir. E pego a roupa dela. Por exemplo, eu não uso calça para usar com salto, mas se eu precisar, eu não compro para mim, uso a dela, porque a gente usa o mesmo tamanho. Então muita coisa eu uso dela. Ela não liga, nunca ligou, não. Sempre usei as roupas dela, ela nunca ligou. (Ione Cardoso, mãe, 57)

Se Ione pega roupas de Carla, não pega as coisas do filho, Mário. Mesmo perfumes “são de outro tipo”, possivelmente se referindo a ser perfume masculino, pois diz que não tem como nem ela, nem a filha, usarem.

Mário eventualmente pede alguma coisa para a irmã. Um exemplo que dá é de algum xampu ou condicionador que a irmã compre. Quando o irmão pede para usar, ela regula a quantidade compartilhada colocando um pouco do produto sobre a mão dele.

Vamos dizer, ela compra um xampu, um condicionador, e ela fala “é meu”. Eu falo “me dá um pouco do seu xampu”. “Está bem, só um pouco, deixa eu botar na sua mão”. Ela é que bota na minha mão. Ela deixa eu usar a maioria das coisas dela. (Mário Cardoso, filho #2, 21)

A ressalva que Mário faz sobre coisas que a irmã não o deixa usar refere-se a itens novos, recém comprados, como observado também em outras famílias entrevistadas, como a família Ribeiro e a família Dias. Depois que o item não é mais novo, Carla até deixa Mário usar, mas logo dizendo que se estragar, ela vai querer que ele providencie substituição.

Quando ela compra uma coisa nova, ela fala: “não, você não vai usar”. Depois de um certo tempo, eu falo “deixa eu usar, Carla?”. “Se estragar, eu quero outro”. Mas deixa eu usar. (Mário Cardoso, filho #2, 21)

Alguns itens são de uso pessoal – cada um tem o seu. Carla menciona que só ela usa as suas roupas íntimas, escova de dentes e a televisão do seu quarto. Mário fala que só ele usa o seu celular, seu computador e as coisas que estão no seu quarto, mas que são poucas as coisas que só a mãe usa. Por exemplo, até mesmo da cama dela ele usufrui, com a permissão da mãe. Já Ione lembra que só ela usa “as coisas de trabalho”, como panelas e materiais de limpeza da casa. Mas que também tem outras coisas de uso exclusivo, como seu creme, desodorante, batom, toalha e perfume.

Que só eu uso? As minhas calcinhas. Calcinhas e sutiãs. E minha escova de dente. Só isso. Porque no restante, aqui em casa, todo mundo usa alguma coisa do outro. E a televisão aqui do meu quarto. Fora isso, ele e a minha mãe usam de tudo. Xampu é separado. Cada um tem um. Até porque o tipo de cabelo da minha mãe é diferente do meu, então o xampu é diferente. (Carla Cardoso, filha #1, 22)

Meu celular e meu computador, só. Minha cama, meu rack, como eu te falei, tudo que está no meu quarto, só eu que uso. Tudo que está no quarto da minha irmã só ela que usa. São poucas coisas que eu acho que só a minha mãe usa e que eu não uso. Até a cama dela, tem vezes que ela não está, eu uso, fico deitado. Ela deixa. Não liga muito, não. Só isso mesmo. O que é mais próprio, mesmo, é computador, porque eu acho que tem lá coisas que são só suas, que você não gosta que ninguém veja. (Mário Cardoso, filho #2, 21)

Coisa muito pessoal, coisa que só eu uso é coisa de trabalho mesmo. Panela, vassoura, rodo, pano de chão. São as coisas que eu uso mesmo. Porque tudo, as coisas relacionadas a trabalho, só eu que uso. Máquina de lavar, tudo sou eu que uso. Claro, eu tenho meu creme que só eu uso. Meu creme de rosto, meu desodorante, meu batom. Eu tenho as minhas coisas. Toalha, coisas pessoais, coisas minhas que só eu uso, como creme, perfume, desodorante. Até uso de vez em quando o dela, mas eu tenho o meu também. (Ione Cardoso, mãe, 57)

Se, além das roupas de sair, Ione também pega o desodorante da filha para usar, a recíproca não é verdadeira. Segundo Ione, Carla não se interessa em usar as coisas dela por considerá-las como sendo “coisa de velho”. De vez em quando usa algum xampu que a filha compra para si, mas geralmente são mesmo separados.

Celular, cada um tem o seu. Ione tem um aparelho simples com linha pré-paga e diz que nunca usa. O filho tem o seu celular, também pré-pago. Já a filha tem dois telefones pós-pagos: um rádio e um celular. Cada um cuida do seu aparelho e das suas despesas. Um não pega do outro, exceto quando Ione ou Mário querem usar o rádio de Carla – que ela empresta por não ter nenhum custo adicional associado ao uso. E Carla também pede o celular do irmão emprestado em alguns momentos, assim como seu *notebook*. Mário diz não se incomodar, desde que não seja em um momento em que esteja usando os eletrônicos. E complementa dizendo “até porque ela tem mais coisa para esconder de mim do que eu dela”, se referindo ao conteúdo armazenado no celular e no *notebook*.

Às vezes, a minha irmã fala “deixa eu ver no seu celular uma coisa”, e pega o meu celular. Às vezes, ela quer ver o meu notebook, “posso ver um negócio no notebook?”, ela vê. Não pede para usar mais nada, não. Se for na hora que eu estou usando, eu não vou gostar. Mas quando eu não estou usando, estou deitado quieto, “deixa eu ver o seu celular”, “vê ai, mas me devolve logo”. Acabou. Até porque ela tem mais coisa para me esconder do que eu dela. Porque eu não tenho nada. Vamos dizer que tudo que eu faço, ela sabe. Não tem essas coisas que eu faço e ninguém sabe, em casa. Sou velho, eu acho que não tenho que esconder nada, não. O que eu faço é por consciência minha. Tudo o que eu faço, todo mundo sabe. (Mário Cardoso, filho #2, 21)

Em relação ao que Mário comentou sobre ele ou a irmã terem algo a esconder em seus celulares e *notebooks*, Ione conta que eles usam senhas nos *notebooks*, “para não invadirem”. E confirma que cada um tem o seu computador.

Se os três entrevistados não compartilham seus celulares e *notebooks*, apenas emprestam em determinadas ocasiões, eles também não compartilham as refeições. Geralmente, cada um come em horário diferente.

As atividades da casa também não são compartilhadas. Tanto as compras, quanto a preparação da comida e os cuidados da casa ficam sob responsabilidade exclusiva de Ione. As despesas da casa também ficam a cargo dela. Além de trabalhar o dia todo – e todos os dias da semana – Ione eventualmente ajuda Carla a substituindo no seu trabalho de acompanhante de idoso quando as duas atividades profissionais da filha ficam em horários conflitantes.

Eu sou dona de casa e trabalho fazendo comida para as pessoas na casa. É assim que eu pago as minhas contas, que não são poucas, são muitas. Pago plano de saúde, condomínio, luz, gás, internet, telefone, remédio de uso diário. Pago tudo. E faço o dia a dia. Pago tudo. Pago toda a despesa da casa com o meu trabalho. (Ione Cardoso, mãe, 57)

Apesar de o filho dizer que a mãe “não liga muito de pagar as contas”, e que “ela gosta de pagar as contas”, Ione mostra sinais de que já espera uma mudança na participação dos filhos nas despesas da casa, não apenas para gastarem com si mesmos. Ela diz que eles “não estão mais na idade” de ela pagar despesas deles, como plano de saúde. Mais ainda, ela comenta sobre o momento que os filhos deveriam passar a sustentar a mãe, ao invés de ela sustentar os dois. Se hoje ela pratica um compartilhamento aberto, fornecendo tudo aos filhos sem nem mesmo eles tenham que pedir, ela está já pensando no momento que a situação mudaria para um compartilhamento demandado, quando ela passaria a demandar que eles assumissem os papel de provedores da casa em seu lugar.

Ele faz uns trabalhos para o padrinho, que é advogado, então ele tem sempre um dinheiro para ele gastar. Mas eu não quero dinheiro para ele gastar, quero dinheiro para ele também me ajudar. Porque eles dois não estão na idade... Ela comprou o fogão para ajudar em alguma coisa. Porque eles não estão na idade de eu pagar, por exemplo, plano de saúde, essas coisas. Eu já estou na idade para eles me sustentarem. Eu não quero saber de trabalhar até o fim da minha vida. Eu acho que chega uma hora que os filhos têm que se interessar, e eles bancarem a mãe, e não a mãe continuar por certo período bancando os filhos. (Ione Cardoso, mãe, 57)

Ione, com o trabalho de preparação das refeições para venda, cuidados da casa, acompanhante do menino de oito anos e eventuais momentos de acompanhante da idosa no lugar da filha, relata que não tem tempo para si. Seu momento para si acaba sendo quando tem que ir a algum médico ou fazer exames. Gosta de ir à missa e, raramente, vai ao shopping passear. Mesmo se tivesse tempo para lazer, diz que os programas saem caros em relação ao que pode pagar por eles.

Os filhos já relatam que conseguem usufruir de momentos de lazer, mas casa um com as suas coisas. Carla gosta de “praia, shopping, cinema e sair à noite”, além de piscina no calor com os amigos. Gosta também de televisão e de dormir. Durante a semana, Mário gosta de ficar em casa no computador e no celular, ou assistindo um filme ou jogando jogos online. Já nos finais de semana gosta de sair para a “balada” com os amigos. O lazer, portanto, não é compartilhado pelos entrevistados, exceto pelos momentos em que mãe e filha assistem televisão juntas, seja para ver novela, seja para assistir algum filme.

São três televisões na casa: uma na sala, outra no quarto de Carla, e a terceira no quarto de Ione. Carla paga o serviço de televisão a cabo e diz que, portanto, é ela quem decide a programação quando está assistindo. Já Mário diz que há alguma discussão e que “alguém ganha no grito”. Diz também que gostaria de ter uma televisão só para si (além de um aparelho de ginástica).

Se televisão geralmente não dá disputa, o mesmo não pode ser dito do banheiro. São dois banheiros na casa e todos usam os dois. No entanto, o banheiro junto aos quartos e à sala é o mais disputado, em especial quando os dois irmãos querem se arrumar para sair. Segundo Carla, o irmão “fica horas e horas dentro do banheiro e esquece da vida”. A situação ficou um pouco mais acentuada naquele momento, com um o banheiros da sala em reforma.

Não, não dá confusão, não. Cada um tem um horário diferente de usar. Só quando eu e meu irmão vamos sair é que tem briga. Eu tenho que entrar antes dele. Porque, se não, ele fica horas e horas dentro do banho e esquece da vida. Então ‘já era!’. Eu fico gritando para ele sair. Até ele sair. Não, não se apressa. Eu não demoro no banho, é só banho mesmo. Tomo banho, faço tudo que tinha que fazer, saio. Ele, não. Ele fica pensando na vida debaixo do chuveiro. (Carla Cardoso, filha #1, 22)

Às vezes, quando um está no banheiro demorando, tem briga sim. “Não vai sair, não? Eu quero usar o banheiro!”. Parece até que não tem outro. Mas como esse é mais confortável, eles têm preferência por esse. “Você está demorando muito, sai logo do banheiro!”. Isso entre eles. Eu, não. Eu faço o básico, meus banhos são rápidos. E se tiver ocupado aqui, eu não ligo, eu tomo banho no outro. Não ligo para isso, não. Ficam batendo na porta até que diz “Ah, que coisa!”, e sai do banheiro. Mas não chega a brigar, só ficam gritando. Os vizinhos, o prédio inteiro ouvem. (Ione Cardoso, mãe, 57)

Em compensação, quando falam do tempo em que compartilhavam o mesmo quarto, Carla e Mário não indicaram terem tido conflitos. Havia um guarda-roupas dividido igualmente entre os dois, com suas coisas separadas, e duas camas de solteiro. Mesmo ficando tudo no mesmo quarto, um não pegava as coisas do outro.

Esse quarto era meu e dele, e depois passou a ser só meu. Ele foi para o quarto de empregada, eu fiquei com esse e a minha mãe com o outro. Tinha um armário para poder dividir as roupas, cama separada de solteiro, só isso mesmo. Um não pegava as coisas do outro. A gente dividia o espaço do armário. Nunca foi tudo misturado, não. (Carla Cardoso, filha #1, 22)

Já Ione teve uma infância em situação bem diferente da provida a seus filhos. “Criada com muita pobreza” e com seis irmãos, Ione começou a trabalhar aos onze anos, parando de estudar. Sua casa era “muito, muito humilde” (Ione Cardoso, mãe, 57). Tinha dois quartos, sala, copa, cozinha e banheiro. Antes, era apenas um quarto, onde todos dormiam.

A casa era muito, muito humilde. Eu fui criada com muita pobreza. Com onze anos eu já trabalhava, alguém da minha família ia lá buscar o dinheiro. Estudo não pude continuar, porque a dificuldade era sempre e não tinha nem como dar um livro para a gente estudar. Era muita pobreza, minha família era muito pobre. O que eu consegui foi com muito esforço, trabalhando muito para ajudar a família, e estou aqui agora. Era uma casa com dois quartos, sala, copa, cozinha e banheiro. Casa normal, família grande. Eram várias camas, cama aqui, cama ali, tudo misturado. Logo no início, dormia todo mundo num cômodo só, a casa era menor, mas depois meu pai foi dividindo. Ficaram então dois quartos. (Ione Cardoso, mãe, 57)

Eles tentavam ter as coisas separadas de cada um, “mas dava muita confusão”. Ela trabalhava, mas outros na casa não trabalhavam. Ione conta que “acabava eu não tendo nada porque eu tinha que dividir com todo mundo”, que “ficava tudo para a casa, nada para mim” (Ione Cardoso, mãe, 57).

A gente tinha que separar as coisas, mas dava muita confusão. Porque acabava que aquele que não tinha, mexia nas do que tinha. Se eu trabalhava muito, sempre tinha alguém em casa que não trabalhava. Eu queria ter minhas coisas organizadas, e não tinha como, porque era tudo junto. Acabava eu não tendo nada porque eu tinha que dividir com todo mundo. Quando era bem nova ficava tudo para a casa, nada para mim. Porque eles iam pegar o dinheiro no trabalho. Nem me entregavam. (Ione Cardoso, mãe, 57)

Mais tarde, já morando na Cidade do Rio de Janeiro e casada, Ione montou seu apartamento em que vive até hoje em grande parte com coisas dadas por outras pessoas. Não necessariamente são móveis de sua preferência, mas lhe atendem bem e ela não pensa em mudá-los, até mesmo por não ter disponibilidade financeira para tal, tendo mesmo que conviver com eles da forma que são.

Se eu pudesse ter outro tipo de casa, com dinheiro para comprar, a decoração não seria essa. Seria outra. Muita coisa que eu tenho aqui, eu ganhei. Eu ganhei esse sofá, eu ganhei aquela mesa, eu ganhei essa mesa. Eu ganhei esses móveis aí, eu ganhei aquele lá. Ganhei muita coisa. A estante do quarto, eu ganhei. Então não foram coisas que eu escolhi. Eu nunca vi uma pessoa para ganhar tanta coisa. Mas é. Na minha casa, a maior parte das coisas eu ganhei. Então, eu sim teria uma decoração diferente se eu fosse comprar, tivesse dinheiro para comprar. Eu mudaria completamente, muita coisa moderna e linda. Mas do jeito que está aqui está ótimo. (Ione Cardoso, mãe, 57)

A casa assim montada incomoda um pouco a Mário, que também convive com essa decoração. Se a casa fosse só sua, Mário deixaria menos móveis, menos eletrodomésticos (geladeira) e menos quadros. Acaba sendo uma forma de compartilhamento forçado – ele tem que conviver com a decoração que não é de seu gosto.

É que minha mãe adora móveis. Eu não sou muito fã, não. Eu acho que ocupa muito espaço. Eu tiraria isso, o rack. Tiraria uma geladeira que tem lá. Tem duas, tiraria uma. Porque quando faz compras, tem que botar muita coisa. Faz muita compra. Sei lá, como moraria sozinho, os móveis do quarto dela iriam ser no máximo uma cama. Muitos dos quadros eu tiraria. (Mário Cardoso, filho #2, 21)

O próprio convívio com a irmã parece ser uma forma de compartilhamento forçado para Mário. Ele conta que quer ter uma casa sua para “morar sozinho”, explicando que isso significaria “sem a minha irmã”, mas levando a mãe para morar com ele (Mário Cardoso, filho #2, 21).

Eu penso que logo, logo, quando der certo minha vida, eu vou ter uma casa para morar sozinho. Morar sozinho que eu falo é sem a minha irmã. Mas eu gostaria de morar eu e minha mãe, eu ter meu quarto, ela ter o quarto dela. Eu não penso em deixar a minha mãe de lado, não. Penso em ficar sempre com ela, gosto muito dela. (Mário Cardoso, filho #2, 21)

A mãe parece mesmo fazer um esforço para deixar seus filhos à vontade em casa. Ela abre as portas da casa para os amigos que os filhos queiram levar para lá, inclusive namorados. Nessas situações, Ione pratica um compartilhamento aberto e externo.

O Mário não quis ficar no quarto com a Carla, quarto feminino. “Bota meu quarto lá, para eu trazer namorada”. A vida é moderna, coisa que meu pai e mãe não aceitavam, agora a gente tem que acompanhar. Melhor estar aqui perto de mim, na minha frente. Dou essa liberdade para trazer. Meus filhos têm liberdade para trazer os amigos que quiserem aqui em casa. Conheço todos os amigos deles, todos, todos, desde o melhor até o mais mau caráter. Conheço todos. E todos me respeitam, gostam de mim. (Ione Cardoso, mãe, 57)

Uma situação de compartilhamento de fora que ocorre quando seus clientes pedem para almoçar na casa dela, ao invés de receberem a refeição em sua casa. É uma forma de compartilhamento forçado, vindo de pedido dos clientes e contra a vontade de Ione, que conta que prefere entregar as refeições pois nesse horário ela não tem tempo para ficar conversando ou dar atenção à visita.

De vez em quando tem uma ou duas pessoas que vêm “Ah, eu vou comer aí na sua casa. Posso passar aí?”. “Pode”. Então vem, já preparo, come aqui mesmo e vai embora. Eu prefiro entregar. Porque a pessoa vem, a pessoa quer conversar, e é um horário que eu não tenho disponível para conversa. Eu não posso sentar, eu não posso dar atenção, e então vai na cozinha e quer conversar. Porque é gente conhecida, quer conversar um pouquinho. Nesse horário não tenho tempo, não posso dar atenção para as pessoas. Então fica difícil. Prefiro que pegue a comida e vá embora. (Ione Cardoso, mãe, 57)

Como parte final de cada uma das entrevistas, cada um foi perguntado o que para ele era emprestar e o que era compartilhar. Carla, a primeira entrevistada, disse que para ela as duas coisas eram distintas. No emprestar, a pessoa que pega emprestado usa sozinha o item; no compartilhar, ele é usado juntamente com outras pessoas. É como se houvesse portanto uma transferência de posse no emprestar, não verificada da mesma forma no compartilhar:

São diferentes. Empréstimo é quando alguém lhe pede alguma coisa para ela poder usar sozinha. Compartilhar é quando você tem alguma coisa e você compartilha com outras pessoas. Vocês usam juntas. Outra coisa é emprestar: a pessoa pega emprestado para ir usar sozinha. Compartilhar já não. Compartilhar é você junto com a outra pessoa usar aquilo que ela quer e você também quer. Eu e a minha mãe, a gente compartilha a televisão. Quando ela quer ver, as duas veem juntas. Empréstimo já seria pegar a televisão, botar no quarto dela para só ela ver. Eu estaria emprestando a televisão. Compartilho as minhas roupas. O banheiro é compartilhando. (Carla Cardoso, filha #1, 22)

Carla diz que empresta coisas também para fora de casa, como roupas, geralmente para familiares. Consegue ver compartilhamento com gente de fora também, dando o exemplo do compartilhamento da sua casa e tudo o que ela contém com amigas quando elas vão para lá. Tanto coisas emprestadas, quanto compartilhadas, diz que espera tê-las de volta, sendo que no caso do empréstimo é uma devolução, e no caso do compartilhamento é referente ao item continuar disponível para ela usar.

Roupa a gente empresta para gente de fora, família geralmente. Acontece, de eu emprestar, sim. Agora, compartilhar é mais quando as minhas amigas vêm aqui para casa, que então eu compartilho com elas a minha casa. Tudo o que tem dentro da casa eu estou compartilhando com elas. Geralmente, aquilo que eu empresto eu espero ter de volta. O que eu compartilho geralmente volta também. Mas geralmente é usado comigo e com a pessoa. Então, sempre vai estar ali. (Carla Cardoso, filha #1, 22)

Enquanto Carla fez a distinção entre compartilhar e emprestar com base em poder usar conjuntamente no primeiro caso, e a pessoa pegar para usar sozinha no segundo caso, a distinção que Mário faz é baseada na devolução. Quando é empréstimo, “a pessoa vai lhe devolver” e não necessariamente acontece quando você quer emprestar. Já quando é compartilhamento, “é uma coisa que você não vê retorno”: a pessoa compartilha sempre que quer e com pessoas de quem goste, e não necessariamente vai ter a devolução.

Quando você empresta, a pessoa vai lhe devolver aquilo. Para mim, isso é emprestar. Quando empresta, a pessoa devolve. Emprestar nem sempre é quando você quer. Compartilhar é uma coisa que você não vê retorno. Você compartilha e você gosta, você quer compartilhar, compartilha sempre que você quer. Emprestar, você empresta para qualquer um. Compartilhar, você compartilha com quem você gosta. (Mário Cardoso, filho #2, 21)

Para Mário, geralmente o empréstimo é de coisas materiais, como dinheiro e celular. Já o compartilhar pode ser “tanto coisas concretas, como coisas abstratas”:

Emprestar, eu emprestaria dinheiro. Uma coisa que eu empresto e quero de volta. Quer compartilhar, compartilhar não precisa nem ser coisa materiais, você pode compartilhar alegria, você pode compartilhar um sentimento. Emprestar, você não vai emprestar um sentimento. Então eu acho que é isso. Emprestar a maioria das vezes é com bens materiais e você vê retorno. Compartilhar nem sempre são bens materiais e você nem sempre visa retorno. Você pode compartilhar milhares de coisas, tanto coisas concretas, como coisas abstratas. Estou emprestando meu celular, porque ela vai me devolver. (Mário Cardoso, filho #2, 21)

Mário fala ainda da perda de controle sobre o item no compartilhamento. Para ele, quando algo é compartilhado, passa a ser “meu e dela” e a pessoa pode devolver o item quando quiser. Desta forma, quem compartilhou “não ia ter controle sobre aquilo”:

Compartilhar seria: se eu compartilhasse, seria meu e dela. A hora que ela quisesse ela me devolveria, eu não ia ter controle sobre aquilo. Ia estar compartilhando com ela. Como eu compartilho a casa, como eu compartilho a televisão. Eu não empresto a televisão, eu não empresto a casa. Eu compartilho essas coisas. (Mário Cardoso, filho #2, 21)

Mário vê como possível o empréstimo e o compartilhamento com gente fora de sua casa:

Para gente de fora, empresto. Por exemplo, dinheiro. Como também acho que dinheiro, às vezes, você não empresta, você compartilha. Por exemplo, você está em um bar tomando uma cerveja, tomando sorvete, e você está vendo uma pessoa sem dinheiro, você não vai emprestar porque está sem dinheiro. Vai compartilhar com ela: “Você quer alguma coisa?”. Eu acho que isso também seria compartilhar. (Mário Cardoso, filho #2, 21)

Explica ainda que compartilhar “vem do coração”, e “emprestar, nem sempre”. O emprestar aconteceria quando o proprietário não precisa do item a ser emprestado: “Compartilhar eu acho que vem do coração. Emprestar nem sempre. Emprestar você empresta por emprestar, porque agora você não precisa, então você empresta”.

Espontaneamente, Mário acrescenta o que seria sua concepção de “dar”, diferenciando-a de emprestar e de compartilhar. A pessoa que dá não espera retorno. A transação termina em si, “você vai dar à pessoa, e acabou”. Diz que hoje em dia “ninguém nunca dá nada”, “só empresta ou compartilha”, porque as pessoas querem ter algum retorno. Vale ressaltar que, ao explicar o que para ele era compartilhar, ele mencionou que no compartilhamento a pessoa não esperava retorno, enquanto que no emprestar, sim.

Para Ione, compartilhar também tem a ver com o coração e os sentimentos da pessoa. Para ela, compartilhar é “dando uma coisa de coração” e envolve deixar “participar daquilo, doando um pouco de você e recebendo um pouco da pessoa”, como uma troca, uma doação simultânea. Já o emprestar ocorre “às vezes por obrigação”, fazendo um favor à pessoa. No emprestar, você “quer de volta” o item emprestado.

Compartilhar é quando você está dando uma coisa de coração. Compartilhando, você está participando, e deixando participar daquilo, doando um pouco de você, e recebendo um pouco da pessoa. Você está compartilhando. Agora, emprestar, é algo que você empresta às vezes por obrigação, por favor. E você quer de volta. Compartilhar é uma coisa que tem a ver com sentimento. É assim que eu penso. Compartilhar tem muito a ver com sentimento. Empresta por obrigação, às vezes, mas você vai querer aquilo de volta. Está emprestando, mas você quer. E compartilhar, você está doando de você e está recebendo de volta de alguma maneira. Mas é uma coisa que tem sentimento, acho que compartilhar tem sentimento. (Ione Cardoso, mãe, 57)

Ao buscar exemplos do que ela compartilha em casa, Ione diz que compartilha problemas a serem resolvidos, pequenos favores, sentimentos e carinho. Não cita exemplos de itens materiais, como feito pelos dois filhos ao falar do tema.

Já com pessoas fora de casa “já é um outro tipo”, pois em casa compartilha “sem sentir”, de forma automática, “como uma coisa normal”. Quando alguém de fora da casa compartilha algo com ela, é porque “já conquistou” o acesso a ela para poder compartilhar. Compartilham problemas, às vezes para tentar conseguir ajuda.

Mas não é nada com gente de fora, porque eu acho que compartilhar com alguém de fora, já é um outro tipo. Eu acho que compartilhar com pessoa de casa, você faz aquilo até sem sentir, porque a coisa já está em você. Você compartilha como uma coisa normal. Agora, lá fora, a pessoa já conquistou compartilhar com você aquilo. Sempre problemas. Problemas precisando de solução, ajuda com alguma coisa, a pessoa está querendo um emprego, ou está querendo uma ajuda para botar uma criança numa creche, uma coisa assim. Então quer compartilhar aquele problema para ver se alguém ajuda. E acaba ela vindo trazer o problema para mim. Isso acontece muito. (Ione Cardoso, mãe, 57)

Ione conta que também empresta coisas para “gente de fora”, e que isso acontece com frequência. Dá o exemplo de uma pessoa que esteve na casa durante a sua entrevista, para quem emprestou galões de água. Diz que não se incomoda em emprestar, mas que espera obter as coisas de volta depois do seu uso. No caso específico dos galões de água, ela emprestou mas, quando a amiga for devolver, Ione vai dizer para ela ficar com eles, dando os galões para ela.

Para gente de fora, empresto, já emprestei muito, empresto. Acabou de sair aquela que veio, e levou meus galões para levar água, porque no morro, na casa dela, está faltando água. Então ela me pediu e levou os galões. Eu sempre estou emprestando alguma coisa. E eu não ligo. Claro, quando é empréstimo, são coisas que trazem de volta. Como isso aí, eu falei para ela “Se você está precisando, fica lá, para mim não vai fazer falta porque não tenho problema de água. Então fica lá”. Praticamente já sei que dei para ela. Porque eu falei que emprestei, quando ela falar que vai trazer, eu vou falar “Não, fica lá, porque eu não preciso, não”. (Ione Cardoso, mãe, 57)

4.15. Família Monteiro

No bairro de Engenho de Dentro foi entrevistada a família Monteiro. Andressa e Marcos são o casal da família. Anderson é filho de Andressa de seu primeiro casamento, mas criado desde os três anos também por Marcos. Os dois filhos menores, Paulo e Elisa, são filhos do casal. A família Monteiro é mostrada no Quadro 4.15.

Quadro 4.15 – Perfil dos membros da família Monteiro

Papel	Nome	Idade	Descrição	Profissão
Pais	Marcos	38	Chefe do lar, marido de Andressa	Supervisor técnico
	Andressa	39	Esposa de Marcos	Operadora de telemarketing
Filhos	Anderson	19	Filho #1 de Andressa	Operador de telemarketing
	Paulo (*)	9	Filho #2 do casal	(Criança)
	Elisa (*)	7	Filha #3 do casal	(Criança)

(*) Não entrevistados

A casa da família fica em uma vila, tendo casas geminadas dos dois lados do terreno. A casa deles fica ao final do terreno, ocupando o terceiro e o quarto piso da construção. O terceiro piso é o apartamento propriamente dito; o quarto piso é o terraço com piscina. Os outros dois andares são casas independentes. No primeiro andar mora a mãe de Andressa. No segundo andar, mora a cunhada dela – foi casada com seu irmão – e sua sobrinha.

Marcos é supervisor de suporte técnico em uma empresa de GPS. Ele começou a trabalhar na empresa há dois meses, mas já havia executado a mesma função em uma empresa de varejo eletrônico durante alguns anos. Quando ela faliu, ele passou a realizar serviços como *freelancer* em eventos, até iniciar recentemente no emprego atual.

Andressa também assumiu seu emprego atual apenas recentemente. Está lá há menos de um mês. Ela trabalhou na função durante muitos anos, mas ficou afastada por quatro anos. Nesse período, trabalhou em casa e cuidou dos filhos. Ela se especializou na produção caseira de bombons e trufas, assim como de sanduíches para venda. Ela recebia encomendas e realizava vendas também por meio de Marcos, que levava produtos para vender no seu trabalho. Ela é formada em Letras.

Durante o período em que ambos estavam sem emprego fixo, a família passou a trabalhar como figurantes para cinema e televisão, recebendo cachê pela sua participação. Iam todos os quatro – Marcos, Andressa, Paulo e Elisa. Apenas Anderson não participava desses trabalhos. Andressa limitava as participações da família em duas vezes por semana – exceto finais de semana – para evitar que os filhos não passassem de ano por faltas. Eles pararam de fazer trabalhos de figuração quando Andressa começou a trabalhar no emprego atual.

Anderson é o filho mais velho, fruto do primeiro casamento de Andressa. Ele mora parcialmente com a mãe e o padrasto e parcialmente com a avó, no primeiro andar da construção. Ele passou a ter um quarto na casa da avó assim que a sua tia faleceu, de modo a fazer alguma companhia à avó – agora sozinha – e também para ter seu próprio quarto. Anderson está no terceiro período de Pedagogia e intenciona trabalhar com crianças. Enquanto isso, para custear seus estudos e ter alguma renda, trabalha como operador de telemarketing há um ano. Seu turno é o da noite, encerrando à meia noite. Esse é o seu primeiro emprego de carteira assinada, tendo antes trabalhado como garçom.

O pai de Andressa comprou o terreno onde vivem quando ela tinha 13 anos. Ele derrubou a casa antiga que existia no lugar e construiu a casa deles, restrita ao primeiro andar, e fazendo planos para construir quartos no segundo andar. Enquanto isso, viviam ele, a esposa, Andressa e uma irmã na parte construída. Andressa é filha temporã, dez anos mais nova que essa irmã que vivia com eles. Os outros quatro irmãos já eram então casados e viviam em suas próprias casas. Em um dos quarto dormiam os pais, o outro era compartilhado pelas irmãs.

Foi tudo muito provisório. Provisoriamente ficou um quarto para mim e para a minha irmã. E um para os meus pais. Tinha dois quartos porque até ficar pronto em cima, ia demorar um pouquinho. Só que nesse meio tempo, meu irmão já tinha casado e pediu para construir a casa de cima para ele. Foi quando meu pai desistiu do projeto e fez para o meu irmão no meio. Acabou que ficou um quarto para mim e para a minha irmã, mesmo. (Andressa Monteiro, mãe, 39)

O compartilhamento não foi fácil para Andressa, pois a irmã era esquizofrênica e Andressa sempre quis um quarto só para ela. Acabou se configurando uma situação de compartilhamento forçado por um período prolongado.

Era complicado porque ela tinha problema de cabeça, era esquizofrênica. Então eu sempre quis um quarto só para mim e eu não tinha o quarto para mim. Não tinha muita privacidade. Era meio complicado. Ela também tinha os problemas dela. Foi uma infância assim, meio conturbada por causa disso. Era meio complicado, ela mexia nas minhas coisas. (Andressa Monteiro, mãe, 39)

Cada uma tinha seu próprio espaço dentro do quarto compartilhado, mas a irmã mexia nas coisas de Andressa, fazendo com que ela escondesse alguns pertences. Os horários das duas também eram diferentes, limitando a liberdade de Andressa em, por exemplo, assistir televisão no horário que quisesse.

Cada uma tinha suas coisas. Tinha os armários, tudo dividido. Mas às vezes ela mexia nas coisas. E tinha o horário dela de dormir próprio e eu tinha outro. Era complicado, era complicado. Não podia ficar com a televisão até mais tarde ligada porque ela queria dormir. Era complicado. Às vezes ela tinha a mania de pegar os livros e escrever coisas nos livros da escola. Então eu tinha que esconder tudo. Fotografia, de rasgar. Então eu fechava na minha mochila. Eu tinha chave no armário e eu tinha que carregar a chave comigo. (Andressa Monteiro, mãe, 39)

O compartilhamento do quarto, que era para ser provisório, acabou sendo definitivo, pois os planos do pai de construir quartos no segundo andar foram cancelados quando um dos filhos, já casado, pediu para ali construírem a casa dele. Como resultado, Andressa compartilhou o quarto com a irmã até o momento que se casou. Ela fazia faculdade e engravidou do namorado, decidindo-se então casar-se. Por falta de recursos, permaneceram na casa dos pais dela. A irmã mudou então para a sala para abrir espaço para o marido de Andressa e para o filho, Anderson, quando o bebê nasceu. A sala, que era compartilhada por todos, passou a ser também o quarto da irmã, ficando desconfortável para toda a família, em um compartilhamento forçado pela situação: “Ficou apertado, mas teve que ser assim” (Andressa Monteiro, mãe, 39).

No primeiro casamento, eu morei lá embaixo. Eu engravidei, eu estava fazendo faculdade, então não tinha condições de alugar uma casa. O que era o meu quarto com ela virou o meu quarto com meu marido. A sala virou sala e quarto da minha irmã. Ficou apertado, mas teve que ser. Ah, no início foi meio complicado, porque tinha mais uma pessoa dentro de casa. Enquanto eu estava grávida, foi fácil. Mas tinha mais uma pessoa, então, assim, foi uma perda da sala tanto para a minha mãe quanto para mim. Ficou assim até eu me separar. Quer dizer, na verdade ficou desse jeito, porque eu tive meu filho e um ano e meio depois eu me separei. Ele saiu de casa, e esse quarto que era meu e dele ficou meu e do meu filho. E a minha irmã continuou lá na sala com a minha mãe. Isso ficou até construir essa casa aqui, que foi quando eu conheci o Marcos. (Andressa Monteiro, mãe, 39)

Marcos e Andressa estão casados há quinze anos. Anderson tinha três anos quando Marcos foi morar com Andressa. Com a ajuda financeira da mãe de Andressa, construíram então o terceiro andar e o terraço, para onde se mudaram depois de sete meses. Foi o pai de Andressa que construiu. A casa tem dois quartos, sala, uma cozinha espaçosa e um banheiro. O terraço tem uma parte coberta, onde há mesa e cadeiras, e outra parte descoberta, onde fica a piscina sobre o piso. Há também uma área destinada a uma futura cozinha, servindo também de área de serviço, além de um banheiro já acabado. O apartamento é todo coberto por piso frio, sem ar condicionado, com ventiladores nos diferentes cômodos. As paredes apresentam pintura gasta e manchada, exceto pelos ambientes com ladrilhos recobrimdo as laterais.

Com o falecimento da irmã de Andressa, um ano antes das entrevistas, Anderson passou a ter seu quarto na casa da avó. Marcos diz que foi um pedido feito pela sogra, para não ficar sozinha, em um compartilhamento demandado do rapaz. Andressa diz que foi ela que sugeriu, para o filho fazer companhia para a avó e também ter o seu próprio quarto, até então compartilhando o quarto na casa dos pais com seus dois irmãos.

Até foi um pedido da minha própria sogra, na época. Porque ela estava lá, sozinha. Ela se sentia muito sozinha, perdeu o marido, perdeu uma filha. Então ela queria ter convívio com algum familiar, e falou “poxa, fica nesse quarto aqui, faz o que você quer” e ele foi para lá. (Marcos Monteiro, pai, 38)

Ela, ficar sozinha lá embaixo nesse primeiro momento, a casa totalmente vazia, só com o cachorro, imagina. “Como é que ela vai se sentir?”. Ali, aquele quarto vazio. E então eu tive essa ideia, partiu de mim. A ideia do Anderson dormir lá embaixo. Para ele ter o quarto dele, ele poder trazer alguém que tivesse que dormir e tal. E ao mesmo tempo a minha mãe não se sentir sozinha. Sentir que tem alguém ali, alguém ali dentro de casa com ela. Aí foi quando eu conversei com ele. Falei: “Anderson, você concorda?”. Perguntei se ele concordava, primeiro. Falei: “Não estou querendo lhe tirar daqui de casa não, a questão não é essa”. Expliquei para ele e tal e ele entendeu, ele gostou da ideia. Naquele momento ele aceitou a ideia e foi para lá, eu arrumei o quarto dele, e foi para lá no dia seguinte que a minha irmã faleceu. (Andressa Monteiro, mãe, 39)

A maior parte do tempo que Anderson não está no trabalho, fica na casa dos pais, mesmo tendo o seu quarto com a avó. Na casa dos pais ele come, usa o computador, o *tablet* do irmão, toma banho e assim por diante. Como conta Marcos, “ele foi para lá”, mas “não é o que ele prefere”, pois “prefere ficar perto da gente”.

Nos momentos que ele aparece aqui, ele me lembra, ele come aqui. Ele vem aqui, vai na avó. E come. Ou vai lá para o quarto dele que tem Internet e televisão e fica lá. Às vezes, ele mexe no computador aqui, mas não é sempre. Tem acesso livre. Tem, claro. É filho. Não é o que ele prefere. Ele prefere ficar perto da gente, mas... Como agora ele está atualmente muito de rua, sai muito, isso não reflete muito para ele. Não atrapalha muito a vida dele. Então, ele tem a vida dele. Mas ele tem livre acesso, com certeza. (Marcos Monteiro, pai, 38)

Mas eu sinto que ele sente falta da gente, aqui. Então ele fica aqui até de madrugada. Tem dias que ele até dorme aqui. Ele fica aqui até de madrugada, tem dias que eu acordo e ele está aqui no sofá deitado. Tem dias que as crianças dormem ali na minha cama. Então tem um dia ou outro que até, se ele olhar ali a cama vazia, ele vai e dorme ali. Porque eu acho que ele sente falta dessa coisa do convívio. E eu também não faço questão de excluir, não. Porque eu acho que ele tem que ficar aqui também. Ele mesmo fala: “eu gosto de ficar aqui, eu me sinto bem aqui, aqui é minha casa, aqui eu tenho liberdade, ir ali comer o que eu quero, ver o que eu quero”. Então ele fica aqui. Ele vem do trabalho, fica aqui, ele só vai lá para baixo realmente para dormir. Ou quando ele está com visita dele, que então ele fica lá no quarto dele. Fora isso, ele não fica lá direto, não. Ele fica aqui. (Andressa Monteiro, mãe, 39)

Não há um convívio, nem compartilhamento externo, com a cunhada e a sobrinha de Andressa que moram no segundo andar da construção. São casas independentes. O mesmo pode ser dito das duas com relação à mãe de Andressa.

São casas independentes. Tem dias que ninguém se cruza. A gente sabe que está todo mundo em casa, mas ninguém se cruza. Não é aquela coisa de um estar na casa do outro, não. É cada um na sua casa. Até em relação a minha mãe também é assim. É cada um na sua casa. Cada um criou a sua independência. (Andressa Monteiro, mãe, 39)

Ela mora aqui embaixo, mas não tem muito contato, não. Só pela educação e tudo mais, no dia a dia, mas nada de ficar na casa de um do outro, trocando figurinha, nada disso. Cada um tem a sua rotina. Cada um tem a sua vida. Ninguém se mete na vida do outro. E é vida que segue. (Marcos Monteiro, pai, 38)

Ao ser perguntado sobre o que era de quem na casa, Marcos foi logo pensando em exemplos ao seu redor e disse que o computador era compartilhado, assim como o *notebook*, o *tablet*, o celular e a televisão. Andressa respondeu que “tudo é compartilhado”, que “todo mundo mexe em tudo”. Exceto suas roupas, “todo mundo mexe em tudo aqui” e que “é tudo muito compartilhado”. Conta que o que compra é para ser compartilhado e que agora é que Anderson está começando mais a comprar coisas apenas para seu próprio uso. O termo compartilhamento surgiu, dessa forma, espontaneamente e logo no início dessas duas entrevistas.

Aqui é tudo compartilhado. Aqui todo mundo mexe em tudo. Tem nada assim que só eu mexa, não. A não ser minha roupas. Só. O resto, o resto todo mundo mexe em tudo aqui. É tudo muito compartilhado. É, o Anderson que criou agora esse hábito de comprar as coisas dele. De “ah, eu vou comprar o xampu tal só para mim”. Mas eu não, eu compro uma coisa que possa compartilhar. Não tem aquela coisa de só eu usar, não. Eu compro para compartilhar. Até para ficar mais barato. (Andressa Monteiro, mãe, 39)

O compartilhamento vem, dessa forma, como uma estratégia para fazer render melhor o dinheiro da família, conforme verificado também por Tinson e Nuttall (2007).

Anderson não respondeu a pergunta diretamente. Ao invés disso, ele comentou sobre usar o computador da casa, quando quer ficar mais próximo à família, mesmo tendo um computador seu na casa da avó. Também falou sobre pegar o perfume da mãe. Conta que antes pedia para pegar, mas que depois passou a pegar mesmo sem pedir, já que “ela já sabe mesmo, todo mundo já sabe, então não tem por que pedir”.

O computador eu uso para ficar mais próximo da família quando eu quero. Quando eu quero mais privacidade, eu vou lá para baixo. Eu tenho um computador lá embaixo. E eu uso o perfume da minha mãe. Às vezes, eu pego. Ela sabe que eu não sei escolher perfume e ela sabe que eu gosto do mesmo perfume que ela. Ela escolhe uns da Avon, eu gosto do cheiro e tudo. Eu até disse: “Eu não sei gostar de perfume masculino de jeito nenhum”. Não é que eu acho enjoado, mas acho que não tem cheiro. No início eu pedia, agora eu só pego, porque ela já sabe mesmo, todo mundo já sabe, então não tem por que pedir. (Anderson Monteiro, filho #1, 19)

Também Marcos e Andressa citam exceções de coisas que são só suas para explicar como todo o restante é compartilhado. Marcos fala do *notebook*, que “é particular, meu”, suas roupas, seu celular rádio e seu carro. Ele conta ainda que cada um tem as suas roupas e que as bonecas da filha são só dela, “só ela que mexe”. *Videogame* seria só do Paulo. Andressa não compartilha suas roupas e conta que tenta fazer com que cada um só use a sua toalha da vez, até serem lavadas novamente. A única que teria toalhas exclusivas para si, mesmo após lavar, é Elisa, com sua toalha rosa. Apesar de seu esforço, diz que Anderson usa as toalhas dos outros. Andressa conta ainda que as escovas de dentes não são compartilhadas, “cada um tem a sua”.

O notebook é particular meu. Só eu uso. É muito raro alguém usar. O notebook meu, ninguém mete a mão. Fica guardado no armário. Ele e as roupas lá, guardados. Meu celular, rádio, ninguém mexe. Acho que não. Além da roupa, tem os brinquedos dos meus filhos. As bonecas da minha filha, só ela que mexe. Videogame, só o Paulo mexe porque só ele sabe jogar. Ela não se liga em videogame. O meu carro ninguém mexe, porque ninguém sabe mexer. E minha esposa não sabe dirigir. Fora isso... (Marcos Monteiro, pai, 38)

Eu acho que é a única coisa que eu não compartilho é roupa. E tento fazer isso de cada um ter a sua toalha. Toalha de banho, eu tento fazer isso. Acho que é a única coisa, porque o resto a gente também compartilha. A toalha, mas é difícil. O Anderson, principalmente, ele é muito desligado. Se sobrar uma toalha ali, ele nem quer saber de quem é. Ele vai pegando. Então, às vezes eu tenho que lembrar: “Anderson, a sua toalha é a azul”. A toalha eu tento não compartilhar. Depois que lava, eu mudo. Na maioria das vezes. A não ser toalha rosa que é da Elisa. E escova de dente, que cada um tem a sua. (Andressa Monteiro, mãe, 39)

Exceto pelos bens relatados, o restante seria todo compartilhado pelos membros da família. Mesmo quando posteriormente indagado sobre o que Marcos gostaria de ter na casa que fosse só para seu uso, ele não apenas não consegue citar nenhum item – assim como sua esposa, Andressa – como também indaga: “Só para mim? Pensamento egoísta, não é? Para mim? Nossa, difícil... Eu faço tudo em família, não consigo pensar em algo para mim”.

O *notebook*, um dos exemplos dados por Marcos como sendo uma das poucas coisas que é só sua, deixou de ser compartilhado com toda a família depois de um incidente envolvendo Anderson:

O notebook realmente, eu me resguardo mais, porque o Paulo já teve um notebook. Ele não estragou o dele, não. Mas o meu filho mais velho perdeu. Fiquei injuriado, nossa... Deu uma desculpa assim, muito esfarrapada. Então eu falei que ele está proibido de mexer no notebook. Então o Paulo fala: “Pai, a Elisa está no iPad, eu estou na Internet aqui no iPhone e o Anderson pegou seu notebook”. “O quê? Pegou meu notebook? Quem mandou pegar? Ele não me pediu. Fala para ele guardar meu notebook, não quero. Ele vai mexer no computador dele, não quero”. “E então, ele já guardou?” “Já, pai”. (Marcos Monteiro, pai, 38)

Já o computador de mesa é compartilhado por todos na família. Ele não é propriamente centro de disputa para uso, exceto em alguns momentos em que Marcos conta que quer usá-lo e Andressa já está lá. Ressalta que não é por falta de itens conectados à internet na casa. A família tem na casa um computador de mesa, um *notebook*, um iPhone, um iPad – esses últimos dois pertencentes às crianças – além dos smartphones dos pais.

Se o computador não é propriamente um centro de disputas, o iPad, sim, gera discussão principalmente entre os dois menores. Ele é de uso de todos, compartilhado, mas foi um presente dado a Paulo pelos pais:

Meus filhos tão muito vidrados com o iPad. O iPad, na verdade, é o Paulo. A Elisa perdeu um Samsung S4 em dezembro. Eu fiquei injuriado. Então agora ela acaba mexendo no iPad dele. Eles têm um iPhone, mas ficam nessa guerrinha. Agora temos que comprar um iPad para ela para parar com essa briga. Porque ela quer mexer... Mesmo com computador, notebook, eles querem mexer no iPad. E o computador para ele já é coisa do passado. Não quer mais usar o computador. E aí tem confusão com ela, porque eles querem compartilhar e ele quer jogar, e ela quer jogar e vira um tumulto isso. (Marcos Monteiro, pai, 38)

Marcos busca resolver o conflito pedindo para o filho deixar a irmã menor usar o iPad e ele usar o iPhone por um tempinho. Pede para os dois se entenderem entre si, e se isso não resolver, que ambos ficariam sem o iPad, precisando usar o celular e o computador para o que queriam fazer. Sob essa ameaça, acabam se acertando.

Apesar da ameaça do pai de as duas crianças ficarem sem o iPad, a solução que Andressa pensa mesmo em dar é em comprar mais um para que cada um fique com o seu: “Eu vou ter que resolver isso. Eu vou ter que comprar outro iPad. Para ficar um para cada um”. Com isso, o iPad deixaria de ser um compartilhamento disputado – e forçado, no caso de Paulo, já que o iPad lhe pertence e ele tem que compartilhá-lo com a irmã, mesmo quando não quer.

Cada um tem o seu celular, “exceto o Anderson e a Elisa, que perderam os deles”. Andressa considera celular como sendo “uma coisa individual”, não compartilhada. Ocorre, no entanto, de às vezes um pedir emprestado para o outro. Por exemplo, as crianças pedem para jogar joguinhos no celular. Anderson confirma que cada um tem o seu – e que o número de celulares supera a necessidade.

Já Anderson comenta que não compartilha os seus livros, o seu computador e seus instrumentos musicais, que ficam no seu quarto na casa da avó. No entanto, seu quarto tem livre acesso aos irmãos, compartilhando com eles quando ele não está em casa.

Que só eu uso... Meus livros. Eu gosto muito de ler. Meu computador. Meus irmãos dificilmente vão lá para baixo. Só que, quando vão, ficam lá no meu quarto mesmo, que eu deixo. Isso quando eu não estou em casa, porque eles sabem o quanto eu gosto de ter um quarto só para mim quando eu estou em casa. E os meus instrumentos. (Anderson Monteiro, filho #1, 19)

O que Anderson fala sobre saberem “o quanto eu gosto de ter um quarto só para mim quando eu estou em casa”, é uma conquista recente. Até sua tia falecer, ele compartilhava o quarto com os dois irmãos. Mas não foi sempre assim. Ele se mudou para essa casa quando tinha seis ou sete anos, e sua diferença de idade para o próximo filho, Paulo, é de dez anos. Ele passou quatro anos tendo o quarto apenas para si. Antes disso, quando ainda moravam na casa da avó, seu quarto sempre havia sido compartilhado – primeiramente com o pai e mãe, depois apenas com a mãe, e finalmente com a mãe e Marcos. Andressa conta que era sonho de Anderson ter um quarto só dele, quando se mudaram para o terceiro andar da construção.

Anderson aproveitou muito o quarto enquanto ainda era só seu. A mãe conta que ele “ficava ali horas sozinho, brincando”. O filho tinha no quarto a cama dele e a televisão dele, enquanto que antes compartilhava com a televisão com a mãe e dormia no chão.

No nosso quarto, ele dormia no chão. Então ele achou diferente ter a cama dele sozinho, o quarto dele, a televisão dele. Ele ficava ali horas sozinho, brincando. Não tinha o terraço ainda. O terraço estava em construção. Então o Anderson tinha aqui o quarto dele, e ele se sentia assim, bem à vontade. Era muito diferente. Ele ter o quarto dele, eu ter o meu quarto. (Andressa Monteiro, mãe, 39)

Quando nasceu Paulo, o quarto passou a ser compartilhado – ou dividido, nas palavras de Andressa. Anderson até queria muito ter um irmão, mas a diferença de idade fez com que a realidade fosse bem diferente do que tinha imaginado: ao invés de um companheiro para brincadeiras, ele teve que compartilhar parte dos cuidados com o irmão. E além de dividir os espaços, também teve que “dividir as atenções” (Andressa Monteiro, mãe, 39).

Quando veio o Paulo, teve que dividir o quarto. Mas tinha espaço, porque era uma cama, e o Anderson sempre quis ter um irmãozinho. Ele pedia: “Ah, eu quero ter irmãos”. Porque ele foi criado no meio de adultos. Só tinha adulto aqui em casa, não tinha criança. Tinha criança, a minha sobrinha, mas a minha sobrinha já era grande e não brincava com ele. Mas foi aquela coisa de ciúmes, de dividir o espaço dele, de ter uma criança aqui, de dividir as atenções. Ele se sentiu meio que desprezado por causa do Paulo. Tive que trabalhar a cabecinha dele, incluir ele em tudo. Ele não foi muito receptivo, não. Acho que na cabeça dele ele pensou: “poxa, não é bem companhia que eu vou ter”. Porque ele já estava grandinho, então ele já tinha que ajudar. (Andressa Monteiro, mãe, 39)

Anderson conta que depois de tanto tempo “dividindo” o quarto com os irmãos, ele pode “redescobrir a liberdade” que pouco teve em ter o seu espaço, usufruir dele do seu jeito, como “ficar só deitado pensando”. Quando nasceu seu irmão, ele perdeu um pouco de espaço e tinha também que compartilhar parte dos cuidados dele. Quando nasceu sua irmã, o seu irmão já estava com um pouco mais de idade e demandava espaço, criando uma “disputa” e fazendo com que fosse “até um alívio ir lá para baixo”, para a casa da avó (Anderson Monteiro, filho #1, 19). A situação anterior, em que os três filhos dividiam o mesmo quarto, se configurava como um compartilhamento forçado entre eles.

Eu dividia com meus dois irmãos pequenos. Agora eu pude redescobrir a liberdade que eu, na verdade, não tive. Tive até só uma certa idade, pois meu irmão veio, uma parte dela acabou. Depois minha irmã veio, e acabou totalmente a liberdade. Porque eu já tinha o quarto à minha maneira. Beleza, podia ir descansar, às vezes ficar só deitado pensando. Quando meu irmão veio, eu mal pude fazer isso, tinha que tomar conta dele. Só que às vezes eu cansava de fazer isso. Já com a minha irmã, meu irmão já estava mais velho e foi querendo ter o espaço dele, ter as coisas dele no quarto dele. Minha irmã também está nessa agora. Essa disputa é que as pessoas querem conquistar o mesmo espaço. Fui ficando para escanteio, já que eu sou o mais velho. Já não me valorizam tanto assim, já que eles tão na fase de descoberta. Então foi até um alívio ter ido lá para baixo. (Anderson Monteiro, filho #1, 19)

Mesmo tendo seu espaço exclusivo, não compartilhado, na casa da avó, Anderson continua deixando algumas roupas na casa dos pais. A mãe tenta fazer o filho criar o hábito de ele manter suas roupas em seu armário, no seu quarto, até porque o quarto que ele antes ocupava juntamente com os irmãos “não tem espaço”. Ainda assim, Anderson conta que de vez em quando fica com “preguiça de descer” as coisas e as deixa em um cantinho do quarto dos irmãos, silenciosamente demandando um espaço compartilhado ainda no seu antigo quarto.

Eu alterno. Às vezes, quando tenho preguiça de descer, deixo aqui em cima. Vou deixando até um mês, depois desço as coisas. Ficam lá no cantinho. Sempre arrumo um canto. Meus irmãos não mexem. Faz tempo que isso não acontece. Naquela fase de descoberta é que eles queriam mexer em várias coisas. Queriam mexer no meu violão, no meu baixo. Quando tinha meu laptop, queriam mexer nele. Mas já passou essa fase. Tanto que hoje eles têm as coisas deles. (Anderson Monteiro, filho #1, 19)

Como relatou Andressa, Anderson segue tomando banho no banheiro da casa dos pais. Muito raramente, se todos estiverem se arrumando ao mesmo tempo para saírem, o banheiro pode ficar disputado. Nesse caso, Andressa pede para Anderson usar o banheiro da casa da avó e, se estiver calor, parte da família usa também a ducha do banheiro do terraço. Mas, de uma forma geral, banheiro não dá disputa, até porque, como Anderson comenta, os horários de cada um são diferentes.

Se o banheiro não é disputado, a televisão é motivo de algumas discussões. São três televisões de tubo: uma na sala, um pouco maior, e uma em cada um dos dois quartos. Os pais não sabem explicar bem o porquê da televisão da sala ser mais disputada, mas principalmente quando Elisa “cisma” de querer assistir na sala, dá confusão se Paulo estiver jogando seu *videogame*. O *videogame* só conecta na sala. E então acaba sendo requerida a interferência dos pais para decidir como será o compartilhamento das televisões, face ao impasse. Em alguns casos, é o próprio Marcos que quer assistir algo na televisão da sala, participando também da disputa. Anderson é o único entre os entrevistados que não vê essa disputa – comentando apenas que ele tem seu refúgio no seu quarto na casa da avó, onde ele também tem uma televisão.

Ah, sim, televisão. Aqui tem três televisões para não ter problema, mas tem dias que todo mundo quer assistir na da sala. Principalmente a Elisa. Não sei por que, sinceramente. No quarto tem conforto para assistir, tem ventilador, tem a cama para assistir, mas tem horas que a Elisa cisma de ver só aqui. E então dá confusão. Ela quer ver um desenho, o Paulo quer jogar videogame. Fica conectado aqui, não coloco no quarto. E o Marcos às vezes quer assistir uma outra coisa. Fica tumultuado. Um ou dois têm que ficar de cara feia. Eu tento: “Elisa vai para lá” ou “Marcos vem para o quarto”, “Paulo, joga aqui”. Porque o videogame é a única coisa que não tem jeito de resolver. Tem que ser aqui. Ou então: “Paulo, espera um pouquinho, espera terminar o programa tal para você jogar o videogame”. Eu tento distribuir da melhor forma possível. Se não, não tem como. Sendo que tem três pontos de Net e três televisões. (Andressa Monteiro, mãe, 39)

Aqui tem três televisões, então não tem nem como ter briga. E meu irmão e minha irmã veem basicamente o mesmo programa. Meus pais quase não param aqui. Quando param, ficam os dois aqui na sala assistindo também este programa e eu fico no quarto assistindo. Mesmo se tivesse que negociar, assim, todo mundo quisesse ver um programa diferente na televisão, tenho meu refúgio, que é lá embaixo. (Anderson Monteiro, filho #1, 19)

Apesar de televisão ser um dos entretenimentos favoritos de parte dos entrevistados da família, não chega propriamente a ser considerado um entretenimento compartilhado entre os três informantes, pois as programações desejadas são distintas. O mesmo pode ser dito da maior parte das atividades que cada um dos três entrevistados comenta gostar de fazer em seu tempo livre. Anderson gosta de conversar com os amigos, de música – ele tem uma banda de música, toca baixo e canta – e de assistir seriados japoneses e americanos na televisão. Gosta ainda de teatro e museus, mas seu interesse não é compartilhado com os pais.

Anderson pratica o instrumento, o baixo, em casa. Se estiver incomodando outros – provocando um compartilhamento forçado para os demais, em ter que ouvir o som do instrumento – ele desliga o amplificador e toca com ele desligado, de modo a treinar a movimentação dos dedos no instrumento.

Se Anderson cita que não gosta de usar a piscina, o mesmo não pode ser dito dos pais e de seus irmãos. Andressa conta que, além de televisão – filmes, programas de humor, novelas, entre outros – no calor gosta de ficar na piscina. Comenta que ficam à vontade, pois as outras pessoas não conseguem vê-los na piscina – não ocorrendo, portanto, um compartilhamento forçado e para fora de sua intimidade.

Marcos tem como seu entretenimento favorito o que for agradar a sua família. Ele diz que o que eles gostam de fazer, ele também gosta de fazer – exceto Anderson, que “tem uma rotina diferente da nossa”. Diz que o que ele mais preza é a companhia da família, ou seja, compartilhar os momentos com eles.

Algumas das atividades que Marcos compartilha com os filhos no seu dia-a-dia são tomar café com os filhos em seu retorno do trabalho, ir à igreja, assistir televisão com eles e passar o final do dia na piscina no terraço. Aos finais de semana, vão à sorveteria, passeiam, jogam bola.

Os afazeres de casa ficam por conta principalmente de Andressa. Ela cozinha, organiza o almoço que Marcos leva para o trabalho, o almoço das crianças, passa a roupa, faz café, cuida da casa, organiza o lanche da noite. Por conta os horários, Andressa vai à igreja de manhã e Marcos leva as crianças no final do dia. Enquanto a esposa não chega do trabalho, é ele que “administra” as crianças. Já as compras da casa são feitas conjuntamente por Andressa e Marcos. Os quatro fazem oração juntos no final da noite. Anderson participa dos afazeres levando o irmão para cursos e futebol e, juntamente com a mãe e a avó, compartilha dos cuidando dos gatos e cachorros da avó. Diz ainda que gosta de cozinhar, mas que os demais não apreciam seus pratos bastante temperados.

Eu levo e busco meu irmão no curso, no futebol. Eu gosto de cozinhar. Só não cozinho aqui que o povo normalmente não gosta da minha comida, que eu faço muito temperada. Gosto da comida muito apimentada. E quem que cuida dos cachorros e dos gatos sou eu, a minha mãe e a minha avó. Cada um faz o trabalho, na verdade, que o outro não fez. O que um não teve tempo para fazer, o outro faz. (Anderson Monteiro, filho #1, 19)

Os cães e gatos da avó são, inclusive, um compartilhamento forçado no ponto de vista de Anderson. Ele considera a quantidade de animais exagerada. Acha que assim acaba não funcionando bem, pois é grande a quantidade de comida e de sujeira.

A coisa que mais me incomoda aqui, não necessariamente aqui no terceiro andar, mas lá embaixo, é um número muito elevado de cachorros. Eu acho que hoje em dia deve ter uns sete. Eu mudaria isso. Eu gosto de animais e tudo, eu até prefiro ter animal em casa. Só que não em excesso, porque em excesso, foge do controle. Come demais, suja demais. Acaba não funcionando. (Anderson Monteiro, filho #1, 19)

Anderson fala também de seu desejo de ter o seu espaço. Gostaria de construir uma casa para ele no lugar do terraço. Dessa forma, ele teria o seu espaço, com suas coisas reunidas em uma única casa – supostamente em contraposição à situação atual, em que tem sua vida dividida entre duas casas – e ainda assim mantendo contato com a família.

Sua visão de “independência” rege que ele tenha seu espaço e que seja só seu. Para Anderson, “se dividir a casa com outra pessoa, você não vai ter seu espaço”, vai tentar agradar a outra pessoa e “acabar se frustrando por causa disso”. Em sua visão, mesmo se casando, ele não quer compartilhar a mesma casa com sua esposa: cada um teria a sua própria casa e, assim, ficariam livres de compartilhar a rotina de dormir, acordar, ver o outro descabelado ou em momentos de maior intensidade emocional, como “gritando, chorando”.

Já Andressa, mesmo feliz em seu casamento e em sua convivência com a família, adoraria ter seu próprio quarto, mesmo sabendo que será “impossível” ter enquanto casada. “Eu nunca tive essa experiência”. Pois sempre compartilhou quarto com alguém mais. Primeiro foi com a sua irmã, depois com seu primeiro marido, então com ele e seu filho mais velho, depois apenas com seu filho mais velho, até vir o segundo marido, e desde que se mudaram para a casa atual, no terceiro andar da construção, ela compartilha o quarto com o seu marido. Ter um quarto só para si representa, para ela, “privacidade”, de fechá-lo e “você ver o que você quer, você mexer no que você quer”, “você saber que ninguém vai mexer nas coisas que você deixar ali”. Ela acha importante que os filhos tenham seus próprios quartos, como eles hoje já sonham.

Ela cita ainda dois itens que ela considera como sendo “individuais” e que cada um deveria ter o seu: o computador e o telefone. Acha importante não serem compartilhados, pois contêm informações pessoais. Conforme notado anteriormente, o computador da casa é compartilhado e os telefones celulares, apesar de individuais, podem ser emprestados uns para os outros.

Hoje em dia ter um computador só para você, onde você tem os seus arquivos, os seus documentos. É uma coisa que é muito individual. Tem coisas que são bem individuais. Que você não compartilha com ninguém. Ter um telefone para você. Tudo é muito importante, eu acho importante. (Andressa Monteiro, mãe, 39)

Ainda que compartilhando o quarto, Andressa sentiu um ganho de liberdade quando a família se mudou para a casa atual, no terceiro piso da construção. O aumento de suas responsabilidades – passando a “cuidar de tudo sozinha” na casa, ao invés de compartilhar as responsabilidades com a mãe – significou, para ela, não um peso, mas um sentimento de liberdade, de arrumar a casa quando achar que deve, de cozinhar quando quer – ou até mesmo de decidir não comer. Uma sensação, enfim, de “quem manda aqui sou eu”.

Lá era tudo compartilhado. Na verdade, ela que fazia a comida, eu fazia muito pouco. Eu cozinhava quando via que ela fazia coisas que o Marcos não gosta, então eu tinha que fazer a comida. Mas até então não tinha aquele compromisso de cozinhar, de cuidar de uma geladeira, de cuidar de tudo sozinha. Para mim foi tudo muito novo. Para todo mundo foi tudo muito diferente. Mas foi ótimo, todo mundo se sentiu bem livre. Eu acordar e pensar “poxa, hoje eu não preciso arrumar a casa. A casa está arrumada, então hoje não precisa arrumar”. Você compartilhar tudo é complicado. Lá eu compartilhava tudo, a casa, a arrumação da casa, tudo. E aqui eu entrei, eu falei: “poxa, hoje eu não preciso arrumar a casa”, “se eu fiz comida hoje, eu não preciso fazer amanhã”, “hoje eu não estou afim de fazer comida, eu vou lancha”. Aquilo foi tudo muito novo para a gente. E para a minha mãe acredito também que foi. Porque ela sentiu falta de eu não arrumar mais a casa, porque quem cuidava da casa era mais eu. Foi tudo muito novo para todo mundo, mas para mim foi ótimo. A minha liberdade de ter a minha casa, de fechar a porta, “eu estou na minha casa”. “Quem manda sou eu e sou eu que vou arrumar tudo, sou eu que vou cuidar de tudo”. Foi bem diferente. O Anderson também se sentiu mais à vontade, mais feliz. (Andressa Monteiro, mãe, 39)

Assim como Andressa sempre compartilhou o quarto com a irmã, Marcos também compartilhava o quarto com seu irmão. No apartamento no bairro da Usina, onde foram criados, eram três quartos: o dos pais, o da irmã e o dele com o irmão, quatro anos mais velho que Marcos. Dividiam o quarto, mas cada um tinha as suas coisas. Na fase de levar namorada para casa, eles se revezavam: cada um tinha dias alternados na semana para ficar com o quarto e ter a privacidade que o compartilhamento não permitia.

Lá na Usina eram três quartos. Tinha uma sala grande, dois banheiros, dois corredores, um que levava para os cômodos e um de entrada. Ficava no segundo andar, prédio com elevador. Sempre dormi com meu irmão. Cada um tinha suas próprias coisas. O momento mais difícil foi o momento que a gente começou a namorar. Ainda mais homem, quer trazer a namorada para dormir no quarto, não preciso entrar em detalhes. A gente fazia tipo uma escala. Segunda, quarta, sexta e domingo é meu. Terça, quinta e sábado é seu. No domingo, a gente divide o dia. Porque queria ficar no quarto, com a namorada, ouvindo uma música. Fechava tudo, queria ter privacidade. (Marcos Monteiro, pai, 38)

Mesmo tendo feito esse arranjo de escala de uso do quarto, não evitava por completo conflitos. Marcos conta que, por exemplo, acontecia de o irmão não lhe dar acesso ao quarto para pegar as suas roupas para poder sair, tendo que pedir a interferência do pai, por quem sempre tiveram muito respeito.

Marcos fala ainda da sua visão sobre o convívio entre os dois quando compartilhavam o quarto. Dado que “o espaço era dos dois”, “o que teria que ser bom para um, teria que ser bom para o outro”, fazendo com que as decisões sobre uso do quarto também acabassem sendo compartilhadas entre eles. Em determinados momentos, um dos dois tinha vontade de ir além dos limites estabelecidos no acordo. Tentavam negociar e, caso não chegassem a um acordo, o pai intervia para resolver o conflito.

Mas a gente negociava muito, porque o espaço era dos dois. Então o que teria que ser bom para um, teria que ser bom para o outro. Sempre foi importante a gente zelar pelo nosso espaço, mas também dividir. Às vezes a gente não sabia dividir. Tinha essas farpas aí, mas normal, normal. Tinha momentos que a gente queria ficar mais tempo, queria aproveitar, queria abusar, e esquecia do outro. Mas se não dava para resolver, meu pai intervia e resolvia na hora. A educação que ele deu para a gente, pelo respeito, então a gente acabava entrando em entendimento e resolvia. (Marcos Monteiro, pai, 38)

As coisas dos irmãos, dentro do quarto compartilhado, eram separadas. Cada um tinha as suas coisas. Tinham um guarda-roupas grande, ficando o uso de metade para cada um. A diferença de idade de quatro anos entre eles ajudava a explicar o fato de um não pegar as coisas do outro, nem mesmo emprestado.

Ao final da entrevista, Marcos dá a sua definição para compartilhar e para emprestar. Ele diz que “emprestar é momentâneo”, “tem prazo”, e compartilhar “é para o resto da vida”, “é eterno”. Em seguida, ao dar exemplo de emprestar dinheiro, diferencia de “dar”, pois espera o retorno, o pagamento de volta do montante. Também não empresta para qualquer pessoa. Já para compartilhar, diz que compartilha o que aprendeu “de bom”, como a criação que ele recebeu e que agora compartilha com os filhos. Acha importante compartilhar, pois é uma forma de “lhe melhorar”, “lhe modificar”.

Emprestar é para o momento. Uma coisa que seja para o momento. Compartilhar é compartilhar o que você aprendeu, é para o resto da vida. Emprestar é momentâneo, compartilhar é eterno. Por exemplo, “ah, me empresta dinheiro aí”. “Não vou lhe dar, vou lhe emprestar. Vai me pagar quando? Ah, está beleza”. Depende para quem for, também. Não é para qualquer um. Empresto dinheiro para o Anderson. Ele devolve. Eu vou em cima dele. Vou, claro. Compartilhar é tudo que eu aprendi de bom. Eu compartilho e faço questão de exemplificar. Minha criação é um exemplo disso, minha educação, e eu estou conseguindo compartilhar com meus filhos isso. Eu acho que é importante, independente do que for. Compartilhar coisas boas, coisas que vão lhe modificar. Vão lhe melhorar, porque emprestar é momentâneo, muito rápido. Eu posso emprestar sei lá o que, é camisa, o que for, para quem, emprestar, mas ao mesmo tempo tem prazos e tudo mais. Compartilhar, não. (Marcos Monteiro, pai, 38)

Na sua casa, Marcos diz que eles compartilham tudo. Que fazem tudo junto e tudo é comprado pensando em todos, em especial nos filhos. Enquanto exemplifica o compartilhar de bens na família, Marcos comenta que não hesita em dar alguma coisa que os filhos peçam e que ele fica satisfeito em atendê-los.

Compartilhamos tudo. Porque é família, como lhe falei, a gente faz tudo junto. A gente faz tudo pensando um no outro. Eu estou pensando neles, principalmente neles. Abro mão de muita coisa para poder atender a eles. Eu compro para mim e para eles. Não hesito muito não em não dar. Acabo dando. Eu fico satisfeito. (Marcos Monteiro, pai, 38)

Segue exemplificando o compartilhar que, na sua concepção, é também ensinar, passar conhecimento e experiência, seja em casa, seja fora dela, como no ambiente de trabalho. Compartilha-se também a alegria e a satisfação.

Compartilhar é basicamente fazer as coisas boas. Por exemplo, coisas de educação, “não faz isso, faz assim como eu aprendi, seu avô e sua avó me ensinaram, que você vai se sair muito bem, vai ser muito mais feliz dessa forma”. Compartilhei, eles aprendem e seguem aquela linha ali sempre. É nesse sentido, o compartilhar. Da mesma forma no trabalho: meu conhecimento, meu aprendizado, minha experiência. Eu compartilho e mostro para eles o que eles devem fazer, e em cima disso vão chegar a um melhor resultado. Eu compartilho a alegria deles, a satisfação deles de ganharem e ver que eles estão super satisfeitos, felizes. É uma forma de compartilhar, é alegria, é uma satisfação. Está bom para mim, está bom para eles. Eu estou compartilhando a satisfação e a alegria de vê-los felizes com o que eles ganharam. Para mim, é uma forma de compartilhar. (Marcos Monteiro, pai, 38)

Para Andressa, compartilhar é “o que é meu, é seu”. Cada um cuida como se fosse seu, como o fogão e a geladeira. Já emprestar é usar por um tempo, sem que seja seu. Empréstimo não é dar, “não é seu”, e requer devolução. Já o compartilhar “você não tem a obrigação de me devolver”, pois “é nosso”, e todo mundo tem que cuidar do item. No empréstimo, tem que cuidar também do item, pois “se peguei emprestado, tenho a obrigação de devolver do jeito que eu peguei”, ou seja, de devolver no mesmo estado em que o objeto se encontrava originalmente.

Compartilhar é, por exemplo, o que é meu é seu. Compartilhar, desde que todo mundo cuide como se fosse seu. Por exemplo, tem a geladeira, o fogão, eu estou compartilhando, mas desde que todo mundo cuide. Empréstimo, não. É como se eu pegasse uma coisa minha e lhe emprestasse por um tempo. Mas não é seu. Empréstimo é aquilo que eu estou lhe dando por um tempo, um determinado tempo, mas eu não estou lhe dando, não é seu. Então uma hora você tem que me devolver. O compartilhar não, você não tem a obrigação de me devolver. É meu, é seu, é nosso. Desde que todo mundo tenha cuidado, que cuide e está tudo certo. Empréstimo, não. Eu tenho que cuidar porque tenho a obrigação de devolver do jeito que eu peguei. (Andressa Monteiro, mãe, 39)

Um exemplo que dá de coisas que são emprestadas em casa é o seu celular, quando Anderson precisa usar um, ou quando o dela está descarregado e pede emprestado o de alguém mais na família. Mas ressalta que tem que ser devolvido.

Já quando o item é compartilhado, Andressa explica não é necessário pedir para usar. A não ser quando já tem alguém usando, ou quando se quer verificar se o dono original intenciona usar, como no caso do iPad de Paulo.

Andressa contrapõe o exemplo do iPad ao do celular. Se o iPad ninguém precisa pedir emprestado e, mesmo tendo um “dono oficial” ele é compartilhado, os celulares são individuais e, caso alguém queira usar um o do outro, tem que pedir emprestado antes, mesmo que seja para usar o bônus provido pela operadora de celular.

Mas o celular já pede emprestado porque com celular já é cada um com seu celular. Não é compartilhado. Não é assim, “hoje eu estou com o celular, amanhã está com o Anderson”, não. O celular é meu. Então eu carrego o celular para onde eu vou. Se eu deixar em casa, tudo bem, pode até pegar e usar e tal, mas o celular é meu. O que está no celular é meu. Porque celular é muito individual. A não ser que tenha bônus: “ah, o meu tem mais bônus que o seu”. Mas ele fala: “mãe, posso usar o seu? Está com bônus?”. (Andressa Monteiro, mãe, 39)

Anderson, por sua vez, dá um aspecto mais utilitário para o emprestar, emprestando algo que seja “útil para aquela pessoa no momento”, mesmo que a pessoa seja um estranho na rua, em contraposição ao compartilhar, em que ele faz por “apreço àquela pessoa”. Diz que “emprestar é utilidade, e compartilhar é prazer”.

Emprestar, eu empresto até para uma pessoa na rua que eu não conheço, para poder ajudar. Emprestar eu tenho conhecimento que aquele objeto é útil àquela pessoa no momento. Agora, compartilhar é quando você já tem um apreço aquela pessoa e você gostaria de vê-la tão satisfeita quanto você, usando aquilo. Acho que emprestar é utilidade e compartilhar é prazer. (Anderson Monteiro, filho #1, 19)

Dá então um exemplo para cada situação. Ele emprestaria o celular a um desconhecido que precisa avisar que vai chegar atrasado. E ele compartilharia o computador com o irmão, por quem tem apreço, caso o iPad dele queimasse, “para vê-lo satisfeito também”.

Anderson diz que ao emprestar algo a alguém que passa por uma situação de aperto, espera o mesmo dele se a situação se inverter, espera que ele também lhe empreste. Já no compartilhamento, não necessariamente espera que faça o mesmo por ele, compartilhando “porque quis ver a pessoa feliz”.

Se você empresta, por exemplo, numa situação de um cara passando um aperto. Se você emprestou, você foi bondoso. Agora sou eu que estou passando por uma situação de aperto. Agora a outra pessoa vai ter que ser boa para mim, me emprestar. E também tem a situação de no caso de compartilhar, você quis ver a pessoa feliz. Então você pode ou não querer de volta. Normalmente você vendo a pessoa satisfeita, você não quer de volta. Você deu porque quis ver a pessoa feliz. (Anderson Monteiro, filho #1, 19)

Andressa fornece ainda uma comparação de sua família com outras, em termos de seus hábitos de compartilhamento. Ela cita que “tem gente que é mais individualista”, “que não compartilham as coisas como a gente compartilha”. Por exemplo, não fazem coisas juntos, não compartilhando o tempo. Por outro lado, dá o exemplo da família de uma das irmãs. Lá, eles fazem as refeições juntos, à mesa, compartilhando a comida e o momento da refeição. Andressa diz que admira e que, em comparação à família da irmã, a sua parece bagunçada no que diz respeito às refeições, pois cada um come em um canto da casa. E conclui que cada um compartilha “dentro do que pode”, dentro de sua rotina.

Tem gente que é mais individualista. É cada um na sua, mesmo. Que não compartilha as coisas como a gente compartilha. Não compartilha o tempo. Não faz coisas de fazer tudo junto. Um de não depender do outro. Já tem outros que, por exemplo, na minha irmã, eles têm o hábito de comer todos eles na mesa. Eu acho isso bonito. Faz a mesa do café da manhã, a mesa do almoço, a mesa do jantar. Eu acho isso legal também. Aqui parece que é bagunçado, cada um no seu canto com seu prato. Quer ir comer no quarto, come. Quer ir comer na sala, come. Quer ir comer na cozinha, come. Um ou outro senta na mesa sozinho. Eu tenho o hábito de sentar na mesa sozinho e comer. Um come na frente do computador. Na minha irmã, é tudo muito organizado. Mas eu acho que dentro da minha rotina, eu acho uma casa organizada. Dentro do meu ambiente, da minha rotina. Do meu espaço aqui. Eu acho que é legal. Tem gente que é mais individualista, fica mais tempo cada um no seu canto mesmo, sozinho. Aqui a gente já compartilha mais. Tenta compartilhar mais, todo mundo junto. Eu acho que é cada um dentro do que pode, da sua rotina, do seu modo de viver. (Andressa Monteiro, mãe, 39)

5 Análise dos resultados

Este capítulo apresenta a análise dos resultados obtidos, utilizando uma abordagem interpretativa e abductiva, com vistas a responder à pergunta de pesquisa que orientou o estudo: *Qual a natureza e os significados do compartilhamento como prática de consumo em famílias brasileiras urbanas de classe média baixa?*

A primeira seção expõe a natureza do compartilhamento relatado pelas famílias informantes. Trata das denominações dadas ao compartilhamento e da distinção entre o que é compartilhado e o que não é, assim como seus mecanismos. Em seguida, discute o compartilhar e o emprestar como modos de consumo e apresenta a forma diversificada e muitas vezes antagônica usada pelos informantes no emprego do termo “dividir” para falar sobre práticas de consumo.

A segunda seção apresenta as formas de compartilhamento relatadas. São abordadas as formas retratadas na literatura, como o compartilhamento aberto e o demandado, seguido de três formas adicionais encontradas no estudo: o compartilhamento forçado, de fora e não intencional. É então proposto um esquema conceitual dos tipos de compartilhamento.

A terceira e última seção seguinte exhibe os significados associados ao compartilhamento a partir dos relatos dos informantes. Foram extraídos quatro grupos de significados, relacionados à família, às finanças, a ajuda e a privações relacionadas ao compartilhamento, além de significados discutidos à luz das metáforas de consumo de Holt (1995). É também discutido o processo de significação do consumo tomando-se por base a proposta de McCracken (1986).

5.1. Natureza do compartilhamento

O compartilhamento é uma prática cotidiana e característica dos lares familiares pesquisados (BELK, 2010). A prática foi relatada por todas as famílias entrevistadas. A extensão do compartilhamento dentro dos lares, no entanto, apresentou variações expressivas. Algumas famílias, como os Silva e os Santos, afirmam compartilhar “tudo”, dizendo que “tudo é de todos”. Outras famílias, como os Pereira e os Cardoso, declaram que os bens são para uso de todos, mas distinguem espaços e itens que são de uso privado, em que “os outros não mexem”. De uma forma geral, as famílias dizem que “tudo” é todos, termo que mostrou ser em sentido figurativo: as exceções ao compartilhamento chegam a ser a regra em determinadas famílias.

Em busca de se entender como os informantes designavam a prática do compartilhamento, a pesquisadora não empregou o termo “compartilhar” até que fosse usado espontaneamente pelos informantes, o que não ocorreu até o final de algumas entrevistas. Em outros casos, o termo compartilhar surgiu logo nas primeiras falas de alguns informantes. Com base nas definições de Belk (2010) para o que é considerado compartilhamento, os principais termos utilizados pelos informantes para se referirem à prática são mostrados no Quadro 5.1.

Quadro 5.1 – Termos empregados no sentido de compartilhamento

Aquisição	Propriedade	Uso	Geral	Conotação negativa
“Comprar junto” “Comprar para todos” “Decidir junto”	“De todos” / “de todo mundo” “Da família” “Nosso” / “meu e dele(a)” “É meu, é seu, é nosso” “O que é meu é dele(a) e o que é dele(a) é meu” “O que é meu é de todos aqui” “Não pode ficar só para você” “Todo mundo é dono” “Ninguém é dono”	“Qualquer um pode pegar e usar” “Todos mexem” “Usar junto” “Usar a hora que quiser” “Usar com você” “Usufruir” “Revezar”	“Compartilhar” “Partilhar” “Distribuir” “Emprestar” “Dividir” / “Dividual” [sic] “Ceder” “Trocar” “Sociedade” “Em comum” “Comum acordo” “Coletivo”	“Invadir” “Misturar” “Mexer” “Abusar” “Embolar” “Confusão”

Como mostra o Quadro 5.1, são empregados termos diversos com o sentido de compartilhar. Alguns deles se referem à aquisição dos bens: comprá-los juntos, “para [uso de] toda a família”. Outros termos remetem à propriedade, sendo “de todos” da casa, “da família”. Nesse caso, não cabe “meu” ou “dele”, pois “o que é meu é dele e o que é dele, é meu”. Em geral, não se indica um dono específico dos bens – ou “todo mundo” é dono, ou “ninguém” é.

O compartilhar também é traduzido em termos de uso: os membros familiares podem usar o bem “quando quiserem”, às vezes se revezando, ou ainda usando todos juntos ou “com” alguém. “Qualquer um pode pegar e usar”, “usufruir” do bem. “Todos mexem”.

Outros termos têm um cunho mais geral, inclusive o “compartilhar”, juntamente com “partilhar”, “distribuir”, “dividir”, “trocar” e “emprestar”. São bens “coletivos”, parte da “sociedade” formada por membros familiares, em que se “trocaram” os bens entre eles e juntos tomam decisões sobre eles.

Há, ainda, algumas designações que foram usadas com sentido negativo nas entrevistas. Os termos usados incluem “ficar tudo misturado” ou “emboado”, “invadir” o que é do outro, “mexer”, “abusar” ou mesmo gerar “confusão”.

Os informantes também fizeram referências sobre itens de uso privado, não compartilhado. Os principais termos empregados nessas situações são exibidos no Quadro 5.2.

Quadro 5.2 – Termos empregados contrapondo compartilhamento

Aquisição e Manutenção	Propriedade	Uso	Geral
“É meu, porque eu que comprei” “Eles compraram” “Eles pagaram” “Cada um paga o seu”	“É meu, é dele” / “só de uma pessoa” “Esse é meu, esse é dele” “Meu é meu; dele(a) é dele(a)” “O que é seu, é seu” “Cada um tem o seu”	“Cada um usa o seu” “Cada um mexe no seu” “Ninguém mexe” / “só eu mexo” “Ninguém pega” “Só para um usar”	“Dividir” “Separar” “Pessoal” “Individual” “Independentes”

Os termos mostrados no Quadro 5.2 apresentam em comum a predominância de pronomes possessivos no singular – meu, seu, dele – refletindo a propriedade ou o uso individual dos bens. Alguns se referem ao desembolso financeiro para aquisição e manutenção dos bens, desembolso esse que garantiria sua individualização, exceto se o dono optasse por compartilhá-los. Outras referências falam da propriedade: bens não compartilhados têm um dono claro, “o que é seu, é seu”, ou ainda “cada um tem o seu”. Em relação ao uso, “cada um usa o seu”, “mexe no seu” e “ninguém pega”. Também surgiram referências gerais, em que o compartilhamento se contrapõe a termos como “dividir” e “separar”, com bens que são de uso “pessoal” ou “individual”.

Tendo-se em vista que diversos entrevistados não utilizaram o termo “compartilhar” espontaneamente e que empregaram uma variedade de expressões com o sentido de “compartilhar” ou para apontar o seu oposto, cabe discutir o conhecimento e uso do termo. Apesar de a prática do compartilhamento ser parte do cotidiano dessas famílias, a expressão parece não pertencer ao vocabulário de uso comum. A dificuldade que alguns entrevistados mostraram em definir compartilhamento corrobora essa questão. Em outros casos, informantes não empregam o termo espontaneamente, mas elaboram uma definição. Eles parecem conhecer o termo, apesar de não fazer parte de seu vocabulário usual. Já aqueles que empregam o termo “compartilhar” espontaneamente, o fazem com o mesmo sentido abordado na literatura. Os resultados apontam, portanto, para um conhecimento heterogêneo do termo e de seu uso entre os entrevistados.

Independentemente do termo utilizado, diversos são os exemplos de compartilhamento nas famílias. O Quadro 5.3 apresenta exemplos dados explicitamente pelos informantes e organizados em três grupos: o que é comumente compartilhado nas famílias participantes do estudo, o que é compartilhado em parte das famílias e o que raramente é compartilhado, tendo, portanto, um uso mais individual.

Quadro 5.3 – Exemplos dados pelos informantes sobre o que compartilham

	Comumente compartilhados	Compartilhados em parte dos casos	Não compartilhados
Higiene e asseio pessoal	Creme dental	Xampu, sabonete, desodorante, perfume, hidratante, maquiagem	Escova de dentes, lâmina de barbear
Vestuário		Roupas, sapatos, bolsas	Roupas íntimas, toalhas
Eletroeletrônicos	Computador, <i>videogame</i> , bônus de celular, comunicadores por rádio (celular), geladeira, ventilador / ar condicionado	<i>Tablet</i> , <i>notebook</i> , aparelho de celular (sem o chip)	Celular (com o chip)
Espaços da casa	Sala, cozinha, área de serviços, banheiro, móveis da área comum, guarda-roupas	Quartos, camas	
Entretenimento e momentos do cotidiano	Cuidados (*) com a casa / crianças / animais domésticos, despesas da casa (*), comida	Momento das refeições, programação de televisão	Comidas especiais

(*) Entre os adultos e, em alguns casos, crianças mais velhas.

Os exemplos mostrados no Quadro 5.3 suscitam algumas questões. Primeiramente, se escovas de dentes são individuais (possivelmente para evitar contaminação), outros itens de higiene e asseio pessoal, como xampus e cremes dentais, muitas vezes não são compartilhados por razões distintas. Uma delas é a de uso excessivo pelos demais membros da família de um item visto como “mais caro”, levando a seu rápido esgotamento (como os xampus de Madalena Rocha e de Carla Cardoso). Essa preocupação está associada ao que Belk (2007) se refere por percepção de escassez do bem, funcionando como um limitador ao compartilhamento. O medo de o produto acabar não reside apenas no uso excessivo, mas também no gasto acelerado por se ter mais gente usando (como as maquiagens de Bruna Rocha, Raísa Carvalho e Mariana Pereira). No caso das famílias pesquisadas, a restrição financeira é uma realidade e, em muitos casos, comprar produtos especiais requer sacrifício financeiro. Compartilhar bens pode acelerar o seu consumo e torná-los indisponíveis mais rapidamente. Manter esses bens na esfera do consumo individual funciona como forma de fazer render o pouco dinheiro que se tem disponível.

Outra razão que ajuda a explicar o compartilhamento ou não de itens de higiene e asseio pessoal é a preferência individual por determinados itens. Quando os produtos agradam a vários (por exemplo, um perfume), a opção pode ser o compartilhamento; quando algum membro da família tem predileção por um item de consumo particular, ele tende a não ser dividido com os demais (por exemplo, um creme dental de sabor específico). Se Anderson Monteiro pega o perfume da mãe porque gosta do dela, Evandro Ribeiro tem seu próprio creme dental por preferir um diferente do restante da família.

De modo análogo, alguns itens de vestuário são geralmente considerados pessoais, como as roupas íntimas e as toalhas em uso. No caso das roupas íntimas, mesmo quando lavadas e limpas, é comum se considerar tabu usar as peças de outra pessoa (BELK, 1988). De fato, as famílias não compartilham esses itens, como relatado por Núbia Campos e Simone Oliveira. No entanto, há exceções. Os três filhos da família Silva compartilham suas cuecas lavadas, mantendo-as na mesma gaveta em seu quarto, sem separação. Há também relatos em outras famílias de toalhas que são compartilhadas por algum membro da família, apesar dos esforços dos demais em mantê-las como uso individual. É o caso da família Monteiro: “Se sobrar uma toalha ali, ele nem quer saber de quem é. Ele vai pegando. Então, às vezes eu tenho que lembrar” (Andressa Monteiro).

Usar as roupas de outrem é uma forma de extensão do *self*. Os irmãos Silva compartilham suas roupas, utilizando-as livremente. A identidade do dono original não é esquecida e há o que Belk (1988, p. 151) chama de uma “contaminação positiva” de identidades: “O Valter desce e diz ‘hoje eu estou de Roger,’ ou ‘hoje eu estou de Guilherme’, eles até brincam assim”, conta a mãe. Neste caso, a identificação entre os irmãos leva a uma demarcação menos clara dos limites da individualidade, de tal forma que as identidades podem ser “emprestadas”, e Guilherme se transforma momentaneamente em Roger, e vice-versa.

No entanto, nem sempre a “contaminação simbólica” é desejada (BELK, 1988, p. 151). Um dos informantes, William Dias relatou chegar ao ponto de descartar as roupas que fossem usadas por um de seus irmãos, por temor de que achassem que era ele quem usava as roupas dos irmãos. Neste caso, é possível que William temesse que o compartilhamento de roupas, quando visto por outros, fosse julgado como sintoma de pobreza, de restrição, como uma declaração pública de que a família não tinha condições de comprar roupas para cada um dos filhos. Também pode ser interpretado como um desejo de manter a integridade do *self*, evitando a “desindividualização”. Outra possível explicação seria a não-generosidade, que faz com que indivíduos materialistas sejam menos dispostos a compartilhar (BELK, 1985; RICHINS; DAWNSON, 1992; MCKEAGE *et al.*, 1993).

Entre os produtos eletroeletrônicos, um item surge como caso à parte em termos de compartilhamento: os celulares. São geralmente de uso individual e “cada um tem o seu”. Já o aparelho, sem o *chip* – e, portanto, sem a linha telefônica – pode ser usado por outro indivíduo no lugar de outro temporariamente fora de uso por quebra ou falta de bateria. O número da linha faz parte do *self* estendido do proprietário, gerando uma ligação com o bem, o que reduziria a disposição a compartilhá-lo (TINSON; NUTTALL, 2007; BELK, 2007). Também não são cedidos com o aparelho sem *chip* os créditos para ligações que, se fossem compartilhados, seria uma forma de “altruísmo verdadeiro” (BELK, 2007, p. 132).

Já os bônus oferecidos pelas operadoras são mais livremente compartilhados. São recebidos na compra de créditos e é comum expirarem antes de serem totalmente consumidos. São geralmente compartilhados com os demais membros da família, não incorrendo em custo para quem cede, pois parte dos bônus seriam perdidos de qualquer modo, em uma forma de “altruísmo barato” (BELK, 2007, p. 135). A mesma lógica se aplica aos comunicadores por rádio (celulares), que têm uso ilimitado para ligações para outros rádios e, dessa forma, são cedidos sem maiores ressalvas a outros.

O Quadro 5.3 exhibe ainda o compartilhamento de espaços da casa. São, na maior parte, compartilhados pelas famílias. Os espaços podem ser divididos em três categorias: os espaços públicos, permitidos a visitantes; os espaços privados, reservados aos moradores da casa; e os íntimos, de acesso exclusivo a um ou mais moradores (DESJEUX *et al.*, 2014). O compartilhamento de bens parece seguir a mesma lógica. Nos espaços públicos – como a sala da residência – o compartilhamento está presente de forma mais evidente. Nesses locais, as famílias compartilham o sofá, a televisão da sala, as refeições e algum entretenimento, como filmes, novelas e videogame. Também é o espaço onde ocorre parte do compartilhamento envolvendo pessoas de fora da família estendida residente, durante as comemorações de aniversário e reuniões de família e amigos.

Os espaços privados – chamados por alguns informantes de “área comum”, apesar de se referirem também aos espaços públicos da casa – se estendem para a cozinha, área de serviço, banheiros e, em alguns casos, quartos da casa, que deixam de ser íntimos para serem privados, compartilhados pelos diversos membros da família residente no domicílio. Nos espaços privados, compartilham-se também produtos de higiene pessoal (xampu, sabonete, creme dental) e atividades relacionadas à casa (preparação de comida, limpeza e arrumação).

Os espaços íntimos são associados a um uso mais individual e, de forma geral, são bem poucos e raros. Os quartos, que poderiam servir de espaços íntimos, são geralmente compartilhados com a família, exceto os de alguns casais. Os bens de uso mais individual não necessariamente ficam guardados em espaços íntimos. Escova de dentes, barbeador, roupas íntimas e toalhas são guardados em espaços comunitários, como o banheiro ou um guarda-roupas que serve a diferentes membros familiares. A ausência de espaços íntimos pode ser resultado da indisponibilidade de espaço na maior parte das residências visitadas, promovendo o compartilhamento dos espaços como um todo. Em

alguns casos, o espaço íntimo pode ser uma seção do armário, uma gaveta, um cantinho na estante, como no caso de Márcio Almeida, ou até mesmo uma bolsa de documentos, como no caso de José Barros. Também há os espaços íntimos virtuais, como os celulares da família Souza e os computadores dos irmãos Carla e Mário Cardoso.

Se os itens íntimos parecem ser mantidos para uso apenas do dono e não causam disputa, o mesmo não pode ser dito de diferentes bens que não são disponibilizados e que outros da família usam sem permissão. Os informantes relatam recursos para tentar impedir que isso aconteça, como esconder os bens (Madalena Rocha), trancar o guarda-roupas (Elisete Lima) ou levar itens em sua mochila (Andressa Monteiro). Esses passam a ser espaços íntimos dos informantes que, de uma forma ou outra, tentam restringir o acesso ao seu conteúdo. Campos (2010) encontrou situações semelhante, como perfume importado escondido no armário e brinquedos guardados nas mochilas das crianças, de forma a criar alguma individualização de espaços em residências pequenas.

Além dos limitadores ao compartilhamento encontrados na literatura, como a possessividade ou a ligação com o bem, o materialismo e a percepção de escassez dos bens, as entrevistas revelam limitadores adicionais. Eles podem ser organizados em três grupos: limitadores de interesse, de adequação e situacionais.

Os limitadores de interesse se referem à falta de interesse em receber um bem compartilhado, mesmo que ele seja disponibilizado para tal. Os estilos de roupas, por diferença de gênero ou de fase no ciclo de vida do indivíduo, ou ainda por preferência por tipos de produtos podem desinteressar indivíduos de usufruir de um bem que seja disponibilizado para ser compartilhado, como roupas e produtos de higiene e asseio pessoal. Tamanhos diferentes de vestuário também funcionam como limitador de interesse, por não caber em quem usufruiria do bem. É também um limitador de interesse a preferência por determinados bens diferentes dos que estão disponíveis ao compartilhamento, como os exemplos anteriormente citados de cremes dentais e xampus.

Os limitadores de adequação dizem respeito ao julgamento de um bem como sendo inapropriado para uso pelos outros, por exemplo por serem direcionados a faixas etárias específicas. Em diferentes relatos, as famílias fazem uma segregação de produtos usados pelas crianças em relação aos dos adultos, como nas famílias Lima e Oliveira, que têm crianças no domicílio.

Já os limitadores situacionais são fatores temporários que podem provocar resistência a compartilhar algo com outros. Diferentes informantes disseram não gostar de compartilhar um item enquanto ele é novo: “Quando é coisa nova, não pode. Se não é novo, então pode” (Maria Dias). Mesmo na “sociedade” estabelecida entre Mayara Campos e sua mãe, essa restrição ao compartilhamento aparece: “Às vezes, eu uso as coisas dela que ela nunca usou. Ela fica pau da vida”.

5.1.1. Características do compartilhamento

Belk (2010) propôs um conjunto de características para diferenciar o compartilhamento do presentear e da compra de mercadorias. Diversas dessas características foram amplamente observadas nos relatos dos informantes. Algumas estão diretamente relacionadas à unidade de análise definida para o estudo: a família estendida residente em um mesmo domicílio. Pressupõe-se, por exemplo, que as relações entre os membros de cada família sejam geralmente pessoais, baseadas em amor e carinho e nas ligações sociais que uns têm com os outros, características essas listadas pelo autor como presentes na prática do compartilhamento. Marcos Monteiro associa o compartilhamento à ideia de família: “Compartilhamos tudo. Porque é família, como lhei falei, a gente faz tudo junto. A gente faz tudo pensando um no outro”. E Mário Cardoso relaciona compartilhamento ao afeto: “Compartilhar, você compartilha com quem você gosta”.

Uma situação particular surgiu nas entrevistas: o compartilhamento ligado ao trabalho. Mesmo se os relatos em geral não explicitam se os envolvidos fazem ou não parte da família estendida ampliada, as situações profissionais geralmente refletem relações menos pessoais, envolvendo menos “amor” e “carinho” se comparadas aos relacionamentos entre familiares e entre amigos. Os enfoques dados ao compartilhamento no trabalho foram diversos. Para Elisete Cunha, o compartilhamento fora de casa está justamente associado ao trabalho, e não com indivíduos da família estendida ampliada, enquanto que Marcos Monteiro diz compartilhar conhecimento com colegas e equipe. No caso de Mayara Campos, seus colegas são amigos que trocam trabalhos entre eles, possivelmente possibilitando uma situação intermediária entre a social e a profissional.

O que é compartilhado ou emprestado dentro da família estendida residente no domicílio não pode ser automaticamente cedido a outros indivíduos, mesmo se pertencerem à família estendida ampliada, podendo-se dizer que os bens compartilhados são intransferíveis. Um exemplo é encontrado na família Silva. Se Valter pode usufruir das roupas dos irmãos livremente, deve antes perguntar ao dono original se pode emprestá-las a um amigo. Bruna Rocha segue o mesmo princípio, não permitindo que suas irmãs usem roupas emprestadas de amigas.

A posse compartilhada dos bens e seu uso parecem ser uma constante nos relatos. As expressões utilizadas para se referir ao compartilhamento (Quadro 5.1), como “qualquer um pode pegar e usar”, “todos mexem” e “usufruem”, reforçam essa característica. Para alguns informantes, o bem compartilhado “não tem um dono específico”, porque “todo mundo é dono”. Para outros, a figura do dono permanece, mas há o uso comum do bem: “Tem dono, só que a gente não liga para isso, não”, uma vez que “todo mundo usa tudo de todo mundo”.

O compartilhamento também parece ser uma reprodução social (BELK, 2007, 2010). Diversos relatos contam sobre a prática ser ensinada aos filhos, como nas famílias Almeida, Silva e Monteiro. Nestes casos, os pais contaram histórias da infância de seus filhos em que os ensinamentos de compartilhamento passavam pela constante repetição de que “as coisas” não constituíam propriedade individual de um ou de outro: “Não são suas, são suas e do seu irmão”. Em alguns casos, a prática familiar de compartilhamento já foi recebida dos antepassados diretos e transmitida de uma a outra geração, como explicou Romilda Ribeiro: “A criação que você recebe, você passa. Então, aqui também é assim, dividido”.

Se as características de compartilhamento discutidas apoiam a proposta de Belk (2010), duas outras abrem espaço para discussão: a não reciprocidade e o dinheiro ser irrelevante. Para o autor, o compartilhamento envolve uma reciprocidade generalizada (SAHLINS, 1972), em uma entrega para a qual não se espera receber nada em troca naquele instante, podendo ser considerado como tendo fim em si mesmo (BENKLER, 2004; WIDLÖK, 2004). De fato, alguns dos relatos fornecidos pelos informantes seguem essa lógica, representada pela fala de Guilherme Silva: “Compartilhar, você dá sem querer nada em troca”. Mas nem todos veem o compartilhamento como não incorrendo em reciprocidade. Como explica Valter Silva: “Se é compartilhado, tem que ser um negócio recíproco. Se ele compartilhou comigo, eu tenho que compartilhar com ele”. É

possível, inclusive, que a expectativa de reciprocidade esteja implícita nas práticas familiares, principalmente ao se considerar ser aprendido socialmente e fazer parte da educação dada às crianças.

Sobre o dinheiro ser irrelevante no compartilhamento (BELK, 2010), não é possível afirmar que isso ocorra no grupo estudado, possivelmente em função de se tratar de famílias de baixa renda. Alguns relatos de entrevistados contabilizam as contribuições financeiras dadas por cada um para as despesas domésticas. Elaine Pereira divide as contas igualmente entre os filhos e é questionada sobre os valores para cada um: “Tudo eu divido. Conta de luz, R\$100,00, é tanto para cada um. Aí começa: ‘Mas lá são dois, aqui é um’”. A relevância dos valores compartilhados pode estar associada à restrição financeira vivenciada pelas famílias brasileiras urbanas de classe média baixa, que muitas vezes não conseguem arcar com todas as suas contas, além de algum consumo reprimido, exemplificado pelos itens que os informantes relataram que gostariam de ter em casa.

As demais características propostas por Belk (2010) se mostraram refletidas na práticas de compartilhamento relatadas pelos informantes. O mesmo pode ser dito das contraindicações que o autor lista e que seriam sinais de a prática não ser um compartilhamento, como o débito formal e os agradecimentos, ausentes dos discursos dos informantes ao falarem de compartilhamento.

Ao se tratar das situações de exceção que Belk (2010) destaca como sendo casos particulares de compartilhamento, o emprestar e pegar emprestado merece uma discussão à parte. O tema é tratado na próxima subseção.

5.1.2. Compartilhar e emprestar

Ao se buscar entender como os informantes percebem as práticas de compartilhar e de emprestar, foram encontradas diferentes interpretações. Parte dos informantes disse considerá-las equivalentes. Em outras palavras, seu modo de ver essas práticas permitiria que fossem consideradas como um mesmo modo de consumo, indo ao encontro da proposta de Belk (2010).

As explicações fornecidas pelos informantes para considerarem como práticas similares se baseiam no uso: “vai estar usando do mesmo jeito” (Kelly Barros). Para Diana Ribeiro, “compartilhar e dividir são a mesma coisa; emprestar também”, já que, em qualquer caso, um bem que lhe pertence é usado por outrem (“pode usar o que é meu, sem problema algum”). Às vezes, parece ser a intenção de compra que conta: “É a mesma coisa para mim, emprestar e compartilhar. (...) Tudo o que foi comprado, sempre foi para todo mundo” (Maria Dias).

Alguns fazem a ressalva de emprestar e compartilhar serem “a mesma coisa” apenas quando realizado “aqui na minha família”, “aqui dentro de casa”, ou ainda “com quem você goste”. Mas, “com pessoas de fora, aí já é diferente” pois, nesse caso, espera-se a devolução do que for levado. Como observa Geisy Carvalho, referindo-se tanto a empréstimo em dinheiro (“Com pessoas de fora você pega, por exemplo, um dinheiro emprestado, você vai ter que pagar”), ou a um copo (“tem que me devolver intacto, da forma que eu emprestei”).

Apesar desses informantes considerarem compartilhar e emprestar como sendo similares, a resposta mais comum foi de verem as duas práticas como distintas, sustentando a linha adotada por Tinson e Nuttall (2007) e Jenkins *et al.* (2014) para a separação em duas práticas distintas de consumo. As principais referências dadas pelos informantes são apresentadas no Quadro 5.4.

Quadro 5.4 – Compartilhar e emprestar segundo os relatos

Compartilhar	Emprestar
“Nosso”	“Meu”
Não precisa pedir	Tem que pedir
Pode usar a qualquer momento / todos usam	Pedido pode ser recusado
Não precisa devolver	Realizado no momento definido por quem cede
Usar junto	Tem que devolver / uso temporário / prazo definido por quem cede
Com pessoas da casa / com quem você gosta	Usar separado / sozinho
	Para pessoas fora da casa / tem que confiar

Enquanto o compartilhar está associado muitas vezes a uma posse conjunta, podendo ou não ter um dono identificado, no emprestar a figura do dono é clara e não se altera pelo empréstimo do bem. No emprestar, é transferido apenas o uso do bem e de forma temporária, em consonância com Jenkins *et al.* (2014). Como explicam os informantes: “Emprestar eu sei que aquilo ali é meu e eu vou emprestar quando eu quiser, a hora que eu quiser e a pessoa vai ter que me respeitar. Compartilhar, não” (Isabele Lima); “Emprestar é quando uma coisa é minha, e eu deixo de usar por um determinado tempo. E compartilhar é uma coisa que já é nossa” (Isadora Souza).

Diferentemente do compartilhar, que não requer que o indivíduo peça acesso cada vez que utilize o bem, no emprestar é esperado que se peça antes: “Emprestar é eu ter uma coisa e você me pedir e eu lhe emprestar. Agora, compartilhar é: nós termos, dividirmos a mesma coisa” (Denis Lima). Não pedir emprestado algo que também não é compartilhado significa “pegar escondido”, sem autorização. Esse “pegar” parece ser algo distinto tanto do emprestar, quanto do compartilhar: “ela sempre tinha mais que eu e ela não dava, não me emprestava, então eu pegava escondido” (Isabele Lima).

O pedido de empréstimo pode ser recusado pelo proprietário. O proprietário tem também poder de definir quando ocorrerá a entrega e a sua duração. Essa questão é inclusive uma das diferenças centrais entre o emprestar e o compartilhar: o empréstimo implica em expectativa de devolução ao dono, enquanto que no compartilhamento o bem permanece à disposição de todos que dele utilizam.

Mesmo não esperando devolver o bem compartilhado, quem usufrui dele não está isento de obrigações. Ele é responsável pela manutenção do item e deve disponibilizá-lo em condições de uso para o próximo. Também não deve abusar no uso em detrimento de outros (BELK, 2010). O compartilhamento pode ser indesejado se implicar em estragar o bem. Tentar calçar um sapato menor do que o tamanho de seu pé é um exemplo: “A minha mãe tenta calçar os meus sapatos. Eu calço 33, 34, ela calça 37, mas ela jura de pés juntos que o meu sapato vai dar no pé dela. Não dá! Ela acaba arrebetando a sandália” (Raísa Carvalho).

A responsabilidade inclui também colocar as coisas de volta nos seus lugares e avisar que um bem consumível está acabando: “Não me incomode que use, mas quero que ponha no mesmo local. Se tiver acabando, se tiver estragado, se tiver quebrado, alguma coisa, me avise. Não faço questão que seja só meu, compartilho, desde que respeite, assim essa integridade. De funcionamento e de cuidado” (Geisy Carvalho).

Perder um item compartilhado pode resultar em exclusão temporária do usuário no compartilhamento, até que se mostre novamente merecedor de confiança. “O Paulo já teve um *notebook*. Ele não estragou o dele, não. Mas o meu filho mais velho perdeu. Fiquei injuriado. (...) Então eu falei que ele está proibido de mexer no *notebook*” (Marcos Monteiro).

Como no empréstimo ocorre uma transferência temporária de posse do bem, usa-se o bem “sozinho”. Já o compartilhamento é caracterizado pelo uso conjunto entre diferentes indivíduos, mesmo que tenham que se revezar na utilização, como no caso de computadores, *videogames* e até mesmo de alguns espaços, como o banheiro. As próprias expressões indicam o uso conjunto ou a transferência do uso: “compartilhar com” e “emprestar para”, ilustrado na Figura 5.1 e representado na fala de Sônia Almeida: “Compartilhar é: o que eu tenho, eu vou compartilhar com você. Empréstimo, o que eu tenho, eu vou emprestar para você, mas você tem que me devolver”.

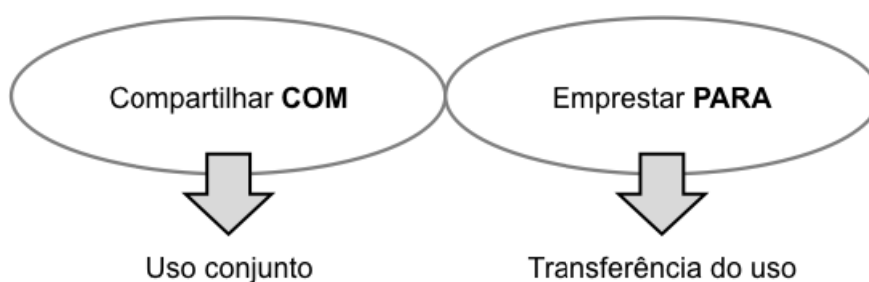


Figura 5.1 – Compartilhar e emprestar

A transferência do uso revelou ainda conferir “poder” ao emprestar, e que não é visto no compartilhamento: “fazer sumir” do convívio familiar bens indesejados, sem que se desfaça totalmente deles. Sueli Oliveira usa o recurso para dois itens: um lustre “horrrível” e a bicicleta do marido, que fica guardada pendurada no quarto do casal, a seu contragosto:

Tudo que eu não gosto eu consigo ir tirando aos poucos. Um lustre horrrível que tinha aqui. Não está aqui agora no momento porque o meu marido emprestou e eu estou fazendo minha colega fingir e não devolver tão cedo. Essa minha amiga pediu a bicicleta emprestada. O Wallace emprestou, porque ela é muito boa para a gente. Não consegui dizer não. Então eu falei: “Cris, deixa por aí até eu conseguir fazer ele esquecer. Quando ele esquecer, eu trago de volta e deixo lá fora”. Eu falei para ele: pendura esse treco lá fora, isso aí não é um quadro. (Sueli Oliveira, nora, 27)

As diferenças apontadas parecem indicar o emprestar como um modo de consumo distinto do compartilhamento, pois dizem respeito a diferentes aspectos da dinâmica do consumo, como a necessidade de se pedir acesso a cada uso, a duração do direito de uso, a possibilidade de recusa ao acesso e o tipo de relações sociais envolvidas. Tomando-se por base a caracterização feita por Belk (2010) para o compartilhar, podem ser sugeridos critérios diferenciados para classificação do modo de consumo emprestar, exibidos no Quadro 5.5.

Quadro 5.5 – Características de compartilhar e emprestar

	Compartilhamento (*)	Emprestar (e tomar emprestado)
Características diferenciadoras	Posse compartilhada ou direito de uso <i>de facto</i> ou <i>de jure</i> Dinheiro pode ser irrelevante (**) Não cerimonial Amor, carinho	Uso restrito Uso separado Dinheiro é relevante Cerimonial Confiança, necessidade
Características comuns	Não recíproco ou reciprocidade generalizada (**) Ligações sociais com outros Objetos singulares Dentro da rede (<i>networked</i>) Intransferível Pessoal Dependente Reprodução social	

(*) Fonte: Adaptado de Belk (2010, p. 721)

(**) Modificados do original de Belk (2010), conforme achados de pesquisa

O uso restrito indicado no Quadro 5.5 para o emprestar contrapõe o uso mais livre de bens compartilhados, caracterizados pelo uso de fato ou de jure. No emprestar, o uso depende de um pedido e de uma não recusa ao empréstimo do bem. O uso é limitado também no tempo: tanto o início do empréstimo, quanto a sua duração, são definidos pelo dono do bem. Além disso, o uso do bem é realizado separadamente pela pessoa que pega emprestado o bem, enquanto que no compartilhamento ele permanece disponível.

A questão do dinheiro ser ou não relevante no compartilhamento foi discutida anteriormente. No caso do emprestar, o valor é relevante, sendo levado em conta ao se avaliar se o pedido de empréstimo será ou não aceito. O retorno do bem também precisa ser nas condições que foi entregue – de forma análoga à disponibilização de bens compartilhados em condições de uso.

O compartilhamento ocorre no dia-a-dia, geralmente sem que seja percebido. Um dos motivos é não haver um cerimonial relacionado à prática (BELK, 2010). O mesmo não se observa no emprestar, que é marcado por quatro passagens: o pedido do empréstimo, a concordância em emprestar, a entrega do bem e a sua devolução. É comum que na entrega do bem sejam reforçadas as condições do empréstimo: “O perfume e o dinheiro são meus, depois você me devolve, por favor. Não se apossa, não!” (Sueli Oliveira).

As relações sociais envolvidas no compartilhamento são marcadas por amor e carinho e relacionadas prioritariamente aos grupos familiares, ou, como Ione Cardoso coloca, “Compartilhar é quando você está dando uma coisa de coração”. Já as relações em empréstimos podem ter cunho menos emocional e mais prático, baseado em confiança ou na avaliação da necessidade de quem pede algo emprestado. “Você empresta às vezes por obrigação, por favor” (Ione Cardoso).

Em termos de expectativa de reciprocidade, assim como surgiram relatos que indicavam haver essa expectativa no compartilhamento, também ocorreu em termos do emprestar. O empréstimo pode ser cedido justamente por causa de uma obrigação de reciprocidade: emprestar porque já pegou emprestado, ou emprestar porque sabe que se precisar, o outro não vai negar. Adicionalmente, assim como no compartilhamento, pode haver no emprestar uma reciprocidade generalizada característica do presentear com base na classificação de Belk (2010).

Com base nessas considerações, os relatos indicam haver diferenças entre o compartilhamento e o emprestar. Sugerem que o emprestar pareça ser um modo de consumo distinto do compartilhamento, como propõem Tinson e Nuttall (2007) e Jenkins *et al.* (2014).

5.1.3. Modos de consumo

Os resultados do presente estudo indicam características próprias do compartilhamento, distintas das descritas por Belk (2010) para outros modos de consumo: o presentear e a compra de mercadorias. Os resultados também sugerem que emprestar é modo distinto de compartilhamento. O emprestar é marcado por quatro passagens claramente marcadas: i) o pedido de empréstimo; ii) concordância com o pedido; iii) entrega do bem; e iv) a devolução do bem. O emprestar também envolve um uso restrito, limitado ao momento e duração determinados por quem empresta, em uma transferência temporária de posse do bem, diferentemente do compartilhamento, em que “todos usam” e que cada um “pode usar a qualquer momento”. Possivelmente, também as relações sociais envolvidas sejam diferentes no emprestar em relação ao compartilhar, esse estando mais associado ao “amor” e “carinho”, aquele à “necessidade”.

O esquema teórico resultante para os modos de consumo é mostrado na Figura 5.2. Diferentemente do esquema teórico de partida (Figura 2.5), a separação entre o compartilhamento e o emprestar é consolidada por uma linha contínua ao invés da tracejada, similar à utilizada nos demais modos de consumo (presentear, compra de mercadorias e consumo baseado no acesso), assumidos como diferentes entre si.

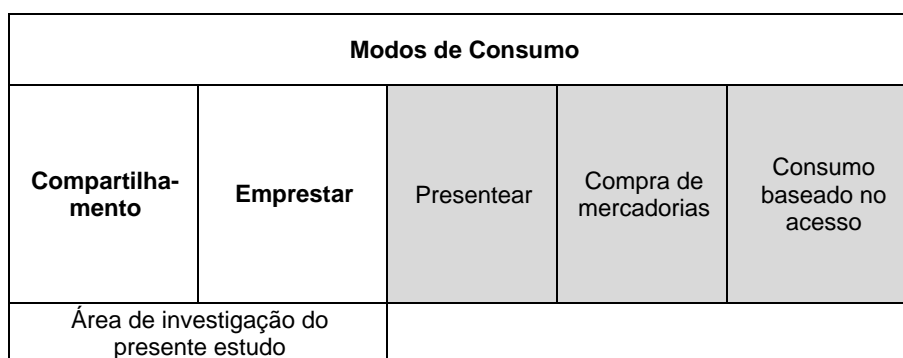


Figura 5.2 – Esquema teórico resultante para os modos de consumo

Há, no entanto, uma designação amplamente utilizada pelos informantes às suas práticas de consumo que merece ser discutida à parte: o “dividir”. Esse tema é apresentado a seguir.

5.1.4. Dividir

O termo “dividir” permeou as entrevistas e chama a atenção pelo uso com significados por vezes opostos. Em alguns momentos, “dividir” é usado como sinônimo de “compartilhar”; em outros, de “separar”, indicando um uso individual, não compartilhado.

Um dos usos, com sentido de “separar”, refere-se a bens, como toalhas, copos e vestuário, indicando que cada um tem o seu e que esses objetos não são compartilhados. Simone Oliveira fala de sua infância: “A toalha era dividida, cada um tinha a sua. Porque a minha mãe era assim: ‘essa toalha é a sua e essa é a sua’”. Geisy Carvalho conta também: “Com a minha avó, tudo era muito dividido. Era assim: ‘o que é seu, é seu, ninguém pode pegar e ponto final’”. Diana Ribeiro ressalta o uso de dividir como se contrapondo ao compartilhar: “A gente não tem nada dividido. Todo mundo é dono de tudo”.

Outra aplicação de “dividir” indica a separação de espaços: um quarto dividido em dois, separados por alguma barreira física, como a divisão do quarto de Bruna Rocha em dois ou o do de Ione Cardoso em sua infância.

O uso mais comum de “dividir” entre os entrevistados, no entanto, foi com o sentido de “compartilhar”. Quando se refere a alimentos, o dividir evoca a separação em partes para serem distribuídas, como pedaços de pizza, partes de pão, ou maçã. As despesas da casa também são divididas em partes para cada um pagar, ou com valores para cada um contribuir. O mesmo pode ser dito dos afazeres domésticos, em que cada um que compartilha dessas atividades fica responsável por uma parte. Outros usos de “dividir” no sentido de compartilhar são referentes a móveis e espaços, como banheiros e quartos; equipamentos e eletrodomésticos, como computadores e ventiladores; e vestuário.

Os usos do termo “dividir” com significados diferentes – e até mesmo opostos – reforça a ideia de um vocabulário próprio dos entrevistados, em que o termo dividir é amplamente empregado para diferentes situações, e o termo compartilhamento está, muitas vezes, ausente do uso comum, mesmo quando os informantes conhecem o seu significado.

5.2. Formas de compartilhamento

Os relatos revelaram diferentes formas de compartilhamento. Algumas estão previstas na literatura e incluem o compartilhamento aberto e o demandado. Outras formas relatadas mas não encontradas na literatura são apresentadas nessa seção, juntamente com a proposta de esquema conceitual das formas de compartilhamento.

5.2.1. Formas de compartilhamento previstas na literatura

Os informantes descreveram situações que representam formas de compartilhamento aberto e demandado, que são aquelas indicadas na literatura (PETERSON, 1997, 2013; WIDLÖK, 2004; BELK, 2010, 2014). Parte das situações surgiram tanto no contexto de ambos os tipos de compartilhamento, conforme mostra o Quadro 5.6.

Quadro 5.6 – Compartilhamento aberto e demandado relatados pelos informantes

Compartilhamento Aberto	Compartilhamento Demandado
Geladeira, sofá, mesa de jantar Comida Cuidados com os filhos (mesmo adultos) Cuidados com os enteados Ajuda em despesas individuais Acesso da família estendida ampliada	Maquiagem Quartos, camas Tablet, celular (smartphone) Bônus celular, comunicadores por rádio Cuidados com os netos
Aparecem em ambos	
Roupas, sapatos e acessórios Dinheiro Despesas da casa Cuidados com a casa Acolhida dos filhos e suas famílias	

O compartilhamento aberto é praticado sem requerer autorização prévia. Muitas situações encontradas no estudo se aproximam dos protótipos de compartilhamento de Belk (2010): a maternidade e a alocação de recursos da casa, os móveis, a geladeira e seu conteúdo e os cuidados com os filhos e enteados. Está associado ao “altruísmo verdadeiro” (BELK, 2007, p. 132). Os cuidados permanecem depois que os filhos saem de casa, até mesmo se precisam retornar, como uma garantia de abrigo em caso de necessidade.

É comum nessas famílias os irmãos mais velhos que começam a trabalhar contribuírem com despesas da casa e proverem cuidados aos irmãos, mesmo quando não solicitado diretamente. Essa também é uma forma de compartilhamento aberto. Os irmãos mais velhos, nessas famílias, assumem algumas das funções dos pais, incluindo-se a de provedor.

O protótipo de compartilhamento de alocação dos recursos da casa (BELK, 2010) pode ser notado principalmente nos discursos dos agregados. Diferentemente dos membros originais da família, os agregados passam a usufruir dos recursos livremente apenas a partir de determinado momento (sua integração à família), o que pode ter contribuído para o compartilhamento não passar despercebido por eles, mesmo sendo uma prática cotidiana pouco notada (BELK, 2010). A alocação de recursos da casa como protótipo de compartilhamento é marcada por expressões como “aqui é tão minha casa que eu deito no sofá” (Elisete Cunha, cunhada) ou “se quiser deitar aqui no sofá, deita” (Alan Barros, genro). Em ambos os casos, a referência a “deitar no sofá” remete a um grau de liberdade a que só podem aspirar aqueles que, de fato, pertencem à família. Também o fato de “poder pegar o que tem na geladeira”, sem perguntar, é visto como indício de aceitação e pertencimento. Em alguns casos, o compartilhamento se estende a membros da família estendida ampliada, que não moram no mesmo domicílio. Tal é o caso das filhas de

Romilda Ribeiro, que têm a chave da casa e livre acesso aos bens da família, também em uma forma de compartilhamento aberto.

Outras situações podem ser consideradas como compartilhamento demandado. Pedir para voltar a morar com a mãe por dificuldades financeiras para pagar o aluguel, ou pedir dinheiro, sem que haja expectativa de devolução, é outra forma de compartilhamento demandado. Valter Silva, por exemplo, ainda não trabalha e, quando quer sair, recorre ao irmão mais velho. Não pede dinheiro à mãe, porque ela não gosta que ele saia. Subjacente a essa preferência reside uma questão: o compartilhamento demandado pode ser negado.

Se o cuidado com os filhos acontece nas famílias na forma de um compartilhamento aberto, o cuidado com os netos é geralmente resultado de uma demanda dos pais das crianças. Essa questão pode estar relacionada à responsabilidade da maternidade ou paternidade na criação dos filhos pequenos. Quando os filhos são já adultos e têm sua própria família, a ajuda dos avós parece se dar mais em forma de favor, de apoio, requerendo muitas vezes que seja solicitada, como o fez Maria Dias à mãe, antes de se separar do marido. Essa ajuda, no entanto, pode ter limites, impostos por quem aceita cuidar dos netos: a tarefa pode ser exercida, como no caso de Elaine Pereira, apenas enquanto a filha está trabalhando (“A Manuela botou o pé no portão, acabou meu compromisso com Gabriel”).

Se a expectativa de cuidados com as crianças fica mais tênue quando se passa do papel de mãe para o de avó, pode haver também inversão de papéis nos cuidados quando os filhos crescem, quando se espera que ajudem a pagar as despesas da casa. Por exemplo, o desejo de Ione Cardoso é o de passar de um compartilhamento aberto, em que arca praticamente sozinha com as despesas da casa, para um compartilhamento demandado, em que os filhos assumiriam a frente dos gastos por ela.

A maior parte das situações de compartilhamento relatadas ao longo das entrevistas referem-se ao compartilhamento interno, pela família estendida residente no domicílio, até mesmo em decorrência de algumas perguntas serem direcionadas ao compartilhamento na residência. Ainda assim, diferentes situações de compartilhamento externo surgiram espontaneamente nos relatos. Essas situações incluem os cuidados com as crianças de amigos ou vizinhos (famílias Silva, Lima, Oliveira, Carvalho e Almeida); uso de área de serviços comum às casas em terrenos coletivos (famílias Souza e Carvalho); reuniões familiares ou de amigos (famílias Silva, Ribeiro, Almeida e Cardoso); e

hospedagem de membros da família estendida ampliada (famílias Pereira, Lima, Silva e Ribeiro).

O compartilhamento, no entanto, parece estar mais claramente associado ao espaço da residência do que fora dela. Mesmo nos casos de famílias que citaram situações de compartilhamento externo, ao serem solicitadas a definirem compartilhamento, as respostas geralmente ficavam centradas no compartilhamento interno. Perguntados então sobre o compartilhamento fora de casa, alguns informantes disseram que a prática estaria restrita à residência, “só se for com as pessoas da minha casa” (Geisy Carvalho), porque “fora de casa é diferente” (Nádia Barros), já que não se considera “compartilhar ou emprestar para uma pessoa com quem eu não tenha um convívio” (Evandro Ribeiro). Assim, o compartilhamento é visto, essencialmente, como algo que se dá nos limites da casa, às vezes em sentido estrito (o domicílio), às vezes em sentido mais amplo (a família), podendo incluir outros membros da família não residentes no domicílio.

Além da questão da relação próxima com quem se compartilha, o compartilhamento externo apresenta uma diferença fundamental em relação ao interno: os membros não residentes têm que obter acesso para usufruir do compartilhamento. Dependendo de lhes ser dado acesso equivale, em última instância, a precisar de permissão para usufruir dos bens, mesmo que tal permissão não precise ser verbalizada. Mais ainda, a permissão deve ser renovada a cada visita, mediante um novo convite para entrar na residência. As exceções identificadas são as filhas de Romilda Ribeiro e a irmã de Márcio Almeida, que têm livre acesso às respectivas residências.

Apesar disso, também surgiram casos de compartilhamento para fora, envolvendo indivíduos que não pertencem à família estendida ampliada. Elaine Pereira conta sobre a festa anual que ela promove na rua dela, seguindo uma tradição iniciada pela sua mãe quando moravam em outro bairro. “A minha mãe organizava uma festa na nossa rua (...). A festa se tornou grandiosa. Essa festa completou em Oswaldo Cruz 30 anos. E depois que eu vim para cá, completou 11 anos eu fazendo essa festa aqui”.

5.2.2. Formas emergentes de compartilhamento

O estudo revela formas de compartilhamento não encontradas na literatura, a saber: forçado (indesejado), de fora (provenientes da família estendida ampliada não residente para a família estendida residente) e não intencional (sem intenção de compartilhar). Essas formas adicionais são apresentadas a seguir.

5.2.2.1. Compartilhamento forçado

A literatura sobre compartilhamento trata da iniciativa do ato, diferenciando o compartilhamento aberto – oferecido espontaneamente, sem que seja solicitado – do demandado (PETERSON, 1997, 2013; WIDLÖK, 2004; BELK, 2010). Para que seja concretizado um compartilhamento demandado, entende-se que é preciso que a solicitação não tenha sido negada por quem oferece o bem.

Uma situação diferente dessa é a de um compartilhamento que não é demandado, mas que acontece contra a vontade de quem usufrui. Não foi encontrada na literatura uma designação a esse tipo de compartilhamento e cuja ocorrência permeou os relatos dos informantes do presente estudo. Foram apreendidas duas origens principais: o compartilhamento de bens que quem usufrui gostaria que fossem de seu uso exclusivo ou individual e de bens que ele não gostaria de usufruir.

O desejo por um bem de uso exclusivo ou individual permeia bens como quartos, guarda-roupas, televisões e ventiladores. Alguns itens chegam a ser motivo de disputa. É o caso de grande parte dos relatos sobre banheiros e computadores. Um aspecto em comum nesses exemplos é o uso individual de bens compartilhados. Havendo mais de um interessado em usar o bem em um mesmo momento, é necessário que se faça um rodízio. De forma semelhante, as televisões que geram disputas no uso também são bens compartilhados e, apesar de o uso não ser individual, as preferências por programas – e, portanto, na forma de uso – são pessoais.

A resolução de uma disputa em um compartilhamento forçado pode ter alguém exercendo o papel de árbitro. Quando a disputa é entre filhos, geralmente o papel é exercido pela mãe ou pelo pai, com o propósito de ensinar o compartilhamento como prática e como valor. Em outras disputas, principalmente envolvendo adultos, são utilizados outros recursos para resolução. Em alguns casos, resolve-se pelo consenso, sem que seja necessária a intervenção de alguém, avaliando-se “o que é mais importante” ou “vai fazendo rodízio” no uso.

Outras disputas ainda são resolvidas pela prioridade de uso do dono original do bem, quem cedeu o bem para ser compartilhado. Em outras palavras, parece haver uma hierarquia de prioridades, em que quem oferece o bem para ser compartilhado tem papel privilegiado. Uma última forma de resolução de conflitos é fornecida pelos informantes: a individualização do bem, pela aquisição de outra unidade, “para ficar um para cada um”. No entanto, a estratégia de individualizar o bem não é à prova de falhas, podendo continuar a existir uma preferência pelo uso de um dos itens.

Além do compartilhamento forçado ser originado por situações em que há preferência por uso exclusivo ou individual, também pode acontecer por situações em que o que se compartilha é indesejado (como a conversa dos vizinhos, o som alto da música, ou a fumaça do cigarro).

O compartilhamento forçado pode vir de uma situação de necessidade, em que não se veja outra alternativa para o momento. Voltar a morar com os pais, por não estar em condições financeiras para morar sozinho, se inicia como um compartilhamento demandado, mas se torna também um compartilhamento forçado, pela perda de privacidade e de exclusividade em alguns usos que acarreta, ou ainda de “liberdade” em deixar a casa como gostaria.

Em suma, o compartilhamento forçado parece surgir de situações em que não se consegue – ou não se pode – dizer “não” a quem oferece o compartilhamento. Quem usufrui acaba fazendo a contragosto, desejando que a situação fosse diferente: ou que houvesse um uso individualizado do bem, ou que ele não fosse envolvido em seu compartilhamento.

5.2.2.2. Compartilhamento de fora

Apesar de Belk (2010) considerar que no compartilhamento não há papéis separados entre os indivíduos que dele participam, como é visto no presentear (quem dá o presente e quem o recebe) e nas trocas econômicas (comprador e vendedor), no presente estudo ficou evidenciado o papel destacado daquele que disponibiliza o bem para ser compartilhado, uma vez que o dono original muitas vezes não é esquecido. Assim, de modo análogo à dualidade de papéis nos outros modos de consumo, no compartilhamento há “quem disponibiliza” e “quem usufrui”. Geralmente, aquele que disponibiliza o bem também usufrui dele, juntamente com os demais.

O reconhecimento da diferenciação de papéis implica em a prática do compartilhamento ter um sentido: “de” quem disponibiliza, “para” quem dele usufrui. No compartilhamento interno, ambos os papéis são cumpridos por membros da família estendida residente, em que o “de” e o “para” ocorrem dentro do mesmo grupo. No compartilhamento externo, quem disponibiliza é membro da família estendida residente, mas disponibiliza também “para” membros da família estendida ampliada não residente.

Uma forma diferente de compartilhamento com “de-para” envolvendo grupos diferentes ficou evidenciada na análise das informações obtidas junto aos informantes: o compartilhamento de fora, em que quem disponibiliza é membro da família estendida ampliada não residente, para ser usufruído pelos membros da família estendida residente. Não constitui um ato de presentear, pois não apresenta as características usadas para distinguir essa prática do compartilhamento (BELK, 2010), como o cerimonial de entrega, o embrulho do objeto e o agradecimento. O compartilhamento de fora encontra um paralelo em outra forma de compartilhamento citada por Belk (2010): as doações anônimas voluntárias. Diferentemente do enfoque dado pelo autor, centrado nas doações realizadas, o compartilhamento de fora se detém aos benefícios recebidos por indivíduos conhecidos e que pertencem à família estendida ampliada. São exemplos a compra de itens feita por indivíduos não residentes, como comida, móveis e material escolar, ou mesmo vizinhos que ajudam na atenção dispensada às crianças e adolescentes enquanto os pais estão fora.

Outra forma de compartilhamento de fora é o uso do nome de outros indivíduos para a aquisição de bens. Mattoso (2005) explica que quem tem “nome sujo”, ou seja, endividado, por vezes usa o recurso de “pegar emprestado o nome” de alguém que esteja com o “nome limpo”. De fato, como não há uma transferência de posse do nome, e sim uma utilização paralela, nos conceitos aqui trabalhados a expressão seria transformada em “compartilhar o nome”. Se o nome é de alguém que não pertence à família estendida residente, trata-se de um compartilhamento de fora.

O compartilhamento de fora é um tipo específico de compartilhamento para dentro, que envolve membros da família estendida ampliada de uma forma geral, sem se fazer restrições. No compartilhamento de fora, há a restrição de quem disponibiliza não ser membro residente e que o bem seja recebido por membros da família estendida residente.

5.2.2.3. Compartilhamento não intencional

A presença de determinados bens em áreas comuns da casa enfatizam a intenção que sejam compartilhados entre todos os membros da família. Na sala, ícone de local de convívio, ficam expostos sofás, cadeiras e a principal televisão da residência, convidando todos os moradores ao uso. A exposição dos itens evidencia a intenção de compartilhá-los. Mesmo os celulares, comumente vistos como itens pessoais, não compartilhados, podem fugir à regra e ficarem à disposição para uso de todos.

Expostos ou não, alguns bens são compartilhados sem intenção de fazê-lo. O compartilhamento não intencional não oferece resistência, mas acontece sem a intervenção de qualquer uma das partes envolvidas. Pode ocorrer inclusive sem que quem oferece o compartilhamento tenha consciência do fato, como quando o espaço reduzido faz com que se escutem conversas dentro da casa ou mesmo de vizinhos. Nos casos relatados, quem recebe o compartilhamento não parece se incomodar por dele participar, diferenciando a prática do compartilhamento forçado.

5.2.3. Esquema conceitual das formas de compartilhamento

Com base nas formas de compartilhamento oferecidos pela literatura (compartilhamento para dentro, para fora, aberto e demandado), nas formas propostas nas definições de termos como partida para o estudo (compartilhamento interno e compartilhamento externo) e nas formas adicionais encontrados no presente estudo (compartilhamento de fora, compartilhamento intencional e não intencional e compartilhamento forçado), é proposto um esquema conceitual resultante de formas de compartilhamento, apresentado na Figura 5.3.

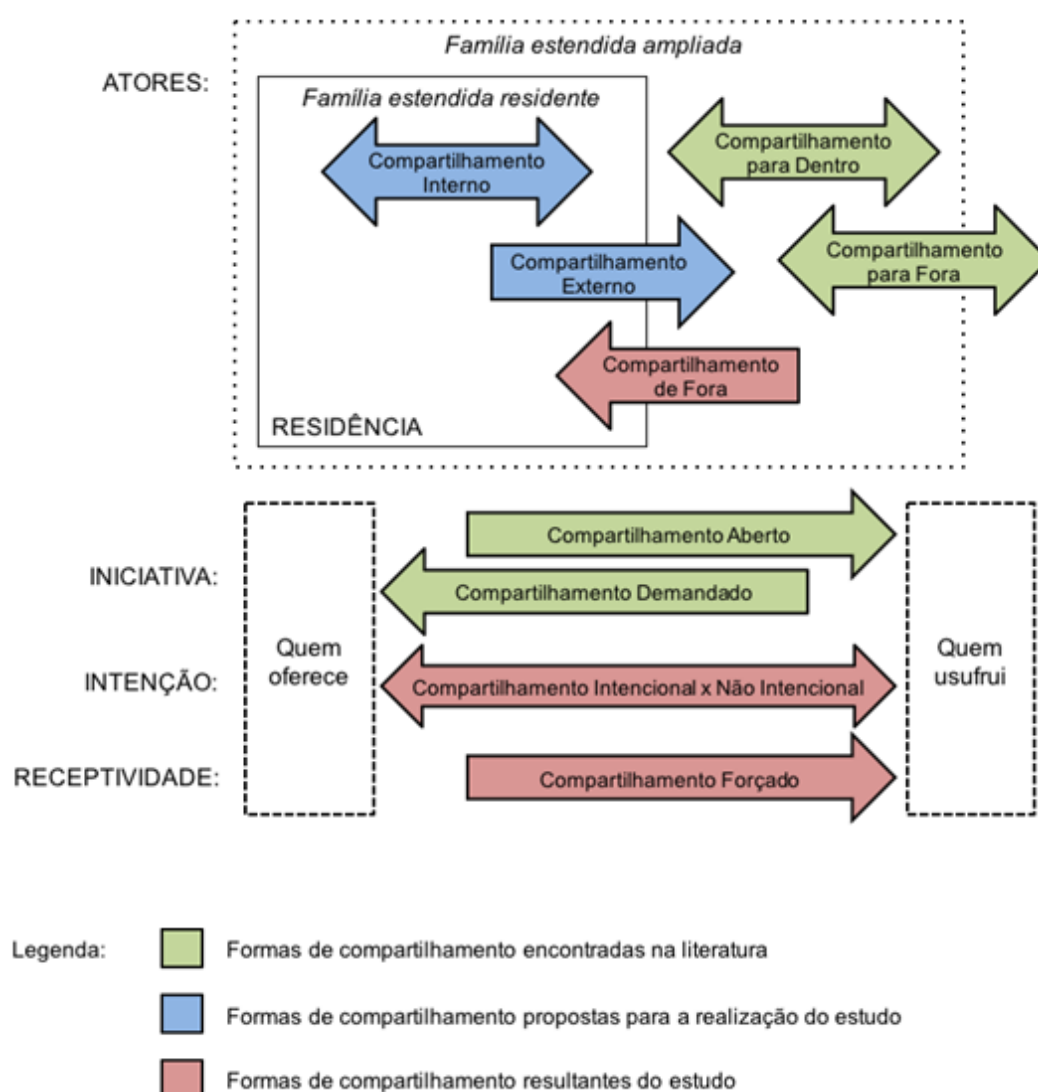


Figura 5.3 – Esquema conceitual resultante de formas de compartilhamento

O esquema conceitual está estruturado em quatro dimensões classificatórias: atores (quem participa do compartilhamento), iniciativa (de quem parte a iniciativa), intenção (se há intenção de compartilhar) e receptividade (se é desejado ou não por quem usufrui).

A dimensão dos atores diz respeito aos envolvidos no compartilhamento. Quando realizado entre os membros da família estendida residente, demarcado no esquema pelos limites da residência, ocorre o compartilhamento interno. Está indicado em uma seta dupla, pois tanto quem oferece o bem, quando quem dele usufrui, são parte da família estendida residente. O compartilhamento externo, por sua vez, está indicado por uma seta simples, pois algum membro da família estendida residente oferece o bem a ser compartilhado por ao menos um membro da família estendida ampliada não residente. De forma análoga, o compartilhamento de fora indica o sentido da oferta: da família estendida ampliada não residente para uso de membros da família estendida residente. Quando a prática ocorre dentro da família estendida ampliada, independentemente de serem residentes ou não, a seta dupla indica o compartilhamento para dentro. Se envolve indivíduos fora dela, outra seta dupla demarca o compartilhamento para fora.

A dimensão da iniciativa trata de quem parte o compartilhamento. Ele pode ser aberto, em que a iniciativa é tomada por quem oferece o bem, ou demandado, em que é solicitado por quem usufrui. A terceira dimensão, da intenção, diferencia se o compartilhamento é feito intencionalmente ou se é feito involuntariamente. Por fim, a quarta dimensão é a da receptividade, que indica se o compartilhamento é recebido de modo forçado por quem dele usufrui.

É importante ressaltar que as dimensões classificatórias não são necessariamente excludentes. Um compartilhamento pode ser, ao mesmo tempo, não intencional por parte de quem oferece o compartilhamento e forçado por parte de quem o recebe, como a fumaça do cigarro.

Além disso, três tipos de compartilhamento são casos específicos de compartilhamento para dentro: interno, externo e de fora. Todos eles ocorrem dentro da família estendida ampliada, com especificidades sobre a dinâmica e atores envolvidos em cada um.

5.3. Significados de compartilhamento

As entrevistas revelam diferentes significados de compartilhamento. Alguns estão associados a valores e à identidade familiar; outros remetem a formas de contornar dificuldades financeiras ou de fazer render melhor o dinheiro da família. Outros, ainda, como forma de ajuda. Há também significados associados a privações, como a privação de uso e perda de privacidade. Os principais significados encontrados foram agrupados em quatro conjuntos, conforme mostra a Figura 5.4.

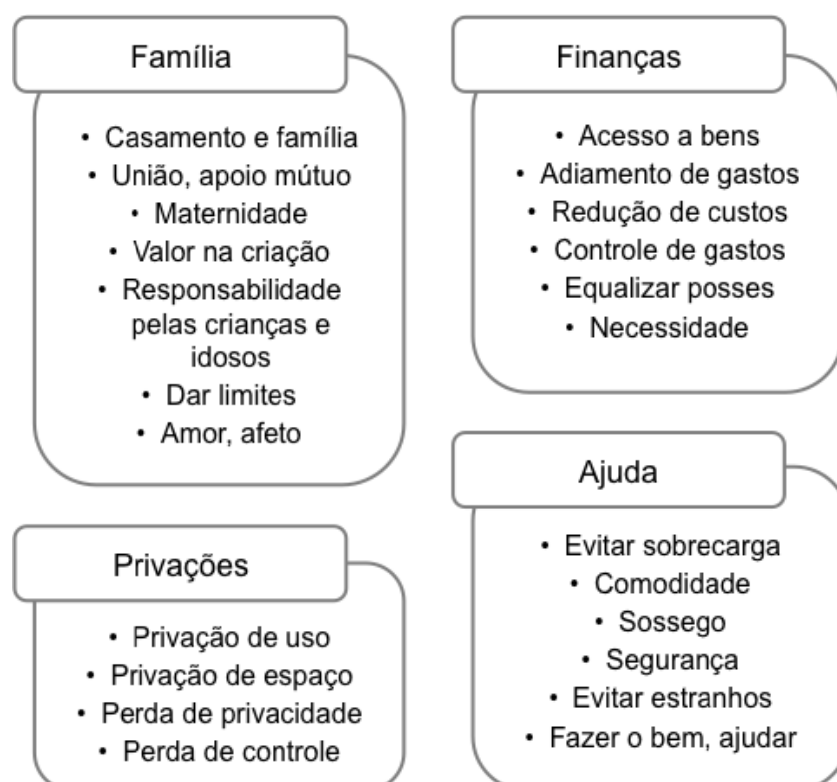


Figura 5.4 – Significados de compartilhamento

5.3.1. Significados de família

A prática do compartilhamento aparece intrinsecamente ligada ao conceito de casamento e de família. A união familiar se reflete nas suas práticas de consumo. O próprio sentido de casamento está associado ao compartilhamento: “Se estão casados, os dois são um só. Se os dois são um só, o que é dela é meu, e o que é meu é dela. Não tem esse negócio de divisória” (Éden Santos). O compartilhamento parece ser uma consequência da decisão de casar: “Quando a gente casa, casa para dividir. Não tem porque, não tem jeito. Ou você entra, ou

você não casa” (Juliana Santos). Uma vez casados, parece natural que se veja as posses como conjuntas, mesmo se adquiridos por um, ou por outro: “Minha irmã é casada, então a televisão eu não posso dizer que é da minha irmã ou é do meu cunhado. Eu acho que a televisão é deles” (Elisete Lima).

O mesmo pode ser dito da família: o compartilhamento aparece como uma concretização do conceito de família, fazendo com que tudo pertença a todos os seus membros e possa ser usado sempre que desejarem. “A partir do momento que a gente é uma família, não tem nada meu, nem seu. É nosso, tudo aqui é nosso” (Madalena Rocha), não ficando nada separado para um ou para outro: “É uma família? É uma família. O que é de um, tem que ser de todos. Não tem que ter nada separado dentro de uma casa. O que é de uma família, é de uma família e acabou-se” (José Barros). Como resume Joyce Dias: “se a gente é uma família, a gente divide, a gente compartilha”.

As decisões de consumo familiares refletem essa relação. “Quando compra alguma coisa (...) é tudo em prol da família” (Augusto Campos). Marcos Monteiro nem mesmo consegue pensar em coisas que desejaria só para si, para seu uso exclusivo, pois é tudo pensado no compartilhamento pela família: “Só para mim? Pensamento egoísta, não é? Para mim? Nossa, difícil... Eu faço tudo em família, não consigo pensar em algo para mim”.

O significado de compartilhamento relacionado à família inclui os agregados. Evandro Ribeiro conta: “Aqui é tudo nosso. E aqui não tem nem individualismo, nem egoísmo, não. (...) Por mais eu ser agregado, não tem problema, não”. No momento que o agregado passa a compor a família estendida residente no domicílio, alguns de seus bens passam também a ser da família, compartilhados: “Computador, era do meu marido mas, como a gente mora aqui, então é nosso” (Denise Ribeiro).

O compartilhamento entre membros da família parece até mesmo inevitável em alguns casos. O marido de Francisca Dias desejava que cada filho usasse apenas o que era seu mas, sendo irmãos, ela não via como sendo uma possibilidade: “O pai deles falava que não, que cada um tinha o seu. Eu falava não, isso não dá. São irmãos”.

Romilda Ribeiro reflete o conceito de família no compartilhamento do status de donos da casa, de modo a não se colocar como superior aos demais. Ela também compartilha das decisões de consumo, como a escolha de móveis.

Eu não falo assim "minha casa", eu falo: "Vamos lá em casa". Não é minha casa, porque esse negócio de "é meu", eu acho que você está querendo ficar acima da pessoa, "Não, isso aqui é meu, quem manda sou eu". É comum acordo. "Ah, vou fazer isso, o que é que vocês acham?". (Romilda Ribeiro)

O compartilhamento assume significado de família também na situação relatada por Antônia Souza, em que a filha pega o seu edredom ao invés de usar o dela. Mais do que compartilhar o edredom, Antônia sente que está compartilhando “aquele cheirinho, aquele contato com a mãe”, representando os laços familiares entre as duas.

Outro significado de compartilhamento surgido nas entrevistas é o de união e apoio mútuo entre os membros da família. O compartilhamento aparece como representação da união familiar, em que um pode contar com o outro: “O que era delas, o que era meu também. A gente sempre foi unido, sempre foi um pelo outro” (Márcio Almeida); “Era aquilo ali, vamos todo mundo consumir, vamos todo mundo ser irmãos, mesmo. E vamos nos ajudar” (Evandro Ribeiro).

O compartilhamento como união e apoio mútuo pode se estender além dos limites da residência, envolvendo também membros da família estendida ampliada. “A nossa família, de uma forma geral, tanto a minha mãe, meu pai, as tias, nós somos muito unidos. O problema de um é o problema de todo mundo. (...) Está faltando alguma coisa para alguém (...), a gente se junta para comprar” (Elisete Lima). O apoio pode inclusive envolver a mudança temporária de algum membro da família, como ocorreu com Alan Monteiro, como relata seu pai: “[a minha sogra] queria ter convívio com algum familiar, e falou ‘poxa, fica nesse quarto aqui, faz o que você quer’, e ele foi para lá”. O apoio pode também vir na forma de compartilhamento no caso do rompimento de relações familiares, como uma forma de compensação, como feito por Geisy Carvalho: “Sem pai, sem irmã... Eu acho que eu tentei suprir dessa forma: ‘Ah, quer usar? Pode, pode usar””.

Os informantes também fizeram referência a outros “modelos de família”, em que predomina o “individualismo” ao invés do compartilhamento, e em que não ocorre o apoio mútuo e a união. Nestes casos, o compartilhamento se eleva à categoria de valor familiar, contrapondo-se a famílias que não apresentam esse valor: “Nós fomos criados assim. Já a família do meu cunhado não. Eles já são cada um na sua. (...) Modelo de família” (Elisete Lima); “Posso dizer dos amigos. Além de a família não ser tão unida, é um para lá e outro para cá. Tem muito individualismo. (...) Não tem essa coisa do compartilhar, não. É cada um com o seu” (Diana Ribeiro).

A necessidade de compartilhar bens também pode contribuir para fortalecer a união familiar. Para Rosa Silva, o acesso facilitado a bens, provocando maior individualização, acaba atrapalhando as relações familiares: “O pessoal tinha mais dificuldade de ter as coisas e os irmãos se entendiam melhor. Hoje como eles podem ter tudo, as famílias andam brigando”.

Se o compartilhamento toma significado de união, sua manifestação se dá não apenas pelo uso comum dos bens, mas também pelo compartilhamento de momentos familiares. Os relatos incluem as seguintes atividades realizadas em conjunto: refeições (como nas famílias Campos, Barros e Lima), programas de televisão (como nas famílias Ribeiro e Dias), entretenimento fora de casa (como nas famílias Dias, Ribeiro e Monteiro) e até mesmo simplesmente fazer companhia.

Um terceiro significado de compartilhamento emerge das entrevistas: o de maternidade. Ele se aproxima da proposta de Belk (2010) para um dos protótipos de compartilhamento, principalmente no que se refere aos cuidados da mãe em relação aos filhos, compartilhando seu tempo e sua ajuda para a criação e atendimento às necessidades deles. Rosa Silva descreve o papel de mãe como intrinsecamente ligado ao compartilhamento nos cuidados com os filhos, incondicionalmente a qualquer retorno no futuro: “Eu não faço nada cobrando. Se um dia eu precisar de vocês e vocês me atenderem, ótimo, mas eu faço, porque eu acho que mãe tem que. Ou então, não seja mãe”.

Uma das formas do compartilhamento com o significado de maternidade é a receptividade para acolher algum filho que precise de abrigo. Suas casas assumem o sentido figurado do filho que fica protegido sob as asas da mãe. Expressões como “a casa da mãe vai estar sempre aqui”, “meus abraços estão abertos” e “casa de mãe sempre tem um cantinho para acolher” refletem a ideia de compartilhamento incondicional.

A maternidade também se revela por meio do compartilhamento dos bens da mãe, mesmo quando algumas vezes a seu contragosto. Afinal, “para filho a gente nunca nega” e “filho já viu, né? A gente divide”, porque se trata de “minha filha querida que eu amo tanto”, em relação a quem “não pode ter aquele egoísmo”.

No entanto, o compartilhamento associado à maternidade não é necessariamente ilimitado. Afinal, dar limites é parte do papel de mãe, parte do educar os filhos. Madalena Rocha ressalta: “eu sou mãe, mas eu tenho uma vida. Eu não posso deixar vocês fazerem o que querem com as minhas coisas”. Elaine Pereira também estabelece limites ao compartilhamento com os filhos, para não “criar um mal costume”.

Se as televisões, computadores e internet são geralmente compartilhados nas famílias entrevistadas, impedir o seu uso contínuo de modo que tenham que se revezar com outros membros da família estendida é usado como recurso para estabelecer limites no uso. Por exemplo, Madalena Rocha usa seu poder de decisão sobre a programação da televisão da sala como modo de educar as enteadas, ainda sugerindo o valor de programações diferentes de “Os Simpsons”: “‘Não sei para que que você vê repórter, tia’. ‘Para ter o que falar, para saber o que está acontecendo no mundo’. Já pensou se eu souber falar só sobre o Bart Simpson?”. Outra forma de usar o compartilhamento como forma de dar limites é encerrando o acesso à internet, compartilhada por todos na casa, para que as crianças e adolescentes possam estudar.

Em quase todas as casa, há apenas um banheiro para uso de toda a família, algumas vezes numerosa. O compartilhamento do banheiro também acaba por servir como meio para se estabelecer limites e disciplinar os moradores para um uso objetivo e rápido. Assim, aprende-se a “administrar o horário para poder ficar melhor para todos”, a ter “o bom senso de tomar banho rápido”, a entender que “não tem esse negócio de querer o banheiro exclusivo”.

De um modo mais amplo, há o aprendizado de não querer tudo para si. Ter que compartilhar tira o “poder de ter as coisas” quando criança, impedindo que se crie “um círculo vicioso” de querer ter tudo.

Outro significado encontrado no estudo é o compartilhamento como valor passado pelos pais aos filhos durante a sua criação. O compartilhamento parece não acontecer naturalmente, precisando ser ensinado às crianças (BELK, 2007; 2010). Mas a ideia de que “aqui tudo é de todos” precisa ser “plantada” desde a mais tenra infância. Alguns informantes contaram replicar a criação que receberam dos pais para seus filhos; outros, que pretendem fazer o mesmo quando formarem família.

Já Núbia Campos veio a tomar o compartilhamento como um valor quando sua filha cresceu e começou a querer usar as coisas dela. Ela conta que não aprendeu a compartilhar quando criança e que, tendo apenas um irmão homem, não dividia as coisas com ninguém. Ela teve que se tornar mãe para aprender o valor que outras famílias ensinaram a seus filhos, em linha com Furby (1980) e Belk (1985) sobre o compartilhamento poder mudar conforme o estágio de vida em que o indivíduo se encontra. “Já fui um pouco egoísta, sim, porque fui única filha mulher. (...) Agora já não ligo mais, não. Digo: Minha filha, use o que você quiser. É meu, é seu; é seu, é meu”.

Outro significado associado às famílias é o compartilhamento como responsabilidade pelas crianças e pelos idosos. Ele diz respeito, mais especificamente, aos cuidados que crianças e idosos requerem, em que se compartilha tempo e esforço nessa tarefa. São, por exemplo, os cuidados de avós com netos enquanto as mães trabalham. Na falta dos avós, outros cuidadores entram em cena para olhar pelas crianças. Até mesmo vizinhos compartilham o cuidado das crianças quando os pais estão trabalhando. Também os cuidados com os idosos são compartilhados por aqueles membros da família que permanecem no domicílio, enquanto outros vão trabalhar.

Um último significado associado às famílias é o compartilhamento como amor e afeto, ligado ao contexto das relações interpessoais íntimas em que se compartilham emoções e se ajuda na resolução de problemas pessoais (JOHN, 2013). Os informantes fazem diferentes referências ao compartilhamento como algo que “vem do coração”, que é dado “de coração”, porque se deseja ver uma pessoa “tão satisfeita quanto você, usando aquilo”, “ver a pessoa feliz”.

5.3.2. Significados financeiros

As famílias entrevistadas são de classe média baixa, muitas com dificuldade para fechar as contas a cada mês. Alguns dos adultos dessas famílias cresceram em situação ainda mais adversa, tendo conquistado alguma ascensão social e itens de conforto em suas residências. Em decorrência da renda restrita, o compartilhamento assume significado também de estratégias para enfrentar as dificuldades financeiras e fazer render o dinheiro. Em alguns casos, em especial os relatados sobre a infância, o compartilhamento aparece como única forma de acesso a bens e a prover algum conforto à família.

Um primeiro significado financeiro do compartilhamento é o acesso a bens. Uma das formas de acesso é a reunião de recursos para o pagamento das despesas da casa, de forma a se poder ter acesso a serviços básicos como energia elétrica, água e gás, além de serviços complementares, como internet e televisão a cabo. Também entram nesse grupo de despesas a alimentação da família. O compartilhamento dos gastos é uma prática comum nas famílias entrevistadas.

Além de reunirem recursos para pagar as despesas da casa, também compartilham outros tipos de gastos para aquisição de eletrodomésticos ou de material escolar. Algumas vezes, os gastos são compartilhados com familiares não residentes.

Outra forma de compartilhamento como acesso a bens se dá pelo uso conjunto de bens não disponíveis para cada membro da família isoladamente. Por exemplo, nas residências que contavam com aparelho de ar condicionado, geralmente estava disponível apenas em um cômodo. Esse cômodo, mesmo sendo um quarto, passava a ser compartilhado para que todos tivessem acesso ao conforto.

Outros exemplos de uso compartilhado para dar acesso a bens não disponíveis individualmente são os brinquedos das crianças. Há diversos relatos de infância em que os pais compravam um único brinquedo (uma bola, uma boneca, uma bicicleta) para uso compartilhado pelos filhos.

O compartilhamento como acesso a bens toma ainda mais uma forma: dar acesso a bens adicionais aos que cada um já tem. É o caso das roupas compartilhadas, quando um usa livremente as roupas de outro para ter mais opções.

Em todas as formas de compartilhamento como acesso a bens, o esforço conjunto fica facilitado à medida que mais um membro da família começa a trabalhar e a ter renda. Como descreve César Silva, “o que foi mais difícil é o primeiro, que não tinha como os outros ajudarem. O primeiro era só o pai. Era só eu, só eu”. Depois, quando o mais velho passa a trabalhar, “ele começa a ganhar o dinheirinho dele, já somos dois. Já tem eu e ele. Então a gente pode ajudar os outros e assim vai”.

Outro significado de cunho financeiro encontrado no estudo é o compartilhamento como adiamento de gastos. Ao invés de comprar um item para repor o que já foi consumido ou se estragou, alguns entrevistados contaram usar os bens de outro membro da família e, assim, adiar o gasto.

Um terceiro significado financeiro do compartilhamento é a redução de custos, como parar de pagar aluguel e voltar a compartilhar da casa da mãe. Também como forma de reduzir os custos está a compra de bens que possam ser compartilhados pela família. Não apenas as compras são feitas pensando-se em todos, para agradar a todos, como também com a intenção de ficarem mais baratas.

Outro significado é o compartilhamento como controle de gastos. Isso se dá de duas formas. A primeira, é no compartilhamento de afazeres domésticos, quando, durante a realização das tarefas, um membro da família controla, por exemplo, os gastos de produtos de limpeza usados pelo outro.

A segunda forma de controle de gastos é via o compartilhamento das decisões financeiras da casa. Éden Santos conta que não compartilhava as decisões de gastos com a ex-esposa, ao que chama de um “erro”, pois acabou ficando endividado: “Eu sempre dei carta branca para ela. Isso foi um erro. (...) Não iria chegar ao ponto que cheguei de ficar endividado, com o nome no SPC, por conta dela. Por não ter conhecimento do que estava acontecendo financeiramente”. Já com a atual esposa, Juliana, o uso do dinheiro é compartilhado pelo casal, um sempre sabendo o que o outro está gastando. “O meu dinheiro aqui é dela, e o dela é meu. (...) Ela vai saber o que que foi, e eu também vou saber o que que foi”.

O compartilhamento também se apresenta no estudo com o significado de equalização das posses entre os membros familiares. A situação mais comum é de irmãos mais velhos que começam a trabalhar e a ter acesso à aquisição de bens, como roupas. Os irmãos mais novos, então, compartilham dos bens adquiridos, equalizando de alguma forma os bens de cada um. Outro modo de equalização de posses ocorre quando esses irmãos mais velhos compram coisas para os mais novos.

Um último significado financeiro associado ao compartilhamento é a necessidade, beirando a sobrevivência das famílias, em especial durante a infância dos que hoje são os pais das famílias entrevistadas e que vieram de dificuldades financeiras expressivas. Diferentemente do significado de acesso a bens, em que unindo forças consegue-se pagar pelos bens desejados, nas situações aqui chamadas de necessidade não há alternativa ao compartilhamento, pois o pouco que se tem, deve servir a todos. Dos significados de compartilhamento, esse é o que mais se aproxima da categoria conceitual de utilitarismo (BELK, 2010), tendo a necessidade como a principal motivação para o compartilhamento.

Em outro grau de necessidade, em que a restrição financeira impede que se tenha acesso a bens, mas mais afastado de uma situação de dificuldades, aparecem outros exemplos de compartilhamento como necessidade. Vão do compartilhamento do único ventilador pela família Carvalho, ao compartilhamento de um guarda-roupas pelos Rocha até que se juntasse dinheiro para comprar outro. Nesses casos, o compartilhamento ocorre por necessidade, por falta momentânea de recursos.

5.3.3. Significados de ajuda

O compartilhamento como ajuda assume diferentes formas. A ajuda pode ser para se evitar a sobrecarga de trabalho doméstico de alguém da família, compartilhando-se essa responsabilidade, por exemplo dividindo tarefas. Grande parte das famílias participantes do estudo compartilham os afazeres domésticos.

O compartilhamento também surge como forma de prover comodidade, ou até mesmo por “preguiça”. Assim, podem-se usar roupas ou toalhas que estejam mais próximas, em lugar das próprias que se encontram mais distantes ou em local de acesso mais difícil. De forma similar, espera-se por outros membros da família para o jantar, para não ser necessário requentar a comida (família Barros).

Como sossego, o compartilhamento aparece na oferta de Elaine Pereira para que os hóspedes fiquem à vontade em sua casa – ela compartilha com eles sua casa, dando-lhes uma chave da porta, e a comida. Eles podem (e devem) se virar para se alimentar, de modo a não a perturbarem enquanto estiverem hospedados. Também o compartilhamento de atividades domésticas que sejam um incômodo é uma forma de obter sossego. Antônia Souza comenta: “Uma das coisas que eu não faço em casa é botar lixo para fora e ir à padaria. Ir ao mercado? É muito difícil eu ir ao mercado. (...) Deixo só por conta deles”.

Outro significado que o compartilhamento apresenta é a segurança. Por viver em um conjunto residencial em que todos veem o que a família faz em seu apartamento, dado que a sala é devassada para o corredor utilizado pelos moradores, Simone Oliveira diz que ali se sente segura. O compartilhamento de sua rotina com vizinhos, mesmo que involuntário, lhe dá essa sensação de segurança.

Em um sentido diferente do da segurança, o compartilhamento também aparece como forma de se evitar estranhos na residência. Nádia Barros não gosta de ter outros indivíduos em casa, mesmo se forem amigos da filha. A mãe, então, prefere usar seu pouco tempo de folga para os afazeres domésticos, do que contratar “algum estranho” para fazer isso. Ela então compartilha as atividades domésticas com a família. Seu marido construiu um terraço equipado para receber pessoas de fora, dado que “Nádia não gosta muito de que transitem dentro da casa”.

Um último significado de compartilhamento como ajuda: fazer o bem, ajudar outras pessoas. A “caridade anônima voluntária”, que Belk (2010, p. 721) classifica como forma de compartilhamento, aparece na fala de Augusto Campos: “eu ajudo com uma quantia mínima à Aliança Brasileira dos Cegos. Todo mês, mixaria. Mas eu ajudo. (...) Compartilhar, eu vejo dessa forma”. Núbia Campos também vê as doações como uma forma de compartilhamento, destacando que não é apenas a doação de dinheiro, mas também a ajuda por meio de uma palavra de ânimo, de um sorriso ou de uma oração: “Compartilhar a doação eu acho que não é só dar. É você ajudar. Às vezes você tem algo para dar, você tem uma oração para fazer, você tem um sorriso para dar, uma palavra de ânimo, incentivo, isso é compartilhar. Para mim, compartilhar é fazer o bem”.

Não apenas no sentido de caridade anônima voluntária a ajuda aparece na forma de compartilhamento. O fazer o bem, ajudar, surge também em ouvir aqueles que precisem falar sobre algum problema (JOHN, 2013), compartilhando a atenção e uma possível ajuda na resolução. “[A pessoa] quer compartilhar aquele problema para ver se alguém ajuda. E acaba ela vindo trazer o problema para mim. Isso acontece muito” (Ione Cardoso). Outra forma de ajuda é o compartilhamento do conhecimento com outros indivíduos: “No trabalho [compartilho] meu conhecimento, meu aprendizado, minha experiência. Eu compartilho e mostro para eles o que eles devem fazer, e em cima disso vão chegar a um melhor resultado” (Marcos Monteiro).

5.3.4. Significados de privações

O quarto grupo de significados de compartilhamento diz respeito às privações. Compartilhar pode implicar em privação de uso, de espaço, na perda de privacidade e na perda de controle.

A privação de uso se dá pela falta de acesso livre aos bens compartilhados, apesar de diferentes entrevistados descreverem o compartilhamento como “para todos usarem a hora que quiserem”. Em diversas situações, diferentes membros familiares querem usar o bem compartilhado ao mesmo tempo. Quando o bem é de uso individual, estabelece-se alguma regra de uso ou rodízio. O computador é um bem comumente compartilhado – e disputado – nas famílias entrevistadas. Alguns informantes revelaram o desejo de ter um computador seu, não se importando que outros o usassem, mas que pudessem ter prioridade sobre o uso. Como os computadores podem ser usados também para se assistir programas de televisão, alguns conflitos – e decorrente privação de uso – acontecem até mesmo pelo transbordamento da função televisiva ao computador. Mayara Campos reclama da mãe, que quer assistir capítulos da novela quando o computador já está sendo usado pela filha.

Também as televisões são disputadas nas famílias entrevistadas, tanto para exibir programas televisivos, como para uso de *videogames*. São comuns os relatos de disputas pela televisão, privando um ou mais membros familiares de usufruírem dela da forma que gostariam. Outros já se entendem melhor no compartilhamento da televisão, principalmente por alguém abrir mão de usá-la, em prol do outro. Mesmo em residências com mais de uma televisão, aquela considerada a principal é concorrida (“todo mundo quer essa”), restando as demais como prêmio de consolação a quem teve o seu uso restringido no momento.

A privação pode ser na escolha do programa a ser exibido na televisão compartilhada, levando um a abrir mão de suas preferências para compartilhar o momento, para “poder ficar perto dele”. Em um caso, a privação do uso se estende a outra televisão conectada ao mesmo sistema de TV a cabo, em que, ao desligar uma das televisões, o sistema da outra também é desligado.

Mas talvez o maior ícone de privação de uso nessas famílias seja o banheiro. Em quase todas as residências visitadas, há apenas um banheiro à disposição das famílias, muitas vezes numerosas, que “é pequeno para tanta gente”. Diferentemente do computador e da televisão, o banheiro muitas vezes envolve necessidades fisiológicas que são difíceis de adiar. Mesmo para atividades como banho ou para se arrumar, o banheiro é geralmente considerado como de uso individual, apesar de ser um bem compartilhado. Do compartilhamento surge a privação do uso livre do espaço, seja nos momentos que se queira usar, seja pelo tempo que se quer tê-lo para seu uso exclusivo. Há também reclamações sobre abusos de alguns, que demoram no banheiro com

outras pessoas aguardando para usá-lo. É o caso de Mariana Pereira, reclamando do irmão: “Eu não dividiria o banheiro. Eu queria ter um só meu, mesmo. Às vezes eu fico para morrer: meu irmão quando entra no banheiro e parece que ele vai morar lá dentro”. Sueli Oliveira reclama também da sogra: “Às vezes o banheiro dá discussão. Se minha sogra está no banheiro, acabou! Acabou”. Francisca Dias fala mais genericamente: “Banheiro aqui é crítico. Sempre tem um que gosta de ficar mais tempo. ‘Fulano, quero ir ao banheiro!’. ‘Calma aí!’”.

Assim como no caso das televisões, mesmo nas residências com mais de um banheiro à disposição, aparece a privação pelo uso. Um dos banheiros pode ser preferido pelos moradores e, dessa forma, disputado.

A privação de uso pode ocorrer também quando mais de um indivíduo pretende usar a mesma roupa em determinada ocasião. Também no acesso ao quarto compartilhado entre irmãos, para o qual se estabeleceu um revezamento para uso com maior privacidade, mas ocasionando algum problema para quem está fora da escala de uso: “Quero entrar no meu quarto para pegar minha roupa para poder sair. Ele não abre a porta!” (Marcos Monteiro).

De forma análoga ao compartilhamento com significado de privação de uso, há também o significado de privação de espaço. O quarto de Elaine Pereira, que ela quer só para si, acaba não sendo exclusivo (“Nem aquele espaço é meu”), assim como o de Madalena Rocha (“Se eu pudesse, ninguém entrava no meu quarto.”) Júlia Almeida tem um quarto que é “seu”, mas está invadido pelas coisas do irmão. E, se ter um quarto só para si já é um sonho para vários dos informantes o que dizer do desejo de Francisca Dias de ficar sozinha na casa por uns momentos, apesar de lá morarem oito pessoas? “Quer ver eu ficar bem? É todo mundo sair e eu ficar aqui sozinha. Mas é muito raro, a casa nunca fica vazia”.

A privação de espaço também se dá por não se conseguir que as coisas sejam deixadas da forma que se deseja. Elaine Pereira comenta: “Em uma casa que mora muita gente e que todos transitam por ela, às vezes você fica com pouco espaço. (...) Eu não posso fechar a porta da cozinha. E eu adoro ela encostada”.

Duas situações particulares de privação de espaço surgiram na família Carvalho. A primeira é a limitação da altura do som que Geisy Carvalho pode ouvir, pois os demais reclamam. A outra situação é a fumaça do cigarro de Geisy, hábito de que ela não abre mão, e que desencadeia crises de asma na filha e no neto. Já na família Ribeiro, o barulho das discussões animadas é que incomoda Romilda Ribeiro: “vou lá para o meu quarto, fecho a porta, fico lá, quietinha. Quando acaba a discussão, eu volto”.

Há ainda a perda de privacidade pelo compartilhamento. Poder “ficar à vontade” sem ser observado, não sentir seu espaço invadido, não ter outras pessoas “mexendo em suas coisas” são alguns dos exemplos de perda de privacidade. Andressa Monteiro valoriza a oportunidade que o filho mais velho está tendo de não compartilhar quarto e ter, assim, a sua privacidade: “É importante. É privacidade. De você fechar o quarto e você ver o que você quer, você mexer no que você quer”. Para conseguir privacidade, Marcos Monteiro e o irmão estabeleceram uma escala de uso do quarto compartilhado.

Outro aspecto da perda de privacidade é a sensação de estar incomodando e tirando a privacidade dos demais familiares, quando se mora “de favor”. Em especial, a preocupação é relatada por agregados, mesmo declarando que todos lhes fazem sentir à vontade na residência. Evandro Ribeiro conta: “não é que eu não tenha privacidade, é que eu tiro a privacidade. Isso é pior ainda”. Alan Barros também fala: “Eu acho que não, mas parece que incomoda. Não sei. Isso no meu entender. Eu não gosto de perturbar as pessoas. Incomodar, deixar as pessoas assim ‘poxa, é uma pessoa estranha que está na minha casa”.

Um último significado associado a privações é a perda de controle daquilo que está sendo compartilhado. Madalena Rocha, ao compartilhar a tarefa de cozinhar, sente que perde o controle da cozinha, porque, afinal, considera que “eu que tenho que determinar o que tem que fazer de comer”, mesmo que outros executem a função.

5.3.5. Outros significados

As metáforas de consumo de Holt (1995) também contribuem à discussão dos significados do compartilhamento, na medida em que auxilia analisar os motivos pelos quais os indivíduos consomem – e, mais particularmente, porque eles compartilham. Das metáforas propostas pelo autor, três delas se aplicam aos achados do presente estudo: consumo como integração, consumo como classificação e consumo como teatralização.

O consumo como integração aparece no compartilhamento como forma de compor a identidade dos indivíduos. Ao utilizar as roupas de outro membro da família estendida, busca-se conquistar uma identidade escolhida (BAUMAN, 2005) ou mesmo uma identidade coletiva (JENKINS, 2008) da família. Acaba sendo um exemplo literal da elaboração de Bauman (2005) quando diz que as identidades podem ser “vestidas” por quanto tempo se queira e trocadas por outras, como quem escolhe roupas de um guarda-roupas. No contexto analisado, compartilha-se fragmentos de identidade daqueles que participam da prática (HALL, 2005), ampliando o seu *self* estendido (BELK, 1988, 2010; MITTAL, 2006).

Da metáfora do consumo como classificação são derivados alguns critérios classificatórios advindos do compartilhamento. O primeiro deles é o próprio compartilhar ou não: algumas famílias declaram compartilhar mais seus bens uns com os outros, enquanto outras fazem maior distinção de o que é de uso individual de cada um. A mesma metáfora de classificação aparece em situações em que é utilizada para se falar de outras famílias, referidas como “individualistas”, onde há muito “egoísmo”, por pouco ser compartilhado e ser “cada um com o seu”. Neste caso, o valor de compartilhamento é utilizado para hierarquizar, colocando a família que compartilha em posição moralmente superior às demais.

Outro esquema classificatório utilizado pelos informantes é decorrente das relações sociais envolvidas no compartilhamento: ser ou não próximo o suficiente para ser considerado “da família” e, assim, compartilhar livremente dos recursos. Quem é considerado “de fora” requer permissões especiais de acesso e, geralmente, não é contemplado pelo compartilhamento, apenas por acessos temporários e mediante aprovação.

O compartilhar por necessidade ou para se ter acesso a recursos denota outra classificação, desta vez de cunho socioeconômico, relativa à de capacidade de consumir e de possuir bens. Mesmo entre as famílias do estudo pertencendo à mesma classe socioeconômica, observam-se disparidades no poder de consumo e na posse de bens, surgindo situações de compartilhamento por necessidade em algumas e por opção em outras. Também os históricos de vida dos adultos revelam muitos virem de situações de grande restrição financeira, em que o compartilhamento passava a ser a regra, “gostando ou não, querendo ou não”.

O consumo como teatralização, segundo Holt (1995), subdivide-se em dois tipos de relação entre os consumidores: a comunhão e a socialização. Pela própria característica da unidade de análise escolhida, a socialização aparece mais fortemente do que a comunhão, pois a unidade familiar privilegia a interação e a expressão de opiniões e emoções entre os consumidores. Essa metáfora de consumo se revela nos diversos momentos compartilhados entre os membros familiares, como entretenimento dentro e fora da residência, as refeições familiares e até mesmo no compartilhamento dos afazeres domésticos. Os indivíduos interagem enquanto compartilham, sendo a socialização parte integrante do consumo. Afinal, o consumo é também um meio para as relações sociais: “os bens são neutros, seus usos são sociais; eles podem ser usados como cercas ou pontes” e funcionam como um equivalente a um “meio não verbal da faculdade criativa humana” (DOUGLAS; ISHERWOOD, 1996, pp. xv e 41).

5.3.6. Processo de transferência de significados

Além dos significados de compartilhamento revelados pelo estudo, contribuições adicionais à análise são obtidas a partir do modelo de transferência de significados de McCracken (1986). Mesmo não tendo sido propósito investigar processos de transferência de significado, indícios surgidos na pesquisa são discutidos a seguir, sugerindo caminhos para estudos posteriores.

McCracken (1986, 2003) propõe quatro rituais de transferência de significado dos bens para os indivíduos: rituais de troca, de posse, de arrumação e de despojamento. Os rituais de troca são relativos a um modo de consumo distinto do compartilhamento: o presentear. Mesmo não se aplicando diretamente, os rituais de troca suscitam uma questão: se quem presenteia é agente de transferência de significado, pois escolhe e entrega propriedades culturais ao presenteado, o mesmo pode ser dito de quem oferece o bem ao compartilhamento?

Para responder essa questão, é preciso fazer algumas considerações. No compartilhamento, diferentemente do presentear, não há propriamente uma transferência da posse do bem, e sim a disponibilização para uso conjunto. Dessa forma, quem oferece o bem a ser compartilhado também é um consumidor final, nos termos de McCracken (2003). Pode ser forma análoga à situação de um presente dado a si mesmo, em que os papéis de agente de transferência de significado e consumidor final são exercidos pelo mesmo indivíduo. No entanto, no papel de agente de transferência, quem escolhe o bem também escolhe os significados a serem transferidos com ele. Por exemplo, uma televisão pode refletir “melhoria de vida” da família. Se quem usufrui do bem compartilhado o faz por opção, também ele funciona como agente de transferência de significado, pois seleciona entre os bens disponíveis ao compartilhamento aqueles que fazem sentido para ele, como as identidades a serem “vestidas” na escolha das roupas de um guarda-roupas.

Dessa forma, parece ser possível fazer um paralelo dos rituais de troca de McCracken (2003), pensados no presentear, com a transferência de significados promovida no compartilhamento. A escolha de determinada decoração para a sala, do modelo de televisão a servir a família ou mesmo a escolha de onde viver são providas de significado, transmitidos para quem adquire os bens e também para quem deles usufrui. No entanto, a diferença básica parece residir na intenção: nos rituais de troca, as propriedades culturais são escolhidas para o presenteado; já no compartilhamento, elas podem ser escolhidas para si, independentemente da decisão de compartilhar o bem, ou podem ser intencionais, pensadas por exemplo na família estendida residente, quando adquire algo “para todos”.

Como no compartilhamento o uso tem característica mais comunitária e o modelo de McCracken (2003) considera a localização final de significado no consumidor individual, também devem ser feitas algumas considerações ao se analisar os rituais de posse. No compartilhamento, ao invés de se colocar esforço para “reivindicar o que é seu”, a palavra de ordem é o “nosso”. Nesse sentido, se há alguma personalização dos bens, ela é possivelmente pensada no conjunto de usuários. No entanto, se a posse é conjunta, as ações de consumo são individuais. É possível pensar que os esforços para “extrair do objeto as qualidades que lhe foram conferidas” (p. 116) pela propaganda e pelo sistema de moda não sejam uniformes entre os usuários do bem compartilhado, assim como o próprio significado apreendido da propaganda e do sistema de moda seja diferente para cada indivíduo usufruído do bem.

Os rituais de arrumação ficam mais evidentes no compartilhamento. A manutenção dos bens para reavivar os significados dos bens é feita pelo conjunto de usuários ou por parte deles. A limpeza da casa, o preparo de comida, os cuidados com animais de estimação são alguns dos exemplos relatados pelas famílias entrevistadas. Os rituais de arrumação estão associados à responsabilidade de todos cuidarem dos bens e os disponibilizem em condições de uso após seu uso.

Pela característica de uso comunitário, ficam menos evidentes os rituais de despojamento. É possível que os bens compartilhados permaneçam por mais tempo junto à família, levando mais tempo para o seu descarte, e que nesse momento não seja pensado desassociar os significados pessoais, uma vez que são significados associados a um conjunto de indivíduos. Um caso se destaca no estudo realizado: o descarte de roupas por William Dias caso fosse utilizada por algum de seus irmãos. É justamente por meio do descarte que ele faz a dissociação de significados pessoais e a desvinculação dessas roupas à sua identidade.

6 Conclusão

O capítulo de conclusão está organizado em três seções. A primeira apresenta uma breve síntese do estudo, resgatando seus objetivos, métodos e principais achados de pesquisa. A segunda seção exhibe as conclusões e principais contribuições à literatura, colocando questões para reflexão sobre o tema de compartilhamento e de consumo. A terceira e última seção apresenta considerações finais e sugestões de caminhos para futuras pesquisas.

6.1. Síntese do estudo

O presente estudo teve por objetivo estudar o fenômeno do compartilhamento como prática de consumo em famílias brasileiras urbanas de classe média baixa, de modo a expandir o conhecimento sobre compartilhamento, delineando melhor fronteiras conceituais e temáticas. Para tal, utilizou-se de uma perspectiva interpretativa em que a unidade de análise foi a família estendida residente em um mesmo domicílio.

O locus de pesquisa escolhido contribui na expansão do conhecimento sobre compartilhamento dado que a família estendida brasileira difere da família nuclear norte-americana retratada na literatura sobre comportamento do consumidor. Da mesma forma, a classe média baixa urbana brasileira está sujeita a uma realidade de restrição de renda não observada na mesma magnitude naquela retratada na literatura proveniente de países desenvolvidos.

Foram entrevistadas 15 famílias pertencentes à classe C1, segundo o Critério Brasil de classificação socioeconômica, em um total de 48 informantes. Dada a diversidade cultural dentro de uma mesma classe socioeconômica, foi adotado o critério geográfico para a seleção dos informantes. A escolha foi feita por famílias residentes no subúrbio da Cidade do Rio de Janeiro, selecionadas por empresa de recrutamento. Em cada família, foram entrevistados de dois a quatro adultos.

Foi utilizada uma abordagem abduativa pelo método da combinação sistemática (DUBOIS; GADDE, 2002), em que são feitas idas e vindas sucessivas entre campo e teoria para a compreensão do fenômeno. Essa abordagem se mostrou apropriada aos objetivos do estudo e aos desafios impostos, a saber: uma prática cotidiana, associada principalmente à esfera da vida doméstica e privada, em uma temática pouco tratada na literatura.

Os resultados do estudo são apresentados de duas formas. Inicialmente, tendo em conta que a unidade de análise é a família, descreve-se a prática do compartilhamento em cada uma das 15 famílias estudadas, utilizando as falas dos informantes como evidências principais, acompanhadas por descrição de características do domicílio entrevistado. Em seguida, realiza-se uma análise cruzada dos casos (*cross-case analysis*), organizada em três eixos: natureza do compartilhamento, formas de compartilhamento e significados do compartilhamento.

Ao tratar da natureza do compartilhamento, exploram-se os entendimentos dados pelos informantes a compartilhar, emprestar e dividir. O exame das formas de compartilhamento mostra tanto formas de compartilhamento previstas na literatura quanto outras que emergiram dos dados, como o compartilhamento forçado, o compartilhamento de fora e o não intencional, levando à proposta de um esquema conceitual que reúne as diferentes formas de compartilhamento identificadas em famílias brasileiras de classe média urbana.

Em termos de significados, o estudo revelou uma diversidade de conceitos e apresentados em quatro grupos: significados relacionados à família, às finanças, à ajuda e às privações. Eles revelam que o compartilhamento tem um sentido de união e de família, sendo estratégia para lidar com as adversidades financeiras e como ajuda aos membros familiares, mas incorrendo também em perdas individuais por meio de privações impostas pelo uso comunitário dos recursos. O compartilhamento revela-se, ainda, um meio específico de significação do consumo, transmitindo valores simbólicos juntamente com os atos de oferecer bens ao compartilhamento e de seu uso por outros indivíduos.

6.2. Conclusões

A pergunta de pesquisa que orientou o presente estudo foi: Qual a natureza e os significados do compartilhamento como prática de consumo em famílias brasileiras urbanas de classe média baixa? De uma forma geral, o grupo de famílias entrevistadas se caracteriza por certa tendência de ascensão social, que se reflete na maior escolaridade dos filhos em relação aos pais, no acesso a bens antes não disponíveis, nos planos de adquirir novos bens e nos relatos de informantes sobre uma infância de pobreza. É nesse contexto que os resultados devem ser lidos e interpretados, que difere do contexto tratado por Belk (2010).

De fato, embora o trabalho fundamental de Belk, que inseriu a questão do compartilhamento no campo de estudos de Comportamento do Consumidor, seja de natureza teórica, ele se baseia em um corpo teórico e empírico de estudos realizados em países desenvolvidos, relacionados à classe média desses países, que, como se observou na introdução deste trabalho, se aproxima muito mais dos estratos superiores da sociedade brasileira do que do grupo estudado. O grupo estudado encontra-se pouco acima da faixa de pobreza, e, em boa parte, dela saiu no espaço de, no máximo, uma geração. Trata-se, evidentemente, de realidades distintas. Além disso, famílias com as características estudadas constituem, em todo o planeta, número muitíssimo superior às aquelas retratadas por Belk e outros estudiosos do consumo.

Esse estudo revelou diferentes aspectos sobre as práticas de compartilhamento pelas famílias urbanas de classe média baixa. É uma prática cotidiana, amplamente presente nos lares e que, apesar disso, passa muitas vezes despercebida (BELK, 2010). O próprio termo “compartilhamento” não faz parte do vocabulário de muitas famílias, por desconhecimento ou por ficar distante do vocabulário comum. O uso ambíguo e, muitas vezes, antagônico do termo “dividir” reforça essa questão.

Seguindo a dicotomia da “casa” e a “rua” de Roberto da Matta (1997), o compartilhamento parece ser prática mais comum dentro dos limites da residência, transbordando também para a família estendida ampliada. Referências a compartilhamento com indivíduos fora desse círculo social são escassas e a prática é vista com restrições: requer a confiança e a proximidade mais características do ambiente familiar. Já nos casos de famílias polinucleares, o compartilhamento parece ainda mais reforçado dentro de cada família nuclear que a compõe. Assim, parece haver um contínuo de realização da prática do compartilhamento, estando mais presente junto à família estendida residente e

menos presente quando os laços relacionais se tornam mais difusos. Essa questão está representada na Figura 6.1 a seguir.

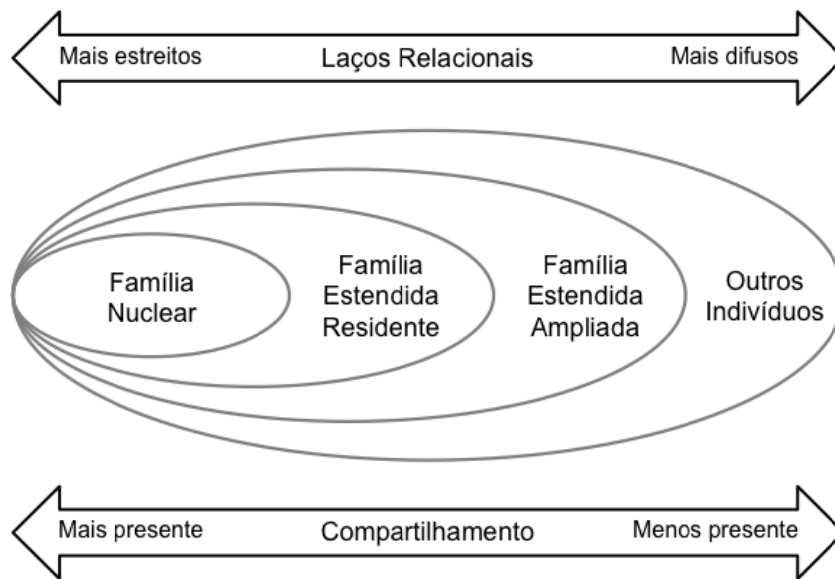


Figura 6.1 – Contínuo de compartilhamento e laços relacionais

O compartilhamento é uma prática aprendida socialmente, ensinada aos filhos por necessidade ou como um valor. Quando o compartilhamento é realizado por necessidade, ao se alçar a um conforto financeiro relativamente maior, algumas famílias seguem com a prática, não mais por necessidade, mas como valor transmitido de geração a geração, estreitamente associado à ideia de união e ao conceito de família. Essa união é também de esforços, de modo não apenas a se superar dificuldades financeiras, como também para permitir maior acesso a bens. Outras famílias parecem optar por deixar de compartilhar no momento que atingem melhor situação econômica, buscando, por exemplo, a compra de bens individualizados. A realidade das famílias pesquisadas, no entanto, é geralmente de restrições e sacrifício financeiro, muitas vezes não permitindo tal opção.

Se o compartilhamento está associado à união e ao coletivismo, uma implicação parece ser alguma perda de individualidade. Para que ocorra o uso comunitário, em que os bens são “de todos”, não é incomum ocorrer algum grau de privação de uso, de espaço, de privacidade ou mesmo de controle sobre os recursos compartilhados. Em particular, com as restrições de consumo características da classe média baixa, o compartilhamento de parte dos bens ocorre “gostando ou não gostando, querendo ou não”, derivando situações de compartilhamento forçado - mas que ainda são considerados melhores do que a alternativa: não ter acesso ao bem.

As disputas por recursos compartilhados suscitam a discussão quanto a hierarquia e poder no compartilhamento. Os direitos de uso não parecem ser iguais entre todos, nem para todos os usos. Entre os membros da família, são comumente os mais velhos que decidem as prioridades, algumas vezes a favor de crianças menores. Parece haver alguma associação entre quem paga pelo recurso – seja para adquiri-lo, seja para mantê-lo – ser aquele que tem poder de decisão. Ou, ainda, a decisão pode ser atribuída ao dono original, tendo ele comprado ou recebido o recurso de outrem. No entanto, a hierarquia não se mostra tão clara quando o bem é comprado por um dos membros da família como presente para outro, permanecendo a discussão sobre prioridade no uso.

De qualquer modo, evidencia-se que o compartilhamento pode assumir aspectos tanto hierárquicos quanto igualitários. O equalitarismo pode ser visto no uso por vários indivíduos, muitas vezes em similaridade de condições (como, por exemplo, entre irmãos). Mas é, sobretudo, uma prática hierarquizante, que tende a seguir a hierarquia familiar, tanto a dominância de pais e mães, quanto a hierarquia associada ao provedor. Esta questão, sob a perspectiva aqui explorada, não foi identificada na literatura examinada. É possível que diferenças culturais entre sociedades com valores fortemente associados ao individualismo e ao equalitarismo, como a norte-americana, e sociedades relacionais e hierárquicas, como a brasileira, estejam por detrás da pouca relevância dada à natureza hierarquizante do compartilhamento na literatura originária das primeiras.

Na mediação de conflitos no compartilhamento insere-se o tema do controle sobre os recursos. Se compartilhar é abrir mão de algum controle, no ponto de vista de quem oferece o bem compartilhado, pois outros passarão a usufruir do bem ou a decidir sobre seu uso, compartilhar também é ganhar controle sobre a situação, no ponto de vista de quem dele usufrui. Outra forma de colocar a questão é: compartilhar um recurso é também compartilhar o controle sobre ele. No “dar”, diferentemente do “compartilhar”, o controle é passado totalmente a quem recebe. O compartilhamento pode inclusive ser negado quando demandado, poder esse reservado ao dono do bem, desde que a situação lhe permita não compartilhar.

O controle pelo compartilhamento, por sua vez, está associado a responsabilidades. Deve-se cuidar do bem, não abusar de seu uso em detrimento dos demais e disponibilizá-lo novamente em condições de uso. Não respeitar essas regras pode incorrer em exclusão do direito de usufruir de modo temporário ou permanente. Assim, o compartilhamento deve ser entendido como uma prática que gera direitos e deveres, em que os códigos de conduta tendem a ser informais, implícitos e, por vezes, ambíguos.

6.3. Considerações finais

Este estudo contribui para a ampliação do conhecimento sobre práticas de consumo de três formas principais: i) expandindo o entendimento da temática do compartilhamento, delineando melhor fronteiras conceituais e temáticas; ii) estudando o fenômeno no contexto da família estendida brasileira, em contraposição à família nuclear norte-americana; e iii) identificando as especificidades do fenômeno entre famílias urbanas de classe média baixa. A escolha do locus de pesquisa, tanto pela família estendida brasileira, que tem por característica uma maior interdependência, contrapondo a sociedade norte-americana, mais independente; quanto pela classe média baixa urbana, considerada de baixa renda em um país que também ele é de baixa renda, revelaram-se importantes para extrair significados a partir das práticas de consumo investigadas em complementação à escassa literatura sobre o tema.

No que se refere às contribuições específicas ao entendimento da prática do compartilhamento, o estudo também traz contribuições relevantes. Primeiro, foram extraídos diferentes elementos que caracterizam o compartilhamento pelas famílias urbanas de classe média baixa, em complementação à literatura sobre o tema, expandindo o entendimento da temática do compartilhamento e delineando melhor as fronteiras conceituais e temáticas. Segundo, foram propostas três novas formas de compartilhamento, em adição às já demarcadas na literatura: compartilhamento forçado, de fora e não intencional. Terceiro, foram obtidas evidências de o emprestar ser um modo de consumo distinto do compartilhar, com características próprias e mecanismos particulares em sua realização, diferentemente da proposta de Belk (2010). Quarto, fez-se um amplo inventário de significados associados ao compartilhamento no grupo estudado, que foram reunidos em quatro grandes categorias, cuja natureza universal em relação ao estrato social estudado deve ainda ser futuramente investigada, mas que certamente se constitui em um passo adiante no entendimento do fenômeno

do compartilhamento. Quinto, o entendimento do compartilhamento como prática hierarquizante sugere a necessidade de discussões mais profundas, inclusive no contexto de estudos sociológicos sobre o tema. Sexto, a questão do compartilhamento como valor familiar, fortemente associado à ideia de união e ao conceito de família, se constitui em outra contribuição do presente estudo.

A partir dos resultados do estudo, são feitas algumas sugestões de futuras pesquisas. Uma delas diz respeito à complementação do estudo do fenômeno do compartilhamento em configurações diferentes das adotadas para o perfil dos informantes no presente trabalho. Se aqui o foco se deu na classe média baixa e o compartilhamento se mostrou uma estratégia para acesso ao consumo, estudar classes afluentes da sociedade pode trazer elementos adicionais à discussão. De forma análoga, se o compartilhamento parece ser utilizado também por necessidade em situações de adversidade financeira, olhar a base da pirâmide socioeconômica pode contribuir para entender melhor essa dinâmica. Alguns possíveis campos para pesquisas futuras são composições familiares específicas, como famílias com ou sem crianças no domicílio, famílias polinucleares e comunidades, como as “ecovilas”.

Os achados de pesquisa apontam para a existência de uma hierarquia nas relações familiares nas práticas de compartilhamento. Um caminho que pode contribuir para o melhor entendimento desse fenômeno é investigar a relação das questões de gênero às práticas de compartilhamento, como um perfil mais conciliador associado às mulheres ou mães de família, em contraposição a um perfil mais impositivo muitas vezes apresentado por homens e chefes de família.

Em termos de modos de consumo, o presente estudo aponta para o emprestar como modo distinto do compartilhamento. Sugerem-se investigações específicas sobre o emprestar, buscando melhor compreender sua natureza e significados.

Duas questões relativas aos diferentes modos de consumo emergiram do estudo e permanecem em aberto. A primeira é em relação ao termo “dividir”. Foi amplamente empregado pelos informantes, muitas vezes com significados opostos: como sinônimo de compartilhar e com sentido de separar, individualizar. A questão em aberto reside no emprego do termo “dividir” no sentido de individualizar, pois a prática não parece se enquadrar em nenhum dos modos de consumo propostos na literatura e apresentados na Figura 5.2. Dessa forma, seria um modo de consumo adicional, diferente dos já discutidos? Ou seria uma derivação de algum desses modos de consumo? O tema precisa ser melhor investigado.

A segunda questão que merece ser estudada são as doações anônimas voluntárias, propostas por Belk (2010) como uma forma de compartilhamento. No entanto, por serem anônimas, diferem de uma questão central proposta pelo autor para caracterizar o compartilhamento: as relações sociais, em que a prática de consumo ocorre dentro da rede de relacionamentos e envolvendo “amor” e “carinho”, fazendo também com que os bens compartilhados sejam singulares e pessoais. Parece ser uma prática de consumo distinta do compartilhamento. Também não se encaixa perfeitamente nos demais modos de consumo. Por exemplo, prescinde da reciprocidade prática envolvida no presentear, e tampouco é uma compra de mercadorias. Estudar as doações anônimas voluntárias sob a ótica dos modos de consumo pode contribuir para o entendimento das práticas de consumo como um todo.

Finalmente, os achados adicionais sobre o processo de significação do consumo podem apontar para um caminho de investigação. Entender como os rituais de transferência de significado ocorrem no compartilhamento pode contribuir para expandir a compreensão do consumo simbólico e dos mecanismos de significação.

7

Referências bibliográficas

ALBINSSON, P.; PEREIRA, Y. Alternative marketplaces in the 21st century: building community through sharing events. *Journal of Consumer Behaviour*, v. 11, p. 303-315, 2012.

_____.; WOLF, M.; KOPF, D. Anti-consumption in East Germany: consumer resistance to hyperconsumption. *Journal of Consumer Behaviour*, v. 9, p. 412-425, 2010.

ARNOULD, E.; THOMPSON, C. Consumer Culture Theory (CCT): twenty years of research. *Journal of Consumer Research*, p. 868-882, 2005.

_____.; _____. Consumer Culture Theory (and we really mean theoretics): dilemmas and opportunities posed by an academic branding strategy. In: BELK, R. e SHERRY, J. (Eds.). *Consumer Culture Theory*. Oxford: Elsevier, 2007, p. 3-22.

ARSEL, Z.; DOBSCHA, S. Hybrid pro-social exchange systems: the case of Freecycle. *Advances in Consumer Research*, v. 39, p. 66-67, 2011.

ASKEGAARD, S.; LINNET, J. Towards an epistemology of consumer culture theory: phenomenology and the context of context. *Marketing Theory*, v. 11, n. 4, p. 381-404, 2011.

ASSAD, M.; ARRUDA, M. Consumidor de baixa renda: o modelo de dinâmica do processo de compra. In: Encontro da ANPAD, 30., 2006, Salvador. *Anais eletrônicos...* Rio de Janeiro: ANPAD, 2006.

BARBOSA, P.; HOR-MEYLL, L. F.; MOTTA, P. C. O uso de celular pré-pago por consumidores de baixa renda. In: ROCHA, A.; SILVA, J. F. (Org.) *Consumo na base da pirâmide – estudos brasileiros*. Rio de Janeiro: Mauad, p. 113-132. 2009.

BARDHI, F.; ECKHARDT, G. Access-based consumption: the case of car sharing. *Journal of Consumer Research*, v. 39, n. 4, p. 881-898, dec. 2012.

BARROS, C. A Invisibilidade do mercado de baixa renda nas pesquisas de Marketing: as camadas populares consomem ou sobrevivem? In: Encontro de Marketing da ANPAD, 2., 2006, Rio de Janeiro. *Anais eletrônicos...* Rio de Janeiro: ANPAD, 2006.

BAUER, M. W.; AARTS, B. A construção do *corpus*: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, p. 39-63. 2002.

BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001.

_____. *Work, consumerism and the new poor*. Berkshire: Open University Press, 2005.

BELK, R. Materialism: trait aspects of living in the material world. *Journal of Consumer Research*, v. 12, p. 265-280, dec. 1985.

_____. Identity and the relevance of market, personal, and community objects. In: UMIKER-SEBEOK, J. *Marketing and semiotics: new directions in the study of signs for sale*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1987a, p. 151-164.

_____. The role of the Odyssey in consumer behavior and in consumer research. *Advances in Consumer Research*, v. 14, p. 357-361, 1987b.

_____. Possessions and the extended self. *Journal of Consumer Research*, v. 15, p. 139-168, sep. 1988.

_____. The role of possessions in constructing and maintaining a sense of past. *Advances in Consumer Research*, v. 17, p. 669-676. 1990.

_____. Why not share rather than own? *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science*, v. 611, n. 1, p. 126-140, may 2007.

_____. Sharing. *Journal of Consumer Research*, v. 36, p. 715-734, feb. 2010.

_____. You are what you can access: Sharing and collaborative consumption online. *Journal of Business Research*, v. 67, p. 1595-1600, 2014.

BENKLER, Y. Sharing nicely: on shareable goods and the emergence of sharing as a modality of economic production. *Yale Law Journal*, v. 114, p. 273-358, nov. 2004.

BOUMPHREY, S.; BEVIS, E. Reaching the emerging middle classes beyond BRIC. *Euromonitor*, 2013. Disponível em: <http://go.euromonitor.com/rs/euromonitorinternational/images/Reaching%20the%20Emerging%20Middle%20Classes%20Beyond%20BRIC.pdf?mkt_tok=3RkMMJWWfF9wsRoivqzIZKXonjHpfsX86e0uXqGyIMl%2F0ER3fOvrPUfGjl4CTsdhI%2B SLDwEYGJlv6SgFQrDAMatv0bgKWhg%3D>. Acesso em: 20 nov. 2013.

CAMPBELL, C. *The romantic ethic and the spirit of modern consumerism*. Oxford, UK: Basic Blackwell, 1987.

CAMPOS, R. *A transmissão familiar como chave de leitura do processo de difusão de inovações: uma investigação interpretativa e microssocial da adoção e consumo de produtos de beleza*. 2010. Tese (Doutorado em Administração de Empresas) – COPPEAD, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

CAPRARIELLO, P.; REIS, H. To do, to have, or to share? Valuing experiences over material possessions depends on the involvement of others. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 104, n. 2, p. 199-215, 2013.

CASOTTI, L. *Comportamento do consumidor de alimentos: um estudo de hábitos e percepções no Rio de Janeiro*. 2000. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – COPPE, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

_____.; SUAREZ, M.; DELIZA, R. Consumo de alimentos nas famílias de baixa renda: compartilhando achados, experiências e aprendizados. In: ROCHA, A.; SILVA, J. F. (Org.) *Consumo na base da pirâmide – estudos brasileiros*. Rio de Janeiro: Mauad, 2009, p. 225-244.

CASTILHOS, R.; ROSSI, C. A. Subindo o morro: consumo, posição social e distinção entre famílias de classes populares. In: ROCHA, A.; SILVA, J. F. (Org.) *Consumo na base da pirâmide – estudos brasileiros*. Rio de Janeiro: Mauad, 2009, p. 49-74.

CHEN, T.; DRENNAN, J.; ANDREWS, L. Experience sharing. *Journal of Marketing Management*, v. 28, n. 13/14, p. 1535-1552, Dec 2012.

CHIKWECHE, T.; FLETCHER, R. Undertaking research at the bottom of the pyramid - from theoretical considerations to practical realities. In: *CIMaR Conference*, Rio de Janeiro, 2008, p. 1-24.

COHEN, A. Epilogue. In: AMIT, V (Ed.). *Realizing community: concepts, social relationships and sentiments*. London: Routledge, 2002, p. 165-170.

COVA, B.; COVA, V. Tribal marketing – the tribalisation of society and its impact on the conduct of marketing. *European Journal of Marketing*, v. 36, n. 5-6, p. 595-620, 2002.

_____.; DALLI, D. Working consumers: the next step in marketing theory? *Marketing Theory*, v. 9, n. 3, p. 315-339, 2009.

CRESWELL, J. *Research design: qualitative, quantitative and mixed methods approaches*. 2. ed. Thousand Oaks: Sage, 2003.

DAMATTA, R. *A Casa e a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DEBENEDETTI, A.; OPPEWAL, H.; ARSEL, Z. Place attachment in commercial settings: a gift economy perspective. *Journal of Consumer Research*, v. 40, p. 904-923, feb. 2014.

DeNAVAS-WALT, C.; PROCTOR, B. Income and Poverty in the United States: 2013, Washington: US Government Printing Office, U.S. Census Bureau, Current Population Reports, p. 60-249, 2014. Disponível em: <<http://www.census.gov/content/dam/Census/library/publications/2014/demo/p60-249.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2015.

DENZIN, N.; LINCOLN, Y. The discipline and practice of qualitative research. In: _____. *The handbook of qualitative research*. 2. ed. Thousand Oaks: Sage, p. 1-19. 2000.

DESJEUX, D. Scale of observation: a micro-sociological epistemology of social science practice. *Visual Sociology*, v. 11, n. 2, p. 45-55, 1996.

_____.; SUAREZ, M; CAMPOS, R. O método dos itineraries: uma contribuição metodológica das ciências sociais à pesquisa de consumo em gestão. *Revista Brasileira de Marketing*, v. 13, n. 2, p. 74-83, maio 2014.

DOUGLAS, M.; ISHERWOOD, B. *The World of Goods: Towards an anthropology of consumption*. London, GBR: Routledge, 1996. Retrieved from <http://www.ebrary.com>

DUBOIS, A.; GADDE, L. Systematic combining: an abductive approach to case research. *Journal of Business Research*, v. 55, p. 553-560, 2002.

FERREIRA, A. B. H. *Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa*. Curitiba: Posigraf, 2004.

FOWLER, G.; RUSLI, E. O novo negócio é compartilhar tudo. *Valor Econômico*, 14 jan. 2013. *The Wall Street Journal Americas*, p. B6.

FURBY, L. Collective possession and ownership: a study of its judged feasibility and desirability. *Social Behavior and Personality*, v. 8, n. 2, p. 165-184, 1980.

GAIÃO, B.; SOUZA, I.; LEÃO, A. Consumer culture theory (CCT) já é uma escola de pensamento em Marketing? *RAE – Revista de Administração de Empresas*, v. 52, n. 3, p. 330-344, 2012.

GARCIA, A.; SANTOS, M.; CONCEIÇÃO, D.; MACHADO, A.; KIPERSTOK, A. Consumo domiciliar e uso racional da água em áreas de baixa renda: pesquisa de opinião. Congresso Baiano de Engenharia Sanitária e Ambiental, v. 1. p. 1-5. 2010.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: Bauer, M.; Gaskell, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 64-89.

GENTINA, E. Understanding the effects of adolescent girls' social positions within peer groups on exchange practices. *Journal of Consumer Behaviour*, v. 13, p. 73–80, 2014.

GIESLER, M. Consumer Gift System: Netnographic Insights from Napster. *Journal of Consumer Research*, v. 33, p. 283–290, sep. 2006.

GREGORY, C. On money debt and morality: some reflections on the contribution of economic anthropology. *Social Anthropology*, v. 20, n. 4, p. 380-396, 2012.

GUEST, G.; BUNCE, A.; JOHNSON, L. How many interviews are enough?: an experiment with data saturation and variability. *Field Methods*, v. 18, n. 59, p. 59-82, 2006.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: Guaracira Lopes Louro, 2005.

HEMAIS, M.; CASOTTI, L.; ROCHA, E. Hedonismo e moralismo no incentivo ao consumo na base da pirâmide: discussão para a proposta de uma agenda inicial de pesquisa. In: Encontro da ANPAD, 34., 2010, Rio de Janeiro. *Anais eletrônicos...* Rio de Janeiro: ANPAD, 2010.

HOLBROOK, M.; HIRSCHMAN, E. The experiential aspects of consumption: consumer fantasies, feelings and fun. *Journal of Consumer Research*, v. 9, p. 132-140, sep. 1982.

HOLT, D. How consumers consume: a typology of consumption practices. *Journal of Consumer Research*, v. 22, n. 1, p.1-16, 1995.

_____. Does Cultural Capital Structure American Consumption? *The Journal of Consumer Research*, v. 25, n. 1., p. 1-25, jun. 1998.

IBGE. Pesquisa de orçamentos familiares 2008-2009: Despesas, rendimentos e condições de vida. Rio de Janeiro: [s.n.], 2010. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 03 jan. 2012.

JENKINS, R. *Social Identity*. 3. ed. London: Routledge, 2008.

_____.; MOLESWORTH, M; SCULLION, R. The messy social lives of objects: inter-personal borrowing and the ambiguity of possession and ownership. *Journal of Consumer Behaviour*, v. 13, p. 131-139, 2014.

JOHN, N. The social logics of sharing, *The Communication Review*, v. 16, n. 3, p. 113-131, 2013.

LAMBERTON, C.; ROSE, R. When is ours better than mine? A framework for understanding and altering participation in commercial sharing systems. *Journal of Marketing*, v. 76, n. 4, p. 109-125, jul. 2012.

LEVY, S. Symbols for sale. *Harvard Business Review*, v. 37, p. 117-119, 1959.
 _____. Interpreting consumer mythology: A structural approach to consumer behavior. *Journal of Marketing*, v. 45, p. 49-61, summer 1981.
 _____. History of qualitative research methods in marketing. In: Belk, R. *Handbook of Qualitative Research Methods in Marketing*. Cheltenham, UK: Edward Elgar, 2006, p. 3-16.

LIMA, L. Uma aventura antropológica na Barreira do Vasco. *O Globo*, 11 maio 2014. Rio, p. 28.

MacDONALD, S.; HELLGREN, B. The interview in international business research: problems we would rather not talk about. In: MARSCHAN-PIEKKARI, R.; WELCH, C. *Handbook of Qualitative Research Methods in International Business*. Cheltenham, UK: Edward Elgar, 2004.

MacINNIS, D.; FOLKES, V. The disciplinary status of consumer behavior: A sociology of science perspective on key controversies. *Journal of Consumer Research*. v. 36, p. 899-914, 2010.

MAPCUSTOMIZER. Disponível em: <<http://www.mapcustomizer.com>>. Acesso em: 09 Jun. 2015.

MARSHALL, J.; WOOLLEY, F. What's mine is mine and what's yours is ours: challenging the income pooling assumption. *Advances in Consumer Research*, v. 20, p. 541-545, 1993.

MARTINS, L. Redes sociais já mobilizam 30 mil caronistas no Estado. *Folha de São Paulo*, 30 dez. 2012. Cotidiano, p. B1.

MATTOSO, C. *Identidade, inserção social e acesso a serviços financeiros: um estudo na favela da Rocinha*. 2005. Tese (Doutorado em Administração de Empresas) – COPPEAD, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

_____. Classes sociais, peculiaridades na base da pirâmide e a possibilidade de esquemas classificatórios. In: Encontro da ANPAD, 34., 2010, Rio de Janeiro. *Anais eletrônicos...* Rio de Janeiro: ANPAD, 2010.

_____.; ROCHA, A. Significado do crédito para os consumidores pobres: identidade, distinção e dívida. In: Rocha, A.; Silva, J. F. (Org.) *Consumo na base da pirâmide – estudos brasileiros*. Rio de Janeiro: Mauad, 2009, p. 75-96.

MAUSS, M. Ensaio sobre a dívida – forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: Mauss, M. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: E.P.U., 1974, p. 39-184.

McCRACKEN, G. Culture and consumption: a theoretical account of the structure and movement of the cultural meaning of consumer goods. *Journal of Consumer Research*, v. 13, n. 1, p. 71-84, 1986.

_____. *Cultura e consumo: novas abordagens ao caráter simbólico dos bens e das atividades de consumo*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003 (2. ed. 2010).

McKEAGE, K.; RICHINS, M.; DEBEVEC, K. Self-gifts and the manifestation of material values. *Advances in Consumer Research*, v. 20, p. 359-364, 1993.

McQUARRIE, E.; MILLER, J.; PHILLIPS, B. The megaphone effect: Taste and audience in fashion blogging. *Journal of Consumer Research*, v. 40, p. 136-158, jun. 2013.

MITTAL, B. I, me, and mine – how products become consumers' extended selves. *Journal of Consumer Behavior*, v. 5, p. 550-562, 2006.

MONEY, A. Material culture and the living room: The appropriation and use of goods in everyday life. *Journal of Consumer Culture*, v. 7, n. 3, p. 355-377, 2007.

MUELLER, J. Formal and informal practices of knowledge sharing between project teams and enacted cultural characteristics. *Project Management Journal*, v. 46, n. 1, p. 53-68, feb. 2015.

OLIVEIRA, J. Turismo compartilhado atinge R\$1bi. *Valor Econômico*, São Paulo, 25 jul. 2013. Disponível em: <<http://www.valor.com.br/empresas/3209902/turismo-compartilhado-atinge-r-1-bi>>. Acesso em: 20 nov. 2013.

OTNES, C.; RUTH, J.; LOWREY, T.; COMMURI, S. Capturing time. In: BELK, R. *Handbook of Qualitative Research Methods in Marketing*. Cheltenham, UK: Edward Elgar, 2006, p. 387-399.

OZANNE, L.; BALLANTINE, P. Sharing as a form of anti-consumption? An examination of toy library users. *Journal of Consumer Behaviour*, v. 9, p. 485-498, 2010,

_____.; OZANNE, J. A child's right to play: the social construction of civic virtues in toy libraries. *Journal of Public Policy & Marketing*, v. 30, n. 1, p. 264-278, Spring 2011.

PAHL, J. The allocation of money and the structuring of inequality within marriage. *Sociological Review*, v. 31, p. 237-362, may 1983.

PETERSON, N. Demand sharing: sociobiology and the pressure for generosity among foragers. In: MERLAN, F; MORTON, J. e RUMSEY, A. (Eds.) *Scholar and Sceptic – Australian Aboriginal Studies in Honour of LR Hiatt*. Camberra: Aboriginal Studies Press, p. 171-190. 1997.

_____. On the persistence of sharing: personhood, asymmetrical reciprocity, and demand sharing in the indigenous Australian domestic moral economy. *The Australian Journal of Anthropology*, v. 24, p. 166-176, 2013.

PRAHALAD, C.K., *The Fortune at the Bottom of the Pyramid: Eradicating Poverty Through Profits*. 5th ed. New Jersey: Pearson, 2010.

RANSOME, P. *Work, consumption & culture – Affluence and social change in the twenty-first century*. London: Sage Publications, 2005.

RESENDE, T. Mais famílias deixam de dividir imóvel. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 6 jul. 2013. Mercado, p. 1.

RICHINS, M. Valuing things: the public and private meanings of possessions. *Journal of Consumer Research*, v. 21, p. 504-521, dez. 1994.

_____.; DAWSON, S. A consumer values orientation for materialism and its measurement: scale development and validation. *Journal of Consumer Research*, v. 19, p. 303-316, dec. 1992.

ROCHA, A. *Empresas e Clientes: Um ensaio sobre valores e relacionamentos no Brasil*. São Paulo: Atlas, 2000.

_____.; ROCHA, E. Paradigma interpretativo nos estudos de consumo: Retrospectiva, reflexões e uma agenda de Pesquisas para o Brasil. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, v. 47, n. 1, p. 71-80, 2007.

_____.; SILVA, J. Consumo na base da pirâmide: um desafio empresarial - Introdução. In: ROCHA, A.; SILVA, J. F. (Org.) *Consumo na base da pirâmide – estudos brasileiros*. Rio de Janeiro: Mauad, 2009, p. 19-30.

ROCHA, E. Invisibilidade e revelação: camadas populares, cultura e práticas de consumo – apresentação. In: ROCHA, A.; SILVA, J. F. (Org.) *Consumo na base da pirâmide – estudos brasileiros*. Rio de Janeiro: Mauad, 2009, p. 13-18.

ROOK, D. The ritual dimension of consumer behavior. *Journal of Consumer Research*, v. 12, n. 3, 1985.

SAHLINS, M. *Stone Age Economics*. Chicago: Aldine-Atherton, 1972.

SANTOS, N. *Marketing to the Impoverished: Developing a Model for Markets that Justly and Fairly Serve the Poor*. Marquette University, 2009.

SARTI, C. *A Família como um Espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. São Paulo: Cortez, 2003.

SCHOUTEN, J.; McALEXANDER, J. Subcultures of consumption: an ethnography of the new bikers. *The Journal of Consumer Research*, v. 22, n. 1, p. 43-61, jun. 1995.

SEIDMAN, I. *Interviewing as qualitative research*. New York: Teachers College Press, 1998.

SHERRY, J. Gift giving in anthropological perspective. *Journal of Consumer Research*, v. 10, p. 157-168, Sep 1983.

_____. Keeping the monkeys away from the typewriters: An anthropologist's view of the Consumer Behavior Odyssey. *Advances in Consumer Research*, v. 14, n. 1, p. 370-373, 1987.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. *Pesquisa qualitativa*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

TAVARES, K. Vida em grupo. *O Globo*, Morar Bem, p. 1-3. Rio de Janeiro, 17 nov. 2013.

TINSON, J.; NUTTALL, P. Insider trading? Exploring familial intra-generational borrowing and sharing. *The Marketing Review*, v. 7, n. 2, p. 185-200, 2007.

VELOSO, A.; HILDEBRAND, D.; ARTONI, P. R.; CAMPOMAR, M. A criança no varejo de baixa renda. In: ROCHA, A.; SILVA, J. F. (Org.) *Consumo na base da pirâmide – estudos brasileiros*. Rio de Janeiro: Mauad, p. 157-178. 2009.

VETTORAZZO, L. Escritório compartilhado vira ponto de novos negócios no Rio. Folhainvest, p. B11. *Folha de São Paulo*, 22 abr. 2013.

VISCONTI, L.; SHERRY JR., J.; BORGHINI, S.; ANDERSON, L. Street art, sweet art? Reclaiming the “public” in public place. *Journal of Consumer Research*, v. 37, n. 3, p. 511-529, oct. 2010.

WARDE, A. Consumption and theories of practice. *Journal of Consumer Culture*, v. 5, n. 2, p. 131-153, Jun. 2005.

WEBER, T. Intermediation in a sharing economy: insurance, moral hazard, and rent extraction. *Journal of Management Information Systems*, v. 31, n. 3, p. 35-71, Winter 2014.

WEIDNER, K. L.; ROSA, J. A.; VISWANATHAN, M. Marketing to subsistence consumers: lessons from practice. *Journal of Business Research*, v. 63, p. 559-569, 2010.

WIDLÖK, T. Sharing by default? Outline of an anthropology of virtue. *Anthropological Theory*, v. 4, n. 1, p. 53-70, 2004.

8 Apêndices

São apresentados a seguir os roteiros de entrevista, as fotos tiradas ao longo do campo do estudo e informações sobre os diferentes locais mencionados pelos informantes no capítulo de Descrição de Resultados, a saber: breve descritivo de favelas ou comunidades e complexos, além de mapas de localização.

8.1. Roteiros de entrevista

São apresentados os dois roteiros utilizados. O primeiro foi originalmente proposto; o segundo foi elaborado a partir de aprendizados obtidos nas entrevistas iniciais e das contribuições dos membros da banca na defesa do projeto de tese.

8.1.1. Roteiro de entrevista – versão inicial

- Agradecimento, envelope contendo o valor de ajuda de custo, garantia de anonimato ao participante
- Perfil: nome, idade, casado ou não, quem mora na casa, idade das pessoas que moram na casa, o que faz cada um [quem trabalha fora de casa / quem tem renda], dia típico do entrevistado, o que gosta de fazer [em casa, fora de casa], há quanto tempo mora naquela casa
- O que é seu, e só seu, na sua casa? [O que você não divide com ninguém aqui na sua casa?]
- E o que é seu, mas também é dos outros que moram aqui? [O que aqui é de todo mundo?]
- Qual história desse objeto? [Quem decidiu? Quem escolheu? Quem comprou/pagou? Como foi sendo usado?]
- Tem alguma regra para usarem?
- Se der algum conflito no uso, quem toma a decisão final? Com base no quê?

- Qual a importância desse objeto? Se de repente ele sumisse, o que você faria?
- Imagina trocar esse objeto por outro? Se sim, por qual? Quem decide a hora de trocar? Quando troca? Quem escolhe o novo?
- Coisas na casa que não gosta, mas que usa.
- Coisas na casa que outros não gostam, mas usam.
- Coisas que gostaria que fosse só ela a usar, mas que os outros também usam.
- Coisas que cada um tem o seu, e geralmente não usam um do outro.
- Se usam um do outro, quando usam? Qual a reação dos donos do objeto?
- O que compartilham com pessoas fora do domicílio e como.
- Observar: Local onde estão os objetos – em que cômodo, se estão à vista, acessíveis ou não

8.1.2. Roteiro de entrevista – versão final

1) Perfil

- Agradecimento, envelope, anonimato
- Nome, idade, o que faz, casado ou não
- Quem mora na casa, nome, idade, o que cada um faz [quem tem renda], quem é filho/irmão de quem
- Há quanto tempo mora ali
- Tem irmãos? Onde moravam? Como era a casa?
- Um dia típico seu
- O que gosta de fazer em casa, fora de casa

2) Mapeamento dos Modos de Consumo

- O que é de quem aqui na sua casa?
- O que é seu, e só seu, na sua casa?
[O que você não divide com ninguém aqui na sua casa?]
- O que é seu, mas também é dos outros que moram aqui?
- O que aqui é de todo mundo?
- Qual história desse objeto? [Quem decidiu? Quem escolheu? Quem comprou/pagou? Como foi sendo usado?]
- Tem alguma regra para usarem?

- Se der algum conflito no uso, quem toma a decisão final? Com base no quê?
- Coisas que gostaria que tivesse mais um, só para você usar.
- Coisas que cada um tem o seu, e geralmente não usam um do outro. [Se usarem um do outro, quando usam? Qual a reação dos donos do objeto?]
- Coisas na casa que não gosta, mas que usa.
- Coisas na casa que outros não gostam, mas usam.
- Quem cuida do que na casa? Como fazem com as despesas?
- Como era na sua infância? Como era a casa em que moravam? Quem dormia onde? Um usava as coisas do outro? Onde eram guardadas?
- Como seus amigos fazem? [vizinhos, outros parentes]

3) Fechamento

- O que para você é emprestar e o que é compartilhar? São coisas diferentes ou são a mesma coisa?
[Dentro de casa; fora de casa; exemplos]
- Fotos da casa, dos objetos mencionados

8.2.

Fotografias das casas das famílias pesquisadas

Durante o campo para realização das entrevistas, foram tiradas fotos das casas das famílias pesquisadas. As principais fotos são mostradas aqui. Elas ilustram ambientes relatados no capítulo de descrição de resultados, porém acrescentando uma riqueza visual que vai além do texto escolhido para a situação dos leitores ao ambiente de convívio familiar. As fotos são apresentadas separadamente para cada família, na mesma sequência utilizada no capítulo de descrição dos resultados.

8.2.1. Família Silva



Figura 8.1– Fachada da casa (Família Silva)



Figura 8.4– Banheiro (Família Silva)



Figura 8.2 – Sala (Família Silva)



Figura 8.5– Quarto do Casal (Família Silva)



Figura 8.3– Cozinha (Família Silva)



Figura 8.6– Escritório (Família Silva)



Figura 8.7– Quarto dos filhos – segundo andar (Família Silva)



Figura 8.10– Terraço: parte em construção (Família Silva)



Figura 8.8– Quarto dos filhos – segundo andar (Família Silva)



Figura 8.11– Terraço (Família Silva)

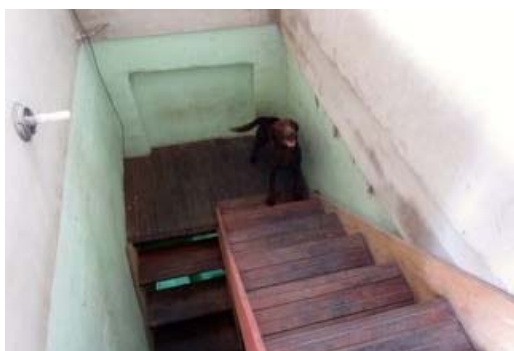


Figura 8.9– Escadas e cachorro da família (Família Silva)



Figura 8.12– Terraço (Família Silva)



Figura 8.13– Terraço: Churrasqueira (Família Silva)

8.2.2. Família Santos



Figura 8.14– Fachada da casa e entrada da rua (Família Santos)



Figura 8.17– Banheiro (Família Santos)



Figura 8.15– Sala: Escada em demolição (Família Santos)



Figura 8.18– Quarto (Família Santos)



Figura 8.16– Cozinha (Família Santos)

8.2.3. Família Pereira

A família Pereira foi a primeira a ser entrevistada. Naquele momento, ainda não estava previsto tirar fotos da casa, o que foi incorporado já para a visita seguinte, por sugestão de um dos membros da banca de defesa do projeto de tese.



Figura 8.19– Fachada da casa e vizinhança (Família Pereira)



Figura 8.20– Fachada da casa (Família Pereira)

8.2.4. Família Souza



Figura 8.21– Fachada da casa (Família Souza)



Figura 8.22– Piso da área comum do terreno coletivo e um dos gatos que ali vivem (Família Souza)



Figura 8.23– Sala (Família Souza)



Figura 8.26– Quarto (Família Souza)



Figura 8.24– Sala (Família Souza)



Figura 8.27– Quarto (Família Souza)

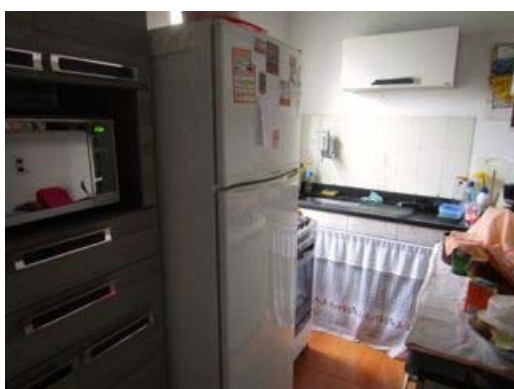


Figura 8.25– Cozinha (Família Souza)



Figura 8.28– Quarto (Família Souza)

8.2.5. Família Oliveira



Figura 8.29– Fachada do edifício (Família Oliveira)



Figura 8.32– Cozinha (Família Oliveira)



Figura 8.30– Sala (Família Oliveira)



Figura 8.33– Banheiro (Família Oliveira)



Figura 8.31– Vista da sala para o corredor do conjunto residencial (Família Oliveira)



Figura 8.34– Quarto do casal (Família Oliveira)



Figura 8.35– Quarto de Simone e seus netos (Família Oliveira)

8.2.6. Família Almeida



Figura 8.36– Vizinhança da casa (Família Almeida)



Figura 8.38– Fachada da casa (Família Almeida)



Figura 8.37– Terreno coletivo da casa (Família Almeida)



Figura 8.39– Fachada da casa (Família Almeida)

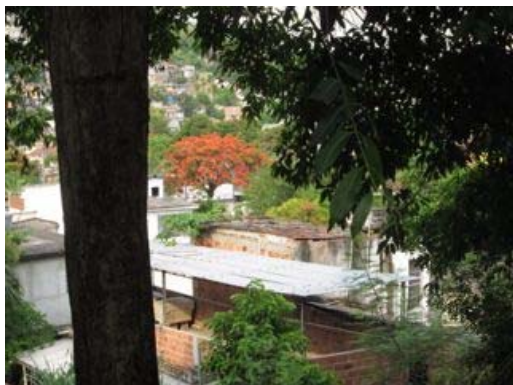


Figura 8.40– Vista da casa (Família Almeida)



Figura 8.44– Banheiro (Família Almeida)

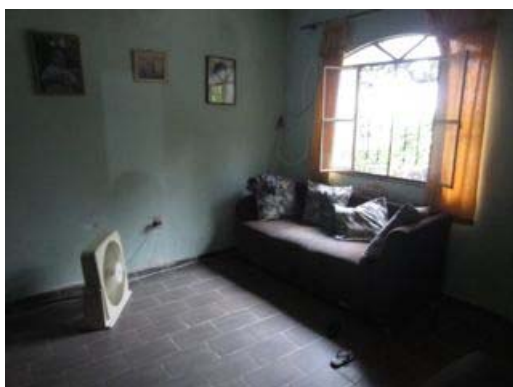


Figura 8.41 – Sala (Família Almeida)

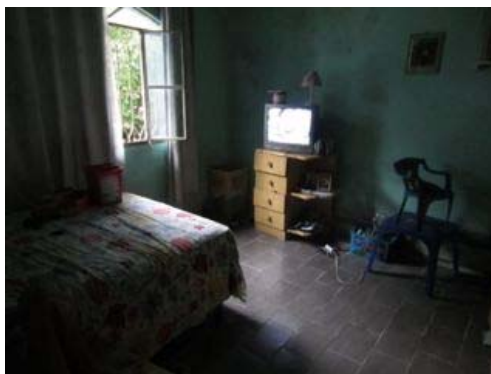


Figura 8.45– Quarto do casal (Família Almeida)



Figura 8.42– Cozinha (Família Almeida)



Figura 8.46– Quarto dos filhos (Família Almeida)



Figura 8.43– Cozinha (Família Almeida)



Figura 8.47– Quarto dos filhos (Família Almeida)

8.2.7. Família Lima



Figura 8.48– Entrada do edifício (Família Lima)



Figura 8.50– Sala (Família Lima)



Figura 8.49– Sala (Família Lima)

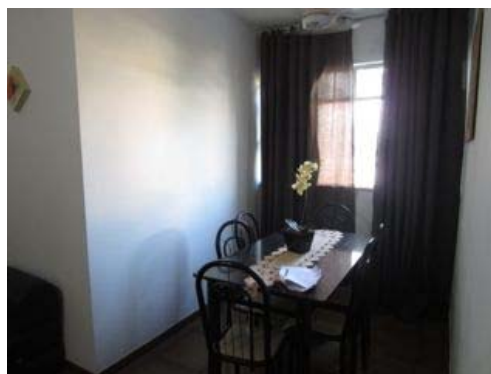


Figura 8.51– Sala (Família Lima)



Figura 8.52– Cozinha (Família Lima)



Figura 8.55– Quartinho da área de serviço (Família Lima)



Figura 8.53– Cozinha (Família Lima)



Figura 8.56– Banheiro (Família Lima)



Figura 8.54– Área de serviço (Família Lima)



Figura 8.57– Banheiro (Família Lima)



Figura 8.58– Quarto do casal (Família Lima)



Figura 8.60– Quarto da criança (Família Lima)



Figura 8.59– Quarto da criança (Família Lima)

8.2.8. Família Carvalho



Figura 8.61– Fachada da casa (Família Carvalho)



Figura 8.62– Entrada da casa (Família Carvalho)



Figura 8.63– Sala (Família Carvalho)



Figura 8.66– Cozinha (Família Carvalho)



Figura 8.64– Sala (Família Carvalho)



Figura 8.67– Cozinha (Família Carvalho)



Figura 8.65– Sala (Família Carvalho)



Figura 8.68– Cozinha (Família Carvalho)



Figura 8.69– Banheiro (Família Carvalho)



Figura 8.72– Quarto (Família Carvalho)



Figura 8.70– Banheiro (Família Carvalho)



Figura 8.73– Quarto (Família Carvalho)



Figura 8.74– Quarto (Família Carvalho)



Figura 8.71– Banheiro (Família Carvalho)

8.2.9. Família Barros



Figura 8.75– Fachada da casa (Família Barros)



Figura 8.78– Sala (Família Barros)



Figura 8.76– Escada de entrada da casa (Família Barros)



Figura 8.79– Sala (Família Barros)



Figura 8.80– Sala (Família Barros)

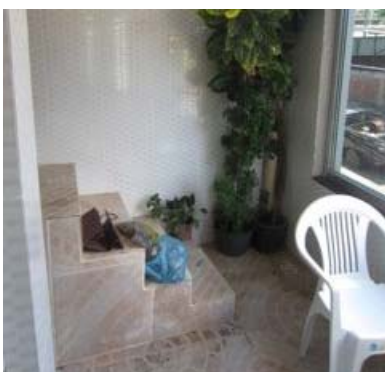


Figura 8.77– Escada de acesso ao terraço (Família Barros)



Figura 8.81– Cozinha (Família Barros)



Figura 8.84– Banheiro (Família Barros)



Figura 8.82– Cozinha (Família Barros)

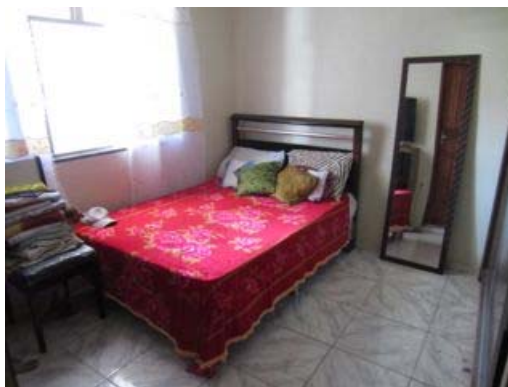


Figura 8.85– Quarto do casal (Família Barros)



Figura 8.83– Cozinha (Família Barros)



Figura 8.86– Quarto do casal (Família Barros)



Figura 8.87– Quarto do casal (Família Barros)



Figura 8.89– Quarto da filha (Família Barros)



Figura 8.88– Quarto do casal (Família Barros)



Figura 8.90– Quarto da filha (Família Barros)

8.2.10. Família Rocha



Figura 8.91– Primeira casa do terreno coletivo; a casa da família fica aos fundos (Família Rocha)



Figura 8.92– Sala (Família Rocha)



Figura 8.93– Sala (Família Rocha)



Figura 8.96– Área de serviço (Família Rocha)



Figura 8.94– Cozinha (Família Rocha)



Figura 8.97– Área de serviço (Família Rocha)



Figura 8.95– Cozinha (Família Rocha)



Figura 8.98– Banheiro (Família Rocha)



Figura 8.99– Quarto do casal (Família Rocha)



Figura 8.101– Quarto das filhas – lado das filhas de Genilson (Família Rocha)

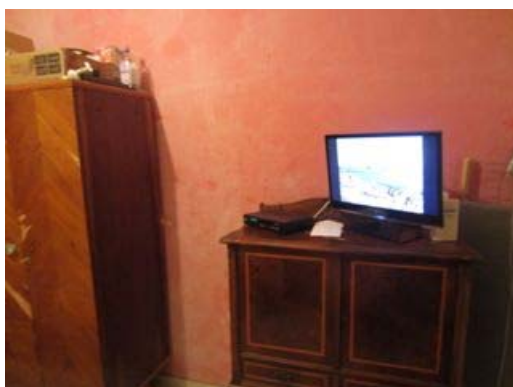


Figura 8.100– Quarto do casal (Família Rocha)



Figura 8.102– Quarto das filhas – lado da Bruna (Família Rocha)

8.2.11. Família Ribeiro



Figura 8.103– Fachada do edifício (Família Ribeiro)



Figura 8.104– Sala (Família Ribeiro)



Figura 8.105– Sala (Família Ribeiro)



Figura 8.108– Área de serviço (Família Ribeiro)



Figura 8.106– Sala (Família Ribeiro)



Figura 8.109– Banheiro (Família Ribeiro)



Figura 8.107– Cozinha (Família Ribeiro)



Figura 8.110– Banheiro (Família Ribeiro)



Figura 8.111– Corredor (Família Ribeiro)



Figura 8.114– Quarto de Diana e Nívea (Família Ribeiro)



Figura 8.112– Quarto de Romilda (Família Ribeiro)



Figura 8.115– Quarto de Diana e Nívea (Família Ribeiro)



Figura 8.116– Quarto de Denise e Evandro (Família Ribeiro)



Figura 8.113– Quarto de Romilda (Família Ribeiro)



Figura 8.117– Quarto de Denise e Evandro (Família Ribeiro)

8.2.12. Família Dias



Figura 8.118– Fachada do edifício (Família Dias)



Figura 8.120– Sala (Família Dias)



Figura 8.119– Portão do edifício (Família Dias)



Figura 8.121– Sala (Família Dias)



Figura 8.122– Sala e entrada para o quartinho (Família Dias)



Figura 8.125– Quartinho junto à sala (Família Dias)



Figura 8.123– Cozinha (Família Dias)



Figura 8.126– Quartinho junto à sala (Família Dias)



Figura 8.124– Quartinho junto à sala (Família Dias)



Figura 8.127– Banheiro (Família Dias)



Figura 8.128– Quarto de Francisca (Família Dias)



Figura 8.130– Quarto de William (Família Dias)



Figura 8.129– Quarto de Francisca (Família Dias)



Figura 8.131– Quarto de William (Família Dias)

8.2.13. Família Campos



Figura 8.132– Entrada do Edifício (Família Campos)



Figura 8.133– Entrada do Edifício (Família Campos)



Figura 8.134– Sala (Família Campos)



Figura 8.137– Corredor (Família Campos)



Figura 8.135– Sala (Família Campos)



Figura 8.138– Banheiro social (Família Campos)



Figura 8.136– Cozinha (Família Campos)



Figura 8.139– Banheiro da suíte (Família Campos)



Figura 8.140– Banheiro da suíte (Família Campos)



Figura 8.143– Quarto da filha (Família Campos)



Figura 8.141– Quarto do casal (Família Campos)



Figura 8.144– Quarto da filha (Família Campos)



Figura 8.142– Quarto do casal (Família Campos)



Figura 8.145– Quarto de música (Família Campos)



Figura 8.146– Quarto de música (Família Campos)

8.2.14. Família Cardoso



Figura 8.147– Fachada do edifício (Família Cardoso)

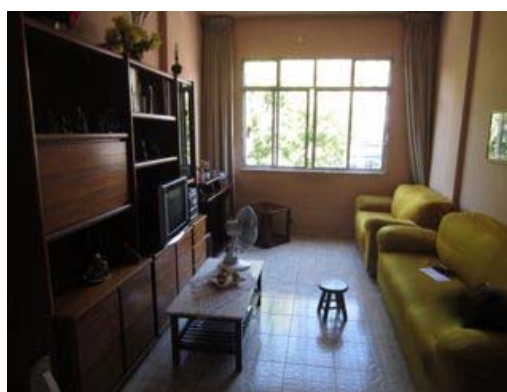


Figura 8.149– Sala (Família Cardoso)

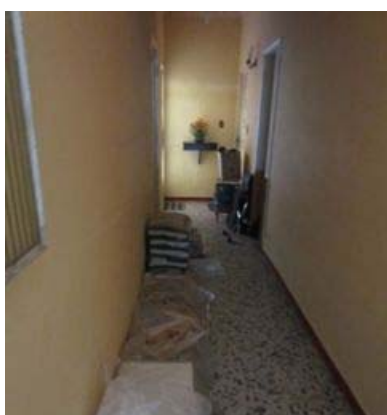


Figura 8.148– Corredor interno ao edifício (Família Cardoso)



Figura 8.150– Sala (Família Cardoso)



Figura 8.151– Sala (Família Cardoso)



Figura 8.155– Banheiro principal (Família Cardoso)



Figura 8.152– Cozinha (Família Cardoso)



Figura 8.156– Banheiro principal (Família Cardoso)



Figura 8.153– Cozinha (Família Cardoso)



Figura 8.157– Banheiro de empregada (Família Cardoso)



Figura 8.154– Área de serviço (Família Cardoso)



Figura 8.158– Quarto de Ione (Família Cardoso)



Figura 8.162– Quarto de Carla (Família Cardoso)



Figura 8.159– Quarto de Ione (Família Cardoso)



Figura 8.163– Quarto de Mário (Família Cardoso)

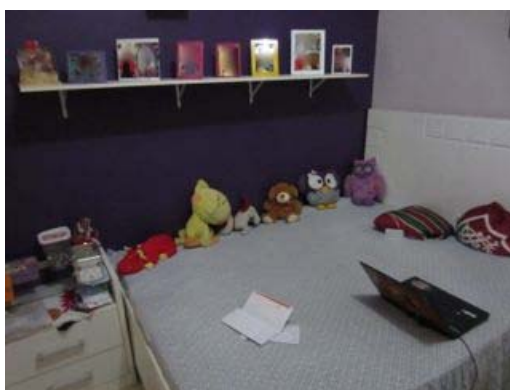


Figura 8.160– Quarto de Carla (Família Cardoso)



Figura 8.164– Quarto de Mário (Família Cardoso)



Figura 8.161– Quarto de Carla (Família Cardoso)

8.2.15. Família Monteiro



Figura 8.165– Vizinhança da casa – terreno coletivo, tipo “vila” (Família Monteiro)



Figura 8.168– Sala (Família Monteiro)



Figura 8.166– Fachada da casa (Família Monteiro)



Figura 8.169– Sala (Família Monteiro)



Figura 8.167– Sala (Família Monteiro)



Figura 8.170– Cozinha (Família Monteiro)



Figura 8.171– Cozinha (Família Monteiro)



Figura 8.174– Quarto (Família Monteiro)



Figura 8.172– Banheiro (Família Monteiro)



Figura 8.175– Quarto dos filhos (Família Monteiro)



Figura 8.173– Quarto (Família Monteiro)



Figura 8.176– Escada de acesso ao terraço (Família Monteiro)



Figura 8.177– Terraço: área coberta (Família Monteiro)



Figura 8.178– Terraço: piscina (Família Monteiro)



Figura 8.179– Terraço: banheiro (Família Monteiro)



Figura 8.180– Terraço: área de serviço (Família Monteiro)

8.3. Locais mencionados pelos informantes

Apresenta-se a seguir um breve descritivo dos agrupamentos urbanos (comunidades, favelas e complexos) mencionados pelos informantes em seus relatos, assim como mapas indicando locais citados (agrupamentos, bairros, cidades e estados brasileiros), servindo de apoio para a descrição dos resultados.

8.3.1. Descrição dos Agrupamentos Urbanos

Favela (ou Comunidade): Assentamento urbano formado por moradias precárias e miséria, apresentando alta densidade demográfica. Diferem em tamanho e em outras características ao longo do território brasileiro, mas geralmente carecem de serviços básicos (saneamento, água e esgoto encanado, eletricidade). Favelas e comunidades mencionadas nos relatos: Comunidade Amarelinho, Comunidade da Chatuba (Mesquita).

Complexo: Conjunto de favelas e, em alguns casos, incluem também sub-bairros com casas ou conjuntos habitacionais. Complexos mencionados nos relatos: Complexo da Maré, Complexo do Alemão.

8.3.2. Mapas

Os locais mencionados pelos informantes em seus relatos são mostrados em três mapas: bairros da Cidade do Rio de Janeiro, cidades do Estado do Rio de Janeiro e outras cidades ou estados brasileiros.

Bairros da Cidade do Rio de Janeiro (Figura 8.181):

- | | |
|------------------------|----------------------------|
| 1. Anchieta | 12. Meier |
| 2. Bonsucesso | 13. Olaria |
| 3. Cavalcante | 14. Osvaldo Cruz |
| 4. Complexo da Maré | 15. Realengo |
| 5. Complexo do Alemão | 16. Riachuelo |
| 6. Engenho de Dentro | 17. Ricardo de Albuquerque |
| 7. Estácio | 18. Rocha Miranda |
| 8. Estrada do Camboatá | 19. Tijuca |
| 9. Irajá | 20. Usina |
| 10. Madureira | 21. Vista Alegre |
| 11. Marechal Hermes | |

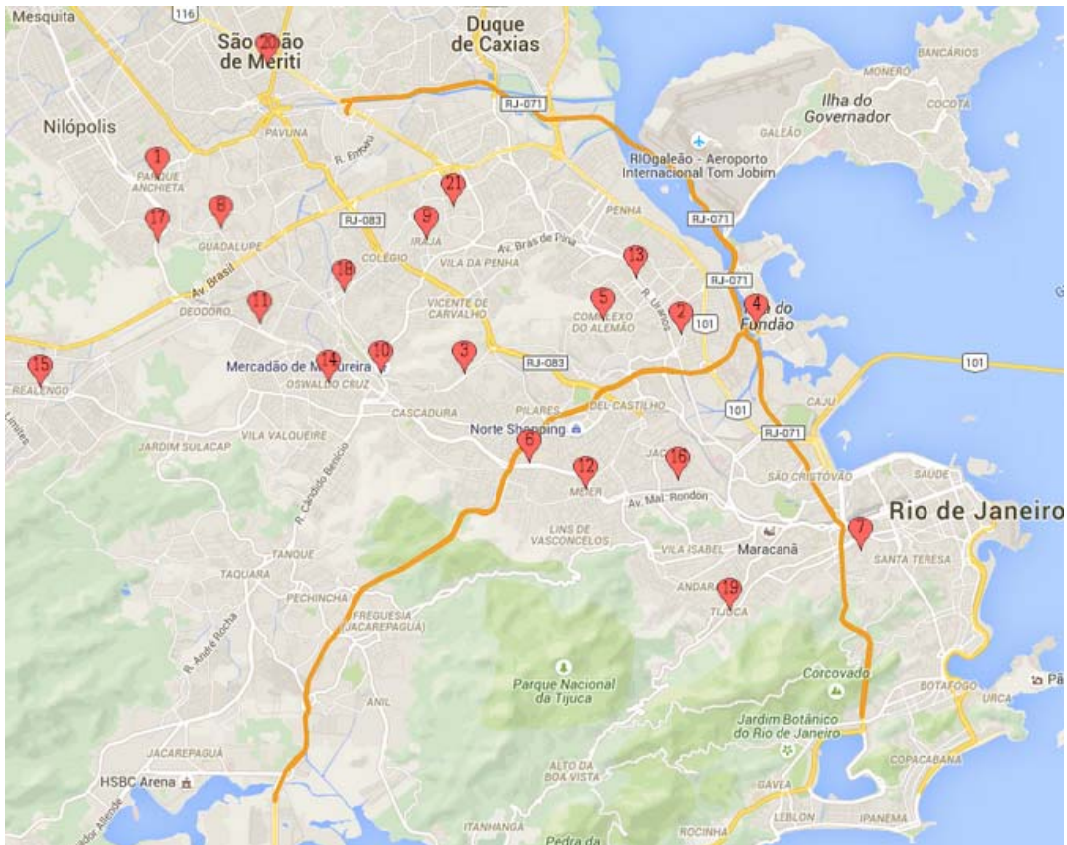


Figura 8.181– Localização dos bairros da Cidade do Rio de Janeiro mencionados pelos informantes

Fonte: MapCustomizer (2015)

Cidades do Estado do Rio de Janeiro (Figura 8.182):

- | | |
|-------------------------|-------------------|
| 1. Arraial do Cabo | 3. Rio das Ostras |
| 2. Campos de Goytacazes | 4. Seropédica |

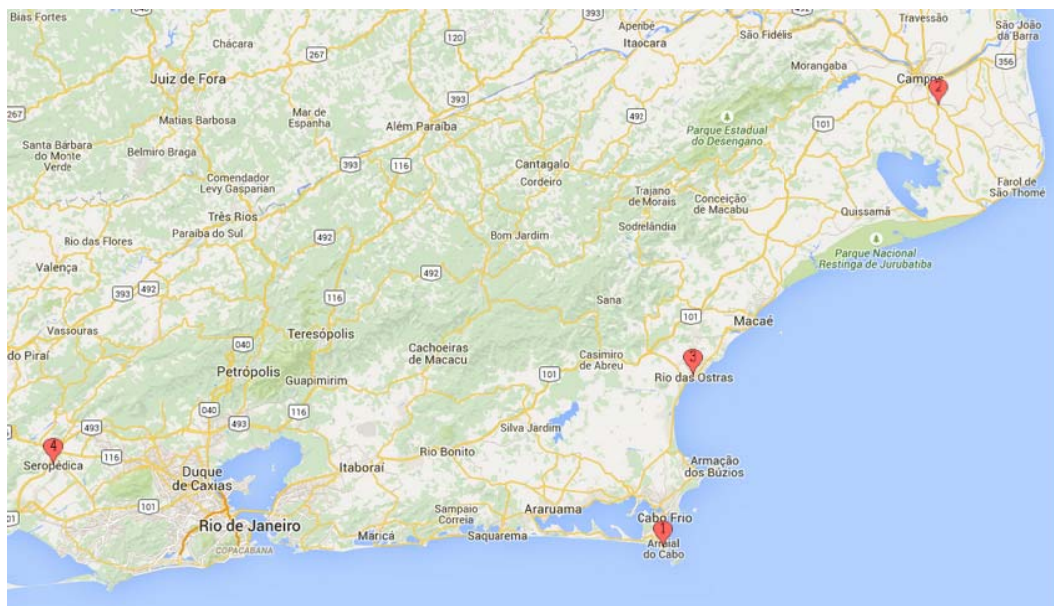


Figura 8.182 – Localização das cidades do Estado do Rio de Janeiro mencionadas pelos informantes

Fonte: MapCustomizer (2015)

Outras Cidades e Estados (Figura 8.183):

1. Fortaleza, Ceará
2. Minas Gerais (Estado)
3. Natal, Rio Grande do Norte
4. Salvador, Bahia
5. São Paulo, São Paulo
6. Três Corações, Minas Gerais



Figura 8.183 – Localização de outras cidades e estados mencionados pelos informantes

Fonte: MapCustomizer (2015)